

BRUNA VIEIRA GUIMARÃES

**A Cultura Caiçara do Litoral Norte Paulista
mostrada na revista *Beach&Co***

**Estereótipos do caiçara das cidades de Caraguatatuba, São
Sebastião, Ubatuba e Ilhabela em um veículo regional impresso**

Universidade Metodista de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
São Bernardo do Campo, 2014

BRUNA VIEIRA GUIMARÃES

**A Cultura Caiçara do Litoral Norte Paulista
mostrada na revista *Beach&Co***

**Estereótipos do caiçara das cidades de Caraguatatuba, São
Sebastião, Ubatuba e Ilhabela em um veículo regional impresso**

Tese apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UMESP - Universidade Metodista de São Paulo, para a obtenção do grau de Doutora.

Orientador: Prof. Dr. José Salvador Faro

Universidade Metodista de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
São Bernardo do Campo, 2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

A tese de doutorado sob o título “A Cultura Caiçara do Litoral Norte Paulista mostrada na revista Beach&Co – Estereótipos do caiçara das cidades de Caraguatatuba, São Sebastião, Ubatuba e Ilhabela em um veículo regional impresso”, elaborada por Bruna Vieira Guimarães foi defendida e aprovada com a nota 9,0 (nove) em 24 de abril de 2014, perante banca examinadora composta por Prof.º Drº José Salvador Faro (presidente/orientador UMESP), Prof.ª Drª Marli dos Santos (Titular/UMESP), Prof.º Drº. Kleber Carrilho (Titular/UMESP), Prof.º Drº. Roberto Elísio (Titular/USP), Prof.º Drº. Adolpho C. F. Queiroz (Titular/Mackenzie).

Prof. Dr. José Salvador Faro

Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Marli dos Santos

Coordenador/a do Programa de Pós-Graduação

Programa: Doutorado em Comunicação Social

Área de Concentração: Processos Comunicacionais

Linha de Pesquisa: Comunicação Midiática nas Interações Sociais

FICHA CATALOGRÁFICA

Guimarães, Bruna Vieira

_____ A Cultura Caiçara do Litoral Norte Paulista mostrada na revista *Beach&Co* – Estereótipos do caiçara das cidades de Caraguatatuba, São Sebastião, Ubatuba e Ilhabela em um veículo regional impresso / Bruna Vieira Guimarães. 2014.

328 f.

Tese (doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. Orientação: José Salvador Faro

1. Jornalismo Especializado 2. Cultura Caiçara 3. Estudos Culturais 4. Análise de Discurso 5. Revista *Beach&Co*
I. Título.

CDD ____.

DEDICATÓRIA

A todos caiçaras de nascimento e de coração do Litoral Norte Paulista, em especial ao meu caiçara preferido, Raphael “Carlota” Henrique Briti.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, acima de tudo e sempre, a Deus, por me dar saúde e força para buscar melhorar e aprender sempre.

Aos meus pais, Paulo Cesar Guimarães e Maria de Lourdes Buono Vieira Guimarães, aos meus irmãos Rodrigo e João Paulo, pela paciência e companheirismo.

Ao meu orientador, José Salvador Faro, pelo incentivo, confiança e compreensão.

A UMESP e aos professores do Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social, pelo suporte que me foi dado e pela qualidade do curso. Em especial, às professoras doutoras Marli dos Santos, Elizabeth Gonçalves e ao Laan Mendes, cujas disciplinas foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

A CAPES, pela bolsa no último ano de doutorado. A banca examinadora deste trabalho, por doarem parte de seu tempo à leitura desta pesquisa.

A Jessyca Biazini, Sandra Mitherhofer, Evelyn Grazielle, Marcelo Souza e Cléverton Santana que estiveram comigo nesta caminhada, pela contribuição neste trabalho.

A querida amiga Ingrid Gomes, companheira de congressos de comunicação e pelas horas de conversa e de amizade. E aos amigos de mestrado e doutorado, pelo incentivo.

As funcionárias da UMESP Kátia Bizan França e Márcia Pitton pelo apoio.

Ao NUPAUB (Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras) da USP (Universidade de São Paulo), ao São Sebastião Tem Alma e as demais instituições que me serviram de apoio pelo rico material sobre Cultura Caiçara.

Ao lindo Raphael Henrique Briti que escolhi para viver ao meu lado, todos os dias, por estar comigo nos momentos tristes e alegres, por me fazer feliz. A minha sogra Ercília Maria Carlota Briti pelos relatos de sua vida caiçara.

A tantos outros amigos, sobrinhos, cunhadas, familiares, alunos (as), professores (as) de graduação, que com palavras carinhosas e de incentivo, tornaram esta jornada mais alegre, humana, florida...

ÍNDICE DE TABELAS E FOTOS

CAPÍTULO 1. ANÁLISE DESCRITIVA E DE DISCURSO

Tabela 1. Categorias de Análise Descritiva.....	24

CAPÍTULO 2. ESTUDOS CULTURAIS E CULTURA CAIÇARA

Tabela 2. Distribuição da população (bairros) e pescadores em São Sebastião (1994/1995)...	79
Tabela 3. Cultura tradicional em São Sebastião - Núcleo de Culturas Tradicionais.....	106

CAPÍTULO 3. JORNALISMO CULTURAL E REPORTAGEM

CAPÍTULO 4. A REVISTA REGIONAL *BEACH&CO*

Fotos 1. Institucional Grupo Costa Norte - Páginas 100/101 da <i>Beach&Co</i> n.138.....	153

CAPÍTULO 5. ANÁLISE DE DISCURSO DAS REPORTAGENS

Fotos 2. Páginas da reportagem: Ilhabela, a natureza revelada.....	240
Fotos 3. Páginas da reportagem: Pesca pode ser fonte de renda e subsistência no futuro.....	245
Fotos 4. Páginas da reportagem: A criação dos saudáveis e nutrientes mariscos.....	249
Fotos 5. Páginas da reportagem: Montão do Trigo.....	252
Fotos 6. Páginas da reportagem: Os encantos e mistérios da Sununga.....	255
Fotos 7. Páginas da reportagem: Congada de São Benedito.....	257
Fotos 8. Páginas da reportagem: São Sebastião, terra do povo caiçara.....	259
Fotos 9. Páginas da reportagem: Tainha: A vedete da estação.....	263
Fotos 10. Páginas da reportagem: Ilha do Tamanduá.....	265
Fotos 11. Páginas da reportagem: Cultivo de Mexilhões em pleno desenvolvimento.....	267
Fotos 12. Páginas da reportagem: Rumo ao paraíso da fome.....	270
Fotos 13. Páginas da reportagem: Vila Picinguaba, um dos motivos para visitar Ubatuba...273	
Fotos 14. Páginas da reportagem: Na trilha do mexilhão.....	276
Fotos 15. Páginas da reportagem: Cores e sabores da cultura caiçara.....	278
Fotos 16. Páginas da reportagem: E as tainhas chegaram!.....	281
Fotos 17. Páginas da reportagem: Corridas de canoas, esporte caiçara, sem senhor.....	283
Fotos 18. Páginas da reportagem: E nas fazendas marinhas... É hora de colher os frutos!...285	
Fotos 19. Páginas da reportagem: Resgate da Cultura Caiçara.....	287
Fotos 20. Páginas da reportagem: Belezas e curiosidades da Ilha dos Gatos.....	289
Fotos 21. Páginas da reportagem: Pescador artesanal, espécie em extinção?	291
Fotos 22. Páginas da reportagem: A memória de um povo (capelas caiçaras)	295
Fotos 23. Páginas da reportagem: Símbolo da sobrevivência caiçara.....	297
Fotos 24. Páginas da reportagem: Memórias do Chão Caiçara.....	300

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
 CAPÍTULO 1. ANÁLISE DESCRITIVA E DE DISCURSO	
1.1 Delimitação do Objeto e Corpus de Análise.....	23
1.2. Análise Descritiva.....	24
1.3. Análise de Discurso.....	26
 CAPÍTULO 2. ESTUDOS CULTURAIS E CULTURA CAIÇARA	
2.1. Os Estudos Culturais como Referencial Teórico.....	38
2.2. A Cultura Caiçara - O Olhar do Pesquisador.....	54
2.3. Falares Caiçaras.....	74
2.4. A Cultura Caiçara - O Olhar Estrangeiro.....	78
2.5. História e Memória Caiçara.....	85
2.6. Festas, Lendas e Mitos Caiçaras.....	104
2.7. Gastronomia Caiçara.....	107
2.8. Pasquins, Congada e outros estudos da Cultura Caiçara.....	110
 CAPÍTULO 3. JORNALISMO CULTURAL E REPORTAGEM	
3.1. Jornalismo Cultural e de Proximidade.....	124
3.2. O gênero jornalístico Reportagem.....	138
3.3. Revista Regional.....	141
3.4. A Cultura Caiçara na mídia nacional.....	144
 CAPÍTULO 4. A REVISTA REGIONAL <i>BEACH&CO</i>	
4.1. Histórico do Grupo Costa Norte de Comunicação e da revista <i>Beach&Co</i>	150
4.2. O discurso sobre a Cultura Caiçara em 120 edições da revista <i>Beach&Co</i>	159
4.3. Impressões gerais de dez anos da revista <i>Beach&Co</i>	240
 CAPÍTULO 5. ANÁLISE DE DISCURSO DAS REPORTAGENS	
5.1. Introdução ao material de análise.....	238
5.2. Análise da 1ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº8, Agosto de 2002.....	240
Ilhabela, a natureza revelada	

5.3. Análise da 2ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº9, Setembro de 2002.....	245
Pesca pode ser fonte de renda e subsistência no futuro	
5.4. Análise da 3ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº15, Abril de 2003.....	249
A criação dos saudáveis e nutrientes mariscos	
5.5. Análise da 4ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº18, Agosto de 2003.....	252
Montão do Trigo	
5.6. Análise da 5ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº20, Outubro de 2003.....	255
Os encantos e mistérios da Sununga	
5.7. Análise da 6ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº27, Junho de 2004.....	257
Congada de São Benedito	
5.8. Análise da 7ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº34, Março de 2005.....	259
São Sebastião, terra do povo Caiçara	
5.9. Análise da 8ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº37, Junho de 2005.....	263
Tainha: a vedete da estação	
5.10. Análise da 9ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº40, Outubro de 2005.....	265
Ilha do Tamanduá	
5.11. Análise da 10ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº42, Dezembro de 2005.....	267
Cultivo de Mexilhões em pleno desenvolvimento	
5.12. Análise da 11ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº44, Fevereiro de 2006.....	270
Rumo ao paraíso da fome	
5.13. Análise da 12ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº64, Outubro de 2007.....	273
Vila Pinguaba – Conheça e se apaixone	
5.14. Análise da 13ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº71, Maio de 2008.....	276
Na trilha do mexilhão	
5.15. Análise da 14ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº71, Maio de 2008.....	278
Cores e sabores da cultura caiçara	
5.16. Análise da 15ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº73, Julho de 2008.....	280
E as tainhas chegaram!	
5.17. Análise da 16ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº73, Julho de 2008.....	283
Corrida de canoas, esporte caiçara, sim senhor	
5.18. Análise da 17ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº81, Março de 2009.....	284
E nas fazendas marinhas... É hora de colher os frutos!	
5.19. Análise da 18ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº87, Setembro de 2009.....	287
Resgate da Cultura Caiçara	

5.20. Análise da 19ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº101, Novembro de 2010.....	289
Belezas e curiosidades da Ilha dos Gatos	
5.21. Análise da 20ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº103, Janeiro de 2011.....	291
Pescador artesanal, espécie em extinção	
5.22. Análise da 21ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº106, Abril de 2011.....	295
A memória de um povo (capelas caiçaras)	
5.23. Análise da 22ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº107, Maio de 2011.....	297
Símbolo da sobrevivência caiçara (canoa)	
5.24. Análise da 23ª Reportagem, <i>Beach&Co</i> nº129, Março de 2013.....	300
Memórias do Chão Caiçara	
CONCLUSÃO.....	305
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	312
 ANEXOS	
Anexo 1 - Quadro de Análise Descritiva	
Anexo 2 – Explicação do Quadro de Análise Descritiva	
Anexo 3 - Tabela com os dados das 120 edições	

RESUMO

A Cultura Caiçara do Litoral Norte Paulista mostrada na revista *Beach&Co*

Estudo dos estereótipos que a revista regional *Beach&Co* fez do *caiçara* - povo nativo que mantém uma *cultura* relacionada ao mar e a mata nas cidades de Caraguatatuba, São Sebastião, Ubatuba e Ilhabela, no Litoral Norte Paulista. Aplicou-se uma metodologia de caráter híbrido que mesclou os *Estudos Culturais* com base nas obras de Douglas Kellner, Stuart Hall e Raymond Williams com a *Análise de Discurso* nas obras de Dominique Maingueneau, Eni Orlandi, Patrick Charaudeau e Audre Alberguine. Também foram resgatados os estudos da *Cultura Caiçara* feitos por Carlos Diegues, Gioconda Mussolini, Emilio Willems, e por fim redefiniu-se o gênero jornalístico *Reportagem* e contextualizou-se o *Jornalismo Regional de Revista*. Posteriormente, analisou-se a primeira década da revista *Beach&Co*, totalizando 120 edições publicadas de janeiro de 2002 a junho de 2012, no qual foram mostradas as diversas abordagens que a publicação fez do *caiçara*, bem como a evolução da própria revista nos aspectos editoriais, comercial e de design gráfico. Em seguida, selecionou-se 23 reportagens nas editorias de turismo, gastronomia, esportes e outras relacionadas à Cultura Caiçara, que tiveram seus discursos semânticos e os elementos valorativos de linguagens analisados. Nas conclusões, constatou-se que a cobertura jornalística da *Beach&Co* privilegia as áreas do turismo e do desenvolvimento do Litoral Norte e Baixada Santista; que a revista passou por readaptações e esquematismos dominantes na produção jornalística e encontrou mercado nas especificidades do Litoral Paulista; a *Beach&Co* se consolidou como uma revista regional profissional, de qualidade e criativa, distante do amadorismo, do bairrismo e da mimetização simplista; apesar de muitas vezes ter usado o *caiçara* para adjetivar os aspectos turísticos e gastronômicos do Litoral Norte, a revista trabalhou a produção simbólica do *caiçara* de forma ampla e retratou vários aspectos da Cultura Caiçara, reforçando o poder desta revista regional, como retroalimentando os sotaques do Litoral Paulista nas demais regiões do país onde a publicação também é lida.

Palavras Chaves: Cultura Caiçara, Análise de Discurso, Reportagem, Jornalismo Regional no Litoral Norte Paulista, Revista *Beach&Co*.

ABSTRACT

The Caiçara Culture on the North Coast of São Paulo in the *Beach&Co* magazine

The study of the stereotypes that regional magazine *Beach&Co* about the “*caiçara*”, native people who maintain a related culture to the sea in the coastal cities in Caraguatatuba, São Sebastião, Ubatuba and Ilhabela, on the North Coast of São Paulo. It was applied an methodology that mixture the *Cultural Studies* based on the books by Douglas Kellner, Stuart Hall and Raymond Williams with *Discourse Analysis* in the books by Dominique Maingueneau, Eni Orlandi, Patrick Charaudeau and Audre Alberguine. Studies of the *Caiçara Culture* made by Carlos Diegues, Gioconda Mussolini and Emilio Willems and others; the redefinition the journalism genre *Report* and the context of the *Regional Journalism Magazine*. After, the first decade of the magazine *Beach&Co*, was analyzed in the total of 120 editions published between January 2002 and June 2012, in which were shown the different approaches that the publication did on the *caiçara* as well as the evolution of the magazine itself in its editorial aspects, commercial and graphic design. Then, 23 reports in the tourism, gastronomy, sports editorials and other related *Caiçara Culture* were selected and their semantic and evaluative elements of languages were analyzed. It was in the conclusions that the media coverage of *Beach&Co* prioritizes the areas of tourism and development of São Paulo North and South Coasts, the magazine went through review and dominant schematic view in journalistic production finding market in the specificities of São Paulo Coast; *Beach&Co* was consolidated at the regional, professionalized, competent and creative journalistic field away from amateurism, the parochialism and simplistic mimicry, despite of often using the “*caiçara*” as adjective of tourist and gastronomic aspects of the North Coast, the magazine worked broadly the symbolic production of the *caiçara* and portrayed various aspects of *Caiçara Culture* reinforcing both the power of this regional magazine as feeding back the accents of São Paulo Coast in the other regions of the country.

Key Words: *Caiçara Culture*, *Discourse Analysis*, *Report*, *Regional Journalism* on São Paulo North Coast, *Beach&Co Magazine*.

RESUMEN

La Cultura Caiçara de la Costa Norte Paulista en la revista *Beach&Co*

Estudio Del estereotipo de que la revista regional *Beach&Co* hicieron de lo *caiçara* – pueblos nativos que mantienen una *cultura* relacionada con el mar en las ciudades de Caraguatatuba, São Sebastião Ubatuba y Ilhabela, en el Litoral Norte Paulista. Se aplica una metodología que mezcla *Estudios Culturales* sobre la base de la obra de Douglas Kellner, Stuart Hall y Raymond Williams con el *Análisis del Discurso* en los estudios de Dominique Maingueneau, Eni Orlandi, Patrick Charaudeau y Audre Alberguine. Estudios de la *Cultura Caiçara* hechas por Carlos Diegues, Gioconda Mussolini, Emilio Willems y otros; fueron rescatados, y finalmente, hemos hecho a redefinición del género periodístico *Reportero* e hemos hecho a contextualización el Periodismo Regional de Revista. Después, analiza de la primera década de la revista *Beach&Co*, por un total de 120 ediciones publicadas de enero de 2002 a junio de 2012, en que se mostraron los diferentes enfoques que la publicación hizo del *caiçara*, así como la evolución de la propia revista en aspectos editoriales, comercial y de diseño gráfico. Entonces, si se selecciona 23 informes del turismo editorial, la gastronomía, el deporte y otros relacionados a la Cultura Caiçara, que tuvieron elementos de sus discursos semánticos y de evaluación de las lenguas analizadas. En conclusión, se encontró que la cobertura mediática de *Beach&Co* prioriza las áreas de turismo y el desarrollo de la Costa Norte y región de Santos, la revista fue sometido a modernizaciones y esquematismos dominantes en la producción periodística y encontró mercado los detalles de Litoral Paulista; el *Beach&Co* se consolidó como una revista regional competente y creativa periodística, lejos del amateurismo, estrechez de miras y mímica simplista. Aunque a menudo han utilizado *caiçara* per adjetivos turístico y aspectos gastronómicos de la Costa Norte, la revista trabajaron producción simbólico de *caiçara* ampliamente y retrata diversos aspectos de Cultura Caiçara, a retroalimentar los acentos de la Costa Paulista en las otras regiones del país.

Palabras clave: Cultura Caiçara, Análisis del Discurso, Reportero, Periodismo Regional de la Costa Norte Paulista, Revista *Beach&Co*.

INTRODUÇÃO

O “caiçara”, aquele que nasce e vive nas cidades de Caraguatatuba, São Sebastião, Ilhabela e Ubatuba, que sobrevive da pesca, da agricultura, do artesanato e do turismo foi um dos temas estudados nesta tese. Ele vive em pequenas comunidades de forma simples, trabalha de forma coletiva, partilha colheitas e divide pescados, respeita e protege o mar e a mata, de onde tira o seu sustento, preserva sua tradição e cultura por meio de danças, músicas, festividades, artesanato, culinária com base no peixe, banana e mandioca, dentre outras questões. Este povo construiu uma cultura própria, a Caiçara que vem se transformando ao longo do tempo e se adaptando ao desenvolvimento econômico, social e cultural ocorrido no Litoral Norte Paulista.

Até décadas atrás era comum à mídia e a sociedade no geral ver o caiçara como uma pessoa desocupada, que não quer crescer. Soma-se a isto, o significado da palavra caiçara no dicionário¹, tido como sinônimo de pessoa indolente, caipira asselvajado, caboclo sem préstimo, pescador que vive na praia, caipira do litoral, estúpido, vagabundo e malandro. Mais recentemente, movimentos de preservação da cultura regional conseguiram modificar tal significado no dicionário.

Algumas dessas definições generalizadas apareceram nas 120 edições da revista *Beach&Co*², que circula desde 2002 nas quatro cidades do Litoral Norte Paulista (Caraguatatuba, São Sebastião, Ubatuba e Ilhabela) e nas nove cidades da Baixada Santista (Santos, São Vicente, Guarujá, Cubatão, Praia Grande, Bertioga, Peruíbe, Monaguá e Itanahém), e que foi objeto de análise nesta tese. O caiçara foi mostrado na *Beach&Co*, principalmente, como àquele que nasce no litoral; o pescador ou/e maricultor que vive na praia; povo exótico que mora em comunidades isoladas; preserva tradições; produz artesanato autêntico; culinária exótica; etc.

1 **cai.ça.ra** (*tupi kaaysá*) **1** Arvoredo morto, de que ainda restam troncos e forquilhas. **2** Braçada de ramos que se deita na água para atrair peixe. **3** Ramada. **4** Cercado de madeira, à margem de um rio, para embarque de gado. **5** Cerca de paus a pique, em redor de uma roça ou plantação, para obstar a entrada do gado. **6** Curral. **7** Recesso onde se embosca o caçador. **8** Palhoça. **9** Cercado, paliçada. **10** Viveiro para tartarugas. **11** *Caipira asselvajado. 2 Caboclo sem préstimo. 3 Pescador que vive na praia; caipira do litoral. 4 Indivíduo muito estúpido. 5 Vagabundo. 6 Malandro.* **MICHAELIS MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA.** Disponível em: michaelis.uol.com.br. Acesso em: jun. 2013. *Grifos da autora.*

2 A revista *Beach&Co* é editada pelo Grupo Costa Norte de Comunicação. Segundo o proprietário, Ribas Zaidan, dos 15 mil exemplares mensais da revista, seis mil são distribuídos na Riviera de São Lourenço, condomínio nobre de Bertioga (cidade sede da revista), onde se concentra grande parte dos anunciantes. Os demais exemplares são distribuídos nas cidades do Litoral Norte e Baixada Santista. Os leitores da revista são formadores de opinião, profissionais liberais, empresários, políticos, etc que residem ou/e frequentam o Litoral Paulista e integram as classes A, B e C.

As reportagens, os anúncios de prefeituras do Litoral Paulista e as fotografias estampadas na revista junto aos textos analisados mostraram expressões da Cultura Caiçara, bem como descreveram a aparência, roupas, gestos, comportamentos; as praias, casas, plantações, canoas, mar e as vilas habitadas por caiçaras. De modo geral, os jornalistas que escreveram as reportagens sobre Cultura Caiçara na *Beach&Co*, demonstraram conhecer a cultura regional, as fontes entrevistadas, entre outras características que integram o Jornalismo de Proximidade.

A autora entende que o *Jornalismo de Proximidade* praticado na *Beach&Co* se aplica somente na rotina de produção da revista, no qual os colaboradores produzem conteúdos regionais e sobre às comunidades caiçaras em que moram e conhecem bem, se diferenciando dos jornalistas que atuam na mídia convencional, pois estes não têm o conhecimento e a “vivência” dos comunicadores regionais junto aos caiçaras. No entanto, a revista não se caracteriza como uma mídia “próxima” e representativa do caiçara, pois ele não é o público leitor da *Beach&Co* e nem usa a revista como porta voz de sua comunidade.

Esta tese registra também a origem e as características do povo caiçara. Segundo Sampaio apud Cristina Adams (2000), “a origem do vocábulo vem do Tupi-Guarani caá-çara³, termo utilizado para denominar as estacas colocadas em torno das tabas ou aldeias, e o curral feito de galhos de árvores fincados na água para cercar o peixe”. Com o tempo, “passou a ser o nome dado às palhoças construídas nas praias para abrigar canoas e apetrechos dos pescadores e, mais tarde, para identificar o morador de Cananeia”. (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 1992).

Depois a palavra caiçara denominou as pessoas nascidas em comunidades do Litoral Sul do estado do Rio de Janeiro, do Litoral Norte e Sul do Estado de São Paulo e do Litoral Norte do estado do Paraná (DIEGUES, 1988). Cristina Adams (2000), ainda afirma que apesar de o litoral brasileiro ser extenso e ter sido a principal área de povoamento após o descobrimento do Brasil, há semelhanças no modo de vida dos habitantes praianos das regiões do Sudeste e Sul, com os habitantes do Norte e Nordeste, estes últimos registram a presença de ribeirinhos e outros povos que sobrevivem as margens de rios e lagoas.

Duas particularidades levantadas por Cristina (ADAMS, 1996; MUSSOLINI, 1980) que diferenciam o caiçara do litoral do Sudeste e Sul com os habitantes de outras regiões do

3 ADAMS, Cristina. *As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar*. In: **Revista de Antropologia**, vol. 43, n.1, São Paulo, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000100005&script=sci_arttext. Acesso em: fev.2010. Artigo baseado na dissertação de mestrado *Caiçaras na Mata Atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental*, defendida no Curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM-USP) em 1996.

país foram: a mudança de parte da população litorânea do Sul e Sudeste devido ao povoamento que avançou para as cidades interioranas; e a segunda, o não estabelecimento de imigrantes até a primeira metade do século passado (1900 a 1950), ficando o litoral carente de influências culturais externas. Isto revela que até os anos de 1950, os caiçaras mantiveram sua cultura e seu modo de vida sem interferências externas.

Estudos sobre a Cultura Caiçara – O caiçara tem sido objeto de pesquisa de monografias, livros e artigos nas mais diversas áreas do conhecimento, além de ser pauta de programas de rádio e televisão em várias regiões do Brasil, nas últimas seis décadas.

Os estudos que relacionam a Comunicação e a Cultura Caiçara são poucos. Trabalhos significativos foram localizados no Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras (NUPAUB)⁴, e na Escola de Comunicações e Artes (ECA), ambos na USP (Universidade de São Paulo). O primeiro trabalho significativo foi o livro “Os pasquins do Litoral Norte de São Paulo”, de Gioconda Mussolini (1971), e o segundo, a dissertação de mestrado de Haydée Dourado de Faria Cardoso (1982): “Relações entre a Cultura Popular e a Indústria Cultural: a Congada de Ilhabela”.

Dois trabalhos recentes analisados na tese foram o livro-reportagem “Nas tramas da rede”, fruto da pesquisa de Conclusão do Curso de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de Campinas da jornalista Regina de Brito Rodrigues (2000) que relatou as mudanças na vida de uma comunidade caiçara de São Sebastião. E o segundo foi o artigo científico “A Projeção da Cozinha Caiçara na Mídia Impressa”, que integra as pesquisas bibliográficas, de campo e documental da tese de Cynthia Luderer (2010). Ela rememorou a origem da gastronomia caiçara e analisou a divulgação em revistas especializadas que mostraram os pratos do chefe Eudes Assis, caiçara de São Sebastião. Outros estudos nas áreas de Sociologia, Antropologia, Ecologia, Geografia, História e afins sobre a Cultura Caiçara também foram utilizados.

Esta tese apresenta contribuições para a Pesquisa Comunicacional Brasileira. A *primeira* foi relacionar os estudos da Cultura Caiçara, ao de outras áreas do conhecimento como o Jornalismo Regional praticado em uma revista do Litoral Paulista; a *segunda* foi mostrar a tendência no mercado editorial de revistas regionais que tem produzido conteúdo jornalístico de forma profissional e criativa refletida nos dez anos analisados da revista *Beach&Co*; a *terceira* contribuição foi registrar a história de uma revista impressa do Litoral

⁴ A autora da tese, em julho de 2011, passou dias pesquisando no NUPAUB. Além da aquisição de dezenas de livros sobre caiçara, ela providenciou cópias das publicações acadêmicas sobre o tema, citadas nas Referências Bibliográficas.

Paulista e suas mudanças editoriais, comerciais e de design gráfico, no período de uma década (2002-2012); esta pesquisa soma aos poucos estudos comunicacionais, sociológicos e antropológicos sobre Revistas Regionais no país; a *quarta* foi apresentar uma metodologia de caráter híbrido que mesclou a teoria dos Estudos Culturais com a Análise Descritiva e de Discurso; a *quinta* contribuição foi à classificação das generalizações estereotipadas⁵ do caiçara em uma publicação regional e as transformações vivenciadas pelo caiçara hoje.

Carlos Diegues (2004a, p.7) revela que nos últimos anos o caiçara começou a falar e registrar suas histórias, sua sabedoria, a cultura ameaçada, a sobrevivência cada vez mais difícil nas praias, e as problemáticas em manter viva a sua tradição. Da década de 1980 em diante, quando a pressão dos órgãos governamentais ambientalistas sobre as comunidades caiçaras aumentou, ONGs e institutos de pesquisa passaram a apoiá-las. Surgiram associações de moradores que ajudaram no processo de reafirmação da identidade cultural caiçara, “abafada por décadas de discriminação das autoridades e das elites urbanas interessadas na expropriação das terras dos caiçaras”. (DIEGUES, 2004a, p.10).

Algumas dessas instituições públicas e ONGs são: Movimento São Sebastião Tem Alma⁶, localizado na cidade de São Sebastião; Espaço Cultural Pés no Chão⁷, de Ilhabela; projetos como da Fundação Cultural e Educacional de Caraguatatuba (FUNDACC)⁸; Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba (FUNDART)⁹; secretarias municipais de Cultura e Turismo das quatro cidades do Litoral Norte; institutos de pesquisa ligados às universidades como o Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e outros. As entidades promovem Congressos e Encontros com a participação de líderes caiçaras, para discussão e solução de problemas comuns. Alguns desses encontros foram reportados na revista *Beach&Co*.

Dentro dos grupos de fomento de Cultura, nota-se o renascer de grupos de fandango (dança caiçara), como ocorre em Ubatuba, e de oficinas de artesanato típico, por exemplo, nas

5 A autora entende “estereótipo” como um conceito infundado sobre determinado grupo social, atribuindo a todos os seres desse grupo uma característica, geralmente depreciativa, modelo irrefletido e imagem preconcebida. São generalizações que as pessoas fazem sobre comportamentos ou características de outros. Termo de origem grega que significa impressão sólida e pode se referir a aparência, roupas, comportamento, cultura etc. Geralmente um conceito infundado, no qual as pessoas se baseiam em opiniões alheias e as tornam como verdadeiras, causando impacto negativo. Disponível em: www.significados.com.br/estereotipo. Acesso em: nov. 2013.

6 MOVIMENTO SÃO SEBASTIÃO TEM ALMA. Disponível em: www.povosdomar.com.br/pcssta09.htm. Acesso em: fev. 2012.

7 ESPAÇO CULTURAL PÉS NO CHÃO. Disponível em: www.pesnochao.org.br/penoch.htm. Acesso em: fev. 2012.

8 FUNDAÇÃO CULTURAL E EDUCACIONAL DE CARAGUATATUBA. Disponível em: www.fundacc.com.br. Acesso em: fev. 2012.

9 FUNDAÇÃO DE ARTE E CULTURA DE UBATUBA. Disponível em: www.fundart.com.br. Acesso em: fev. 2012.

quatro cidades do Litoral Norte, o que faz com que estes moradores passem a ter orgulho de serem chamados de caiçara. Antonio Carlos Diegues (2008), na obra “Mito Moderno da Natureza Intocada”, confirma que:

As comunidades caiçaras passaram a chamar a atenção de pesquisadores e de órgãos governamentais em virtude das ameaças à sua sobrevivência material e cultural e, pela contribuição histórica que essas populações têm dado à conservação da biodiversidade, por meio do conhecimento sobre a fauna e flora e os sistemas tradicionais de manejo dos recursos naturais de que dispõem. Essas comunidades encontram-se hoje ameaçadas em sua sobrevivência física e material por uma série de processos e fatores. (DIEGUES, 2004a, p.10).

Origem do caiçara – A origem do caiçara segundo Carlos Diegues (2008) é de um povo fruto da combinação do índio/colono, terra/mar que se estabeleceram nos costões rochosos, restingas, mangues e encostas da Mata Atlântica. O autor afirma em outra obra que a Cultura Caiçara viveu quase um século em isolamento parcial, mas atualmente a situação mudou, já que o contato com as cidades se tornou frequente.

Esse contato manteve-se por via terrestre (caminhos), fluvial e marítima, tendo-se destacado, do século passado até as primeiras décadas do século XX, as chamadas “canoas de voga”, onde se transportavam produtos agrícolas, peixe seco, aguardente etc. A maioria desses centros e áreas rurais litorâneas entrou em decadência no final do século passado, notadamente com o fim da escravidão, levando ao declínio determinadas atividades agrícolas de exportação, como o arroz. As comunidades caiçaras mantiveram sua forma tradicional de vida até a década de 1950, quando as primeiras estradas de rodagem interligaram as áreas litorâneas com o planalto, ocasionando o início do fluxo migratório. (DIEGUES, 2004a, p.10).

Em outro livro Diegues (2004a, p.9) define o caiçara como a mescla étnico-cultural dos indígenas, dos colonizadores portugueses e, em menor grau, dos escravos africanos. “O povoamento caiçara originou-se nos interstícios dos grandes ciclos econômicos litorâneos do período colonial, fortalecendo-se quando essas atividades voltadas para a exportação entraram em declínio”.

Para Diegues a decadência das atividades agrícolas incentivou as atividades de pesca e a coleta no mar e nos rios. “No interior desse espaço caiçara, surgiram cidades como Parati, Santos, São Vicente, Iguape, Ubatuba, Ilhabela, São Sebastião, Antonina, Paranaguá que em vários momentos da história colonial funcionaram como importantes centros exportadores”. (DIEGUES, 2004a, p.9). A cidade de Caraguatatuba não foi citada no trecho e um dos

motivos seja a tardia emancipação política¹⁰.

Diegues (2004a) confirma que os meios de comunicação descobriram a importância da Cultura Caiçara e passaram a veicular programa sobre seus vários aspectos, primeiramente em emissoras como a TV Cultura de São Paulo e a TVE do Rio de Janeiro. Em junho de 2012, o programa “Globo Mar”, da Rede Globo, exibiu por 40 minutos, uma grande reportagem sobre a Cultura Caiçara do Sudeste brasileiro, mostrando comunidades tradicionais de Ilhabela, São Sebastião, Ubatuba e outras, em horário nobre (após as 22 horas). Outro exemplo foi no dia 12 de janeiro de 2014, da reportagem sobre o tema no programa “Domingo Espetacular”, da Rede Record, gravada em Trindade/RJ, mostrando o trabalho de mestres canoieiros e a puxada da canoa.

As transformações e as mudanças socioculturais nas comunidades caiçaras vieram a partir dos anos de 1950. “No entanto, a partir da década de 1960, passaram a viver em bairros pobres, verdadeiras favelas, e nas quais o modo de vida tradicional é cada vez mais ameaçado”. (DIEGUES, 2004a, p.21).

As dificuldades de exercer as atividades pesqueiras, em bairros muitas vezes distantes do mar, o contato direto e permanente com os padrões da cultura urbana, o predomínio crescente das igrejas evangélicas têm acelerado a desorganização do modo de vida tradicional das populações caiçaras criando, ao mesmo tempo, outras relações sociais e formas de solidariedade. (DIEGUES, 2004a, p.22).

Passamos agora ao Objetivo Geral, aos Objetivos Específicos e a Hipótese da tese.

O **objetivo geral** desta tese foi verificar as transformações da Cultura Caiçara nos primeiros dez anos da revista *Beach&Co* e os estereótipos do caiçara do Litoral Norte Paulista mostrados nesta mídia impressa regional.

Os **objetivos específicos** foram: Resgatar pesquisas de outras áreas do conhecimento sobre a Cultura Caiçara nas quatro cidades do Litoral Norte e fazer a interligação destes estudos com o jornalismo praticado na *Beach&Co*; Relacionar a teoria dos *Estudos Culturais* com as mudanças na vida dos caiçaras paulistas; Buscar bases na metodologia da Análise Descritiva e de Discurso para pontuar os núcleos semânticos¹¹, produtores de sentidos, nas 23 reportagens selecionadas; Mostrar que o gênero Reportagem resiste ao tempo como

10 Caraguá completou 156 anos no dia 20 de abril de 2013. Neste mesmo ano, São Sebastião completou 377 anos em março, Ubatuba somou 375 anos em outubro, e Ilhabela comemorou 208 anos no dia 03 de setembro. A autora desta tese acredita que a longevidade das cidades litorâneas influenciou diretamente na constituição e preservação da cultura regional.

11 No sentido mais cultural e semiológico, e menos formal e pragmático. Portanto, não se trata de buscar a base ou raiz das palavras, mas o sentido da frase no contexto geral e a relação da linguagem, pensamento e conduta.

representante do bom jornalismo, se fortalece e adquire novas práticas; Verificar a abordagem, as fontes, o aprofundamento, a contextualização, o estilo autoral, os usos de linguagens e as generalizações estereotipadas nas reportagens sobre Cultura Caiçara publicadas na *Beach&Co* com base nas características do Jornalismo Especializado praticado em uma revista de Turismo.

A **hipótese** central da tese foi verificar que o discurso da revista regional segmentada *Beach&Co* mostrou as transformações socioculturais ocorridas nas comunidades caiçaras das quatro cidades do Litoral Norte Paulista de 2002 a 2012, de forma complexa, completa e abrangente, praticando um jornalismo especializado em Turismo.

Outras questões apareceram:

- Conferir as abordagens variadas sobre a Cultura Caiçara nas reportagens da *Beach&Co* que remetem as peculiaridades no modo de vida dessas comunidades; ao ofício de pescador e maricultor; as praias e aos destinos turísticos; aos festivais gastronômicos da tainha, mexilhão e camarão; e demais aspectos da cultura tradicional como artesanato, culinária, músicas e lendas.

- Analisar a relação da seleção das pautas de Cultura Caiçara na revista com o calendário gastronômico, esportivo, cultural e turístico das quatro cidades e o uso de informações disponibilizadas por assessorias de imprensa.

- Verificar a compreensão das características atuais do caiçara por meio de 23 reportagens selecionadas e seus recursos gráficos, elementos de diagramação e jornalísticos.

Portanto, a Cultura Caiçara presente no Litoral Norte Paulista foi o foco desta tese dividida em cinco capítulos. O primeiro explicou a escolha do objeto de estudo, no caso a revista *Beach&Co*, e a construção da metodologia de caráter híbrido que mesclou os Estudos Culturais, as pesquisas sobre Cultura Caiçara e Análise Descritiva e de Discurso.

A Introdução explicou as contribuições desta pesquisa para o Jornalismo Brasileiro Regionalizado, além dos objetivos, das hipóteses e da estrutura da tese. No Primeiro Capítulo foi delimitado o corpus de análise composto por 23 reportagens da *Beach&Co*, e dos autores que embasaram o referencial teórico. Sobre a *Cultura Caiçara* foram consultadas as obras de Carlos Diegues (2004, 2005, 2006 et al), Gioconda Mussolini (1971) e Emilio Willems (1952); utilizou-se Virgínia Salomão (2009) na contextualização do *Jornalismo Regional de Revista* e Lia Seixas (2009) na redefinição do gênero jornalístico *Reportagem*. E ainda na metodologia da *Análise de Discurso* foram consultadas as produções de Dominique Maingueneau (1998), Eni Orlandi (2010), Patrick Charaudeau (2010) e Audre Alberguine (2007).

O Segundo Capítulo, predominantemente teórico, rememorou os *Estudos Culturais*, as contribuições de Stuart Hall (2003) que explicou as mudanças na *Identidade Cultural na pós-modernidade*; Raymond Williams (2005) propôs definições de *Cultura*; Douglas Kellner (2001) abordou a *Cultura da Mídia*, Peter Burke e Asa Briggs (2004) recontaram *Uma História Social da Mídia*.

Na segunda parte deste Capítulo revisou-se a literatura sobre a *Cultura Caiçara* com base nos autores citados no penúltimo parágrafo e nos cinco volumes da “Enciclopédia Caiçara”. O primeiro intitula-se “O Olhar do Pesquisador” (DIEGUES, 2004a) e reúne estudos nacionais sobre o caiçara; o segundo volume, “Falares Caiçaras” (DIEGUES, 2005a); os terceiro, quarto e quinto volumes foram, respectivamente, “O Olhar Estrangeiro” (DIEGUES, 2005c); “História e Memória Caiçara” (DIEGUES, 2005b); “Festas, Lendas e Mitos Caiçaras”. (DIEGUES, 2006).

Também foram feitos apontamentos das “Relações entre a Cultura Popular e a Indústria Cultural: a Congada de Ilhabela” (1982); e das obras de Gioconda Mussolini, “Os pasquins do Litoral Norte de São Paulo” (1971) e “Os Ensaios de Antropologia Indígena e Caiçara” (1980); além de livros-reportagens, artigos científicos e outros.

O Terceiro Capítulo focou o *Jornalismo Cultural e de Proximidade*, inseridos no *Jornalismo Especializado* e na *Teoria das Brechas*, depois foi conceituado o *Jornalismo de Revista* e mostrou-se algumas releituras do gênero jornalístico *Reportagem*, com base na recente pesquisa de Lia Sanches (2009) e de José Salvador Faro (2013, p.77) confirmando que a reportagem “integra indiscutivelmente o universo operacional e etiológico das razões de ser da própria imprensa: apuração, checagem das fontes, confronto de informações, contextualização e competência descritiva do profissional”. Ainda neste capítulo, um breve panorama da Cultura Caiçara em veículos impressos de circulação nacional entre janeiro de 2010 a junho de 2012.

Foi utilizada também a pesquisa de Virgínia Salomão (2009) da *Regionalização das Revistas*, e definiu-se o conceito de *Jornalismo de Proximidade* com base no livro do português Carlos Camponéz (2002) intitulado “Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional” (Coimbra: Minerva), citado por Cicília Peruzzo (2003) no artigo “Mídia local, uma mídia de proximidade” e no artigo de Isabelle Melo.

O Quarto Capítulo, o mais extenso da tese, trouxe o histórico da *Beach&Co* e a cobertura jornalística sobre a Cultura Caiçara em 120 edições da revista. Na análise das edições, primeiro foram grifadas as palavras “caiçara” e correlatas como “pescadores”, “comunidades tradicionais” e outras. Em seguida, os textos foram descritos no contexto geral.

Levaram-se em consideração as mudanças na linha editorial da revista, a evolução do caiçara e os principais acontecimentos do Litoral Norte nos primeiros dez anos da publicação.

O Quinto Capítulo mostrou a construção simbólica expressa em 23 reportagens selecionadas (91 páginas) da *Beach&Co* que aprofundaram a temática da Cultura Caiçara no Litoral Norte Paulista. Foram evidenciados os núcleos semânticos, entendidos pela autora como aquilo que dá sentido ao texto, sem deter-se a uma ou outra palavra, mas no contexto geral das frases.

A autora da tese buscou evidenciar o caiçara de forma dessacralizada, sem atribuir aspecto sagrado aos pescadores, agricultores e nativos do litoral. Também não integrou o Quinto Capítulo, as oito matérias que abordaram os caiçaras, escritas por Bruna Vieira Guimarães, que além de autora da tese, foi colaboradora da *Beach&Co* por anos.

As conclusões destacaram que a cobertura jornalística especializada da *Beach&Co* privilegia o Turismo e o Desenvolvimento do Litoral Norte e Baixada Santista; que a revista passou por readaptações e esquematismos da produção jornalística e encontrou mercado nas especificidades do Litoral Paulista; a *Beach&Co* se consolidou no campo jornalístico regional, de forma competente e profissional, retroalimentando os sotaques do Litoral Paulista nas demais regiões do país; mas que a publicação não se configura como uma mídia representativa das comunidades tradicionais, pois o caiçara não é o público leitor da revista e nem a usa como instrumento de luta e preservação de sua cultura; apesar dos textos da revista mostrarem a produção simbólica do caiçara como um sub produto e atrativo do Turismo no Litoral Norte.

CAPÍTULO 1. ANÁLISE DESCRITIVA E DE DISCURSO

1.1. Delimitação do Objeto e Corpus de Análise

Como se trata de analisar a Cultura Caiçara no Litoral Norte, um tema regional, a autora optou por trabalhar com uma única publicação impressa. A revista *Beach&Co* foi selecionada porque aprofunda e contextualiza o conteúdo jornalístico; pelo tempo em circulação na região (completou 12 anos em 2014); pela periodicidade mensal; pela facilidade de acesso as 120 edições da revista cedidas pelo Grupo Costa de Comunicação à autora da tese; e pelo conteúdo das edições, no qual foi possível selecionar 23 reportagens.

O principal jornal da região, o *Imprensa Livre*, com sede em São Sebastião, que em 2013 completou 27 anos em circulação na região, assim como outros jornais do interior, costumam aproveitar releases enviados por assessorias de imprensa de prefeituras e outros órgãos públicos e privados, publicando-os na íntegra ou com pouquíssimas alterações. Por esta e outras razões não foi o veículo escolhido para ser analisado nesta tese.

Outros impressos que circulam no Litoral Norte se caracterizam pela publicação de assuntos do dia a dia, de forma rápida e objetiva, em desacordo com o propósito desta tese. Entre os veículos estão os jornais semanais *Expressão Caiçara*, edição de Caraguatatuba, circula há 31 anos e atualmente tem edições próprias nas cidades de Ubatuba e São Sebastião; o *Noroeste News* também de Caraguá que circula há 16 anos; *A Cidade*, de Ubatuba, com 28 anos; o *Diário do Litoral Norte*, de Ilhabela, com 16 anos, entre outros.

As revistas são a *Revista da Cidade* - Caraguatatuba, trimestral, com mais de 20 edições, completando sete anos em 2013; *Litoral Norte Magazine*, de São Sebastião, bimensal, com seis anos de circulação (em 2013); a *Ubatuba em Revista*, com versão semanal online e versão impressa bimensal desde janeiro de 2008, revistas segmentadas de Associações Comerciais e especializadas em arquitetura, imóveis etc.

Retomando ao escopo de análise desta tese, que as 23 reportagens sobre a Cultura Caiçara foram selecionadas após a leitura de 120 edições da *Beach&Co*. As reportagens foram analisadas de forma descritiva e discursiva, com base nos critérios propostos por Audre Cristina Alberguini (2007), na tese de doutorado: “A Ciência nos Telejornais Brasileiros - O papel educativo e a compreensão pública das matérias de CT&I”, defendida em 2007 na Universidade Metodista de São Paulo.

Foi feita uma adaptação dos critérios de análise, porque diferente de Audre que analisou conteúdos televisivos, a autora teve como objeto de estudo, reportagens publicadas na revista impressa *Beach&Co*. Optou-se por analisar o gênero Reportagem que é uma

extensão da notícia que aprofunda um ou mais fatos e assuntos, excluindo os demais gêneros jornalísticos informativos como Perfil, Entrevistas e Notícias. Esta última caracteriza-se como um registro sem opinião, um relato puro dos acontecimentos com estrutura composta de entrada (lide) e corpo, perfazendo uma pirâmide invertida cujo texto da notícia é escrito não pela ordem cronológica, mas pela importância dos fatos.

1.2. Análise Descritiva

Abaixo, a primeira etapa da Análise Descritiva aplicada nas 23 reportagens. Levaram-se em consideração os recursos jornalísticos verbais e visuais (fotos, ilustrações etc.) das reportagens elencadas no quadro abaixo:

Tabela 1. Categorias de Análise Descritiva

I — Elementos Jornalísticos e Abordagem	Editoria; Número de páginas da reportagem e total da revista; Título da matéria; Linha fina; Crédito do repórter; Intertítulos; Fotos; Legendas; Crédito das fotos. Abordagem Descritiva; Interpretativa/Analítica; Investigativa.
II — Posições discursivas das fontes das reportagens	Fontes: Primária; Secundária; Oficial; Oficiosa; Independente; Testemunhal; Especialista. Origem da reportagem - Cidade e bairro onde foi produzida. Origem das fontes: Pescadores e caiçaras; ONGs; Órgãos municipais ou afins; Pesquisadores; Líderes comunitários (SABs etc.); Assessorias de Imprensa; Entidades de Classe (Colônias de Pescadores e outras). De onde fala o caiçara: De sua comunidade ou de local externo. Posição discursiva: Posição do especialista foi principal ou secundária; Posição do caiçara foi principal ou secundária. Forças discursivas: O discurso do caiçara contribuiu para o discurso das outras fontes; ou o discurso do caiçara se contrapôs ao discurso das outras fontes; a informação do caiçara contribuiu para a informação dos jornalistas; ou a informação do caiçara se contrapôs aos jornalistas. Localização das reportagens na edição analisada da revista: A Cultura Caiçara esteve concentrada em uma única reportagem; ou distribuída em várias partes da revista.
III — Conteúdo das reportagens	Quais conceitos foram explanados no texto; A reportagem foi contextualizada e/ou fragmentada. Assunto principal: fonte responsável por anunciar a novidade da

	reportagem foi o caiçara; o jornalista; as fontes oficiais ou outras. Inserção da Cultura Caiçara: foi assunto principal ou o secundário. Abordagem sobre o caiçara: Há explicação dos antecedentes; fatores causais; consequências; processo de desenvolvimento da Cultura Caiçara. Recursos de linguagem: Analogia; Definição; Exemplificação. Linguagem: Clara; Confusa; Complexa; Simplificada. Apresentação do caiçara: Elogiativa; Depreciativa; Equilibrada. Concluiu a reportagem: O caiçara; o jornalista; uma fonte ou outros.
IV — Fotos e Elementos Gráficos da diagramação	Fotos - A relação ambiente-conteúdo: imagens/fotos mostraram aspectos da Cultura Caiçara ou não; O ambiente colaborou para a apreensão do conteúdo; não colaborou; ou foi indiferente. A natureza da foto do caiçara: A Cultura Caiçara foi incorporada ao ambiente natural; ao ambiente social; ao ambiente de produção da reportagem. A Cultura Caiçara foi desarticulada do ambiente natural; ou foi desarticulada do ambiente de produção da reportagem. Foto e Conteúdo: A foto auxiliou na compreensão da vida do caiçara; a foto teve impacto estético; espetacularizou; demonstrou a vida do caiçara com imagens e palavras; demonstrou a vida do caiçara com palavras somente; não demonstrou a vida do caiçara; demonstrou a vida do caiçara com imagens somente. Recursos não verbais Descrição no texto e nas fotos do posicionamento do caiçara: Analisar Postura; Voz; Expressão facial; Expressão corporal. Recursos não verbais do repórter: Qual a Postura autoral; Fez digressões; Emitiu opiniões. Recursos gráficos: Utilizou-se Olho; Mapas; Box; Gráficos; Tabelas; Desenhos e outros. Ilustrações auxiliam a compreensão dos conceitos: não; sim; foram indiferentes.

No anexo da tese consta a explicação das categorias elencadas acima, usadas também, em parte, no Quarto Capítulo, onde se verificou o número de páginas total da revista e a média de quantas foram dedicadas à Cultura Caiçara, as cidades representadas nas capas, os nomes dos colaboradores e a jornalista responsável pela revista.

Em seguida foram aplicadas as bases da **Análise de Discurso** (AD) nas 23 reportagens. Optou-se por esta metodologia devido a sua aplicabilidade que abrange diversos

campos de estudos, entre eles a linguística e a comunicação (caso desta tese). As categorias da AD utilizadas foram: Esquecimentos, Paráfrase (reafirmação das ideias do texto utilizando outras palavras) e Polissemia (uma palavra ou expressão adquirir novo sentido além do original), Relações de Força, Relações de Sentido, Antecipação, Formações Imaginárias e Discursivas, o Dito e o Não Dito, as Inferências (conclusões de premissas conhecidas), etc. A autora fez um paralelo dos primeiros quatro capítulos da tese com a AD do Quinto Capítulo.

1.3. Análise de Discurso

O estudo feito pela autora foi empírico, discursivo, quantitativo e qualitativo da cobertura jornalística da revista *Beach&Co* sobre a temática Cultura Caiçara no período de 2002 a 2012. Ela entende que a **Cultura** condiciona o comportamento da pessoa, sua maneira de pensar, a forma como percebe seu entorno e como extrai, acumula e organiza a informação; as **línguas** são objetos históricos relacionados inseparavelmente daqueles que as falam; as **linguagens** são utilizadas pelas pessoas para representarem seus pensamentos, sentimentos e emoções sobre o mundo, variando de acordo com grupos sociais de todos os tipos, classes e ideologias; e que toda fala (**discurso**) é politizada, ideológica e persuasiva.

As ideias acima estão na obra *Introdução à Análise do Discurso*, na qual a professora Dra. Helena H. Nagamine Brandão (2004) confirma que a origem da AD como disciplina remete aos anos de 1950.

De um lado surge o trabalho de Harris (*Discourse analysis*, 1952), que mostra a possibilidade de ultrapassar as análises confinadas meramente à frase, ao estender procedimentos da linguística distribucional americana aos enunciados (chamados discursos) e, de outro lado, os trabalhos de R. Jakobson e E. Benveniste sobre a enunciação (BRANDÃO, 2004, p.13).

A AD passou a ser conhecida na segunda metade da década de 1960, como uma escola de pensamento linguístico e filosófico na interface do Marxismo, Linguística e Psicanálise, como consta na tese de Audre Alberguini (2007). Utilizada para análise de textos da mídia e de suas ideologias, as pesquisas de AD foram consagradas pelo francês Michel Pêcheux com a publicação em 1969, do número 13 da revista *Langages*, intitulada *A análise de discurso*, e posteriormente por outros autores como Mangueneau (1998) em *Analyse Automatique du Discours*.

Na França as correntes teóricas da AD foram marcadas pela Linguística e Psicanálise, e nos Estados Unidos pela Antropologia. Optou-se nessa tese pela corrente francesa. Os pensadores franceses da AD se dividem em duas correntes teóricas. A primeira considerava *O que o texto quer dizer*; adotava uma posição tradicional da análise de conteúdo em face de um

texto. A segunda corrente se importava com o *Como* o texto funcionava, a construção de um dispositivo teórico e não a simples decodificação. Este dispositivo teórico, Pêcheux chamou de Análise de Discurso, trabalhando com a opacidade do texto/materialidade da linguagem e verificando a presença do político, do simbólico, do ideológico e do próprio funcionamento da linguagem. A língua passa a ter significado na história. (ORLANDI, 2001).

Em *Discurso e texto*, a professora Dra. Eni Pulcinelli Orlandi (2001), da Universidade Estadual de Campinas, referência na área de AD no Brasil, confirma que “a ideologia se caracteriza pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade”.

Nas 23 reportagens selecionadas foram considerados aspectos como a significação, a historicidade e os efeitos ideológicos nos discursos da revista. Para Eni Orlandi (2001, p.19), o objetivo da AD é explicitar *como* um texto *produz sentido, como ele funciona*. Passa-se da noção de “função” para a de “funcionamento”. A autora parte do pressuposto de que não há sentido sem interpretação; que a interpretação está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa. E que a finalidade do analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona e como ele produz sentidos.

Registra-se também o fato dos estudos de AD se relacionarem com outras teorias como a da argumentação, interrogação e questionamento; da linguística crítica, semiótica social ou crítica; aos estudos de linguagem; a teoria do ato da fala, etnometodologia e análise da conversação; e ao pós-estruturalismo conhecido como análise pós-moderna da linguagem.

Helena Brandão (2004) confirma que entre a língua e a fala: há um espaço ideológico. Assim, o estudo da linguagem não foca apenas a língua, mas situa-se fora dela, na instância conhecida como “discurso”, que pressupõe interação e um modo de produção social não neutro, nem inocente e nem natural.

Brandão (2004) expõe que é na língua onde se realizam os efeitos de sentido e que a Formação Discursiva (FD), a Condição de Produção e a Formação Ideológica (FI) formam a base da AD. “Cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras”. (HAROCHE apud BRANDÃO, 2004, p.47).

Para Pêcheux, na Formação Discursiva há um sujeito universal que garante “o que cada um conhece, pode ver ou compreender” e que determina “o que pode ser dito”. Não só fornece, mas impõe a realidade. Uma FD é heterogênea a ela própria: não há um limite

traçado entre exterior e interior, mas sim uma fronteira que se desloca em função de embates da luta ideológica. (COURTINE e MARANDIN apud BRANDÃO, 2004, p.49-50).

Embora uma FD determine a seus falantes “o que deve e pode ser dito” os efeitos das contradições ideológicas de classe são recuperáveis no interior do conjunto de discursos. Cabe à AD trabalhar o discurso, inscrevendo-o na relação da língua com a história, buscando na materialidade linguística as marcas das contradições ideológicas. (BRANDÃO, 2004, p.50)

Se as palavras são sempre uma operação de pensamento, elas podem ser instrumento de manipulação, bem como de libertação. Dessa forma, a AD considera que a linguagem não é neutra nem transparente e que o homem é “sujeito” influenciado pela língua e pela história, constituindo uma relação simbólica. Segundo Orlandi (2002, p.20), o sujeito discursivo age pelo inconsciente e pela ideologia.

A opção por AD, nessa tese, justifica-se pela necessidade de compreender como e quais aspectos da Cultura Caiçara foram mostrados na revista *Beach&Co*, com quais efeitos de sentidos e as formas com que as fontes apareceram nas reportagens.

A AD não vai ao texto para extrair o sentido, mas para apreender a sua historicidade, no qual o analista do discurso coloca-se no interior da relação de confronto de sentidos. Essa tese considerou variantes como a presença do Grupo Costa Norte de Comunicação nos discursos da revista *Beach&Co*; o aprofundamento nos textos produzidos e o comprometimento com a qualidade textual do colaborador *free lance*; a presença ou não do jornalista nas fontes de pesquisa para a produção dos textos; o caráter histórico cultural do tema junto à comunidade; e outros elementos peculiares das reportagens.

A AD busca compreender como um objeto simbólico produz sentidos, “[...] como ele está investido de significância para e por sujeitos”. A AD implica ainda explicitar, por exemplo, como um texto se organiza, quais são os elementos que despontam gestos de interpretação, que relacionam sujeito e sentido (ORLANDI, 2010, p.26-27). Entendendo que compreender significa mais que interpretar. E que a compreensão se relaciona com os sentidos que emergem de um objeto simbólico, como um enunciado, um texto, entre outros.

Outras características da AD presentes no Quinto Capítulo da tese foram explicadas por Eni Orlandi (2010, p.34-35) que cita Pêcheux ao explicar que há duas formas de **Esquecimentos no discurso**. O primeiro acontece na **Enunciação**, “ao falarmos ‘sem medo’, por exemplo, podíamos dizer ‘com coragem’, ou ‘livremente’ etc. Isto significa em nosso dizer e nem sempre temos consciência disso”. (ORLANDI, 2010, p.35).

Eni Orlandi afirma que este esquecimento é parcial, “semiconsciente e muitas vezes voltamos sobre ele, recorremos a esta margem de famílias parafrásticas, para melhor

especificar o que dizemos. É o chamado esquecimento enunciativo e que atesta que a sintaxe significa: o modo de dizer não é indiferente aos sentidos”. (ORLANDI, 2010, p.35).

O segundo **Esquecimento** é o **Ideológico** e ocorre na instância do inconsciente resultante do modo pelo qual as pessoas são influenciadas pela ideologia. “Por meio desse esquecimento tem-se a ilusão, da pessoa que fala ser a primeira a se expressar com palavras, quando na realidade, se retoma sentidos já existentes no cenário social”. (GOMES, 2012, p.151-152).

Os processos de **Paráfrase** representam a memória, o dizível, àquelas palavras que se mantém em todo dizer, que se repetem. “A paráfrase está do lado da estabilização” (ORLANDI, 2010, p.36) e a **Polissemia** está do lado do deslocamento, da ruptura, de processos de significação, porque os processos polissêmicos representam o novo, o diferente. (GOMES, 2012, p.152).

Essas duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. [...] Daí dizemos que os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre o são. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. (ORLANDI, 2010, p.36-37).

Paráfrase (repetição do mesmo) e Polissemia (diferença). O mesmo e o diferente. É o que garante o discurso, sua existência. “Esse jogo entre paráfrase e polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político. Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia” (ORLANDI, 2010, p.38).

Já a **Relação de Sentidos** pressupõe que não existe discurso sem se relacionar com outros discursos. Portanto, os sentidos dos discursos resultam de processos de relação, sempre. “Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis”. (ORLANDI, 2010, p.39).

A **Antecipação** trabalha como um mecanismo em que a pessoa se antecipa ao seu interlocutor, quanto ao sentido que suas palavras produzem e surte efeitos sobre quem escuta. E assim “esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte”. (ORLANDI, 2010, p.39).

No processo jornalístico, o repórter busca se antecipar e adequar a linguagem para o seu público leitor. “São as **formações imaginárias** que possibilitam a diferenciação de

linguagens e estilos entre os veículos”. O jornalista tem sempre em mente, mesmo que de modo internalizado ou intuitivo, o seu público leitor. (MACHADO; JACKS, 2001, p.05).

Na **Relação de Forças**, levam-se em consideração o local, o cenário e o contexto de onde a pessoa fala. Por exemplo, “se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno”. (ORLANDI, 2010, p.39). As hierarquias sociais estão presentes nas sociedades e exercem relações de força.

Na obra *Os termos chave da Análise do Discurso*, Dominique Maingueneau (1997, p.50-51) confirma que as formações discursivas determinam o que pode e deve ser dito, mas considerando para sua constituição as formações ideológicas, a partir de uma posição e uma conjuntura histórica social. (GOMES, 2012, p.155). Portanto, a forma com que a pessoa formula seu mundo deriva de um modo específico.

Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca (ORLANDI, 2010, p.43).

Orlandi aponta que na formação discursiva é importante entender os diferentes sentidos das palavras, já que há termos iguais com significados diferentes. Ele exemplifica a palavra “terra” que para o índio tem um significado, para o agricultor outro, e para um agricultor sem terra, ainda outro. (ORLANDI, 2010, p.45).

Na AD há também **o dito e o não dito**. A partir dos pensamentos de Ducrot, Orlandi (2010, p.82; GOMES, 2012, p.156) mostra a diferença em duas formas de não dizer: “pressuposto” como aquilo que não é dito, mas que se origina da própria linguagem, e o “subentendido” como aquilo que se observa a partir de um determinado contexto.

Orlandi confirma que há outras maneiras de analisar o **não dito**, a partir do conceito de silêncio. O silêncio constitutivo entende que uma “palavra apaga outras palavras”, ou seja, se constar “sem medo” anula a ideia de “com coragem”. Já o silêncio local está vinculado à censura. “Numa ditadura não se diz a palavra ditadura não porque não se saiba, mas porque não se pode dizê-lo”. (ORLANDI, 2010, p.83).

Na AD, quem fala ocupa diferentes funções. “Locutor é aquele que se representa como eu no discurso. Enunciador é a perspectiva que esse eu constrói. Autor é a função social que esse eu assume enquanto produtor da linguagem”. (BRANDÃO, 2004, p.84-85). Neste sentido, o enunciador “é a voz de um ‘ponto de vista’, de uma ‘perspectiva’ – a perspectiva de uma posição ideológica que permite ao locutor falar. O locutor é aquele que fala e que pode

ser claramente identificado como o responsável –ao menos imediatamente– pelo enunciado”. (DUCROT apud MACHADO e JACKS, 2001, p.07).

Dominique Maingueneau (1997, p.58) propõe o **implícito** no campo da semântica e da pragmática. Ele exemplifica: “O Paulo já não vive em Londres, mas em Paris”. O implícito semântico nesse exemplo orienta-se, pelo contexto do discurso, que o Paulo vive atualmente na França, e que o Paulo vivia antes em Londres, ou seja, é possível pela semântica direcionar formas implícitas do discurso. No implícito pragmático o co-enunciador pode retirar do exemplo, num dado contexto, que talvez Paulo não possa aceitar um convite, ou receber uma carta, do pragmático verifica-se formas implícitas de acordo com as condições de produção dada (GOMES, 2012, p.156).

Orlandi confirma que o texto é a unidade que o analista da AD tem diante de si e da qual ele parte para verificar o discurso. (ORLANDI, 2010, p.63). Nos veículos de comunicação este discurso está presente na informação jornalística, no dado, no fato, na declaração, no fenômeno apreendido em sua singularidade. (MACHADO; JACKS, 2001, p.01).

As professoras Marcia Benetti Machado e Nilda Jacks (2001, p.06), no estudo *O discurso Jornalístico*, afirmam que “o jornalismo é uma narração do real mediada por sujeitos (no exercício de suas subjetividades) e que as escolhas se dão da pauta à edição, passando pela apuração, pela seleção das fontes e pela hierarquização das informações”.

Subjetividade da linguagem, mídia e discurso - Dominique Maingueneau (1998) confirma que o discurso se constrói em função de uma finalidade, devendo dirigir-se a um público. Esta é a lógica dos veículos de comunicação, pois não basta produzir conteúdos, mas é preciso ter um público leitor para interagir e consumir os conteúdos jornalísticos.

Maingueneau explica que a subjetividade discursiva pode ser estudada pela leitura das entrelinhas, no subtexto, nos pressupostos e nos subentendidos da mensagem. Os operadores argumentativos (segue adiante), por exemplo, mostram o posicionamento das marcas na linearidade do texto.

No caso do texto impresso, Maingueneau (1998) conclui que ele pode circular longe de sua origem (no caso a *Beach&Co* tem leitores em todo Brasil e não apenas no Litoral Paulista); o leitor imprime sua forma de consumo (começa a ler a revista de frente para trás, de trás para frente, lê apenas algumas páginas, folheia a revista); permite análises; o texto pode ser recopiado, arquivado, classificado. E mais: o texto impresso é impessoal e inalterável. No impresso, determinados textos podem ter mais ou menos importância ou destaque dependendo da forma como são diagramados.

Maingueneau (1998) disserta sobre a importância de estudar a influência da mídia e as características do discurso, já que a comunicação não é linear (acontece tudo ao mesmo tempo). Desta forma, ele entende que o meio de “transporte e a recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero do discurso”. A seguir apontamentos da Semântica do Discurso.

A linha de pesquisa da Semântica do Discurso volta-se para a análise do sentido, resultante da atividade textual, considerando a linguagem como forma de ação dotada de intencionalidade. E procura recuperar no discurso, as marcas linguísticas da argumentação ou intencionalidade em sentido amplo.

A semântica ocupa-se de significação não só das palavras, como também das frases e do discurso. A frase pode ser considerada uma unidade sintático-semântica. O discurso constitui uma unidade pragmática que produz efeitos no interlocutor e a significação pode estar explícita ou implícita (como se verificou na revista *Beach&Co*).

Os **Operadores Argumentativos** são responsáveis por “operar” a força no argumento no discurso. Oswald Ducrot (1977, 1981), Ingedore Grunfeld Villaça Koch (1984, 1995), Carlos Vogt (1989) e outros pesquisadores estudaram a semântica e confirmam que a força do discurso está na dependência destas marcas (Operadores), sendo imprescindível para o estudo da língua e da linguagem.

Operadores que servem para marcar o argumento mais forte da escala no sentido de determinada conclusão são até, mesmo, até mesmo, inclusive. Ao menos, pelo menos, no mínimo marca um argumento menos forte, deixando implícito que existem outros mais fortes. Operadores como: não só, mas também, tanto, mas, e, encadeiam argumentos de escalas diferentes, voltados para uma mesma conclusão. Os operadores de comparação são mais que, menos que, tão... como, tanto... quanto, etc.

Operadores decisivos como, aliás, além do mais, introduzem o argumento chave de maneira dissimulada, sutil, como se esse argumento fosse um simples acréscimo. Existe um paradigma formado de conjunções como, mas, porém, todavia, contudo, embora, etc., que estabelecem oposições entre elementos semânticos explícitos ou implícitos. Operadores de retificação como isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras, introduzem asserções derivadas para retificar, esclarecer uma enumeração feita anteriormente. Certos operadores como pouco e muito não entram nos mesmos contextos argumentativos. É o que acontece também com quase e apenas (só, somente). Abaixo, reflexões sobre o Discurso das Mídias.

Discurso das Mídias – O professor Patrick Charaudeau, da Universidade de Paris-Nord confirma que o discurso de informação é uma atividade de linguagem que permite que

se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário. Neste sentido, como se verá na conclusão desta tese que os discursos sobre a Cultura Caiçara publicados na revista *Beach&Co* contribuem para o fortalecimento das comunidades tradicionais no Litoral Norte Paulista.

Segundo Charaudeau (2006, p.12), a mídia é parte interessada nessa prática social, mas de maneira organizada, instituindo-se em empresa de fabricar informação (máquina midiática). “Convém, pois descrevê-la para pôr em evidência o contrato comunicacional que ela nos propõe. Quem informa quem? A finalidade do contrato? Informar sobre o quê? O acontecimento como visão social do mundo e informar em que circunstância”. Questionamentos como estes foram esclarecidos, em parte, nesta tese no que se refere à cobertura jornalística da *Beach&Co* sobre a Cultura Caiçara.

Os veículos de comunicação para fabricar informação acham-se em concorrência num mercado que os leva a se distinguirem um dos outros, adotando estratégias quanto à maneira de reportar os acontecimentos, comentá-los, ou mesmo provocá-los. (CHARADEAU, 2006, p.13). Assim sendo, a *Beach&Co* se diferencia das demais revistas regionais do Litoral Norte pelo tempo em circulação, pela abordagem e qualidade dos textos, design da revista e pela relação com os leitores (mostrada nas Cartas dos Leitores publicadas na revista).

Charaudeau (2006, p.16) confirma que as mídias tornam-se objeto de atenção de todas as áreas: política; ciência e tecnologia; ciências humanas e sociais; e do próprio mundo midiático que, preso a um jogo de espelhos (reflete o espaço social e é refletido por este), é levado a observar-se, estudar-se e auto justificar-se. Isto inclui a lógica simbólica: “maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem as suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido”.

O teórico Charaudeau acredita que as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, mas impõem o que constroem do espaço público. “A informação é uma questão de linguagem, e esta não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo” (CHARADEAU, 2006, p.19). Sendo assim, constrói uma imagem fragmentada do espaço público.

Charaudeau explica que a informação não é mensurável quantitativamente; mas só pode ser verificada por meio de seus efeitos, e estes só podem ser apreendidos pela abordagem qualitativa. “As mídias apresentam-se como um *organismo especializado* que tem a vocação de responder a uma demanda social por dever de democracia”. (CHARADEAU, 2006, p.58).

Entretanto, a lógica que define as mídias é comercial. “Se as manchetes dos jornais são diferentes é porque, para se diferenciar do concorrente, cada jornal deve produzir efeitos diferentes”. (CHARADEAU, 2006, p.59).

O teórico confirma que “informar é possuir um saber que o outro ignora (‘saber’), ter a aptidão que permite transmiti-lo a esse outro (‘poder dizer’), ser legitimado nessa atividade de transmissão (‘poder de dizer’)”. (CHARADEAU, 2006, p.63). A verdade não está no discurso, mas naquilo que ele produz. Charadeau (2006, p.67) disse também que “a situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico”.

Charadeau (2006, p. 69) propõe **quatro condições de análises de Dados Externos**. A *Condição de Identidade* requer que todo ato de linguagem dependa dos sujeitos que se acham inscritos. Define-se pelas respostas às perguntas: Quem troca com quem?; Quem fala a quem?; Quem se dirige a quem?. Permite destacar os traços identitários que interferem no ato de comunicação.

Condição de Finalidade requer que todo ato de linguagem seja ordenado em função de um objetivo. Define-se através da resposta à pergunta: Estamos aqui para dizer o quê?. Há quatro finalidades: Prescritiva: “fazer fazer”- consiste em querer levar o outro a agir de uma determinada maneira; Informativa: “fazer saber”- querer transmitir um saber a quem se presume não possuí-lo; Iniciativa: “fazer crer”- querer levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro; *Páthos*: “fazer sentir”- provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável. (CHARADEAU, 2006, p.69).

“*Condição de Propósito* requer que todo ato de comunicação se construa em torno de um domínio de saber, uma maneira de recortar o mundo em ‘universos de discurso tematizados’”. (CHARADEAU, 2006, p.69). Define-se através da resposta à pergunta: Do que se trata? *Condição de Dispositivo* requer que o ato de comunicação se construa de uma maneira particular, segundo as circunstâncias materiais em que se desenvolve. Define-se através das respostas às perguntas: Em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, que canal de transmissão é utilizado?

Referente às **análises de Dados Internos**, Charadeau esclarece que são propriamente discursivos e respondem à pergunta: Como dizer? “Esses dados constituem as restrições discursivas de todo ato de comunicação, são o conjunto dos comportamentos linguageiros esperados quando os dados externos da situação de comunicação são percebidos”. (CHARADEAU, 2006, p.70).

Como em todo ato de comunicação, a comunicação midiática põe em relação duas instâncias: uma de produção e outra de recepção. A instância de produção teria, então, um duplo papel: de fornecedor de informação, pois deve fazer saber, e de propulsor do desejo de consumir as informações, pois deve captar seu público. A instância de recepção, por seu turno, deveria manifestar seu interesse e/ou seu prazer em consumir tais informações. (CHARADEAU, 2006, p.72).

Na Instância de Produção, o jornalista tem por função transmitir informação que se compõe de “um conjunto de acontecimentos ou de saberes que aparentemente preexistem ao ato de transmissão, o que faz com que o jornalista se encontre em uma posição que consiste em coletar os acontecimentos e os saberes, e não em criá-los”. (CHARADEAU, 2006, p.74).

Na Instância de Recepção, alvo e público constituem as duas faces da mesma instância, influenciando-se mutuamente. São consideradas do ponto de vista de seus comportamentos como consumidoras de um produto comercial: a mídia. “Nos estudos que tratam das mídias, considera-se que é o público que constitui a instância de recepção. Entretanto, sabe-se que o público é uma entidade compósita que não pode ser tratado de maneira global”. (CHARADEAU, 2006, p.78).

“No discurso de informação a única verdade é a da maneira de reportar os fatos”. “À instância midiática cabe autenticar os fatos, descrevê-los de maneira verossímil, sugerir as causas e justificar as explicações dadas”. (CHARADEAU, 2006, p.88). No discurso jornalístico o intuito é a transmissão de informação com objetividade, clareza e concisão de linguagem para noticiar o fato camuflando a presença do autor. Dentre os mecanismos linguísticos usa-se a impessoalidade, distanciamento e descritividade com discurso relatado (direto/indireto), geralmente verbo na 3ª pessoa do singular.

Na segunda edição da obra *Discurso das Mídias*, Charaudeau (2010, p.113) aborda a questão da imprensa como dispositivo de legibilidade (facilidade de leitura devido à qualidade tipográfica do texto) e o “peso das palavras”.

A imprensa é essencialmente uma área escritural, feita de palavras, de gráficos, de desenhos e, por vezes, de imagens fixas, sobre um suporte de papel. Esse conjunto inscreve essa mídia numa tradição escrita que se caracteriza essencialmente por: uma relação distanciada entre aquele que escreve e aquele que lê a ausência física da instância de emissão para com a instância de recepção; uma atividade de conceituação da parte das duas instâncias para representar o mundo, o que produz lógicas de produção e de compreensão específicas; um percurso ocular multiorientado do espaço de escritura que faz com que o que foi escrito permaneça como um traço para o qual se pode sempre retornar: aquele que escreve, para retificar ou apagar, aquele que lê, para rememorar ou recompor sua leitura. (CHARADEAU, 2010, p.113).

Patrick Charadeau (2010, p.113) ressalta que o leitor põe em funcionamento um tipo de compreensão mais discriminatória e organizadora que se baseia numa lógica “hierarquizada”: operações de conexão entre as diferentes partes de uma narrativa, de subordinação e de encaixe dos argumentos, de reconstrução dos diferentes tipos de raciocínio (em árvore, em contínuo, em paralelo etc.).

A frase acima ajuda a compreender o que a autora da tese entende como **núcleos produtores de sentidos**. O intuito foi mostrar nas análises das reportagens da *Beach&Co* a **subordinação, o encaixe dos argumentos e a reconstrução dos diferentes tipos de raciocínio** que o leitor foi levado. Estes núcleos produtores de sentidos estão presentes em toda a revista e não apenas nas reportagens selecionadas.

[...] por um lado, nas análises e comentários, nos editoriais, nas tribunas e reflexões, nas crônicas, em tudo o que aprofunda a informação, que a coloca em perspectiva e que indaga sobre as prováveis consequências dos acontecimentos; por outro lado, nas narrativas, nas notícias locais (os *faits divers*) e na montagem de dossiês; e ainda, nas informações dos classificados, das variedades, local por excelência de um percurso sinótico; enfim, nas manchetes, que, funcionando como anúncios sugestivos semelhantes aos slogans publicitários, são destinados a desencadear uma atividade de decifração, isto é, de inteligibilidade. (CHARADEAU, 2010, p.114).

Na construção do texto jornalístico não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, que é dado como um fragmento do real. Para Charadeau (2010, p.131), por trás do discurso midiático não há um espaço social mascarado, deformado ou parcelado por esse discurso.

O espaço social é uma realidade empírica compósita, não homogênea, que depende, para sua significação, do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, através dos discursos que produzem para tentar torná-lo inteligível. Mortos são mortos, mas para que signifiquem “genocídios”, “purificação étnica”, “solução final”, “vítimas do destino”, é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade do mundo que apontam para sistemas de valores que caracterizam os grupos sociais. Ou seja, para que o acontecimento exista é necessário nomeá-lo. O acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso (CHARADEAU, 2010, p.131).

Segundo Charadeau (2010, p. 133), a contemporaneidade midiática está no fato de a aparição do acontecimento ser o mais consubstancial possível ao ato de transmissão da notícia e a seu consumo. Há duas características essenciais do discurso de informação midiático, a efemeridade e a-historicidade. “Com efeito, a notícia só tem licença para aparecer nos organismos de informação enquanto estiver inscrita numa atualidade que se renova pelo acréscimo de pelo menos um elemento novo. (CHARADEAU, 2010, p.134)”.

Charadeau (2010, p.134) aborda também a dificuldade das mídias em dar conta do

passado e imaginar o futuro. “As mídias nunca podem garantir que o que é relatado traga alguma marca de perenidade. O discurso das mídias se fundamenta no presente de atualidade, e é a partir desse ponto de referência absoluto que elas olham timidamente para ontem e para amanhã, sem poder dizer muitas coisas a respeito”. Assim, o discurso de informação midiático tem um caráter fundamentalmente a-histórico.

Após estas considerações sobre a Metodologia de Pesquisa da AD, passa-se a explicitar ao Segundo Capítulo sobre a teoria dos Estudos Culturais e as pesquisas da Cultura Caiçara.

CAPITULO 2. ESTUDOS CULTURAIS E CULTURA CAIÇARA

Não existe ninguém no mundo melhor que os selvagens, os camponeses e os provincianos para estudar profundamente e em todos os sentidos os seus próprios afazeres; assim, quando passam do Pensamento do Fato, podeis encontrar as coisas mais completas. (BALZAC apud LÉVI-STRAUSS, 1989).

2. 1. Os Estudos Culturais como Referencial Teórico

Os Estudos Culturais britânicos, valorizam formas culturais como televisão, cinema e música popular. Esta corrente teórica vê a sociedade como um sistema de dominação em que instituições como a família, a escola, a igreja, o trabalho, a mídia e o Estado “[...] controlam os indivíduos e criam estruturas de dominação contra as quais os indivíduos que almejam maior liberdade e poder devem lutar”. (KELLNER, 2001, p.49).

Na Introdução do livro *A Cultura da Mídia*, Douglas Kellner (2001) resume:

Há uma cultura vinculada pela mídia, cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou onipotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje. A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global. (KELLNER, 2001, p.09).

Esta tese visa elucidar “a *visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos* [da Cultura Caiçara] e quais características e aspectos desta Cultura e deste Povo o discurso da revista *Beach&Co* mostrou como *bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral*”. (Adaptação da autora na citação acima).

Entre as décadas de 1930 e 1950, a Escola de Frankfurt estudou os produtos originários da mídia (indústria cultural), com uma abordagem inovadora sobre a cultura produzida pelos veículos de comunicação na época.

Surgiu nos anos de 1960, no *Birmingham Centre for Contemporary Cultural Studies*, na Inglaterra, a corrente teórica denominada *Estudos Culturais* que apresenta perspectivas críticas e multidisciplinares, situando a cultura no âmbito de uma teoria da produção e

reprodução social “especificando os modos como as formas culturais serviam para aumentar a dominação social ou para possibilitar a resistência e a luta contra a dominação”. (KELLNER, 2001, p.47-48). Esta corrente teórica acredita que,

[...] algumas instituições e grupos exercem violentamente o poder para conservar intactas as fronteiras sociais (ou seja, polícia, forças militares, grupos de vigilância), enquanto outras instituições (como religião, escola ou a mídia) servem para induzir anuência à ordem dominante, estabelecendo a hegemonia, ou o domínio ideológico, de determinado tipo de ordem social (ex. capitalismo liberal, fascismo). (KELLNER, 2001, p.48).

Estes Estudos criticam as formas de cultura que fomentam a subordinação.

Os estudos culturais podem ser distinguidos dos discursos e das teorias idealistas, textualistas e extremistas que só reconhecem as formas linguísticas como constituintes da cultura e da subjetividade. Os estudos culturais, ao contrário, são materialistas porque se atêm às origens e aos efeitos materiais da cultura e aos modos como a cultura se imbrica no processo de dominação ou resistência. (KELLNER, 2001, p.49).

Mauro Wolf (2002, p.108) confirma que o objetivo dos Estudos Culturais é definir o estudo da cultura da sociedade atual como um campo de análise pertinente e teoricamente fundamentado. Centram-se “na análise de uma forma específica de processo social, relativa à atribuição de sentido à realidade, à evolução de uma cultura, de práticas sociais partilhadas, de uma área comum de significados”. Wolf adota a definição de “Cultura” de Stuart Hall. “Cultura não é uma prática, nem é simplesmente a descrição da soma dos hábitos e costumes de uma sociedade. Passa por todas as práticas sociais e é a soma das suas inter-relações”. (HALL apud WOLF, 2002, p.108). Este conceito de Cultura, como será visto mais adiante, foi também adotado pela autora da tese.

A ideia de *mass media* de Wolf (2002) se relaciona com o que Kellner (2001) chama de Cultura da Mídia.

As obras da cultura de massa não podem ser ideológicas sem serem ao mesmo tempo implícita ou explicitamente utópicas bem como não poderão manipular se não oferecerem alguma genuína nesga de contentamento como suborno de fantasia para o público que é assim manipulado. Mesmo a ‘falsa consciência’ de um fenômeno tão monstruoso como o nazismo foi alimentado por fantasias coletivas de tipo utópico, com aparência ‘socialista’ assim como nacionalista. Nossa proposta sobre o poder de atração das obras da cultura de massa implica que tais obras não podem administrar as ansiedades em torno da ordem social se antes não as tiverem revivido e não lhes tiverem dado alguma expressão rudimentar; diremos então que ansiedade e esperança são duas faces da mesma consciência coletiva, de tal modo que as obras da cultura de massa, ainda que tenham por função legitimar a ordem vigente —ou outra pior—, não podem cumprir sua tarefa sem colocarem a serviço dessa função as esperanças e as fantasias mais profundas e fundamentais da coletividade, às quais se pode

dizer, portanto, que deram voz, mesmo que de maneira distorcida. (JAMESON apud KELLNER, 2001, p.145).

Desta forma, a análise da Cultura da Mídia pode levar a compreensão do quadro político, dos pontos fortes e sensíveis, as forças políticas em disputa, das esperanças e dos temores da população. “Dessa perspectiva, os textos da cultura da mídia propiciam uma boa compreensão da constituição psicológica, sociopolítica e ideológica de determinada sociedade em dado momento da história” (KELLNER, 2001, p.153).

Kellner confirma que a Cultura da Mídia é industrial e “almeja grande audiência; por isso, deve ser eco de assuntos e preocupações atuais, sendo extremamente tópica e apresentando hieroglíficos da vida social contemporânea”. Ele continua: “[...] é um modelo de tecnocultura, que mescla cultura e tecnologia em novas formas e configurações, produzindo novos tipos de sociedade em que mídia e tecnologia se tornam príncipes organizadores”. (KELLNER, 2001, p.09-10).

O teórico propõe que quem viveu imerso, do nascimento à morte, na sociedade de mídia e de consumo, deve aprender a entender, interpretar e criticar tais significados e mensagens.

Aprendendo como ler e criticar a mídia, resistindo à sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e à cultura dominantes. Poderão aumentar sua autonomia diante da cultura da mídia e adquirir mais poder sobre o meio cultural, bem como os necessários conhecimentos para *produzir novas formas de cultura*. (KELLNER, 2001, p.10 – *grifos da autora*).

Nas comunidades tradicionais do Litoral Norte Paulista, sobretudo nas praias isoladas do continente no arquipélago de Ilhabela, a mídia não se faz presente, já que a energia elétrica é à base de geradores, portanto escassa para ligar aparelhos de TV, rádio e computadores, e as idas ao Centro da cidade também é esporádica para comprar jornais, revistas, etc. Como mostra Gioconda Mussolini mais adiante neste Capítulo, as comunidades encontraram na oralidade e nos pasquins, formas de se expressar e revelar suas lendas, causos, festas e outros costumes desta Cultura tradicional do litoral do sudeste brasileiro.

Kellner continua os apontamentos sobre a Cultura, que no sentido mais amplo, é uma forma de atividade que implica alto grau de participação, na qual as pessoas criam sociedades e identidades. “A cultura modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade. A cultura da mídia participa igualmente desses processos, mas também é algo novo na aventura humana”. (KELLNER, 2001, p.11). Portanto, para Kellner, a Cultura da Mídia: “passou a dominar a vida cotidiana,

servindo de plano de fundo onipresente e, muitas vezes, de sedutor primeiro plano para o qual convergem nossa atenção e nossas atividades [e que] está minando a potencialidade e a criatividade humana”. (KELLNER, 2001, p.11).

Kellner cita algumas consequências do domínio da cultura veiculada pela mídia e mostra como esta cultura está influenciando profundamente os aspectos da vida diária. “O entretenimento oferecido por esses meios frequentemente é agradabilíssimo e utiliza instrumentos visuais e auditivos”. (KELLNER, 2001, p.11). Ele afirma que a cultura da mídia e a de consumo atuam juntas e geram pensamentos e comportamentos de acordo com os valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes. E propõe uma solução:

[...] o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, *usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade e forma de vida próprios*. Além disso, a própria mídia dá recursos que os indivíduos podem acatar ou rejeitar na formação de sua identidade em oposição aos modelos dominantes. Assim, *a cultura veiculada na mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente da sociedade, mas também lhes oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma sociedade*. (KELLNER, 2001, p.11 - *grifos da autora*).

Há evidências de que a Cultura Caiçara no Litoral Norte busca se fortalecer e reinventar seus significados, identidades e formas de viver, uma vez que os membros das comunidades têm criado associações de bairro, participado de eventos e congressos para debater formas de preservar esta cultura tradicional, tem criado grupos de estudos e, sobretudo tem se manifestado com opiniões próprias veiculadas na mídia, mostrando insatisfação frente a problemas como a especulação imobiliária, escassez da pesca e outros.

Neste sentido, “para interrogar de modo crítico a cultura contemporânea da mídia é preciso realizar estudos do modo como à indústria cultural cria produtos específicos que reproduzem os discursos sociais encravados nos conflitos e nas lutas fundamentais da época”. (KELLNER, 2001, p.12).

A cultura da mídia pode construir um entrave para a democracia quando reproduz discursos reacionários, promovendo o racismo, o preconceito de sexo, idade, classe e outros, mas também pode propiciar o avanço dos interesses dos grupos oprimidos quando ataca coisas como as formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, as enfraquece com representações mais positivas de raça e sexo. (KELLNER, 2001, p.13)

Kellner explica que os Estudos Culturais não podem ser feitos sem uma teoria social, mas é preciso entender as estruturas e a dinâmica da sociedade para interpretar sua cultura.

Neste sentido, esta tese buscou entender e interpretar as transformações da Cultura Caiçara mostradas no discurso de uma revista regional.

O mais emocionante dos estudos culturais está no fato de ser esse um campo novo e aberto, em processo de construção e reconstrução, em que quaisquer intervenções devem apenas tentar criar algumas novas perspectivas ou análises. [...] alguns grupos e indivíduos tem usado os estudos culturais para festejar o popular e legitimar o estudo acadêmico da “cultura popular”, enquanto outros os usam para criticar as desigualdades e a dominação existentes ou para propor programas políticos e culturais específicos. (KELLNER, 2001, p.75)

Nos últimos dez anos, a cultura da mídia tem desempenhando papel nas eleições, nos embates políticos diários, na legitimação do sistema político e contribuído para estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos. Assim sendo, Kellner propõe uma “teoria de Estudos Culturais pós-modernos” combinando estratégias metodológicas e conceitos retirados das teorias modernas e pós-modernas, na tentativa de apresentar perspectivas críticas sobre os fenômenos culturais e sociais nos dias atuais.

Nosso argumento é que estamos agora vivendo uma era de transição entre o moderno e o pós-moderno, que exige de nós atenção tanto às estratégias e teorias modernas quanto às pós-modernas, resistindo, assim, à asserção em favor de uma ruptura pós-moderna em história e da necessidade de uma teoria e de estudos culturais pós-modernos inteiramente novos. (KELLNER, 2001, p.19). [...] Nos últimos anos, surgiu uma argumentação a favor de um estudo cultural pós-moderno. Alguns teóricos, como Denzin (1991) e Grossberg (1992), vinculam agressivamente os estudos culturais à vertente pós-moderna, enquanto muitos outros simplesmente pressupõem que o terreno dos estudos culturais é constituído por uma cultura e uma sociedade pós-modernas, sem, de fato, definirem os termos, dizerem o que está em jogo ou construírem uma argumentação que explique por que seu método e seu tema na verdade são “pós-modernos”. KELLNER, 2001, p.64).

O discurso pós-moderno é usado para aumentar o capital cultural. Conforme lembra Mike Featherstone (1991 apud KELLNER 2001, p. 72), os jornalistas, os empresários culturais e os teóricos inventam e divulgam discursos como o do pós-moderno para distinguir-se, “fazer propaganda de determinados produtos ou práticas como coisas que estão na crista da onda, e difundir novos significados e ideias”. O discurso do pós-moderno atrai jovens em busca de prestígio e pessoas que gostam de se diferenciar como vanguarda.

Como fenômeno histórico, Kellner confirma que a Cultura da Mídia é relativamente recente e faz uma breve retrospectiva das tecnologias de entretenimento e de comunicação.

Embora as novas formas de indústria cultural descritas por Horkheimer e Adorno (1972) nos anos 1940 –constituídas por cinema, rádio, revistas,

histórias em quadrinhos, propaganda e imprensa–, tenham começado a colonizar o lazer e a ocupar o centro do sistema de cultura e comunicação nos Estados Unidos e em outras democracias capitalistas, foi só com o advento da televisão, no pós-guerra, que a mídia se transformou em força dominante na cultura, na socialização, na política e na vida social. A partir de então, a TV a cabo e por satélite, o videocassete e outras tecnologias de entretenimento doméstico, além do computador pessoal – mais recentemente – aceleraram a disseminação e o aumento do poder da cultura veiculada pela mídia. (KELLNER, 2001, p.26).

Na maioria dos países capitalistas, a mídia veicula a cultura em forma de mercadoria visando o lucro. “[...] a necessidade de vender significa que as produções da indústria cultural devem ser eco da vivência social, atrair grande público e, portanto, oferecer produtos atraentes que talvez choquem, transgridam convenções e contenham crítica social”. (KELLNER, 2001, p.27).

Neste sentido, apesar de a revista *Beach&Co* ter algumas vezes mostrado a Cultura Caiçara com o intuito de “vender” os destinos turísticos autênticos e exóticos das praias habitadas pelas comunidades tradicionais, visando à lucratividade do trade turístico, não deixou de dar voz aos caiçaras. Para que isto não ocorra, Kellner propõe que “a cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente rejeitada como um instrumento banal de ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e das forças sociais [...] que a constituem”. (KELLNER, 2001, p.27).

Entendendo que as praias preservadas habitadas pelos caiçaras no Litoral Norte são tidas como um produto turístico de excelência e que a revista convida os turistas a desfrutar o novo por que.

A diferença vende. O capitalismo deve estar constantemente multiplicando mercados, estilos, novidades e produtos para continuar absorvendo os consumidores para as suas práticas e estilos de vida. A mera valorização da “diferença” como marca de contestação pode simplesmente ajudar a vender novos estilos e produtos se a diferença em questão e seus efeitos não foram suficientemente aquilatados. (KELLNER, 2001, p.61).

Vivemos rodeados de novas tecnologias, novos modos de produção cultural e novos estilos de vida, no qual a cultura desempenha papel relevante em vários setores da sociedade, do econômico ao social. “Na conjuntura em que nos encontramos, os estudos culturais podem desempenhar importante papel na elucidação das alterações significativas que têm ocorrido na cultura e na sociedade de nossos dias”. (KELLNER, 2001, p.29).

Kellner confirma que à medida que a importância do trabalho declina, o lazer e a cultura ocupam cada vez mais o foco da vida cotidiana (KELLNER, 2001, p.29). Neste sentido, há uma vertente de turistas e moradores do litoral que consideram a Cultura Caiçara

apenas como fonte de lazer, turismo e gastronomia, e não a veem como fonte de trabalho para pescadores, maricultores, artesãos e afins.

Um estudo cultural crítico e multicultural deve, portanto, levar a cabo uma crítica das abstrações, das reificações e da ideologia que siga os rastros dessas categorias reificadas e dessas fronteiras até suas origens sociais, criticando distorções, mistificações e falsificações aí presentes. Uma das funções da cultura da mídia dominante é conservar fronteiras e legitimar o domínio da classe, da raça e do sexo hegemônico. O marxismo, o feminismo e a teoria multicultural, porém, perseguem uma crítica das fronteiras, atentando para o sistema binário de oposições que estruturam os discursos ideológicos classistas, sexistas, racistas e outros. Todas essas formas de teoria crítica são, pois, armas na luta por uma sociedade mais humana, vendo na ideologia uma forma de sustentação teórica dos sistemas de denominação. (KELLNER, 2001, p.85).

Douglas Kellner aponta que as teorias oferecem recursos para falar de experiências, discursos, práticas, instituições e relações sociais comuns. Também indicam conflitos e problemas, fornecendo recursos para discuti-los e solucioná-los. Portanto, as teorias:

são, entre outras coisas, modos de ver, ópticas; são perspectivas que elucidam fenômenos específicos e que também têm certos pontos cegos e limitações que lhes restringem o foco. O termo “teoria” deriva da raiz grega *theoria*, que privilegia a visão; portanto, uma das funções da teoria é ajudar a ver e interpretar fenômenos e eventos. As teorias são, pois, modos de ver que propiciam o entendimento e modos de interpretar que focalizam a atenção em fenômenos específicos, em nexos, ou no sistema social como um todo. (KELLNER, 2001, p.37).

A teoria dos Estudos Culturais britânicos apresenta uma abordagem que evita a divisão do campo da mídia, da cultura e da comunicação em alto e baixo, popular e elite, e possibilita ver todas as formas de cultura da mídia como dignas de exame e crítica. (KELLNER, 2001, p.53). O autor retoma as origens dos Estudos Culturais, a partir dos anos 1960 para explicar que eles:

começaram a mostrar como a cultura da mídia estava produzindo identidades e maneiras de ver e agir que integravam os indivíduos na cultura dominante (Hall e Whannel, 1964). Portanto, o enfoque inicial do grupo de Birmingham nas questões de classe e ideologia provinha de seu senso agudo dos efeitos opressores e sistêmicos da divisão de classe na sociedade britânica e das lutas dos anos 1960 contra as desigualdades de classes e a opressão. (KELLNER, 2001, p.54).

Sobre a expressão cultura da mídia, Kellner explica que “vivemos num mundo no qual a mídia domina o lazer e a cultura”. E esta cultura é onde se travam batalhas pelo controle nas sociedades contemporâneas. “A mídia está intimamente vinculada ao poder a abre o estudo da

cultura para as vicissitudes da política e para o matadouro da história”. E continua, afirmando que a mídia “ajuda a conformar nossa visão de mundo, a opinião pública, valores e comportamentos, sendo, portanto, um importante fórum de poder e de luta social”. (KELLNER, 2001, p.54).

Para analisar adequadamente a cultura da mídia, deve-se situar os objetos de análise dentro do sistema de produção, distribuição e consumo. Isto tudo, Raymond Williams chamou de materialismo cultural, ou seja, “a análise de todas as formas de significação [...] dentro dos reais meios e condições de produção”. (WILLIAMS apud KELLNER, 2001, p.63).

Douglas Kellner esclarece que a mídia condiciona nossos prazeres e faz com que pessoas tratem outras de forma preconceituosa. Isto ocorreu também na Cultura Caiçara, no qual membros das comunidades tradicionais eram tidos como preguiçosos e indolentes.

O prazer em si não é natural nem inocente. Ele é aprendido e, portanto, está intimamente vinculado a poder e conhecimento. Desde Foucault, passou-se a admitir que o poder e o conhecimento estão intimamente imbricados, e que o prazer está vinculado a ambos. Aprendemos o que apreciar e o que evitar. Aprendemos quando rir e quando aplaudir (e a claque eletrônica das comédias de televisão nos dão a deixa em caso de distração). Um sistema de poder e privilégio, portanto, condiciona nossos prazeres de tal modo que procuramos certos prazeres sancionados socialmente e evitamos outros. Algumas pessoas aprendem a rir de piadas racistas e outras aprendem a sentir prazer com o uso brutal da violência. (KELLNER, 2001, p.59).

O Estudo Cultural opera com uma concepção interdisciplinar que utiliza comunicação, filosofia, teoria social, economia, política, história, teoria literária, cultural e outras correntes teóricas para diagnosticar a forma como as produções culturais articulam ideologias, valores e representações de sexo, raça e classe na sociedade, e o modo como essas variáveis se inter-relacionam. (KELLNER, 2001, p.42).

Para Fredric Jameson (1994, p.11) os Estudos Culturais devem ser compreendidos numa dimensão maior, não como disciplina acadêmica, mas como projeto para constituir um “bloco histórico” audacioso. Outro autor, John Fiske também acredita que esta corrente teórica resgata o teor político de resistência e desconstrução, observa a nova possibilidade dos estudos se comportarem como meios de ajudarem na visibilidade de produtos culturais até então subjugados a inferioridade, além de tornarem os estudos entendíveis às classes marginalizadas das práticas acadêmicas.

A política nunca esteve muito abaixo da superfície em minha tentativa de pensar criticamente sobre as relações entre hábitos dominantes e subordinados na teoria cultural. Espero que possamos reduzir o hiato e aumentar o trânsito entre eles porque ao fazê-lo penso que podemos ajudar a mudar o relacionamento entre a academia e outras formações sociais, em particular

aquelas dos subordinados. Muitos dos que vivem nessas formações subordinadas veem pouca pertinência entre as condições de sua vida cotidiana e os modos acadêmicos de explicar o mundo. Não é absolutamente de nosso interesse permitir que esse hiato se torne maior, particularmente quando consideramos que muitos dos movimentos recentes mais efetivos em favor da mudança social envolveram alianças entre universidades e membros de formações sociais reprimidas ou subordinadas. (FISKE apud JAMESON, 1994, p.38).

Práticas de unir intelectuais de universidades e outras instituições com grupos de caiçaras foram relatadas nos livros de Carlos Diegues e também publicadas na revista *Beach&Co*. A reportagem “Pesca pode ser fonte de renda e subsistência no futuro”, de setembro de 2002, na 9ª edição, apresentou os temas debatidos no *VII Encontro dos Povos do Mar e da Mata Atlântica*, realizado na cidade de São Sebastião, que propiciou a reflexão da preservação das comunidades litorâneas; a 87ª edição, de setembro de 2009, também trouxe texto sobre o Resgate da Cultura Caiçara, relatando a presença de congueiros, paneleiras de barro e caiçaras que participaram do *1º Encontro para o Fortalecimento das Culturas Tradicionais do Litoral Norte* que acontecera em Ilhabela.

Jameson acredita que os Estudos Culturais se ocupam com o presente, mas precisam de suportes históricos conjecturais para se amparar no cenário de análise do objeto. É preciso ter “uma abordagem que integre a análise textual com a investigação sociológica de instituições de produção cultural e daqueles processos e relações sociais e políticos nos quais esta se dá”. (WOLFF apud JAMESON, 1994, p.15).

Já Stuart Hall ressalta que para o estudo da cultura é preciso haver uma “tensão entre texto e sociedade, entre superestrutura e base, aquilo que ele chama de ‘deslocamento’ necessário da cultura do real social para o imaginário” (HALL apud JAMESON, 1994, p.23). E Jameson complementa que os Estudos de Cultura têm uma natureza essencialmente mista.

Os Estudos Culturais exigem dos analistas visões plurais para que os objetos da mídia não resultem em avaliações simplistas, instrumentalistas e ideológicas. Douglas Kellner enfatiza também a necessidade de ver as produções culturais por óticas abrangentes, de forma multiperspectívica.

Os textos culturais não são intrinsecamente “conservadores” ou “liberais”. Ao contrário, muitos textos tentam enveredar por ambas as vias para cativar o maior público possível, enquanto outros difundem posições ideológicas específicas que muitas vezes são esmaecidas por outros aspectos do texto. Os textos da cultura da mídia incorporam vários discursos, posições ideológicas, estratégias narrativas, construção de imagens e efeitos (por exemplo, cinematográficos, televisivos, musicais) que raramente se integram numa posição ideológica pura e coerente. Tentam oferecer algo a todos, atrair o maior público possível e, por isso, muitas vezes incorporam um amplo

espectro de posições ideológicas. Além disso, [...] certos textos dessa cultura propõem pontos de vista ideológicos específicos que podemos verificar estabelecendo uma relação deles com os discursos e debates políticos de sua época, com outras produções culturais referentes a temas semelhantes e com motivos ideológicos que, presentes na cultura, estejam em ação em determinado texto. (KELLNER, 2001, p.123).

A ideia de “poder” de Kellner é aquela de hegemonia e contra hegemonia do filósofo Antônio Gramsci, no qual as formas de socialização e gerências institucionais como Igreja, Estado e organizações civis estão perpassadas por ordens e mecanismos de opressão e regras de sociabilidade que norteiam a conduta da comunidade. (GOMES, 2013, p.19).

Kellner (2001, p.127) confirma que a teoria social e os estudos culturais críticos questionam a opressão e lutam por igualdade social, e, portanto são teorias e estudos multiculturais que buscam estar atentas às diferenças, a alteridade e a diversidade cultural.

Uma perspectiva multicultural crítica encara seriamente a conjunção de classe, raça, etnia, sexo, preferência sexual e outros determinantes da identidade como importantes componentes culturais que devem ser cuidadosamente examinados e analisados a fim de detectar tendências sexistas, racistas, classistas, homofóbicas e outras capazes de fomentar dominação e opressão. O multiculturalismo reconhece que há muitos componentes culturais da identidade, e o estudo cultural crítico indica o modo como a cultura fornece material e recursos para a construção de identidades e como as produções culturais são acatadas e usadas no processo de formação de identidades individuais no dia a dia. (KELLNER, 2001, p.127).

A autora desta tese optou pelos Estudos Culturais, por esta corrente teórica estar em consonância com os objetos de estudo da pesquisa, a Cultura Caiçara e uma revista regional. Explica-se: muitos dos aspectos da Cultura Caiçara podem ser constatados na identidade das comunidades tradicionais no Litoral Norte. Por sua vez, estas comunidades são retratadas com diferentes valores, estereótipos e abordagens pela mídia, no caso a publicação escolhida para se verificar estas questões foi à revista *Beach&Co*, cujo “*estudo cultural crítico [da revista] indica o modo como a cultura [caiçara] fornece material e recursos para a construção de identidades [nas comunidades tradicionais] e como as produções culturais são acatadas e usadas no processo de formação de identidades individuais no dia-a-dia*”, numa adaptação da autora à citação de Kellner (2001, p.127).

Para Kellner, um estudo cultural feito de modo crítico e multicultural deve ser multiperspectívico, a fim de fornecer amparo crítico para dissecar, interpretar e criticar produtos culturais.

No entanto, é preciso fazer algumas ressalvas a esse ponto de vista. Obviamente, uma única leitura – marxista, feminista, psicanalítica, etc. – pode render conclusões mais brilhantes no estudo de alguns fenômenos do que a

combinação de várias leituras perspectivísticas; “mais” não é necessariamente “melhor”. Contudo, o emprego de várias perspectivas críticas de um modo proficiente e revelador tem mais probabilidades de possibilitar uma leitura mais consistente (mais plurilateral, elucidativa e crítica). Em segundo lugar, a abordagem multiperspectívica poderá não ser de todo elucidativa se não situar adequadamente o texto no seu contexto histórico. (KELLNER, 2001, p.130).

Em sintonia com a citação acima, esta tese analisou os primeiros dez anos (2002-2012) da revista *Beach&Co*, no Quarto Capítulo, contextualizando a análise com os principais fatos históricos do Litoral Norte. Portanto, compreendeu-se a importância dos textos em si e suas relações com a realidade sociocultural e histórica da região.

KELLNER (2001, p.132) confirma que os Estudos Culturais, nesta visão multiperspectívica, proporcionam vislumbrar e dar significado às culturas dominantes, marginais e contestadoras. E que “bons efeitos dos estudos culturais consiste em contribuir para o desenvolvimento de uma teoria e de uma política crítica da sociedade presente”. (KELLNER, 2001, p.74).

O autor explica a diferença da Cultura *da* mídia e a Cultura *na* mídia. A última trabalha desenvolvendo o jornalismo cultural a partir de indicadores, desejos, visões mais amplas sobre o processo cultural na sociedade. A cultura não se simplifica em um bem de caráter homogeneizante, mas extrapola a formas culturais diferenciadas. Já a Cultura *da* mídia usa da fonte cultural como utensílio proliferador massificante e propõe que os bens propagados advêm da própria mídia.

De certa forma a cultura da mídia não deixa de se espelhar na cultura real, só que a mídia se apropria desta cultura e cria desdobramentos, os quais a cultura naturaliza-os na sociedade como produto da mídia. São nesta naturalização da cultura da mídia que os bens culturais veiculados sofrem simplificação de capital simbólico, ao passo que são homogeneizados outros bens culturais, servindo para reforçar a cultura da indústria cultural em vigor. (GOMES, 2013, p.20).

Identidades Culturais - Outro autor que elucida questões relacionadas aos Estudos Culturais é Stuart Hall (2003) no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, no qual ele divide os apontamentos em quatro temáticas: a problemática da crise de identidade no ambiente pós-moderno (descentramento do sujeito); a questão das culturas nacionais como comunidades imaginadas; a globalização como fenômeno de mudança para a concepção do homem e de sua identidade; as questões sobre o global em detrimento do local e o retorno da etnia considerando a identidade no mundo globalizado. (GOMES, 2012, p.85).

Hall considera importante compreender o contexto histórico na pós-modernidade para

perceber de forma clara, como a identidade está se desenvolvendo neste cenário.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. [...] somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada. Este livro acrescenta uma nova dimensão a esse argumento: a afirmação de que naquilo que é descrito, algumas vezes, como nosso mundo pós-moderno, nós somos também ‘pós’ relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade. (HALL, 2003, 09-10).

Esta tese mostra mais adiante, neste Capítulo, a transformação na paisagem, valores e costumes da Cultura Caiçara no Litoral Norte Paulista. Nesta região as comunidades tradicionais, geralmente ligadas à pesca e maricultura, estão escassas, assim como a própria pesca tem diminuído. Portanto, *estas transformações estão mudando as identidades pessoais [dos caiçaras], abalando a ideia de sujeitos integrados [pois muitos, por exemplo, optam por deixar de viver na comunidade tradicional para tentar uma vida mais estável economicamente na cidade]*.

O período de análise da revista nesta tese foi a primeira década do novo milênio (século XXI), entre os anos 2002 a 2012, que revela traços da mudança estrutural ocorrida nas sociedades modernas no final do século XX.

Stuart Hall questiona a crise de identidade nas sociedades modernas. Ele propõe três concepções de identidade: *o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno* (HALL, 2003, 10).

O sujeito do iluminismo está relacionado à concepção de um sujeito centrado, unificado, que carrega consigo, para toda a vida, seu núcleo (centro), que é o seu essencial, demarcando sua característica individual. Já *o sujeito sociológico* refere-se à identidade formada por interação, considera o ambiente social em que a pessoa nasce, sua classe social, sua cultura, seu núcleo que é sua essência, só que agora sofrendo influência do mundo exterior, das interações que permeiam seu ambiente social. (HALL, 2003, p.10-11; GOMES, 2012, p.87).

E *o sujeito pós-moderno* é aquele fragmentado, sua identidade não é composta de uma única significação, mas de várias, algumas vezes até contraditórias ou não resolvidas. Ele vive identidades distintas, em diferentes momentos, identidades não unificadas ao redor de um “eu” coerente. Ele sugere que a identidade plenamente unificada é um discurso tratado por um simulacro histórico, pois o mundo está em modificação e os sistemas de significação e de

representação cultural se multiplicam, o que faz o sujeito se confrontar com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis “com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente”. (HALL, 2003, p.13; GOMES, 2012, p.87).

O caiçara enquadra-se no *sujeito do iluminismo*, que geralmente nasce na comunidade tradicional, cultiva valores simples com base na subsistência e preserva seu estilo de vida por toda a sua existência. Há também o caiçara que se identifica como *sujeito sociológico*, que valoriza o local onde nasceu, sua classe social, sua cultura e sofre influência do mundo exterior e nas interações que permeiam seu ambiente social. Esta é a configuração da Cultura Caiçara. Portanto, os integrantes das comunidades tradicionais do Litoral Norte não se enquadram na terceira categoria sugerida por Hall, de *sujeito pós-modernos*.

Hall categorizou os *sujeitos* e apontou cinco avanços da teoria social e das ciências humanas ocorridos no pensamento, na segunda metade do século XX, que corresponde ao período da pós-modernidade. O primeiro relacionado ao pensamento marxista que colocou o homem como fazedor de sua história, rompendo com a ideia de uma essência universal de homem, já que ele só avançaria considerando sua estrutura de crescimento cultural. (HALL, 2003, p.34-36; GOMES, 2012, p.87).

O segundo rememorou as pesquisa de Freud (apud HALL, 2003, p.36-40) ao definir que a criança trabalha o aprendizado gradualmente, parcialmente e com grandes dificuldades, mostrando que a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, e está sempre em processo de formação.

O terceiro grande avanço da teoria social e das ciências humanas está associado ao trabalho do linguista Saussure (apud HALL, 2003, p.40-41), no qual os seres humanos não são os autores de suas próprias afirmações ou dos significados expressos na língua; já que língua preexiste aos seres humanos como um sistema social, e não como um sistema individual. Desta forma, falar uma língua não “significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais, significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”. (HALL, 2003, p.40; GOMES, 2012, p.88).

O quarto avanço refere-se às teorias de Foucault (apud HALL, 2003, p.41-43; GOMES, 2012, p.88) que estudou a regulação e a vigilância as quais o ser humano está subordinado, a partir de oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais e clínicas, instituições estas desenvolvidas ao longo do século XIX, para policiar e disciplinar as pessoas. Hall acrescenta que “[...] quanto mais coletiva e organizada a natureza das instituições da

modernidade tardia, maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito individual”.

O quinto avanço foi o modelo do movimento feminista da década de 1960 que originou a ideia de política de identidade. “O feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a ‘humanidade’, substituindo-a pela questão da diferença sexual”. (HALL, 2003, p.46; GOMES, 2012, p.88).

Stuart Hall (2003, p.88) expõe que as culturas nacionais são construídas pelo discurso da literatura, da mídia e da cultura popular, referente ao cotidiano das pessoas e ao pertencimento delas ao local de origem, formando assim um sentimento de identidade e lealdade à nação, representada no interior das transformações sociais e políticas.

Em outro momento, Hall desfaz o conceito de cultura nacional, indicando a ideia de diferença, miscigenação e confirma que a estrutura de poder cultural representacional está se desintegrando pelo complexo ritmo de integração global. (HALL, 2003, p.57-58). Ele propõe que todo sistema de representação remete aos conceitos de tempo e espaço como estruturas bem definidas, e que a representação de cultura nacional forma fluxos culturais permitindo a partilha de identidades em diferentes regiões do mundo.

À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. [...] Quanto mais à vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (HALL, 2003, p.74-75).

Neste sentido, a revista *Beach&Co* ao publicar uma reportagem sobre a Cultura Caiçara no Litoral Norte, leva esta Cultura para o ‘mundo do leitor’, que, por exemplo, pode ser atraído a visitar o local, entre outras questões que pressupõe as trocas simbólicas e interferências na cultura tradicional. Portanto, *a Cultura Caiçara torna-se mais propícia a influências externas, sendo difícil conservar as identidades culturais intactas dos seus membros ou impedir que estas comunidades se enfraqueçam devido ao bombardeamento e a infiltração cultural*, numa releitura da autora ao trecho ora citado.

O processo de migração acelerado pela globalização fez com que cada país seja habitado por uma diversidade de culturas, identidades e civilizações, surgindo novas posições de identidade. Esses processos constituem “a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades”. (HALL, 2003, p.84).

Por outro lado Hall (2003, p.85-86) propõe o retorno à tradição para explicar duas preocupações atuais, o fundamentalismo e o nacionalismo. Os adeptos ao fundamentalismo retornam às raízes culturais de origem simbólica para continuarem vivendo como seres de identidades antigas e enraizadas no tempo. Preocupa-se com a mistura entre diferentes culturas, para não enfraquecer e destruir sua própria cultura. Não suportam pensar em identidades novas e híbridas. Já os nacionalistas criam movimentos separatistas e de independência baseados no pertencimento a seus grupos de origem. Neste sentido, as comunidades caiçaras são fundamentalistas.

Outros dois conceitos são o de fluxo e contra fluxo. Teóricos sociais consolidam a palavra “fluxo” como transdisciplinar e a entendem como “fluxos de capital, trabalho, mercadorias, informações e imagens: e, por isso, economistas, demógrafos, pesquisadores da mídia, geógrafos e outros profissionais, todos lidam com os fluxos”. (LASH; URRY apud HANNERZ, 1997, p.10).

Quando se fala em fluxos de culturas, remete-se a existência de uma reorganização da “cultura no espaço”.

À medida que a cultura se move por entre correntes mais específicas, como o fluxo migratório, o fluxo de mercadorias e o fluxo da mídia, ou combinações entre estes, introduz toda uma gama de modalidades perceptivas e comunicativas que provavelmente diferem muito na maneira de fixar seus próprios limites; ou seja, em suas distribuições descontínuas entre pessoas e pelas relações. Em parte, elas impõem línguas estrangeiras, ou algo parecido, no sentido de que a mera exposição não é o mesmo que compreender, valorizar ou qualquer outro tipo de apropriação. (HANNERZ, 1997, p.18).

Cultura – Após estas releituras, a autora passa ao conceito de “Cultura” no livro homônimo escrito por Raymond Williams (2008). O autor assinala os diversos significados de “cultura” e a maneira como eles interagem. O termo refere-se aos sentidos antropológico e sociológico de cultura como “modo de vida global”; ao sentido “mais especializado, ainda que mais comum”, de cultura como “atividades artísticas e intelectuais”, que atualmente englobam “não apenas as artes e as formas de produção intelectuais tradicionais, mas também todas as ‘práticas significativas’, desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade”.

No dicionário¹², o termo “cultura” suscita outras interpretações.

Ação ou maneira de cultivar a terra ou as plantas; cultivo: a cultura das flores.
/ Desenvolvimento de certas espécies microbianas: caldo de cultura. / Terreno

¹² **DICIONÁRIO DO AURÉLIO**. Disponível em: www.dicionariodoaurelio.com/Cultura.html. Acesso em: nov.2013.

cultivado: a extensão das culturas. / Categoria de vegetais cultivados: culturas forrageiras. / Arte de utilizar certas produções naturais: a cultura do algodão. / Criação de certos animais: a cultura de abelhas. / Fig. *Conjunto dos conhecimentos adquiridos; a instrução, o saber: uma sólida cultura.* / Sociologia - *Conjunto das estruturas sociais, religiosas etc., das manifestações intelectuais, artísticas etc., que caracteriza uma sociedade: a cultura inca; a cultura helenística.* / Aplicação do espírito a uma coisa: a cultura das ciências. / Desenvolvimento das faculdades naturais: a cultura do espírito. / Apuro, elegância: a cultura do estilo. // *Cultura de massa, conjunto dos fatos ideológicos comuns a um grupo de pessoas consideradas fora das distinções de estrutura social, e difundidos em seu seio por meio de técnicas industriais.* // Cultura física, desenvolvimento racional do corpo por exercícios apropriados. (DICIONÁRIO DO AURÉLIO, 2013 - *grifos da autora*).

Cultura significa tanto os valores e padrões de comportamento de uma sociedade, como remete a noções de civilização e de progresso. Williams (2008; LIMA, 2005) buscou a formação histórica do conceito de Cultura e assim confirma que até o século XVI, o termo era associado à ideia de cultivar alguma coisa (animais, colheitas, mentes, etc.). A partir do século XVIII, o significado ampliou, passando a significar conhecimento erudito, relacionado ao desenvolvimento social.

No século XIX, a relação entre as ideias de cultura e civilização foi questionada, já que uma não levava necessariamente à outra, e que o conceito de civilização se referia a uma situação histórica específica, no caso a dos países da Inglaterra e França. O termo Cultura passou a ser associado à religião, às artes, família, vida pessoal, significados e valores. (LIMA, 2005).

O termo passou a incorporar questões relacionadas a processos íntimos, como a vida intelectual e as artes, bem como aos processos gerais, relacionados aos diferentes modos de vida. Williams confirma que a cultura passou a ser encarada como algo dado, distinto e fora da realidade social, como uma categoria estanque, assim como política, economia e sociedade. Ele resgatou teorias culturais que permitiam pensar a cultura “idealista” e a “materialista”, também levantou as ideias de língua, literatura e ideologia, afirmando que só se pode pensar o que é cultura a partir da reflexão conjunta a estes conceitos. (LIMA, 2005).

A cultura passou a ser vista por Williams como uma força produtiva, essencial na produção “de nós mesmos e nossas sociedades”. Williams contribuiu para a elaboração de uma teoria materialista de cultura, ampliando o conceito para “um processo integral da vida”, enfatizando a interdependência da realidade social com as forças produtivas, ou seja, como elementos ativos na transformação social. (LIMA, 2005).

Nesta tese, o conceito de “cultura”¹³ adotado pela autora tem como base as considerações de Williams. No entanto, o conceito selecionado foi o de Stuart Hall (2003) que define: “Cultura não é uma prática, nem é simplesmente a descrição da soma dos hábitos e costumes de uma sociedade. Passa por todas as práticas sociais e é a soma das suas inter-relações”.

Passamos agora as pesquisas sobre a Cultura Caiçara e seu processo de transformação.

2.2. A Cultura Caiçara - O Olhar do Pesquisador

Para resgatar as características da Cultura Caiçara, a autora da tese adotou os cinco volumes da “Enciclopédia Caiçara”, organizados pelo sociólogo e professor da USP, Antonio Diegues. O primeiro volume, “O Olhar do Pesquisador” (2004a) reuniu pesquisas feitas nas áreas da antropologia, ecologia, história, arqueologia, pedagogia, economia, sociologia e outras sobre o caiçara. O segundo, “Falares Caiçaras” (2005a) resgatou o linguajar típico do povo. Os terceiro, quarto e quinto volumes, respectivamente “O Olhar Estrangeiro” (2005c); “História e Memória Caiçara” (2005b); “Festas, Lendas e Mitos Caiçaras” (2006) também integram este Capítulo.

Em “O Olhar do Pesquisador”, Diegues (2004a) contextualizou a origem histórica do caiçara que habita o litoral do sudeste brasileiro. Segundo ele, os caiçaras desenvolveram uma rica cultura tradicional que está presente em um modo de vida próprio, com base no cultivo da mandioca, na pesca, no extrativismo vegetal e na caça, relacionados aos elementos do mar e da terra. “Desde o final do século XIX toda essa região litorânea passou por um processo de decadência econômica que causou certo isolamento das comunidades caiçaras em relação aos grandes centros econômicos da região”.

Na obra “Mito Moderno da Natureza Intocada”, Diegues (2008, p.18) confirma que as populações e culturas tradicionais não indígenas são consideradas “camponesas”. Nelas, estão os caiçaras que habitam o litoral de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro; “os caipiras” do Sudeste.

São populações de pequenos produtores que se constituíram no período colonial, frequentemente nos interstícios da monocultura e de outros ciclos econômicos. Com isolamento relativo, essas populações desenvolveram modos de vida particulares que envolvem grande dependência dos ciclos naturais, tecnologias, patrimoniais, simbologias, mitos e até uma linguagem

¹³ Outro autor que focou seus estudos na cultura e na pós-modernidade a partir da realidade latino-americana foi o antropólogo argentino Néstor García Canclini, autor dos livros *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade* (1990) e *Consumidores e Cidadãos* (1995).

específica, com sotaques e inúmeras palavras de origem indígena e negra. (DIEGUES, 2008, p.18).

Ao abordar a “Cultura e modo de vida caiçara”, Diegues recorreu ao estudo do antropólogo alemão Emílio Willems, radicado nos Estados Unidos, que em 1952 publicou pesquisa sobre a Ilha de Búzios, no arquipélago de Ilhabela, no Litoral Norte Paulista. Mais adiante, a autora retoma o livro “A Ilha de Búzios – Uma comunidade Caiçara no Sul do Brasil”.

As principais características da Cultura Caiçara e das sociedades tradicionais segundo estudo de Paulo Nogara e Diegues (2005d) são:

Dependência da natureza, dos ciclos naturais e dos recursos naturais renováveis a partir do qual se constrói um “modo de vida”; conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e de manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral; noção de “território” ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente; moradia e ocupação desse “território” por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados; importância das atividades de subsistência, ainda que a produção de “mercadorias” possa estar mais ou menos desenvolvida, o que implica uma relação com o mercado; reduzida acumulação de capital; importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais; importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e atividades extrativistas; a tecnologia utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente. Há uma reduzida divisão técnica e social do trabalho, sobressaindo o artesanal, cujo produtor (e sua família) domina o processo de trabalho até o produto final; fraco poder político, que em geral reside com os grupos de poder dos centros urbanos; auto-identificação ou identificação pelos outros de se pertencer uma cultura distinta das outras. (DIEGUES; NOGARA, 2005d, p.89-90).

Seguindo esta linha, Diegues, Willems e outros autores definem a Cultura Caiçara:

Como um conjunto de valores, visões de mundo, práticas cognitivas e símbolos compartilhados, que orientam os indivíduos em suas relações com a natureza e com os outros membros da sociedade e que se expressam também em produtos materiais (tipo de moradia, embarcação, instrumentos de trabalho) e não materiais (linguagem, música, dança, rituais religiosos). [...] Usamos também o conceito *de modo de vida caiçara*, entendido como “a forma pela qual as comunidades praianas ou praiieras do sudeste organizam a produção material, as relações sociais e simbólicas dentro de um determinado contexto espacial e cultural”. (DIEGUES, 2004a, p.22).

Para ser chamada “comunidade tradicional” é preciso unir vários requisitos.

O fato de não utilizarem a escrita, de serem sociedades em que o conhecimento é gerado e transmitido pela oralidade através de um linguajar

particular; conhecerem os ciclos naturais e dependerem deles para sua sobrevivência; de viverem em pequenos aglomerados com atividades organizadas no interior de unidades familiares, em que as técnicas têm baixo impacto sobre a natureza, fazem que as comunidades caiçaras possam ser definidas como “tradicionais”. (DIEGUES, 2004a, p.22).

Já a “tradição caiçara” é entendida como:

um conjunto de valores, de visões de mundo e simbologias, de tecnologias patrimoniais, de relações sociais marcadas pela reciprocidade, de saberes associados ao tempo da natureza, músicas e danças associadas à periodicidade das atividades de terra e de mar, de ligações afetivas fortes com o sítio e a praia. Essa tradição, herdada dos antepassados, é constantemente reatualizada e transmitida às novas gerações pela oralidade. É por meio da tradição que são usadas as categorias de tempo e espaço e é por meio dessas últimas que são interpretados os fenômenos naturais. Tradição é entendida não como algo imutável, mas como um processo histórico pelo qual elementos da cultura chamada moderna são continuamente reinterpretados e incorporados ao modo de vida. (DIEGUES, 2004a, p.22-23).

Portanto, a Cultura Caiçara moderna é continuamente reinterpretada e surgem novos elementos que são incorporados a este modo de vida como confirma Stuart Hall que entende a Cultura não apenas como uma soma dos hábitos e costumes de uma sociedade, mas passando por todas as práticas sociais sendo a soma das suas inter-relações.

Sobre o estereótipo do caiçara como praiano indolente, Willems citando Diegues propõe que só mesmo quem não conhece esta Cultura pode ter tal preconceito.

Como pode o caiçara ser considerado vagabundo, indolente, preguiçoso ou fraco, homem que passa o tempo todo na prática da pescaria, remando de sol a sol, a favor ou contra a correnteza, que se aventura mar adentro, com o tempo calmo ou mesmo quando o mar está, no dizer deles, ruim, agitado? O caiçara não se descuida da hora da pescaria e da visita aos cercos e na recolhida da rede de espera e dos espinhéis. Quando não pode executar nenhuma dessas atividades, passa o tempo a remendar suas redes e a cuidar dos outros apetrechos da pescaria. (WILLEMS in DIEGUES, 2005a, p.22).

Diegues confirma que as comunidades tradicionais brasileiras desenvolveram instrumentos cognitivos para identificar mudanças no meio ambiente, para buscar novas alternativas. E que por isto, a cultura “não é um conjunto estático de significados, valores e comportamentos, podendo ser considerada também como um instrumento flexível e resiliente que fornece aos humanos a capacidade de se adaptar a novas situações (JOHNSTON in DIEGUES, 2004a, p.23)¹⁴”.

Ao abordar “a origem dos sítios e povoamento”, o autor explica que a história caiçara

¹⁴ Johnston, Barbara. Series Forword. In: Fitzpatrick, J. (ed.). **Oceania: Struggles to Survive and Thrive Endangered Peoples of the World**. Londres: The Greenwood Press.

ainda está por ser escrita. Já que o modo de vida dessa população foi se construindo, “provavelmente a partir do século XVII, ao longo do litoral sudeste, nas zonas rurais/litorâneas. As características culturais hoje conhecidas consolidaram-se entre meados do século XIX e meados do século XX”. (DIEGUES, 2004a, p.23-24). Dessa forma, os caiçaras “aparecem de forma marginal, às vezes caricatural e preconceituosa. As descrições mais detalhadas dos “praianos” ou caiçaras aparecem somente a partir dos anos de 1940”.

Sobre o “território” das comunidades caiçaras, Diegues (2004a, p.24-25) esclarece que a menor unidade espacial é o sítio ou a praia, onde o caiçara morava com a família, ao lado de vizinhos. O bairro já é uma concentração de casas, nem sempre próximas, mas existe a “venda” ou “chiboca” (mercadinho), uma capela e a escola. Os territórios habitados pelos caiçaras nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná são esparsos e descontínuos, havendo diferença no vocabulário (linguajar) e nas relações com as cidades. “Somente nas ilhas pode-se afirmar que o modo de vida caiçara” ocupa todo o território.

De acordo com Antônio Diegues (2004a, p.31), o linguajar típico dos caiçaras perde força com a expansão da educação primária (professores não nativos ministram as aulas nas comunidades), e devido a influência do rádio e da televisão que contribuem para a uniformização da linguagem.

Referente às atividades econômicas desempenhadas na atualidade pelo caiçara, está à pesca, que se junta ao turismo, os serviços e o artesanato. “É evidente que o abandono da agricultura, muitas vezes forçado, levou o caiçara a uma dependência quase total do mercado”. (DIEGUES, 2004a, p.33).

O litoral norte sofreu, de forma mais drástica, a invasão do território, cujos proprietários não tinham título legal das terras, considerados pelos especuladores como simples “posseiros”. Os caiçaras não somente não tinham documento das áreas consideradas de uso comum, onde praticavam a agricultura, a coleta, a caça e a pesca e que circundam a vila, mas também do próprio terreno onde estava sua casa. O litoral norte na década de 1950 e 1960 sofreu o impacto maior dos veranistas e especuladores de terra por se encontrar no caminho do Rio de Janeiro e São Paulo, e porque suas pratas, por sua beleza, atraíram pessoas de alta renda, comparando-se com as do litoral sul. (DIEGUES, 2004a, p.31).

Em certos casos, o caiçara, depois de vender sua propriedade se tornava caseiro do novo proprietário e ia morar nas encostas das serras e sertões dos bairros. As incorporadoras, além de expulsarem as populações nativas, trouxeram trabalhadores da construção civil para atuar no litoral, o que contribuiu para a ampliação de favelas.

Neste sentido, a migração foi incorporada ao modo de vida caiçara. O trabalho temporário dos jovens, seja nos bananais ou na pesca embarcada, foi incorporado aos novos

padrões culturais. Diegues cita Elza Coelho de Souza, em “Pescadores do Litoral Sul” (1956), para mostrar o deslocamento dos caiçaras. “Constantemente se deslocam de um ponto a outro do litoral em busca de enseadas mais abrigadas e de pesqueiros melhores e mais ricos”. (SOUZA in DIEGUES, 2004a, p.35). Mais recentemente a migração do caiçara foi alterada, pois ele não está retornando aos lugares de origem devido à perda de suas terras nas praias e por ter sido atraído para a vida urbana.

Sobre a “urbanização do território caiçara”, Carlos Diegues confirma que:

A maioria das cidades litorâneas estudadas sempre tiveram “bairros de pescadores” situados próximos aos portos de desembarque como o de São Francisco em São Sebastião, o Portinho, no centro de Ubatuba [...]. Parte desses pescadores/caiçaras tinham vindo das praias mesmo antes dos anos 1950 e mantinham contatos com os parentes que tinham ficado lá, ao passo que outros tinham nascido nesses bairros. [...] A maioria deles vive aí há mais de uma geração, sobrevivendo em grandes dificuldades, e muito mantêm contato com os parentes que permaneceram nas praias de origem. (DIEGUES, 2004a, p.36).

Na década de 1950, em Ubatuba, por exemplo, com o dinheiro da venda da posse das áreas, os caiçaras compraram botes a motor, passaram a pescar camarão, foram morar na cidade. Com o abandono da agricultura nas praias, passaram a depender da pesca, tornando-se pescadores artesanais urbanos.

Pescadores-lavradores e pescadores artesanais faziam parte de um mundo ao mesmo tempo idêntico e diferente. [...] Ambos são produtores independentes, mas ambos são sem poder, são grupos dominados. Ambos conservam ainda, em maior ou menor grau, a propriedade dos bens de produção e do saber-fazer/conhecer: uns mais vinculados a terra, outros mais ao mar. [...] Para os pescadores artesanais a cidade é o mercado por excelência, onde dia a dia eles se defrontam com os atravessadores no momento de vender o peixe. É aí também que vão procurar o combustível, o gelo, o óleo. É aí que eles habitam também, geralmente em casas pobres, nos arrabaldes da cidade, ou entulhados na área do porto. Desapareceu a roça, a plantação e surgiu o mar, para onde diariamente saem para buscar o peixe, imediatamente transformado em valor de troca. (DIEGUES, 2004a, p.36-37).

Grande parte dos pescadores artesanais atualmente sonha em ter a própria embarcação e continuar a trabalhar de forma independente. O trabalho embarcado em traineiras é considerado vida de escravidão e, por isto, desprezado pelo pescador artesanal que só o aceita em caso de muita necessidade. Os pescadores e lavradores são raros nas praias e acabam combinando a pesca, o artesanato, o extrativismo e a construção civil para sobreviver. (DIEGUES, 2004a, p.37).

Segundo Diegues (2004, p.39), nos anos de 1980, a vida dos caiçaras pobres e os não caiçaras nos bairros, mudou por vários fatores: abertura de novas estradas, especulação

imobiliária, construção civil, rápida urbanização, aumento de áreas protegidas e a redução do mercado de trabalho.

[...] que praticam o modo de vida hoje mais ligado à pesca, pode-se estimar a população caiçara em torno de 80.000 a 90.000 indivíduos. Estes números dão somente uma noção de ordem de grandeza dos “remanescentes caiçaras”, e uma estimativa mais precisa precisaria ser realizada mediante minucioso trabalho estatístico, sabendo-se que, ao final, poder-se-ia estimar somente os que podem ser incluídos na categoria de modo de vida caiçara. É difícil saber o número real de caiçaras quando se utilizam outros critérios adicionais, como o de auto reconhecimento. (DIEGUES, 2004a, p.39).

O dado acima confirma a existência de cerca de 90.000 caiçaras no litoral do sudeste e sul brasileiro. E sobre as transformações na Cultura Caiçara, Diegues (2004a, p.39) confirma que nenhuma cultura tradicional existe em estado puro.

As culturas tradicionais não são estáticas, estão em constante mudança seja por fatores endógenos ou exógenos, sem que por isso deixem de estar inserida em um modo de produção que denominamos de pequena produção mercantil. Assimilação de determinados padrões de consumo da sociedade capitalista nos países capitalistas periféricos não significa necessariamente mudança radical de padrões culturais básicos, uma vez que toda cultura tem capacidade de assimilar elementos culturais. (DIEGUES, 2004a, p.39).

Hoje, Diegues confirma que as comunidades caiçaras integram uma pequena produção mercantil e são marcadas pela incorporação de elementos culturais das áreas para onde migraram. “A mudança é, portanto, um modelo de cultura”. (DIEGUES, 2004a, p.42).

As questões turística e ambiental alteraram a vida do caiçara. O turismo mudou a paisagem litorânea caiçara, que se intensificou a partir da década de 1970, no Litoral Norte, com a abertura da BR-101 e no litoral sul com a melhoria das estradas federais e estaduais. A revista *Beach&Co* mostrou nos anos 2000, as transformações na vida do caiçara com a chegada do turismo que é a principal vocação das cidades em estudo.

O impacto mais negativo [do turismo] tem sido a resultante de construção de casas de veraneio e outras instalações turísticas nas praias, o que resulta na venda das posses caiçaras a turistas e a transformação dos moradores locais em caseiros, já a partir dos anos 1940. Nesse período o caiçara era tido como “preguiçoso de praia”, indolente, preconceitos que serviam para justificar a expropriação de suas praias e a forçada subida aos morros, com a correspondente dificuldade crescente de manter seus ranchos de pesca. O mesmo preconceito reaparece mais recentemente com a imagem do caiçara destruído das matas, que tem justificado a transformação de seus territórios em “áreas naturais”, reforçando sua marginalização. (DIEGUES, 2004a, p.44).

Há vários estudos sobre o comportamento do caiçara diante da invasão turística. A maioria mostra “uma desorganização do modo de vida tradicional pela modernidade. [...] Em

alguns casos, como em Boiçucanga, formam-se verdadeiros guetos caiçaras, com suas casas encurraladas pela avalanche de residências secundárias”. (DIEGUES, 2004a, p.44).

Nos meses de verão, os caiçaras adaptam suas embarcações de pesca em barcos de transporte de turistas, já suas casas são transformadas em pousadas. Há comunidades que desenvolvem projeto de Turismo de Base e se organizam em associações para estabelecer passeios, oferecer pousada, mostrarem suas atividades aos turistas como a fabricação da farinha, a visita aos cercos de pesca, as danças tradicionais, a contação de causos etc. (DIEGUES, 2004a, p.45).

O professor Luiz Geraldo Silva, da Universidade Federal do Paraná, em artigo publicado no primeiro volume da Enciclopédia Caiçara, fez um estudo etnográfico histórico do mundo caiçara ressaltando que relacionar “caiçara” a “pescador” e “caiçara” a “homem do mar” é uma associação falsa do ponto de vista histórico, já que o caiçara sempre desenvolveu várias atividades “altamente interdependentes”. (SILVA in DIEGUES, 2004a, p.49-51).

Silva confirma que o caiçara paulista produzia apenas o necessário a subsistência, conseqüentemente, ele não acumulou bens em sua vida. Em seguida, o autor passa a discutir as definições de *caiçara* do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975). Dentre as definições, ele inclui algumas nada lisonjeiras: caipira; praiano; malandro, vagabundo; desbriado.

O “caiçara” era, segundo a última definição, o sujeito “sem brio”, isto é, avesso ao trabalho regular, aos hábitos de consumo e ao tempo do relógio – valores caros à cultura urbana que o definia de longe. No Aurélio acham-se também definições de “caiçarada”: conjunto de caiçaras; dito ou ato de caiçara. Há também um sentido pejorativo aplicado ao termo caiçarada, como ocorre ao popular baianada, este definido pelo mesmo dicionário como “fanfarrice, impostura de baiano”. (SILVA in DIEGUES, 2004a, p.58).

No mesmo artigo, constam outras definições do termo caiçara de Kilza Setti (1985) como “caipira asselvajado” e “caboclo do litoral”. Estas são próximas às definições do dicionário de Cândido de Oliveira (1967): “Caboclo que vive no litoral do Brasil”.

Essas definições aparentemente esdrúxulas são mais importantes do que se supõe à primeira vista. Em primeiro lugar porque o próprio “caiçara” paulista, até muito recentemente -década de 1970- não gostava de se autor-representar por este designativo. No caso de Ubatuba, ele preferia referir-se a si próprio como “ubatubano”, “praiano” ou “barriga-verde” -a última expressão derivada da ampla inclusão de banana verde em sua dieta. Mas curioso, porém, é que os “ubatubanos”, provavelmente em decorrência de rixas com seus vizinhos de Ilhabela e São Sebastião, chamavam a estes de “caiçaras” (SETTI, 1985).

Nesta lógica:

Certamente neste caso vinha à mente dos primeiros as associações que a cultura urbana e capitalista de Serra Acima fazia entre “caiçara” e “desbriado”, “vagabundo” ou “malandro”. Esta não valia para o “barriga-verde”, mas podia aplicar-se a outros “praianos” com os quais os primeiros não simpatizavam. Este é, notoriamente, um caso curioso de manipulação simbólica de identidade. Em segundo lugar, as associações entre “caiçara” e “caipira”, “asselvajado”, “caboclo” ou, sinteticamente, “caboclo do litoral”, podem parecer sem sentido para os dias de hoje, mas não o eram para um passado recente. Como se sugeriu anteriormente, o referencial cultural por excelência do “praiano” do litoral paulista não era o mar, mas a terra. (SILVA in DIEGUES, 2004a, p.59).

Em outro artigo da Enciclopédia, “Saberes patrimoniais pesqueiros”, a antropóloga, Lúcia Helena de Oliveira Cunha, professora da Universidade Federal da Paraíba, confirma que os caiçaras aparecem desprovidos de um sentido de tempo e que suas tradições são marcadas pela repetição e estabilidade, o que se contrapõe ao mundo moderno com ritmo acelerado e contínuo de mudanças. Esta relação do caiçara com “seu próprio tempo” foi a principal abordagem da reportagem “Bem-vindo ao reino do sossego” que mostrou o dia a dia da comunidade caiçara da Praia de Serraria em Ilhabela, na edição n.91 da *Beach&Co*, em janeiro de 2010.

Ver o caiçara “como povo ausente de história, como se ultrapassado, é negar uma relação secular com o ambiente em que vive e todo um conhecimento acumulado no tempo para sua reprodução social e dos ecossistemas de que faz parte”. (CUNHA in DIEGUES, 2004a, p.106).

No artigo “A pesca artesanal na praia do Bonete”, em Ubatuba, os pesquisadores Walter Barella e Mariana Clauzet, confirmam que o caiçara desta praia construiu bares na beira do mar, trabalha como caseiro nas casas de veraneio e é pescador, pedreiro, pintor, entre outras atividades.

A comunidade de pescadores local é assistida pela Colônia de Pescadores Z8 “Benjamim Constant” com sede em Caraguatatuba. Além da assistência médica, licença de pesca, gelo para conservação do pescado, entre outros benefícios, a maior importância da Colônia de Pesca, reconhecida pelos pescadores locais, é o pagamento de aproximadamente três salários mínimos a cada pescador cadastrado durante a época de resguardo de pesca, período de proibição da pesca de arrasto de camarão estabelecido pelo Ibama como prática de manejo para a reposição de estoques pesqueiros. [...]. Os pescadores locais que no verão trabalham na praia vendendo peixe, fazendo transporte de turistas e pescarias, não se sentem incomodados com a presença da Marinha no local [...]. (CLAUZET; BARELLA in DIEGUES, 2004a, p.150-151).

As pesquisadoras confirmam que há conflitos entre caiçaras e turistas, pois nos meses fora da temporada de verão, os caiçaras utilizam as praias como “o quintal da casa” e nas

férias os turistas acabam invadindo esta área. Mesmo sentindo-se “sem espaço”, o caiçara entende o turista como uma fonte de renda.

Seja qual for a situação financeira dos pais, é muito comum na região que os filhos ajudem na renda das despesas familiares, independente de morarem juntos ou não [...]. A maioria das mulheres caiçaras são caseiras nas casas de turistas, ganhando em torno de um salário mínimo por mês e os homens trabalham como jardineiros, pedreiros ou “barqueiros”. [...] As crianças da enseada do Mar Virado querem ser pescadores quando crescerem. Alguns ainda vão mais longe e, indagados sobre o futuro, dizem querer fazer parte da Marinha do Brasil ou ter uma escuna para fazer passeios com os turistas. (CLAUZET; BARELLA in DIEGUES, 2004a, p. 156).

Portanto, a referência da identidade caiçara está presente no Bonete, principalmente nas crianças. Na conclusão do artigo científico consta que a experiência da atividade pesqueira é transmitida pelos mais velhos aos mais jovens; de que falta nesta comunidade certa organização para utilizarem melhor os recursos da natureza; de que a maioria dos moradores gosta da vida que tem e querem continuar morando ali.

Candice Mansano, mestre em Educação, no artigo “Do tempo dos antigos ao tempo de hoje, o caiçara de Camburi entre a terra e o mar”, aborda como vivem os caiçaras neste reduto de Ubatuba, na divisa com Paraty/RJ. O sentimento de pertencimento dos moradores de Camburi é devido à localidade, ao parentesco e ao intercâmbio entre as famílias e as pessoas da comunidade. Parte das terras do bairro foi expropriada em 1985, no início da construção da sede do Núcleo Picinguaba, e com a chegada dos aparatos e de pessoal para a fiscalização. O Núcleo foi incorporado ao Parque Estadual da Serra do Mar em 1979. (MANSANO in DIEGUES, 2004b, p.195).

Falar do presente sem remeter-se ao passado pareceu-me tarefa impossível ao caiçara de Camburi. Para falar de sua vida hoje é preciso dizer que: “Hoje nós é chamado comunidade mas não foi sempre assim”, que “Antes o que mandava aqui era ser parente”, que “A terra antes podia ser usada por todo mundo e o caiçara tinha sua demarcação própria”, enfim, os dias de hoje são refletidos com patamares no passado. [...] a grande maioria não possui a documentação legal da terra e os que possuem estão sendo, mesmo assim, expropriados por estarem privados de utilizá-la. Nos dias de hoje, ser parente e residir no bairro há “muito mais de cinquenta anos” são dados importantes, não só por serem essências para se caracterizar modo particular de ser e viver, mas, sobretudo, por serem percebidos pelos próprios caiçaras como instrumento de resistência à expropriação definitiva de suas terras, já que teriam o direito de permanência na terra de seus ancestrais. (MANSANO in DIEGUES, 2004b, p.195-196).

Os próprios moradores definem que quem nasce em Ubatuba já nasce caiçara, “mas pra ele se manter como um caiçara ele tem que [...] mexer com pesca, com artesanato, com

roça. Se um caiçara que mora aqui, por exemplo, não conhecer o que é um azul-marinho, ele não é um caiçara de verdade”. (MANSANO in DIEGUES, 2004b, p.199). Portanto, “existe uma diferença entre as pessoas que nasce e as que nascem e sabe das coisa do lugá”, e assim compartilha os saberes e técnicas características desta cultura.

Mansano recorre a Brandão (1986) e a Chauí (apud BOSI, 1983) para explicar o que entende por “cultura”. Segundo Brandão, cultura é tudo aquilo que se lê, que os homens trocam entre si na vida em sociedade, as mensagens e os significados da vida social e humana. Para Chauí a cultura é um campo simbólico e material das atividades humanas.

Um caiçara de Camburi entrevistado por Mansano (in DIEGUES, 2004b, p.200), explica que precisa ter saberes específicos relacionados diretamente ao preparo do típico prato da culinária, o azul-marinho. Tem de “consertar (limpar) o peixe na véspera, saber o momento certo de se colher a banana (nem verde e nem madura) e de colocá-la no cozido”. Já os temperos certos que darão sabor ao cozido estão relacionados à mata, onde o caiçara os coleta. “Com isso, ao refletir sobre o preparo desta receita, podemos avançar na compreensão da cultura caiçara, tanto em seus aspectos simbólicos – relacionados aos saberes – quanto em seus aspectos materiais – relacionados às técnicas”.

Os caiçaras de Camburi relatam histórias de opressão, marginalização e violência em seu universo simbólico e material. “De uma hora para outra, novas regras ditadas por leis, decretos, artigos e incisos deveriam ser adotadas para alegar quem eram os donos da terra. E mais, essa nova linguagem dizia o que eles não podiam mais ter: a terra em comum”. (MANSANO in DIEGUES, 2004b, p.206).

A construção na rodovia Rio-Santos nas décadas de 1960/70 foi um impulso para os empreendimentos turísticos chegarem a Camburi e região. Os próprios caiçaras entendem que este foi o ponto crucial para suas terras passarem a ter interesse de compradores. “Venderam porque quiseram, mas este “querer” foi acompanhado por graus diferente de “dever-querer”, pois muitas vezes chegaram a ser coagidos e enganados”, esclarece Mansano (in DIEGUES, 2004b, p.207).

O velho caiçara de Camburi começa sua explanação [...] “A moça já pensou que quem construiu esta estrada matou esse rio é do mesmo Governo que hoje impedi nós de plantá? Eu atravessava esse rio nadando e hoje pra atravessá não molha nem a meia”. Presenciando os danos ao meio natural onde vive, ocasionados pela construção de rodovia, como pode o caiçara entender que é o seu modo de vida o destruidor da natureza?. (MANSANO in DIEGUES, 2004b, p.216).

Neste mesmo período, o Governo Federal veiculou em jornais, artigos exaltando as vantagens do turismo e dizendo que as populações caiçaras estariam tendo melhoria de

condições de vida. A maioria dos caiçaras de Camburi abandonou a roça e foi trabalhar nas cidades. Dessa forma a família se reorganizou como força de trabalho e reinventou suas tradições. “Ao reconstruir seu espaço de vida e trabalho, o caiçara atravessa um momento de reinvenção de suas tradições, abandonando o modo de ocupação tradicional”. Quando o espaço na roça não é mais suficiente, os filhos se viram obrigados a mudar de bairro e deixar as tradições agrícolas e pesqueiras. (MANSANO in DIEGUES, 2004b, p.209).

Saber lavrar a terra, saber escolher o “cheiro” certo para dar sabor ao azul-marinho, saber pescar o peixe no lugar e na época certa... foram se tornando saberes cada vez menos almeçados pelos jovens caiçaras. Se antes precisavam de pouco dinheiro “pra comprá querosene e sal”, passaram a precisar de mais, muito mais... “pra comprá roupa melhor, comprá comida na cidade, um fogão a gás...quem sabe comprá um carro!?” (MANSANO in DIEGUES, 2004b, p.213).

Observa-se o abandono de saberes e técnicas vigentes no sistema tradicional, em resposta a imposições e exigências do sistema urbano-industrial. Mas o caiçara resiste e sabe que se: “eu chegá aqui e passá a mão na minha foice, no meu machado e for descultivá uma nascente de águas eu tô prejudicando a mim mesmo e meus familiares”. O caiçara sabe que não pode desmatar senão poderá ser preso. (MANSANO in DIEGUES, 2004b, p.213).

E sobre a atitude do Estado de “silenciamento” sobre os questionamentos dos caiçaras relacionadas às leis ambientais, Mansano (in DIEGUES, 2004b, p.217) recorre a Eni Orlandi para compreender o significado deste silêncio que pode ser considerado “tanto parte da retórica da dominação (a da opressão como de sua contrapartida), a retórica do oprimido (a da resistência)”.

Na elaboração do Plano de Gestão do Parque Estadual da Serra do Mar, de início, os caiçaras não queriam participar. Depois, começaram a pensar: deveriam ir aos encontros, afinal, se nada mudasse, pelo menos estariam presentes para tentar evitar que algo pior pudesse lhes acontecer. Durante as reuniões de elaboração do Plano de Gestão do Núcleo Picinguaba, o estado falou assim como deu voz aos pesquisadores, ONGs, Prefeitura, mas os caiçaras quase não falaram, pois poucos entenderam a linguagem que envolve termos técnicos. “Estar presente e em silêncio foi estratégia para serem lembrados. “Mudá, não vai muda. Nós vai pra pelo menos nossa situação não piorá. Ele podem querê tirá nós daqui’. O raciocínio do caiçara revela medo e resistência”. (MANSANO In DIEGUES, 2004b, p.218).

Em artigo sobre as Políticas de Conservação Ambiental, a professora Sueli Angelo Furlan da USP entrevistou moradores de Ilhabela que revelaram a “nova identidade” do arquipélago imposta pelo turismo. A professora buscou saber se a gestão do Parque Estadual de Ilhabela, criado em 1977, é território e lugar para os ilhéus no sentido amplo da cultura. Os

entrevistados foram pescadores artesanais e assalariados, servidores públicos, empresários e migrantes de várias cidades, que vivem dos serviços ligados ao turismo e da construção civil.

Ainda hoje como há 50 anos, Furlan (in DIEGUES, 2004b, p.230) confirma que a vida nas comunidades de pescadores artesanais é bem simples, sem energia elétrica (a não ser a de geradores) e com dificuldades na assistência à saúde e de escolas. “Apesar da riqueza de saberes, são vistos com certo preconceito. O sentimento de pertencerem às comunidades em que cresceram é um fator de identidade e de coesão interna”.

Na ilha de São Sebastião, tanto os moradores urbanos, como as comunidades tradicionais, em diferentes faixas de idade, nascidos ou não na ilha, identificam as seguintes imagens recorrentes do lugar e da ilha: beleza, maravilha, paraíso, lugar bom, tranquilo, água pura, paz, sossego. Estas imagens foram ressaltadas na revista *Beach&Co*.

Apesar de Ilhabela ser considerada por eles como “maravilhosa e bela”, na vida real há conflitos com o parque e com o turismo. Para os caiçaras a natureza é divindade, recurso, meio de vida e de existência. Para os moradores urbanos, a natureza está representada pela dimensão mais contemplativa. “Os que dependem das áreas protegidas para seu modo de vida, a situação piorou em vez de melhorar. Os jovens foram se afastando de suas terras, em busca de condições de sobrevivência nas cidades”. (FURLAN in DIEGUES, 2004b, p.243).

Ao criar o Parque Estadual, o Estado causou impactos econômicos e sociais nas comunidades residentes, restringindo as atividades econômicas e desvalorizando as terras. Furlan conclui que há enorme resistência de ambientalistas e dos órgãos públicos para permitir a adequada permanência dessas comunidades nas áreas que ocupam.

Recusam-se a reconhecer que as práticas tradicionais (intencionalmente ou não) permitiram a conservação da área. Desprezam o conhecimento do ambiente que essas populações possuem. Não vislumbram o potencial deste conhecimento para o desenvolvimento de formas sustentáveis de aproveitamento de floresta. Também não conseguem perceber que, se estas populações permanecerem na área, usufrutuárias que são da floresta, será do interesse delas protegê-la de eventuais ações predatórias, facilitando o controle sobre a área como um todo. [...] Não foram feitos, até hoje, estudos visando, pelo menos, o realojamento adequado dessas pessoas. (FURLAN in DIEGUES, 2004b, p.247).

Outro artigo da Enciclopédia Caiçara foi o dos professores do ensino médio e fundamental Maria Del Carmem Calvente, Maria Tereza Martines, Wanda Maldonado (socióloga) e Wladimir Fusaldo que trabalharam nas escolas do arquipélago de Ilhabela na década de 1980, oriundos da capital, São Paulo. (CALVENTE et al in DIEGUES, 2004b, p.263).

Tornou-se consenso no grupo, que o professor para ser educador deveria considerar a realidade vivencial dos alunos (educação dialógica). Eles ouviam dos moradores mais antigos que a Cultura Caiçara estava quase extinta e, neste contexto surgiu a questão do que é ser caiçara hoje. A princípio, o termo remetia ao caiçara como sendo o morador tradicional de uma parcela do litoral brasileiro. Em outros momentos a palavra caiçara era usada apenas para os nativos que praticavam as atividades tradicionais. (CALVENTE et al in DIEGUES, 2004b, p.265).

Se, num primeiro momento, o ser caiçara aparecia nas escolas como algo a ser ocultado, pois podia acarretar preconceitos, durante as entrevistas o que observamos, muitas vezes, foi uma manifestação orgulhosa, notadamente, entre os mais velhos, uma declaração de identidade cultural, de pertencer ou de estar entre os primeiros a conhecer/delimitar/criar um determinado território. Para que esta visão interna do ser caiçara faça sentido, é importante compreender a cultura como um processo dinâmico, em constante mutação, um aprendizado das relações entre o homem e seu meio. [...] Portanto, não podemos procurar como cultura caiçara a que existia há décadas, antes da penetração da atividade turística no território. Podemos analisar, que ser caiçara hoje é uma declaração de territorialidade, ligado à luta pela permanência no território, uma forma de resistência que nos pode soar bastante ambígua, ambiguidade essa que é própria das manifestações culturais, em estratégias criadas e recriadas em séculos de dominação. (CALVENTE et al in DIEGUES, 2004b, p.268).

Os caiçaras se dividiam ao considerar o turismo como “negativo”, pois o abandono das atividades de subsistência fez que a vida cotidiana piorasse ou como “positiva”, pois foram criadas atividades econômicas como acampamentos, restaurantes e os pescadores podiam vender o pescado a melhores preços, durante a temporada, para os turistas. (CALVENTE et al in DIEGUES, 2004b, p.270).

Os professores concluíram que o saber empírico dos caiçaras é um ponto de partida para o conhecimento sistematizado nas escolas, utilizando práticas pedagógicas como os calendários vivenciais e o estudo do meio ou o estudo de bairro, estimulando a prática do diálogo, inclusive com os migrantes.

O geógrafo Paulo Noffs publicou estudo sobre os caiçaras do Toque-Toque Pequeno, e a mudança no bairro a partir de 1962, com a chegada da rodovia que liga São Sebastião a Bertioga. Na década de 1930, havia um pequeno engenho de roda d’água nesta praia, produzindo aguardente, e as terras eram cobertas de plantações de cana de açúcar. O escoamento da produção era garantido pelas canoas de voga. Em 1931, o engenho foi fechado, a pesca de cerco e a cultura da banana-prata passaram a prevalecer no bairro e perduram até os dias atuais. (NOFFS in DIEGUES, 2004b, p.276).

A pesca de cerco foi introduzida pelos japoneses por volta de 1940. Em 1960, 94 moradores (19 famílias) caiçaras residiam em Toque-Toque Pequeno e viviam do cultivo de milho, feijão, batata-doce e mandioca (com a qual faziam farinha), próximas às residências; da pesca de tresmalho, arrastão e cerco; da organização do habitat, já que no terreno ao redor da casa tinha fruteiras de abacate, jaca, manga, mexerica carioca, cana, banana e ervas, além da venda da bananada e do artesanato. A alimentação tinha como base a farinha da mandioca com banana e peixe, e às vezes, uma carne de caça.

Retiravam-se também da mata: a madeira para o fabrico de canoas e utensílios domésticos; as varas de pau-a-pique e madeirame em geral para a construção das casas de barro (em 1962 nenhuma casa de caiçara era de alvenaria); e a lenha, o único combustível queimado na cozinha. O artesanato era atividade de grande importância: era necessário “produzir dentro da casa todo o possível”, pois o dinheiro obtido com a venda da banana e dos excedentes da roça e da pesca não era suficiente para suprir as famílias de tudo que necessitavam. [...] Parte do vestuário era confeccionada de sacos de sal ou farinha. Algumas famílias tinham tear manual para confecção de tecidos. Dormia-se em colchões feitos com palha de sapé. [...] As cachoeiras era de vital importância pois, não dispondo de encanamentos e nem de poços, a água era coletada diretamente nos ribeirões e transportada em baldes ou potes para as residências. Os habitantes serviam-se diretamente delas para o banho, lavar roupa, limpar o peixe, etc. (NOFFS in DIEGUES, 2004b, p.282-283).

Na ausência do Estado, as famílias locais eram solidárias umas com as outras, estabelecendo regras de convivência, organizando festas religiosas e lúdicas, jogos esportivos e garantindo a livre circulação das pessoas na praia e no sertão.

Durante os anos 1960, pequenos empresários ou comerciantes compraram parcelas do solo com a finalidade de construir a segunda residência. Neste momento, o caiçara entendia que a venda da posse não era uma ruptura, mas significava ter um dinheiro e mudar-se para outro local próximo, junto aos parentes. Para o comprador, era diferente. A terra era comprada por um preço muito barato para depois negociá-la. (NOFFS in DIEGUES, 2004b, p.286).

O capitalismo em Toque-Toque Pequeno promoveu melhoria nos meios de transporte, facilitou a colocação da produção local no mercado e introduziu relações de trabalho assalariado, mas foi responsável pela desorganização da família como unidade. Outras mudanças foram introduzidas, já que o pescado passou a ser entregue fresco, diretamente para o intermediário, que o transportava para as peixarias de São Sebastião ou para o Ceasa (Centro Estadual de Abastecimento). O preço pago aos pescadores era regulado pela cotação do produto no mercado atacadista de São Paulo. As antigas embarcações motorizadas foram substituídas pelos caminhões, mais regulares e eficientes. Outras interferências no modo de vida tradicional foram a introdução da linha de ônibus, por volta de 1968, ligando a “costa” a

Santos e a São Sebastião, e a instalação da rede de distribuição elétrica, em 1972, e que com a televisão, trouxe novos hábitos de consumo e conforto. (NOFFS in DIEGUES, 2004b, p.287).

A situação de mudança, de transição, era tão marcante que, às vezes, num mesmo dia, se podia encontrar uma pessoa visitando o cerco e recebendo em produto, depois cortando banana em seu bananal e, na parte da tarde, vendendo meio dia de serviço como servente em alguma obra para edificação de segunda residência. [...] Nos fins de semana prolongados e nos meses de férias escolares, era grande o número de campistas que afluíam para essa praia. A partir de 1977, camping foi proibido nas áreas públicas do Toque-Toque Pequeno, sendo permitido apenas em terrenos particulares. [...] Em 1972, a empresa Albuquerque & Takaoka começou a investir no Toque-Toque Pequeno. Em 1977, após ter adquirido mais de 80% das terras disponíveis, iniciou as obras de edificação de um grande loteamento. Dos caiçaras que venderam suas propriedades, uma parte transferiu-se para as cidades da região, geralmente Santos, São Sebastião e Guarujá. Outra permaneceu no Toque-Toque Pequeno, morando agora em terras acima da estrada. (NOFFS in DIEGUES, 2004b, p.282-280-290).

O espaço hoje, não só em Toque-Toque, mas na Costa Sul de São Sebastião, está consolidado como espaço do turismo, com segundas residências, cujos proprietários determinam, por meio das “sociedades de amigos de praia”, as regras da convivência e da circulação. Neste novo espaço o caiçara é considerado apenas uma mão de obra que garante a limpeza da rua, das casas e dos jardins, e algumas vezes para fornecer peixe fresco. (NOFFS in DIEGUES, 2004b, p.291).

Este foi o cenário mostrado na revista *Beach&Co*, na edição n.54, em 2006, cujo enfoque foi à beleza natural da praia. Dois pescadores foram entrevistados e citaram aspectos da culinária, das festas religiosas, da corrida de canoa e da tradição pesqueira do local. Não foi citado na reportagem o processo de especulação imobiliária.

Paulo Noffs concluiu sua pesquisa constatando que em 1960 eram 19 casas de caiçaras e apenas uma residência de turista. Já em 1988, eram 37 casas de caiçaras, 10 casas de caiçaras para aluguel, 117 de turistas, 09 da empresa A&T e 06 para trabalhadores da A&T. Na pesca em Toque-Toque, a utilização das redes de tresmalho, arrastão e outras têm sido rara, permanecendo um cerco flutuante em uso. A pesca e a banana desempenharam função na complementação da renda das famílias em 1988. (NOFFS in DIEGUES, 2004b, p.292).

A socióloga Wanda Maldonado pesquisou a construção material e simbólica da canoa caiçara no arquipélago de Ilhabela, formado pela principal ilha, a de São Sebastião e pelas ilhas de Búzios e Vitória, também habitadas e por outras onze ilhas menores e duas lajes. A canoa de voga era o principal meio de transporte deste povoado para as cidades vizinhas e para o litoral sul do Rio de Janeiro e ao porto de Santos.

Até 1930, a ilha tinha uma frota de cerca de trinta grandes canoas feitas de único tronco, sendo o principal centro de construção dessas embarcações menores no litoral paulista. Considera-se também que a Mata Atlântica na Ilha, com suas grandes árvores, fornecia o principal material para a produção das canoas. (MALDONADO in DIEGUES, 2004b, p.298-299).

As canoas construídas pelos canoeiros e utilizadas pelos pescadores de Ilhabela tinham características de acordo com os objetivos de utilização. A canoa para a pesca costeira de linha e lula, tinha 3 a 4 metros, utilizada com remo e de fácil navegação; o batelão era para a pesca de cerco fixo e rede, tinha de 4 a 7 metros, usada com remo; a canoa de voga, canoa bordada ou canoa caiçara era para pesca em alto mar e para transporte, tinha mais de 7 metros, usava-se motor e era bem resistente, com grande capacidade de carga, maior deslocamento, sendo considerada uma construção mais resistente. Tinha ainda a canoa regata, longa, de boca estreita, sem bordadura, muito veloz, mas não adequada à pesca no local e, por isto era confeccionada em Ilhabela e vendida para Santos e litoral sul do estado para a pesca da manjuba. (MALDONADO in DIEGUES, 2004b, p.299-300).

O prazo para a construção da canoa dependia de localizar a árvore adequada. “A gente sai para procurar na mata. Perde um dia, dois, procurando a madeira, até encontrar. [...] Sobe morro, vai descendo. Sai de manhã cedo e vai embora para o meio da mata. Até acha diversas, mas tem que procurar aquela de acordo a encomenda”, revelou o mestre-canoeiro Paulo de Oliveira, confirmando que o cedro é a melhor madeira para fazer canoa, depois vem o jequitibá, o ingá e outras.

Sobre a localização da árvore na mata, a melhor fase da lua para cortá-la e a quantidade de homens para ajudar na derrubada, o mestre-canoeiro explica:

“Tem que ver bem o lugar para não perder a canoa, estragar a madeira. Porque não compensa a gente sair para procurar uma madeira e a gente encontra ela num lugar ruim, que a gente não consegue fazer. Aí derruba a madeira e perde, isso não é aprovado, não. Um lugar muito inclinado... Às vezes tem madeira para canoa num lugar -nós chamamos aqui de “tapicicão”- lugar com pedra, uma pedra grande. Então é melhor nem tirar, porque ela vai cair nessa pedra e vai rolar e vai perder a madeira”, Paulo de Oliveira. [...] Aprovada, a área em seu entorno é roçada, funcionando esta limpeza como um sinal a outros possíveis interessados que por aí passem, de que esta árvore está reservada. [...] O mestre avalia também quantos homens serão necessários para colocá-la abaixo [...] Um tronco grande pode demandar até três homens trabalhando simultaneamente com o machado por cerca de cinco horas. O principal fator para a escolha da data em que ocorrerá o corte da árvore é a fase da lua. [...] Passou da nova [...] não adianta mais derrubar a madeira que ela estoura tudo”, Paulo de Oliveira, mestre-canoeiro. (MALDONADO in DIEGUES, 2004b, p.302-303).

O instrumento utilizado para a derrubada da árvore era o machado. O uso do motosserra era proibido. O lado escolhido para ser a boca é arrasado com o machado. Feito isso, são iniciadas as medições para alinhar o lado bom da canoa. “Depois que arrasa ela, aí a gente tira uma linha de um lado e outro, desboja ela certinho. [...] Se não tiver vinte e cinco linhas, ela não sai uma canoa perfeita. Tem que ter o nível, tudo certinho”, revela Paulo de Oliveira revelando que fazer canoa é uma arte. (MALDONADO in DIEGUES, 2004b, p.304).

Embora a eficiência seja uma grande preocupação do mestre-canoeiro, a aparência estética da canoa também é valorizada. Depois de cavado o tronco, utiliza-se a enxó-goiva para acertar a canoa. A espessura da proa e do fundo está ligada às condições físicas do lugar em que se dará o uso da embarcação, por exemplo, nas praias de Ilhabela as areias são médio-grossas, provocando desgaste no fundo da canoa, o que justifica ter uma proa mais reforçada. Uma canoa pequena leva pouco menos de um mês para ser construída. (MALDONADO in DIEGUES, 2004b, p.305).

No caso das embarcações grandes, a puxada de canoa, considerada um reflexo da coesão social, é a tarefa mais árdua de todo o processo de construção, demandando maior cooperação do grupo, seja para mobilizar os voluntários (dependendo do prestígio do mestre-canoeiro ou do proprietário da canoa) como no trabalho da retirada da mata.

A alimentação oferecida aos que ajudaram na puxada de rede não é considerada como pagamento. Importa a coletividade e a solidariedade entre a comunidade. E após a festa da puxada do tronco, continua o trabalho do mestre com a madeira da canoa completamente seca para o trabalho final. Neste momento são confeccionadas outras partes da canoa como a sobrepopa, sobrepoa, dormente (sobreborda) e os bancos. Antes da pintura da canoa é usado um gel contra cupim. As cores das canoas variam, as pequenas levam uma ou duas cores, as grandes, até cinco cores diferentes. O nome da canoa é de responsabilidade do proprietário, já que elas devem ser identificadas e registradas na Capitania dos Portos para poderem navegar pelo litoral. Os nomes femininos (das mulheres dos proprietários) são comuns nas canoas. Outras possuem nomes que fazem referência ao lugar, como: Sereia da Ilha, Princesa da Ilha, Rainha do Mar, Mar Azul, Encantada, Pedra Lisa, Lua Branca. E há canoas com nome de novelas de televisão, como é o caso de Tietá. (MALDONADO in DIEGUES, 2004b, p.309-314).

A canoa fica uma a duas semanas secando, após a pintura. Geralmente a viagem inaugural é para a Capitania dos Portos, em São Sebastião, para ser registrada. A canoa está pronta para suas finalidades: a pesca ou transporte. E quem ajudou na puxada de rede fica com uma boa “dívida” do mestre canoeiro ou do proprietário. “A hora que um camarada

precisa de uma passagem, de levar, por exemplo, do Bonete para São Sebastião, a gente faz. Não cobra para aquela pessoa que já fez aquele favor para a gente. Leva, traz. A mulher, o filho doente [...] Tem que fazer assim porque eles já fizeram muito mais pela gente do que a gente para eles”, Paulo de Oliveira, mestre-canoeiro. (MALDONADO in DIEGUES, 2004b, p. 314).

No final do artigo, Wanda Maldonado confirma que eram apenas três canoieiros reconhecidos como mestres em Ilhabela. E cabia a eles passar ao grupo social os conhecimentos para a reprodução material e simbólica da canoa. No ano de 2000, uma canoa grande e nova custava cerca de R\$ 3.000,00, e uma canoa pequena (4 a 5 metros), tinha o preço médio de R\$ 200,00.

A socióloga explica que há diferença entre o pescador que faz canoas e o mestre-canoeiro. O primeiro tem bom conhecimento de construção da canoa, mas o produto além de ficar com qualidade razoável, o pescador não tem o reconhecimento social, o status que caracteriza o mestre-canoeiro. Já o mestre-canoeiro, por seus conhecimentos e habilidades, domina o processo de construção da canoa por inteiro e coordena o trabalho dos ajudantes, que são aprendizes. O resultado é uma canoa perfeita, que possui qualidades de navegabilidade e estética reconhecidas pelos pescadores. (MALDONADO in DIEGUES, 2004b, p. 316-317).

Dentre as reportagens selecionadas para análise nesta tese, a edição 101 da *Beach&Co* (maio de 2011), contextualiza o uso da canoa de voga como meio de transporte genuinamente caiçara, e depois se consolidando também como esporte típico.

O último artigo utilizado na tese que consta no primeiro volume da Enciclopédia Caiçara foi o de Márcia Merlo, doutoranda em Ciências Sociais na PUC/SP, que em 2000 publicou “Memória de Ilhabela: faces ocultas, vozes no ar”, fruto de sua pesquisa no mestrado, sobre a comunidade caiçara do Bonete.

Márcia expõe suas inquietações sobre a Cultura Caiçara.

Quando volto a Ilhabela hoje, depois de alguns anos de trabalho de campo entre o mestrado e o doutorado, observo mudanças. Entre elas, as que os velhos caiçaras já previam e que o caminho da “modernidade” já apontava. A face caiçara da ilha fica cada vez mais distante da realidade vivida em outros tempos. Nostalgias à parte, a questão é: o que muda, o que se preserva, o que se esquece, silencia, exclui... Não estamos dizendo que tudo deveria ficar como era, mas aqui se trata do esfacelamento de uma identidade a partir da fragmentação dos grupos e do silenciamento de memórias em função de novos valores. [...] Um outro lado desta reflexão refere-se à situação do Bonete, ontem e hoje. Impressiono-me com a rapidez das mudanças -sempre há uma nova casa, nova fachada, um novo bar que vira point da moçada, a praia e o mar habitados por outros costumes... Alguns antigos moradores trazem sempre

uma nova notícia de que alguns outros já não se encontram mais no lugar, pois venderam suas terras e suas casas para viver o resto da vida em São Sebastião e Caraguatatuba... Mesmo arrependidos do que fizeram, não há mais retorno possível. Não penso que tudo deve ficar intocado, mesmo porque isto é uma ilusão. Não podemos colocar camisa-de-força no tão almejado “progresso”, mas tomarmos consciência de nossa atuação, responsabilidade e possibilidade de fazer diferente parece-me um caminho viável, também. Ironias à parte, esta é uma realidade. (MERLO in DIEGUES, 2004b, p.341-342).

Márcia recorreu à memória coletiva para remontar fragmentos da comunidade caiçara de Ilhabela que ficou claro nos “não ditos” e nos “silêncios” dos entrevistados, os velhos caiçaras, que ela denomina de “homem comum, o sábio popular, o humano que sente e procura soluções para suas vivências. Sujeito que cria, inventa e resiste para existir. Aquele que quer os benefícios da modernidade, mas também critica os efeitos da modernização”. A pesquisadora considera que o caiçara lamenta o desenraizamento que vem sofrendo com as perdas históricas, mas deseja uma vida diferente, sem tantas dificuldades e com uso de tecnologia que ele vê nos turistas e na mídia. (MERLO in DIEGUES, 2004b, p.343-344).

Merlo (in DIEGUES, 2004b, p.344) confirma que há diferença no que é lembrado pelos caiçaras que moram na região do canal de São Sebastião (Centro de Ilhabela) e na comunidade do Bonete (do outro lado da Ilha). As lembranças comuns são das festividades tradicionais, no qual percorriam longas distâncias para encontrar amigos, cantar antigas canções, “inventar versos nos desafios caiçaras, produzir pasquins contando o cotidiano caiçara de forma muito peculiar, dançar as cirandas, quebra-chiquinha, pau-de-fita, entre outros, ao som da viola, até o raiar do dia e, às vezes, para arrumar um noivado ou casamento”.

Segundo Merlo, os caiçaras da região do canal demonstraram maior lucidez ao comparar o antes e o depois do Turismo que trouxe o “progresso” para Ilhabela. Entre os nativos do Bonete, por terem vivenciado mais recentemente as transformações provocadas pelo turismo no local, o passado não apareceu com tanta clareza se comparado aos caiçaras do canal.

Ora falam com rancor desse passado dizendo que era ruim; ora falam com amor, ao lembrar da família, da liberdade, da fartura. Deseja-se o moderno. Não o que destrua a comunidade, mas o que possibilite manter-se em condições favoráveis. Fala-se o que se quer e para que se quer falar; assim o não dito pode ser uma retenção de informações, como um ato de defesa, de preservação do grupo; e a insistência em mostrar que, apesar de diferenças religiosas, há união, pode ser um gesto de resistência. O silêncio sobre o passado no Bonete parece ter uma vertente ligada à influência religiosa com a instalação de igrejas pentecostais - Brasil para Cristo e Assembleia de Deus. O sujeito desapega-se de seu passado e de seu grupo porque almeja uma vida nova, e só se relaciona com quem segue o mesmo caminho e deixa de ser

criatura de um mundo de pecado. Uma outra vertente significativa para o silêncio do passado, a do desaparecimento não só ao grupo, mas às antigas tradições, relaciona-se às diretrizes tomadas pelo Parque Estadual de Ilhabela, de sua instalação até os dias de hoje. (MERLO in DIEGUES, 2004b, p.345-347).

Com as transformações advindas do Turismo, as perdas e assimilações surgem e ressurgem na memória dos caiçaras em forma de submissão, rancores, racismo, regionalismos e desespero.

Como a perda da identidade, percebida muitas vezes mediante o esquecimento, ou ainda com o ressurgimento de uma identidade caiçara. Centrada na imagem de um “caiçara puro”. É claro que no plano de real, não existe caiçara puro. Na verdade, percebe-se um esfacelamento da identidade caiçara. De uma lado, o fato de elementos novos, como a religião pentecostal, inserir-se no processo de construção e reconstrução da identidade de um grupo, contrariando, de outro lado, a identidade que ainda se constrói e reconstrói em eventos como a Festa de Santa Verônica, a congada na Festa de São Benedito, a folia de Reis, que reforçam a sociabilidade de outros membros de Ilhabela. Hoje, parte da população da ilha é migrante; existe, também, grande número de indivíduos que procuram esse local para investir capital, e outros, simplesmente para viver depois de aposentados. Todos provenientes de várias regiões do Brasil ou de outros países. Assim, o “outro” aparece sempre como culpado das mudanças, dos destemperos, dos problemas sociais. [...] Tanto é que a maior parte da mão de obra absorvida na construção civil e nos trabalhos domésticos, para os veranistas, é mineira ou nordestina, e depois caiçara. Nesse processo ambivalente, em que se procuram elos perdidos na reconstrução do passado ou na construção de nova síntese, percebem-se em Ilhabela conflitos entre o homem da “terra” e o homem de “fora”; ora com “aceitação” das transformações ocorridas em função de um “progresso” trazido pelo “turista”, ora com raiva por ter sido motivo de tantas mudanças nos modos de ser, pensar, fazer e sentir dos caiçaras. (MERLO in DIEGUES, 2004b, p.341-347-348).

No artigo, Merlo limitou a expor algumas entrevistas sobre as lembranças, os mitos e as festas de São Benedito com a congada de Ilhabela e a Festa da Santa Verônica na comunidade do Bonete. Ela entende que hoje, ser caiçara ultrapassa a territorialidade.

Entre as festas católicas que ocorrem em Ilhabela, a Congada foi herdada dos antepassados em homenagem ao santo negro reconhecido pela caridade que prestou aos escravos. Os velhos congueiros dizem estar na congada por devoção ao santo e por terem herdado de seus avós e pais os papéis desempenhados na festa. “A nossa congada era 100, 120, nós chegamos a ter até 200 pessoas. O pessoal vinha detrás da Ilha. [...] A gente aproveitava pra fazer conforme a lua, quando a lua era clara, então os pescadores vinham tudo pra cá com a família, sabe? Dois, três dias, agora caiu muito”. (MERLO in DIEGUES, 2004b, p.352).

Os congueiros lamentam quando pensam que pode acabar -os velhos estão morrendo e nem todos os jovens animam-se em prosseguir nesta corrente. A

morte a que os velhos caiçaras se referem não é só física, mas também da tradição. Antes, a tradição oral e a devoção asseguravam a imortalidade, já que a continuação estava garantida pelos velhos narradores, antigos reis e seus herdeiros. Nesse sentido, aparece forte a ideia da continuidade e a congada é o elo entre a tradição e o grupo étnico-racial negro que se apresenta nas ruas. A persistência em manter acesa esta devota tradição é também o esforço de fazer existir e continuar existindo. (MERLO in DIEGUES, 2004b, p.353).

Sobre a festa religiosa no Bonete, um caiçara de 94 anos afirmou: “Olha uma coisa vou te falar, se acabar a Festa de Santa Verônica aqui no Bonete vai ser um transtorno [...] Deus me livre; mas tenho fé em Deus que não acaba. A gente não deixa acabar”.

Pensando o hoje, se, por um lado, o próprio caiçara, tanto no Bonete como o da região do canal, não visualiza mais sua existência dentro dos moldes tradicionais de produção e mercado diante do novo, por outro, ele não tem a menor chance de competir com os grandes empreendimentos e investidores para utilizar seu território, no intuito de transformá-lo em um novo meio de vida. Sucumbe à livre iniciativa e concorrência neoliberais. Buscam alternativas dentro da modernidade para a existência nos territórios que restam; e, ao meu ver, mesclam o antigo e o moderno, criativamente, para fazerem valer seus ideais, e assim se preservarem de mais apropriações. (MERLO in DIEGUES, 2004b, p.355-256).

Abaixo as pesquisas do segundo volume da “Enciclopédia Caiçara”, organizado por Diegues (2005a) com base na pesquisa feita por Paulo Fortes Filho que coletou cerca de 1.500 termos e expressões usadas por caiçaras do litoral sul paulista. Por sua vez Paulo Fortes buscou atualizar a obra “O Dialeto Caipira” de Amadeu Amaral, publicada em 1920.

2.3. Falares caiçara - A “Enciclopédia Caiçara” - Volume II rememorou o linguajar do caiçara que habita três povoados em Iguape, no litoral sul paulista. Há semelhanças com o linguajar dos caiçaras do litoral norte do mesmo estado. A revista *Beach&Co* pouco focou este linguajar nas reportagens analisadas.

Dialeto ou não, essa forma de falar é uma marca típica dos caiçaras da região, usada pelos moradores mais velhos, sobretudo nas comunidades litorâneas. Desde a época em que foram coletadas, muitas dessas palavras deixaram de ser usadas e outras foram incorporadas ao linguajar regional, processo que ocorre com todas as línguas e dialetos vivos. Como já havia notado Amadeu Amaral, o rádio e posteriormente a televisão foram meios de comunicação que alteraram e continuam mudando, significativamente, os falares regionais caiçaras. (FORTES in DIEGUES, 2005a, p.10).

Várias palavras caiçaras têm denominações tupis, a começar pelo próprio termo “caiçara”. Já os aparelhos e utensílios da casa de farinha são quase todos, de origem indígena. Palavras de origem africana também foram incorporadas ao falar litorâneo, devido à presença

de escravos que trabalharam nas monoculturas de arroz, cana de açúcar e outros serviços. Acrescenta-se termos de origem espanhola que passaram a fazer parte do linguajar caiçara.

Paulo Fortes Filho recorreu a estudos já realizados sobre glossários mais sumarizados de outras áreas litorâneas paulistas, como Ubatuba, São Sebastião, Ilha de Búzios e Guaraqueçaba no Paraná, indicando que muitas palavras são de uso comum a todas as comunidades caiçaras, provavelmente em virtude de sua origem comum, mas enfatiza também a existência de muitas palavras típicas de cada uma dessas localidades. O que há de comum e o que há de específico em cada parte do litoral caiçara, no entanto, deveria ser estudado com maior profundidade. Como afirmou Paulo Fortes Filho, seu trabalho não é o de um linguista, mas de alguém que convive, há muitos anos, com os caiçaras do Litoral Sul paulista e conhece seu modo de vida. (FORTES in DIEGUES, 2005a, p.10-11).

A peculiaridade do falar caiçara está no gestual, na entonação da voz que acompanha o falar, na postura, nas nuances do olhar e não apenas na originalidade dos termos. O caiçara fala e representa ao mesmo tempo. Quase sempre, as palavras são proferidas com variações na entonação, ora escandindo na primeira sílaba, ora na última. É um falar cantado, melódico e harmonioso, em sintonia com a natureza, contrapondo ao barulho das ondas e a musicalidade no sussurro da brisa. São usados diminutivos e é comum à ironia e o deboche cômico que os caiçaras criaram para conviver com a língua portuguesa, tornando-a um pouco mais local. (FORTES in DIEGUES, 2005a, p.15-16).

Consideradas obras em aberto, os glossários e dicionários são reformulados e inovados constantemente. Paulo Fortes considerou o glossário caiçara também uma obra aberta. Ele contextualizou sua pesquisa apresentando na Enciclopédia organizada por Diegues, o cotidiano do caiçara sul paulista, seu modo de vida e costumes.

Paulo Fortes afirma que a “identidade caiçara” é um fato recente, assim como os estudos antropológicos feitos a partir do auto reconhecimento do caiçara como um povo que tem cultura e um modo de vida diferenciado de outras populações. (FORTES in DIEGUES, 2005a, p.32). Permanecendo nas áreas de preservação, o caiçara sofre com a restrição de suas atividades agrícolas, de pesca e caça. Este tema foi muito bem abordado em outro livro de Diegues escrito em conjunto com Paulo José N. Nogara (2005d), intitulado “O nosso lugar virou parque”, um estudo socioambiental do Saco de Mamanguá, onde vivem 119 famílias (527 pessoas), em Parati, no litoral do Rio de Janeiro. Os autores explicam que as mudanças recentes tornaram o caiçara mais dependente da compra de produtos industrializados da cidade e menos ligados aos ciclos da natureza.

O estudo dos falares caiçaras de Paulo Fortes também analisou os termos relacionados ao artesanato que utiliza materiais como a caxeta, taboa, junco, piri e sementes. A caxeta é

uma madeira branca, levemente rosada, durável e de textura macia. Com ela são feitos brinquedos para crianças e enfeites para a casa. A taboa, o junco e o piri são parecidos com o junco que nascem nas áreas alagadiças e pantanosas. Com elas se fabrica cestos, tapetes, balaios, peneiras, chapéus, chinelos etc. As sementes são usadas para fazer colares, brincos e adornos. (FORTES in DIEGUES, 2005a, p.43).

O artesanato caiçara foi citado em várias edições da revista *Beach&Co*, sendo detalhado, por exemplo, na 49ª edição, de julho de 2006, por meio do texto sobre a artesã Ditinha, moradora da Ilha de Búzios, em Ilhabela.

Paulo Fortes ressalta que a sociedade civil, os moradores e o poder público precisam encontrar uma saída para valorizar o artesanato caiçara, considerando o valor artístico dessa atividade e o papel no fortalecimento da identidade e no modo de vida tradicional. (FORTES in DIEGUES, 2005a, p.44).

Os ingredientes da culinária caiçara integram o Glossário caiçara como a mandioca, o palmito e a banana que o próprio caiçara planta, perto da casa, além de tubérculos como cará, inhame, aipim, batata-doce. E outro tema abordado por Fortes foi às atividades de lazer, que em Iguape, se restringe aos bate-papos, festas religiosas, bailes e futebol. Destaque para o rádio e a televisão que atraem os mais jovens, principalmente para os programas de música caipira e futebolísticos. “Chama a atenção o fato de que os caiçaras torcem por um time grande de São Paulo ou do Rio de Janeiro. As conversas, causos e histórias fazem parte da vida do caiçara [...]”. (FORTES in DIEGUES, 2005a, p.55). Um das danças típicas é o fandango, para isto o autor recorreu aos estudos de Edgar Teixeira:

O Fandango caiçara é, antes de mais nada, um baile que reúne diversas danças regionais denominadas “marcas de fandangos”, que tem coreografia própria e que se divide em dois grandes grupos. São os “bailados” e as “rufadas”. As primeiras pertencem às danças, executadas por homens e mulheres, “arrastando o pé”. As segundas, danças que, entre batidas de pés e mãos, somente os homens “rufam”, calçando tamancos, sobre um tabuado de madeira, enquanto as mulheres realizam o “arremate”, verdadeira prova de virtuosismo. O bater dos pés e das mãos é sempre realizado em uníssono, sob as ordens do “Mestre” que dirige o baile. Antigamente o Fandango era dançado sobre um estrado embaixo do qual cavavam um grande buraco que funcionava como caixa acústica e o ruído do fandango se ouvia à léguas. [...] Entre as variedades de Fandango da região, destacamos: Manjerição, Sapo, Vilão, Sinsará, Gaivota, Tonta, Nhá-Aninha, Serrana, Feliz, Chama-Rita, Quero-Mana e Andorinha. E em dias especiais, destaca-se a dança de São Gonçalo, realizada com muito menor frequência que no passado: “A dança de São Gonçalo é uma encenação com reza e cantoria, acompanhada de duas ou mais violas, rabecas, adufos e tambor. O bailado é feito dentro da casa do festeiro ou do patrocinador da festa, defronte a uma mesa com a imagem do santo. (FORTES in DIEGUES, 2005a, p.64-65).

Os caiçaras das vilas de Icapara, Sabaúna e Pontal da Barra, em Iguape classificam os acontecimentos em duas vertentes, os causos que ele viveu e os que ele ouviu contar.

De modo geral, o valor de uma história não se mede pela realidade que ela contém, e sim pelo combustível que ela pode fornecer à imaginação, e pelo bem que pode fazer à alma. E é por isso que essas histórias fantasiosas permanecem vivas na memória dos caiçaras mais velhos, sempre dispostos a reconta-las àqueles mais jovens que, porventura, ainda cultivam o espírito da curiosidade. (FORTES in DIEGUES, 2005a, p.64-65).

O falar do caiçara de Ubatuba é um falar arrastado, calmo, pausado e bem cadenciado, sem a característica do falar cantado dos caiçaras do litoral sul de São Paulo. As influências no linguajar dos caiçaras do Litoral Norte devem-se, de modo geral, devido à presença de turistas do Vale do Paraíba e dos contatos com os caiçaras do sul fluminense. Mas, a essência da linguagem permanece, já que não há variações nos nomes dos peixes, frutos do mar, elementos da flora e da fauna.

Alguns dos termos e expressões típicos dos caiçaras de Ubatuba, coletados por Domingos Santos, são: “Ah Homi” significa “que pena! Ah Homi, você não conseguiu!”; “Aibo” é o mesmo que “fraco, desnutrido”, “Arrelá” remete a “compaixão”, etc. (FORTES in DIEGUES, 2005a, p.92).

Os falares e as expressões usados pelos caiçaras do litoral de São Sebastião foram coletados por Nícia Guerreiro e Xixico na obra “Carapinás: Entendendo o peixe de Boiçucanga - São Sebastião”. Alguns dos termos são: “Arrelá”, uma exclamação para expressar pena; “Arriar a rede” ou consertar os furos da rede provocados pelo uso; “Barrear” significa faturar, se dar bem; “Codijubar” é inocentar o culpado; “Estar de pândega”, é estar alegre, fazer palhaçada; “Jazigo” remete a momento de calma, etc. (FORTES in DIEGUES, 2005a, p.93-94).

Já os falares e as expressões usadas pelos caiçaras da Ilha de Búzios, no arquipélago de Ilhabela, centram termos regionais e caseiros relacionados à pesca e a agricultura. Os moradores usam elementos de origem tupi para nomear o que se refere a artesanato, animais, vegetais, utensílios, etc. Devido ao isolamento geográfico entre a Ilha e o continente, algumas palavras conservaram a forma mais antiga (desaparecida da língua padrão), dizendo “quaje” por quase, “fruta” por fruta, “irmôm” por irmão. Com a alfabetização, a emigração dos jovens para o continente, e com a influência do rádio e da televisão, o falar buziano foi se perdendo no dia a dia. (FORTES in DIEGUES, 2005a, p.96).

“O Falar Caiçara da Ilha de Búzios”, pesquisa feita por Maria Rosa Trigo Wilkmann, revela algumas palavras típicas como: “Alida”: Lida, trabalho – “Aqui é ela que alida na

casa”; “Alumiá” é iluminar, dar luz – Exemplo: “Truxe vela para cê alumiá”, etc. (DIEGUES, 2005a, p.96). Após breve apresentação dos falares caiçaras, passamos ao próximo volume da Enciclopédia Caiçara com pesquisas feitas por autores canadenses.

2.4. A Cultura Caiçara - O Olhar Estrangeiro

O terceiro volume da Enciclopédia Caiçara traz a contribuição de cientistas naturais e sociais estrangeiros sobre a paisagem, história, trabalho, conhecimento do mar e da mata, impactos do turismo e nas áreas protegidas sobre o território e a Cultura Caiçara. O volume é resultado de um programa de pesquisa desenvolvido de 1993 a 1996 pelo Departamento de Antropologia da Universidade Laval, no Canadá, coordenado pelo professor Yvan Breton em colaboração com o NUPAUB.

Trata-se de uma pesquisa sobre a “gestão em comunidades caiçaras do Sudeste brasileiro sob o prisma da Antropologia Marítima, comparando as áreas do litoral norte paulista (São Sebastião), do litoral sul fluminense (Parati e Trindade) com as do litoral sul paulista (Iguape)”. (DIEGUES, 2005c, p.09). Para a tese focamos apenas os resultados da pesquisa: “Mobilização de Pescadores e Política Municipal em São Sebastião” e elaborado por Yvan Breton e Julie Cavanagh, traduzida por Diegues.

Os canadenses ficaram impressionados com as tentativas de reorganização dos pescadores em diversas localidades do Brasil e pela organização em forma de colônias de pesca. O sudeste foi selecionado para estudo, entre outras questões, porque foi nesta região que primeiro se desenvolveu a pesca industrial nos anos 1920 e 1930. (DIEGUES, 2005c, p.13-14).

O geógrafo Yvan Breton e a socióloga Julie Cavanagh, encontraram em São Sebastião fatores que alteraram a dinâmica da pesca como os impactos do turismo residencial, as funções desempenhadas pelos caiçaras para a sua sobrevivência e os conflitos para terem acesso aos recursos dos parques e reservas ecológicas da Mata Atlântica. (BRETON e CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p.210).

Segundo os pesquisadores, os anos de 1940 e 1950 foram marcados pelo surgimento de inovações tecnológicas relacionadas aos motores dos barcos, na navegação e nos instrumentos de captura. “É nesse momento que o capitalismo industrial entra na pesca e que acontecem as mudanças estruturais nas várias formas de pesca”. (BRETON e CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p.215).

Em seguida, foram descritas as características geográficas da cidade de São Sebastião que tem 60% do território coberto pela Mata Atlântica, com a presença de montanhas ao

longo da zona costeira. A ausência de planícies conferiu às praias e enseadas um papel importante no povoamento local, favorecendo a concentração dos moradores em bairros. Outro diferencial do Litoral Norte paulista é a presença de muitas ilhas e ilhotas. (BRETON e CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p.220).

Do ponto de vista econômico, São Sebastião passou por vários ciclos de estagnação e de prosperidade. A fase mais recente do turismo foi iniciada nos anos, mas foram nos últimos trinta anos que São Sebastião cresceu economicamente, se adequando a consolidação da pesca industrial no Brasil. (BRETON e CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p.221-222).

Em termos demográficos, as comunidades pesqueiras em São Sebastião estavam situadas na sub-região central, é a mais povoada, onde fica o bairro São Francisco que concentra quase dois terços da população. Este bairro foi citado na revista *Beach&Co* diversas vezes por ser um reduto de pescadores. Na costa sul a população se dispersa, vivendo em povoados e concentrando famílias de pescadores mais tradicionais nas praias de Maresias e Boiçucanga que têm mais de mil habitantes. Na costa norte, a atividade principal é a pesca do camarão, praticada na Enseada e no bairro São Francisco onde está localizada a sede da Colônia de Pesca, e a maioria dos pescadores e suas embarcações.

É também nessa parte do município que alguns barcos industriais equipados para viagens de vinte a trinta dias no mar têm sua infraestrutura portuária. Por outro lado, na parte sul do município [...] Maresias e Boiçucanga, onde se encontram unidades de produção empregadas na pesca do camarão, a maior parte dos pescadores captura a corvina, a garoupa, a pescada, a tainha e outras espécies de menor importância. [...] Finalmente oito famílias de pescadores moram na ilha de Montão de Trigo estando, portanto, mais isoladas que as outras comunidades do sul do município. (BRETON e CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p.224).

A tabela abaixo mostra a distribuição espacial da população e dos pescadores em São Sebastião entre os anos de 1994 e 1995 quando a cidade tinha cerca de 30 mil habitantes. Em um curto período de tempo, a população mais do que dobrou somando 73.942 habitantes¹⁵ em 2013. (BRETON e CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p.225).

Tabela 2. Distribuição da população e dos pescadores em São Sebastião (1994/1995)

Sub – Região	Bairro	População	Número de Pescadores
Norte	Enseada Praia das Cigarras São Francisco Ponta do Arrastão Ponta da Cruz	9.080	450
Centro	São Sebastião Praia Grande Barequeçaba	16.462	120

¹⁵ IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br> . Acesso em: abr.2013.

	Guaecá		
Sul	Toque Toque Grande Calhetas Toque Toque Pequeno Santiago Paúba Maresias Boiçucanga Camburi Praia da Baleia Barra do Sai Juqueí Barra da Uma	8.348	650

A prefeitura assiste tecnicamente e apoia financeiramente a Colônia de Pesca que reúne metade dos pescadores (cerca de 600) do município, concentrados na região norte, onde está à pesca mais lucrativa, a do camarão. Há outras instituições que influencia na questão da pesca como o Mopress (Movimento de Preservação do Patrimônio Ecológico e Arquitetônico de São Sebastião), e o projeto São Sebastião Tem Alma. Este último:

uma organização sem fins lucrativos fundada em 1989 e que reúne intelectuais, artistas, pesquisadores e pessoas aposentadas da comunidade. Tem com missão principal a proteção da cultura dos pescadores caiçaras e concentra seus esforços no setor educacional, com projetos de recuperação, de preservação, de difusão de elementos culturais ameaçados de desaparecer. Seus principais meios de intervenção são teatro, os cursos formais, documentos audiovisuais, organização de conferências de conteúdo regional e nacional e a difusão de um jornal mensal centrado em temas específicos. Apesar da orientação principalmente “educativa”, essa organização, pelo entusiasmo com que defende os pescadores artesanais, acaba sendo, por força das circunstâncias, uma aliada ou oponente às intervenções da Colônia [de Pesca]. (BRETON e CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p.227).

Projetos e produções do São Sebastião Tem Alma também foram noticiados na revista *Beach&Co* no período de estudo. Uma conquista dessa organização relacionada aos pescadores foi negociar com a Polícia Florestal, a doação de 23 grandes árvores caídas na mata para serem transformadas em canoas. A entidade organiza congressos e debate questões como o isolamento das comunidades insulares, as limitações jurídicas ligadas às unidades de conservação na Mata Atlântica, a situação da mulher nas comunidades de pescadores, etc.

Esses encontros, no princípio de pouca amplitude, tornaram-se mais amplos, atraindo as associações de pescadores dos municípios vizinhos até adquirir visibilidade nacional. Mais de cento e cinquenta pessoas, pescadores, funcionários e pesquisadores, alguns até mesmo de fora do Brasil, participaram do encontro de outono de 1994. Ao serem divulgados pela imprensa, esses encontros ajudaram na mobilização dos pescadores estabelecendo ligações mais funcionais entre diversas associações. (BRETON e CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p. 237).

Outra questão abordada na pesquisa dos canadenses foi o problema na comercialização dos pescados. As duas peixarias de São Sebastião vendiam o produto trazido por armadores que trabalhavam em alto-mar e que abasteciam os mercados urbanos do Rio de Janeiro e São Paulo.

Mas no bairro de São Francisco, onde se concentra a maior parte da atividade de pesca, a dinâmica é muito diferente. É nesse lugar que os pescadores manifestam mais fortemente seu descontentamento, sendo influenciados pelo sucesso relativo dos produtores de Ubatuba cuja Colônia tem sua própria peixaria. [...] Mesmo sem negar a importância de outras limitações, um bom número de pescadores de São Sebastião considera que a comercialização é um dos grandes entraves à sua reprodução em curto prazo. (BRETON e CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p.231).

As contradições do turismo também foram mencionadas na pesquisa dos estrangeiros. Os veranistas não gostam dos ranchos e embarcações na praia, além de intensificarem o uso de Jet ski. “Esses conflitos tornam-se mais evidentes em lugares de concentração de pescadores como o bairro de São Francisco e começam a aparecer em outros lugares como Maresias e Boiçucanga”. (BRETON e CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p.234).

A Colônia de Pesca local que teria a função de mobilizar o poder público para que os ranchos de pescadores permanecessem nas praias, entre outras questões, deixa a desejar em certas ações. As Colônias mais ativas no Litoral Norte são as de Caraguatatuba e Ubatuba, se comparadas a de São Sebastião. Apesar disto, esta última é percebida pelos pescadores como órgão político potencialmente útil para defender os interesses da classe.

Ela serve de correia de transmissão para a obtenção de licenças de pescas no Ibama de Caraguatatuba e para regularizar situação dos pescadores na Capitania dos Portos. Ela oferece ainda um serviço [...] para as transações com as instituições governamentais, ajuda nas negociações de compra e venda de embarcações e equipamentos de pesca e mantém o serviço de comunicação por rádio para situações de emergência. Além disso, a Colônia participa ativamente nas difusões de informações relativas à pesca e das negociações com o município e a Petrobras. Está associada, ainda, a diversas intervenções da Polícia Florestal e do Ibama, instituições que exercem papel importante na gestão da atividade pesqueira. (BRETON e CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p.235).

Nos textos publicados na revista *Beach&Co*, as colônias de pesca foram fontes de informação constantes, principalmente a Colônia de Pescadores Z-23 de Bertioga que organiza festival gastronômico nesta cidade, assim como a Colônia de Caraguá que está envolvida na festa do Camarão, tendo inclusive, suas funções descritas nos conteúdos jornalísticos no Quarto Capítulo.

A conclusão dos pesquisadores é de que apesar do dinamismo da Colônia e dos apoios de várias organizações, nos últimos anos o setor pesqueiro não melhorou o poder aquisitivo dos pescadores locais. A produção anual média oscilou em torno de 350 toneladas anuais (em São Sebastião, 1995). “A consulta a diversos periódicos locais e documentos governamentais aponta que as reivindicações dos pescadores continuam as mesmas, apesar de todas as promessas e planos”, havendo diferença entre o discurso oficial e os dos pescadores. A economia de São Sebastião centra o turismo que envolve mais de 60% da população no setor terciário. (BRETON; CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p. 238).

Se compararmos a situação dos pescadores de São Sebastião com o que observamos em Trindade, Parati, Vila Nova e Barra do Ribeira, respectivamente nos municípios de Parati e Iguape, podemos concluir que apesar das dificuldades de organização, os pescadores dispõem de alguns instrumentos que lhes permitiriam avanços na cena política. Os pescadores de Trindade e Parati não podem contar com a Colônia e, politicamente falando, são quase totalmente ausentes da cena municipal cujos dirigentes não chegam a gerir adequadamente os problemas ligados à expansão turística. [...] A Colônia de São Sebastião pode também seguir o exemplo das Colônias de Ubatuba e Caraguatatuba que conseguiram maior autonomia no plano de comercialização de seus produtos. (BRETON; CAVANAGH in DIEGUES, 2005c, p. 241).

A problemática da escassez da pesca e a presença de Colônias de Pesca estiveram presentes em várias edições da revista *Beach&Co*.

No livro “A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira”, Antonio Diegues (2004b) aborda a importância dos pescadores artesanais que somam cerca de 10 milhões no mundo, responsáveis por quase metade da produção pesqueira em águas costeiras, litorâneas e interiores.

Na Ásia, por exemplo, a pesca é fonte de proteína barata e alimenta cerca de um bilhão de pessoas. Em países da África é uma das principais fontes de proteínas para o consumo popular. E no Brasil, apesar de dados falhos e contraditórios, estima-se que mais de um milhão de pessoas dependam da pesca. “Nessa estimativa, incluem-se tanto pescadores quanto pescadoras, e aqueles que trabalham na comercialização, construção e conserto de embarcações, processamento do pescado etc.”. (DIEGUES, 2004b, p.182-183).

Diegues (2004b, p.182) explica que é preciso não confundir o pescador artesanal com o pescador de autossustentabilidade (este último produz o que precisa para comer, sem excedente). O pescador artesanal produz principalmente para a venda e “como todo pequeno produtor é dependente do mercado, através da teia de intermediários”. Ele participa diretamente do processo de pesca, e tem bastantes conhecimentos e instrumentos de trabalho,

atuando de forma coletiva. O excedente produzido é pequeno e as técnicas de captura são simples, mas adaptadas aos ecossistemas litorâneos tropicais com grande número de espécies de peixes.

Na sequência, Diegues comenta várias inverdades sobre os pescadores artesanais. A primeira é que são indolentes e não trabalham com regularidade.

Ora os pescadores artesanais vivem sob a frequência de ciclos naturais, que determinam os períodos de aparecimento de certas espécies de pescado, bem como dependem muito fortemente das marés, e condições do mar. Daí, como em todos os países do mundo, a pesca artesanal ser uma atividade cíclica com períodos de maior ou menor intensidades de trabalho, com horas de espera e horas de extenuante esforço físico. (DIEGUES, 2004b, p.182-184).

A segunda falácia é que eles são mendigos de praia e constituem um problema social a ser tratado por programas assistenciais. Com base em dados de Conferência da FAO, Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, Diegues confirma que especialistas do mundo inteiro desfizeram este equívoco, afirmando que a pesca artesanal é viável economicamente e tem outros múltiplos benefícios sociais. (DIEGUES, 2004b, p.184).

A terceira inverdade é que a pesca artesanal é um setor de transição entre a pesca de autossustentabilidade e a pesca empresarial e, portanto, tende a desaparecer.

Ora, o que se têm visto em muitos países do mundo, mesmo nos desenvolvidos, é uma extraordinária persistência desse “modo de produção”. [...] A persistência desse modo de produção se explica: a) pela flexibilidade com que se adapta às condições naturais muito especiais que existem nos mares tropicais e subtropicais tais como a dispersão dos cardumes, os habitats de peixes que não permitem o uso intensivo de arrasto, a mobilidade dos cardumes, as variações sazonais dos estoques pesqueiros, etc.; b) pela combinação dos fatores de produção que privilegiam a utilização da força-de-trabalho familiar [...]; c) pela frequente absorção de força-de-trabalho proveniente das áreas rurais vizinhas; d) pela resposta flexível às condições flutuantes do mercado e também pela função exercida pelo setor em muitos países, ao abastecer de pescado fresco os restaurantes e a demanda sazonal dos turistas. (DIEGUES, 2004b, p.185).

A quarta mentira é que a pesca artesanal é ineficiente. “Essa posição é equivocada, pois uma embarcação artesanal gasta cerca de 1/5 do combustível por tonelada de pescado capturado do que utiliza um barco do setor empresarial-capitalista”. Além disso, emprega ¼ dos investimentos por tonelada do que um barco empresarial. (DIEGUES, 2004b, p.186). A pesca em pequena escala é a que gasta menos combustível, além da redução de custos de deslocamentos e de captura devido à utilização de equipamentos de pesca fixo como cercos fixos e flutuantes.

A quinta inverdade é que a pesca artesanal produz apenas pescado de baixa qualidade. “Em muitos países do mundo, a pesca artesanal é a que apresenta os circuitos mais curtos da produção-comercialização, desembarcando pescado fresco de alta qualidade nos mercados, locais e regionais”. (DIEGUES, 2004b, p.187). No Brasil, o sistema mais usado para a conservação do pescado é congelá-lo.

O pretenso modernismo [...] de um prefeito de uma cidade do litoral norte paulista que queria, anos atrás, deslocar um bairro de pescadores situados na região central da cidade, junto ao mar, porque era uma mancha de vergonha pois depreciava o valor de uma área nobre. Em vários países do mundo, um bairro de pescadores artesanais é um ponto turístico obrigatório, que abriga muitas tradições, bons restaurantes típicos onde parte da produção pesqueira é consumida, gerando renda e divisas. É também sabido que os problemas do pescador artesanal não estão no mar. Eles começam em terra com a falta de crédito, condições de vida, endividamento e terminam na terra, com os baixos preços pagos pelos intermediários. Ora, no Brasil, mesmo a infraestrutura de comercialização criada recentemente, não beneficia em geral o pescador artesanal, pois os entrepostos são construídos nos grandes centros, e muitas vezes sem mesmo uma rampa para que desembarquem as canoas, botes, baleeiras e outras embarcações de pesca artesanal. (DIEGUES, 2004b, p.187-188).

A sexta falácia é que o pescador artesanal é ignorante e resiste às mudanças tecnológicas. Diegues aponta que:

Esses conhecimentos, transmitidos por via oral, fazem parte do acervo mental do “mestre” e constituem um elemento fundamental do êxito das viagens de pesca. Quanto à aludida “resistência à mudança” descrita por alguns extensionistas, trata-se na verdade de “inovações” que, muitas vezes, vêm a beneficiar somente os “armadores de pesca” ou aqueles que dispõem de capital para investir e acabam se apoderando dos eventuais aumentos de produtividade realizados pelos pescadores. [...] inúmeras inovações já foram incorporadas pelos pescadores artesanais, tais como a rede de náilon em substituição à do algodão, o motor de popa e depois o do centeio em substituição à propulsão a remo e vela, as diversas técnicas de arrasto por pequenas embarcações para a pesca do camarão, etc. (DIEGUES, 2004b, p.188).

Sobre a sétima inverdade de que o pescador artesanal é passivo e não sabe defender os seus direitos, Diegues confirma que os conflitos entre a pesca artesanal e a industrial têm gerado violência em vários países e também no Brasil. A oitava mentira é que os pescadores artesanais são isolados. As comunidades geralmente são dispersas devido aos ecossistemas específicos, ricos em pescado, que se encontram distantes das cidades. “No entanto, estabelecendo postos de compra, sobretudo para camarão e pescado de primeira, as empresas de comercialização integram a maioria dessas comunidades no mercado nacional”, além de

muitas dessas firmas com barcos próprios acabarem contratando pescadores artesanais como força de trabalho ou comprando suas produções.

A nona inverdade é que os pescadores artesanais são individualistas e não se organizam. O fato é que a própria natureza da pesca, entendida como “caça”, leva o pescador a guardar segredo dos locais de pescaria. Mas a pesca é também realizada de forma coletiva e com divisão de tarefa e trabalho. Além disso, os pescadores se organizam em Colônias de Pesca. A décima falácia é que os pescadores artesanais são predadores. Ele “passa a depredar quando é compelido a tanto, pela competição desleal da frota empresarial, pelo sistema de preço praticado pelos compradores, associado frequentemente a monocultura de espécies de alto valor de mercado como o camarão”. (DIEGUES, 2004b, p.190). Quando ocorre a prática da sobrepesca é um indício de não estruturação das comunidades de pescadores.

A última mentira desvendada por Diegues é que o pescador artesanal é um profissional de tempo integral. “Em muitas regiões, o pescador artesanal é um pequeno produtor que combina várias atividades tais como a agricultura, o extrativismo, a pesca, o artesanato etc. É, em geral, uma forma de minimizar os riscos e aproveitar os períodos de entressafra”. O pesquisador conclui citando que no Japão, Indonésia, Senegal e outros países, a união da pesca artesanal e empresarial é uma realidade.

Passa-se ao quarto volume da Enciclopédia Caiçara com depoimentos dos nativos sobre diversos aspectos de sua vida. E, em seguida, o quinto volume dedicado às lendas, histórias e mitos existentes no território caiçara. O NUPAUB/USP, que editou os cinco volumes da Enciclopédia, tem a pretensão de lançar novos volumes não apenas na forma de livros, mas de filmes e vídeos. (DIEGUES, 2005c, p.8).

2.5. História e Memória Caiçara

O quarto volume apresenta artigos e capítulos de livros publicados há tempos, e que por este motivo, são raros ou tiveram as edições esgotadas. No final do livro há depoimentos com a história de vida de caiçaras e uma coletânea de fotos. Trata-se de pesquisas realizadas nas áreas da Sociologia, Antropologia, Geografia e História, em universidades e institutos históricos diversos. Estes pesquisadores:

testemunham a vida das pessoas e grupos sociais que tentam resgatar sua cultura, por meio da valorização de sua música e dança que quase tinham desaparecido dos locais em que vivem. Trata-se, portanto, de uma população tradicional contemporânea, portadora de uma cultura viva como ocorre com outras similares, como a dos quilombolas, dos sertanejos, dos ribeirinhos e caboclos amazônicos e não simplesmente de uma relíquia do passado longínquo. (DIEGUES, 2005b, p.10).

No artigo “História Caiçara e Ciências Sociais no Brasil”, Luis Geraldo Silva revela que um dos primeiros memorialistas sobre a Cultura Caiçara foi o engenheiro Ernesto Guilherme Young que publicou artigos da sua cidade natal, Iguape, em 1898, 1902 e 1903. Um segundo memorialista foi o historiador Antônio Paulino de Almeida (1882-1969), que escreveu “A voz do litoral” em 1912, entre outras pesquisas documentais da década de 1940 sobre a história de cidades do litoral paulista. (SILVA in DIEGUES, 2005b, p.16).

Almeida não se limitou a escrever artigos sobre a vida e a cultura do caiçara paulista, mas se aventurou em composições musicais, sendo de sua autoria a letra do Hino de Ubatuba, composto em parceria com o maestro E. Bourdot, na ocasião das festividades dos 300 anos da cidade, comemorado em 28 de outubro de 1937. (SILVA in DIEGUES, 2005b, p.17).

No ano de 1950, Almeida publicou o estudo a “Memória Histórica sobre São Sebastião”. Entre os hábitos e costumes do caboclo do litoral, o historiador chegou a condenar o excesso de práticas festivas entre os caiçaras.

Podemos ... assegurar que o que se devia condenar era o excesso de folguedos, -bailes e fandangos- entre os pequenos lavradores que em tudo encontram motivo para tais passatempos, como acontece nos dias dos nossos santos populares, pelo carnaval, ano bom, natal e em muitas outras ocasiões, empregando o melhor de sua existência em distrações diferentes, como geralmente acontece nas ocasiões da passagem das folias pelos bairros em que moram, quando, abandonando o trabalho útil, passam dias inteiros seguindo-o em sua romaria. (ALMEIDA in DIEGUES, 2005b, p.18).

Foi Almeida que propôs as bases da interpretação segundo a qual as sociedades caiçaras nas décadas de 1900 constituíam “comunidades isoladas”, consideradas “paragens imunes ao desenvolvimento urbano e capitalista de Serra Acima”.

Entre os anos de 1940 e 1950, novos estudos e olhares sobre o caiçara do litoral paulista e paranaense surgiram, tendo como base percepções etnográficas mais complexas de pesquisadores paulistas, paranaenses e norte-americanos. A partir deste período monografias regionais e artigos científicos passaram a ser produzidos na recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934, cujos pesquisadores de Antropologia e Sociologia passaram a se interessar pelas populações litorâneas. Em 1938 também foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, que em 1946 foi incorporada à Universidade do Paraná, se constituindo como centro formador de pesquisadores em Ciências Sociais, voltadas para a vida litorânea. (SILVA in DIEGUES, 2005b, p.20).

Os pesquisadores dessa época foram Gioconda Mussolini (1913-1969), José Loureiro Fernandes (1903-1977), Ary França (1917), Azis Simão (1912), Carlos Borges Schmidt (1908) e outros. Questões sobre a “mudança cultural” e o impacto da modernização nas comunidades tradicionais foram temas pesquisados pelos autores. (DIEGUES, 2005b, p.21).

Antonio Candido destacou a importância das pesquisas de Gioconda Mussolini, que foram analisadas mais adiante neste capítulo.

[...] quatro estudos “diretos”, sobre técnicas de pescar no litoral paulista, baseados em pesquisa de campo e traduzindo o amor pela cultura material, cuja investigação favorece, no rigor do levantamento e da descrição, aquela probidade que calhava tão bem com as exigências do seu temperamento escrupuloso e fiel. Do mesmo modo que a monografia sobre Búzios (em colaboração com Emílio Willems), que o estudo sobre os pasquins do litoral, que a sua tese inacabada, eles pertencem a uma vasta experiência pessoal entre os caiçaras, com os quais conviveu muitos anos, não só como antropóloga, mas como companheira e amiga, compreendendo o seu modo de viver, sofrendo com a sua condição, participando das suas agruras e alegrias. (CANDIDO in DIEGUES, 2005b, p.22).

Ao revisitar o passado caiçara, Silva (in DIEGUES, 2005b, p.23) rememorou os estudos elaborados nas décadas de 1940 e 1950, por sociólogos e antropólogos em formação, sem esquecer as pesquisas mais atuais de Ciências Sociais no Brasil provenientes de áreas que se tornaram importantes como o Turismo, a História e o Meio Ambiente. Neste sentido, ele confirma o trabalho de Olga Tulik que abordou as relações entre o turismo e a vida social dos caiçaras na Baixada Santista, chegando aos atuais momentos de tensão entre turista e caiçara.

A partir de 1970, historiadores passaram a registrar as histórias de pessoas comuns, “consideradas sem histórias”, por meio da História Oral. Recentemente, os historiadores reconheceram que a “maior parte da história do passado foi escrita para a glorificação dos governantes”. (HOBSBAWN in DIEGUES, 2005b, p.24). Alguns desses estudos foram os trabalhos de Aguinaldo Valentim sobre a produção arrozeira de Iguape no século XVIII, e o estudo de Maria Luiza Marcílio sobre a história social de Ubatuba nos séculos XVIII e XIX, este último também incluído mais adiante neste Capítulo.

Todas estas pesquisas permitiram que o mundo do caiçara se tornasse passível de ser reconstruído. Também foi nos anos 1970 que os caiçaras passaram “a sofrer perdas consideráveis de seus componentes materiais e simbólicas e se transformou de modo vertiginoso, em decorrência de mudanças profundas na sociedade que o engloba”, levando pesquisadores para o trabalho etnográfico, com novos métodos e descrições para revelar qual a visão do mundo do caiçara. (DIEGUES, 2005b, p.26).

Os pesquisadores passaram a entrevistar e obter histórias de vida dos caiçaras, que por meio da oralidade, se tornou sujeito ativo de sua história. Um destes depoimentos foi o de Orlando Euzébio de Moraes Filho, de Ilhabela, concebido a Priscila Siqueira em abril de 2003.

Minha família é toda de Castelhanos, uma praia que fica do lado do mar aberto na Ilha de São Sebastião, município de Ilhabela. Todo mundo que mora lá - umas duzentas pessoas entre velho, criança e gente crescida - é parente: primo ou primo do primo. De acordo com o processo de usucapião da área que estou tocando, a descendência de familiares, já vem de cento e vinte anos. Eu digo que é muito mais, pois minha avó, Margarida dos Santos, mãe de minha mãe, nascida e criada no Castelhanos, só ela já tem quase noventa anos. Ela teve dezenove filhos e treze deles ainda estão vivos, alguns morando no Castelhanos. (SIQUEIRA in DIEGUES, 2005b, p.26).

Em outro artigo sobre “História e Memória Caiçara” escrito pelo próprio Diegues, ele recorre a um pensamento de Michele Perrot (in DIEGUES, 2005b, p.30). “O silêncio rodeia a vida dos humildes e marginais, mas esquecê-los é uma forma de negar sua existência, o que explica o desejo legítimo de reconstruir sua história. Para ela, o que não foi objeto de um relato não existe. Esse parece ser o caso dos caiçaras”.

Diegues (2005, p.31-32) recorreu a Jean Duvignaud para diferenciar memória histórica e memória coletiva. “Memória histórica supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente da vida social e projetada no passado reinventado, memória coletiva é aquela que recompõe magicamente o passado”. Uma segunda diferença é que a memória histórica tem compromisso com a veracidade dos fatos lembrados, já por meio da memória coletiva os fatos são lembrados arbitrariamente.

Vários autores enfatizam que as lembranças do passado trazidas à memória só podem ser entendidas pelo contexto do tempo presente em que vive o entrevistado, seus problemas e percepções atuais. Diegues (2005b, p.35) buscou esclarecer também a diferença de História Oral, Relato Oral e Depoimentos Orais. A primeira é o relato de um narrador sobre sua existência ao longo do tempo, no qual revela seus valores e experiências. “Mediante a narrativa de uma história de vida se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, da sociedade global que cabe ao pesquisador desvendar”. O segundo (Relato Oral) é uma forma menos ampla e livre, versando sobre determinados aspectos da vida do entrevistado. E no terceiro (Depoimentos Orais), procura-se obter dados informativos e factuais, como o testemunho do entrevistado sobre sua vivência em determinadas situações.

Nesse sentido, restou aos historiadores trabalhar com documentos da fundação das vilas, da história das grandes famílias e seus feitos, o número de escravos, para mencionar a

existência dos caiçaras antes do final do século XIX. (DIEGUES, 2005b, p.37). Apenas nos anos 40 e 50, antropólogos e geógrafos passaram a incluir em seus estudos o caiçara.

O estudo mais completo deste período foi o do alemão Emilio Willems que em 1952 escreveu “A Ilha de Búzios: uma Comunidade Caiçara no Sul do Brasil”, publicado pelo NUPAUB em 2003, no qual a autora passa a analisar. “Empregando método da história econômica e social, bem como entrevistas e História Oral, Willems indicou um caminho profícuo para o estudo dos caiçaras, com um grau de perspicácia dificilmente atingido por pesquisadores que se sucederam”. (DIEGUES, 2005b, p.39).

Willems entendia que o litoral “Sul” do Brasil incluía uma grande área entre as “regiões quase contíguas de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso, onde uma cultura portuguesa-índia-africana-crioula se desenvolveu”. (WILLEMS, 2003, p.17). Hoje, é correto afirmar que a Ilha de Búzios está localizada no “Sudeste” do país, pertencente ao arquipélago de Ilhabela, no litoral norte de São Paulo e não no Sul do Brasil.

No prefácio do livro “A Ilha de Búzios”, Carlos Diegues confirma que entre 1941 e 1947 Willems realizou pesquisas sobre os caiçaras em diversas localidades do litoral brasileiro e “com Gioconda Mussolini se tornassem dois dos maiores conhecedores da cultura e do modo de vida caiçara”. (DIEGUES in WILLEMS, 2003, p.07)

Além de refutar a ideia de que as comunidades caiçaras fossem autossuficientes e estáticas, Willems considera que já nessa época elas passavam por grandes transformações socioculturais a tal ponto que, segundo ele, mudança era o padrão mais visível e recorrente da cultura caiçara. Para ele, a comunidade de Búzios já estava em mutação nos anos 40. Além disso, apesar de certa homogeneidade social no interior das comunidades, elas eram marcadas por vários tipos de conflitos que definiam sua dinâmica interna. A leitura do trabalho de Willems é fundamental, portanto, para quem desejar conhecer a cultura caiçara e suas transformações. (DIEGUES apud WILLEMS, 2003, p.08).

Willems seguiu carreira em Vanderbilt, Tennessee, Estados Unidos, ministrou aulas na USP e na Escola de Sociologia e Política, tendo como aluna a antropóloga Gioconda Mussolini, que se tornou professora da USP. (DIEGUES, 2005b, p.23). Willems detalhou como foi feita a ocupação na Ilha de Búzios, as construções das casas, o que os moradores comiam, a medicina popular adotada por eles, os instrumentos e técnicas agrícolas e de pesca, a organização econômica e social, as práticas de magias e religiosas, entre outras questões. “Descobrimos que a ilha de Búzios se diferencia, muito menos do que supunha, de certas comunidades da ilha de São Sebastião e do litoral em frente”. (WILLEMS, 2003, p.14).

Segundo o antropólogo, o estereótipo do caiçara como indolente foi trazida por caboclos do planalto, que tiveram pouco contato com o litoral e “estereotiparam os caiçaras como preguiçosos e bêbados imorais. Brasileiros urbanizados, que chegam ao litoral para estabelecer empreendimentos industriais ou agrícolas modernos, tendem a considerar o povo do litoral indolente e não confiável”. (WILLEMS, 2003, p.19).

Willems rememorou os efeitos da produção de café sobre o comércio e a população caiçara que morava em Búzios, já que esta produção decaiu a partir de 1854 e houve uma redução na população. A situação só melhorou por volta de 1930 quando as primeiras rodovias foram construídas ligando o planalto a Ubatuba, a São Sebastião e ao litoral sul de São Paulo.

“Uma tentativa foi feita para transformar São Sebastião em um porto marítimo moderno, porém pequeno. Pessoas que ganhavam a vida com a pesca foram integradas em colônias de pescadores sob supervisão do governo federal” que prestavam assistência econômica, técnica e sanitária. “Frigoríficos foram construídos, um em Ubatuba [...]. Ao mesmo tempo, a utilização de barcos a motor aumentou e, em algumas localidades ao longo da costa, pescadores japoneses introduziram novos dispositivos de pesca”. Este processo resultou em uma maior valorização do pescado, e em pouco tempo, os caiçaras passaram a ter melhores condições de vida. (WILLEMS, 2003, p.24).

Sobre a geografia da Ilha, Willems afirma que a superfície total de Búzios mede 7,5 km² com uma parte pequena da terra cultivável, onde se planta mandioca, batata-doce, cana-de-açúcar, café, coqueiros, bananas, árvores cítricas, feijão e legumes. Variedades de peixes são pescados, ali próximo. Não há praia de areia na ilha de Búzios, com costas apenas de rochas. (WILLEMS, 2003, p.27). Este fato de Búzios não ter praia, apenas rochões, consta na revista *Beach&Co*.

Quando Euclides da Cunha visitou a ilha de Búzios em 1902, havia 358 habitantes ou 52 famílias morando em 52 casas. Destes, em 1947 restavam 126 residentes. O antropólogo confirma ser a venda do peixe no mercado de São Sebastião, a principal fonte de renda dos buzianos neste período. “O mapa da ilha de Búzios mostra que as casas estão localizadas perto dos portos, únicos pontos de acesso. [...] O suprimento de água é fator importante na escolha dos lugares para as casas”, já que o terreno na ilha é bem irregular. (WILLEMS, 2003, p.34).

Sobre a origem dos moradores, poucos não nasceram ali, sendo o casamento o principal motivo daqueles que deixam de morar em Búzios. Todos são parentes e originários de quatro famílias: Aguiar, Silveira, Gomes e Borges. Sobre educação, religião e condições de

higiene e saúde, Willems (2003, p.38-40) descreve que só pouquíssimos se consideravam alfabetizados; todos se diziam católicos; a taxa de mortalidade infantil era alta devido à tuberculose, coqueluche e malária; e as condições de saúde eram consideradas ruins pelos próprios ilhéus, sendo a água obtida de pequenos córregos, os bananais usados como substituto satisfatório para os banheiros e os banhos com baldes raros.

Referente às propriedades, as terras habitadas pelos ilhéus pertencem ao governo e ninguém se interessava em entrar com processo jurídico para adquirir a posse da terra. Itens como eletricidade, telefones, rádios, telégrafo, jornais, serviço postal, farmácias e encanamento não haviam chegado à Ilha. “Com exceção de poucos livros de orações, certidões de casamento e de nascimento e de gravuras tiradas de revistas, o material impresso ou documentos escritos são quase inexistentes”. (WILLEMS, 2003, p.54).

Willems confirma que em Búzios a agricultura era mais importante que a pesca. A coleta de algas (limo) era feita, assim como a mandioca que podia ser plantado e colhida em qualquer época do ano. O plantio do feijão vinha em segundo lugar. (WILLEMS, 2003, p.59-60). Das 24 famílias pesquisadas por Willems, 14 tinham canoas e a pesca era feita com redes e com linha. “Toda pesca é feita exclusivamente pelos homens; as mulheres limpam e fazem um corte longitudinal nos peixes, salgam-nos e colocam-nos em pedaços de pau para secar”. Já a coleta do limo foi introduzida por um japonês que se fixara na praia de Armação, na ilha de São Sebastião. (WILLEMS, 2003, p.66).

A caça de grande porte não existia em Búzios. Referente à produção de artesanato, cestos e peneiras eram feitos pelos homens, os chapéus só pelas mulheres, mas os tapetes eram produzidos tanto pelas mulheres quanto pelos homens, além de cestos grandes e outros produtos feitos de taboa, um tipo de junco. “O trabalho de madeira constitui ainda uma fonte de renda para poucas famílias. Vários tipos de remos, gamelas, e colheres são feitos pelos homens. Fazer e consertar redes são também atividade masculina”. (WILLEMS, 2003, p.75).

A revista *Beach&Co* citou várias vezes a Ilha de Búzios como reduto caiçara, mas pouco aprofundou o modo de vida no local. Na 49ª edição, de julho de 2006, foi publicado um pequeno perfil da artesã Ditinha, moradora da Ilha de Búzios que além de fazer os artesanatos, ministrava oficinais e vendia as peças na Fundação Cultural de Ilhabela.

Sobre os hábitos alimentares dos caiçaras de Búzios, Willems (2003, p.76-77) confirma que a primeira refeição do dia era o café adoçado com caldo de cana e mandioca. No almoço e jantar, se tinha peixe, a caldeirada era preparada. Nos dias de tempo ruim, com escassez de peixe, somente a batata-doce e o feijão eram comidos. “Comem o que têm,

reclamam pouco, e pacientemente, suportam a fome e a inanição. As refeições não são jamais elaboradas e são feitas em horas irregulares”.

Os itens mais importantes comprados fora da ilha eram tecidos de algodão, cobertores, sal, açúcar, fumo, querosene, fósforos, anzóis, fio para as redes e linhas, enxó, machados, enxadas e utensílios de cozinha. Já os produtos cultivados pelos caiçaras e vendidos na cidade eram farinha de mandioca, feijão, batata-doce, banana, abóbora, coco, fruta-do-conde, algas, peixe, galinhas e ovos. Os produtos saídos da ilha de Búzios eram vendidos nas lojas na ilha de São Sebastião, no bairro de São Francisco e outros de São Sebastião e na Massaguaçu (Caraguá). O comércio entre os buzianos era feito com base na troca. (WILLEMS, 2003, p.79-80).

Os caiçaras podem passar dias e dias e completa inanição, sem se sentirem culpados de nenhum pecado ou má conduta. O ócio deste tipo é normal na cultura caiçara e certamente não é sinônimo de preguiça. Um homem é considerado preguiçoso quando não consegue dar à sua família comida e roupa suficientes e quando ele a deixa abaixo do nível local aceito a esse respeito. Para evitar críticas, um homem tem de satisfazer as demandas imediatas de sua família, mas, se o mau tempo ou o mar bravo forcem ao ócio, ele não se sente responsável por eventual falta de comida, mesmo que isso pudesse ser previsto. (WILLEMS, 2003, p.97-99).

O antropólogo Willems observou que os caiçaras sabiam que um motor de popa preso na canoa lhes pouparia tempo e dinheiro. Eles também entendiam que trabalhar em cooperação mudaria as condições materiais de vida. “Contudo, os que nutrem o mais forte desejo de mudanças preferem sair da ilha a modificar modelos de comportamento profundamente enraizados”. (WILLEMS, 2003, p.100-102).

O fato que mais chamou a atenção do antropólogo sobre o trabalho em Búzios foi à ausência da coletividade que caracterizam a maioria das comunidades caiçaras do Brasil. Willems notou que a frase “este lugar não tem futuro” era frequentemente falada pelos caiçaras, mas novamente eles preferiam deixar a Ilha a modificar o sistema econômico local. “Contudo, existe pouco estímulo para manter ou consolidar posições econômicas superiores ou para explorar sistematicamente as relações de dependência”. (WILLEMS, 2003, p.107). Já a mudança para outra cidade litorânea ou para a ilha de São Sebastião não significa rompimento total com o passado.

O antropólogo confirma que os bailes nas casas grandes com chão de madeira ofereciam oportunidade para os relacionamentos amorosos; os rapazes pediam consentimento ao futuro sogro; as moças eram consideradas prontas para o casamento na adolescência, apesar de algumas acharem que ter filhos tão cedo é *judiação*; tinha 13 casais vivendo

“amasiados”, sendo difícil o padre convencê-los de que a união precisava da aprovação religiosa; o homem casado devia garantir as comodidades essenciais para a esposa, ser sóbrio, trabalhador e respeitar a família; a mulher casada devia ser uma boa dona de casa, consertar roupas e evitar fofocas; a prostituição não chegou a Ilha de Búzios; o casamento era instável; e a virgindade da moça não era pré-requisito para uma união estável. (WILLEMS, 2003, p.115-121).

Não havia Associação de bairros, nem mesmo irmandade religiosa na Ilha de Búzios. Havia uma capela pequena que não comportava vinte pessoas e só tinha celebração no dia de São Pedro, já que as festas religiosas não eram comemoradas em Búzios. Muitos preferiam viajar de canoa para comparecer as festas em outras comunidades tradicionais próximas. (WILLEMS, 2003, p.141).

Outros dois fatos que chamaram a atenção do antropólogo foram a total ignorância de qualquer dança popular religiosa e a ausência de um culto aos mortos. Já a magia era relacionada ao parto, por exemplo, para assegurar parto normal, a paciente veste uma camisa ou um chapéu do marido. Apesar de não existir parteira na ilha, no passado era dada uma bebida de rum misturado com alho para as futuras mães, depois passou para chá de canela. (WILLEMS, 2003, p.144). Mais adiante Willems (2003, p.152) confirma que “a prática da medicina moderna seria muito mais usada se estivesse disponível. Na verdade, a maioria dos benzimentos parece que sobreviveram simplesmente por falta de coisa melhor”.

O antropólogo Willems concluiu que as atitudes dos ilhéus não obedeciam a padrões normais de comportamento das sociedades pequenas, isoladas, analfabetas e supersticiosas, pois não eram tímidos, silenciosos, rudes e desconfiados, como ele esperava encontrar numa comunidade diferente devido às condições geográfica e social. “A comunicabilidade, senso de humor e curiosidade, pode-se dizer, são características dos ilhéus”. (WILLEMS, 2003, p.162).

Ao contrário das típicas comunidades tradicionais, os ilhéus eram bastantes críticos quanto à situação que se encontravam e queriam uma escola primária no local por duas razões: “para lidar com os comerciantes sem serem “enganadas” e para conseguir melhores empregos fora da ilha”. (WILLEMS, 2003, p.163).

Na 85ª edição (2006) da revista *Beach&Co* foi publicada uma reportagem sobre os professores que atuam em escolas nas comunidades isoladas em Ilhabela, e já havia escola na Ilha de Búzios. Portanto, depois de anos, o desejo dos ilhéus de terem seus filhos matriculados em uma escola local foi realizado. Como o estudo de Willems foi publicado em 1952, seria necessária uma atualização dos dados, já que se passaram 60 anos e aspectos do modo de vida na comunidade da Ilha de Búzios se alteraram.

Retomando ao quarto volume da Enciclopédia Caiçara, um dos temas mais recorrentes na memória caiçara foi à perda de suas terras devido à especulação imobiliária. Neste sentido, consta o depoimento da caiçara Dona Astrogilda relatando a expulsão violenta de suas terras na praia da Caçandoca, em Ubatuba, feita por jagunços contratados pela empresa que tinha se apossado da terra na década de 1970. (DIEGUES, 2005b, p.40).

Para os caiçaras expulsos, a praia era um lugar abençoado. “Tudo aquilo de terra, aquele lugar santo que a gente vivia, que pra mim não tem um lugar bonito igual ao Pulso. Tenho saudades, gosto tanto daquela praia, daquele lugar... (Dona Astrogilda)”. Alguns pensam em voltar para suas praias, como revela o depoimento de seu Silvário, morador retirado da Praia do Pulso que respondeu o seguinte ao jagunço contratado pela construtora que o expulsara: “Sou filho daqui, isso era meu! (com lágrimas nos olhos e a voz embargada, seu Silvário fez uma pausa). Isso aqui era seu? Era sim, mas eu tenho fé de voltar para cá ainda”. (DIEGUES, 2005b, p.41).

Orlando Eusébio, morador da praia dos Castelhanos, em depoimento a Priscila Siqueira, indicou a violência usada na expulsão de suas terras.

Defender nossa posse em Castelhanos já nos causou problemas. Meu irmão mais moço, Joselito, levou um tiro de uma pessoa de fora que agora é morador em Ilhabela e que reivindica nossa área. Isso em 2000 e até hoje o processo deu em nada. Joselito teve que ficar nove meses sem pescar porque o braço dele teve problemas. O sujeito que atirou no meu irmão também agrediu fisicamente minha mãe, bateu nela... (DIEGUES, 2005b, p.41).

Outra questão presente na memória recente dos caiçaras é a instalação de áreas protegidas, proibindo-os de cultivarem suas roças a partir dos anos de 1960. “Se, de um lado, a instalação desses parques consta de documentos oficiais, que apresentam a visão do Estado, são raros os documentos que descrevem os traumas causados [nos caiçaras] pela instalação autoritária dessas áreas protegidas”. (DIEGUES, 2005b, p.41).

O estudo “Alguns aspectos da pesca no litoral paulista” feito em 1947 por Carlos Borges Schmidt integrou este quarto volume. Há trinta anos, em Ubatuba, se fiavam linhas de fibras extraídas das folhas de tucum (palmeira) usadas para a pesca de anzol nas costeiras e no mar, e para a confecção de pequenas redes. “Hoje ninguém mais fia” -dizem- “só aquelas mulheres velhas, usadas, é que sabiam. [...] Puçá foi vocábulo indígena que permaneceu com o mesmo significado: é como ainda hoje se denominam as pequenas redes para camarão, em forma de saco, usados no litoral norte”. (SCHMIDT in DIEGUES, 2005b, p.150).

Nos anos 40, quando Schmidt fez a sua pesquisa, os caiçaras preparavam caldeiradas de peixe. Mais recentemente a ‘caldeirada’ mais famosa é o Azul Marinho. O testemunho dos

moradores de Ubatuba presente no estudo de Schmidt rememora fatos de cinquenta anos quando a pesca era farta. Espécies de peixes como ueba, goete, pescada, corvina, peixe-galo, tudo em abundância eram “escalado”, ou seja, “aberto ao meio, retirado às vísceras, lanhado o lombo e os flancos salgado e posto a secar”. A sardinha era tida como peixe sem valor. “Nos ranchos dos pescadores trabalhavam, em cada um deles, oito ou dez mulheres, entregues à tarefa do preparo do pescado, tresandando o barracão o odor característico e pegajoso”. (SCHMIDT in DIEGUES, 2005b, p.153-154).

A maioria da produção da pesca seguia no lombo das tropas para as cidades do Vale do Paraíba e sul de Minas Gerais. Uma parte pequena seguia para Santos, nas canoas de voga. Nesta época, a produção da pesca oscilava com anos de fartura e outros de escassez.

Mas depois de 1932, último ano em que o peixe apareceu em grande número, a pesca da tainha, e de muitas outras espécies, aquela principalmente, quase chegou a se extinguir. Naquele ano pescaram 20 mil tainhas na ilha Anchieta e 18 mil na praia da Enseada. “Esse tempo acabou” -afirma o Candinho Manduca, da Barra Seca- “as invenções agora são muitas”. [...] As opiniões sobre as causas de desaparecimento do pescado são diversas e muitas. [...] A maioria atribui aos japoneses a responsabilidade. Foram eles que iniciaram, mais ou menos por aquela época, a pescaria com o “trawler”, uma rede grande de arrastão, rebocada por duas lanchas. [...] Nos anos de 1943 começou a aparecer o peixe novamente. [...] No ano de 1944 [...] estava parado, na baía de Ubatuba, um cardume calculado em umas cento e cinquenta mil tainhas. Entretanto foram os pescadores, dessa vez, apanhados desprevenidos, no que diz respeito a redes. A miséria dos anos anteriores fez com que ficassem desprovidos do material necessário. (SCHMIDT in DIEGUES, 2005b, p.154-155).

Schmidt confirma que trinta anos atrás, eram cerca de 350 tripulantes de canoas de rede na pesca da tainha e mais de 1.000 pessoas envolvidas nas puxadas das redes e com papel ativo nos cercos. (SCHMIDT in DIEGUES, 2005b, p.157).

Na pesca da tainha todos os moradores podiam auxiliar e assim ganhar a sua parte. Schmidt explica detalhes do cerco da tainha no qual, depois do alarme, surgem os aparadores sozinhos em suas canoas, vão afunilando a rede de pesca. Depois vem o lance, a puxada da rede e a repartição dos peixes. Ele conclui a pesquisa mencionando as espécies pescadas em Ubatuba como bagre, cação, corvina, garoupa, cavala, goete, jango-lengo, pescada, piragica, peixe-galo, roncador, oveva, carapau, parati, robalo, sardinha, peixe-espada e outros. “De todas elas, a principal espécie pescada é a tainha, embora o cação e a corvina destaquem-se entre os demais”. (SCHMIDT in DIEGUES, 2005b, p.160).

O mesmo cerco da tainha, só que em Ilhabela, também integrou o quarto volume da Enciclopédia. O estudo feito por Gioconda Mussolini em 1945 revela que nos meses de

inverno, o arquipélago registrava “pescadores de tainhas em plena atividade”. (MUSSOLINI in DIEGUES, 2005b, p.189).

A antropóloga explica que o pequeno pescador da Ilha tinha apenas aparelhos rudimentares de pesca, não dispunha de locais apropriados para conservar o peixe fresco e não estava ao seu alcance, a compra de barco ou traineira (rede especial para apanhar sardinha).

Gioconda perguntou aos pequenos pescadores o que fariam se tivesse dinheiro, eles responderam: “Comprava barco de pesca e tráfego e punha homens para trabalhar. É disso que a ilha precisa: de gente que dê trabalho aos homens”. Portanto, adquirir um barco de pesca era o sonho deles.

A antropóloga volta à pesca da tainha e confirma que o ciclo dura cerca de três meses, tem início, meio e fim e representa momentos de significação diferente para o pescador. “Também é a fase da rivalidade entre os ternos de tresmalhos, os pescadores guardando o segredo do local em que conseguiram encontrar o peixe e evitando até fumar, quando pescam à noite, para não denunciar aos outros a sua presença”. (MUSSOLINI in DIEGUES, 2005b, p.194).

Na época do clímax, a rivalidade já não mais existia. O vigia anunciava um cardume em movimento, tocava a buzina da rede e convidava os pescadores a tomar parte no arrastão. “Um dono de tresmalho me dizia: Agora já não tem ciência. Qualquer um pode puxar cabo num arrastão. No tresmalho não: cada homem precisa saber o que faz”. (MUSSOLINI in DIEGUES, 2005b, p.194).

Gioconda Mussolini confirma que o Sombrio, na baía de Castelhanos, por ser um lugar abrigado e piscoso, teve em suas águas o primeiro cerco flutuante do estado e do Brasil. “Onde a sucessão de qualidades diversas de peixe durante o ano todo permitiu o acúmulo de capital para a aquisição de barcos de pesca e onde a agricultura está nas mãos das mulheres ou é afazer secundário a que se entrega o homem quando desembarcado”. (MUSSOLINI in DIEGUES, 2005b, p.195).

O próximo artigo da Enciclopédia intitula-se “Caiçara, Terra e População. Estudo de Demografia Histórica e da História Social de Ubatuba” e tem como base o escrito da historiadora Maria Luiza Marcílio em 1984. Dois anos depois saiu a 1º edição da pesquisa em livro. A 2º edição foi publicada bem depois, em 2006. Como a autora da tese leu a 2º edição do livro, optou-se por fazer as citações da própria obra e não da compilação feita na Enciclopédia Caiçara organizada por Carlos Diegues.

O estudo resgatou a vida do caiçara camponês-pescador livre na sociedade escravista.

Com metodologia especial da Demografia Histórica montada a partir das listas nominativas de habitantes de Ubatuba, dos finais do século XVIII até meados do XIX, associando os poucos dispersos documentos [...] (registros paroquiais, cadastros nominativos das terras, testamentos, atas de Câmaras etc.), e de relatos orais de caiçaras ainda sobreviventes ao tempo da pesquisa, pudemos refazer a vida familiar, os processos de posse e propriedade de terra, os sistemas de transmissão de patrimônio, dentro de uma legislação de herança igualitária, e estabelecer os ritmos temporais do ciclo vital do casamento, do nascimento e da morte. (MARCÍLIO, 2006, p.13-14).

Maria Luiza Marcílio estudou a gênese, a evolução e a destruição dos caiçaras, agricultores e pescadores pobres que povoaram o litoral brasileiro, centralizando a pesquisa no município de Ubatuba. A metodologia que ela usou foi a Demografia Histórica que surgiu na década de 1950, em Paris, e a Antropologia que ajudou a pesquisadora a fazer as análises da família, das formas de transmissão da propriedade e na organização da comunidade de subsistência. (MARCÍLIO, 2006, p.17).

Encontrar um município, cuja série anual de listas de habitantes fosse a mais completa, com o menor número possível de anos falhos e a mais rica e melhor gama de informações em cada censo; 2) o município deveria, ainda, possuir população o mais acessível estável, com pequena mobilidade espacial de seus habitantes, para que se pudesse completar a história do maior número de famílias nele moradoras, do casamento à morte de seus membros; 3) era preciso, finalmente, uma vila que não tivesse sofrido nenhum corte territorial, com o desmembramento de parcela do seu espaço para a criação de novos municípios. A vila que melhor atendeu a essas pré-condições foi a pequena e última vila do litoral norte paulista – Ubatuba. (MARCÍLIO, 2006, p.20-21).

Os arquivos de Ubatuba foram encontrados em Lisboa, Portugal, no Rio de Janeiro, e em arquivos públicos, eclesiásticos e privados de Taubaté e de São Paulo, no período de 1790 a 1835. Maria Luiza Marcílio fez pesquisa de campo em Ubatuba nos anos de 1973 e 1980, e descobriu outros arquivos coloniais da vila, além de entrevistar caiçaras.

No século XVIII, o caiçara trabalhava para alimentar o grupo doméstico composto pela família e outros agregados como o escravo que complementava o trabalho doméstico. E para compensar as colheitas insuficientes ou períodos sem alimentos, eles recorriam às trocas entre grupos da localidade. (MARCÍLIO, 2006, p.41-46).

Numa contagem de habitantes feita em 1765, a vila de Ubatuba contava com 247 lares, com quase um milhar e meio de almas. Já em 1771, outra contagem revelava que a vila tinha diminuído e contava com 1.338 pessoas, entre livres e escravos. Em 1799, dobrou o número para 2.650 habitantes. A partir dos anos de 1810 começou, de forma lenta, processo de enriquecimento da cidade devido à produção das primeiras arrobas de café vendidas no mercado do Rio de Janeiro e depois ao Vale do Paraíba. (MARCÍLIO, 2006, p.51-61)

Em 1817, foi realizado o primeiro cadastro de terras nos municípios da capitania de São Paulo e em todo Brasil, e mostrou que 95% do solo de Ubatuba eram dos grandes donos de terra (64 famílias) e as médias e pequenas explorações ficavam com os 5% restantes, representando 71% de todas as famílias que possuem terra. (MARCÍLIO, 2006, p.65).

O comum era o usufruto da terra. “Ganham quase sempre os mais fortes, e os mais cultivados. A eles, a justiça da terra é mais acessível, e eles dominam e manejam com maior facilidade os mecanismos legais para o despojamento dos mais fracos”. (MARCÍLIO, 2006, p.102). Este processo ocorreu nos séculos passado e se repetiu com maior intensidade nos dias atuais.

A historiadora buscou resgatar testemunhos deixados pelo caiçara, mas “são os dominantes que falam por eles, dentro de sua maneira de vê-los”.

Fazer “falar” o povo simples, humilde, analfabeto, formado de roceiros e pescadores, morando em pequenas e simples palhoças à beira das praias, ou embrenhados pelos matos, com suas rocinhas de alimentos, só acessíveis por veredas de que apenas eles próprios conhecem o traçado, na tentativa de recuperar seu modo de viver, de pensar, de agir, de amar e de morrer é tarefa difícil para o historiador. (MARCÍLIO, 2006, p.211).

Na pesquisa, Maria Luiza confirma que as uniões consensuais estáveis eram fenômeno comum entre roceiros pobres; que setembro era o mês de preferência para os caiçaras se casarem; já o mês de agosto era o mais intenso nas lavouras de milho, mandioca, feijão e arroz, e nas plantações eram maio e junho, quando ocorriam queimadas ou derrubadas da mata para abertura de novas roças. Também em agosto vinham às praias, os cardumes de tainhas, obrigando os caiçaras e formarem mutirões para a pesca e para a comercialização nos portos vizinhos. (MARCÍLIO, 2006, p.215-217).

Sobre os nascimentos, devido ao alto risco de mortalidade nos primeiros dias de vida, os pais costumavam batizar seus filhos com 20 dias de vida. E dificilmente os filhos herdavam o sobrenome do pai ou da mãe, assim como a esposa nunca incorporava o nome de família de seu marido. (MARCÍLIO, 2006, p.229).

As festas e diversões eram religiosas e profanas, procissões, danças e poucos jogos. Para o povo, a festa mais importante era a do Divino Espírito Santo. Os caiçaras organizavam a dança de São Gonçalo ou Moçambique, a festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores, com canoas que saíam de todas as praias para se encontrarem no porto da vila, onde havia missa solene, e outros menores. (MARCÍLIO, 2006, p.244).

As procissões marítimas de São Pedro ocorrem nos dias atuais e foram citadas na revista *Beach&Co*. Abaixo a autora da tese retorna ao quarto volume da Enciclopédia, no qual estão os depoimentos de caiçaras das quatro cidades do Litoral Norte.

O caiçara Elyseu Félix dos Santos foi entrevistado em fevereiro de 2003, por Maria Claudia França Nogueira, pesquisadora de cultura popular de Ilhabela, cujas gravações e transcrições integram o Centro de Memória do Povo Caiçara que estava sendo viabilizado nesta cidade em parceria com a Sociedade Amigos da Biblioteca Pública Municipal. Elyseu nasceu no bairro do Pequeá, próximo à Fazenda Engenho d'Água, em Ilhabela no ano de 1927.

Seu avô materno, José Camarão, de origem holandesa, era remador de canoa de voga, que transportava aguardentes para Santos, tendo sido o único sobrevivente de um naufrágio dessa embarcação. Já o pai de Elyseu, Benedito Félix, descendente de holandeses e africanos, era tido como um dos melhores pescadores de toda a ilha. De uma grande família do bairro, atuante no campo musical e cultivadora de tradições como a Cantoria de Reis e o Caiapó, Elyseu presenciou a cultura caiçara sendo substituída pela do turista e dos empresários forasteiros. Foi pescador, lavrador, cortador de lenha, auxiliar de bar e marcenaria, jardineiro, tripulante de sardinheiro, cozinheiro, servente de pedreiro, vendedor ambulante de peixe, pai de onze filhos e é compositor (sambista). [...] Ao voltar a viver na ilha, depois de morar por trinta anos na cidade de São Sebastião, no continente em frente, Elyseu trouxe vívida a memória da vida e da paisagem que havia na ilha até então. (NOGUEIRA in DIEGUES, 2005b, p.408).

A citação mostra que Elyseu, assim como os demais caiçaras da região, são frutos da miscigenação de várias raças e culturas. Ele explica detalhes do seu estilo de vida. “Nasci numa família pobre, pescador -a profissão de todos eles era pescador, assim como eu também sou- pescador e plantação. Existia tudo quanto era de plantação que era para alimentar o povo caiçara”. (NOGUEIRA in DIEGUES, 2005b, p.408).

Elyseu revelou na década de 30 o ambiente frequentado pelo caiçara começou a ser alterado com a desapropriação de terras e construções de empreendimentos. (NOGUEIRA in DIEGUES, 2005b, p.408).

O meu pai foi o grande pescador daqui da frente da ilha. Dali da Ponta do Pequeá até o farol do Moleque era onde ele pescava. Os apetrecho dele de pesca era linhada de anzol, espinhel e a menjoada. Ele tinha uma canoa grande que era um batelão e uma canoa que só ele embarcava, que remava em pé nessa canoa. [...] E ele ia remando até o Baixo, ali perto do Farol Vermelho. Ali a gente pescava espada na altura de seis braça, cinco braça, vai até uma braça e meia -já lá pela praia Deserta. [...] Com treze anos eu fui pescar no barco Vitória do finado Mané da Luz -a rede grande, de arrastão de praia. Eu fui só fazer as peças de cabo na praia. E puxar a rede com o puxador, que eu queria aprender. [...] A gente dormia nas canoas até a hora de largar a rede -ele e os filhos dormiam lá no barco- quatro horas da madrugada a gente lançava o

primeiro lanço. Os camaradas que não eram embarcados. A gente pescava uma semana e enquanto o barco ia pra Santos levar a mercadoria, nós, camaradas, ficava tratando da rede, costurando, fazendo o que precisava, lá na praia do Saco Grande. [...] Esse tipo de pesca sempre existiu – porque meu pai também no tempo de moço trabalhou também nesse barco, nessa rede. E depois de casado também. (NOGUEIRA in DIEGUES, 2005b, p.410-412).

O primeiro emprego, Elyseu arranhou com 14 anos “na casa do Aníbal [Teles Corrêa], o primeiro rico que chegou à ilha”. Com 15 anos, estava em Santos trabalhando na cozinha e depois no balcão de um restaurante. A pedido da mãe, com 17 anos ele retornou para Ilhabela, mas foi morar em São Sebastião e lá trabalhou com peixe, criou os filhos, teve comércios, teve duas casas e ficou sem nenhuma “Ah!... e fiz muitas composições e cantei durante doze anos no Tebar Praia Clube. Em São Sebastião todos me conhecem por Perajica”. (NOGUEIRA in DIEGUES, 2005b, p.413).

Ele queria voltar pra Ilhabela. “Estou aqui, mas não estou seguro, aqui na ilha, porque não tenho nada aqui. Não sou um forasteiro que chegasse, aqui... sou raiz de Ilhabela, sou nascido e criado; então eu tenho direito de conviver até os tempos que eu gostar, quiser, que eu puder viver”. (NOGUEIRA in DIEGUES, 2005b, p.413).

Um segundo depoimento presente na Enciclopédia é o de Orlando Euzébio de Moraes Filho, caçara de São Sebastião, nascido em 1963, que foi entrevistado pela jornalista Priscila Siqueira em 2003. Ele conta que seus pais tiveram sete filhos, sendo ele o terceiro e nascido na praia Deserta em São Sebastião, pois acharam que estava difícil viver numa praia tão isolada como Castelhanos, com criança pequena para criar.

Por terra só se chegava em Castelhanos subindo e descendo uma picada, que cortava a mata e estava cheia de bicho ruim. Ir pra Castelhanos, a maioria ia mesmo é de barco. O mar sempre foi a estrada do caçara. Mas até hoje, quando o tempo esfria e o mar vira, fica difícil descer com o barco na praia. [...]. Mas deixamos a casa no Castelhanos. Em nossa área ninguém mexia, pois sabiam que era da família. A gente sempre ia pra lá visitar a avó ou participar das festas, dos bailes da roça. Desses bailes a gente saía antes da meia noite, pois tínhamos medo de lobisomem. Qualquer cachorro que nos seguisse, era lobisomem na certa. [...] Quando a gente era menino, não saíamos de Castelhanos. Meus irmãos, eu e as outras crianças da praia, nos pelávamos de medo de brincar perto do cemitério dos negros quando começava a ficar mais escuro. (SIQUEIRA in DIEGUES, 2005b, p.416).

Além do medo de lobisomem e do orgulho de pertencer à comunidade tradicional em Castelhanos, Euzébio falou da interferência do turismo no local.

Hoje muita gente frequenta Castelhanos: surfistas, turistas de tudo o que é lugar, até mesmo do estrangeiro. Mas no nosso tempo de menino, era só nós mesmos. A gente tomava banho pelado na praia, homem, mulher e crianças.

Todo mundo nu. Não tinha maldade nem malícia de nada, pois era tudo parente mesmo. Os mais velhos sempre diziam que nossa praia tem esse nome porque quem mora em Castelhanos tem um jeito espanhol de falar. Deve ser porque nas épocas do antanho, vinha muito pirata por essas bandas. Pirata francês, espanhol. [...] Aqui nas ilhas deste litoral, é tudo uma mistura. Tem família com filho loiro, irmão de moreno escuro, ou cara de índio. Está tudo misturado no sangue de nossas veias... (SIQUEIRA in DIEGUES, 2005b, p.416-417).

Além do conhecimento sobre sua comunidade, Euzébio mostrou que sabe pescar, apesar de ter ido para São Bernardo do Campo, onde fez curso de ferramenteiro e trabalhou dois anos e meio. “Mas minha vida não era aquilo não. Voltei para o mar e trabalhei como sardinheiro em Santos e Angra dos Reis. Na época deu para juntar muito dinheiro, pois a pesca era forte. Deu para eu comprar meu próprio barco. Hoje o peixe está escasso”. (SIQUEIRA in DIEGUES, 2005b, p.416-417).

O depoimento acima desmente a falácia de que caiçara não gosta de trabalhar. Euzébio se casou com uma moça de Paraty e tiveram dois filhos. “Um marmanjo de quinze anos que está estudando e me ajuda no barco e uma menina de treze anos. Eles são o meu tesouro. [...] por causa deles que eu luto por nossa posse em Castelhanos”.

Meus irmãos e eu abrimos quiosques na praia, para aproveitar o movimento da gente de fora. Na semana passada, eu vendi meu barco de pesca e comprei uma lanchinha ligeira. Fica mais rápido para eu ir no pesqueiro pegar garoupa de espinhel ou na rede de malha. Dá até mesmo para ganhar um extra, levando turista para passear no mar. Com o dinheiro que sobrou da venda do barco de pesca, vou construir uma pousadinha para os gringos que frequentam Castelhanos e não têm onde ficar. (SIQUEIRA in DIEGUES, 2005b, p.417-418).

O relato demonstra que o caiçara passou a desempenhar funções relacionadas ao turismo, como “abrir um quiosque na praia”. Os projetos de Euzébio revelam que ele “não é avesso ao progresso e as tecnologias”. Já que vendeu a canoa, comprou uma lancha “ligeira” e ainda queria construir uma pousada. Portanto, este depoimento mostra que o caiçara se transformou se adequou a nova realidade, mantendo o sentimento de pertencimento a “sua terra” e ao “seu mar”.

Um terceiro relato presente na Enciclopédia Caiçara foi a de Sebastião Marcondes Sodré, o “Seu Sebastião”, 84 anos, entrevistado por Sílvia Regina Paes, em Caraguatatuba, no ano de 2001. Ele morava no bairro Massaguaçu (faleceu), tinha uma pequena canoa de madeira e remo com a qual saía para pescar na praia da Cocanha, todos os dias. “Aquela época a gente matava a quantidade de peixe que queria. [...] Olha, a vez a canoa, se fosse pescar mesmo a canoa não cabia os peixe que matava. [...] O pessoal que morava no sertão

não pescava. Então quando nós chegava era uma festa. Eles pulavam no má pra pegar”. (PAES in DIEGUES, 2005b, p.420).

Sebastião acreditava que o pescador deveria receber mais ajuda do poder público quando ficasse velho. “A turma de pescador devia ter uma ajuda, um custo de vida. [...] um aposentado ganha hoje em dia, um salário mínimo. [...] todos os pescador aqui, pode ver que eles não têm nada, ninguém, são tudo pobre”. (PAES in DIEGUES, 2005b, p.420-421).

Sebastião relata as conquistas advindas do progresso. “Porque eu não tava enxergando mais. Mas, felizmente, graças a Deus operei essa vista e, eu aqui enxergo melhor hoje do que quando eu era moleque”. Em seguida comenta da rodovia “já foi melhorando nosso bairro aqui, já foi ficando melhó. Aí já foi aparecendo algum serviço de pedreiro, carpinteiro, de... a coisa aí já foi melhorando, mas até 46”. (PAES in DIEGUES, 2005b, p.421).

Ele também relatou os problemas que surgiram como a presença de turistas invadindo suas praias e não colaborando para a preservação dos ranchos de pesca na praia. “Quando a gente coloca a canoa aí pra baixo pra saí, eles tão na água, você pode falar, pode xingar, pode pedi: “Sai daí.” Aí que eles cai na água, [...] A gente espera, espera, espera a boa vontade deles. Quando chega na hora de vim é a mesma coisa”. Outro problema relatado por Sebastião é o lixo deixado na praia.

Sílvia Regina Paes também entrevistou em 1995 e 1996 os caixaras Dazil Caetano (falecido) e Wilson Paes sobre a caça. “Tem quati, tamanduá, tatu, preguiça, veado que tem aqui também, mono, macaco bugiu; cotia, paca, gambá, anta [...] E a anta, esse bicho ninguém mata porque é muito grande. Tem o tamanho de um jequinho. Não mata porque dá uma cadeia dura”. Os caixaras matam os animais para comer e não para ganhar dinheiro. “Ah, eu acho que tem gente aí que caça por profissão, eu acho errado. Mas, se a pessoa tá no mato, ele acha um bicho, as vez não tem mistura nenhuma, dá certo que acha um bicho pra come, eu tô de acordo com ele”. (PAES in DIEGUES, 2005b, p.424-426).

Wilson Paes revela que macaco e bicho preguiça ele não mata. “Só mato é cutia, paca, tatu, macuco. Come, mas é que, é um bichinho tão bonitinho. Você vê que nem você vai caçá o bicho preguiça, ele põe a mão na frente assim [gesto com os braços sobre o rosto] e começa chorá, solta lágrima”. E confirma que a época de caça vai de maio a julho, e que de agosto em diante os bicho estão procriando. (PAES in DIEGUES, 2005b, p.427).

O geógrafo Domingos Fábio dos Santos, membro da Associação de Defesa do Povo Caiçara, entrevistou em 2003 a dona Astrogilda, Brás de Oliveira, Dona Aparecida e seu Silvário, moradores da Praia do Pulso, em Ubatuba, onde até 1960, a economia era embasada na agricultura de subsistência e na pesca artesanal. Como já visto nesta tese, eles relataram

que perderam suas terras na Caçandoca, deixaram de trabalhar nas atividades agrícolas, foram expulsos da praia e direcionados ao sertão ou a periferia pobre da cidade. Dona Astrogilda, revelou como foi à expulsão de sua família na praia do Pulso.

Olha, o que eles puderam judiar de nós, eles judiaram mesmo. [...] Quando chega um dia, nós descemos na sexta-feira, chegamos cá e tinham acabado com tudo. Tinha cortado o cafezal, cortado a bananeira, cortava tudo. Mas acabou. Tinha roubado a casa, tinham entrado pra dentro. Eu tinha bastante peixe em casa, peixe salgado, peixe seco. Eles jogaram tudo fora, jogaram as minhas panelas, todas elas fora. Não sobrou uma panela pra mim cozinhar: Quebraram, amassaram. [...] Quando chegou um belo dia o Inglês chegou lá, mandando a gente sair. Desocupar porque as terras eram dele, mostrou papel, sabe. E aí tinha que sair todo mundo. E foi saindo, todo mundo, todo mundo. Nós ainda birramos e fiquei ainda. Eu com aquela ninhada de filho, meu Deus, não sabe o que passei. (PAES in DIEGUES, 2005b, p.432).

“Os antigos pescadores, roceiros e artesãos exercem agora as profissões de zeladores, caseiros, jardineiros e outras atividades não qualificadas na construção civil, hotéis e restaurantes”. Vários conseguem empregos temporários no verão e uma grande parte dos caiçaras não encontrou trabalho, por questões de idade, de saúde ou de estranhamento cultural. “Esses últimos podem ser encontrados marginalizados, alcoolizados ou mendigando por todo o município”. (PAES in DIEGUES, 2005b, p.433).

No mundo atual, as praias, cachoeiras e bons terrenos foram apropriados por turistas. Tem escola, serviços de saúde, novas tecnologias de comunicação e de técnicas de produção, mas estes benefícios são distribuídos de forma desigual. “Os benefícios não compensam os malefícios. Fica-se sonhando como seria esse espaço se as mudanças não tivessem provocado tantos danos, tantas vidas perdidas, tanta terra usurpada, toda uma cultura morta”. (PAES in DIEGUES, 2005b, p.434).

Néri Barbosa e Manoel Neres Barbosa (Baéco), caiçaras do Sertão do Ubatumirim, também foram entrevistados em janeiro de 2005 por Gilberto Chieus Junior, mestre em Educação Matemática pela Unicamp e relataram os “cálculos” usados na construção de canoas.

Eles aprenderam o ofício de construir canoa com seu pai, Sr. Acrício, Desde meninos, observaram cada detalhe do processo.

Você vai olhando o que meu pai fazia, vai aonde batia as linhas, os níveis, os prumos. Não tem como ensinar pra passar pro outro, você vai olhando e vai aprendendo. Tudo no olhar. Meu pai, acho que foi com um livro que tinha antigamente que ele viu e com o meu tio. Meu tio fazia canoas e veio ajudar ele fazer. Depois passou pra nós. [...] Ao prosseguir com a entrevista, Néri relata que seu pai era analfabeto, mas tinha o que ele chamava de “imaginação”. [...] Quem sabe já tem na imaginação, já olha numa árvore e vê

aonde que é a canoa. Eu tenho isso. O meu pai tem isso, meu irmão Baéco. Eu já tenho a parte certinha da canoa, na tora. [...] Eu já sei aonde tem a madeira está em tal lugar...é tudo assim...nunca perdemos o tempo e saí pelo mato e procurar o pau da canoa. Já sabe mais ou menos aonde é. (PAES in DIEGUES, 2005b, p.440-441).

Baéco e Néri relatam que usam machado e também motosserra. “Antigamente, uma tora de um metro, você perdia cinquenta centímetros, se fosse estourar ela. No motosserra você corta um centímetro, no machado você não consegue cortar menos de cinquenta centímetros uma tora. Hoje aproveita tudo. Faz mesa, faz cadeira”. (PAES in DIEGUES, 2005b, p.441). A seguir o quinto e último volume da Enciclopédia com os mitos, lendas e festas caiçaras.

2.6. Festas, Lendas e Mitos Caiçaras

O diretor do Museu Caiçara de Ubatuba, Julio Cesar Mendes recuperou algumas lendas da cidade como a do “Boia de Conchas”, que se resume a história do “Ratambufe”, um boizinho quase que inteiramente branco, apenas o rabo era preto, e destacava-se uma mancha preta na testa com formato de concha. O boi foi crescendo e ouvindo as promessas de seu dono que iria lhe mostrar o mar e assim aconteceu.

Eu vi! Vi com esses olhos que a terra há de comer! Eu estava tocando minha viola em baixo da amendoeira do cruzeiro, quando apareceu aquele vulto branco vindo lá da prainha do Matarazzo. Eu pensava que era um barco, mas não era. O bicho veio ao som da minha viola, veio vindo, veio vindo e ficou diante dos meus olhos, no lagamá. Eu vi! O bicho era todinho branco, todinho coberto de conchas, tinha uma mancha preta na testa e o rabo preto. Brilhava e ardentia, parecia um ser encantado; vinha acompanhado por tudo que era peixe do mar, botos e cavalos marinhos! Foi à coisa mais bonita que eu já vi em toda minha vida, Malvina! [...] Puxe um pouco pela memória, Malvina! Você lembra aquele caso que aconteceu com o Cipriano? Você lembra aquele boi branco que ele trouxe do Bairro Alto, para matar no matadouro? Você lembra o que aconteceu com o boi? Ouvi dizer que o boi tomou à dianteira e foi para a praia, entrou no mar e morreu afogado! - “Foi justamente isso”. (MENDES in DIEGUES, 2006, p.120-121).

Julio Mendes revela que o Boi de Conchas, foi uma aparição aos olhos de Zé Capão e de avô Lindolfo. Para Zé Capão, o boi aparecia em suas pescarias de robalos, na boca da barra do rio Grande, e, para vovô Lindolfo, o boi aparecia quando ele dedilhava sua viola na praia do Cruzeiro. “Fica aí registrada, a lenda do boi de conchas [...] e fique fazendo parte das demais lendas da cultura da cidade de Ubatuba, que já não são levadas às crianças, e muito menos ensinadas nas escolas”. (MENDES in DIEGUES, 2006, p.120-121).

Outra lenda contada por Mendes é a da Gruta que Chora. Esta foi notícia na revista *Beach&Co*, na 20ª edição, em 2003. O autor explica que Sununga significa “lugar de

barulho”, “parada das trovoadas”, “redutos das ondas estrondeantes”, “moradia dos seres uivantes”, “lugar venerado pelos Tamoios”.

O mar estava calmo como nunca esteve: nem ventos, nem trovões, nem pássaros a gorjear... O silêncio era total. Na areia um grande rastro que atravessava de um canto a outro da praia, indo em direção à gruta. No interior da gruta observa-se algo nunca visto, escuro e enrodilhado, parecendo ser uma grande cobra. [...] jovens donzelas eram atraídas para aquela praia, dessas, muitas nunca mais voltavam e outras voltavam sem o gosto pela vida: não trabalhavam, não comiam, não bebiam, enfim aniquilavam-se até a morte... Achavam os pajés ser coisa da grande serpente. [...] Dois grandes acontecimentos estavam marcados para acontecer: um era o casamento da jovem Arecê, filha do Cacique Pindobussu, com o jovem guerreiro Camuri, filho do pajé Tijuaê. O outro acontecimento era a chegada de dois missionários brancos. [...] O sol se punha atrás do pico do Corcovado e ao iniciar o serão, ouviu-se um horripilante silvo seguido de um grito, vindo da sununga... [...] Toda tribo seguiu para a Sununga. Arecê estava lá em prantos, isolada e enfeitiçada, sobre uma pequena mancha de sangue. [...] Camuri tinha um único recurso: recorrer aos jesuítas. [...] Uma onda encapelou em ruidoso marulhar e adentrou-se à gruta, extraíndo de seu interior o temível ser: metade dragão, metade serpente. Não voltarás mais aqui enquanto esse povo existir. Proferiu Anchieta. O feitiço foi quebrado, Arecê se restituiu e o casamento aconteceu. (MENDES in DIEGUES, 2006, p.121-122).

Júlio Mendes uniu duas versões desta lenda, a contada por Idalina e a outra por Filhinho, mas ambas tem o dragão-serpente, a gruta e a praia da Sununga. O artigo com os causos e lendas de Caraguatatuba, no quinto volume da Enciclopédia, foi escritos por Silvia Regina Paes e estão em sua dissertação de mestrado detalhada mais adiante. As lendas e causos de Ilhabela, escritas pelas moradoras Iracema França Lopes Corrêa (Dedé) e Maria Cláudia França Nogueira, publicadas em 1986 no encarte do Jornal da Ilha e narradas por Elyseu Feliz dos Santos. Abaixo, a transcrição da lenda da Toca do Estevão, também relatada na *Beach&Co*.

O capataz, que sentia grande ciúme pelas atenções dispensadas a Estevão pela “Sinhá”, descobriu que o escravo sabia ler e escrever. Imediatamente contou ao “Sinhô” que mandou aprisionar Estevão. A prisão e os castigos dispensados a um escravo alfabetizado eram torturantes, muito mais do que os de um escravo comum. Um belo dia, Estevão fugiu do cativeiro, ajudado pela “Sinhá”, que tinha como ama a mãe do próprio Estevão. Quando descobriram a fuga foram direto à “Sinhá” e à sua ama. Estas, ao verem chegar o capataz, o “Sinhô” e os policiais, imediatamente tiveram uma ideia: ocultaram Estevão embaixo da longa e engomada saia da ama e negaram até o final terem visto o escravo. Assim que os homens se foram, Estevão partiu ocultando-se em uma toca que fica logo acima do Engenho D’Água, e nunca mais o pegaram. Ainda hoje, quando passam perto dessa toca, os caçadores dizem ouvir os lamentos do escravo. Daí o nome “Toca do Estevão”. (CORRÊA e NOGUEIRA in DIEGUES, 2006, p.121-122).

Outras lendas foram contadas na Enciclopédia, como a do “Peixe tapa”, da Água Branca, da Água da Saúde, da Toca da Serpente, da Pedra do Sino. E o artigo sobre as festas em São Sebastião, foi escrito por Ariane Porto Costa Rimol, doutora pela ECA/USP. A comunicadora recorreu aos arquivos do Projeto Cultural São Sebastião Tem Alma, instituição a qual é cofundadora e aos estudos sobre Folclore Brasileiro feito por Rossini Tavares de Lima, em 1959, através da qual coletou dados das manifestações folclóricas em São Sebastião.

Ela resgatou a história da Congada no bairro São Francisco que desapareceu por anos e na década de 1990 voltou a ser realizada; as folias de reis e do divino; o Moçambique; as procissões católicas; o Boi Investe um folguedo que acontecia todos os anos durante a Festa de Sant’Ana em julho (na Fazenda de mesmo nome, que foi tema de reportagem na revista *Beach&Co*), os Pasquins (descritos mais adiante) e o fandango.

Sobre as manifestações caiçaras em São Sebastião, a autora da tese, em janeiro de 2012 visitou a Secretaria de Cultura e Turismo deste município, e dentre vários documentos, encontrou a categorização da Cultura Caiçara, por atividades e representantes nos bairros.

Tabela 3. Cultura tradicional em São Sebastião - Núcleo de Culturas Tradicionais

Legenda: 1)Celebrações; 2)Forma de Expressões; 3)Ofícios e modo de fazer; 4)Edificações e 5)Lugares.

BAIRRO	1	2	3	4	5	ATIVIDADE
Canto do Mar			X			Taboa
Jaraguá		X	X		X	Taboa (D. Terezinha)
Enseada		X	X		X	Caxeta
Cigarras			X		X	Melado, marimba (mãe do Miguel)
Cigarras			X		X	Marimba (mãe do Miguel)
Morro do Abrigo	X					Folia de Reis (Mario e José Celso)
São Francisco	X	X	X		X	Congada (Luis Claudio)
São Francisco	X					Festa de São Pedro
São Francisco				X		Forno / Casa da Farinha (Barsotti)
São Francisco	X	X	X		X	Folia de Reis (Mario)
São Francisco		X	X		X	Paneleiras (Panela de Barro)
Portal da Olaria					X	Núcleo Barro
Pontal da Cruz	X	X	X		X	Caiapó (Zé Coco)
Pontal da Cruz	X	X	X		X	Folia do Divino
Porto Grande		X			X	Danças Folclóricas (3ª Idade)
Centro	X					Festa Nossa Senhora do Carmo
Itatinga			X			Apetrechos de Pesca (Raul)
Topolândia			X		X	Canoa (Raimundo)
Topolândia			X		X	Farinha
Topolândia			X		X	Peixe Azul Marinho
Topolândia			X		X	Rede de Pesca
Toque Toque P.	X	X				Festa de Santana
Toque Toque P.	X	X				Corrida de Canoa
Camburi		X	X		X	Taboa
Camburi		X	X		X	Caxeta
Camburi			X		X	Peixe Azul Marinho

Abaixo, apontamentos sobre mais um aspecto da Cultura Caiçara.

2.7. Gastronomia Caiçara

O artigo de Cynthia Luderer (2010) publicado nos anais do XIII Conferência Brasileira dos Estudos da Folkcomunicação, intitulado “A Projeção da Cozinha Caiçara na Mídia Impressa”, rememora a origem da gastronomia caiçara e analisa como revistas especializadas mostram os pratos do chefe de cozinha Eudes Assis, caiçara de São Sebastião. O artigo integrou as pesquisas bibliográficas, de campo e documental da tese de Cynthia.

Ela confirma que a gastronomia ganhou importância no Brasil a partir de 1990, período em que a mídia passou a publicar mais conteúdo sobre esta temática. Ela explicou que o fato da capital paulista estar localizada a 170 quilômetros do Litoral Norte (São Sebastião), a facilidade de acesso nas rodovias e o conforto dos automóveis, foram fatores que fizeram com que os paulistanos procurassem outras regiões próximas à cidade “em busca de descanso, entretenimento e consequentemente novas opções gastronômicas, ainda que tenham variadas na capital”. (LUDERER, 2010, p.01).

A vinda de paulistanos e de turistas de outras grandes cidades para o litoral acaba transformando a rotina das comunidades caiçaras. Uma das praias mais frequentadas é Maresias, em São Sebastião, onde se localiza o restaurante em que atua Eudes Assis. O chef foi notícia na edição n.107 da revista *Beach&Co*. Eudes busca valorizar os costumes culinários da região em suas produções gastronômicas. “O profissional ganha espaço na mídia devido a esta proposta que passou a ser intitulada pela imprensa como cozinha neocaiçara”. (LUDERER, 2010, p.02).

Sobre a origem do caiçara, Cynthia confirma que o afastamento geográfico fez com que este povo preservasse sua cultura e consequentemente sua produção culinária. O caiçara absorveu uma mescla cultural baseado em hábitos distintos dos indígenas, dos portugueses, de outros europeus e dos africanos. Já a culinária caiçara foi desenvolvida com base nos ingredientes frescos oriundos da pesca e da mata, por meio da caça, das raízes e dos vegetais.

O escambo, por exemplo, era uma prática mantida entre eles. Aqueles que viviam na serra trocavam mercadorias com os que viviam no litoral. Nos lugares que não havia eletricidade e nem equipamentos para gelar os peixes a solução para mantê-los, em boas condições de consumo e por mais tempo, era salgá-los e secá-los. Assim, os pescados eram mantidos sobre o fogão à lenha para serem secos, mas havia uma série de cuidados específicos em torno deste procedimento. (LUDERER, 2010, p.02-03).

A mandioca, originária da América, é iguaria muito utilizada na culinária caiçara. “Além do uso desta raiz no cotidiano alimentar, apresentada frita, assada ou cozida, a farinha

dessa tuberosa também é bastante aplicada à produção dos pratos servidos nessas comunidades”. (LUDERER, 2010, p.03).

O milho e o arroz integram a alimentação dos caiçaras e também são consumidos como farinha no preparo de pirões ou pães. O processo da produção da farinha é mantido entre as comunidades, com ajuda mútua e envolvimento das crianças. No término da produção, os caiçaras se reúnem para comemorar o resultado do trabalho coletivo. (LUDERER, 2010, p.03). Originárias da África, a cana e a banana, integram a cozinha caiçara, assim como o palmito encontrado na Mata Atlântica. Por questões ambientais, a extração do palmito se tornou escassa e o alimento deixou de estar presente na mesa dessa comunidade.

Retomando a história de vida do chef Eudes Assis, na década de 1970, ele passou a infância no sertão da praia de Camburi, vizinha a Maresias, e mantinha com sua família, costumes nativos da região. Foi no restaurante de alta gastronomia, o Manacá, em Camburi, que Eudes iniciou a sua carreira profissional como cozinheiro, sendo incentivado pelo proprietário, o sociólogo e chef de cozinha Edinho Engel. (LUDERER, 2010, p.07).

Eudes agrega em suas criações as memórias gustativas da infância, quando a mãe cozinava para ele e para seus irmãos comidas com base nos ingredientes da região, além das técnicas francesas absorvidas em conceituados restaurantes brasileiros onde o chef caiçara trabalhou e nos cursos e vivências profissionais que teve no exterior. Mais tarde, Eudes em parceria com empresários da região, estruturou o restaurante “Seu Sebastião”, em Maresias, nome que homenageia os pescadores caiçaras que trazem em seu batismo o nome do santo, que também dá nome à cidade.

Encontrar os produtos típicos da região é raro e o chef expõe esse diferencial.

As opções do cardápio traz várias propostas com uso de pescados, crustáceos e frutos do mar. Algumas criações, no entanto ganham destaque por serem produzidas com ingredientes da terra. A taioba, por exemplo, um tipo de folha que se assemelha à couve manteiga, passou a ser usada por Eudes Assis em algumas produções [...]. A folha ganhou valor diferenciado quando foi apresentada junto a uma pescada cambucu, em crosta de banana da terra, sobre uma cama de pupunha grelhada e acompanhada com o creme de taioba (feito inclusive com vinho francês) e chips de inhame. Essa composição é oferecida no cardápio como parte do menu caiçara, vem acompanhada de entrada de folhas verdes com pitu flambado na cachaça, e vinagrete de caju e ainda a sobremesa, manga grelhada ao caramelo de capim santo, sorvete de tapioca e uma renda de gengibre. Nas três produções predominam vários ingredientes que remetem à culinária caiçara: o pitu, a pupunha, o inhame, a banana da terra, a cachaça, o caju, a manga, a própria taioba, o pescado e a tapioca [...], a mandioca. (LUDERER, 2010, p.07-08).

A pesquisadora Cynthia confirmou que as revistas especializadas na alta gastronomia têm publicado matérias que abordam ingredientes nativos brasileiros. E apesar de ter sido escolhido o chefe revelação pela revista *Prazeres da Mesa*, Eudes Assis ainda não tinha tido suas produções mencionadas ou ilustradas na capa desta ou de outras publicações. “Ele é mencionado como uma jovem promessa na área, sem, no entanto, relacionar o profissional com a cozinha caiçara que produz e divulga”. (LUDERER, 2010, p.09).

Nas capas das revistas de alta gastronomia, ainda prevalecem às imagens de vinhos, de pratos e termos estrangeiros, com destaque à língua francesa que remete a uma visão burguesa da culinária. O tema da sustentabilidade também tem chamado atenção, “e consequentemente os chefs que se dedicam a um modelo de gastronomia considerada sustentável, como o uso de produtos de sua região, o respeito à sazonalidade e o aproveitamento dos restos, ganham espaço na imprensa”. (LUDERER, 2010, p.09).

A vinda de chefes franceses Claude Troisgros e Laurent Suaudeau para o Rio de Janeiro nos anos de 1980 e 1990, fez com que os produtos nacionais passassem a ser valorizados na alta gastronomia pelo olhar do estrangeiro. Mais recentemente, em 2008 e 2009, outros renomados chefes espanhóis e franceses vieram para o Brasil e demonstraram entusiasmo com os variados sabores dos ingredientes nacionais.

A mídia que aqui se aborda atende em sua maioria leitores de classe A e B. Pessoas inseridas no mercado do consumo urbano e que podem estar vinculados às estruturas das segundas residências. Um público que privilegia hábitos e expressões europeias, que os remete a um status de nobreza, e consequentemente se afasta das expressões mestiças latinas, a não ser que elas estejam enredadas para eles em forma de espetáculo. [...] As revistas procuram manter seus discursos coerentes com seu público alvo [...] expõem matérias que se vinculam aos interesses sociais e ecológicos, em forma de espetáculo, oferecendo aos seus leitores tais conhecimentos, provocando uma tendência para o consumo, mantendo, dessa forma, o contrato comunicativo com seu público. (LUDERER, 2010, p.11-12).

Portanto, Cynthia confirma que a mestiçagem latina está nas entrelinhas das revistas de alta gastronomia. E os termos franceses permanecem no vocabulário e nas técnicas gastronômicas, perdendo a estética ao se agruparem aos ingredientes nacionais. Embora não apareça nas capas das revistas, o chefe Eudes e suas produções caiçaras abrem caminho junto à mídia para o público reconhecer e valorizar a Cultura Caiçara.

Mas a realidade da comunidade caiçara, que foi desestruturada em função da invasão imobiliária e interesses diversos em torno do mercado, não é apresentada para os leitores. O espetáculo das imagens e os estereótipos vinculados ao não lugar não permitem o leitor visualizar outros dados além

das próprias produções gastronômicas ou das imagens de chefs que aparentemente não suam e nem ao menos se sujam em suas cozinhas. Nesse modelo de publicação que se mantém é questionável se o leitor, ao desconhecer as práticas e o entorno, conseguirá avançar em suas reflexões para perceber a complexidade que existe a sua volta. No entanto, outros veículos de comunicação como os meios eletrônicos, interligam-se às revistas e expõem dados que completam as edições, ampliando os modelos de produções gastronômicas por ora não apresentadas. (LUDERER, 2010, p.12).

Por exemplo, na revista *Prazeres da Mesa* de janeiro de 2010, o bolinho de arroz com taioba, referência no restaurante “Seu Sebastião”, e que foi ensinado para o chefe Eudes Assis por sua mãe, não apareceu nas páginas internas da publicação, sendo apenas indicado o site para o leitor obter mais informações. O peixe azul marinho “também foi divulgado desta forma, ainda que não seja oferecido no restaurante e dificilmente seja encontrado em outros estabelecimentos do litoral”. (LUDERER, 2010, p.12). A pesquisadora conclui que:

essas receitas produzidas pelo chef evidenciam o seu aprendizado, vinculado a uma história oral e por imitação, de acordo com o modelo de repetição familiar e comunitário. [...] Ainda que a ênfase dada à gastronomia caiçara possa estar inserida em mais um movimento de tendências, como uma estratégia para acelerar o mercado de consumo, vale atinar que pode ser um passo para a valorização da memória e da complexidade mestiça inserida na cultura caiçara, ora instituída como parte da cultura das bordas. (LUDERER, 2010, p.12).

A seguir, o último item deste capítulo com estudos que relacionam a Cultura Caiçara com a Comunicação.

2.8. Pasquins, Congada e outros estudos da Cultura Caiçara

Em 1950, Gioconda Mussolini publicou “Os Pasquins do Litoral Norte” na revista do Arquivo Municipal de São Paulo. Em 1971, a Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) imprimiu exemplares de seu estudo, ao qual a autora da tese adquiriu um exemplar. Na Introdução, Gioconda revela que “Tirar pasquim” era prática generalizada em todo o Litoral Norte de São Paulo. Os pasquins são uma espécie de panfleto crítico, jornal difamador ou folheto calunioso, impresso de forma simples, contendo sátiras, lidos e afixados em local público. A publicação era uma forma e um “meio” dos caiçaras se comunicarem com os moradores do entorno.

Numa viagem ao Bonete [...] ouvi o pasquim pela primeira vez: foi o nome que deram aos versos que cantavam e que se referiam a acontecimentos locais, de interesse comunitário. Paxim, na corruptela de alguns. Estava em grande voga um que se referia ao limo (alga marinha), cuja coleta se alastrava por

aquela parte da Ilha e muitas vezes assisti à cantoria na qual, quando a pedido meu, muitos colaboraram, lembrando trechos. Sem ser um pasquim propriamente novo (já tinha mais de dois anos), era bastante atual: a comunidade estava vivendo a “experiência do limo”, com um interesse e num afã dignos de nota. Não me foi difícil do registro do que era cantado ou dito, mesmo porque tinham grande prazer em repetir-me as passagens jocosas, divertindo-se com certos pormenores que ressaltavam como características, para os quais me chamavam particularmente a atenção. (MUSSOLINI, 1971, p.10).

A antropóloga teve contato com os pasquineiros do Bonete e pediu-lhe algumas composições, mas eles resistiam já que “o pasquim não implicava em “responsabilidade” de ninguém. Aquele pasquim, “o do limo”, era novo. Mas “o pasquim” era velhíssimo. [...] O Pasquim sempre existiu. Minha avó já alcançou. É só aparecer à ocasião e pronto: Já se lança pasquim”. (MUSSOLINI, 1971, p.10).

Não me puderam informar quem lançara o do limo, mas admitiam que o tirador era um “danado” (espírituoso, hábil, observador) porque aquele pasquim correspondia bem à realidade. E a realidade era os que eles sintetizavam na expressão: “os acontecidos”. A respeito de pasquins escritos, informaram-me que “em outros lugares” se costumava “lançar” em papel” e que aqueles que sabiam ler e escrever copiavam. [...] Também naquela zona [Bonete] não era costume escrever o pasquim, uma vez que até o próprio pasquineiro era, no geral, analfabeto. Ele cantava nas “cirandas” [bailes] quando tinha um novo pasquim pronto. Cantava “de cabeça” e o pessoal também guardava “de cabeça”. Isso não impedi que quando houvesse quem pudesse escrever e estivesse interessado, “pusse em papel” o que o tirador cantava e depois passasse adiante. Estive no Bonete em janeiro de 1947. Data daí o início do presente estudo. (MUSSOLINI, 1971, p.10-11).

Gioconda Mussolini classificou os pasquins como uma forma “personalíssima”, integrante do repertório das cantorias de ciranda, que representava uma particularidade local, em forma de “papelucho anônimo, porta voz da crítica ou da difamação”.

Resistindo através do tempo, de forma viva, preso a uma maneira típica do folk de expressar os “acontecimentos” ou seja, as próprias experiências do grupo, cuja importância era o consenso local que definia (e isso era fácil constatar pela atitude de comunidade) e não a seleção do historiador, o pasquim representava, dentro daquela cultura, algo tão peculiar e digno de estudos, quanto a forma especial porque ali se constrói uma casa, fabrica uma canoa, benze de “olhado” ou cura de “espira”. Já havia iniciado a coleta de dados, conseguido o registro de vários pasquins e travado conhecimento com um pasquineiro, quando uma verdadeira chusma de “papeluchos” se espalhou em São Sebastião [...] por volta das eleições de novembro de 1947. (MUSSOLINI, 1971, p.11).

Os pasquins eleitoreiros de São Sebastião eram anônimos e colocados debaixo das portas das casas, visando influenciar os eleitores. Eram cheios de desabafos e rancores pessoais, e fazia jus à “natureza” do pasquim.

Não consegui pasquins do passado e para registro e análise dos de outros pontos da área, teria sido necessário maior permanência e uma oportunidade de convívio mais duradouro, que não tive. Contudo, as informações que pude obter desde São Sebastião até Ubatuba, permitem afirmar que o emprego do pasquim é generalizado e que há muitos aspectos em comuns na sua confecção que oportunamente apontaremos. Dentro de um limite geográfico mais restrito -A Ilha- e da mera atualidade, porém, é possível focalizar duas questões essenciais neste trabalho: de um lado, o processo de transformação por que passou o pasquim, analisando-se a “conservação” e a “redefinição” de sua primitiva forma tal com a história nô-la fornece; em segundo lugar, a análise do próprio produto redefinido -o pasquim da Ilha- como expressão folclórica. (MUSSOLINI, 1971, p.12).

Trata-se de um estudo do final da década de 1940. Depois, com o passar do tempo, os pasquins desapareceram, tornando-se um “assunto do passado”. Talvez por isto, a revista *Beach&Co* criada em 2002, décadas depois da existência dos pasquins na região, não tenha noticiado esta “manifestação caiçara” nas 120 edições analisadas.

A antropóloga da USP buscou conhecer a origem e a difusão dos pasquins no mundo e no Brasil. Segundo ela, na Itália havia o costume de afixarem versos em estátuas, muros e colunas para o público ler e apreciar. Estes não eram porta vozes da crítica anônima, mas vinham em forma de poesia. Isto foi na primeira metade do século XV e os papas, príncipes e outros personagens da época eram o assunto do “pasquino”. (MUSSOLINI, 1971, p.14).

Foi no século XVI que o pasquim passou ser identificado como crítica anônima, aparecendo em língua vulgar e não apenas em sonetos, epigramas, dísticos e quadrinhas, como também em prosa. Neste século, o pasquim chegou a Portugal e se irradiou para o Brasil, sendo utilizado, por exemplo, na *Inconfidência Baiana* (1798).

O que é importante salientar, porém, é que tal como no país de origem, entre nós o pasquim se não se limitou a, destinou-se sobretudo ao papel de instrumento supletivo de órgãos mais adequados de protesto e de informação, e ainda, que pelas circunstâncias especiais do meio social em que se entrosou, exerceu função tipicamente agitadora. [...] Com o aparecimento dos pasquins impressos, cujo número aumenta consideravelmente a partir de 1831 e que Hélio Vianna reúne sob o nome de “Pequena Imprensa”, possivelmente as folhas volantes e os papeluchos sorratamente passados por baixo das portas ou afixados em lugar público se tenham convertido em expediente cada vez menos generalizado. Sob a forma imprensa, porém, continuam a ser vasados nos moldes de seus antecessores: crueza da forma, mordacidade da crítica dirigida a pessoas, finalidade de agitar a opinião pública. Bastante significativa disso são os nomes adotados, as epígrafes tomadas por lema e os slogan propalados. Poucos conseguem o equilíbrio e a moderação. (MUSSOLINI, 1971, p.17-18).

Gioconda Mussolini não conseguiu identificar o ano exato em que os pasquins chegaram ao Litoral Norte, mas acha provável ter sido em 1800, quando a região escoava a

produção de cana de açúcar para o Rio de Janeiro. O único registro oficial foi encontrado no Código de Posturas Municipais de Vila Bela da Princesa (Ilhabela), em 1868, que condenava o pasquim: “É expressamente proibida à publicidade dos pasquins ou outros papeluchos ultrajantes e obscenos e que afetam a moralidade pública”. (MUSSOLINI, 1971, p.19).

Portanto, uma característica dos pasquins é que eles não necessariamente vem com data e local. Para as comunidades de São Sebastião e Ilhabela, “o pasquim é pândega” (divertimento) e, em segundo lugar, um produto literário. Outra característica dos pasquins de Ilhabela era o fato de um pasquineiro escrever, ou quando analfabeto, pedir que outrem escreva para ele suas composições e depois lançá-la na encruzilhada do caminho. Falando sobre isso, disse-me uma informante do bairro do Perequê: “Não adianta nada porque a gente sabe quem está tirando o pasquim e depois, ele mesmo é o primeiro que canta. [...] o que é importante considerar é o processo de reinterpretação por que passou (e ainda está passando) o pasquim. (MUSSOLINI, 1971, p.25-26).

A antropóloga opina que os meios de comunicação não são comunicativos em caráter: “a sua significação reside no fato de permitirem uma difusão gradual de traços culturais”. Ela também confirma que os pasquins do Litoral Norte são uma expressão folclórica ligada aos povos rurais, restringindo o estudo a este campo. E que havia outras manifestações folclóricas entre os caiçaras relacionadas às músicas populares, tornando o bate-pé, função ou fandango uma habilidade de velhos. Ela esclarece outro dado: o fato dos caiçaras lerem pouco. Assim sendo, “ao ser adotado como forma de expressão nos bairros da Ilha, o pasquim tendeu pela própria natureza da sociedade (contatos pessoais íntimos) a perder o caráter de anonimato e de ataque acerbo a pessoas, de sorte a tornar-se “compatível” com a forma de crítica admitida”. E ainda que o pasquim “transforma-se num elemento de comunicação no “in group” e por isso mesmo, tende a acentuar-se o seu aspecto informativo”. (MUSSOLINI, 1971, p.29-32).

Sobre o significado e a função dos pasquins, Gioconda revela que:

Uma das vezes em que pedi a um pasquineiro que cantasse um pasquim para eu ouvir ele me respondeu: “Se a senhora me pedisse prá cantá uma moda, eu não me negava. Mas o pasquim é diferente. Eu tenho a minha responsabilidade. Eu pontuo todos os acontecimentos”. Na realidade, o que marca a diferença essencial entre os pasquins e as outras formas de cantoria, sintetizadas na expressão “moda”, é antes o conteúdo, que a forma. [...] A composição do pasquim é demorada. Por este pormenor ele não se assemelha as composições repentinas. Muitas vezes, os tirador é um improvisador hábil, que na “presença” de um acontecimento qualquer é capaz de fazer “versos”, mas isso não é pasquim. O pasquim é longo, é narrativo. É o seu próprio conteúdo que lhe demora a confecção. Na expressão de um informante da ilha, o “pasquim precisa ser bem assuntado”. O pasquineiro, então, fica alerta a tudo o que “é consoante”, isto é, tudo o que diz respeito ao caso no qual está interessado. [...]

Me preste atenção sinhores

*Du causo qu'eu vô contá
Das tristeza que passamo
Aqui no nosso lugá
A falta de querozene,
Do açuca e do Sá.* (MUSSOLINI, 1971, p.34-35).

O processo de produção de um pasquim se assemelha ao do jornalista, já que ele deve “se interessar por tudo o que se fala sobre o assunto a ser abordado”. Neste sentido, um pasquineiro explicou a antropóloga:

“É preciso que a gente se isole para pensar. Eu quando estou sózinho, trabalho na ideia. É preciso pensar para elevar o pensamento meditativo. Quem não concentra no que faz não pode fazer nada que preste: é uma canoa, é um caibro, é um pasquim”. E ele deu mostras disso, não apenas se negando a cantar um pasquim que não estava pronto, como me fornecendo um plano sobre como iria desenvolvê-lo, pontuando as ideias centrais. Nenhum outro produto do folclore da Ilha reflete tanto, como o pasquim, as características da vida comunitária. Seus temas e problemas emergem diretamente das atividades e situações do grupo e principalmente daquelas que se definem como problemáticas ou importantes. Poder-se-ia caracterizá-lo, pelo menos em parte, como uma forma de “auto consciência” do próprio grupo. [...] “nem tudo dá pasquim”, diz a comunidade e confirma o pasquineiro. (MUSSOLINI, 1971, p.40).

Pelo fato do pasquim representar muito bem as características da vida comunitária dos caiçaras, esta forma de comunicação não poderia deixar de constar nesta tese que buscou pontuar os muitos aspectos da Cultura Caiçara no Litoral Norte. E também porque Gioconda Mussolini foi uma das principais pesquisadoras brasileiras sobre as comunidades tradicionais na região em estudo neste trabalho.

São também de Gioconda Mussolini (1980) os “Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara”. O livro foi publicado após a sua morte em 1969, com vários estudos, sendo o último capítulo dedicado à Cultura Caiçara. No Prefácio, Antônio Candido explica:

Gioconda era sensível, inquieta e insatisfeita, sobretudo consigo mesma. E como era extremamente apaixonada, a sua vida mental foi exigente e angustiada. Lia sem parar, interessava-se a fundo pelos problemas, submetia os livros e as ideias a uma indagação sem fim, que se traduziu nas relações por um gosto quase obsessivo pelo debate. No fundo, a procura da precisão e do conhecimento pleno. [...] que o estudo sobre as pasquins do litoral, que a sua tese inacabada [que a autora provisoriamente deu o título de Persistência e Cultura em Ilhabela], eles pertencem a uma vasta experiência pessoal entre os caiçaras. [...] Esta coletânea mostra quais eram as maneiras de trabalhar num momento inaugural da antropologia em São Paulo, passado por uma inteligência crispada e se resolvendo numa serenidade de texto que a alma não conheceu. Tais elementos (além do valor científico em si) dão um traço de relevo aos estudos da nossa amiga Gioconda Mussolini. (CANDIDO in MUSSOLINI, 1980, p.09-13).

Os trabalhos de Mussolini sobre a vida social no litoral brasileiro foram divulgados inicialmente entre 1944 e 1953. Ela confirma que o litoral paulista registrou períodos de despovoamento, contrário do litoral em outras regiões litorâneas brasileiras. Isto começou a mudar nos idos de 1800 devido à movimentação no porto de Santos, com a exploração da monocultura do café, além dos portos menores em Ubatuba e São Sebastião, que também escoaram café para o Vale do Paraíba.

Causa-nos certa estranheza verificar, nos aludidos mapas, a inexistência de pescadores; contudo a declaração simplesmente significa que se dava pouca importância à atividade e ao seu produto, uma vez que não se prendiam aos ‘grandes gêneros’ de exportação. No entanto, seria nessa época que se sedimentaria toda uma tradição relativa à pequena pesca costeira, tradição que se perpetuaria até nossos dias conservadíssima em seus ingredientes portugueses e indígena. [...] O mesmo aconteceu com a farinha de mandioca, de produção para a subsistência, mero substituto do pão europeu e por isso mesmo chamada de ‘pão dos trópicos’ ou ‘pão dos pobres’ e hoje a produção quase ‘obrigatória’ de nosso litoral, podendo-se afirmar, sem exagero, que, de norte a sul, onde há homem há mandioca. (MUSSOLINI, 1980, p.223-224).

Outra mudança apontada por Mussolini foi que as canoas de voga, por volta de 1920, começaram a ser substituídas por barcos de cabotagem nos transportes de carga, já que muitos saíam do Litoral Norte em suas canoas a remos e pano, com destino ao porto de Santos, e devido às más condições de tempo, não raras vezes ficavam no mar a carga, a canoa e a tripulação. (MUSSOLINI, 1980, p.225).

A antropóloga registrou o rico conhecimento que o caiçara tem sobre as plantas e a natureza, transformando-as em remédios e usando-as para fazer canoas. “A associação do peixe com a farinha de mandioca na dieta é dos aspectos mais gerais da cultura litorânea”. (MUSSOLINI, 1980, p.226).

Sobre os aparelhos de pesca presentes na costa brasileira, Gioconda fez a seguinte divisão: 1) os destinados à pesca do peixe-arpão, fiska, anzol, espinhel; 2) redes divididas em duas categorias essenciais: as de emalhar e as de envolver; 3) armadilhas fixas ou flutuantes. “As grandes pescarias em lugares de praia e abundância de peixe se realizam, no sul do Brasil, especialmente em São Paulo e Santa Catarina, com as chamadas ‘redes de costa’ que chegam a ter enormes extensões (300 a 600m), destinando-se à tainha”. (MUSSOLINI, 1980, p.230-234).

A antropóloga acreditava que não existia no Brasil pesca mais generalizada e que provocasse maior interesse do que a da tainha. “Toda uma tradição se prende, no litoral paulista, à pesca da tainha. [...] A tainha separada chama-se ‘tainha de atara’. No Brasil, como em Portugal, costuma-se ofertá-la ao santo padroeiro do local”. (MUSSOLINI, 1980, p.237).

A pesca representa, em geral, uma forma de organização de trabalho e produção que transcende os limites meramente familiares para se converter em atividade comunitária. No tocante à roça, a família se basta; suplementa a atividade de seus membros com a colaboração de um compadre ou amigo que, pela instituição do ‘adjutório’ ou ‘troca dia’, cede um dia de trabalho, esperando a retribuição no momento oportuno. Ou então, os de mais recurso, pagando esta colaboração. Mas é na pesca, ao redor da tarde, que se estabelece toda uma série de interações entre os moradores de um bairro, unindo-os em cooperação, e fazendo com que constituam, realmente, um grupo local. (MUSSOLINI, 1980, p.238).

Referente a interferência Sobre os japoneses e a pesca comercial no Litoral Norte de São Paulo, Gioconda (1980, p. 247) destaca a introdução do cerco flutuante (rede de pesca), em Ilhabela, chamada pelos nativos de “cerco de japonês”, a instalação das ‘salgas’ na região, alimento que integra a dieta japonesa, o ‘iriko’ (peixe seco); e a participação dos japoneses na pesca santista, na qualidade de armadores. Ela destacou ainda a coleta do “limo” (algas marinhas), realizada pelos moradores das costeiras na parte sul no arquipélago de Ilhabela e nas Ilhas de Búzios e Vitória. (MUSSOLINI, 1980, p.247-248).

Logo que surgiu, a traineira começou a ver explorada também por pessoas não ligadas à pesca. Seis sócios de Ilhabela, todos os proprietários mas não pescadores, adquiriram uma rede em 1945, pagando parte à vista e parte a prazo, com o produto da próprio pescaria. O mesmo se deu com um comerciante da praia da Armação. Em 1950, havia em Ubatuba 2 traineiras na praia de Picinguaba e 5 na da Enseada, onde residem os mestres, parte proprietários. [...] O Estado do Rio e o da Guanabara continuam sendo os grandes centros das traineiras. [...] Nota-se que as traineiras são as redes mais caras do litoral brasileiro. (MUSSOLINI, 1980, p.253-255).

O estudo “O Cerco da Tainha na Ilha de São Sebastião”, descrito neste capítulo, também integrou a obra de Mussolini (1980) assim como o “Cerco Flutuante: Uma rede de pesca japonesa que teve a ilha de São Sebastião como centro de difusão no Brasil”, introduzida no litoral na década de 1920k, como se verifica no parágrafo abaixo:

Há mais ou menos vinte e cinco anos, japoneses que foram se estabelecer na Ilha de São Sebastião (litoral norte do Estado de S. Paulo), ali introduziram um engenhoso meio de pesca, entre a curiosidade e a desconfiança dos moradores locais, a princípio, e a admiração e o ressentimento dos mesmos, depois, quando “o cerco provou bem” e se mostrou um dos apetrechos mais eficientes na captura do peixe. [...] A presença de pescadores só se faz necessária para a despesca, operação que consiste em “levantar o fundo da rede a partir de uma das extremidades para acumular todo o peixe na outra, donde é recolhido pela embarcação”. [...] Um cerco é mantido na água durante uns oito dias. Depois, retirado para reparos e banho de resistência. [...] De um ponto da Baía -o Saco do Sombrio- o cerco se difundiu depois pela periferia insular, com exceções da zona do canal, e pela costa norte do Estado, no trecho do litoral que se desdobra da Praia de Toque até a Praia de Picinguaba.

As condições de local requeridas para a instalação desse engenho, tornaram o litoral norte, com suas inúmeras enseadas, profundas e bem abrigadas, o trecho preferido para a instalação dessa armadilha de pesca, ao passo que o litoral sul, de contorno regular, quase sem acidentes, desdobrando-se em praias de enorme extensão, não se presta à fixação dos cercos. (MUSSOLINI, 1980, p.275-280).

Outro estudo relevante para esta tese foi o livro reportagem “Nas tramas da rede”, no qual um caiçara de São Sebastião relata as mudanças ocorridas em sua comunidade nas últimas décadas. O Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo de Regina de Brito Rodrigues (2000) foi feito na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e teve como orientador o prof. Dr. Celso Falaschi. A jornalista Priscila Siqueira, na apresentação do livro de Regina, escreveu:

A questão da pesca artesanal, do caiçara, está aí em nossa frente, para nós que moramos no litoral norte paulista ou que passamos férias nessa maravilhosa região costeira. [...] Na entrada desse novo milênio, dá para se constatar que são poucos os pescadores artesanais, os caiçaras, que conseguiram sobreviver em suas praias. O testemunho de um idoso migrante de Ilhabela retrata o que acontece com os caiçaras e todo litoral norte paulista -“Por aqui, dona, a nação mineira é muito maior que a nação caiçara...”. Mas não foi sempre assim. Espalhados por todo o litoral entre as cidades do Rio de Janeiro e de Santos, esses caboclos do litoral (como são definidos os caiçaras) conheceram a expulsão de suas terras, a perda de suas raízes culturais e de seus valores ancestrais, a partir da década de 60. [...] A história do início da civilização brasileira se repete nessa região litorânea: troca-se ouro por espelho, terra por carros usados, televisões à bateria ou por insignificantes quantias de “mil réis” que, aos olhos dos nativos, pareciam uma fábula. Outros, que não quiseram nenhuma troca, muitas vezes tiveram de deixar suas terras em frente ao mar sob o uso da força. (SIQUEIRA apud RODRIGUES, 2000, p.11-12).

Priscila Siqueira acredita que o papel do jornalista é relatar o que acontece para poder modificar o que está errado. “Daí a importância de vozes como a de Regina. Existem ainda, caiçaras -pescadores artesanais- nas praias do litoral paulista que precisam ser reconhecidos como cidadãos. [...] A luta utópica pela vida e Vida em abundância”. (SIQUEIRA apud RODRIGUES, 2000, p.13).

Regina Rodrigues (2000, p.15-16), entrevistou o caiçara Honorato, 76 anos, nascido e criado em Calhetas, pequena praia em formato de baía próxima a Toque-Toque-Pequeno, em São Sebastião, que não pescava há mais de seis anos. “Mas no rastro da vida, memória cultivada, passa seus dias a tecer os fios de sua história. “Mato o tempo”, diz. E faz redes, todo dia, faça chuva ou sol. Mal pára nas refeições”.

Honorato revela que aprendeu a tecer rede vendo o pai e o avô, pescadores como ele, em Calhetas, onde a família viveu por 70 anos. “Mal vê o mar. Além da idade, já não tem

barco, já não tem praia. [...] “Não posso ficar à toa, sem fazer nada, acabo doente sem a rede”, afirma, preenchendo o seu presente, o presente que lhe cabe”.

A ocupação do Litoral Norte de São Paulo mexeu e mexe com a vida dos Honoratos, dos Mários, das Jandiras, das Marias e dos Josés. Tirou-lhes a terra, mandou-os longe da praia, desfez o caçara, trouxe o barulho dos motores, o óleo derramado, os peixes rareando e uma gente estranha, de cheiro esquisito (o de repelente para borrachudos, dizem). Outros sons, diversos daqueles das marimbas e das violas e rabecas, povoaram o silêncio dessa gente de hábitos simples, contemplativa da natureza -fonte da vida- respeitada e temida. E se a pesca continua, é de outro jeito, com outra face. Está integrada na lógica do capitalismo, cabendo aos pescadores, muitas vezes, apenas a sua dimensão mais dolorosa, a da exclusão social. [...] Os pescadores foram, na maioria dos casos, vítimas inocentes numa história na qual pouco puderam opinar, à mercê dos “home que vieram”, como conta Honorato. Homens - investidores, políticos e especuladores do toda a sorte- que mudaram para sempre a região. E acrescentaram -com certeza- rugas e cansaço às inevitáveis marcas do tempo. (RODRIGUES, 2000, p.17).

Praticante do jornalismo literário, aquele com maior autonomia autoral, a jornalista Regina Rodrigues (2002, p.47) reportou a vida do caçara Honorato e mostrou que “a vida, nas pequenas vilas, sofreria uma transformação brutal. E o pescador beira desarrumado o seu pequeno mundo. Simples, sim, pobre para alguns, atrasados para outros. Mas, para ele, em perfeito equilíbrio com o que sonhava, enquanto era ele e o mar, o mar e ele”.

Sobre a interferência da mídia na vida dos caçaras de São Sebastião, propositura em consonância com a teoria dos Estudos Culturais, Regina confirma que o caçara está perdendo sua maneira de falar, bem como “suas casas sem muro, seu andar sempre descalço no asfalto, nem pensar, queima o pé. Ganhou boné no lugar do chapéu de palha, chinelos tipo havaiana e, no centro da sala onde outrora faziam baile, reina a TV”. (RODRIGUES, 2000, p.68).

Sobre a nova geração de caçaras, Regina exemplifica o caso do filho de Honorato, Tiago Fortunato, com 26 anos. “Foi-se embora. Isso aqui já estava ficando ruim. Emprego faltava, a pesca não dava para criar os filhos. Hora de partir. E estudar em busca de um trabalho melhor”. Mais adiante no livro, a jornalista opina: “Rastros de união e ajuda mútua que não foram, até agora, capazes de criar um caminho para a superação de tantas dificuldades”. (RODRIGUES, 2000, p.78-82).

Regina Rodrigues (2000, p.97) citou o caso da artesã e paneleira Adélia Barsoti da Ressurreição, do bairro São Francisco, que foi notícia devido à arte de manejar o barro em suas mãos, na imprensa local e em grandes jornais como *O Estado de São Paulo* e *A Folha de S. Paulo*. Adélia foi entrevistada pela revista *Beach&Co* em mais de uma edição. “Habilidade que os anos 90 transformaram em manchete em jornais e reportagens. Conta o filho, Marinho, que “a gente da TV vinha aqui sempre, para filmar a mãe, depois passou”. O interesse da

mídia por Adélia se deu pelo fato dela ter sido considerada a última paneleira do bairro, portanto, tratou-se de registrar a produção de um artesanato típico, que após a morte dela, continuaria sendo feitas, mas com técnicas adaptadas da caiçara.

Outro trabalho na área comunicacional sobre caiçara, este da década de 1980, foi à dissertação “Relações entre a Cultura Popular e a Indústria Cultural: a Congada de Ilhabela”, de Haydée Dourado de Faria Cardoso (1982), defendido na ECA-USP e orientada pela prof.^a Dr.^a Yolanda Lhullier dos Santos.

Haydée resgatou a história da Congada de Ilhabela e a participação dos caiçaras nesta manifestação folclórica. Ela revela que o mestiço do litoral teve uma vida de poucos contatos com o mundo exterior, no qual os limites das plantações eram marcados na memória, num toco de árvore, numa pedra. “Por muito tempo o caiçara desconheceu cercas e muros e tampouco se preocupou com a legalização dos direitos de posse daí advindos”. (CARDOSO, 1982, p.45).

Enquanto viveu entre as praias, o caiçara estendia suas festas por dias e dias, como relatou Manuel Ciríaco da Silva, Rei do Congo de Ilhabela para a jornalista Haydée. Entre as mais comuns estavam as Folias de Reis que percorriam os sertões em janeiro, com suas “tripulações” de músicos e cantores, assim como a Festa do Divino Espírito Santo em Ilhabela e Ubatuba, e a Festa da Santa Cruz em Ilhabela.

Outros santos católicos como Santo Antônio, São Pedro e São João eram homenageados em todo o Litoral Norte, com muita comida, bebida, reza, foguete e dança. “Nas festas de junho ou em qualquer época do ano, por ocasião de casamentos e outras comemorações, durante os bailes ou “funções”, aconteciam danças como chiba, bate-pé, ciranda, quebra-chiquinha e chimarrita”. (CARDOSO, 1982, p.06-07).

Existiram na região vários grupos de danças encontrados por Haydée (1982, p.9); eram três congadas, sendo uma em Caraguatatuba, uma em São Sebastião no bairro São Francisco e outra em Ilhabela (todas na *Beach&Co*), além de três moçambiques sendo dois em Ubatuba e o terceiro em Caraguatatuba; um boi ou boizinho em Ubatuba; e dois caiapós em Ilhabela.

Caiçaras e dançantes mais velhos da Congada de Ilhabela que até o ano de 1978 se apresentaram sob a direção da família de Manuel da Silva, guardam na memória a coroação do Rei e da Rainha, festejada nas ruas do entorno da igreja matriz. O filho do Rei, Manuel Ciríaco, nascido em 1903, pescador, lavrador, carpinteiro e pedreiro, relatou: “Nesta época a Congada não dançava dentro da igreja, mas cantoria tinha”. (CARDOSO, 1982, p.17).

Em 1976, cerca de 40 congos dançaram a última representação de domingo, assistida por alguns turistas e muitos caiçaras. A festa foi encerrada à noite com mais uma procissão. E

foi graças ao empenho de Eva Esperança da Silva que a Congada continuou nas ruas de Ilhabela depois que faleceu o marido, Rei de Congo, Paulino Manoel da Silva. “Na ânsia da morte ele pediu para que o filho continuasse”. E a consideração que caiçaras e dançantes dedicam à família e a figura do Rei é expressa não só na vida cotidiana, mas também no universo das representações simbólicas. (CARDOSO, 1982, p.40).

Os fundamentos (mitos e lendas) da Congada de Ilhabela são transmitidos oralmente, e embora o texto de representação possa ser escrito, nem todos os congos compartilham desse conhecimento. A versão estudada por Haydée foi a do Rei do Congo, Manuel Ciríaco que a tinha em gravadores, máquinas fotográficas, filmadoras e em registros das poucas entrevistas que concedeu. (CARDOSO, 1982, p.34-35.)

Uma promessa típica de alguns caiçaras era vestir o filho de congo nos dias de festa e depois deixar a roupa aos pés de São Benedito, na igreja. A Rainha de cada ano também ocupava esse papel “por promessa” e seus pais encarregavam-se de mandar confeccionar o traje. (CARDOSO, 1982, p.77).

Na década de 1940 foi impedida a realização da Congada. Mas já em 1956, interessados em atrair os turistas, a Prefeitura e lideranças promoveram o retorno da festa. Na década de 1970, a Congada foi realizada com verbas da Prefeitura e da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Na década de 1980, a organização da Congada, associada à Festa de São Benedito, era feita pelo Conselho da Igreja, por meio de uma Comissão de Festas da Congada. (CARDOSO, 1982, p.89). Haydée concluiu que as danças folkcomunicacionais sofreram transformações. No Litoral Norte, de nove grupos localizados, quatro perduraram e apenas a Congada de Ilhabela persistiu até 1978, razoavelmente estruturada. (CARDOSO, 1982, p.90).

A festa da Congada configurava-se como forma de produção cultural das camadas de baixa renda e ao mesmo tempo expressava rituais de religiosidade, oportunidade de lazer e foco de resistência cultural e preservação de valores dos caiçaras. Haydée opinou ainda que os congos passaram a reinterpretar valores, conquistando novo público com os turistas e garantindo recursos para a produção da Congada.

Outro livro analisado na tese foi “Os caiçaras contam”, editado por Marco Frenette e Renato Rovai que traz depoimentos e causos da vida do caiçara local em parceria com a Fundart (Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba). Como o estilo de vida e as transformações na vida dos caiçaras desta localidade foram abordados nos volumes da Enciclopédia Caiçara, a autora da tese selecionou trechos relacionados à dança, música e outras peculiaridades da Cultura Caiçara.

Orlando Antonio de Oliveira, 77 anos, revelou que o carnaval era uma festa com danças, folclore, viola tamborim, rabeca. “Nós começávamos a tocar nossa orquestra e as pessoas iam chegando fantasiadas, pulando, cantando, dançando. Fazíamos máscaras de barro, forradas de papel e pintadas”. (FRENETTE e ROVAI, 2000, p.34). As meninas vestiam as roupas das mães, já os homens colocavam sapatos velhos e chapéus na cabeça para parecer andante, e assim os caiçaras convidavam todos para a festa indo de casa em casa.

O caiçara Altivo Gerônimo dos Santos, 61 anos, falou que na roça todos gostavam de dançar o chiba. Um passava na casa do outro e convidava para a festa que começava às 20h.

De madrugada, modificava, aí deixava o chiba. E dançava o quê? A ciranda, que é homem e mulher juntos. Depois era a vez da cana verde, dança de roda também. Depois dançava a recortada, o cantador cantava o verso e todos batiam palmas e sapateavam. Vinha depois a canoa, que se dança valseado, ao som de dois tocadores. Assim era a nossa festa. (FRENETTE e ROVAI, 2000, p.36).

Silvaro Rita da Conceição, 78 anos, completa que “fazia o chiba em casa de assoalho. Era aquele bate-pé, e o barulho da dança rufava pelo mundo todo”. Já Orlando confirma:

O tamanco para dançar o chiba era feito de madeiras fortes, porque dá o estalo e não estoura. Pau de laranjeira, de limão, sucuduim, pequiá. Muito chiba era dançado em casa de assoalho; mas tinha de chão batido também, mas estalava também porque era chão seco, o próprio tamanco puxava o chão. Era tudo batido de acordo com o batido das violas. Depoimento de Orlando Antonio de Oliveira, 77 anos. (FRENETTE e ROVAI, 2000, p.36).

Na dança de roda, cantavam-se versos: “Dinheiro faz pontaria, na boca de quem não presta. Quem é bom não tem mania. Atirai caboclo, atirai bem atirado, porque antes morrer de tiro, do que de um amor deixado”. Canção da dança de roda Cana Verde, cantada por Osório Antonio de Oliveira, 101 anos.

Outro registro da obra foi o de João Batista de Araújo, conhecido como João Alegre, 66 anos sobre a primeira rádio local. “Eu inaugurei a primeira rádio de Ubatuba em 1957, cantando nela. Não tinha disco suficiente pra tocar e eu fiquei cantando ao vivo nela. Era a Rádio Iperoig ZYR 205. Cantei das 5h30 até às 7h da noite”. (FRENETTE e ROVAI, 2000, p.59).

E para concluir este capítulo, a autora compilou informações da dissertação “Espaço da vida, espaço da morte na trajetória caiçara”, de Sílvia Regina Paes, com relatos orais feitos por caiçaras que vivem no bairro Porto Novo, em Caraguatatuba. “O fato de eu ser caiçara e ter vivido nesse mesmo bairro durante 23 anos”, foi o que a motivou a socióloga a estudar a temática. (PAES, 1998, p.04).

Sílvia Regina ouviu os mais velhos. Das histórias contadas por eles, ela resgatou o que ainda é ser caiçara num mundo em transformação. Dessa forma, a socióloga analisou as representações sociais que os caiçaras fazem nos espaços naturais que habitam, no caso, a terra (roça e mata), o mangue, o rio e o mar.

A socióloga explica que o mito é uma maneira usada pelos caiçaras para representar a realidade, de forma poética e cheia de metáforas. Os caiçaras contam seus mitos e acreditam neles. No estudo de Sílvia Regina, o “caiçara” era entendido como o pescador artesanal que utiliza instrumento simples para a pesca e que também pesca em espaços restritos, dedicando-se geralmente à pesca costeira. Possui um conhecimento da natureza que advém da experiência, da observação e do aprendizado transmitido pelos mais velhos. (PAES, 1998, p.40).

As representações que os caiçaras tinham deles mesmos, eram variadas: alguns viam como preguiçoso; outros espertos e com sentidos apurados (herança indígena); possuidor de memória auditiva muito desenvolvida. Os moradores do Porto Novo diziam que os praianos possuíam uma tristeza doentia e eram “pouco afeitos à religião”; a morte era encarada pelos pescadores como fato natural; o caiçara “toca os instrumentos”, faz a própria canoa, faz a casa, cerâmica, cestaria, esteira de periviolas, violinos. (PAES, 1998, p.43).

Para as mulheres caiçaras do Porto Novo, os dias atuais são melhores dos que o “tempo de antes”, pois tem água encanada, fogão, gás e luz elétrica. Na memória dos caiçaras deste bairro, as décadas de 1960 e 1970 foram de muita fartura. “Existia a mata e muitos animais, eles tinham muito espaço para realizar sua roça e assim poder plantar. A roça também era um lugar onde a família trabalhava”. Depois, “no lugar foram construídos prédios para um conjunto de aproximadamente 60 colônias de férias, e também um terminal turístico rodoviário para pessoas, vindas da capital, de baixa renda, rotulado de “farofódromo””. (PAES, 1998, p.46-50).

As lendas e causos de seres encantados foram relatados pelos caiçaras de Caraguatatuba, principalmente a lenda do “Capitão do Mato”, conhecido como caipora, que era considerado o dono dos animais e da mata; e a do “Rei dos peixes” e do “Marinheiro do mar”, vistos como protetores dos peixes e do mar. Outra lenda era a do “porá”. “Nessa história aparece um caçador que foi ao mato caçar e não conseguiu encontrar nenhum animal. E de repente apareceu o “porá” para ajudá-lo, indicando o lugar para ele caçar”. (PAES, 1998, p.71).

O rio Juqueriquerê, que corta o bairro Porto Novo (o passeio de barco neste rio foi notícia na revista *Beach&Co*) foi muito importante na vida dos moradores. O rio compõe um

cenário de peixes, pássaros, animais e pessoas, fortalecendo a identidade caiçara. “Sobre as águas do rio Juqueriquerê adultos e crianças construía as relações sociais: para as crianças o brincar de nadar com jangadas construídas de troncos de bananeiras; o aprendizado na arte da pesca acontecia às margens e nas águas do rio Juqueriquerê”. (PAES, 1998, p.85). Além da importância sociocultural, o rio também foi um ponto economicamente estratégico, pois serviu de escoadouro de produtos tropicais para ingleses, franceses e italianos. (PAES, 1998, p.90-91).

A socióloga concluiu que nos últimos 30 anos, para os caiçaras que viviam e ainda vivem no bairro Porto Novo, a maneira de ver e pensar o mundo passou por uma grande transformação. Esta transição é criticada pelos moradores do lugar. “Atualmente a lei da esperteza é o que impera, barcos maiores não respeitam os pequenos (pescadores artesanais), passam por cima de suas redes e há outros que roubam as redes juntamente com os peixes”. (PAES, 1998, p.135-137).

Há certa nostalgia do tempo de “antigamente” para a maioria dos entrevistados “Às vezes este é idealizado como tendo sido melhor e outras vezes não. Há certo sentimento de ambiguidade em relação ao ontem e ao hoje”.

A autora da tese finaliza este capítulo, concordando com a socióloga Sílvia Regina, no que se refere às transformações na vida do caiçara do Litoral Norte.

O caiçara vai recompondo sua vida, mesclando o antigo e o novo, o conhecimento e o estranho, verdadeiro universo de fragmentos, como se num painel o artista juntasse materiais opacos e brilhantes, compactos e diluídos, de texturas opostas e contraditórias em si mesmas, mas que no conjunto resultam em algum sentido. (PAES, 1998, p.138).

CAPÍTULO 3. JORNALISMO CULTURAL E REPORTAGEM

3.1. Jornalismo Cultural e de Proximidade

Este capítulo resgatou os conceitos de Jornalismo Cultural, de Proximidade, e também as tendências da “Reportagem”, gênero jornalístico em estudo. Em um segundo momento, passou-se ao histórico e as características do veículo Revista Regional, e fez-se um breve panorama da cobertura jornalística da grande imprensa nacional a respeito da Cultura Caiçara.

A autora entende que o Jornalismo Cultural é pautado, principalmente, por matérias sobre arte, literatura, música, livros, exposições, feiras, eventos com artistas/cantores internacionais, artes plásticas, entre outros segmentos culturais. No entanto, o Jornalismo Cultural apresenta estreita relação com a produção intelectual de diferentes áreas, já que a “Cultura” não é uma prática, nem simplesmente a descrição da soma dos hábitos e costumes de uma sociedade, mas passa por todas as práticas sociais, sendo a soma das suas inter-relações. (HALL, 2003).

Desta forma, várias matérias publicadas na *Beach&Co* nas editorias de comportamento, turismo, gastronomia, história e outras, caracterizaram-se, também, pela prática do Jornalismo Cultural (com forte presença autoral, opinativa e analítica), mesmo porque os “fatos reportados” não se referiram apenas a bens materiais (ex. escassez da pesca), mas a bens imateriais como a mudança de comportamento dos caiçaras, seus valores e transformações no modo de vida. As matérias analisadas nos Quarto e Quinto Capítulos, agregaram valor simbólico, no sentido de levarem a reflexão, muito mais do que apenas informar.

O professor José Salvador Faro, em Projeto de Pesquisa intitulado “Jornalismo Cultural: espaço público da produção intelectual”, desenvolvido na Universidade Metodista de São Paulo (POSCOM/UMESP), propôs:

O jornalismo cultural pode -e deve- ser visto como um canal de expressão pública da produção intelectual. Para além de sua natureza propriamente jornalística, isto é, voltada para a cobertura noticiosa das atividades artísticas e editoriais, o seu espaço é um terreno de forte presença autoral, opinativa e analítico-conceitual que discorre sobre a identificação de movimentos norteadores de tendências presentes nos processos sociais, ampliando-se como espaço midiático de vozes que se situam fora do universo de trabalho dos profissionais da imprensa. Em revistas, suplementos e publicações especializadas em cultura, convivem, lado a lado, repórteres e intérpretes, o que dá a essa produção um feitiço diferenciado do restante da produção jornalística convencional. (FARO, 2004, p.04-05).

Como se verificou mais adiante na tese, os textos da *Beach&Co* tiveram uma “*presença autoral, opinativa e analítico-conceitual que discorre sobre a identificação de movimentos norteadores de tendências presentes nos processos sociais*”. No caso, o “*movimento norteador de tendências*” foi verificado por meio das transformações da Cultura Caiçara mostradas na revista em estudo, que por sua vez, caracterizou-se por um “feitio diferenciado do restante da produção jornalística convencional”.

Faro (2004) explica que a construção do discurso no Jornalismo Cultural ultrapassa o aspecto informativo ou construtor da realidade, já que este discurso leva percepção aos leitores, orienta suas apreensões e conduz a compreensão do conjunto de sentidos presentes em cada pauta. Nas reportagens analisadas da *Beach&Co* constatou-se que a maioria das abordagens “*ultrapassou o aspecto informativo ou construtor da realidade*”, fazendo com que o leitor tivesse uma maior “*compreensão dos valores e sentidos*” do que é ser caiçara na atualidade.

No artigo “Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural”, o professor José Salvador Faro (2006, p.01) conceitua Jornalismo Cultural como “a produção noticiosa e analítica referente a eventos de natureza artística e editorial pautados por secções, suplementos e revistas especializadas nessa área”. Já o conceito de Cultura, ele entende como um “acompanhamento que essa produção [jornalística] faz em torno das tendências interpretadoras que se apresentam na mídia através do processo de legitimação pública conferida por seu vínculo com problemas emergentes da sociedade contemporânea”.

O autor acredita que “apesar dessa presença quantitativamente significativa, o jornalismo cultural ainda não conseguiu produzir em torno de si reflexões acadêmicas que deem conta de sua complexidade”.

[...] cadernos, secções e suplementos que noticiam e analisam os eventos classificados genericamente como “culturais” não fazem mais que reproduzir uma mesma concepção do jornalismo em geral, isto é, uma atividade marcadamente dominada por interesses empresariais que se impõem aos veículos por seu valor de mercado, empobrecendo a dimensão social da notícia. No jornalismo cultural e fora dele, a natureza fundamental das coberturas poderia ser resumida a um desempenho profissional hegemonicamente dominado pelas pressões das assessorias de imprensa, pelas relações de poder estabelecidas pelas empresas jornalísticas e pelo oportunismo publicitário. (FARO, 2006, p.02-03).

Das 23 reportagens analisadas na *Beach&Co*, três foram publicadas na editoria de Cultura, sendo a primeira sobre a Congada de São Benedito de Ilhabela; a segunda das

danças, festas, artesanato e músicas caiçaras em Ubatuba; e a terceira das tradições culturais na cidade de São Sebastião, cujo eixo condutor desta reportagem foi um congresso com foco na preservação da Cultura Caiçara.

José Faro (2006, p.05) acredita que o Jornalismo Cultural é “um gênero marcado por uma forte presença autoral, opinativa e analítica que extrapola a mera cobertura noticiosa, identificando-se com movimentos estético-conceituais e ideológicos que se situam fora do campo das atividades da imprensa”. E que a prática desse tipo de jornalismo “tanto reiteram os signos, valores e procedimentos da cultura de massa quanto discursos que revelam tensões contra hegemônicas características de conjunturas históricas específicas”.

O professor Faro busca sair da visão economicista de que “todo jornalismo é cultural”, ou que “todo jornalista é um intelectual”, entre outras generalizações incompletas e limitadas. Neste sentido, ele cita a pesquisadora Nadja Miranda (2005).

[...] o jornalismo cultural é uma área de especialização que se realiza sob as mesmas circunstâncias do jornalismo geral e é influenciado por todos os momentos políticos e econômicos do país. Ele expressa tanto uma visão crítica, discutindo questões em pauta na atualidade, quanto opiniões ou conteúdos tradicionalmente identificado com o status quo das sociedades onde emerge. (MIRANDA apud FARO, 2006, p.07).

Para Faro, a identidade epistemológica do Jornalismo Cultural é contraditória e complexa.

[...] de um lado, trata-se de uma instância da produção jornalística reiterativa dos signos da cultura de massa, espaço em que se torna possível sua verificação como produto mercadológico e disseminador dos padrões da indústria cultural; de outro, como uma outra instância, a do trânsito de produção e reflexão contra hegemônica, cuja identificação escapa à lógica linear das relações discursivas consagradas nos demais setores da produção jornalística e cuja incidência reflete os contextos políticos-ideológicos que cercam, em cada situação histórica, a prática dos profissionais da imprensa. (FARO, 2006, p.09-10).

O autor rememorou as origens do Jornalismo Cultural nos séculos passados, cuja atividade jornalística esteve muito próxima dos intelectuais, por isto, também, muitas vezes o Jornalismo de Cultura foi confundido com o Jornalismo Literário. No final do artigo Faro confirma a necessidade de aprofundamento reflexivo sobre a natureza e a amplitude das práticas do Jornalismo Cultural.

Neste sentido, não é porque a tese focou o estudo da “Cultura” Caiçara, que a revista *Beach&Co* ao abordar as comunidades tradicionais no litoral norte paulista, o fez apenas na editoria de Cultura. Como verificado no segundo capítulo, a Cultura Caiçara se manifesta de

muitas formas (religiosidade, linguajar, festas, danças, música, tradição pesqueira, agricultura de subsistência, pasquins, culinária etc.), e a revista em estudo mostrou tal cultura em diferentes editoriais. Portanto, a *Beach&Co* praticou o Jornalismo Especializado¹⁶ já que a publicação se auto denomina a revista de Turismo no Litoral Paulista. Também foi constatado o uso da Teoria das Brechas¹⁷, por parte dos colaboradores da revista, no sentido deles expressarem em seus textos a preocupação em preservar a Cultura Caiçara na região que moram.

A jornalista e professora Isabelle Anchieta de Melo (2007) publicou artigo no Observatório da Imprensa¹⁸ propondo o debate sobre as singularidades do jornalismo produzido no interior do país. Ela acredita que o jornalista “de proximidade” tem diferentes formas de entrevistar, apurar e produzir texto, diferenciando do jornalismo praticado nos grandes centros urbanos. “É importante pesquisar e produzir conhecimento sobre o assunto para que possamos reivindicar uma identidade, uma história e um lugar próprio”.

Isabelle Melo (2007) acredita que a característica mais marcante do jornalismo de interior (conhecido como jornalismo regional/local) seja a “proximidade”.

No interior, o jornalista conhece as pessoas que descreve. Interage com elas o tempo todo no espaço da cidade, mantendo contatos de maior ou menor proximidade. O importante a ser ressaltado aqui é isso: ao escrever, o jornalista, ao contrário do profissional da capital, conhece “algo a mais” sobre as pessoas que descreve. E esse “algo a mais” refere-se às nuances da personalidade dessa pessoa; às várias expressões de suas feições; a seus casos de família; aos aspectos polêmicos e banais que constituem essa história singular; à sua rotina na cidade; às roupas que costuma usar; a seus dias de bom e mau humor; à grandeza e mesquinhez de alguns de seus atos. Ou seja, tem uma informação que a compressão do tempo no amplo espaço dos grandes centros inviabiliza: a de conhecer a complexidade que envolve esse ser humano; fonte de suas matérias. (MELO, 2007, online).

16 No artigo “O jornalismo especializado e a especialização periodística”, Frederico de Mello Brandão Tavares (2009), resgata o conceito de jornalismo especializado de Elcias Lustosa (1996), Mário Erbolato (1981) e Nilson Lage (2005). No entanto, Tavares explica que pensar em jornalismo especializado diz respeito a ter de buscar um consenso sobre três manifestações empíricas referentes às suas especializações. 1) A especialização pode ser associada a meios de comunicação específicos (jornalismo televisivo, radiofônico, ciberjornalismo etc) e 2) a temas (jornalismo econômicos, ambiental, esportivo etc), ou pode estar associada 3) aos produtos resultantes da junção de ambos (jornalismo esportivo, jornalismo cultural impresso etc). In: **Revista Estudos em Comunicação** nº 5, 115-133, maio de 2009. Disponível em: www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf. Acesso em: jun.2014.

17 Teoria das Brechas tem sido debatida pelo pesquisador Jesús Martín-Barbero. Segundo essa teoria, todo muro, por mais maciço que seja, sempre tem algumas pequenas brechas que alguém pode aumentar para derrubá-lo. Essa metáfora, que foi muito usada nos anos 80 para mostrar que sempre há alternativas aos sistemas totalitários e opressores, hoje é citada por Barbero para mostrar o papel da internet diante das mídias tradicionais. In: GRANADOS, Pedro. Teoria das Brechas' [Blogs]/Jesús Martín-Barbero. 20/03/11. Disponível em: <http://blog.pucp.edu.pe/item/127621/teoria-das-brechas-blogs-jesus-martin-barbero>. Acesso em: jun.2014.

18 MELO, Isabelle Anchieta de. **Um jornalismo de proximidade**. Publicado em 03/04/2007, na edição 427 do Portal Observatório da Imprensa. Disponível em: observatoriodaimprensa.com.br/news/view/um_jornalismo_de_proximidade. Acesso em: dez.2013.

Os jornalistas que produziram as 23 reportagens analisadas, conhecem esse “algo a mais” dos caiçaras e demais fontes que compuseram as reportagens. Portanto, a citação se aplica ao que é praticado na revista *Beach&Co*. Sobre o relacionamento do repórter do interior com sua fonte, Isabelle Melo explica:

O jornalista do interior conhece também as cenas urbanas onde os fatos se dão: as ruas, as praças -as casas, mais do que comporem a cidade, compõem a constituição de sua história pessoal nesse espaço. O barzinho que está nas capas dos jornais, local de um assassinato, é o mesmo que frequenta com os amigos. A praça que será o palco para a apresentação de uma peça teatral é a mesma onde este ou esta jornalista brincou quando criança e namorou quando adolescente. O parque florestal que foi alagado pela chuva é o espaço onde costuma fazer sua caminhada matinal. Na capital, ao contrário, o jornalista muitas vezes nunca sequer viu a pessoa que irá entrevistar; muito menos conhece toda a dimensão espacial de sua cidade (suas inúmeras ruas, praças, casas e lojas). E isso marca uma enorme diferença na forma de se relacionar com as fontes, de perceber a notícia, de interpretar suas nuances e, por fim, descrevê-las. (MELO, 2007, online).

Esta proximidade entre repórter e fonte tem seu lado positivo e negativo. O positivo é a facilidade de acesso imediato e próximo com as fontes; e o negativo, a “cobrança” da fonte, de forma direta e frequente, para a publicação da matéria por parte do repórter, entre outras questões.

Outro aspecto interessante é que no interior, “o jornalista não dispõe “aparentemente” de fatos que são considerados notícias como na capital, onde, na verdade, o jornalista tem de escolher e selecionar o que será notícia, dada a quantidade de fatos que irrompem todos os dias”. (MELO, 2007, online).

“Definir notícia apenas como o fato -assassinatos, roubos, acidentes ou catástrofes- é anunciar uma forma de ver o mundo que foca um aspecto do real e desloca todo o resto”. Neste sentido, o repórter do interior precisa encontrar/ver o “diferente” nas ações “comuns” do cotidiano. Sendo assim, o jornalismo no interior valoriza muito a cultura local.

Várias pautas sobre Cultura Caiçara publicadas na *Beach&Co* tiveram como origem este “olhar diferenciado” do repórter sobre a comunidade, como por exemplo, nas reportagens sobre a canoa de voga e as capelas caiçaras cujo foco foi comportamental/histórico (não havia novidade no fato). Viu-se também outra parte das reportagens serem pautadas por fatos previstos como os aniversários de emancipação política das cidades, eventos gastronômicos, cobertura jornalística de congressos de preservação da cultura tradicional etc.

As teorias da Agenda *Setting* “parte do princípio de que a mídia tem o poder de agendar os assuntos que estarão em discussão na opinião pública, impondo enquadramentos

que são absorvidos no longo prazo e que condicionam o que e como pensar esses assuntos”. (MELO, 2007, online). A seleção que a mídia faz dos temas que considera importante coincide com a hierarquia de importância do leitor. Segundo Isabelle Melo, estudos da *Agenda Setting* consideram alguns fatores que interferem negativamente no processo de agendamento da mídia, como: o tempo de exposição ao tema; a proximidade geográfica que faz com que temas nacionais e internacionais tenham mais entrada na agenda pública por “atingirem” o maior número de pessoas, visto que os temas locais são inseridos apenas na agenda pública local, que tem menor influência midiática; a natureza e conteúdo dos temas abordados; a credibilidade da fonte de informação; a audiência; e a comunicação interpessoal.

[...] no interior, o público, se comparado com o do capital, possui uma dependência menor da mídia. As pessoas conhecem os fatos noticiados e as fontes representadas nos jornais, possuindo redes transversais de informação que não estão restritas às representações oferecidas pela mídia. Por isso, tornam-se mais críticos, participativos e exigentes quanto à representação de mundo dada pelo jornal, já que possuem outras referências de confirmação dos fatos. O jornal [*a revista*] não é a única forma de construção das realidades, mas antes elas já estão em curso nestas sociedades. E mais do que experimentar o fato de forma direta, as pessoas no interior possuem uma segunda possibilidade: a de formar sua opinião em diálogo com outras pessoas, sendo elas também fontes de informações sobre os fatos. A comunicação interpessoal é também um diferencial da comunicação no interior, o que reorienta completamente o papel e a função da mídia nesses contextos. (MELO, 2007, online - grifos da autora).

Neste sentido, a mídia do interior deve atuar de maneira responsável e ética para poder desfrutar da credibilidade dos moradores, pois eles são críticos, participativos e exigentes. No caso dos leitores da *Beach&Co*, o que se pode observou na coluna Cartas de Leitor foi que eles são participativos, tanto para parabenizar pelos assuntos abordados na revista, como para chamar atenção dos erros cometidos pela publicação, além de sugerirem pautas.

Assim, além de ter uma responsabilidade maior na apuração dos fatos (já que é acompanhado de perto pelo público), o jornal do interior possui um outro diferencial. Como as pessoas estão próximas dos fatos e de outras fontes de informação, elas possuem muitas vezes a informação antes mesmo que seja publicada no jornal. Isso muda a própria função do jornal [*ou da revista*]. Pois, enquanto na capital o jornal [*a revista*] é aquele que vem apresentar os fatos pela primeira vez, no interior o jornal [*a revista*] vem precisar uma informação que já circula em forma de boato. Sua função não é dizer, mas legitimar. (MELO, 2007, online - grifos da autora).

O que as pessoas buscam na mídia do interior é confirmar “o já sabido”, ter detalhes adicionais sobre o fato, portanto querem a precisão nos detalhes. “O que pede um trabalho investigativo e interpretativo no jornalismo regional e que ainda não é uma realidade no noticiário local”. (MELO, 2007, online). Nesta última frase, a autora da tese discorda de

Isabelle Melo, pois na revista *Beach&Co*, o tempo de apuração das matérias (mensal e não diário ou semanal se comparado ao de jornais regionais) é suficiente para que haja precisão nos dados divulgados.

Há, por fim, a necessidade de treinar o olhar para perceber a riqueza humana, explorar as artes dos fazeres cotidianos e entender a dinâmica social, política e econômica própria da cidade para o jornalismo regional. Que tem ainda de enfrentar uma série de desafios, como a falta de infraestrutura técnica para o trabalho e, mais grave, a falta de profissionalização dos jornalistas e consequente transgressão ética de uma série de valores da profissão. [...] por ser o jornalismo uma força agregadora, organizadora e, principalmente, um instrumento que diz e conforma o mundo, é que devemos ter mais responsabilidade com a notícia e não reproduzi-la dentro de um modelo que não condiz com a realidade do interior. Fazer jornalismo é fazer história. É intervir e colocar questões. É agregar a sociedade e dizer quem ela é: sua cultura, seu povo, suas artes e, claro, seus conflitos, seus preconceitos e valores. O jornal [*a revista*] do interior deve ser o palco, ora do conflito, ora da integração dessa sociedade em que se baseia, sendo um elemento fundamental tanto para contar sua história como para intervir nela. (MELO, 2007, online - grifos da autora).

A revista *Beach&Co* tem contribuído para mostrar a “*cultura, seu povo, suas artes e, claro, seus conflitos*”, presentes no litoral paulista. A revista tem feito intervenções na realidade da região, visto, por exemplo, na última reportagem analisada, “Memórias do Chão Caiçara”, na qual a publicação, por meio dos entrevistados e da postura autoral da repórter Rosangela Falato, “clamou” para a importância da permanência da cultura tradicional, bem como mostrou que esta “preservação” vem sendo feita por ONGs e pessoas da comunidade.

O artigo de Isabelle Melo referenciou um dos principais livros sobre o assunto, intitulado “Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional” (Coimbra: Minerva), do pesquisador português Carlos Camponez (2002)¹⁹, também citado pela professora Cicília Peruzzo (2003) no artigo “Mídia local, uma mídia de proximidade”²⁰, que autora da tese passa a detalhar abaixo. No resumo do artigo, Cicília Peruzzo adianta que:

Os meios de comunicação local são revitalizados no momento atual como uma demanda social pela diferença e por uma comunicação mais próxima à vida e aos interesses do cidadão, mas que a mídia comercial se interessa por esta modalidade de atuação apenas como um segmento de mercado, sem adentrar na potencialidade de uma comunicação de proximidade e de caráter cívico.

¹⁹ A autora não encontrou o livro de Camponez em livrarias brasileiras, mas o encomendou a editora portuguesa, recebendo o exemplar após a entrega desta tese.

²⁰ PERUZZO, Cicília M. **Mídia local, uma mídia de proximidade**. In: FLORY, Suely Fadul (org.). Comunicação: Veredas. Revista do programa de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo. Ed: Unimar, Ano II, nº 02, nov. 2003. Disponível em: www.unimar.br/pos/rev_D/comunicacao%20II%20%20miolo.pdf. Acesso em dez.2013.

(PERUZZO, 2003, p.66).

A constatação de que as mídias locais e regionais [que inclui as revistas regionais segmentadas] estão sendo revigoradas no processo atual de globalização das comunicações. Segundo Peruzzo (2003, p.67), isto acontece porque os cidadãos “reivindicam o direito à diferença. Apreciam as vantagens da globalização, mas também querem ver as coisas do seu lugar, de sua história e de sua cultura expressas dos meios de comunicação ao seu alcance”.

Em seguida, Cicília passa a explicar que a mídia local/regional não é definida pelas fronteiras territoriais ou geográficas, mas pela inclusão de territórios de base cultural, ideológica, de idioma, de circulação da informação etc.

Por outro lado, tanto o local como o regional só podem ser compreendidos na relação de um com o outro, ou deles com outras dimensões espaciais, como o nacional e o global. Desse modo, o regional pode mudar suas feições, como por exemplo, a região leste de São Paulo, a região sul do Brasil e assim por diante. Já o local pode se configurar como um bairro, um município, uma zona de uma cidade, uma localidade no meio rural; enfim é parte de uma espacialidade mais ampla, mas que congrega características específicas. No entanto, o local ao mesmo tempo em que não permite a demarcação exata de fronteiras, também carrega o sentido de um espaço determinado de um lugar específico ou até mesmo de uma região, no qual a pessoa se sente inserida e partilha sentidos com seus semelhantes. É o espaço que lhe é familiar e congrega identidades. Os acontecimentos dizem respeito mais diretamente à vida das pessoas daquela localidade. Ou seja, embora as demarcações geográficas não sejam determinantes, em alguns casos elas são importantes na configuração do local, já que podem significar uma fonte de significados em comum para um determinado contingente de pessoas, expressos na língua e dialetos, nas raízes históricas, nos costumes e valores culturais, nos aspectos geográficos e de clima, nas crenças religiosas, nos meios usados para a comunicação etc. (PERUZZO, 2003, p.68).

Esta tese estudou quatro localidades aqui entendidas como as cidades de Caraguatatuba, São Sebastião, Ubatuba e Ilhabela, que estão localizadas na região do Litoral Norte Paulista. A revista *Beach&Co* atua tanto no Litoral Norte como na Baixada Santista, cobrindo jornalisticamente 13 localidades.

Outra questão abordada por Cicília Peruzzo foi o fato de a internet ter rompido a noção de território geográfico.

O local se caracteriza como um espaço vivido em que há elos de proximidade e familiaridade, os quais ocorrem por relacionamentos (econômicos, políticos, vizinhança etc.) e laços de identidades os mais diversos, desde uma história em comum, até a partilha dos costumes, condições de existência e conteúdos simbólicos, e não simplesmente em decorrência de demarcações geográficas. É certo que o local evoca “aquilo que se pode ver, tocar, aprender e, portanto, ser compreendido. Sem dúvida, é desde os espaços locais que se definem os contornos da vida diária, onde se constrói a personalidade social e onde se faz a aprendizagem social”. (LÓPEZ GARCIA, 1999, p.247). No entanto, o local

é inter-relacionável e prescinde da presença física durante todo o tempo. (PERUZZO, 2003, p.69).

Foram nos espaços dos bairros e das comunidades habitadas por caiçaras que os repórteres da *Beach&Co* produziram as reportagens analisadas. É ali que puderam vivenciar e comprovar os hábitos, valores e características da Cultura Caiçara. Neste sentido, segundo a professora, “o global precisa se tornar local para se realizar. Afinal, o ato de consumir é local. A indústria de tênis da marca x só aumenta seu faturamento se o calçado for consumido aqui e ali, em localidades concretas”. (PERUZZO, 2003, p.69).

Segundo Cicília, há elementos culturais, sociais, políticos e econômicos que se interconectam na relação do local com o nacional e o global. “Há elementos em comum, mas também aqueles que são distintos. Noção válida tanto nas relações local-regional, como entre o local e comunitário. Mas, no fundo o local representa aquilo que está mais próximo do cidadão”. (PERUZZO, 2003, p.69).

Cicília Peruzzo (2003, p.70) explicou também a diferença entre o local e o comunitário.

Do ponto de vista objetivo comunidade se situa dentro de um espaço local, no entanto, o local é sempre mais amplo e diversificado. Na comunidade os vínculos são mais estreitos. Há laços mais fortes de identidades entre as pessoas, os sentimentos de cooperação e de pertença são mais intensos; há participação ativa e mais interação entre os membros de uma comunidade do que no espaço local. Enfim, numa comunidade há uma conjugação de interesses em comum, o que não necessariamente acontece num espaço local. (PERUZZO, 2003, p.70).

O termo “comunidade” apareceu com mais frequência nos matérias da revista *Beach&Co* ao citar as “comunidades tradicionais” de Ilhabela, conhecidas como “isoladas”, pois o acesso é feito por trilha ou pelo mar. Também apareceram as comunidades de Picinguaba, Camburi e outras em Ubatuba, na divisa com Paraty. Nas duas cidades em estudo, os caiçaras foram localizados pelos bairros em que moram e não a pertencerem a comunidades específicas. A autora acredita que a questão de nomenclatura “comunidade” não altera o sentimento de “pertencimento” dos caiçaras aos locais em que habitam, pois estes geralmente estão próximos ao mar e a terra, fatores estes imprescindíveis para a compreensão do modo de vida caiçara.

Sobre “identidades locais”, a autora da tese citou Stuart Hall (2003, p.94), no segundo capítulo, assim como Peruzzo fez no artigo: “A globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou a produção de novas identidades ao invés de destruí-las”.

Em suma, a globalização não mata as regionalidades, pelo contrário contribui

para sua revalorização. É justamente no momento em que o local e o comunitário se apresentam com uma inesperada vitalidade que a grande mídia passa a aumentar os espaços de regionalização de seus conteúdos e que se desenvolve com mais vigor a interiorização da televisão no País. As evidências estão no aumento de cadernos ou editoriais, segmentados por localidades, instituídos por jornais de grandes cidades; na ampliação de programas produzidos regionalmente por afiliadas das grandes redes de TV; e no crescimento das redes regionais de TV. (PERUZZO, 2003, p.71).

No caso do Grupo Costa Norte de Comunicação, os cadernos especiais que são publicados, por exemplo, nos aniversários de Bertioga, cidade sede do Grupo, são formas de “aproveitar o mercado local/regional” para angariar recursos financeiros. No caso da *Beach&Co*, pela história narrada pelo proprietário Ribas Zaidan, a revista nasceu para fortalecer o Grupo; mostrar que as potencialidades e belezas do litoral paulista; sendo uma oportunidade de fazer crescer economicamente o Grupo de Comunicação Regional.

Outros grupos regionais de comunicação foram citados por Peruzzo (2003, p.71) como, por exemplo, a TV Vanguarda (Rede Globo), que cobre 46 municípios do Vale do Paraíba, Região Bragantina, Serra da Mantiqueira e Litoral Norte paulista, sendo propriedade de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, ex-funcionário da Rede Globo, que a inaugurou em setembro de 2003. A TV Vanguarda esporadicamente produz e veicula matérias sobre a Cultura Caiçara no Litoral Norte.

Cicília Peruzzo (2003, p.70) abordou em seu artigo também as contradições nos jornais do interior.

Também não pode ser menosprezada a importância dos jornais do Interior, meios de comunicação que ao longo dos anos vem persistindo na função de portadores de informação local, mesmo expressando algumas contradições, como as a seguir explicitadas: a) Há a tendência de alinhamento às forças políticas locais no exercício do poder, o que lhes compromete a autonomia e os desviam do interesse no aperfeiçoamento da qualidade da informação prestada ao público; b) Em geral a imprensa do Interior não dispõe de infraestrutura moderna, nem de mão-de-obra qualificada em quantidade suficiente para cobrir os acontecimentos em nível local. Dificuldade que tende a ser usada como argumento para justificar a não cobertura sistemática in loco de acontecimentos da região e do aproveitamento acentuado de press-releases enviados pelos setores governamental e legislativo. No entanto, se tal circunstância é estratégica, ou seja se o interesse de seus proprietários é justamente sobreviver usufruindo das verbas públicas, ou se o jornalismo local não comportaria investimentos para se oferecer uma informação de qualidade, dependeria de uma avaliação de cada caso específico. (PERUZZO, 2003, p.73).

Aqui, a autora da tese verificou semelhanças com o que ocorre na revista *Beach&Co*, no sentido do conteúdo jornalístico e da linha editorial se “*alinham às forças políticas locais no exercício do poder*”, pois os prefeitos do mesmo partido político (PSDB – Partido da

Social Democracia Brasileira) do proprietário da revista serem anunciantes da publicação e “em troca” querem ver as “belezas e desenvolvimento” da cidade estampados nas páginas impressas. A autora da tese, em algumas edições verificou-se a presença de Entrevistas Exclusivas (gênero pouco utilizado na *Beach&Co*), com excessão da entrevista ping pong com o governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, amigo do proprietário da revista Ribas Zaidan.

Referente a frase: “*não dispor de infraestrutura moderna, nem de mão-de-obra qualificada em quantidade suficiente para cobrir os acontecimentos em nível local*”. No caso da *Beach&Co*, cerca de 90% do material da revista é produzido por colaboradores sem vínculo empregatício com o Grupo Costa Norte de Comunicação. A revista tem apenas a editora Eleni Nogueira como funcionária registrada. Uma forma de diminuir custos com encargos trabalhistas junto aos colaboradores que são jornalistas diplomados e não diplomados.

Já o uso do press-release não é frequente na *Beach&Co*. O que ocorre é a produção de matérias “encomendadas” pela editora da revista em ocasião dos aniversários de emancipação política das cidades do litoral paulista. Verificou-se que os textos são produzidos, editados, apurados, mesmo que algumas informações sejam retiradas de press-releases.

A professora Cicília Peruzzo também refletiu sobre a segmentação de veículos de comunicação regionais. “Descobriu-se o local/regional como nicho de mercado, um segmento com potencial de rentabilidade alta e ainda pouco explorado comercialmente”. (PERUZZO, 2003, p.73). Uma das vantagens dos veículos regionais é possibilitar que o anunciante local veicule sua publicidade nos meios de comunicação locais/regionais de forma mais barato do que nos veículos de circulação nacional

Peruzzo (2003, p.75-76) explicou outras características da mídia local: a) parte dos conteúdos tende a repetir as mesmas estratégias da grande mídia; b) a mídia local é uma unidade de negócio que pretende ser rentável, portanto os interesses mercadológicos estão acima de quaisquer outros; o faturamento tem como base a venda de espaço para a publicidade e editais de órgãos públicos; c) reproduz releases e tem a linha editorial comprometida com os interesses das celebridades locais; d) faz a cobertura de assuntos de foco local e regional que, em geral, não têm espaço na grande mídia, exceto quando envolvem uma excepcionalidade; e) aborda conteúdos ligados às “comunidades” e promove sua integração local como forma de angariar a credibilidade visando ajudar a consecução dos interesses empresariais; f) ajuda a debater temas regionais levando à compreensão da realidade local e na formação de identidades culturais; g) há uma diversidade de formatos na

mídia local (ex. caderno especial num jornal regional dedicado à cidade, ou um programa de rádio/TV com produção local, mas exibição regional etc.).

Os itens acima são praticados na revista *Beach&Co*, alguns de forma mais evidente outros de forma mais branda. Nas páginas de columnismo social, por exemplo, vê-se o total “*comprometimento com os interesses das celebridades locais*”. O faturamento da revista tem como base a venda de anúncios de publicidade às prefeituras, órgãos públicos do estado e empresas privadas, não constando editais publicados nas páginas da revista nos dez anos estudados.

Cicília Peruzzo (2003, p.76-77) explicou que há diferentes tipos de meios de comunicação local e regional, dentre eles “revistas periódicas de circulação local ou regional”. Ela afirma que a mídia local não é homogênea e as diferentes estratégias editoriais influenciam no tipo de inserção na cidade ou na região. “Há ainda o aspecto da variedade de suportes utilizados, que vão do meio tradicional impresso às tecnologias de radiodifusão e digitais”.

Cicília citou em seu artigo científico o estudo de Gabriel Ringlet (apud CAMPONEZ, 2002, p.101-102), que verificou diferenças na inserção regional da imprensa classificando-as como “verdadeiramente local”, “semi-local”, “local comprometido (engajado)” e o “falso local”. O estudo teve com base 13 jornais locais da Bélgica e da França, e “com as devidas diferenças, na imprensa regional brasileira estes tipos de inserção também se verificam”.

Nas palavras de Carlos Camponez (2002, p.100-103), o “verdadeiro local” seria quando o local é esmiuçado, detalhado, ou seja, quando a política editorial se assenta na tática de ocupação do terreno. As tendências jornalísticas, neste tipo de imprensa, podem variar de popular sensacionalista a características de sobriedade, com ênfase em notícias relativas a eventos culturais e políticos. O “semi-local” seria o local hesitante. O local se integra mais como lógica comercial, de busca de públicos mais diversificados, do que de uma verdadeira vocação regional. O público é sobretudo nacional e, por isso, a informação local está subordinada ao restante do conteúdo. [...] O “local comprometido” ou “engajado”, [apud RINGLET] é representado pela imprensa alternativa, partidária e sindical. O “falso local” é caracterizado por um tipo de imprensa de caráter sensacionalista ou recreativo, mais preocupada em vender a sua manchete do que o seu local. (PERUZZO, 2003, p.78).

Cicília indica técnicas usadas pela mídia local para terem credibilidade, com base em pesquisas de Renato Ortiz (1999) e Alain Bourdin (2001):

a)Proximidade: o sentido de proximidade diz respeito à noção de pertencimento, ou dos vínculos existentes entre pessoas que partilham de um cotidiano e de interesses em comum; b)Singularidade: cada localidade possui aspectos específicos, tais como a sua história, os costumes, valores, problemas, língua etc., o que no entanto, não dá ao local um caráter

homogêneo; c)Diversidade: o local comporta múltiplas diferenças e a força das pequenas unidades; d)Familiaridade: constituída a partir das identidades e raízes históricas e culturais. [...] As identidades giram em torno de raízes e refletem um campo comum de significados a um determinado número de pessoas. (PERUZZO, 2003, p.78).

Portanto, o conceito de “proximidade” encaixa-se neste estudo, pois as comunidades caiçaras mostradas na *Beach&Co* existe “a noção de pertencimento, dos vínculos existentes entre pessoas que partilham de um cotidiano e de interesses em comum”. Abaixo, outras questões de “proximidade” levantadas pela professora Cicília Peruzzo.

O diferencial básico dos meios de comunicação locais é a noção de proximidade que eles imprimem em suas práticas e nas políticas editoriais. Proximidade significa ligação, sintonia e compromisso com o mundo vivido pelos receptores. À mídia local comporta expressar uma comunicação que se alimenta dos acontecimentos, temas e elementos da cultura que dizem respeito mais diretamente à vida de um determinado segmento da população ou de uma determinada localidade. Portanto, as mídias local e comunitária reúnem a potencialidade de desenvolver um jornalismo de proximidade.

Segundo Orlando Raimundo (apud CAMPONEZ, 2002, p.117-118), a noção de proximidade tem como centro o indivíduo e pode se desenvolver em diferentes perspectivas, como a geográfica, temporal, psico-afetiva e social. A proximidade temporal marca a distância do leitor face ao momento em que se deram os acontecimentos (ontem, hoje, na história). A proximidade geográfica começa no acontecimento da rua, do bairro e alarga-se à região, ao país.... A proximidade social diz respeito a temáticas relacionadas com a família, a profissão, a classe social, a religião, a ideologia ou a política. Por fim, a proximidade psico-afetiva integra valores como o sexo, a vida e a morte, a segurança, o dinheiro e o destino. (PERUZZO, 2003, p.79-80).

A revista *Beach&Co* teve ligação, sintonia e compromisso com o mundo vivido pelos seus leitores nos primeiros dez anos de existência. Os repórteres da revista, centrados na proximidade com sua fonte “caiçara”, “praticaram” (sem saber) as diferentes perspectivas de proximidade como a geográfica, temporal, psico-afetiva e social.

Além da “proximidade”, outros valores-notícia citados por Peruzzo foram à novidade, atualidade, pressuposição, consonância, relevância, negatividade, e ainda:

A vocação local como intencionalidade é um dos critérios para definição da imprensa regional sugeridos por Juan Macia Mercadé (apud CAMPONEZ, 2002, p.109). No conjunto estes critérios são: “o caráter geográfico na definição de informação local; a sede territorial da publicação; o seu âmbito de difusão e cobertura; a vocação e intencionalidade da publicação; o tratamento dado aos conteúdos; a percepção do jornal sobre o leitor; a relação com as fontes de informação institucionais”. (PERUZZO, 2003, p.81).

Referindo-se especificamente ao jornalismo, Carlos Camponez (apud PERUZZO), confirmou que:

proximidade já não se mede em metros. Devemos estar preparados para conceber a produção de conteúdos que, embora longe de nossas casas, nos são próximos, bem como para assistir à produção nas regiões de conteúdos tão homogeneizantes e massificadores quanto os das grandes corporações de mídia. [...] Não é a proximidade geográfica que, por si só, faz o media regional. (CAMPONEZ apud PERUZZO, 2003, p.81).

Alguns motivos para os veículos locais atuarem de maneira responsável e ética, para desfrutar de credibilidade local, segundo Peruzzo (2003, p.82) é: conhecer os atores em cena, seus vínculos políticos e intenções; investigar os acontecimentos e conhecer suas causas e desdobramentos; perceber a omissão ou a manipulação de informações por parte das fontes entrevistados pessoalmente.

Segundo Camponez (apud PERUZZO, 2003, p.82), o jornalista não deve apenas resumir os fatos que observa na comunidade, mas sim abordar o jornalismo cívico²¹, entre os cidadãos. “E esse esforço obriga-o a cultivar a proximidade. [...] O cidadão de que nos falam [...] é o cidadão com problemas concretos, com um olhar próprio da realidade que o rodeia. É o cidadão localizado”. Neste sentido, os espaços local e regional são perfeitos para a prática do jornalismo de proximidade, permitindo uma relação de convívio entre repórter e fonte, “na captação dos assuntos, angústias, alegrias e interpretações que dizem respeito mais diretamente à vida dos cidadãos e das comunidades”. Este jornalismo descrito por Camponez se compromete com seu entorno e com o interesse público, é um jornalismo de qualidade e pelo bem da coletividade, com ética e informação de interesse público.

O Jornalismo Cidadão não se aplica na revista *Beach&Co*, pois ela não representa o caixara, ele “não se esforça a cultivar a proximidade” com as comunidades tradicionais, portanto é uma mídia especializada e meramente comercial.

Cicília Peruzzo concluiu o artigo constatando que:

A revitalização do local não é totalmente compreendida por aqueles que detém os meios de comunicação local. Ao insistirem em reproduzir os esquemas e vícios da grande mídia deixam de inovar e de aproveitar a vitalidade do local. Os meios de comunicação local são revitalizados no momento atual como uma demanda da sociedade por uma comunicação mais próxima a vida e aos interesses do cidadão, mas a mídia comercial se interessa por esta modalidade de atuação, fundamentalmente, como um nicho de mercado, sem adentrar na potencialidade do local de modo a fazer uma comunicação de proximidade e de caráter cívico. (PERUZZO, 2003, p.84-85).

21 Outra pesquisadora que se dedica aos estudos do jornalismo cidadão e participativo é Mônica Pegurer Caprino, professora da Universidade Municipal de São Caetano do Sul e pesquisadora do Núcleo de Estudos em Comunicação e Inovação – NECI, é graduada em Jornalismo e Letras pela USP e doutora em Ciências da Comunicação pela Unesp, onde também leciona.

Dessa forma, após debate sobre o jornalismo cidadão, autora passa a abordar a Reportagem.

3.2. O gênero jornalístico Reportagem

Lia Seixas (2009), em sua tese de doutorado, buscou uma redefinição dos gêneros jornalísticos nos impressos e no meio digital, recorrendo a estudos de pesquisadores espanhóis, americanos, franceses e também de brasileiros, entre eles Luiz Beltrão, José Marques de Melo, Manuel Carlos Chaparro, e outros.

Na classificação de Marques de Melo, o gênero reportagem é considerado “informativo”, assim como a nota, a notícia e a entrevista. Há também o gênero opinativo como editorial, artigo, fotografia, ilustração, crônica, charge, caricatura e colaboração do leitor. Posteriormente, estes autores redefiniram os gêneros em: informativo, interpretativo, opinativo, diversional e utilitário.

Sobre o gênero reportagem praticado em revista, Lia (SEIXAS, 2009, p. 68) considera que “a revista, consolidada como o produto de reportagens, era o meio onde mais se experimentava a contextualização, o aprofundamento, os dados comparativos, técnicas que, em princípio, não eram diferentes daquelas utilizadas para produção de uma notícia”.

Nos apontamentos finais da tese, Lia Seixas (2009, p. 316-317) propôs critérios de definição de gênero discursivo do jornalismo na atualidade que combinam a lógica enunciativa, a força argumentativa, a identidade discursiva e as potencialidades da mídia, características bem mais amplas do que as tidas pelos autores brasileiros.

A definição de reportagem, a autora da tese buscou em Manuel Carlos Chaparro (1998), que classifica os textos de acordo com suas estruturas, narrativa e argumentativa, conceituando primeiro a notícia e depois a reportagem.

Notícia é o resumo informativo para a descrição jornalística de um fato relevante que se esgota em si mesmo, e para cuja compreensão bastam as informações que o próprio fato contém. A partir do entendimento do que seja notícia, podemos então definir **Reportagem** como o relato jornalístico que expande a Notícia, para desvendamentos ou explicações que tornam mais ampla a atribuição de significados a acontecimentos ocorridos ou em processo de ocorrência. Nesse sentido, desvenda contextos de situações, falas, fatos, atos, saberes e serviços que alteram, definem, explicam ou questionam a atualidade. (CHAPARRO, 1998, p.125).

Esta autora analisou apenas as reportagens da revista *Beach&Co* (e não os outros gêneros jornalísticos), porque este gênero “*desvenda contextos de situações, falas, fatos, atos,*

saberes e serviços que alteram, definem, explicam ou questionam” como vivem as comunidades tradicionais caiçaras no Litoral Norte paulista.

Outro autor que analisou a dupla dimensão da reportagem: como gênero jornalístico e como prática narrativa que transcende o tempo presente, foi o citado professor José Salvador Faro, no artigo científico: “Reportagem: na fronteira do tempo e da cultura”. Ele constata que o repórter que pratica o gênero reportagem acaba desvendando elementos culturais e tornando seu trabalho um registro mundo atual.

O professor afirma que a reportagem não é apenas um relato aprofundado de um acontecimento, mas que a sensibilidade dos repórteres e dos editores faz diferença na produção, apuração e checagem de dados.

[...] a sensibilidade dos repórteres e dos editores percebe a potencialidade de uma história que mereça ser narrada em todas as suas dimensões, ela integra indiscutivelmente o universo operacional e etiológico das razões de ser da própria imprensa: apuração, checagem das fontes, confronto de informações, contextualização e competência descritiva do profissional. Sob esse aspecto, contar toda a história de um acontecimento converge para a própria essência do Jornalismo, mas de forma específica e fortemente relacionada com o compromisso público do repórter e com toda a amplitude social de seu ofício, pois que ela está vinculada à perspectiva vertical com que os fatos precisam ser narrados para que recuperem e tenham inserção nos processos de *partilhamento simbólico*. Os fatos não falam por si, exceto na medida em que são conduzidos nas suas interações pela composição da lógica analítica e pelos desdobramentos que essa lógica adquire na esfera pública. É como se pode definir o partilhamento simbólico referido acima. (FARO, 2013, p.77)

Questões como apuração, checagem das fontes, confronto de informações, contextualização e competência do profissional foram verificadas nesta tese no discurso final das reportagens, e não na ótica da entrevista com os profissionais que escreveram os textos analisados na revista *Beach&Co*.

Faro argumenta que no Jornalismo, a prática da reportagem assegura a integridade de registro comprometido com a factualidade. Ele confirma que:

[...] a apuração jornalística na confecção da reportagem acabou inscrevendo na esfera pública um instrumento valioso de cognição, argumentação e de deliberação que não se perde na sua essência mesmo quando uma suposta *crise geral das narrativas* (entre elas, o gênero de que nos ocupamos aqui) é apontada como incontornável e definitiva. Mais que isso: com a constatação ou não de uma mudança nos padrões de leitura do público, a prática da investigação jornalística trouxe para dentro da imprensa um centro de gravitação que a tem sustentado de forma permanente, como herança de seu *habitus* e mesmo como alternativa de sobrevivência. (FARO, 2013, p.78).

No entanto, ele entende que pela reportagem “é possível entender o exercício da narrativa do repórter como um processo que transmite informações numa sequência de encadeamentos que resultam em nexos, em articulação formalmente lógica que alimenta e instrui a cognição sobre o real”. (FARO, 2013, p.78).

Uma narrativa, portanto, é uma história, e esse é o seu aspecto universal; mas a narrativa jornalística de alta densidade investigativa é uma história que se desenrola em torno de elementos objetivos que se mesclam com a subjetividade do repórter, fato que a distingue de outras formas de narrar. Ela supõe um conjunto racional de causalidades e um outro conjunto racional dedutivo e criador em torno da massa de acontecimentos que explicam seus efeitos, painel com o qual o profissional estará irremediavelmente comprometido já que a ele não é permitida a evasão do real ou a reinvenção da realidade como acontece com o ofício da criação ficcional; mas também a ele não é dada a prerrogativa de ignorar a potencialidade e a intensidade dramática dos fatos. (FARO, 2013, p.78).

Na análise das 23 reportagens da *Beach&Co*, constatou-se que a narrativa jornalística se mesclou com a subjetividade do repórter. José Salvador Faro (2013, p.78-79) continua: “a reportagem emerge como integrante da história da cultura e como tal dotada de uma complexidade fenomênica que a subtrai do presente e a leva para o território da construção mítica atemporal, dos arquétipos”, isto tudo configura a experiência do repórter com os fatos investigados.

Faro constata que não há estudos sobre os gêneros jornalísticos que abordam a questão antropológica da reportagem e sua interface com um tipo de “autoria discursiva que a retira do território de observação informativo como estruturante fundamental da prática profissional”.

[...] é na busca pela amplitude dessa concepção de reportagem que os profissionais se encontram sempre comprometidos com a dilatação do campo de observação dos assuntos que instigam matérias de grande envergadura narrativa, mas isso está longe de se constituir numa lavratura cujo objetivo é o acúmulo de informações; ao contrário: como pondera e adverte Cremilda Medina (1978), é uma postura que se aproxima mais de um esgotamento compreensivo e de uma exaustão interpretativa que sejam capazes de oferecer a ele, profissional, e ao público que o lerá, uma compreensão que lhes permita a medida circular, histórica, existencial e mítica dos fatos narrados. (FARO, 2013, p.81).

Em algumas reportagens analisadas, como por exemplo, em “Memórias do Chão Caiçara” (*BEACH&CO* n.129, 2013), “Pescador artesanal, espécie em extinção” (*BEACH&CO* n.103, 2011), “A memória de um povo” (*BEACH&CO* n.106, 2011), o repórter conseguiu “se aproximar do esgotamento compreensivo e de uma exaustão interpretativa que ofereceram a ele e ao leitor, uma compreensão histórica, existencial e mítica” das realidades

atuais, respectivamente, dos caiçaras de São Sebastião, do pescador artesanal e das capelas caiçaras nesta mesma cidade.

Definido o gênero Reportagem e suas nuances, passa-se as características das revistas regionais.

3.3. Revista Regional

A diretora do Curso da Editora Abril de Jornalismo, Marília Scalzo trouxe o olhar de quem vivenciou o cotidiano da maior editora brasileira de revistas, no livro “Jornalismo de Revista”, no qual constam apontamentos do mercado atual, sua evolução, a prática, a ética e casos vivenciados por esta profissional.

Para Scalzo (2004, p.12), devido à periodicidade (geralmente semanal, quinzenal ou mensal), as revistas cobrem funções culturais mais complexas que a simples transmissão de notícias. Estas publicações entretêm, trazem análise, reflexão, concentração e experiência de leitura. “Ainda hoje a palavra escrita é o meio mais eficaz para transmitir informações complexas”. (SCALZO, 2004, p.13).

Marília confirma que as revistas ajudam na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação no serviço utilitário que podem oferecer a seus leitores, entre outras questões. (SCALZO, 2004, p.14). A autora da tese evidenciou na conclusão, a contribuição da revista *Beach&Co* no aprofundamento das informações sobre a Cultura Caiçara.

No livro “O estilo magazine: o texto em revista”, Sérgio Vilas Boas (1996, p.39-78) explica que o estilo jornalístico é a forma em que o jornalista ou o veículo se coloca perante o leitor e seus principais aspectos são ritmo, jeito, equilíbrio, linguagem, apresentação, símbolos, ética e personalidade. Ele confirma que “a boa reportagem é aquela que consegue apresentar a notícia em profundidade, com objetividade e padrão ético”.

Um estudo recente sobre revistas “regionais” foi feito por Virgínia Salomão (2009) em tese de doutorado. Neste mesmo ano ela publicou artigo revisando a tese, intitulado: “A prática dos gêneros jornalísticos no mercado emergente das revistas regionais”. No Brasil, eram mais de 3.600 títulos de revistas regionais em 2006.

Salomão (2009, p.01) confirma que: “Um novo mercado, incrustado nas especificidades regionais e no desenvolvimento socioeconômico está vicejando num cotidiano desconhecido pela chamada grande imprensa: o mercado de revistas regionais”. Segundo ela, este mercado cresceu de forma organizada, na última década, contrariando os déficits econômicos de outras mídias.

Sobre a história das revistas no mundo, ela revela que a primeira foi publicada em 1663, na Alemanha e chamava-se *Erbauliche Monats-Unterredungen* ou Edificantes Discussões Mensais. Ao longo do século XIX, a revista ganhou espaço, virou e ditou moda. As publicações, no início, abordavam um único assunto por título, depois passaram a tratar de vários temas. O termo *magazine* foi adotado pela primeira vez em 1731, em Londres, quando se lança a *The Gentleman's Magazine*. No Brasil a primeira revista data de 1812 e chamava-se *As Variedades*.

Na tese, Virgínia (2009b, p.09) confirma que “hoje coloridas, atraentes, competitivas e super especializadas, as revistas são a maior prova de que as audiências estão se tornando cada vez mais segmentadas”. E diz ainda que as revistas “são portadoras das últimas novidades, do conhecimento acessível, de linguagem fácil, de saberes preteridos pelos livros, mais perenes, e jornais, mais fugazes”.

Ela analisou cinco revistas, uma de cada região brasileira, e discutiu as tendências da segmentação no mercado editorial fora do eixo Rio - São Paulo, buscando responder a seguinte questão: Como as identidades culturais são processadas pelas revistas regionais em favor da comunicação com públicos específicos?

Respondendo a questão no artigo acadêmico, Salomão (2009, p.01) explica que as identidades culturais estão diretamente ligadas às regiões de influência e redes urbanas das revistas que retratam o estilo de vida atual. O gênero jornalístico informativo predomina nestas publicações e retroalimentam os sotaques regionais. As revistas que ela estudou trabalham sem artificialismos as relações, modos e demandas de produção simbólica, se consolidando no mercado editorial de revistas de forma profissional.

A jornalista Virgínia Salomão confirma que a nomenclatura brasileira para a segmentação típica do jornalismo de revista é confusa e não padronizada, tanto nos institutos de pesquisa de mercado, como na área acadêmica e na própria indústria cultural, o que não difere de outros países. (SALOMÃO, 2009, p.03).

Na ausência de literatura nacional acerca das revistas regionais, ela recorreu aos estudos americanos para conceitar “revistas regionais” como: “revistas geograficamente especializadas, que direcionam sua atenção a uma cidade ou região particular, que alcançam uma considerável audiência de consumidores em geral, provendo seus leitores com informação e entretenimento”. (SELNOW, RILEY apud SALOMÃO, 2009, p.04).

Esta terminologia americana abrange tanto revistas de cidades como revistas regionais de vários conteúdos temáticos, que direcionam sua cobertura tanto a um estado, parte de um estado, mais de um estado, ou uma região maior. Há também as revistas especializadas de

cidades e de regiões, tanto em relação à cobertura geográfica quanto ao conteúdo das matérias. (SALOMÃO, 2009, p.04).

Os também americanos Jay Black e Jennings Bryant (apud SALOMÃO, 2009, p.04), classificam as revistas regionais como publicações de consumo ou interesse geral; de negócios e revistas de empresas e fazendas. Jornalisticamente as revistas regionais se dividem como publicações de: entretenimento/diversão; notícias/informação e partidárias/opinativas.

Virgínia Salomão (2009, p.05) utilizou o conceito de “região” proposto pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), que define como “porções de espaço submetidas à influência de centros urbanos, cujos fluxos de pessoas, mercadorias e informações permitem a conformação de estruturas territoriais relativamente estáveis no decorrer do tempo”. Ela confirma ainda que as redes urbanas, enquanto construções socioeconômicas são formadas não só por regiões territoriais, mas por características de trocas, fluxos de pessoas, mercadorias e informações.

Virgínia cita também Inka Salovaara-Moring (apud SALOMÃO, 2009, p.05), que entende o “espaço” não só como um envolvimento físico, mas, “uma construção social que formata imagens, hierarquias e representações da vida diária”. Desenvolvendo esse argumento, Inka afirma que “representações do espaço, tais como lugares, regiões, paisagens e nações são partes do imaginário global e local que as audiências midiáticas consomem diariamente”.

Portanto, estudos antigos centravam a organização social das instituições midiáticas, atualmente abordam seus produtos como as revistas segmentadas, a relevância espacial dos seus conteúdos e fluxos, confirmando que a mídia é criadora de cultura local e regional.

A pesquisadora Virgínia concluiu no artigo que:

Não há traços de amadorismo em nenhum dos veículos analisados, mas, ao invés, provam competência criativa, sintonizada com as necessidades do mercado consumidor, particularmente no sentido em que se propõem a reafirmar a identidade regional. Revela-se o predomínio do estilo urbano de vida. [...] parte significativa do staff das redações é constituída de colaboradores e não jornalistas profissionais. [...] Vê-se o enxerto de orientações para o leitor, no estilo dicas, roteiros, horários de funcionamento, que se não chegam a inovar o standard dos formatos jornalísticos, imprimem também a regionalidade, a marca do lugar. Essa, aliás, a tônica evidente neste estudo, mostrando que as revistas regionais assumem como missão espelhar um mundo próprio de relações e interesses. (SALOMÃO, 2009, p.13).

Características como “*reafirmação da identidade regional; staff das redações constituído de colaboradores; enxerto de orientações para o leitor, no estilo dicas, roteiros, horários de funcionamento*” assemelham se ao que é praticado na revista *Beach&Co*, cuja

linha editorial é clara: vender os destinos turísticos do litoral paulista e seu desenvolvimento, oferecendo informações diferenciadas (inclusive da cultura tradicional na região) e pouco abordadas nos veículos de circulação nacional.

Após a contextualização do fenômeno das revistas regionais, passa-se a cobertura jornalística da Cultura Caiçara feita em veículos de circulação nacional.

3.4. A Cultura Caiçara na mídia nacional

A autora da tese realizou uma sondagem nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo*, de circulação nacional, com sedes na capital paulista, identificando os temas abordados sobre a cultura caiçara, por meio dos portais de notícias dos dois jornais (www.folha.uol.com.br e www.estadao.com.br) foi inserido no campo de busca a palavra “caiçara” e delimitou-se as notícias publicadas entre janeiro de 2010 a junho de 2012 (período final de análise na revista *Beach&Co*) que focavam as cidades do Litoral Norte Paulista. Verificou-se a abordagem dos textos que retratam a cultura tradicional paulista nestes dois jornais, já que a mesma busca foi feita nos portais das duas principais revistas brasileiras noticiosas de circulação semanal, a *Veja* e a *Época*, cujos resultados foram insignificantes.

A palavra “caiçara” apareceu 39 vezes em 25 textos e apenas em cinco títulos ou linha fina na *Folha de S. Paulo*, no período delimitado de dois anos e meio. A maioria das matérias abordou aspectos superficiais da culinária, como nomenclatura dos pratos ou ingredientes como na edição de 02 de maio de 2012, no texto “Quem come o que e outros petiscos”. Aparece o trecho: “ingredientes vindos do mar como peixe, berbigão (vôngole) e marisco ganham um toque *caiçara* com a banana cozida”; na edição de 09 de maio de 2012, no texto “Desafio ao chef”, usa-se a palavra para rememorar a origem da fonte entrevistada, constando: “Caiçara - Aos 13 anos, a chefe Renata Vanzetto, 23, ia ao restaurante que sua mãe, a decoradora Sílvia Camargo, 52, tinha em Ilhabela, litoral de SP”.

“Caiçara” também apareceu para nomear empresas como “*Caiçara Country Clube*”, e nas matérias que citam os atrativos turísticos do litoral, como as praias, porém sem detalhamento dos costumes e valores da vida tradicional caiçara. Em apenas sete das 25 reportagens, o “homem caiçara” apareceu, como na editoria *Cotidiano* de 08 de janeiro de 2012, em matéria não assinada e intitulada “Falta tudo menos quem tenha Oliveira no sobrenome”, mostrando ser comum o casamento entre parentes na comunidade caiçara da Ilha Montão de Trigo, em São Sebastião, onde:

A água limpa vem das minas, mas prejudica as crianças pois tem muito ferro.
A energia elétrica, em só duas casas, vem de geradores que não conseguem

manter funcionando uma geladeira. Nem o computador da escola, onde estudam 11 crianças, só até a 4ª série. Daí para a frente, é parar de estudar ou rumar para o continente. O último médico pisou na ilha lá se vão uns dois anos, dizem moradores. É cada vez menor a renda da pesca artesanal - acossada pela ascensão da pesca em escala industrial- e não há outra fonte, (FALTA TUDO..., *Folha de S. Paulo*, 08/01/2012).

Evidências da pesca escassa, da pouca escolaridade dos caiçaras, do modo rústico de viver sem energia elétrica, com exceção da energia de geradores, características que mostram o estilo de vida atual dos caiçaras da Ilha de Montão de Trigo de forma simplificada e sem contextualização.

A matéria “‘Quero ficar nesta casa’, diz líder caiçara”, também na editoria *Cotidiano*, na data de 02 de janeiro de 2012, transparece a resistência das comunidades para manter seus hábitos diante da especulação imobiliária e do processo de “favelização”. “Até 1960, apenas 30 famílias viviam, com hábitos rurais e voltados para a pesca, na região de Conceiçãozinha, em Vicente de Carvalho, Guarujá. Ao redor do grande sítio, a mata atlântica, com muitas bananeiras que, ao lado do pescado, ajudavam na sobrevivência dos moradores”. (QUERO FICAR..., *Folha de S. Paulo*, 02/01/2012).

O texto focou a cidade de Guarujá, na Baixada Santista, e mostrou por meio da fala dos caiçaras, que eles estavam próximos ao porto, um local cobiçado por grandes empresas, e que cresceu de forma desordenada.

Publicado em 13 de outubro de 2011, o texto de Luiza Fecarotta “Mosaico caipira” confirma que a “cozinha tradicional paulista está em declínio, mas dá sinais de reação com chefes caipiras e caiçaras”. E explica: “São nomes como Jefferson Rueda, Eudes Assis e Ivan Achcar que se empenham em resgatar esses sabores que rondavam suas casas na infância, em receitas que destacam ingredientes da terra, do interior, em uma cozinha bem resolvida, que se mune de técnicas apuradas”. (FECAROTTA, *Folha de S. Paulo*, 13/10/2011).

A repórter entrevistou Eudes Assis que também foi fonte na edição n.107 da revista *Beach&Co* e no artigo científico de Cynthia Luderer (2010). “Nascido e criado no litoral paulista, caçula de 14 filhos, o chefe, que já viajou o mundo em um navio, cozinhando, retoma o pupunha, o limão ‘ali do mato’, a taioba. A cultura caiçara foi se perdendo, ninguém estica peixe no varal, como minha mãe fazia”, confirma a repórter e continua: “Mas, no restaurante que Eudes vai abrir em 2012, o plano é mostrar essa cozinha caiçara genuína, a mistura do peixe e da banana, o doce e o salgado”. (FECAROTTA, *Folha de S. Paulo*, 13/10/2011).

Um Especial sobre a cidade de São Sebastião foi publicado no caderno de *Turismo*, em 04 de agosto de 2011, na *Folha de S. Paulo*, cujo texto foi escrito por Fernanda Palumbo,

arquiteta e pedagoga que trabalhou no departamento de Patrimônio Cultural da cidade. Fernanda citou que as casas feitas de pau a pique, são “símbolo da cultura caiçara” e que o fotógrafo Edivaldo Nascimento, “sem modéstia, ele diz se considerar um guardião da cultura caiçara. Nascido em São Sebastião, começou a se interessar por filmes e fotografia com 16 anos, registrando a transformação da cidade”. O texto que melhor explicitou a cultura local no período em análise na *Folha de S. Paulo* foi: “Prato típico pode ser provado na casa de caiçaras”, como segue:

A cultura imaterial da cidade ainda está guardada na memória da população local, que tem orgulho de contá-la aos turistas e pesquisadores que ali chegam. O tradicional artesanato de barro e a culinária, entretanto, se perdem ao longo dos anos. Hoje, é possível comer o tradicional azul-marinho, cuja receita leva peixe e banana-verde, apenas nas casas dos caiçaras. O prato tem tal nome devido à coloração da banana cozida. As panelas de barro, antes feitas em larga escala no bairro São Francisco, são menos conhecidas pelos moradores a cada dia que passa, e a cultura caiçara vai se esfacelando com o tempo. (PALUMBO, *Folha de S. Paulo*, 04/08/2011).

Apesar de abordar bem os “vestígios” da Cultura Caiçara, o texto de Fernanda não apresenta novidades ou curiosidades, citando o principal prato que é o azul marinho, as panelas de barro, o bairro São Francisco. A *Folha de S. Paulo* publicou ainda uma matéria do Festival de Culinária Caiçara de Paraty/RJ.

O segundo jornal analisado na sondagem foi *O Estado de S. Paulo*, ou “Estadão”, que publicou 32 vezes a palavra “caiçara” em 20 matérias, destas, apenas cinco se referiram à cultura tradicional presente no litoral paulista, no período de dois anos e meio. A palavra apareceu para nomear o Caiçara Clube em São Vicente; a Vila Caiçara, em Praia Grande, no litoral paulista; o Jardim Caiçara, bairro no Vale da Ribeira; a farofa com banana caiçara, a caipirinha caiçara, e a Cultura Caiçara foi citada como uma “riqueza” em Camburi, São Sebastião. O caiçara também exemplificou a comida tradicional de Paraty, no texto de Bruna Tiussu, de 28 de junho de 2011: “Apesar de nada inovadora, esta é a melhor opção para desfrutar das águas calmas da baía -o tour inclui até cinco paradas- e curtir um almoço *caiçara* em uma das ilhotas”. (TIUSSU, *O Estado de S. Paulo*, 28/06/11).

No texto “Sexta-feira é dia de peixe. E no evento não é diferente”, sem assinatura do repórter, publicado no *Estadão* em 24 de junho de 2012 consta: “conhecedor de peixes e frutos do mar, o chefe mineiro Edinho Engel vai se juntar ao capixaba Juarez Campos para mostrar que peixes em geral considerados pobres -como sardinha e manjuba- se tornam nobres”. E continua: “O assunto segue com Ana Bueno, da Banana da Terra, em Paraty. Ela vai falar da tradição caiçara do peixe com a banana”.

A reportagem: “Cadê o peixe que estava aqui?”, de Herton Escobar, de 25 de fevereiro de 2012, relata a escassez da pesca na praia de Camburi, em Paraty, e na praia de Picinguaba, em Ubatuba.

Simão Cruz, de 48 anos, pescador, filho de pescador, nascido e criado na vila de pescadores de Camburi, a praia mais ao norte do litoral paulista, entre Ubatuba e Paraty. Um autêntico caiçara. Passou quase a vida toda no mar, pescando com sua canoa de madeira, Kelly, e servindo o que trazia do mar no restaurante que seu pai lhe deixou, o Bar do Simão, a poucos passos da praia. Peixe mais fresco que isso, impossível. De uns tempos para cá, porém, o peixe que abastece a geladeira do restaurante não é trazido mais das águas da baía à sua frente, à bordo da canoa Kelly. Chega de carro, pela estrada, encomendado de uma peixaria em Paraty, a 30 quilômetros de distância. As redes de pesca de Simão não vão para o mar faz tempo. Estão acumulando poeira do lado de fora do restaurante, emboladas sobre um bote de alumínio. [...] “Faz dois meses que não largo rede no mar”, conta Simão, entre um cliente e outro. “O peixe é tão pouco que não vale a pena. É perda de tempo”. (ESCOBAR, *O Estado de S. Paulo*, 05/02/12).

O repórter Herton Escobar revela por meio de estatísticas oficiais, o que foi confirmado pelos caiçaras, que 2011 foi o pior ano da pesca no Estado de São Paulo.

“Cada ano fica pior”, diz o jovem caiçara Fabio Oliveira da Conceição, de 28 anos, filho do “seu Inglês”, um dos pescadores mais antigos de Camburi. “Ainda dá para sobreviver, mas não tá fácil. Não é mais como antigamente, quando eu era moleque e nadava no meio dos peixes aqui na praia”, lamenta ele, ainda determinado a não abandonar a profissão. [...] Na vila vizinha de Picinguaba, um pouco mais ao sul, a situação é a mesma. “Se fosse depender da pesca, hoje meus netos estavam passando fome”, diz o pescador Claudeci Castro de Paula, o Zico, de 55 anos. Todas as manhãs, bem cedinho, ele sai sozinho num barco a motor para recolher a rede de 200 metros que larga esticada no mar durante a noite, com as pontas marcadas por boias de isopor com bandeirinhas do Brasil. Numa dessas saídas, acompanhadas pelo Estado, Zico puxa metro após metro de rede vazia. Só aqui e ali aparece um peixe. No final, 10 corvinas e 3 vermelhos, somando 14 quilos de pescado - média de 700 gramas de peixe para cada 10 metros de rede. (ESCOBAR, *O Estado de S. Paulo*, 05/02/12).

A culpa da escassez da pesca, segundo os caiçaras, é dos “barcos grandes” que pescam em mar aberto, longe da costa, onde os barcos menores da pesca artesanal não conseguem chegar. “Alguns barcos industriais, dizem os caiçaras, têm redes de até 40 quilômetros de extensão, suficientes para “fechar” o mar de Picinguaba até Ubatuba. Some a isso as tecnologias modernas de sonar, que permitem detectar cardumes a grandes distâncias e com grande precisão, e as chances de um peixe escapar das redes é mínima”. E continua: “É muita aparelhagem, muita rede. Como é que o peixe vai escapar? Não tem como!”, esbraveja Pu. “Antes a gente achava o cardume no olho, debruçado na proa. Agora os caras ficam só

olhando pro computador, não precisa nem olhar pra água”. (ESCOBAR, *O Estado de S. Paulo*, 05/02/12).

Além dos pescadores, o repórter ouviu Maria Cristina, do IBAMA, que confessou que fiscalizar os barcos grandes em alto-mar é extremamente difícil, e isto faz com que os pescadores artesanais tenham a impressão de que “o pessoal do meio ambiente só bate nos pequenos”, como disse Seu Pu. Ela reconhece que “o impacto da pesca industrial é muito maior, mas rejeitam a tese do “bom selvagem”, que vive em perfeita harmonia com o ambiente”. (ESCOBAR, *O Estado de S. Paulo*, 05/02/12).

Em 26 de fevereiro de 2012, em outra reportagem, esta de JF Diório, temática semelhante foi abordada no texto “Na falta de peixe, pescadores viram maricultores”.

Na falta de peixe, alguns pescadores de Picinguaba resolveram apostar seu futuro na maricultura. Dois anos atrás, mesmo criticados e ridicularizados pelos colegas de pescaria, dez deles resolveram investir num projeto de produção de vieiras, um molusco pouco comum no litoral de São Paulo e servido como iguaria em restaurantes paulistanos. O negócio evoluiu e começa a se mostrar uma alternativa economicamente viável à pesca. Sem a necessidade de abandonar o mar. “É uma atividade autossustentável. Se a gente cuidar bem, é algo que vai durar para os nossos filhos, nossos netos, nossos bisnetos”, diz André Bergamo, coordenador do Projeto Vieiras, que foi financiado pelo Ministério da Pesca e Aquicultura. “Peixe não tem mais. Não vira mais”. (DIÓRIO, *O Estado de S. Paulo*, 26/02/12).

O repórter informa que a fazenda de Picinguaba é a primeira a produzir vieiras em escala comercial no país, com 150 lanternas acomodando 55 mil animais penduradas em boias enfileiradas ao lado de uma balsa que serve como estação de trabalho.

“O lucro ainda é pequeno, mas está melhorando. Se levarmos isso a sério mesmo, acho que dá para viver até melhor do que da pesca”, diz o caíçara Emerson Cardoso, de 39 anos, enquanto prepara uma caixa de vieiras para ser enviada a um restaurante de Paraty. A dúzia fresca é vendida por R\$ 40. “Elas chegam lá batendo, igual você está vendo aqui”, observa Bergamo. “É a melhor carne do mar”. [...] Cardoso e seus colegas pescadores estão satisfeitos com o projeto e esperam que ele cresça ainda mais. Pode ser que no futuro nem precisem mais da pesca para sobreviver, mas ainda pescam, e já têm saudades dela. “Pescar é bom demais”, afirma Cardoso, em tom um tanto melancólico. “A gente fica meio dividido”. (DIÓRIO, *O Estado de S. Paulo*, 26/02/12).

A questão da pesca escassa e da “alternativa” encontrada pelos pescadores que se tornarem maricultores, entre outras abordagens citadas no *Estadão* e na *Folha*, estiveram presentes na revista *Beach&Co*, mostrando que a publicação em estudo, reportou os mais diversos aspectos da Cultura Caiçara, como o tema das “Capelas revelam tradição simples”, publicado no *Estadão* em 27 de fevereiro de 2010, que não veio assinado por repórter:

A viagem pelo ciclo colonial do açúcar passa por 13 igrejas e capelas construídas do século 16 ao 20 entre as Praias de São Sebastião e Boiçucanga, no litoral norte. Construções discretas de pau a pique que representavam a cultura caiçara, com ornamentos modestos e sineiros pequenos, as igrejas também ajudavam a mediar nesse período os conflitos entre a população nativa, índios, escravos e cristãos novos que chegavam para explorar engenhos. (CAPELAS REVELAM..., *O Estado de S. Paulo*, 27/02/10).

E para finalizar este capítulo, a autora confirma que há outras revistas em circulação nas cidades de Caraguatatuba, São Sebastião, Ubatuba e Ilhabela. Foram criadas mais recentemente e publicam notas, notícias e outros gêneros jornalísticos, sem o predomínio de reportagens. Muitos dos textos são originários de releases das prefeituras locais. Estas e outras questões levaram a autora a não selecioná-las nesta pesquisa.

Circulam a revista *Cidade de Caraguatatuba*, trimestral, com mais de 20 edições (em 2013); a *Litoral Norte Magazine*, de São Sebastião, mensal, com cinco anos em circulação; a *Ubatuba em Revista*, com versão semanal online e versão impressa a cada dois meses; a *Ilhabela Revista*, *Casa Praia*, *Costa Vip Brasil*, *Ilhabela Magazine*, *O Acoradouro* e outras revistas segmentadas como *Informar Tabatinga*, *Sua Saúde*, *Praia & Imóveis*, etc.

A maioria das revistas sobrevive com a venda de anúncios e tem distribuição gratuita com algumas exceções como *Ubatuba em Revista*. A tiragem média é de cinco mil exemplares e a maioria possui endereços eletrônicos: www.issuu.com/revistadacidade; www.revistainformar.com.br; www.ubatubaemrevista.com.br; costavipbrasil.com.br/site; www.tvancoradouro.com.br; etc.

O próximo capítulo passa a detalhar o histórico da revista *Beach&Co*.

CAPÍTULO 4. A REVISTA REGIONAL *BEACH&CO*

4.1. Histórico do Grupo Costa Norte de Comunicação e da revista *Beach&Co*

Iniciamos este Capítulo constatando a lacuna existente na pesquisa acadêmica e de mercado no Brasil que ainda não traçou o mapa dos meios de comunicação regionais, o que inclui as revistas regionais. (SALOMÃO, 2009b, p.08). É neste cenário que está inserida a revistas *Beach&Co* cujas pesquisas que a tem como objeto de estudo são escassas²².

Números e nomes não conferem, estatísticas e arquivos idem, até mesmo a definição da revista é vária, restando ao pesquisador espinhoso trabalho de varredura, além do risco que deverá assumir, como se propõe na presente investigação, a reunir e confrontar dados assim conflituosos. [...] Historiografia e bibliografia, jornais, internet, entrevistas e visitas técnicas esforcem-se por dirimir a dubiedade das fontes consultadas. (SALOMÃO, 2009, p.09).

Assim como Virgínia Salomão, a autora da tese recorreu a entrevistas, visitas técnicas e internet para traçar o histórico da revista *Beach&Co*, considerando-a não como uma publicação isolada, mas integrante de um Grupo de Comunicação regional. Neste sentido, Asa Briggs e Peter Burke, em *Uma História Social da Mídia* (2004) confirmam que:

[...] para estimar as consequências sociais e culturais da nova técnica, é necessário ver a mídia como um todo, avaliar todos os diferentes meios de comunicação como interdependentes, tratando-os como um pacote, um repertório, um sistema [...]. Pensar em termos de um sistema de mídia significa enfatizar a divisão de trabalho entre os diferentes meios de comunicação disponíveis em um certo lugar e em um determinado tempo, sem esquecer que a velha e a nova mídia podem e realmente coexistem, e que diferentes meios de comunicação podem competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se complementar. As mudanças no sistema de mídia precisam ser também relacionadas a alterações no sistema de transporte, de mercadorias e pessoas. (BRIGGS; BURKE, 2004).

A citação confirma que os meios de comunicação se complementam. Neste sentido, o Grupo Costa Norte de Comunicação que edita a revista *Beach&Co* reúne a velha mídia (jornal, revista, TV) e a nova mídia (portal de notícias na internet, redes sociais, plataformas interativos para celular etc.). A seguir o histórico detalhado de cada veículo e do projeto Costa Norte Escola.

²² A busca feita no Google Acadêmico registrou apenas um artigo científico tendo a revista *Beach&Co*: “A dificuldade da mudança: marketing e posicionamento no rio do Rastro Eco Resort”. In: CRUZ, Caroline Corrêa da; D’ÁVILA, Eliane; ASSIS, Gabriella Zampoli de (et al). **Turismo: Visão e Ação** - Revista Científica do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí. V. 14, n.1, 2012. Disponível em: www.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/3597. Acesso em: nov. 2013.

O Grupo Costa Norte de Comunicação²³, situado em Bertiooga, composto pelo Jornal Costa Norte, semanal com 22 anos completados em 2013, veículo que contribuiu para a emancipação da cidade ocorrida em 29 de maio de 1991, pois Bertiooga era um distrito de Santos; o canal de televisão educativa - TV Costa Norte (canal 48 UHF) com 21 anos (em 2013); o projeto Costa Norte Escola, os suplementos especiais e investimentos em outras áreas.

Recentemente a rádio educativa²⁴ Praia FM (106,1), com 14 anos, deixou de integrar o Portal na internet do Grupo Costa Norte. A ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações) confirma que uma rádio educativa atende exclusivamente os interesses de entidades dos setores da educação e cultura, cuja concessão pode ser dada a órgãos públicos e fundações públicas ou privadas legalmente constituídas e enquadradas na legislação vigente. Na edição n.138, de dezembro de 2013, foi publicado na *Beach&Co* um anúncio institucional de duas páginas, sem incluir a rádio, com o seguinte histórico do Grupo e do Jornal:

Sistema Costa Norte de Comunicação - Notícias, imagens, opinião. Os acontecimentos, histórias e riquezas ambientais e turísticas da região são registrados há 22 anos pelo Sistema Costa Norte de Comunicação, configurado por jornal, TV, revista, site e suplementos especiais. Conheça estas marcas.

Jornal Costa Norte - O ano de 1991 marcou o início da história do Sistema Costa Norte de Comunicação, com a publicação de seu primeiro periódico, o jornal *Cidade de Bertiooga*, de circulação mensal. Com a atuação ampliada, a edição de número 20 chegou às bancas com a logomarca *Jornal Costa Norte*. A publicação passou então a ser semanal, a partir 1993. Três anos depois, o veículo reestruturou-se, e passou a circular com páginas coloridas e atualmente, a linha editorial está centrada na divulgação de notícias diversas das cidades da Baixada Santista e litoral norte, distribuídas nas editoriais de política, geral, polícia, esporte e variedades. Também faz parte do semanário abordar os principais fatos que ocorrem no Brasil e em São Paulo, que influenciam diretamente a região litorânea do estado. Site: www.costanorte.com.br Facebook: www.facebook.com/jornalCostaNorte (BEACH&CO n.138, 2013, p.100).

23. O Grupo Costa Norte de Comunicação atua no Litoral de São Paulo há mais de vinte anos levando informação a população e conta com uma equipe de 50 funcionários. Situado na Av. 19 de Maio, 695, Bertiooga/SP. Telefone: (13) 3317-1281. Em 2013, a revista foi impressa pela Gráfica Silvamarts e tem o seguinte endereço eletrônico: www.beachco.com.br; e-mail: beachco@costanorte.com.br. Já os programas da TV Costa Norte podem ser assistidos em: www.costanorte.com.br/tv. Em entrevista concedida à autora desta tese, Ribas Zaidan informou que a concessão do canal na TV Educativa foi em 8 de março de 1990 e a implantação da TV Costa Norte ocorreu em 1992. A rádio Praia FM pode ser ouvida em: www.praiafm.com.br. Disponível em: www.costanorte.com.br. Acesso em: nov.2013.

24 A rádio Praia FM pode ser ouvida em: www.praiafm.com.br. Disponível em: www.costanorte.com.br. Acesso em: nov.2013. FM EDUCATIVA - Radiodifusão Educativa – Os canais previstos no PBFME (Plano Básico de Frequência Modulada Educativa) destinam-se exclusivamente para atender os interesses de entidades dos setores da educação e cultura. Suas principais características apontam para a divulgação e promoção de atividades tais como: festas culturais, eventos esportivos, peças teatrais, produções cinematográficas, coberturas jornalísticas, auxílio a população em geral, divulgação de notícias de interesse da população em geral, entre outras de cunho educacional e cultural. Disponível em: www.anatel.gov.br. Acesso em: nov.2013.

Em outro anúncio institucional publicado na *Beach&Co* n.23, em janeiro de 2004, constava a tiragem, locais de distribuição e as editorias do Jornal Costa Norte que:

[...] sempre levou aos leitores matérias referentes ao dia-a-dia do Litoral Paulista, trazendo temas de Política, Meio Ambiente, Polícia, Educação, Turismo, Cultura e Comportamento, tudo relacionado ao Litoral, pois entende que as comunidades desta região devem estar bem informadas. Seu objetivo é manter um veículo de comunicação sério e profissional, proporcionando aos seus leitores as mais autênticas informações. Pela sua tradição, profissionalismo e comprometimento com a verdade, o Jornal Costa Norte é hoje um excelente veículo para a divulgação de seus produtos e serviços. Um veículo de comunicação que, com certeza, trará um ótimo retorno para os seus investimentos. Periodicidade: Semanal; Distribuição: Sábado; Quadricomia: 40% acréscimo; Tiragem: 20.000 exemplares; Circulação: Congresso Nacional, Palácio dos Bandeirantes, Assembleia Legislativa, Órgãos Públicos do Estado de SP; Prefeituras (Assessorias de Imprensa, Gabinetes e Secretarias), municípios de Caraguatatuba, São Sebastião, Bertioga, Guarujá, Santos, São Vicente, Cubatão, Praia Grande. (*BEACH&CO* n.23, 2004, p.43).

A TV Costa Norte, com 21 anos de atuação, em 2013 mantinha no ar os programas *Café da Manhã* (2ª a sábado, 9h às 10h), *Costa Norte Notícias 1ª Edição* (2ª a sábado, 12h30 às 13h) e *2ª Edição* (17h30 às 18h), *Programa Animal* (4ª e sábados, 10h às 10h30) e *Sessão Câmara de Bertioga* (4ª às 19h):

TV Costa Norte é uma geradora sintonizada pelo canal 48 UHF, que também acompanha e registra as transformações de Bertioga e região, por meio da cobertura de eventos, eleições e realização de debates políticos. Notícias da Baixada Santista e litoral norte vão ao ar pelo telejornal *Costa Norte Notícias*, em duas edições (12h30 e 17h30). Um de seus destaques é o programa *Café da Manhã*, com transmissão de segunda a sábado, às 9 horas. Nele, o apresentador e diretor do Sistema Costa Norte de Comunicação, Ribas Zaidan, e seus convidados, discutem assuntos variados de interesse regional. YouTube: www.youtube.com/user/tvcostanorte48 Site: tv.costanorte.com.br Facebook: www.facebook.com/TVCostaNorte (*BEACH&CO* n.138, 2013, p.100).

Em outro anúncio institucional, na edição n.26 da revista, em abril de 2004, detalha-se a cobertura feita pela TV educativa:

TV Costa Norte – Canal 48 – Canal 6 – CANBRAS – Bertioga/SP. A TV Costa Norte, com sede em Bertioga, tem como principal característica uma programação voltada para a comunidade e para quem visita o Litoral Norte. Equipamentos de última geração e profissionais altamente qualificados fazem da TV COSTA NORTE – coligada à TVE Rio de Janeiro, uma emissora diferente e adequada para à divulgação de seu produto ou serviço na região. Todos assuntos ligados ao Litoral Norte, você sempre encontra aqui, em nossos programas de entrevistas, comportamentos, notícias e de esportes. Como sintonizar o Canal 48 UHF: Nossa torre de transmissão está localizada

no alto da serra, na Usina de Itatinga. Você pode usar antena UHF interna ou externa, posicionando-a na direção da torre. Programação Local: *Café da Manhã* – 2ª. a sábado – 09h; *Ponto de Vista* – 2ª a sábado – 10h e 18h; *Eduardo Namem* – 2ª. a sábado – 11h; *Entrevista* – 2ª. a sábado – 19h; *Costa Norte Entrevista* – 2ª. a sábado – 11h30; *Costa Norte Esportes* – terça-feira – 19h30; *Costa Norte Notícias*. (BEACH&CO n.26, 2004, p.15).

Constata-se que a programação da TV sofreu modificações. Se comparado o anúncio de 2004 com o de 2013, apenas o programa jornalístico *Costa Norte Notícias* foi mantido. No anúncio mais recente (vide as páginas e as transcrição abaixo, estão às outras atividades comunicacionais do Grupo).



Foto1. Anúncio Institucional do Grupo Costa Norte (Páginas 100 e 101 da *Beach&Co* n.138, dez. 2013).

Suplementos Especiais - Outra marca do sistema são os suplementos especiais. O primeiro foi o *19 de Maio*, publicado em 1994, em comemoração ao aniversário da cidade. Ele criou uma marca, principalmente, por registrar fatos atuais ligados ao município, com projeções para o seu desenvolvimento. Depois vieram muitos outros ligados às áreas de turismo, gastronomia e campanhas de prevenção.

CNE - Costa Norte Escola - Criado em 2010, o concurso *Costa Norte Escola – Comunicando para Educar*, em Bertioga, tem por objetivo incentivar a criatividade e a consciência socioambiental por meio da comunicação nas escolas municipais da cidade. A ação consiste em uma série de concursos semestrais, com temas e categorias variados, voltadas ao meio ambiente, aplicados mensalmente e individualmente para cada série do ensino fundamental (1º ao 5º ano), que culmina ao fim de cada semestre com um evento de premiação, no qual são agraciados os alunos, professores, diretores e suas respectivas escolas. Site: www.costanorteescola.com.br

Beach&Co - Em janeiro de 2002, o grupo publicou a primeira edição da revista *Beach&Co*. Um veículo mensal, com linha editorial voltada, principalmente, ao meio ambiente, turismo, cultura, esporte, comportamento e curiosidades da região. Mais do que divulgar, o veículo tem como princípio fomentar projetos para um mundo melhor. Tendo como público-alvo leitores das classes A e B, formadores de opinião, a revista atinge profissionais liberais e empresários, sobretudo, os resistentes e frequentadores assíduos do litoral

paulista e Campos do Jordão (temporada de inverno). Site: www.beachco.com.br. (BEACH&CO n.138, 2013, p.100).

Denominada “a revista do Litoral” (Paulista), a *Beach&Co* estreou no mercado editorial regional no início de 2002. É distribuída mensalmente em 13 cidades litorâneas do Estado de São Paulo, em Campos do Jordão, na capital paulista (Assembleia Legislativa) e em Brasília (nos Ministérios). A revista mostra os atrativos turísticos, gastronômicos, culturais, históricos e o que há de bom e de melhor para se fazer nas cidades da Baixada Santista: Peruíbe, Itanhaém, Mongaguá, Praia Grande, São Vicente, Cubatão, Santos, Guarujá e Bertioga; e Litoral Norte: São Sebastião, Ilhabela, Caraguatatuba e Ubatuba.

Assim como a maioria das revistas que circula no Litoral Paulista, a *Beach&Co* tem como principal fonte de captação de recursos a venda de anúncios. A revista não é vendida em bancas e a distribuição gratuita chega a prefeituras, câmaras, condomínios de luxo, hotéis, shoppings e locais de circulação de pessoas que integram as classes altas e médias²⁵.

Embora não haja registros nas fontes de autoridade e nem pesquisa sobre o público leitor da revista, o proprietário da mesma, Ribas Zaidan confirma que dos 15 mil exemplares mensais da revista, seis mil eram distribuídos na Riviera de São Lourenço, condomínio nobre de Bertioga, onde se concentra grande parte dos anunciantes da revista como construtoras e imobiliárias.

Portanto, a própria revista confirma que seu público é formada por “leitores das classes A e B, formadores de opinião, a revista atinge profissionais liberais e empresários, sobretudo, os resistentes e frequentadores assíduos do litoral paulista e Campos do Jordão”. (BEACH&CO n.138, 2013, p.100). A tiragem de 15 mil exemplares faz da *Beach&Co* uma das revistas regionais de maior tiragem no Litoral Norte, visto que as demais publicações circulam com a tiragem de cinco mil exemplares.

A *Beach&Co* é impressa em papel couche, tamanho carta (21,6 x 27,9 cm), capa com lombarda (dobra quadrada) e todas as páginas coloridas. Tem como Diretor-Presidente Reuben Nagib Zaidan, conhecido como Ribas Zaidan – proprietário; a diretora administrativa

25 Apesar de o proprietário confirmar que a revista é voltada ao público A e B, a autora desta tese acrescenta também o público C, composto principalmente pelos turistas e moradores/leitores que frequentam o litoral norte durante todo o ano. O IBGE classifica as classes sociais baseado no número de salários mínimos, que em 2013 era de R\$ 678. **Classe A:** Acima de 20 salários mínimos, com renda familiar de R\$ 13.560 ou mais; **Classe B:** De 10 a 20 salários, com renda familiar de R\$ 6.780 a R\$ 13.559,99; **Classe C:** De 04 a 10 salários, com renda familiar de R\$ 2.712 a R\$ 6.779,99. In: CARNEIRO, Thiago R. A. **Faixas salariais x Classe Social - Qual a sua classe social?** Disponível em: blog.thiagorodrigo.com.br/index.php/faixas-salariais-classe-social-abep-ibge?blog=5. Acesso em: 05.nov.2013.

- Dinalva Berlofi Zaidan (esposa do proprietário), o diretor de arte - Roberto Berlofi Zaidan (filho), o Marketing e a Publicidade feitos por Ronaldo Berlofi Zaidan (também filho).

Além da família, integrava a equipe da revista em 2013, à editora-chefe e jornalista responsável Eleni Nogueira; na criação e diagramação tinha a Audrey Rotta; no departamento pessoal, Aline Pazin; a revisão era da jornalista Adlete Hamuch e vários colunistas sociais e colaboradores *freelancer* (jornalistas e não jornalistas) que encaminham por e-mail os textos e as fotos. Alguns dos funcionários atuam nos demais veículos do Grupo.

A única funcionária da revista é a editora Eleni Nogueira que pauta os jornalistas, edita os textos e faz a paginação da publicação (divisão dos textos, fotos, publicidade e colunas sociais). Ela atua na sede do Grupo Costa Norte, em Bertioga.

O proprietário Ribas Zaidan²⁶ revela que a ideia de criar a revista surgiu em outubro de 2001. “Eu e meu filho começamos a pensar em um sistema de comunicação. [...] Só de frequentar o Litoral são quase 50 anos, mais de 20 deles com o Jornal Costa Norte”. A revista foi criada para mostrar as belezas, o potencial turístico, histórico e cultural do Litoral de São Paulo. “O nome *Beach* é praia, litoral, mar, o que une esta região. Registramos a marca, o nome e começamos com uma revista bem simplesinha, a registrar principalmente o que a *cultura caiçara* tem de melhor. Porque o Brasil começou pela praia, pelo mar”, revela Zaidan.

Quando questionado sobre como a Cultura Caiçara é mostrada na revista, Ribas Zaidan opina: “É o que nós temos de melhor aqui. Os caiçaras são os primeiros habitantes daqui, além dos índios. Nós temos uma mistura de culturas importantes”.

Caiçara é povo tipicamente do mar e da mata clandestina que temos no litoral. O foco da *Beach* é justamente mostrar toda essa oficialidade no que diz respeito a maior biodiversidade por metro quadrado do mundo, a Mata Atlântica. Mostrar também os sítios arqueológicos que temos aqui, a história, a potencialidade turística e ecológica que a natureza deixou para nós, toda essa mata cortada por rios e praias maravilhosas. (ZAIDAN, entrevista à autora em 12/02/2012).

Zaidan confirma que a Cultura Caiçara está mais presente nas cidades do litoral norte, do que na Baixada Santista.

A gente pega às vezes uma comunidade caiçara, por exemplo, fundões de Boiçucanga [São Sebastião]. A gente vai a comunidade em Caraguatatuba também. Ilhabela ou mesmo aquelas praias isoladas, a *Beach* tem muitas matérias focadas em como vivem os moradores destas comunidades. O resgate

26 Entrevista da autora da tese com o diretor presidente da *Beach&Co*, Ribas Zaidan realizada no dia 12 de março de 2012, na sala do diretor, na sede do Grupo Costa Norte de Comunicação, em Bertioga. A entrevista teve duração de 41 minutos e foi gravada em áudio.

da cultura como a congada, vira e mexe está nas páginas da *Beach*. Vemos culinária caiçara também. O modo de vida na Ilha Montão de Trigo, a gente retratou. *E o que você acha que move o caiçara a preservar esta cultura?* É uma luta, um conflito, pois o caiçara era o dono de tudo isto. Ele habitava a beira da praia. Vem a especulação imobiliária e vai adquirindo isto do caiçara, colocando ele para a parte de trás da cidade, mas ele se adapta. Alia-se isto a falta de políticas públicas para que o caiçara não perca suas tradições, mesmo saindo da orla da praia e indo para o sertão dos bairros. (ZAIDAN, entrevista à autora em 12/02/2012).

As considerações de Zaidan estão em consonância com estudos presentes no Segundo Capítulo da tese. Para o proprietário da revista, o caiçara não está em extinção, mas em transformação, já que “60% da população do litoral norte é nordestina. Eles vieram para construir aqui e foram ficando. Ao miscigenar a população, a cultura caiçara foi se perdendo. De artesanato caiçara, não se vê muito hoje. E a culinária caiçara precisa ser preservada”.

O diretor presidente explicou também algumas especificidades do veículo “revista”:

O jornal é um impresso que você lê e descarta. A revista você lê e guarda. A ideia é colecionar. Fazer a revista é mais prazeroso porque ela registra. [...] O impresso é memória, no rádio você escuta, na TV você vê e passa. Na revista, no caso da periodicidade da *Beach* ser mensal, é possível trabalhar melhor e explorar mais as matérias. Tem que deixar perfeita. Sem nenhuma falha. Nestes dez anos de revista, melhoramos o material. Quem pega um exemplar hoje vê que mudou a qualidade não só de papel e de composição gráfica, mas o que temos de melhor, que é o conteúdo. É uma revista interessante porque não é de imóveis, automóveis. Deixamos um terço para anúncios e dois terços para as matérias. (ZAIDAN, entrevista à autora em 12/02/2012).

Ribas Zaidan explica algumas características que diferenciam a revista dos demais veículos de comunicação: o fato de virar objeto para colecionar; maior tempo de apuração das informações devido a periodicidade mensal, o que resulta em reportagens mais completas e aprofundadas; ter “*de deixar perfeita, sem nenhuma falha*” e “*o que temos de melhor é o conteúdo*” reflete a busca pela qualidade dos textos jornalísticos. Estas questões ajudaram a autora da tese a definir a *Beach&Co* como objeto de estudo. Zaidan explicou ainda o nicho de mercado e a região de influência da publicação.

A gente pegou um nicho de mercado grande, Santos e região. A *Beach* é focada no Litoral Paulista, norte e baixada santista. Os anunciantes dos segmentos: turístico e hoteleiro são fracos, mas os de imobiliária e portuária são fortes. Procuramos fazer matérias correlatas a isto também, mas o foco principal da *Beach* é voltado ao desenvolvimento sustentável e ao meio ambiente. Mostramos o que a região tem de potencial histórico, turístico e cultural. (ZAIDAN, entrevista à autora em 12/02/2012).

Sobre a rotina produtiva da revista, Zaidan revela:

A *Beach* sempre teve um corpo de jornalistas e pauteiros bons. A gente tem uma agência contratada para fazer os anúncios e a diagramação. Ela começou aqui dentro, com o meu filho dez anos atrás. São quinze profissionais envolvidos entre repórteres, editor, diagramador, fotógrafos e revisores. Até a produção gráfica a gente acompanha, no caso, o acabamento. Hoje a revista é objeto de pesquisa por parte do governo federal e do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) que está fazendo um estudo no litoral sobre o receptivo da Copa de 2014 e eles têm usado a revista como referência. É material de leitura de cabeceira do governador Geraldo Alckmin. (ZAIDAN, entrevista à autora em 12/02/2012).

Por meio dos mecanismos de “busca” no site www.sebrae.com.br, não foram localizados trabalhos citando a revista *Beach&Co*, o que não contradiz a fala de Zaidan, pois a revista serve como fonte de informação e não como objeto de estudo da instituição. Destaque para a frase “É material de leitura de cabeceira do governador Geraldo Alckmin”, na qual Zaidan induz que sua revista tem “um grande prestígio” com pessoas da alta sociedade. Esta relação de credibilidade com autoridades se dá também pelo fato do proprietário da revista e o governador serem filiados ao mesmo partido político, o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira).

Quando questionado se a revista é o principal veículo do Grupo Costa Norte de Comunicação, Zaidan desconversa e afirma que o “objetivo é levar leitura de qualidade e conteúdo aos leitores. A *Beach* não é apenas um produto do litoral, mas do Brasil”.

A revista circula em hotéis, pousadas, agências e pontos escolhidos a dedo como prefeituras, secretarias de turismo, todos os secretários do Estado e Ministérios. A revista é distribuída a classe A e B, um grande público formador de opinião. A maioria das pessoas que passeia pelo litoral paulista tem acesso à revista. E é nesta região que circula metade do povo brasileiro. É a revista oficial do litoral paulista. Não tem outra revista com foco neste litoral. Há sim algumas publicações de fora que circulam aqui. (ZAIDAN, entrevista à autora em 12/02/2012).

Contrário do que Zaidan afirma, o litoral paulista tem outras revistas regionais, no entanto, maioria delas abrange menos cidades do que a *Beach&Co*. Ribas Zaidan explica que o setor de Jornalismo é separado da Publicidade. “A gente nunca foca a matéria para venda. Fazemos a matéria e às vezes interessa para alguém ou alguma instituição. Há prefeituras que procuram a *Beach*, mas não como matéria encomendada. Se querem divulgar algo é como informe publicitário”.

A autora da tese encontrou anúncios em formato de texto, identificados por uma diagramação diferenciada (página emoldura por uma linha e o escrito “Informe Publicitário” no canto superior da página). Também verificou que vários anunciantes, como as grandes construtoras, além de terem as propagandas publicadas, tiveram seus empreendimentos

reportados em formato de matérias jornalísticas. Portanto, há uma relação de “camaradagem”, o que no jornalismo é conhecido como “jabá”, apesar das matérias seguirem a linha editorial de qualidade e terem as informações dos empreendimentos apuradas.

Zaidan confirma que a estrutura para criar a revista existia com a redação do jornal semanal editado pelo Grupo. “A gente criou um corpo editorial a parte. É aí que está o sucesso da *Beach*: no conteúdo, na qualidade, na elaboração. É constante os leitores mandarem e-mail e cartas elogiando e querendo exemplares para colecionar”, afirma.

Zaidan explicou os custos da *Beach&Co*. “Ela é cara em tudo: na elaboração, na impressão, na qualidade. A quantidade de páginas depende do número de anúncios e dos parceiros comerciais. A *Beach* começou com 36 páginas e teve edição com 136. Dez anos, acho até rápido para ela se consolidar [no mercado]”. Ribas Zaidan falou também de sua história de vida com o Jornalismo.

A minha vida era totalmente diferente. Eu fazia um jornalzinho quando estudava no ginásio. Depois entrei no ramo metalúrgico onde trabalhei por mais de 24 anos. Sou técnico de engenharia, formado em Economia. Mas a paixão por comunicação nasceu em Bertiooga, cidade que frequento desde os anos de 1960. Comecei a usar a comunicação para emancipar Bertiooga. Isto aconteceu no dia 29 de maio de 1991, quando criamos o Jornal Costa Norte. Montamos esta estrutura de comunicação para integrar as comunidades. O litoral era carente de informação. Não tinha jornal em lugar nenhum. Hoje temos a rádio [Praia FM] de Bertiooga, com um perfil de informação e entretenimento, para cobrir a lacuna de informação. A TV é educativa também. A concessão veio em 8 de março de 1990 e a implantamos em 1992. Ela é transmitida em canal educativo com sinal UHF. (ZAIDAN, entrevista à autora em 12/02/2012).

Acima a confirmação de que a rádio Maré FM, mesmo sendo Educativa, esteve vinculada ao Grupo Costa Norte de Comunicação. E sobre a consolidação da *Beach&Co* como uma publicação regional, Ribas Zaidan revela que a revista cresceu em termos de compromisso e qualidade, acompanhando o desenvolvimento do litoral paulista.

A *Beach* tem grande foco na geração de emprego e renda devido à nova matriz energética do país que é o Pré-Sal, tanto que fazemos revista especial disso. Procuramos acompanhar também a demanda da área portuária e o desenvolvimento imobiliário, trazendo matérias focadas nesta região que tem como vocação o turismo. Mas, de turismo tem muito a ser feito. O litoral tem de descobrir sua potencialidade turística, histórica e cultural e começar a ganhar dinheiro com isto. (ZAIDAN, entrevista à autora em 12/02/2012).

A seguir, um panorama ano a ano, de 2002 a 2012, da cobertura feita pela *Beach&Co* sobre as comunidades tradicionais.

4.2. O discurso sobre a Cultura Caiçara em 120 edições da revista *Beach&Co*

A autora localizou nas edições da revista as palavras: “caiçara”, “pescador”, “comunidade tradicional” e correlatas, bem como selecionou 23 reportagens para análise dos discursos no Quinto Capítulo.

Em março de 2013 a revista *Beach&Co* publicou a reportagem de capa: “Memórias do Chão Caiçara”, que evidenciou aspectos dos caiçaras que vivem em São Sebastião. Devido à relevância das informações desta reportagem, a autora da tese optou por incluir também este texto na análise, fazendo uma exceção ao período delimitado nesta pesquisa (2002 a 2012).

Além do fichamento e descrição das edições que compuseram os dez primeiros anos da revista, a autora verificou os assuntos e as cidades representadas nas capas, além de conferir as palavras “caiçara”, “pescador” e “comunidade tradicional” nas chamadas principais e secundárias da capa.

Outros dados considerados foram o número total de páginas por edição da revista (vide Tabela das 120 edições nos Anexos da tese), a quantidade de textos jornalísticos em contraposição a quantidade de páginas de anúncios, se a edição contava com textos sobre a Cultura Caiçara, e em caso afirmativo, se o material integraria o escopo de análise. A autora levantou ainda quantos e quem foram os jornalistas, colunistas sociais e colaboradores que tiveram seus textos e fotos publicadas nas edições, bem como foi possível identificar a jornalista responsável e a revisora de cada uma das edições.

Estes dados revelam parte da trajetória de dez anos de revista *Beach&Co*, que, por exemplo, teve uma média de 66 páginas por edição, sendo 25 de anúncios (pouco mais de 1/3 de publicidade como afirmou o proprietário Ribas Zaidan) e um total de onze textos jornalísticos por edição, entre os anos de 2002 a 2012. Estes e outros dados estão no final deste Capítulo. A seguir, o histórico de cada edição da revista tendo como foco os textos sobre Cultura Caiçara.

12 edições da revista *Beach&Co* em 2002 | Da 1ª a 12ª edição

A **1ª edição** da *Beach&Co* circulou em janeiro de 2002 como suplemento especial do Jornal Costa Norte e contou com 36 páginas, sendo a metade de anúncios. Até a 12ª edição que circulou em dezembro daquele ano, a jornalista responsável pela revista foi Rosângela Falato que escrevia e editava os textos.

A palavra caiçara apareceu na 1ª edição da revista, apenas situando os leitores da existência de comunidades caiçaras em Ilhabela, sem qualquer detalhamento. O caiçara é mostrado como “atrativo turístico” do arquipélago:

Considerado um santuário ecológico, esse arquipélago formado pelas ilhas de São Sebastião, Búzios e Vitória, além de outras ilhotas desabitadas, não é somente encarado como patrimônio natural, mas ainda preserva antigas tradições *caiçaras*. [...] Mas para conhecer os verdadeiros recantos paradisíacos é fundamental um pouco de espírito aventureiro, pois muitos locais só têm acesso por barco ou trilhas como Saco do Eustáquio, Galhetas e Figueira, Bonete, onde está concentrada a maior comunidade caiçara. (BEACH&CO n.01, 2002, p.13 – *grifos da autora*).

Três páginas adiante nesta edição, a notícia “as mais belas praias do litoral” cita que a Praia da Tabatinga em Caraguá tem luxuosos condomínios que “convivem harmonicamente com uma vila de pescadores”. Em Guarujá tem a Praia Guaiuba, “famosa pela *pescaria artesanal*”. (BEACH&CO n.01, 2002, p.16 – *grifos da autora*). As palavras são usadas para localizar dois bairros habitados por caiçaras no litoral paulista

A **2ª edição** circulou em fevereiro de 2002. A jornalista Rosângela Falato confirma que a linha editorial da revista focava a região, seu valor histórico, cultural, seu potencial turístico e ecológico.

Divulgaremos o que acontece no Litoral Norte para que todos tenham a possibilidade de conhecer melhor essa região, considerada uma das mais belas do litoral brasileiro. Mas, para atender melhor esse público seletivo, vamos ampliar nossos horizontes para criar opções de leitura. Entrevistas especiais, seções que estarão diretamente ligadas ao leitor que poderá também dar sugestões, são algumas das propostas para estreitar o relacionamento com o nosso público. Afinal, sua participação é fundamental nesse processo para que nossos primeiros passos se firme e consolidem. (BEACH&CO n.02, 2002, editorial).

Verificou-se nesta edição e nas demais publicadas que não havia a coluna Cartas do Leitor e foram poucas as “entrevistas especiais” e sempre com fontes oficiais (prefeituras e órgãos públicos). O caiçara foi citado no seguinte parágrafo: “Além de preservar a história contada em seus casarios de arquitetura colonial portuguesa e manter a tradição *caiçara*, São Sebastião concentra praias belíssimas e as mais frequentadas do Litoral”. (BEACH&CO n.02, 2002, p.14).

Na **3ª edição** o caiçara teve sua religiosidade descrita na reportagem de capa que abordou os atrativos turísticos de São Sebastião, entre eles as “Capelas Caiçaras”:

Do início do século, são encontradas ainda as capelas caiçaras que conservam a singeleza de suas construções originais e podem ser vistas em praias como Barra do Sahy, Maresias, Toque-Toque Grande e Pequeno. Construídas entre 1920 e 1960, dez delas são preservadas e documentam uma época em que os bairros distribuídos pelas praias eram ligados exclusivamente pelo mar. Nessas vilas, os caminhos eram definidos por casas sem muros, pois a família tinha como hábito dividir o mesmo terreno. Uma área privilegiada era sempre destinada à capela e devoção ao Santo

escolhido e, muitas vezes, ela era erguida com o próprio dinheiro da pesca da comunidade local. A construção era em alvenaria, de tijolos de barro, mas a fachada e o interior tinham influências coloniais. (BEACH&CO n.03, 2002, p.10).

O parágrafo revela detalhes da vida dos caiçaras nas décadas passadas, quando habitavam casas de frente para o mar, sem muros, mostrando a confiança entre os nativos. Como visto no Segundo Capítulo, a religião praticada pelos caiçaras até os anos de 1990 foi o catolicismo e eles além de ajudarem a construir as capelas, se reuniam em festas de santos.

Cinco páginas depois, quando o assunto da reportagem foi o Sítio Arqueológico no bairro São Francisco, reduto de pescadores, em São Sebastião, uma lenda caiçara foi revelada ao leitor:

Segundo a tradição caiçara, o local pertencia a um cruel proprietário de escravos que em troca de riquezas acabou fazendo um pacto com o diabo, mantendo-o preso em uma garrafinha sobre a cama. Durante uma viagem do rico fazendeiro, sua esposa encontrou a garrafa e soltou o diabo, o que causou a morte do senhor. Bem no meio do velório, uma súbita ventania apagou todos os lampiões e o corpo sumiu. Pouco depois, um forte raio iluminou a fazenda e todos viram o diabo em cima da Casa Grande carregando o corpo do fazendeiro. Os moradores fugiram e o local ficou fadado ao abandono total. (BEACH&CO n.03, 2002, p.15).

Ainda nesta edição, um roteiro gastronômico trouxe opções de restaurantes por quilo que servem vários tipos de comida, entre elas a *típica comida caiçara*. No entanto, o leitor não teve mais detalhes dos ingredientes e nem dos pratos que integram a culinária caiçara.

O enfoque da reportagem de capa da **4ª edição** da *Beach&Co* foi mostrar as belezas e as benfeitorias realizadas pela prefeitura na cidade de Caraguatatuba. A palavra caiçara foi usada para adjetivar o povo nativo, e o texto evidenciou que a Cultura Caiçara é ensinada nas escolas municipais, bem como foi lembrado dois pratos da culinária caiçara, sem detalhar as receitas, ingredientes e origens do *lambe-lambe* e do *mexilhão cozido*.

Seguem os respectivos textos de três subtítulos da reportagem de capa, “Cultura e história são preservadas”, “Refúgio tranquilo à beira-mar”, “Entre a serra e o mar”:

Caraguatatuba dá as boas-vindas aos visitantes e novos empreendedores que se deparam com um paraíso, cercado por muito verde, praias de beleza exuberante e uma cidade projetada para o futuro, mas que não esquece seu passado e origem do povo *caiçara*. [...] Outro trabalho importante é a realização de obras para garantir a preservação da história e ainda a qualificação profissional de jovens de toda a região Museu, salas-ambiente sobre a cultura *caiçara*. (BEACH&CO n.09, p.07, 2002). Caraguá não é somente o porto seguro dos *caiçaras*, paulistas e pessoa de todas as regiões do País. [...] Passeios de escuna levam a locais inesquecíveis como a Ilha do Tamanduá, em direção à praia de Tabatinga, indicada para pesca e mergulho. Durante o passeio, é possível saborear pratos tipicamente *caiçaras* como mexilhão cozido, lambe-lambe e especialidades feitas pelos pescadores que residem na ilha. (BEACH&CO n.13, 2002, p.13).

Na editoria de *Gastronomia*, a nota intitula: “Descubra o sabor da culinária caiçara”, e aborda detalhes do *azul marinho*, inclusive com a receita em destaque num Box e uma foto de canoas com a legenda: costumes caiçaras resistem ao tempo e às transformações sociais:

Entre todos os pratos especiais de frutos do mar, o mais tradicional da culinária caiçara, embora encontrado em poucos restaurantes, é o Azul Marinho. Essa especialidade ainda é mantida como tradição entre famílias de pescadores, espalhadas pela região como em núcleos santistas, na praia do Perequê e Astúrias, em Guarujá, São Sebastião, Bertioga e principalmente em Caraguatatuba, onde é considerado o prato mais tradicional. [...] Em Caraguatatuba, o Azul Marinho pode ser feito sob encomenda em alguns restaurantes. O nome vem da banana verde que, após cozida, ganha um tom azulado. Filho de pescadores e um dos proprietários do Restaurante Caiçara Frutos do Mar, João Carlos de Oliveira, revela o segredo deste prato tão peculiar que é um dos mais requisitados e custa R\$ 55,00 servindo bem até três pessoas. (BEACH&CO n.04, 2002, p.36).

Apesar da nota publicizar dois restaurantes, um de Bertioga e outro de Caraguá, o leitor identifica os ingredientes da receita feita com garoupa (ou outro peixe nobre), banana verde e farinha de mandioca; o valor do prato *azul marinho*, considerado o mais tradicional entre os caiçaras; e o caiçara João Carlos do bairro Massaguaçu sendo ouvido, e os nomes de bairros redutos de pescadores no litoral paulista.

A 5ª edição da revista teve como matéria de capa os atrativos de Bertioga, cidade sede da revista, sem registro da palavra caiçara ou correlatas nas 48 páginas na edição de maio de 2002. A 6ª edição focou os atrativos de Guarujá e o caiçara foi lembrado apenas para confirmar que as Praias do Goés e Perequê são redutos de pescadores “onde a tradicional cultura caiçara é mantida”. (BEACH&CO n. 06, 2002, p.13).

Na 7ª edição, cuja capa focou a Semana da Vela em Ilhabela, principal evento náutico e turístico do arquipélago, a Cultura Caiçara foi mostrada pelo aspecto gastronômico e para adjetivar a “delícia *caiçara*” que é o camarão na moranga, tema de duas festas na região, uma organizada pela Colônia de Pescadores Z-23 em Bertioga e a outra em Ilhabela.

A comunidade caiçara da Praia do Bonete, em Ilhabela, foi capa da 8ª edição da *Beach&Co*. A reportagem “Ilhabela, a natureza revelada” separada para análise no último capítulo da tese, mostra as benfeitorias realizadas pela prefeitura do arquipélago e há informações sobre a origem do povo caiçara (mistura de europeus, indígenas e negros). O pescador caiçara é tido como homem simples, que cuida da natureza, que ‘desconfiado’ conversa com os turistas, que sai de sua comunidade e não vê a hora de voltar, que preserva a tradição com festas (congada), produção de artesanato (barquinhos de madeira) e tece redes de pesca. No editorial, a revista adianta ao leitor:

Em Ilhabela, não dá para ficar parado. Desde o agito na Vila até os mais diversificados esportes radicais, é possível fazer um pouco de tudo e se dividir bastante na tradicional Capital da Vela. Confira como vivem *comunidades isoladas* que ainda mantêm suas tradições e descubra porquê a natureza é principal personagem nesse arquipélago cercado de mistérios e lendas. (BEACH&CO n.08, 2002, Editorial).

A palavra *caiçara* também apareceu no texto “A sétima arte invade São Sebastião” ao citar a origem do fotógrafo *caiçara* Edvaldo Nascimento.

A reportagem “Pesca pode ser fonte de renda e subsistência no futuro”, da **9ª edição**, foi selecionada pela autora e analisada no último capítulo da tese. Apesar de ter apenas três páginas, a reportagem deu voz aos *caiçaras* que falaram o que pensam e sentem no evento *VII Encontro dos Povos do Mar e da Mata Atlântica* em São Sebastião que debateu a preservação das comunidades litorâneas.

“Festival atraiu bom público à Caraguatatuba, maior produtor de mexilhão do Estado de São Paulo”, foi outro texto desta edição que citou pratos típicos da culinária *caiçara*: “Além do *azul-marinho* e *lambe-lambe*, os visitantes saborearam a *mariscada*, *cuscuz de camarão* e *camarão caiçara*, feito com mandioca”. (BEACH&CO n.09, 2002, p. 22 – *grifos da autora*).

Ainda na edição de setembro de 2002, a revista *Beach&Co* convidou o leitor a conhecer o “rico *artesanato local*”. (Beach&Co n.09, p.16, 2002). Sete páginas adiante foi a vez de a culinária *caiçara* aparecer: “Depois do *azul-marinho*, tradicional prato típico da região e muito apreciado em Caraguatatuba, o mexilhão pode entrar na preferência do paladar dos amantes da *culinária caiçara*”. (BEACH&CO n.09, 2002, p.22 – *grifos da autora*).

A reportagem de capa da **10ª edição** da revista sobre ecoturismo em Santos mostra que a Ilha Diana é um típico reduto *caiçara*:

Outro aspecto interessante é a própria visita à Ilha Diana, um dos últimos redutos da população *caiçara*, onde é possível experimentar o delicioso *azul-marinho*, prato típico dessa comunidade. [O secretário de Santos, Eduardo Conde] Bandeira também aposta no trabalho de resgate e preservação da cultura *caiçara* com a criação de programas que levem os turistas a ter contato direto com a comunidade para conhecer os costumes e a vida do *caiçara*. (BEACH&CO n.10, 2002, p.19).

A matéria principal da **11ª edição** associou a preservação da Mata Atlântica a uma das maiores obras de engenharia rodoviária do Brasil, a Imigrantes, rodovia que interliga a Baixada Santista da capital Paulista.

A reportagem “Como manter a visão do paraíso” relatou o que foi debatido em um workshop realizado pela Alnorte²⁷ e Ministério do Meio Ambiente que abordou o tema da preservação ambiental no Litoral Norte Paulista. Os participantes chegaram à conclusão que a expansão urbana tem contribuído para a transformação da Cultura Caiçara, bem como o processo de ocupação irregular e a questão fundiária.

O representante da prefeitura de Ubatuba, Antônio Devides, relatou a falta de incentivo à pesca artesanal e que a cultura local está se perdendo, sendo precioso incentivar a agricultura praticada pelo *caiçara*, por exemplo, com a criação de um selo de produto orgânico que agregue valor à produção. “A agricultura e a cultura caiçara estão se perdendo. Não há mais transferência de cultura entre as gerações”. (*BEACH&CO* n.11, 2002, p.12). O documentário “Caiçara – Cultura em Transformação”²⁸ apresenta algumas dessas perdas culturais.

A **12ª edição** circulou em dezembro de 2003 e comemorou o primeiro ano de vida de *Beach&Co*, inclusive com anúncios de empresas parabenizando o Grupo Costa Norte de Comunicação que edita a revista. Foi a edição de 2002 que teve o maior número de páginas, 68 no total, sendo a metade de publicidade (34 páginas), e destas, 23 de anúncios de prefeituras.

A reportagem “Um ano de *Beach&Co*”, rememorou a matéria especial de São Sebastião que mostrou a riqueza das capelas caiçaras e o texto das comunidades isoladas de Ilhabela “em ilhas e praias cujo acesso é feito somente por barcos”. (*BEACH&CO* n.12, 2003, p.50). Duas fotos desta reportagem retratam o caiçara, uma de um pescador artesanal tecendo uma rede e outra foto de um barco no meio do mar.

No final da revista, a notícia “Canoas caiçaras dão show em regata”, abordou o fato das “Comunidades tradicionais participarem do percurso entre Ilhabela e São Sebastião”, mostrando como foi a 1ª Regata de Canoas de Ilhabela.

A cultura caiçara resiste ao tempo e às inovações tecnológicas mantendo a essência da vida de comunidades tradicionais do Litoral Norte. As famosas canoas confeccionadas pelos pescadores e utilizadas até hoje foram à estrela de uma festa que reuniu 48 comunidades tradicionais de Ilhabela e São Sebastião no dia 14 de dezembro. O público também prestigiou a 1ª Regata de

27 A Alnorte é uma OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, composta por moradores e frequentadores do litoral de São Paulo que estão interessados no desenvolvimento socioambiental da região e na conservação de seus recursos naturais. Disponível em: www.alnorte.org.br. Acesso em: nov.2013.

28 Documentário produzido pelos alunos do sétimo semestre de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade e Propaganda) do Centro Universitário Módulo, Caraguatatuba/SP e lançado no dia 20 de abril de 2011. O vídeo aborda passado, presente e as perspectivas para o futuro da Cultura Caiçara mostrada em relatos de legítimos filhos do litoral e também de profissionais que lutam para que essa tradição permaneça viva. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=yNlsg3XLXB8. Acesso em: nov.2013.

Canoas que largou da praia do Bonete, em Ilhabela, com percurso de 43 quilômetros até a praia do Arrastão em São Sebastião (*BEACH&CO* n.12, 2003, p.66).

A competição foi acompanhada por várias lanchas, inclusive uma da marinha, já que o idealizador da regata foi o delegado da Capitania de São Sebastião, Paulo Rogério Almeida, com apoios da Administração Municipal de Ilhabela, cujo prefeito acompanhou todo o percurso, e da Prefeitura de São Sebastião.

A notícia cita os vencedores, a maioria formada por moradores do Bonete que receberam troféus e prêmios. Nenhum caíçara foi entrevistado e por esta razão, e também por se tratar de uma notícia (não reportagem), a autora da tese não selecionou o texto para análise aprofundada.

As **12 primeiras edições da Beach&Co** mostraram os eventos e belezas do litoral, sendo as principais editoriais as de turismo, cultura, meio ambiente, lazer, beleza, empreendimento, habitação, roteiro gastronômico, decoração, estética, educação, moda, negócios, motor, tecnologia, esportes. Temas diversos para agradar a todos os leitores.

As primeiras 12 capas da revista mostram paisagens de praias do litoral e monumentos históricos como convento franciscano em São Sebastião e Forte São João em Bertioga, trilhas na mata atlântica, Vela – cuja capital internacional é Ilhabela, e Rodovias Imigrantes e Caminhos do Mar. A maioria das fotos foi clicada por Pedro Rezende, funcionário do Grupo Costa Norte, com o intuito de enfatizar os cartões postais das cidades e agradar as respectivas prefeituras que anunciam na revista. Apenas a 9ª edição teve uma foto de capa da rodovia Imigrantes na horizontal, se diferenciado das demais que estão na vertical.

Nas páginas da publicação, vê-se uma miscelânea de textos enviados por assessorias de imprensa de prefeituras do litoral e outros órgãos, com edição. A revista publicou não apenas textos com enfoque regional, mas de abrangência nacional como novidades de companhias aéreas, de carros e motos recém-lançadas no mercado, de leilões etc. no intuito de agradar os anunciantes.

Predomínio dos gêneros informativos de notas e notícias, com poucas reportagens. Todas as edições tiveram editoriais, o perfil apareceu bem pouco e apenas na 12ª edição a revista passou a ter páginas de colunismo social com fotos dos prefeitos da região, de políticos, artistas e empresários que frequentam o litoral.

O visual gráfico da revista modificou-se nas edições, com textos diagramados em três colunas justificadas à esquerda e outras vezes apenas em duas colunas. Não teve padrão de tamanho de fontes e os nomes das editoriais mudaram de lugar nas páginas.

Em 2002, a 1ª edição foi a que teve o menor número de páginas (36) e a maior foi a

12ª edição com 68, mostrando que a revista começou a ser conhecida no litoral, passando a ter mais anunciantes, principalmente de construtoras e imobiliárias de Bertioga, das prefeituras do litoral, de comércios de móveis, restaurantes e afins.

Os aspectos da cultura caiçara abordados neste primeiro ano de *Beach&Co* foram o apelo turístico dos paraísos (praias) habitados pelo povo nativo (Ilhabela); seguido da gastronomia típica, citando nomes de vários pratos e dando voz ao caiçara (Caraguá, Ilhabela e Bertioga); a religiosidade vivenciada nas capelas católicas e uma lenda caiçara (São Sebastião); a festa da congada (Ilhabela); o conteúdo da cultura típica ministrado em escolas (Caraguá); e o relato das discussões do *VII Encontro dos Povos do Mar e da Mata Atlântica* (São Sebastião), no qual os caiçaras falarem das dificuldades para preservar sua cultura.

Textos soltos nas 12 edições resgataram nomes de bairros e ilhas habitadas por caiçaras, como Tabatinga, Ilha do Tamanduá e Massaguaçu (gastronomia) em Caraguá; São Francisco (lenda do sítio arqueológico), Barra do Sahy, Toque Toque Grande e Pequeno e Maresias (capelas), em São Sebastião; comunidades tradicionais do Bonete (corrida de canoa), Castelhanos, Búzios, Vitória, Galhetas, Figueira, Saco do Eustáquio (paraísos isolados, artesanato, pesca), em Ilhabela; Vila Diana em Santos; Praia do Góes, Perequê e Guaiuba, em Guarujá; e Colônia de Pescadores Z-23 de Bertioga.

O leitor da revista *Beach&Co* em 2002 teve informações dispersas sobre a Cultura Caiçara, com abordagem mais completa nas matérias das comunidades tradicionais em Ilhabela e da corrida de canoa e as dificuldades dos pescadores e familiares em preservar a cultura em São Sebastião. Ubatuba apareceu na voz de um representante que falou da escassez da pesca.

Os principais fatos da região presentes na revista neste ano foram o desenvolvimento do condomínio Riviera de São Lourenço, em Bertioga, cujas construtoras anunciam na revista desde a primeira edição, revelando a relação de interesse entre o veículo de comunicação e seu anunciante; Shopping a ser inaugurado deve movimentar Boiçucanga; Bertioga aplica Estatuto da Cidade; índios vivem uma nova história (Bertioga sedia o Festival Nacional do Índio, temática presente nos dez anos de *Beach&Co*); Parque Turístico e Histórico revitalizará o Forte São João; Aquário de Ilhabela valoriza educação ambiental; Marinas de São Lourenço – requinte e qualidade; Feira de Bolsa de Negócios de Turismo da FIESP bate recorde de público em Santos; UNAERP investe em qualidade e trabalho social (anunciante); Crianças recebem atendimento especial em Caraguá (parceria com a Fundação Orsa resultou no prêmio Mérito Municipal na categoria Educação); Semana de Vela de Ilhabela bate recorde de participação (este evento continua sendo pauta na revista anualmente); Lars Grael sonha em

universalizar o iatismo; Litoral Norte: um paraíso, mas até quando? Região tem 80% de sua área protegida pelo Parque Estadual da Serra do Mar que sofre a ameaça de ocupação desordenada; Centro de Convenções incrementará negócios em Guarujá (Casa Grande Hotel); Brasil desponta como mercado para marinas; Ministro do Esporte e Turismo, Caio Luiz de Carvalho, assume compromisso de divulgar a Baixada Santista, já que o governo federal custeará um showcasa para mostrar o potencial turístico dos municípios da recém-criada Região Metropolitana da Baixada Santista; Um ano após o ataque no coração do americano; Embarque nos cruzeiros marítimos; São Sebastião é cenário para provas de aventura; Inaugurado o Ceprolin – Centro de Educação Profissional do Litoral Norte, em Caraguá (atual Instituto Federal de São Paulo); Rodovia Imigrantes inaugura a segunda pista para facilitar chegada ao litoral paulista; conheça o maior aquário da América Latina em Santos; Subloco Construtora implanta “Boulevard da Praia” que consiste em um shopping de verão com inúmero atrações na Riviera de São Lourenço (anunciante); Polícia Ambiental, 53 anos em defesa da natureza.

As temáticas de inaugurações, grandes eventos/construções, novidades, instituições de prestígio e ações dos governos federais, estaduais e municipais relacionados ao Turismo e Desenvolvimento do Litoral Norte tecem “o tecido da vida cotidiana [...] modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou onipotente”. (KELLNER, 2001, p.09).

O universo criado pela *Beach&Co* inclui os acontecimentos positivos que mostram o desenvolvimento do litoral paulista. O leitor é levado a crer que as treze cidades do Litoral Norte e Baixada Santista são propícias a investimentos. O “nós” da *Beach&Co* é composto por empresários, moradores e turistas de classes altas e médias e o “eles” são as demais classes sociais que compõem os leitores.

O que é considerado “bom” pela revista (presente nas matérias de forma implícita e explícita) é crescer, ter dinheiro, investir, viajar, comer bem, ter ótimos dias de lazer. Valores que se contrapõem a simplicidade, a honestidade e ao senso de pertencimento da maioria das comunidades tradicionais da região.

A *Beach&Co* criou uma espécie de “moldura” para justificar ao leitor que o caiçara, apesar de morar em locais sem infraestrutura, é um povo exótico, com uma culinária apreciada e com várias características que merecem o apreço dos visitantes. Assim, o “valor” do caiçara para a revista relaciona-se a “venda” indireta de produtos e serviços relacionados ao turismo, gastronomia, renda etc.

10 edições da revista *Beach&Co* em 2003 | Da 13ª a 22ª edição

A **13ª edição** de janeiro de 2003 não abordou nada sobre caiçara. A revista passou a ter como jornalista responsável Fernando Santis e a jornalista Lúcia Bakos como editora. O Índice e o Editorial ganharam mais destaque, um em casa página, as fotos publicadas passaram a ter tamanho maior, ilustrando reportagens mais elaboradas se comparadas com as notas e notícias do ano anterior, deixando o visual da *Beach&Co* mais atraente. A editoria Vitrine estreou na revista. Apenas uma foto do Índice mostrou uma canoa tradicional no Forte São João, em Bertioga. Em fevereiro de 2003 não circulou a revista²⁹.

A **14ª edição** da revista de março, passou a publicar Cartas do Leitor. O caiçara foi referenciado no Editorial, na apresentação do texto sobre São Sebastião, no qual moradores contaram “causos” e lendas da comunidade caiçara. No texto propriamente dito, a palavra caiçara não apareceu e o caso do fazendeiro que morou no Sítio Arqueológico, no bairro São Francisco, reduto de pescadores, já contada na 3ª edição da revista, foi mostrado mais uma vez.

O texto “Pedacinho do Paraíso” sobre a beleza da Praia do Jabaquara, em Ilhabela, esclareceu que o local dá vista para o “mar de um azul muito intenso, rodeado por mata quase que completamente intocada, a não ser por algumas poucas casas de caiçaras”. (*BEACH&CO* n.14, 2003, p.10). Portanto, apenas um registro de que o local é habitado por caiçaras, sem explicação de como ele vive e quem é.

A reportagem “Cerâmica nos caminhos da terra”, da editoria *Cultura*, registrou um tipo de artesanato produzido por caiçaras. Em destaque a foto da caiçara Adélia Barsotti da Ressurreição, com olhar fixo e concentrado na confecção de panelas de barro, mostrando que ela foi à última paneleira tradicional de São Sebastião.

O texto começa assim: “O que para antigos *caiçaras* era um hábito corriqueiro, confeccionar utensílios como panelas e pratos atualmente transformaram-se em arte”. (*BEACH&CO* n.14, 2003, p.17). E continua:

Hoje com 86 anos, ela [Adélia] já não vai mais à beira do rio para amassar o barro. O terreno que graciosamente cedia matéria-prima para suas panelas agora não mais a fornece. Foi loteado. As árvores que a supriam de lenha para a queima das peças estão cada vez mais escassas. A dona Adélia de hoje faz seus doces em panelas de alumínio. Entristeceu. A história perdeu parte de seu brilho. A cerâmica da costa norte está menos representativa sem paneleiras na beira dos rios. Elas faziam a ponte entre a cerâmica popular europeia e a

²⁹ Na capa e no Expediente da revista *Beach&Co* consta o número de cada edição e o ano, sem identificação do mês da publicação. Portanto, a constatação dos meses em que a revista não foi publicada tem como base a análise da autora da tese nos conteúdos divulgados nos meses que antecederam e sucederam a edição ausente.

indígena, ligação do passado com o presente. Se dona Adélia, a paneleira-mãe, abandonou o ofício sem deixar sucessora, o artesanato utilitário ficou órfão. Não a cerâmica. Uma legião de artistas de mãos sujas chega para ocupar seu espaço na terra. (*BEACH&CO* n.14, 2003, p.17).

A reportagem revela a tristeza de uma caiçara impossibilitada de manter a tradição de seu povo, por meio da produção de artesanato utilitário, as dificuldades de encontrar a matéria-prima, o barro e o desinteresse dos jovens para a continuidade do feitiço das painéis nos moldes caiçaras. O ofício foi assumido por ceramistas que deram outro sentido ao artesanato. As painéis de barro produzidas no bairro São Francisco ganharam novos formatos, cores e o intuito maior é a venda dos produtos e não a preservação nos moldes caiçara.

A partir da **15ª edição**, de abril, a revista passa a ter como editora-chefe e jornalista responsável Lúcia Bakos. Uma das três chamadas secundárias da capa “Mariscos - Uma alternativa sustentável e natural” refere-se a reportagem selecionada para análise no Quinto Capítulo da tese.

A reportagem sobre o cultivo de mariscos na Praia da Cocanha em Caraguá foi destaque no Índice com a foto de um maricultor mostrando a rede cheia do produto comestível. O Editorial ressaltou: “Foi lá [na Cocanha] que achamos uma população que vivia tradicionalmente da pesca e encontrou, com o cultivo de mexilhões, uma nova opção de renda”. (*BEACH&CO* n. 15, 2003, p.08).

A reportagem comemorativa ao aniversário de 146 anos de emancipação política de Caraguatatuba exaltou os feitos da administração municipal que valoriza o patrimônio material e imaterial da cidade. “Como complemento à divulgação da arte, recentemente foi inaugurado o Museu do Caiçara” (*BEACH&CO* n.15, 2003, p.18). No entanto, não há outras explicações sobre o museu. A revista não circulou em maio de 2003.

A **16ª edição** de junho de 2003 estreou as colunas Dicas de Cinema e Música, e Quadrinhos. A palavra caiçara foi usada para adjetivar a origem do artista plástico Sandro Bueno Justos. “Bisneto de imigrantes e caiçaras, nascido na Vila de Itatinga, em Bertioga”. (*BEACH&CO* n.16, 2003, p.36).

Em outro texto, de prestação de contas da Câmara Municipal de São Sebastião, o intertítulo “Pesca artesanal” informa sobre audiências públicas realizadas no local para detalhar a criação por parte do Governo Federal, da Secretaria da Pesca e Aquicultura, a fim de dar suporte ao setor pesqueiro nacional. (*BEACH&CO* n.16, 2003, p.41). O texto não aborda as dificuldades enfrentadas pelos pescadores artesanais do litoral Norte.

Na **17ª edição** da revista, os grupos folclóricos de dança caiçara apareceram superficialmente no texto das festas juninas realizadas na região. O Box “Santo Padroeiro dos

Pescadores”, relacionado à Ubatuba, revela que “logo depois acontece apresentação da quadrilha caiçara. [...] No mesmo horário do dia seguinte, acontece apresentação de grupos folclóricos caiçaras e shows musicais”. (*BEACH&CO* n.17, 2003, p.24).

Não foi informado que Ubatuba conta com grupos de fandango (música caiçara), oficina de rabeca (instrumento musical típico) e ações de valorização da cultura tradicional.

A **18ª edição** circulou em agosto de 2003 e a capa não focou as cidades do litoral paulista, mas o Palácio Boa Vista, em Campos do Jordão, na Serra da Mantiqueira, residência de inverno do governador do Estado de São Paulo, evidenciando que a capa foi um agrado a Geraldo Alckmin, integrante do mesmo partido político (PSDB) do diretor-presidente da revista, Ribas Zaidan.

Nas chamadas secundárias da capa, consta uma das reportagens selecionadas para análise no último capítulo desta tese: “Montão do Trigo - Uma ilha onde o tempo quase parou”. A frase “onde o tempo quase parou”, e a reportagem em si, pressupõem que ali mora uma comunidade que não evoluiu e prefere se isolar, não gosta de novidades, vive como ‘homem das cavernas’, da pesca e da agricultura.

O mais justo seria informar que a Cultura Caiçara está em transformação, na medida em que é difícil viver apenas da pesca, da agricultura, do artesanato e que os caiçaras encontraram outras formas e fontes de renda, como o cultivo de mariscos, a opção pelo ofício de marinho, caseiro e outras atividades. Esta contextualização não foi apresentada na revista.

A reportagem enfatizou o estereótipo de comunidade parada no tempo:

Eles moram em casas de madeira com telhas de amianto e vivem basicamente da pesca artesanal e do cultivo de frutas (manga, coco, carambola, abacate, laranja e jabuticaba). [...] A casa do seu Manoel Pedro de Oliveira, 72 anos, o seu Maneco, um dos moradores mais antigos da ilha, é um exemplo do relógio parado no tempo. Construída no ano de 1958, ela ainda conserva o seu estilo caiçara (*BEACH&CO* n.18, 2003, p.11).

Outro texto desta edição convidou o leitor a saborear uma delícia da culinária caiçara. “Neste mês de julho, uma das receitas caiçaras mais tradicionais de nosso litoral paulista – a tainha assada na telha – é o prato principal servido em Bertiooga [na 26ª Festa da Tainha]”. (*BEACH&CO* n.18, 2003, p.39). O Festival foi mostrado também no Editorial.

“Costa Sul de São Sebastião - Muito mais do que belas praias” e “Ilhabela - Onde qualidade de vida é só mais um detalhe”. Estas duas das três chamadas secundárias na capa na **19ª edição** da revista mostraram aspectos da Cultura Caiçara.

O texto da nova cara da Costa Sul de São Sebastião, explica que os turistas podem conhecer a cultura tradicional e que há estrutura para passeios que valorizam as peculiaridades do patrimônio imaterial da região. “Além da apresentação científica das belas paisagens contidas na Mata Atlântica, o visitante conhece também a cultura local por meio de um tour por pontos históricos, como capelas e ateliês de artesãos locais”. (*BEACH&CO* n.19, 2003, p.14).

No texto de Ilhabela, há explicação de como a população vivia no litoral até a década de 1940. “Nesse período, a população da Ilha era apenas caiçara. Cerca de 10 anos depois começaram a chegar os primeiros migrantes e turistas, vindos da capital paulista”. (*BEACH&CO* n.19, 2003, p.35).

Ainda nesta edição, a editoria Gastronomia mostrou a 10ª Festa do Camarão na Moranga de Bertioga e o 9º Festival do Camarão em Ilhabela.

A tradicional festa do Camarão na Moranga de Bertioga já começou desde o dia 1º deste mês, e promete repetir o sucesso dos anos anteriores. [...] Como de costume, este ano haverá dois pratos diferentes: o bertioguense - considerado o mais simples, servido com a moranga recheada com camarão e molho de requeijão- e o caiçara um pouco mais sofisticado, já que além do molho, traz unidades fritas de camarão-rosa distribuídas ao redor da abóbora. (*BEACH&CO* n.19, 2003, p.38).

Uma das três chamadas secundárias de capa da **20ª edição** foi “Gruta que Chora - Um mistério escondido entre rochas”. A reportagem selecionada para análise no Quinto Capítulo apareceu no Índice da revista com uma foto da gruta em Ubatuba, explicando que o local é palco de “uma das mais belas lendas caiçara”. (*BEACH&CO* n.20, 2003, p.04). A reportagem informa:

É lá que está localizada a famosa Gruta que Chora, gerada de uma das mais belas lendas da cultura caiçara. [...] Segundo contam alguns caiçaras mais antigos da região, as gotas que caem nas areias finas e brancas que forram o chão da gruta são, na verdade, as lágrimas de uma jovem chamada Marcelina, que lá retornou à procura do seu amado, o Dragão de Sununga. (*BEACH&CO* n.20, 2003, p.09).

Das 120 edições da *Beach&Co*, esta foi a que melhor retratou uma lenda caiçara, tema pouco frequente na revista. A mesma reportagem também citou a culinária local. “Ao entardecer, depois de conhecer os encantos da Sununga, os visitantes podem ainda saborear pratos típicos caiçara, feitos com mexilhões e ostras, em um dos quiosques dispostos na praia, enquanto admiram o espetáculo visual que fica por conta da natural beleza da região”. (*BEACH&CO* n.20, 2003, p.10).

A edição que circulou em outubro de 2003, ainda citou o caiçara no texto sobre o *II Festival Santista de Curtas-Metragens*. Uma das categorias do festival foi o “Olhar Caiçara”, destinado a filmes produzidos na região. (BEACH&CO n.20, 2003, p.12-13).

A **21ª edição** contou com a única editoria que citou o caiçara foi a de *Gastronomia*. “Para o almoço ou jantar, as opções, além dos pratos típicos de cada estabelecimento comercial, é o prato Azul Marinho (peixe com banana verde), peixada com pirão e peixe assado na folha de bananeira”. (BEACH&CO n.21, 2003, p.16).

A prefeitura de Caraguá publicou anúncio do *II Festival de Mexilhão*, na praia da Cocanha, citando como atrativo: “Marisco lambe-lambe e diversos pratos e petiscos à base de Mexilhão. A Cultura do Caiçara - artesanato temático, shows musicais, apresentação de grupos de dança, exposição de fotos e materiais utilizados no cultivo do mexilhão, visita às fazendas marinhas”. (BEACH&CO n.21, 2003, p.33).

A **22ª edição** teve como capa uma foto da ceia de natal do restaurante MarEmonti (anunciante da revista), da Riviera de São Lourenço, em Bertiooga e não abordou conteúdos sobre o caiçara.

Nas **dez edições de 2003** a *Beach&Co* abordou aspectos da Cultura Caiçara, principalmente em quatro textos: caiçaras da Cocanha (Caraguá) encontraram na produção de mariscos nova fonte de renda; como vive a comunidade na Ilha Montão do Trigo (São Sebastião); a lenda caiçara da gruta que chora na praia Sununga (Ubatuba); e a extinção do artesanato utilitário de barro com técnicas caiçaras relatadas por Adélia Barsotti, paneleira de São Sebastião.

Outras informações dispersas na revista neste ano foram: a praia do Jabaquara (Ilhabela) que abriga casas e moradores caiçaras; a lenda caiçara do fazendeiro do Sítio Arqueológico em São Sebastião foi contada pela segunda vez na revista; Caraguá inaugurou o Museu do Caiçara; a Câmara de São Sebastião sediou audiências públicas da criação da Secretaria de Pesca do Governo Federal para auxiliar pescadores artesanais da região; a pesca é praticada na Ilha Anchieta; em Ubatuba há grupos folclóricos tradicionais de fandango e quadrilha; Bertiooga é a terra do artista caiçara Sandro Bueno Justos; e nesta cidade há festa da tainha que serve o peixe na brasa, prato típico caiçara; na Costa Sul os turistas podem visitar capelas e ateliês de artesãos locais, além de fazer passeios para conhecer a cultura tradicional; o festival santista de curtas-metragens contou com a categoria “Olhar Caiçara” destinada à filmes produzidos na região; aconteceram a Festa do Camarão na Moranga em Bertiooga; Festival do Camarão em Ilhabela e Festival de Mexilhão em Caraguá que serviram pratos típicos; e que caiçaras ‘genuínos’ habitaram Ilhabela até a década de 1940.

A revista não foi publicada nos meses de fevereiro e maio de 2003, sem que o leitor soubesse os motivos. De forma geral, as reportagens foram mais aprofundadas com valorização de fotos e conteúdos produzidos por colaboradores e editores-chefes.

As capas foram diversificadas e retrataram assuntos gerais como natal, vinho, natureza, canoa havaiana, corrida de aventura, família Schürmann e uma única foto de praia na Ilha Anchieta, em Ubatuba. Constata-se uma tentativa da revista em ampliar a abrangência da publicação para outras regiões do estado de São Paulo. No entanto, publicar notícias gerais de âmbito estadual e nacional, sem aumentar a tiragem e os locais de distribuição, pode significar a descaracterização da revista e de seu nicho de mercado é ser representante do desenvolvimento do litoral paulista. Fernando de Santis revisou duas edições neste ano e Lúcia Bakos foi responsável por oito edições em 2003. A *Beach&Co* lançou novas colunas como Cartas do Leitor, artigo de opinião, Rota Gourmet, Litoral Vip (coluna social), Ela&Cia, Cinema&DVD e outras.

A média de páginas da revista foi de 52 por edição, sendo um terço ou mais de anúncios. Os fatos principais do Litoral Norte noticiados em 2003 foram: índios ganham ocas de primeiro mundo; Audi revoluciona o verão de Angra e Ilhabela com showroom flutuante; Família Schürmann ancora em Ilhabela e prepara um filme sobre sua mais recente viagem de volta ao mundo; presidente da EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo) quer incentivar turismo na Baixada; 1ª Faculdade de Bertioga; 21ª Aviestur promete fomentar indústria do turismo brasileiro; Festa Nacional do Índio (Bertioga) envolve mais de 400 índios representantes de 10 etnias de diversas regiões do país em 2003; Kitesurf une o desejo de voar ao de surfar; qualidade do vinho nacional melhora cada vez mais; sítio arqueológico descoberto em Ilhabela transforma-se em tema de livro; Alckmin fala com exclusividade a *Beach&Co* e confirma que não vai deixar nada parado no Litoral; workshop de hotelaria e gastronomia movimenta a Ilha; Sobloco e Embrapa buscam parceria inédita e vão transformar resíduos orgânicos em fertilizante do solo (anunciante); 26ª Festa da Tainha acontece em Bertioga; turismo sustentável, de qualidade e proteção à natureza são focos da Associação Costa dos Alcatrazes que quer dar uma nova cara a Costa Sul de São Sebastião; Brasil Fest In Folk é um dos festivais mais importantes do mundo (Guarujá); Relíquia de Anchieta (padre jesuíta) percorre municípios do Litoral Paulista; I Mostra de Arquitetura e Paisagismo de Ilhabela; II Festival Santista de Curtas-Metragens; Semana literária lembra chegada de Cunhambebe a Bertioga; Festival de jazz, competição de vela, recepção de navios cruzeiros em Ilhabela; artistas estiveram presentes na feira Adventure Sports Fair 2003; Torneio

universitário de surf movimenta Riviera; Santos escolhe prato e drink oficiais da cidade; e Igreja Bola de Neve é reduto dos brothers.

O senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de religiosidade fornecida aos leitores da *Beach&Co* em 2003 esteve recheado de novidades, grandes eventos, congressos, torneios, mostras, festas de prestígio, entrevistas com governador e pessoas que estavam no poder, tendo como base valores pós-modernos centrados em incertezas, fragmentações, desconstruções e troca de valores de bens imateriais. A cultura que a *Beach&Co* construiu neste ano fundamentou-se em visões fragmentadas não apenas das comunidades caiçaras, como das demais classes sociais, etnias e religiões abordadas na revista.

10 edições da revista *Beach&Co* em 2004 | Da 23ª a 32ª edição

A revista de janeiro de 2004, **23ª edição** não publicou matérias sobre a Cultura Caiçara, assim como a **24ª edição** que só mostrou uma pequena foto de pescadores em seus barcos em um anúncio da prefeitura de São Sebastião. A **25ª edição** de março e **26ª** de maio também não tiveram textos e fotos alusivas ao caiçara. A revista não foi publicada em abril de 2004.

A **27ª edição** circulou em junho de 2004 contendo uma reportagem de três páginas selecionada para análise na tese e intitulada “Congada de São Benedito - A festa mais celebrada da Ilha”. O trecho abaixo revela os detalhes da programação do evento:

Extraída da aculturação africana Bantu, a congada faz parte da religiosidade folclórica, sendo parte integrante da vida do caiçara (São Benedito é venerado em todo o Litoral Paulista). [...] Logo depois, serviu-se aos presentes a típica bebida caiçara “concertada” (espécie de licor, feito à base de folhas de laranja, canela, cravo, açúcar e um “cabinho” de cachaça), além da distribuição do bolo de São Benedito. [...] Às 19h30, aconteceu à missa festiva de São Benedito, com o repicar de sinos e a queima de fogos, e às 20h, a Folia de São Benedito pelas ruas da cidade com o grupo Caiçaras do Ritmo. (*BEACH&CO* n.27, 2004, p.14).

As fotos mostram a igreja matriz de Ilhabela enfeitada, a devoção dos fiéis, a apresentação da Congada e as expressões dos caiçaras, numa mistura de misticismo e fé enfatizando a importância desta festa tradicional para os caiçaras.

A alvorada é promovida juntamente com a folia, com *caiçaras* tocando instrumentos como viola, violino, rebeca, cavaquinho, tambor ou caixa, e carregando uma bandeira (semelhante a do divino, só que no lugar da pomba segue a imagem de São Benedito). Carregando velas acesas e cantando “o Benedito”, eles saem da colônias de pescadores e vão até a matriz onde cantam “o Martírio”. (*BEACH&CO* n.27, 2004, p.16).

A edição ainda teve um anúncio da Prefeitura de Caraguatatuba sobre o 7º Festival do Camarão, com foto de um caiçara em sua canoa de voga. Outra foto de embarcação de pesca tradicional ilustrou o texto que cita as procissões marítimas que ocorrem na mesma cidade, comemorativas ao santo padroeiro. (*BEACH&CO* n.27, 2004, p.39).

O texto “O sucesso das ostras de Cananéia”, explica um projeto de geração de renda. “O trabalho, que visava apenas uma das condições de vida de uma comunidade formada por caiçaras e remanescentes de antigos quilombos que viviam da pesca artesanal e coleta racional do molusco, ganhou força”. (*BEACH&CO* n.27, 2004, p.40). Mais um exemplo das novas atividades do caiçara.

Na **28ª edição** (julho) não há texto sobre a cultura tradicional, mas em uma reportagem sobre o Parque Estadual da Serra do Mar de São Sebastião, que não cita que o local é preservado por caiçaras. A revista não foi publicada em agosto de 2004. Na **29ª edição** a palavra caiçara apareceu de forma sutil no texto “O brilho da Ilha”, ao abordar os atrativos de Ilhabela. “Se bater fome, o melhor da culinária caiçara pode ser encontrado facilmente em toda a Ilha”. (*BEACH&CO* n.29, p.43, 2004).

Na **30ª edição** a alusão ao caiçara também foi mínima, consta apenas que “a Praça da Mangueira, situada no bairro do Perequê [em Ilhabela], é um dos principais pontos de encontro dos caiçaras”. (*BEACH&CO* n.30, 2004, p.22). A **31ª edição** não abordou a Cultura Caiçara e na **32ª edição**, de dezembro de 2004, há um trecho na reportagem “Verão no Litoral Paulista” que citou a presença de caiçaras em Ubatuba.

Concentra um vasto patrimônio natural e histórico-cultural: fauna e flora da Mata Atlântica, mais de 80 praias (entre continentes e ilhas), cachoeiras, ruínas de fazendas (entre as primeiras do Brasil), antigas construções no centro do município; rica história e cultura popular, além do patrimônio humano formado por caiçaras, quilombolas e índios Guaranis. (*BEACH&CO* n.32, 2004, p.18).

A próxima menção à palavra caiçara nesta mesma reportagem foi no intertítulo Peruíbe: “Entre as opções de belezas naturais está a praia semi-deserta Barra do Una, que abriga um vilarejo caiçara, ideal para descansar e ponto de partida para conhecer o Rio Una do Prelado”. (*BEACH&CO* n.32, 2004, p.21).

A edição foi entregue com um encarte publicitário da empresa VIP - Planejamento Imobiliário, com 16 páginas coloridas, separado da revista. No editorial, há uma foto da equipe da *Beach&Co* desejando feliz natal e bom ano novo aos leitores. E ainda um texto institucional mostrando a festa de 12 horas ininterruptas de shows, comemorativa aos três anos da rádio Praia FM que integrou o Sistema Costa Norte de Comunicação.

O caiçara esteve ausente em seis das **dez edições da revista em 2004**. A temática da Cultura Caiçara foi pouco abordada neste ano. Apenas a reportagem da congada de Ilhabela abordou detalhes da festa tradicional; além de uma menção de que a praça do bairro Perequê é ponto de encontro de caiçaras e que vários restaurantes do arquipélago servem pratos da culinária típica.

Outros temas que apareceram foram à produção de ostras em Cananeia que reforça a renda de caiçaras; a Praia do Una, em Peruíbe, abriga um vilarejo caiçara; Ubatuba tem patrimônio formado por caiçaras; e em dois anúncios de prefeituras foram mostradas fotos de caiçaras no Festival de Camarão de Caraguá e no anúncio institucional de São Sebastião.

A revista não foi publicada nos meses de abril e agosto, sem explicações ao leitor. Uma ação de aproximação com o leitor foi a publicação de uma foto da equipe da *Beach&Co* desejando bom natal. Neste ano a revista contou com novos colunistas sociais e colaboradores que assinaram artigos e novas colunas.

Paisagens de parques como o das Neblinas, Jureia-Itatins, Ilha dos Arvoredos, Itatinga e outras atrações turísticas como o Bonde de Santos, Birding (pássaro), Festa Nacional do Índio e Paraquedismo apareceram nas capas da revista. A média de páginas foi de 52, sendo um terço ou mais de anúncios, o mesmo que no ano anterior. A jornalista responsável nas doze edições foi Lúcia Bakos e Eleni Nogueira assumiu o cargo no ano seguinte, aparecendo como colaboradora na edição de dezembro de 2004.

Constatou-se que o Grupo Costa Norte investiu no conteúdo jornalístico da *Beach&Co*, com foco nas festas e atrativos turísticos, buscando agregar valor à revista com artigos assinados de escritores de renome como Roberto Shinyashiki e continuar com a publicação de colunas de carros, motos e outras de interesse geral.

Os principais fatos da região presentes nas páginas da revista neste ano foram a Base Aérea de Santos; Ultimate Adventure (corrida de aventura) em São Sebastião; Riviera ganha clube de tênis (São Lourenço); Centro de Treinamento do Deinter-6 (Departamento de Polícia Judiciária de São Paulo e Interior) é o mais diversificado do Brasil (Santos e região); Riviera de São Lourenço é o mais novo destino turístico brasileiro em projeto da CVC; Complexo Rodoviário de Guarujá terá Shopping; com criação do Parque das Neblinas, moradores da região têm oportunidade de se espelhar nas inúmeras formas de desenvolvimento sustentável; Informe publicitário Restaurante Gaiana (extensão natural da praia da Riviera), parte do patrimônio da família Zaidan (que publica a *Beach&Co*); o sucesso das ostras de Cananeia; Parque Estadual da Serra do Mar de São Sebastião ganha força com formação de conselho consultivo; lama negra, a riqueza natural de Peruíbe; Estação Ecológica de Jureia-Itatins

(Iguape, Peruíbe, Itariri, Miracatu e Pedro de Toledo) é uma das maiores riquezas naturais do mundo; escritor Fernando Morais e o fotógrafo de natureza Dú Zuppani (colaborador da *Beach&Co*) reúnem seus trabalhos após 19 anos em Guarujá; Ecoturismo em Bertioga, a nova meta da Suíná Turismo, única agência de receptivo da cidade; Brasil terá mapa sobre seus biomas devido a um trabalho inédito do Ministério do Meio Ambiente (governo federal); Torcida organizada do Santos; aniversário de três anos da rádio Praia FM foi comemorado com 12 horas ininterruptas de shows.

Como confirma Douglas Kellner (2001, p.123), os textos culturais não são intrinsecamente “conservadores” ou “liberais”, assim como os da *Beach&Co*. “Os textos da cultura da mídia incorporam vários discursos, posições ideológicas, estratégias narrativas, construção de imagens e efeitos [...] que raramente se integram numa posição ideológica pura e coerente”.

A *Beach&Co* publica conteúdos do governo federal como criação de Parque Estadual, Estudos de biomas e afins para atrair o público de deputados já que a revista é distribuída no Congresso Nacional, em Brasília e na Assembleia Legislativa, em São Paulo. Em seguida enfoca temática mais leve e descontraída como, por exemplo, as corridas de aventura; e há casos em que o discurso é feito em benefício próprio (de divulgação institucional), como no caso da notícia do aniversário de três anos da rádio Praia FM, que integrou o Grupo Costa Norte de Comunicação.

Kellner (2001, p.123) diz que os textos da cultura da mídia “tentam oferecer algo a todos, atrair o maior público possível e, por isso, muitas vezes incorporam um amplo espectro de posições ideológicas”. Além disso, “certos textos dessa cultura propõem pontos de vista ideológicos específicos que podemos verificar estabelecendo uma relação deles com os discursos e debates políticos de sua época”.

As afirmações se confirmam no caso da *Beach&Co*, cujos discursos e debates coincidem com as temáticas debatidas pelo poder público e iniciativa privada, principalmente no que se refere ao desenvolvimento do litoral paulista.

10 edições da revista *Beach&Co* em 2005 | Da 33ª a 43ª edição

A **33ª edição** circulou em janeiro de 2005 com as editorias de Astrologia, Comportamento, Guia Verão, Moda e outras como Negócios que mostraram o litoral paulista como destino turístico preferido dos europeus. A revista manteve-se fiel a linha editorial de ‘vender’ o litoral de São Paulo com foco no desenvolvimento, nos investimento e atrativos turísticos. Nesta edição, não houve menção à Cultura Caiçara.

A revista não circulou durante dois meses em 2005, um deles foi em fevereiro, já que a **34ª edição** circulou em março de 2005, tendo a seguinte chamada secundária na capa, “São Sebastião - Passado e presente em harmonia”, refere-se à reportagem de oito páginas selecionada para análise na tese.

A reportagem “São Sebastião, terra do povo Caiçara”, foi destacada no Editorial da revista com uma foto de canoa tradicional e a frase: “Os caiçaras, os primeiros habitantes do litoral ainda guardam muito de sua singular forma de ver e entender o mar”. (*BEACH&CO* n.34, 2005, p.08).

Dois pescadores e um fotógrafo caiçara foram entrevistados na reportagem e relataram, por exemplo, que “na praia de Toque-Toque Grande a pesca artesanal ainda é praticada por mais de 10 pescadores que usam o peixe como moeda. O montante pescado é dividido em duas partes iguais, a primeira serve como forma de pagamento para o dono da rede e a segunda é dividida entre os demais”. (*BEACH&CO* n.34, 2005, p.48).

Apesar de a reportagem retratar nas fotos e na parte inicial do texto, aspectos da Cultura Caiçara, o enfoque foi comemorar os 369 anos de São Sebastião por meio das benfeitorias da prefeitura e da rica cultura local. O caiçara foi mostrado como um diferencial da cidade, dando autenticidade ao texto e sendo usado como gancho condutor para enfatizar os atrativos e realizações da administração municipal.

Ainda nesta edição, a Prefeitura de Ilhabela publicou o anúncio “Ilhabela na luta pela preservação” com fotos de praias habitadas por comunidades tradicionais, cachoeiras, caminhão coletor de lixo e esportes. O texto do anúncio enfatiza as realizações da Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

Com uma mata exuberante, belas praias e cachoeiras, uma das suas maiores riquezas é o seu povo, que vive em comunidades tradicionais localizadas em áreas de difícil acesso. São famílias tipicamente caiçaras que lutam para manter sua cultura. Através da Prefeitura Municipal estas comunidades recebem assistência o que proporciona não só a preservação do meio ambiente, mas também a preservação da cultura caiçara. (*BEACH&CO* n.34, 2005, p.37).

A **35ª edição** da revista teve como jornalista responsável Andrea Rifer, circulou em abril e citou o caiçara no texto de duas páginas sobre a reabertura de Museu Histórico Washington de Oliveira em Ubatuba, que dedica um setor aos caiçaras, outro ao período colonial, aos indígenas e afins. (*BEACH&CO* n.35, 2005, p.18-19).

A reportagem “Caraguá cada vez mais receptiva, oferece praias, trilhas e festas o ano inteiro” foi escrita em comemoração aos 148 anos da cidade, e dois subtítulos abordaram

assuntos relacionados à comunidade tradicional. O subtítulo “Cardápio: frutos do mar e muita fé” teve como base o calendário oficial de eventos da cidade. Em junho é celebrado o final do defeso do Camarão com um Festival que dispõe as barracas de gastronomia dividida entre os pescadores do Entrepasto do Camaroeiro, no Centro da cidade, assim como em setembro é a vez dos maricultores, da praia Cocanha, organizar o Festival do Mexilhão. “Aliás, vale ressaltar que Caraguatatuba é o maior produtor de mexilhão do estado, com 8 mil toneladas por ano”. (*BEACH&CO* n.35, 2005, p.24).

Tanto o Camarão como o Mexilhão são fontes de renda dos caiçaras. No subtítulo “Arte e cultura resgatam o passado”, consta que o Arquivo Público Municipal tem como principal aliado os moradores mais antigos que contribuem com depoimentos, “principalmente sobre as manifestações culturais como festas, danças e folguedos, entre elas, a Congada de São Benedito e o Moçambique. No passado, eram justamente as festas religiosas que quebravam a rotina dos moradores e pescadores da cidade”. (*BEACH&CO* n.35, 2005, p.25). O trecho cita as festas em que os pescadores caiçaras participam e manifestam sua religiosidade.

As jornalistas responsáveis pela **36ª edição** foram Andrea Rifer e Wanda Fernandes. A revista circulou em maio de 2005 e abordou o caiçara em dois textos, sendo o primeiro “Revele sua cidade – concurso vai clicar Caraguá e São Sebastião”. O texto abordou o concurso de fotografias nas duas cidades que têm como intuito “valorizar a cultura local, registrar o amor pela cidade através de olhos das pessoas que lá vivem ou trabalham”. (*BEACH&CO* n.36, 2005, p.12). A partir desta edição, a revista passou a publicar o crédito (no final da página) do jornalista que escreveu o texto, neste caso, Andrea Rifer.

O segundo texto “Navegue pelo litoral norte nas ondas do Orkut – São mais de 400 comunidades dedicadas às praias, pessoas e costumes da região”, escrito também por Andrea Rifer, foi ilustrado com fotos do litoral norte, uma delas da praia de São Francisco, em São Sebastião, mostrando barcos de pesca tradicional, já que o bairro é habitado por caiçaras. No texto, não foi citado o caiçara, apenas evidenciou-se algumas praias habitadas por pescadores.

A **37ª edição** circulou em junho e voltou a ter como jornalista responsável Eleni Nogueira que permanece no cargo ainda em 2014³⁰. O Editorial referencia a Cultura Caiçara no trecho: “O peixe mais cobiçado do inverno faz parte da cultura regional e mantém vivas tradições passadas de geração para geração, como é o caso do cerco de tainha, em Bertiooga”.

30 O período de análise da revista *Beach&Co* desta trabalho foi de 2002 a 2012. No entanto, em 2014 quando a autora desta tese concluiu a pesquisa, Eleni Nogueira continuava como jornalista responsável.

(*BEACH&CO* n.37, 2005, p.04). No Sumário, aparece uma foto da pesca de cerco e a chamada: “Caiçaras mantêm viva a tradição do cerco de tainha”.

A reportagem “Tainha: a vedete da estação”, escrita por Eleni Nogueira, não cita as cidades do Litoral Norte, mas foca o festival que acontece em Bertioga. A autora da tese selecionou este texto para ser analisado o Quinto Capítulo, devido à relevância do conteúdo e de uma das fotos que mostra a pesca de cerco, um dos significados da palavra caiçara. Em Caraguá, desde 2003, festival semelhante ocorre no Porto Novo, organizado pelos pescadores o Entreposto do bairro, apesar disto não constar na reportagem selecionada.

Na editoria Entretenimento, o texto “Inverno no litoral” mostrou opções de lazer e gastronomia nas cidades da Baixada Santista, com duas fotos das festas da tainha e do camarão na moranga em Bertioga. Mais um registro da culinária caiçara.

Em julho circulou a **38ª edição** da revista e o turismo gastronômico caiçara esteve presente no texto do 12ª Festival do Camarão na Moranga de Bertioga que teve como objetivo arrecadar fundos a atividades voltadas ao interesse de 700 pescadores associados à Colônia de Pescadores Z-23. O texto informou a origem dessas colônias de pescadores.

O movimento pela organização dos pescadores teve sua origem em 1919, quando o cruzador José Bonifácio, sob o comando do oficial da Marinha de Guerra, Frederico Villae, percorreu o litoral brasileiro com a missão de implantar o Programa de Nacionalização da pesca e Saneamento do Litoral. Com este trabalho, ele promoveu o registro e a criação das Colônias de Pescadores do Brasil, que hoje são 331 unidades. Em Bertioga, os principais trabalhos da Z-23 estão ligados às áreas de saúde, educação, meio ambiente e cooperativismo. (*BEACH&CO* n.38, 2005, p.48).

A edição publicou texto institucional do evento de lançamento da Rede Mata Atlântica de Televisão mostrando o crescimento do Grupo Costa Norte de Comunicação que edita a revista *Beach&Co*.

A transmissão da rede, formalizada no dia 27 de junho pelas famílias Teixeira e Zaidan [libaneses], do Sistema Santa Cecília de Rádio e TV Educativas [Universidade em Santos] e do Sistema Costa Norte de Comunicação, respectivamente, foi ao ar no último dia 4 de julho. A parceria representa, para a TV Costa Norte, a possibilidade de abranger a cidade de Santos, o maior centro comercial, político, financeiro e publicitário da região. Já para a Santa Cecília TV, o intercâmbio permite atingir público extremamente qualificado, como é o turista de São Paulo e do interior paulista, frequentador do Litoral Norte. [...] As duas geradoras de TV irão manter os programas que já estão no ar, na chamada “grade de integração”. [...] A novidade, entretanto, é o maior investimento em jornalismo, como o programa Sala de Imprensa e os quatro boletins diários que terão início, em breve, na programação das duas emissoras. (*BEACH&CO* n.38, 2005, p.12-13).

A **39ª edição** de agosto de 2005 publicou reportagem de capa das “Tartarugas Marinhas - Projeto Tamar em luta permanente para preservar a espécie”, que tem base em Ubatuba e conta com o apoio de 60 pescador-colaboradores, já que são eles que estão em contato direto com as tartarugas em seu habitat natural, o mar. Outro texto com foco institucional, também de Ubatuba, mostrou a foto de uma canoa caiçara ilustrando os atrativos da cidade além das praias e do surf.

O Editorial comemorou a **40ª edição** da revista e as mais de 400 reportagens e 3 mil fotos publicadas, sem contar as colunas fixas. “História, cultura, tradições, contos, lendas, investimentos, recantos e iniciativas. Em cada edição, uma prova da diversidade e do potencial turístico da região”. (*BEACH&CO* n.40, 2005, p.04).

Esta edição publicou o texto do jornalista Salim Burihan na reportagem “Ilha Tamanduá - Cenário exuberante bem próximo da Costa”, selecionada para análise na tese. O texto explicou os atrativos da ilha de Caraguá e a relação dos pescadores caiçaras com este local de mar calmo, praias selvagens e trilhas.

A **41ª edição** de outubro citou o caiçara em vários textos. A capa foi “Ubatuba – Como você sempre quis ver”, com foto do Farol da Barra. O início da reportagem confirmou que Ubatuba tem uma população que se orgulha de ser chamada caiçara. No entanto, não houve entrevistas que mostrassem isto, apenas um livro recém lançado que abordou três assuntos, um deles foi a cultura local. Sobre os caiçaras, não há contextualização de onde moram, nem dos entrepostos de pesca em que trabalham. Reportagem meramente institucional, alusiva ao aniversário de Ubatuba, com citação de pontos turísticos como prédios antigos, belas praias e bons hotéis para receber os turistas.

A palavra caiçara foi usada para adjetivar um tipo de artesanato que pode ser comprado na cidade. As fotos de artesanato, paisagens e barcos pesqueiros, assim como o texto, mostraram um pouco de tudo, convidando o leitor a visitar a cidade. Texto comum, sem emoção, na qual a revista perde em qualidade, apesar das fotos bem tiradas. A reportagem não cumpriu a função jornalística de aprofundar os atrativos turísticos e contextualizá-los.

A edição contou também com a reportagem “Nem só de pesca e turismo vive o Litoral Norte – Produtores rurais prosperam e apostam no crescimento das exportações”. O texto da editoria Agricultura deu voz a agricultores de Caraguá e Ubatuba sem citar de que esta foi uma fonte de subsistência dos caiçaras.

Uma última reportagem sobre os jovens da região que produziram curtas-metragens, sonhando com a carreira no cinema, citou a categoria “Olhar Caiçara” que integrou o 3º

Festival Santista de Curtas-Metragens. Não há descrição dos temas dos curtas sobre caiçara, nem outras informações que evidenciem aspectos da cultura regional.

Circulou em novembro a **42ª edição** tendo a seguinte chamada secundária de capa: “Mexilhões - Sabor novo na economia do litoral norte”, mencionada no texto e numa foto na página do Editorial, lembrando que naquele mês aconteceria o *III Festival de Mexilhão*, em Caraguá que apresenta “uma variedade de saborosas receitas e muitas atividades culturais”. (BEACH&CO n.42, 2005, p.04).

A reportagem “Cultivo de Mexilhões em pleno desenvolvimento”, de Salim Burihan, selecionada para análise na tese, integrou a editoria Gastronomia e apresentou fotos de maricultores em barcos, dos mariscos e do pescador José Luiz Alves, vice-presidente da Associação Paulista de Criadores de Mexilhão.

“Viver de pesca está muito difícil, o estoque de peixe reduziu muito na região. O cultivo de mexilhão é uma das atividades mais lucrativas para os pescadores, afirma Homero Osera, 41 anos, há dois trabalhando com mexilhão em Caraguatatuba”. (BEACH&CO n.42, 2005, p.40). O texto cita também o esporte da Corrida de Canoa Caiçara que integrou a programação do Festival.

Em outra reportagem intitulada: “A ordem é preservar – ONGs e associações, em luta permanente para defender o maior patrimônio [a Mata Atlântica] da região”, de Marcello Veríssimo, o caiçara foi citado para evidenciar a existência da Associação Ecológica Museu Caiçara, de Ilhabela. O texto não mostrou o caiçara como agente importante para a preservação da mata no Litoral Norte.

A **43ª edição** teve 92 páginas, maior quantidade de páginas na revista se comparada às edições anteriores. Apenas a reportagem de Eleni Nogueira, “Robalo, o troféu mais desejado”, na editoria Pesca, citou a palavra pescadores. O intuito do texto foi mostrar que “o mar pode não estar para peixe, mas o canal... [de Bertiooga]” rendeu boas pescarias no Torneio de Pesca deste ano. (BEACH&CO n.43, 2005, p.58).

As **onze edições de 2005** estamparam na capa monumentos como o Forte São João em Bertiooga, uma mesquita árabe no litoral, o Farol da Barra em Ubatuba, o Farol que fica ao lado do Forte São Felipe, em Guarujá; animais como tartarugas marinhas – do projeto Tamar em Ubatuba, e cavalo remetendo ao Enduro Equestre em Bertiooga, além do leão do Horto em São Vicente; paisagens com vista aérea de prédios e praias do Guarujá, outra com uma mulher bonita tomando sol e outra capa com índio.

Novos colaboradores, colunas fixas como “Lixo e Cidade”, assinada por Roberto Santiago e fotos de famosos nas páginas de coluna social deram glamour à revista que

privilegiou o gênero reportagem. O número de páginas e de anúncios da revista foi maior do que nos anos anteriores.

Várias jornalistas foram responsáveis pela revista neste ano. Em janeiro a jornalista editora foi Lucia Bakos; na outra edição, Eleni Nogueira; na seguinte, Andrea Rifer; na outra Andrea e Wanda Fernandes, e a volta de Eleni Nogueira da edição n.37 em diante.

A cultura caiçara foi privilegiada principalmente nas reportagens “São Sebastião, terra do povo caiçara”, “Tainha: A vedete da Estação”, “Ilha do Tamanduá” e “Cultivo de mexilhões em puro desenvolvimento”.

Antes tida como complemento especial do Jornal Costa Norte, a partir deste ano a revista ganhou status de nova publicação do Grupo Costa Norte, como consta no Expediente da publicação.

Os principais fatos da região presentes nas páginas da revista neste ano foram: Litoral Paulista desponta como o destino turístico preferido dos europeus, de acordo com dados do Ministério do Turismo que abriu escritórios brasileiros na Europa; Boiçucanga, Juqueí, Toque-Toque Pequeno, Barra do Una e Ilhabela (cidade) são consideradas praias perfeitas para os britânicos; navio “Maré Claro by Siemens” (shopping flutuante) circula nas praias do Litoral Norte tendo com ambiente do Clube Sirena (danceteria famosa de Maresias); Baixada Santista prepara turismo integrado com implantação da taxa facultativa de acomodação “Roomtax” que visa arrecadar fundos para divulgação das cidades litorâneas; V Festa Nacional do Índio, o maior evento cultural indígena do mundo; Oásis Home Resort em pleno Guarujá; construção de um ousado projeto imobiliário, o Central Park, realização da Sobloco Construtora (que projetou a Riviera da São Lourenço - anunciante), promete ser o bairro mais charmoso da cidade; Paixão de Cristo é encenada em São Vicente; Gás Natural não vai faltar na Bacia de Santos; Caraguá investe no turismo religioso por meio do Caminho de Santo Antônio (que não foi viabilizado posteriormente); Plano Cicloviário (bike) Metropolitano tem novo traçado que integra cidades da Baixada Santista; anúncio do Ferry Boat’s Plaza Translitoral, o shopping em Guarujá instalado junto ao terminal de Ferry Boat; Guarujá está na rota dos investidores já que Sílvio Santos (SBT) já aportou com o mega resort de categoria internacional; Rotary completa 100 anos e se consolida como clube de prestação de serviços sociais; Jogos Regionais, a hora e a vez de Praia Grande no esporte; Ilhabela, a “ilha dos navios” incrementa turismo para se firmar na rota dos cruzeiros (32 escalas agendadas em 2005, em 2013 eram mais de 130 escalas); turismo ecológico em Cubatão; Voluntárias “rosinhas” atuam junto a familiares e pacientes do setor de Oncologia na Santa Casa de Santos; séculos de civilização, cultura e religião árabes enriquecem a região; Guarujá sai na

frente nos jogos abertos do interior 2007; Aeroporto de Itanhaém deve incrementar turismo na região; Nem só de pesca e turismo vive o Litoral Norte, produtores rurais prosperam e apostam no crescimento da exportações de gengibre e antúrio em Caraguá; ONGs e associações em luta permanente para defender o maior patrimônio da região, a Mata Atlântica; cerca de 120 agentes de viagem do interior de SP conheceram o potencial turístico de Bertioga e região; Pelé aposta no trabalho de formação de novos talentos; Centro de estudos de excelência da USP (cursos de extensão e pós-graduação) sobre a biodiversidade da Mata Atlântica se instala na região.

As temáticas de meio ambiente, voluntariado, porto, petróleo e gás apareceram com mais frequência neste ano, tendência seguida nas próximas edições, já que a revista passou a contar com anunciantes e mais pautas destes setores.

Kellner (2001) propõe que a cultura da mídia e a de consumo atuam juntas e geram pensamentos e comportamentos de acordo com os valores, às instituições, às crenças e às práticas vigentes. Neste sentido, a *Beach&Co* manteve as pautas “consumistas” como as dos lançamentos de empreendimentos, shopping flutuante, viagens em navios cruzeiros, exportações e outras.

O mesmo autor confirma que a cultura modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade. A cultura da mídia participa igualmente desses processos, só que de forma mais recente. Neste sentido, as “potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade”, tanto de pessoas como de instituições, foram mostradas na *Beach&Co*, por exemplo, ao anunciar a “potencialidade” do Centro de estudos de excelência da USP a se instalar na região, ou a “capacidades de fala, ação e criatividade” presente nas mais de 400 comunidades do Orkut relacionadas ao litoral paulista.

11 edições da revista *Beach&Co* em 2006 | Da 44ª a 54ª edição

A **44ª edição** circulou em janeiro de 2006 e marcou o início da colaboração de Bruna Vieira³¹. Uma das chamadas de capa foi: “Praia da Fome - Paraíso a ser descoberto no mar de Ilhabela”, selecionada para a análise no Quinto Capítulo.

A reportagem “Rumo ao paraíso da fome”, de Marcelo Veríssimo mostrou fotos de uma casa de caiçara, de embarcações de pesca no mar e da praia propriamente tida como um

31 A autora desta tese colabora com a revista *Beach&Co* com textos e fotografias desde de 2006. No entanto as reportagens de sua autoria que abordam a Cultura Caiçara não foram selecionadas para análise no último capítulo da tese, constando apenas neste panorama geral das edições da revista .

‘pedaço do céu’. Foram entrevistados dois guias de ecoturismo e o caiçara Mario Santos que mora na praia e sustenta a família por meio da pesca.

A **45ª edição** circulou em fevereiro de 2006 com a seguinte chamada secundária de capa: Carnaval - Folião ou zen? Escolha seu roteiro”. O texto é um roteiro de praias isoladas, algumas habitadas por caiçaras, onde o turista poderia se isolar no feriado de carnaval.

Em Ubatuba foram citadas a vila de Picinguaba, refúgio de pescadores e a praia da Almada que “abriga mansões e tem boa infraestrutura com restaurantes à beira mar, mas pescadores locais ainda cultivam os costumes caiçaras”. (*BEACH&CO* n.45, 2006, p.20). Entre as praias tranquilas de Ilhabela estão Bonete e Castelhanos onde as comunidades caiçaras preservam a cultura local, apesar da estrutura dos bares, restaurante e pousadas na vila. Em São Sebastião, as comunidades citadas foram a Ilha dos Gatos, das Couves e Montão de Trigo. Uma das fotos da reportagem é de dois jovens remando uma canoa caiçara em Picinguaba, cena típica da cultura regional. Este texto identificou algumas praias habitadas por pescadores.

Na coluna “Rota Gourmet”, ainda nesta edição, há duas fotos de pescadores da cidade de Porto Belo, em Santa Catarina, onde a Cultura Caiçara também é preservada. A revista não circulou em março de 2006, já que na **46ª edição** constam conteúdos de eventos do mês de abril como a reportagem de capa sobre a *VI Festa do Índio* em Bertioga. O caiçara esteve ausente nas páginas da revista nesta edição.

A **47ª edição** circulou em maio. A cultura caiçara foi evidenciada em duas fotos, uma da vista aérea de Bertioga com barcos de pesca artesanal e outro de um pôr do sol com pescadores trabalhando. Fotografia aérea semelhante apareceu no anúncio “Conheça Nossa História” da prefeitura de Bertioga.

A reportagem “O grande e rico Juqueriquerê”, focou o passeio turístico feito neste rio que é o maior em extensão no Litoral Norte. O caiçara Pedro Paes Sobrinho, que vive no bairro Porto Novo, em Caraguá, nas margens do rio há mais de 60 anos, foi o guia do passeio. Ele falou do trabalho desenvolvido pela Acaju (Associação Caiçara do Juqueriquerê), que visa proteger e recuperar o ecossistema habitado pela comunidade caiçara. As três fotos deste texto são de barcos pesqueiros, pescadores e casas do local. (*BEACH&CO* n. 47, 2006, p.51).

A **48ª edição** circulou em junho tendo no Sumário a foto de um prato da culinária regional com camarão: “Celebração da cultura caiçara”³². A linha fina mostrou o enfoque do texto que foi o “Pescador, centro das atenções na 9ª Festa do Camarão [em Caraguá]”. Cinco

32 A reportagem não foi analisada porque foi escrita por Bruna Vieira Guimarães, autora desta tese.

fotos de Adriana Coutinho retrataram o camarão no momento em que foi capturado na rede de pesca, posteriormente frito e servido no espetinho, além de um rancho de pau a pique e do pescador cunhando uma canoa (processo de fabricação de canoa a partir do tronco de uma árvore). Retratos da Cultura Caiçara.

O primeiro parágrafo abordou aspectos da sabedoria dos pescadores.

Pela cor da água do mar e pela direção dos ventos, os caiçaras já sabem qual tipo de peixe estará disponível naquele dia. O tamanho, o barulho e a intensidade das ondas, e até mesmo a posição da lua, têm significados importantes para o cotidiano deles e essa sensibilidade em relação à natureza é imprescindível para o exercício de uma das mais belas e antigas profissões da humanidade - a de pescador. E a 9ª Festa do Camarão [...] homenageará essa cultura. (*BEACH&CO* n.48, 2006, p.26).

O texto explicou o período do defeso do camarão.

A festa, organizada pela Fundação Cultural e Educacional de Caraguatatuba (Fundacc), ao lado do Entrepasto de Pesca do Camaroeiro, no Centro de Caraguatatuba, marcará o fim do defeso, período de reprodução do camarão, quando sua pesca fica proibida. Na abertura, pescadores artesanais saem para o mar e voltam com suas redes cheias, enquanto, nas barracas, suas famílias preparam pratos típicos como camarão no bafo, feijoada branca e o azul marinho - um prato à base de peixe com banana verde, entre outros. A verba arrecadada é repartida entre os pescadores. (*BEACH&CO* n.48, 2006, p.26-27).

A programação da festa teve corridas de canoa (esporte caiçara); demonstração do feitiço da farinha de mandioca; exposição de artesanato típico feito em barro, fibras de bananeira, cipó e esculturas de madeira; apresentações musicais e teatrais; montagem de mastro numa canoa com vela; exibição de dois documentários com a história oral de famílias de pescadores; contação de lendas da região e inauguração de câmara fria para a compostagem dos restos de peixes.

Uma reportagem com base em dados oficiais da Fundacc, organizadora da festa e instituição ligada à Prefeitura, com citação de aspectos da Cultura Caiçara. Nenhum caiçara foi ouvido, nem os conteúdos dos documentários e lendas foram esmiuçados. A edição ainda contou com o anúncio “Arraiá Caiçara”, da Prefeitura de São Sebastião, cuja palavra caiçara foi usada apenas para nomear a festa junina da cidade. Foram duas páginas dedicadas à Cultura Caiçara, o que representa nem 5% no total de 68 páginas desta edição da revista.

A **49ª edição** circulou em julho de 2006. No Sumário constaram duas fotos relacionadas à Cultura Caiçara, uma da festa da tainha em Bertioga e outra de uma artesã caiçara mostrando os objetos feitos com bambu. O primeiro texto da festa da tainha foi puramente institucional e contribuiu para o leitor conhecer a variedade de pratos feitos com

este peixe. Já o segundo texto³³ abordou o trabalho da artesã Ditinha manuseando o bambu para fazer balaies, abajures, luminárias, cestas, bolsas, suporte de panela e peneiras com bambu.

Os dois primeiros parágrafos do texto revelam detalhes da produção do artesanato.

Não há livro didático, nem regras rígidas para aprender a transformar bambu em arte, apenas criatividade, como bem mostra Ditinha, moradora da Ilha de Búzios, em Ilhabela, cujo gosto pela arte de trançar bambu foi adquirido na infância, quando ela olhava sua avó fazer cestas e utensílios para uso da casa. Benedita Aparecida Leite Costa, este é o seu nome, conta: “Na minha adolescência, eu fazia as cestas ‘por fazer’. Não adiantava produzir mais, porque não tinha para quem vender. Até que um dia, fui para a cidade levando os balaies e um ‘turco’ se interessou. Nos animamos, porque ele pagava em dinheiro. Éramos umas dez mulheres e, há cerca de 20 anos, começamos a produzir por encomenda. Depois disso, nunca mais parei. Foi com este dinheiro que ajudei minha filha a estudar. Hoje, ela faz curso técnico de enfermagem e trabalha no Posto de Saúde”. (BEACH&CO n.49, 2006, p.32).

Acima um relato importante do artesanato utilizado como fonte de renda pelas mulheres de pescadores na Ilha de Búzios. A seguir Ditinha relata o pouco interesse dos jovens no feitiço do artesanato.

Há dois anos, Ditinha é monitora da Fundação Arte e Cultura de Ilhabela, onde ensina artesanato. Toda semana, ela, o marido e o filho, enfrentam uma viagem de 2h30 de barco - percurso da Ilha de Búzios ao Centro de Ilhabela - para ministrar a oficina de arte. “E já tenho alunas que estão fazendo para vender”, diz com sorriso de ‘dever cumprido’. Mas ela tem uma queixa: o desinteresse dos mais jovens. “Só os mais velhos querem aprender a fazer os balaies. Os mais novos não têm vontade, nem lá na comunidade. No começo, o bambu corta e machuca a mão, mas, depois, a pessoa ‘pega o jeito’”, explica com o conhecimento de quem produz até 25 peças por mês. [...] O processo de fabricação dos objetos começa com a escolha do bambu taquaruçu -que não junta bicho e tem durabilidade de décadas-, depois segue-se o corte do bambu em tiras de três a cinco milímetros de espessura e, por fim, ‘embala’ (trança as varetas). “Imagino a peça antes de fazer, mas não tem medidas. Sempre começo com a vareta mais fina e depois aumento. Todas as peças ficam iguais, a não ser quando quero criar um objeto novo”. (BEACH&CO n.49, 2006, p.32-33).

Apesar de só Ditinha ter sido entrevistada, o texto e as fotos ajudaram a entender a importância do artesanato para as mulheres da comunidade caiçara de Búzios, inclusive como fonte de renda, bem como foi detalhado a produção de criação das peças feitas com bambu e folha de bananeira, colhidas na própria Ilha.

Outra comunidade presente nesta edição da *Beach&Co* foi à da praia do Góes, em Guarujá que “abriga apenas um pequeno povoado de gente hospitaleira, que procura manter

33 A reportagem foi escrita por Bruna Vieira Guimarães, autora desta tese.

as tradições locais. A comunidade, inicialmente formada por pescadores, com o tempo abandonou sua principal atividade por falta de incentivo e escassez cada vez maior de peixes. Mesmo assim, o amor e respeito pela natureza continuam”. (*BEACH&CO* n.49, 2006, p.28).

São cerca de 80 casas na praia do Góes, muitas habitadas por caiçaras, mostrados no texto como simpáticos e hospitaleiros, pois aprenderam a conviver com os turistas.

A escassez de peixes, muitos moradores saíram em busca de trabalho no Porto de Santos ou nas indústrias da baixada santista. As dificuldades os uniram mais ainda e perceberam que teriam que se organizar para viver com conforto, sem abrir mão das características do local. Em 1999, fundaram a Associação de Moradores da Praia do Góes, para a qual, cada um dos 250 moradores contribui com uma taxa mensal. Eles sabem a importância da preservação do meio ambiente, como chamariz turístico e, a isto, agregam simpatia e disposição de oferecer bem-estar às pessoas que visitam a praia do Goés. (*BEACH&CO* n.49, 2006, p.28-29).

Apesar do texto acima não focar comunidades que habitam o litoral norte paulista, região analisada nesta tese, o relato revela características da Cultura Caiçara, como a preocupação com a natureza, a escassez da pesca que fez com que pescadores buscassem outros trabalhos, a relação de respeito entre o caiçara e os turistas, e o fato de terem se organizado em uma associação para reivindicar melhorias na praia que habitam.

A **50ª edição** foi a primeira a estampar na capa o mês, neste caso agosto, da publicação. Não constam conteúdos sobre a Cultura Caiçara na edição que teve apenas com um texto abordando uma das quatro cidades do Litoral Norte.

A **51ª edição** circulou em setembro e teve duas chamadas secundárias de capa: “Ilhabela - De portas abertas para o mundo” e “Quilombo - Luta pela terra na Praia de Caçandoca”. O texto da primeira chamada sobre Ilhabela citou a presença das comunidades de caiçaras que vivem no arquipélago.

“A ilha possui 22 comunidades isoladas, nas quais história, cultura e tradição estão preservadas”, (*BEACH&CO* n.51, 2006, p.21). Este texto foi ilustrado por cinco fotos, sendo duas com embarcações de pesca artesanal que também são utilizadas para fazer passeios náuticos.

No editorial consta a foto de uma canoa caiçara na praia da Caçandoca em Ubatuba, que remete a reportagem sobre o “Quilombo da Caçandoca” que não citou a palavra caiçara. No entanto, esta comunidade é também caiçara, já que muitos moradores são nascidos no litoral e preservam hábitos da cultura litorânea, tendo como principais fontes de renda, a pesca, o cultivo de marisco e a agricultura familiar.

Os costumes religiosos destes negros e caboclos caiçaras estão descritos na reportagem que informa que eles participam da procissão marítima da Festa do Divino, das festas de São Benedito, São João, Santo Antônio e São Pedro (padroeiro dos pescadores). “Os quilombos defendem o território e os costumes dos seus ancestrais”. (BEACH&CO n.51, 2006, p.42). Vivem em comunidade e cultivam hortas coletivas.

“O mais importante é este sentimento de coletividade. Estamos resgatando o modelo de produção ‘de meia’, no qual o quilombola dona da roça convocava os demais para trabalhar em sua terra por determinado tempo. Na colheita, metade da produção ficava com o proprietário da terra, e a outra metade era distribuída pelos trabalhadores que manejaram a terra. Sozinho o quilombo não pode nada”, diz Antônio [dos Santos que presidia a Associação local]. BEACH&CO n.51, 2006, p.42 – *grifos da autora*).

A produção ‘de meia’ foi muito usada também pelos caiçaras, quilombolas ou não, no final das pescarias de tainhas e outros peixes.

Na editoria *Comportamento*, outra notícia registrou o ofício caiçara de “Trançar redes, uma arte em extinção”. As quatro fotos do texto mostraram o pescador Elias Salomão, único entrevistado, fazendo e concertando redes de pesca,

Ele desfia a ‘manta’, enrola o fio na agulha de plástico e começa a tecer a rede usando malhas -tábuas de medidas-. Este ritual, quase extinto, ainda é praticado por Elias Romão, pescador de 67 anos que, hoje, ensina seu ofício a crianças, em Ilhabela. “Aprendi olhando meu avô e meu pai. As primeiras redes foram feitas com 16 anos, mas só usava para pescar. Sou fanático por ensinar crianças. Algumas não prestam atenção. Outras, com quatro aulas, produzem cinco metros de rede. Uma aluna fez até saia de rede”, relatou Elias Romão. (BEACH&CO n.51, 2006, p.48).

O texto traz um perfil de Elias que começou a pescar profissionalmente no mar aos 17 anos, tendo adquirido experiência na Praia Mansa, uma comunidade tradicional de Ilhabela, onde nasceu. Mais tarde foi trabalhar com pesca em Santa Catarina/PR e voltou para o Litoral Norte Paulista, atuando também na Marinha do Brasil.

O pescador explica os diversos tipos de malha que produz: “a de número 3 é usada em redes de pesca de sardinha. As malhas de 4 a 6 são boas para pegar parati. As de número 7 e 8 são as redes de balanço. As mais usadas são as 10 e 11, que pescam tainha, enchova, bonito e cação. Já fiz rede com 113 braças -medida do tamanho dos braços abertos-. Demorei mais de três meses para terminar. Uso ela para pescar em local profundo”. Elias diz que, atualmente, não pesca muito, prefere se entreter nas aulas da Fundação Arte e Cultura de Ilhabela. As aulas acontecem no Centro da cidade e na Sociedade Amigo do Reino. “O problema de hoje é que os pescadores compram redes industriais que custam o mesmo que uma artesanal. Depois vão consertando. A arte de trançar rede está diminuindo e os jovens não se interessam”, afirmou. (BEACH&CO n.51, 2006, p.48-49).

No final do texto, Elias confirma também a extinção da arte de trançar redes, já que os atuais pescadores preferem comprar redes prontas a produzir as redes artesanais.

A **52ª edição** publicou matérias sobre “Flores Tropicais” no litoral paulista e “Observação de aves” em Ubatuba, mas não citou o conhecimento do povo caiçara sobre a natureza. Outro texto sobre a Plataforma de Pesca em Mongaguá optou por entrevistar pessoas que pescam por diversão do que os pescadores artesanais profissionais. Portanto, o caiçara não foi lembrado na edição de outubro, nem na **53ª edição** de novembro.

A **54ª edição** da *Beach&Co* veio mais requintada, passando a ter borda lateral quadrada na revista e não mais acabamento com grampos. A edição de 100 páginas foi a mais robusta até este mês de dezembro de 2006, sendo 42 páginas de publicidades.

A reportagem “Relíquias de Caraguatatuba” convidou o leitor a conhecer monumentos e prédios históricos na cidade, entre eles a Praça do Caiçara que “abriga uma fonte, cuja base em formato de caraguatá -espécie de bromélia- representa a planta que nomeia a cidade e, no centro, quatro canoas remetem às comunidades pesqueiras da cidade”. (*BEACH&CO* n.54, 2006, p.66). O texto ainda revelou que o Museu e o Pólo Cultural faziam a exposição de fotos “Mar de Homens” documentando a pesca artesanal no litoral brasileiro. Portanto, registros de que a cidade tem sua história marcada pela Cultura Caiçara.

A próxima reportagem, “Toque-Toque - Duas praias, um mesmo visual: belíssimo!” 34, mostrou estes dois redutos caiçaras na costa sul de São Sebastião como atrativos turísticos de beleza natural. O pescador João foi entrevistado e citou a culinária local, as festas religiosas e a corrida de canoa caiçara.

Em matéria de alimentação, em Toque-Toque Grande há uma única barraca, a do pescador João, que oferece porções de peixes e bebidas, enquanto que, em Toque-Toque Pequeno, a diversidade de barracas é maior. [...] A cultura caiçara está presente nos dois locais. Toque-Toque Grande promove a Festa de Santana todo dia 25 de julho, em frente à Capela de Nossa Senhora da Conceição. Toque-Toque Pequeno realiza a tradicional Corrida de Canoa no sábado de Aleluia, com a participação de remadores de todo o litoral. (*BEACH&CO* n.54, 2006, p.66).

O subtítulo Vila de Pescadores deu voz aos pescadores Jair e João que falaram da tradição pesqueira.

Na Vila de Pescadores de Toque-Toque Grande, encontram-se simpáticas figuras como os pescadores João Carlos de Oliveira Neto, o Joãozinho, e Jair

34 A reportagem foi escrita por Bruna Vieira, autora desta tese, e por isto não foi selecionada para ser analisada no último capítulo.

de Matos Borges, conhecido por sua longa barba. Eles são verdadeiros ‘professores’ de pesca, tal a sua experiência e conscientização sobre a preservação da natureza, já que utilizam a ‘rede de cerco flutuante’, uma técnica não predatória, que devolve ao mar os peixes pequenos. “Antigamente, íamos visitar a rede quatro vezes por dia, hoje são duas porque não tem peixe. Foi-se o tempo que navegávamos duas horas e meia de barco para pescar cação”, diz Jair. O pescador João alerta sobre a ação predatória de mergulhadores. “Com seus arpões, eles físgam todos os peixes que veem pela frente e prejudicam a fauna e flora marinha”. (*BEACH&CO* n.54, 2006, p.66).

Acima o registro de técnicas pesqueiras ainda praticadas por pescadores de São Sebastião, que foram melhores detalhadas no Segundo Capítulo. No trecho a seguir, a jornalista fez um registro autoral.

No meio da conversa com estes dois pescadores, nossa equipe foi surpreendida por um visitante inusitado - o pica-pau Piriri, que adora passear pelos ranchos [de pesca] em busca de alimento. “O Piriri tem até cama na casa da sua dona, a Silvana. Ele não tem medo de gente e sua memória é muito boa”, afirma Jair. (*BEACH&CO* n.54, 2006, p.66).

A reportagem foi finalizada com a fala de dois moradores.

Os moradores que vivem no local habitam um pedaço do paraíso, pois, além de tanta beleza, também há tranquilidade como dizem Pedro Fernandes Filho e Waldir Alcântara de Moura: “Aqui não chegaram os homens ruins (ladrões)”, diz Waldir. “Fui criado aqui e aqui criei meus quatro filhos”, completa Pedro. (*BEACH&CO* n.54, 2006, p.66).

O texto e as fotos de canoas, cachoeiras, praias e rancho de pesca contribuíram para o leitor conhecer as belezas e peculiaridades das praias de Toque-Toque Pequeno e Toque-Toque Grande, bem como tomaram conhecimento das festas religiosas caiçaras, da presença de pescadores tradicionais e moradores que gostam da tranquilidade das praias. O texto ainda citou a técnica da pesca não predatória -rede de cerco flutuante-, mostrou que o pescador Jair preserva a natureza e mantém uma barraca na praia onde vende porções de peixe e bebidas, buscando outra fonte de renda, além da pesca.

As **onze edições de 2006** mostram o crescimento da revista em qualidade gráfica e de papel, no visual, nas fotos, nos textos e no número maior de páginas. Foi o ano da estreia da coluna Rocambole que trouxe poesias e literatura para a publicação e de artigos assinados por profissionais das áreas de arquitetura, medicina e sustentabilidade.

Nas capas figuraram imagens do melhor jogador de futebol do mundo - Pelé, do Teatro Coliseu, do Porto, dos museus e dos Jardins da orla santista; da Festa do Índio em Bertiooga (capas com índios se repetiram na publicação, privilegiando o maior vento na cidade sede da revista); de um tucano, do oceanógrafo francês Jacques Cousteau, de flores tropicais e

da Riviera de São Lourenço, capa na edição de janeiro, mês de alta temporada de verão e de maior repercussão na revista.

O caiçara esteve ausente em quatro das onze edições deste ano e apenas a reportagem sobre a comunidade da praia da Fome, em Ilhabela, com entrevistas feitas com guias de ecoturismo e o caiçara Mario Santos, morador que sustenta a família com a pesca, foi selecionada para análise. Outros aspectos do povo nativo do Litoral Norte foram mostrados em 2006 como a existência de comunidades caiçaras em Picinguaba e Almada (Ubatuba), Ilha dos Gatos, das Couves e Montão de Trigo (São Sebastião), Bonete e Castelhanos (Ilhabela), estas duas últimas integram as comunidades isoladas³⁵ do arquipélago, como citado na revista.

Neste ano a revista registrou a presença da Cultura Caiçara em localidades que não estão no litoral paulista, como na cidade de Porto Belo, em Santa Catarina. Moradores da praia do Góes (Guarujá) relataram a escassez da pesca que fez com que pescadores buscassem outras fontes de renda, a relação de respeito deles com os turistas e a criação de uma associação para reivindicarem melhorias na comunidade.

O caiçara Pedro Paes Sobrinho, que vive há mais de 60 anos nas margens do rio Juqueriquerê, no Porto Novo (Caraguá), revelou o trabalho de recuperação do ecossistema feito pela Acaju (Associação Caiçara do Juqueriquerê). Os caiçaras do bairro Porto Novo foram objeto de estudo da socióloga Sílvia Regina Paes (2002), filha do entrevistado Pedro Paes, como consta no Segundo Capítulo.

A programação da 9ª Festa do Camarão resumiu o que Caraguá preserva de cultura tradicional, citando corrida de canoa; demonstração do feitio da farinha de mandioca; exposição de artesanato típico feito em barro, fibras de bananeira, cipó e esculturas de madeira; apresentações musicais e teatrais; montagem de mastro numa canoa com vela; exibição de documentários com a história oral de famílias de pescadores; contação de lendas da região; e inauguração de câmara fria para a compostagem dos restos de peixes.

Ainda em Caraguá, o leitor soube que no Centro da cidade tem a Praça do Caiçara, e que na vizinha São Sebastião, as praias de Toque-Toque Pequeno e Toque-Toque Grande são habitadas por pescadores que mantêm a técnica da pesca não predatória -rede de cerco

35 Levantamento feito pelos documentaristas Márcio Bortolusso e Fernanda Lupo revelam que em 2012 já não eram 22 comunidades isoladas em Ilhabela, mas 17. Destas, três comunidades deixaram de existir, seja porque os moradores migraram (Eustáquio e Enchovas), como, no caso da comunidade de Jabaquara, que passou a ser moradia de caseiros -muitos não caiçaras. Portanto, 899 pessoas habitam as atuais 14 comunidades: Ilha da Vitória, Ilha dos Búzios (e Porto do Meio), Fome, Serraria, Guanxumas, Mansa, Vermelha, Figueira, Sombrio, Toca, Bonete e, em Castelhanos, o Canto do Ribeirão e o Canto da Lagoa. Apenas Bonete e Castelhanos têm estrutura básica (pousadas e lanchonetes) para receber turistas. Disponível em: www.viagensecologicas.com.br. Acesso em: nov. 2013.

flutuante-, e que eles celebram festas religiosas caiçaras (tema do livro-reportagem “Nas tramas da rede”, da jornalista Regina de Brito Rodrigues (2000), analisado no Segundo Capítulo).

A artesã caiçara Ditinha que transforma bambu em arte e mora na Ilha de Búzios (amplamente analisada por Emilio Willems em obra publicada em 1952), mostrou a importância do artesanato feito por mulheres desta comunidade de Ilhabela, como complemento da renda familiar. O pescador Elias Salomão contou sua história de vida e de um dos seus principais afazeres que é trançar redes de pesca. Ele confirma que é uma arte em extinção, pois os atuais pescadores preferem comprar redes prontas do que produzi-las artesanalmente.

Em 2006 a revista publicou reportagem sobre a comunidade caiçara do Quilombo da Caçandoca, que mesmo sem mencionar a palavra caiçara no texto, mostrou que eles preservam hábitos da cultura litorânea tendo como principais fontes de renda a pesca, o cultivo de marisco e a agricultura familiar. Também participam da procissão marítima na Festa do Divino, de São Benedito, São João, Santo Antônio e São Pedro (padroeiro dos pescadores), bem como usam o método da produção ‘de meia’ para dividir as tainhas e outros peixes. Os aspectos acima foram descritos no Segundo Capítulo, por meio dos volumes da “Enciclopédia Caiçara” organizadas por Diegues.

A edição de dezembro deste ano foi um marco na qualidade da impressão da revista que passou a ter borda lateral e veio mais robusta, com 100 páginas. Os principais fatos da região publicados pela revista no ano foram: Santistas têm o maior jardim de orla do mundo com mais de 200 mil m² e muitas opções de lazer, esporte e cultura; Aquário de Santos reabre com mais e melhores atrações; Unaerp/Guarujá e Petrobras selam parceria solidária para formação de líderes e implantação de cooperativas de geração de emprego e renda; teatro Coliseu de Santos volta a encantar depois de 30 anos fechados; Ilhabela será sede de uma das fases da Global Ocean Challenge 2007/2008 (regata mundial de vela); Tudo é superlativo no que se refere ao gigante Porto de Santos; O mistério e a magia do povo cigano; Quilombo da Caçandoca, uma das 35 comunidades existentes no estado de São Paulo, conserva aspectos do Brasil-Colônia; Parque dos Tupiniquins de Bertioga de cara nova; Indaiatuba lança projeto biodiesel urbano de 3ª geração.

A análise da cultura da “mídia *Beach&Co*” em 2006 levou a compreensão dos pontos fortes e sensíveis, as forças políticas em disputa (no caso dos remanescentes quilombolas, por exemplo), das esperanças (no caso do projeto de biodiesel urbano lançado em Indaiatuba) e dos temores da população (por exemplo, no fato do pescador Elias confirmar que os jovens

não se interessam em aprender a ‘tecer’ redes de pesca, colocando em risco a produção deste tipo de artesanato na região).

Na reportagem do artesanato, feito pela buziana Ditinha, ficou evidente o “sujeito do iluminismo”, descrito por Stuart Hall (2003) que nasce na comunidade tradicional, cultiva valores simples com base na subsistência e preserva esta essência (estilo de vida) por toda sua existência. O caso do pescador Elias que faz redes de pesca, encaixa-se mais no “sujeito sociológico”, que valoriza o local onde nasceu, sua classe social, sua cultura, e que está sofrendo influência do mundo exterior, nas interações que permeiam seu ambiente social.

12 edições da revista *Beach&Co* em 2007 | Da 55ª a 66ª edição

Circulou em janeiro de 2007, a **55ª edição** da revista com a reportagem “Maresias... sempre Maresias”³⁶, na editoria de *Turismo*, que mostrou contrapontos do badalado bairro da costa sul de São Sebastião. O texto inicia com um resumo dos atrativos da praia. “Além das boas ondas, noites agitadas e restaurantes requintados, a bela praia conta com lindas paisagens naturais e, ainda, com parte de sua história preservada pelos poucos caiçaras que sobrevivem ao “boom” imobiliário”. (*BEACH&CO* n.55, 2006, p.16).

No meio do texto há a descrição do projeto “Maratona Ecológica” desenvolvido por hoteleiros do bairro para atrair estudantes e públicos diferenciados fora do período da temporada de verão. O caiçara apareceu na terceira e última parte da reportagem, no intertítulo “Poucos conhecem...”:

Apesar do refinamento e modernidade dos hotéis e restaurantes, o bairro de Maresias preserva algumas edificações históricas de sua origem quando habitada por caiçaras, como a igreja de São Benedito, que mantém a festa do padroeiro e de Nossa Senhora de Santana. (*BEACH&CO* n.55, 2006, p.20).

A foto do pescador Daniel Nerino Moreira, 45 anos, introduz o caiçara na reportagem e mostra como ele sobrevive da pesca.

Dos cinco mil moradores de Maresias, menos de mil e quinhentos são caiçaras. Desses, não passam de dez os pescadores que sobrevivem do mar. Os moradores até entendem de pesca, mas não têm documentação. Contribuí 34 anos como pescador e por isto estou me aposentando. Mas continuarei pescando porque tenho muitas redes e quatro canoas. Eu mesmo faço as redes de pesca. Os caiçaras armavam as redes de espera e iam visitar várias vezes no dia. Depois do almoço, descansávamos numa rede de descanso e pelo balanço do mar, sabíamos a quantidade e qualidade dos peixes que estavam na rede. (*BEACH&CO* n.55, 2006, p.20).

³⁶ A reportagem não foi analisada porque foi escrita por Bruna Vieira, autora desta tese.

Relato minucioso da vida atual deste pescador que optou por continuar vivendo em Maresias, no bairro em que nasceu, apesar das mudanças. Outro pescador, Reinaldo João Tavares, 78 anos, contou como era o bairro e a pesca antigamente. Ela apareceu numa foto coçando a cabeça, meio que ressabiado ao relatar suas aventuras no mar.

Na época que não tinha estrada, tudo chegava do mar. Aqui sempre teve telefone, então combinávamos de ir juntos de Ubatuba até Santos. Íamos umas seis canoas a remo. A viagem durava de quatro a cinco dias. Parávamos para dormir. Quando o vento batia, amarrávamos o lençol pra empurrar a canoa. Mas muita gente morreu assim. Levávamos batata, pimenta e banana pra Santos. (*BEACH&CO* n.55, 2006, p.20).

Daniel Moreira contou também como cuida de suas canoas caiçaras.

Arte caiçara - Ajudei a fazer minhas canoas de madeira, a mais velha tem 70 anos. Comprei de outro pescador. Ela é feita de 'pau' (tronco de uma única árvore). O que ajuda a conservar é a pintura. Sempre vou revezando elas no mar. Hoje, os órgãos ambientais não deixam mais cortar 'pau'. Só se fizer uma tempestade muito grande para um 'pau' cair. (*BEACH&CO* n.55, 2006, p.21).

A reportagem foi finalizada com uma reflexão de Reinaldo.

Simpatia de 'mareado' - A profissão de pescador é sacrificada, mas gosto. Não aprendi com meu pai, porque ele não gostava de pescar. Desde criança acompanhava os pescadores no mar. No começo eles tinham que me trazer de volta pra terra porque eu enjoava, ficava 'mareado'. Até que fiz uma simpatia de comer o peixe dentro da barriga do outro. É só lavar e assar, não pode salgar. E não é que deu certo. Nunca mais enjoei. (*BEACH&CO* n.55, 2006, p.21).

A reportagem trouxe parte do universo simbólico do caiçara por meio da simpatia de mareado, no uso das canoas, a dificuldade versus o amor pela profissão de pescador e algumas mudanças ocorridas no bairro de Maresias. Uma das principais foi investidores comprarem terrenos e casas de caiçaras na beira do mar por valores baixos e construírem ali empreendimentos de alto valor. Este processo conhecido como 'boom imobiliário' foi intensificado na década de 1970 em diante, sendo um dos responsáveis pela expulsão do caiçara de seu habitat natural, a praia, passando a habitar os sertões e vilas nos bairros.

Outra reportagem desta edição da revista citou a empresa Caiçara Passeios que disponibilizava guias para fazer a trilha ao Pico do Baepi com mais de mil metros de altitude, em Ilhabela.

No meio da revista, uma terceira reportagem³⁷ mostrou a atividade de 120 famílias de agricultores caiçaras que plantavam café e mandioca, e hoje vivem do cultivo da banana no sertão do Ubatumirim, em Ubatuba.

A melhor época para colher a banana-ouro é no verão. A escolha dos cachos que estão ‘no ponto’ é feita manualmente. Com apenas um facão na mão, o agricultor corta os cachos e acumula-os nas costas até completar 15 unidades. O mais curioso é que as bananas não amassam. A principal dificuldade dos agricultores caiçaras de Ubatumirim é a comercialização. “Agora no verão, que as bananas estão boas, não temos pra quem vender. O problema são os atravessadores. Vendemos na feira da cidade, mas esta não consome nem metade do que produzimos. Se a banana passa do ponto, serve de adubo e alimentação de pássaros. Pra sustentar minha família, tenho que ficar no trabalho da marcenaria, mas gosto mesmo é da roça”, relata o agricultor Neri Barbosa. (BEACH&CO n.55, 2006, p.50).

A técnica de plantar a banana foi repassada pelos antepassados.

“Cada espécie tem um tempo diferente para engordar e ficar bonita. Usamos o sistema agroflorestal sem agrotóxico que preserva o meio ambiente. Misturamos as espécies de banana com plantações de mandioca, abóbora, inhame, feijão e outros. O maior perigo de roçar no meio da mata são as cobras”, diz Neri Barbosa. Desde 2005, o bairro de Ubatumirim é considerado Zona Histórica, Cultural e Antropológica como consta no Plano de Manejo do Parque Estadual da Serra do Mar - Núcleo Picinguaba. Esta foi uma maneira do Parque aceitar as comunidades caiçaras que vivem no local há sete gerações. (BEACH&CO n.55, 2006, p.50).

Os moradores de Ubatumirim ainda usam a fibra da banana para fazer artesanatos como caixa de presente, jogo americano, chapéu, tapete, cestos, esteiras, bolsas e chinelos. Outra forma encontrada por moradores do litoral para comercializar a banana foi vendê-la em barracas improvisadas nos acostamentos das rodovias. Esta foi uma das poucas reportagens da revista que descreveu de forma ampla e completa, a atividade dos caiçaras agricultores.

Em comemoração aos cinco anos de publicação, a **56ª edição** veio com um novo projeto gráfico, mais moderno e sofisticado, explicado no Editorial.

Mudar é uma característica inerente ao ser humano. De tempos em tempos, precisamos dar uma reformulada no visual, uma sacudida no humor, uma arejada no espírito. Deixar fluir novas ideias, explorar, ousar. O conceito de mudança está sempre ligado à renovação, à motivação e, por que não, até à esperança... E é com este espírito que começamos 2007, ano em que a **Beach&Co** festeja 5 anos de publicação (nº01-janeiro/2002). Desde dezembro, a revista tem sido editada com novas seções e colaboradores. Tudo pensado com carinho, pois nossa meta é oferecer uma publicação útil, prazerosa e que torne o seu dia-a-dia mais agradável, sem abrir mão da qualidade e variedade da informação. Para marcar ainda mais a data, esta

37 A reportagem não foi analisada porque foi escrita por Bruna Vieira, autora desta tese.

edição de fevereiro apresenta um novo projeto gráfico. (*BEACH&CO* n.56, 2007, p.06).

Duas reportagens desta edição abordaram o caiçara de forma indireta. A primeira da editoria História abordou as paneleiras de São Francisco, em São Sebastião. Consta que a última panelreira do bairro, Adélia Barsotti faleceu em 2003 aos 86 anos, “mas a arte que parecia estar com os dias contados ganhou novas adeptas e, hoje, 15 pessoas encarregam-se de difundir a habilidosa tarefa de transformar barro em utensílios por meio do método artesanal do acordelamento (grandes tranças de barro)”. (*BEACH&CO* n.56, 2007, p.25).

O texto revelou que ao menos a técnica do acordelamento foi mantida, mas que a produção deste tipo de artesanato já não é vinculada com a arte caiçara. A palavra caiçara não apareceu no texto.

A segunda reportagem foi da praia de Camburi, na costa sul de São Sebastião,

Os poucos pescadores, artesãos, roceiros e comerciantes que vivem no local, cultivam a cultura caiçara. Na Rua da Praia e no sertão é possível encontrar objetos de arte típicos, como os trabalhos multicoloridos feitos em caxeta (tipo de madeira) que retratam a fauna e flora da região. (*BEACH&CO* n.56, 2007, p.41).

Registro de que em Camburi há produção de artesanato caiçara. A **57ª edição** de março de 2007 também citou outras praias da costa sul de São Sebastião, habitadas por caiçaras, na reportagem de capa intitulada “As ‘jóias’ da Costa dos Alcatrazes”. Na praia de Boraceia “em junho, ocorre à tradicional festa da Tainha, que reúnem turista e moradores na pesca do arrastão”. (*BEACH&CO* n.57, 2007, p.11). Em Juquehy, “alguns caiçaras e pescadores ainda sobrevivem da pesca e são responsáveis por mais uma das cenas cotidianas com seus apetrechos e peixes fresquinhos”. (*BEACH&CO* n.57, 2007, p.12). E a praia de Santiago, “[...] nos dias de mar calmo é muito procurada por pescadores e mergulhadores”. (*BEACH&CO* n.57, 2007, p.13). As fotos que ilustraram a reportagem são das praias e uma do rio Una com várias embarcações de pesca artesanal.

A edição contou com uma reportagem sobre o projeto TerrAmar, de cerâmica em Caraguá, que é uma arte praticada por caiçaras, mas o povo nativo não foi citado. Nas páginas de coluna social, há uma foto do casal Daniel de Almeida e Taís Bechara, acompanhada da legenda: “Caiçaras convictos não se renderam aos encantos dos países de primeiro mundo e voltaram para a terra natal”. (*BEACH&CO* n.57, 2007, p.60).

Circulou em abril, a **58ª edição** com uma reportagem sobre o aniversário de 150 anos de Caraguá. O texto focou projetos voltados ao turismo como a inauguração de um teatro para 600 lugares e a possível instalação de um “teleférico no Morro do Camaroeiro permitirá uma

bela visão da praia que leva o mesmo nome e é reduto de pescadores”. (*BEACH&CO* n.58, 2007, p.18). As fotos mostraram ranchos de pescadores, píer e a praia da Freira habitada por caiçaras.

Outra reportagem foi sobre os atrativos da praia de Boiçucanga, na costa sul de São Sebastião. “No canto esquerdo, onde deságua o Rio Boiçucanga, concentram-se pequenos barcos de pescadores locais, que sobrevivem da pesca e mantêm a tradição caiçara de seus antepassados”. (*BEACH&CO* n.58, 2007, p.59). De Boiçucanga saem barcos de passeio para “[...] a Ilha do Montão de Trigo, habitada por cerca de 60 moradores, que mantêm hábitos tradicionais da cultura caiçara”.

Sidney Teixeira, 53 anos, nascida e criada em Boiçucanga foi entrevistada na reportagem e contou sobre as festas tradicionais do bairro, “como a de Nossa Senhora da Conceição e a Corrida de Canoas na Passagem de Ano estão vivas e contam, inclusive, com a participação de turistas e veranistas”. (*BEACH&CO* n.58, 2007, p.60-61).

A artesã caiçara revelou que há 40 anos, a praia de Boiçucanga era cercada por árvores como jundú, arará, pitanga, abricó, cactos e outras. Ainda citou que o bairro expõe e vende na Praça do Por do Sol, artesanato caiçara e indígena feitos com madeira, caxeta e toboa.

A **59ª edição** circulou em maio de 2007 trazendo na capa a presença da cultura do negro banto no Litoral Norte Paulista. A reportagem mostrou a produção de um documentário que seria lançado no final daquele ano por uma ONG de Caraguá relacionando a cultura negra com a Cultura Caiçara. Única reportagem da *Beach&Co* a intuir que o caiçara é um povo originário da mistura do negro, do branco e do índio. Nas 120 edições analisadas da revista, não há outros registros que expliquem, por exemplo, a herança indígena na Cultura Caiçara.

A cultura caiçara no Litoral Norte preserva diversas manifestações africanas. A memória do ‘negro caiçara’ se mantém por meio das congadas de Ilhabela e São Sebastião, do Moçambique em Caraguatatuba, nos grupos de capoeira, nos terreiros de Candomblé, na memória oral dos negros antigos, na fabricação das panelas de barro (com influência banto), no bairro São Francisco, nos mitos e lendas do Guaecá e Boiçucanga, em São Sebastião, nos quilombos da Caçandoca e Camburi, em Ubatuba, na dança do jongo, entre outros. (*BEACH&CO* n.59, 2006, p.10).

De forma resumida, o trecho registrou a presença de danças, artesanatos, lendas e comunidades quilombolas e caiçaras nas quatro cidades da região. O texto não revelou quais são os mitos e as lendas caiçaras do Guaecá e Boiçucanga, por exemplo. Já a dança do moçambique em Caraguá foi retratada posteriormente na revista, bem como foram detalhadas

a presença do caiçara na Congada de Ilhabela, na produção de panelas de barro em São Francisco e na comunidade quilombola da Caçandoca.

Outro texto da edição de maio da revista registrou a presença do pescador e do artesanato caiçara feito no bairro Itamambuca, em Ubatuba. “Crianças saltam das pedras que costeiam a orla, nadam no rio que adentra o mangue, e se divertem nas canoas caiçaras e nos caiaques, alugados no local. [...] O sertão de Itamambuca também surpreende pela beleza. Ali residem antigos moradores, além de artistas que expõem artesanato em suas próprias moradias”. (*BEACH&CO* n.59, 2006, p.45-46). A edição ainda contou com um anúncio da Prefeitura de Caraguá sobre o Festival do Camarão que aconteceu no Camaroeiro, reduto caiçara da cidade.

Em junho de 2007 circulou a **60ª edição** da revista que abordou a Cultura Caiçara em três textos diferentes da editoria de *Turismo*. O primeiro enfatizou que não só os empresários do ramo imobiliário estavam de olho em Bertioga, mas “a cultura caiçara local também atrai atenções. O motivo? A crescente demanda do turismo cultural no Brasil e no mundo”. (*BEACH&CO* n.60, 2006, p.20).

O texto informa que poucas cidades do litoral sul paulista, região conhecida como Baixada Santista, preserva a Cultura Caiçara.

Hoje, a tendência do turista é a de conhecer um ambiente natural e conviver com a comunidade local. E nos demais municípios da região, com exceção de Peruíbe, por conta da Jureia, e de São Vicente, que tem a área continental de difícil acesso, Bertioga é a única que ainda tem a cultura caiçara preservada. Precisamos valorizar e cultivar essas raízes [frase de Maria Thereza Ortale, delegada regional de Turismo de Santos]. (*BEACH&CO* n.60, 2006, p.20).

O segundo texto:, “A pequena e charmosa Barra do Sahy!”³⁸, retratou os atrativos desta praia na costa sul de São Sebastião, como a culinária caiçara, os passeios oferecidos pelos pescadores, a capela antiga, além de falas diretas de dois caiçaras, um artesão e outro pescador que moram no local.

Barra do Sahy é um balneário familiar. Pequena e atraente, a praia revela belezas por todos os cantos. Do lado do rio Sahy, enquanto pescadores vão diariamente ao trabalho, veranistas saem com destino a As Ilhas, local excelente para descansar, mergulhar ou apenas admirar a exuberante natureza! Com boa infraestrutura, essa pequena Vila de Pescadores possui caprichosa culinária regional. Degustar os deliciosos pratos feitos à base de peixes e frutos do mar é sempre uma prazerosa opção de lazer. [...] A arquitetura das casas e condomínios de veraneio convive em perfeita sintonia com a Vila de caiçaras. A praia não é muito extensa, o mar é calmo e tem vista maravilhosa

38 A reportagem não foi selecionada para análise pois foi escrita por Bruna Vieira Guimarães.

para as ilhas das Couves, As Ilhas e Montão de Trigo, esta última habitada por uma comunidade de cerca de 40 famílias. Para visitá-las, é necessário fazer a travessia de barco que dura cerca de 10 minutos no valor de R\$ 20 por pessoa, com saída do Rio Sahy, ou por lanchas. Neste canto mesmo, outro passeio simples é atravessar a pequena ponte de madeira sobre o rio e visitar a igrejinha dos caiçaras. (BEACH&CO n.60, 2007, p.29).

O texto apresenta o reduto de caiçaras como um local calmo, cercado de pescadores que convivem de forma harmônica com turistas. Uma visão simplista e romântica de que a praia é tranquila, e o povo caiçara, simples e humilde, não passa dificuldades. O texto não informa os problemas enfrentados pelos caiçaras como, a especulação imobiliária que os afastou da beira do mar levando-os para o sertão do bairro. Apenas a escassez da pesca foi citada pelo pescador e artesão Marciano Jorge dos Santos, 77 anos.

“Conheço todas as ilhas que circulam a Barra do Sahy. Fiz muita pesca submarina. Cheguei a pegar um nero de 50 quilos e cação de 80 quilos. Tinha muito peixe. Hoje já não é mais assim. Depois que me aposentei, comecei a fazer artesanato de caixeta. Faço barcos de pescador e escunas, além de barquinhos de ima de geladeira. E continua: Fiquei dez anos fora daqui. Quando voltei, me casei. Trabalhei a vida toda na prefeitura. Na década de 50, eu ia de barco para Santos levar banana e alguns passageiros”. (BEACH&CO n.60, 2007, p.30).

O trecho revela uma das muitas histórias de pescarias, além de mostrar um dos afazeres antigos de caiçaras que era plantar, colher e transportar em canoas, bananas e outros alimentos usados para subsistência e que tinham o excedente vendido em Santos. Outro dado é que Marciano, apesar de ser pescador, trabalhou “a vida toda na prefeitura”, optando por uma segunda profissão com estabilidade financeira, sem deixar os hábitos da pesca. No final do segundo texto aparece a frase de outro pescador, o Cati, que nos finais de semana e na temporada de verão, transporta em seu barco, turistas para passear n’As Ilhas.

O terceiro texto que citou o caiçara foi sobre o convento Nossa Senhora do Amparo, no bairro São Francisco, em São Sebastião, com 339 anos, que “serviu como refúgio de pescadores e acolhia doentes do bairro”. (BEACH&CO n.60, 2007, p.43). Apenas um registro de que o bairro, nos séculos passados e nos dias atuais, abriga pescadores.

Os três textos da edição mostraram cenários habitados por caiçaras, “usando” a cultura local para atrair turistas, sem detalhamento do modo de vida dos nativos.

A **61ª edição** circulou em julho de 2007 tendo na capa uma reportagem sobre hotéis, pousadas e campings, instalados no ceio da Mata Atlântica, que mesclam estilo e rusticidade e tem em comum o “respeito pela comunidade local”, além de reunirem “uma saborosa

culinária feita à base de frutos e peixes ‘extrativistas’ caiçaras”. (*BEACH&CO* n.61, 2007, p.9).

Picinguaba ou ‘refúgio dos peixes’ em tupi. Uma das últimas praias de Ubatuba, quase na divisa com Parati/RJ, Picinguaba concentra uma pequena comunidade de pescadores e fica longe do aglomerado urbano. [...] É fácil sucumbir ao charme da comunidade caiçara: clima de paz, simpatia e gentileza dos habitantes, chegada dos pescadores à praia com barcos repletos de peixe. Aqui o homem vive em total harmonia com a natureza, num equilíbrio raro que não deixa ninguém indiferente. [...] A pousada está situada junto à pequena vila de pescadores [...]. (*BEACH&CO* n.61, 2007, p.9).

As fotos desta reportagem mostraram, por exemplo, a vista da piscina da pousada de Picinguaba, tendo como pano de fundo as embarcações pesqueiras. Mais um texto com fotos publicados na *Beach&Co* que apresentam alguns “paraísos” habitados pelos caiçaras. O apelo da revista é sempre o mesmo, o de praia tranquila, reduto de pescadores, no qual são servidos pratos típicos e “especialidades caiçaras, como o camarão na moranga e o robalo grelhado com laranja”. (*BEACH&CO* n.61, 2007, p.11).

Uma segunda reportagem sobre “A exuberante praia do Bonete”³⁹, descreveu de forma contundente aspectos da Cultura Caiçara, inclusive nas fotos de pesca artesanal, da capela caiçara, das canoas típicas na areia da praia, de crianças e de um casal de idoso. Os moradores abrem as portas de suas casas para mostrar a Cultura Caiçara aos turistas, por meio de um programa que ajuda a valorizar e preservar a cultura tradicional em Ilhabela.

A comunidade tradicional da Praia do Bonete reúne cerca de 400 pessoas, a maioria caiçara. [...] O acesso é feito por mar, com canoas típicas de pescadores, ou por terra, por meio de uma trilha de 15 km -4 horas de caminhada-, passando por límpidas cachoeiras. [...] Casas em estilo simples do velho caiçara. Ah, os moradores, amáveis, amorosos e receptivos. As crianças brincam com as folhas, os adultos proseiam, ressaltando um linguajar peculiar. A ausência de luz elétrica e a inexistência de automóveis garantem a tranquilidade do local. O contato dos boneteiros com o mundo é feito por meio de rádio, televisão -movidada a gerador-, e de dois telefones públicos via satélite. A vila abriga uma escola municipal, um posto de saúde e uma quadra poliesportiva. A visita mensal do médico e do dentista é aguardada ansiosamente pela comunidade. Décadas atrás, a principal fonte de renda da comunidade era a pesca, hoje o turismo predomina. O Bonete oferece hospedagens variadas, desde campings até uma pousada requintada. Alguns moradores alugam quartos ou a própria casa durante a temporada de verão. (*BEACH&CO* n.61, 2007, p.14-15).

Os caiçaras foram mostrados como “amáveis, amorosos e receptivos”. Um dos motivos foi o fato dos moradores terem participado de um programa de Turismo de Base

³⁹ A reportagem não foi selecionada para análise porque foi escrita pela autora da tese.

Comunitária. O texto evidencia a ‘prática’ que eles aprenderam a recepcionar bem os turistas, já que esta é a principal fonte de renda da comunidade, seguida da pesca.

A reportagem mostrou as trilhas, cachoeiras e as praias que circundam o Bonete, assim como os turistas podem “se deliciar com os sanduíches do Mac Bonet’s, com as porções de camarões e lulas dos quiosques e com a comida caiçara servida nos poucos restaurantes”. (BEACH&CO n.61, 2007, p.16). A última parte do texto deu voz a vários moradores:

Os moradores do Bonete são os que há de melhor nesta praia exuberante. Paixão, casado com a encantadora Rosália, revela: “este é o melhor lugar para se morar. Estou aqui há 80 anos. Fui pescador, depois passei a tomar conta das terras do Ademar de Barros, hoje vendidas. Namorei aqui mesmo, casei e tive quatro filhos (três mulheres e um homem). Hoje estou aposentado”. Dona Rosália explica que a principal festa na vila é a de Santa Verônica, em julho, “quando tem reza e baile”.

Hélio de Souza, caiçara nascido no Bonete, foi para a cidade trabalhar com 15 anos. Viajou o país como comandante de embarcação. [...] Hoje, desfrutando de sua terra natal, ele ensina a fazer o tradicional prato da culinária caiçara, o azul marinho. “Limpa o peixe, põe na panela pra cozinhar, acrescenta coentro e cheiro verde e por último a banana nanica verde amassada. Esta é a receita tradicional. Hoje, o peixe é cozinhado separado da banana picadas e não amassada. Com o caldo de peixe fazem o pirão”, explica.

Hélio ajudou a fundar a Associação de Moradores do Bonete em 1998. De lá para cá, muitas melhorias foram conseguidas junto ao poder público, a exemplo de um curso para os moradores aperfeiçoarem o turismo receptivo como fonte de renda. [...] Segundo Agnaldo de Souza, um dos lugares mais curiosos do Bonete é a ‘toca do negro’, uma espécie de caverna em cima da montanha, que teria servido de esconderijo a escravos. “Um dos primeiros escravos que passou por aqui se chama Stevan. Ele deu nome à antiga trilha de acesso à vila, conhecida como ‘caminho do Stevan’”. (BEACH&CO n.61, 2007, p.18-19,).

Os moradores evidenciaram a qualidade de vida na comunidade, a presença da festa católica de Santa Verônica, o modo simples de fazer as comidas típicas, a organização deles em forma de associação para buscar políticas públicas e o relato da lenda caiçara do pescador Stevan.

Foi uma das reportagens da revista que melhor mostrou como vive o caiçara, seus valores, sua cultura, as festas, as lendas, a culinária, as histórias de pescaria e a relação do caiçara com o turismo. Há evidências claras no texto de que a repórter esteve no local e conseguiu expressar no texto os valores da comunidade local. A edição ainda citou o Festival do Camarão na Moranga que tem participação de pescadores de Bertiooga.

A **62ª edição** circulou em agosto de 2007 tendo na capa uma reportagem sobre gastronomia e a foto do peixe com banana verde, sem citar que é um prato típico da culinária caiçara. Na legenda consta que “a culinária brasileira recebeu influência principalmente dos

africanos, indígenas e do europeu. [...] Dos índios, a importância da mandioca, que faz parte de culinária típica de quase todos os estados”. (*BEACH&CO* n.62, 2007, p.11).

Acima, o registro da origem da mandioca na culinária brasileira, item básico também nas receitas caiçaras. Ainda nesta reportagem, há a citação do Festival Camarão na Moranga, no qual “os pescadores de Bertiooga apostam na receita para atrair e conquistar o paladar dos visitantes”. Outro texto sobre a praia Martim de Sá em Caraguá citou que pescadores caiçaras se acomodam no costão de pedra do local.

A terceira reportagem nesta edição mostrou como vive o caiçara na Vila de São Lourenço, em Bertiooga. A reportagem “São Lourenço, um senhor de 120”, deu voz aos moradores e revelou, pelas fotografias, cenas dos pescadores tecendo rede de pesca, armando o cerco e produzindo farinha de mandioca.

Por um lado, seduz pelos empreendimentos de alto padrão que já ponteiam sua única rua principal e o trecho frente ao mar, por outro, mantém tradições preservadas pela comunidade de origem caiçara. Nessa época do ano, um dos bons motivos para visitar o local é a festa de São Lourenço, padroeiro do bairro, realizada anualmente há 120 anos. Procissão, levantamento de mastro com a bandeira do santo, queima de fogos e venda de doces e salgados, com a tainha assada na brasa como prato principal, são as atrações entre os dias 9 e 11 de agosto. A festa remete ao período da fartura de tainha nas águas de Bertiooga. Hoje, o pescado já não é tão abundante, assim como a comunidade não vive mais exclusivamente da pesca. No entanto, alguns moradores ainda preservam a antiga pesca de cerco no rio Guaratuba. Uma tradição secular passada por gerações na família Pinto, descendente do fundador do bairro. Trata-se de uma estrutura artesanal construída com esteiras de taquara, arame galvanizado, cipó, eucalipto e tecido. Quando as tainhas sobem o rio, muitas delas entram no cercado e não conseguem mais sair. Parte dos peixes capturados é doada à festa do padroeiro. (*BEACH&CO* n.62, 2007, p.38-39).

O trecho evidencia o contraste da pacata vila com a expectativa da construção de empreendimentos de alto padrão, processo conhecido como especulação imobiliária. A seguir, consta que o bairro celebra a festa do seu padroeiro e a fartura da tainha, e que pescadores locais praticam a pesca de cerco em rio, além de produzirem farinha de mandioca de forma artesanal.

A produção artesanal de farinha de mandioca é outro costume mantido pela família. Em um sítio localizado na encosta da Serra do Mar, estão todos os utensílios necessários para a fabricação desta, que é um dos alimentos mais antigos do Brasil, herança indígena. Lá, a mandioca brava é plantada, colhida, ralada, prensada e torrada em fogão de lenha. Desse trabalhoso processo, surge o saboroso pó branco. A cada ida ao sítio, Manoel Pinto, esposa e filhos produzem cerca de 60 kg de farinha de mandioca, que é dividida em quinhões por toda a família. “É um costume que mantemos há muitas gerações. Dá trabalho, mas é prazeroso e compensador”, afirma Manoel. [...] A empresa Camargo Correa Desenvolvimento Imobiliário é responsável pela

incorporação e venda de empreendimentos de luxo em São Lourenço. O projeto prevê a construção de condomínios residenciais com prédios de 9 e 10 andares, somando, inicialmente 131 apartamentos. Faz parte do plano urbanístico da empresa, investimentos em qualidade de vida para o bairro, como a construção de um portal de entrada exclusivo com posto policial e de emergência, arborização e pavimentação de ruas e outros investimentos em infraestrutura de esgoto com estação própria. (*BEACH&CO* n.62, 2007, p.39-40).

Atualmente a Riviera de São Lourenço abriga diversos condomínios de luxo, sendo o principal local de distribuição da revista *Beach&Co*. Em agosto de 2007, quando a reportagem foi publicada, moradores locais foram entrevistados e comentaram as mudanças no bairro.

Para o presidente da Associação de Moradores do Bairro São Lourenço, Omar Alves de Moura, esta tendência é inevitável. “É uma tendência natural. Mas a entidade busca o fortalecimento da comunidade para que não haja uma descaracterização total do bairro, mesmo com todo o desenvolvimento”. Entre os moradores mais antigos, Raimundo Batista Pinto, 84 anos, não vê o progresso com bons olhos. “Não vejo nada de bom nisso. Acho que deveria continuar tudo como está”. Seu irmão, Vitor Pinto, 72 anos, concorda: “Não estamos preparados para esse desenvolvimento. Mas soubemos segurar as nossas propriedades”. (*BEACH&CO* n.62, 2007, p.40).

Após o relato dos caiçaras de que a modernidade modificou seu estilo, a reportagem simplesmente mudou de assunto e passou a revelar a origem do bairro, sem debater e contextualizar os problemas vivenciados pelos nativos.

Cabe a Vitor Pinto registrar e contar as histórias e “causos” da família. Não adianta tentar falar com outra pessoa. Todos indicam o sábio caiçara. “É ele que sabe desfiar o rosário”, afirma a professora Norma Pinto. E ele, com um largo sorriso, faz questão de lembrar que foi em São Lourenço que surgiu o primeiro alambique da cidade, que funcionou até 1935. “Eles vendiam a pinga em Santos. Seguiam de carro de boi até o centro de Bertioga e depois de barco pelo canal”. Vitor conta, também que, até 1971, a igreja do bairro era de frente à praia, como em todas as comunidades tradicionais caiçaras. Mas, naquele ano, um turista bateu com o carro na edificação e a derrubou. “Por isso construímos mais para dentro, devido ao excesso de turismo, que começou nesta época e atrapalha as rezas e, também aos ventos, que estragavam o telhado”. Pesca, redes, andor... seu Vitor tem muitas histórias para contar. (*BEACH&CO* n.62, 2007, p.40).

A **63ª edição** circulou em setembro de 2007. Na editoria de *Turismo* foi publicada a reportagem de Claudia Kojin intitulada “Ilhabela, um nome mais que apropriado”, que ocupou cinco das 68 páginas da edição e citou pontos turísticos do arquipélago, “sem falar, é

claro, no convívio com a comunidade local e sua cultura, principalmente, a caiçara”. Portanto, o caiçara foi equiparado a “um dos tantos” atrativos que podem ser apreciados pelos turistas.

Um dado relevante citado na reportagem é de que as famílias caiçaras representam 2% da população de cerca de 30 mil habitantes de Ilhabela (*BEACH&CO* n.63, 2007, p.46). O texto abordou o surgimento do povoado e as fases da economia do arquipélago.

Com a queda do café, os ilhéus se voltaram à agricultura e pesca de subsistência. O pescado, a banana, a mandioca e a produção de aguardente – cachaça, principais fontes de renda dos caiçaras até o início dos anos 1950, eram transportados para a cidade de Santos em canoas de voga. Com a chegada das balsas, a vida tornou-se mais fácil. (*BEACH&CO* n.63, 2007, p.47).

O texto finaliza com a afirmação de que o município-arquipélago é campeão de preservação já que “possui uma área total de 348 quilômetros quadrados e compreende também as ilhas de Búzios, da Vitória, mais as ilhotas dos Pescadores, da Sumítica, da Serraria, das Cabras, da Figueira, de Castelhanos, da Lagoa e das Anchovas”.

A reportagem mostrou a Cultura Caiçara como um mero atrativo do local e deixou informações soltas e sem explicação do que significa ter 2% da população nativa. Ficou implícito que o pescado, a banana, a mandioca e a produção da cachaça, foram as principais fontes de renda dos caiçaras até os anos 1950. No entanto, a reportagem não informou que estas fontes de renda continuam válidas, bem como o caiçara passou a desenvolver mais atividades relacionadas ao turismo.

Tendo como chamada secundária de capa, “Vila Picinguaba – Conheça e se apaixone”, a **64ª edição** da revista, de outubro de 2007, contou apenas com esta reportagem sobre o caiçara, de autoria de Aline Rezende, selecionada para análise no Quinto Capítulo. “Sempre lembrada pelas belas praias, Ubatuba é muito mais que uma cidade privilegiada pela natureza. Ela tem passado, histórias, lendas e o inconfundível povo caiçara”. (*BEACH&CO* n.64, 2007, p.28).

As fotografias evidenciam o trabalho de pescadores, as redes e os ranchos de pesca. “Na areia, entre ranchos, canoas e pequenas embarcações, presenciamos a prática de uma arte milenar: o caiçara tece sua rede e a lança no mar, lindo! [...] O caiçara Benedito Correa da Silva, mais conhecido como ‘Seu Pú’, é um dos mais antigos moradores da Vila”. (*BEACH&CO* n.64, 2007, p.29).

A **65ª edição** apenas citou a plataforma de pesca existente em Mongaguá. Já a **66ª edição**, de dezembro de 2007, foi editada como um Guia de Verão com algumas cidades do litoral paulista. A única cidade do Litoral Norte que integrou o Guia foi São Sebastião. “Para

velejadores, mergulhadores, surfistas, aventureiros, pescadores, e até para a turma que prefere ficar só de olho no horizonte, entre uma cervejinha e outra, São Sebastião garante ambiente ideal para todas as tribos”. (*BEACH&CO* n. 66, 2007, p.32). As ilhas dos Gatos e das Couves foram indicadas para pescaria e Montão de Trigo “reserva a surpresa de uma comunidade caiçara parada no tempo”.

As **doze edições de 2007** marcaram o novo projeto gráfico e o aniversário de cinco anos da revista. A reportagem se consolida como o gênero jornalístico de maior presença na publicação. Novas editorias apareceram como Turismo Internacional, além de colunas assinadas de Moda, Mega Pixel (dicas de fotografia), Guia Verão, Have Fun (bandas musicais) e outras. Registra-se também a presença de novos colaboradores nas áreas de jornalismo e colunismo social.

Nas capas, predomínio de elementos da natureza, seja com imagens de animais como papagaio, sapo e abelha, como de bromélia, água e cachoeira; além de três capas com imagens de praias no litoral paulista, uma de índio, uma de negro e outra de gastronomia com peixes e frutos do mar.

Apesar da autora desta tese ter selecionado para análise apenas a reportagem sobre a Vila Picinguaba (Ubatuba), o caiçara esteve presente nas edições deste ano. Mostrou-se que o badalado bairro de Maresias (São Sebastião), preserva resquícios da cultura tradicional nas capelas, na festa do padroeiro São Benedito e de Nossa Senhora de Santana, no relato de dois pescadores que sobrevivem da pesca e confirmam que dos 5.000 moradores do bairro, menos de 1.500 são caiçaras, além de relatarem as idas a Santos transportando batata, pimenta e banana em canoas e a simpatia para não marear (passar mal com o balanço do barco).

Foi citado que no sertão do Ubatumirim (Ubatuba) cerca de 120 famílias de agricultores caiçaras que plantavam café e mandioca, hoje vivem do cultivo da banana; paneleiras de São Francisco (São Sebastião) preservam o acordelamento na produção do artesanato de barro, técnica ensinada pela última panelreira local, Adélia Barsotti (falecida em 2003); em Camburi (São Sebastião), há produção e venda de artesanato típico; de que outras praias da costa sul de São Sebastião são habitadas por caiçaras como Boraceia que sedia a festa da Tainha, Juquehy, Barra do Una, Barra do Sahy tem culinária, capelas e ranchos de pesca, e Boiçucanga onde pescadores levam turistas para fazer passeios de barco até a Ilha Montão de Trigo, habitada por cerca de 60 caiçaras; de que também em Boiçucanga é celebrada a festa de Nossa Senhora da Conceição e organizada corrida de canoas na passagem de ano, além da venda de artesanato. Parte destes temas está detalhada no Segundo Capítulo.

As edições de 2007 da revista também registraram que caiçaras fazem cerâmica em Caraguá; o bairro Camaroeiro é um reduto de pescadores; e na praia Martim de Sá, pescadores caiçaras se acomodam no costão de pedra. Outra reportagem enfatizou que a memória do negro caiçara se manifesta nas congadas de Ilhabela e São Sebastião, no Moçambique (Caraguatatuba), na história oral, na fabricação de panelas de barro, nos quilombos da Caçandoca e Camburi (Ubatuba) e na dança do jongo.

Registrou-se a presença de pescadores e de artesanato caiçara na Itamambuca (Ubatuba); a Cultura Caiçara atrai atenção de turistas interessados na cultura regional; que poucas cidades da Baixada Santista preservam a cultura caiçara, exceto Peruíbe, por conta da Jureia, São Vicente e Bertioga; o convento Nossa Senhora do Amparo, no bairro São Francisco (São Sebastião), serviu de refúgio de pescadores nas décadas passadas e atualmente; hotéis em Ubatuba respeitam as comunidades caiçaras e servem aos turistas pratos à base de frutos do mar e peixes; na praia do Bonete (Ilhabela) os 400 moradores abriram as portas de suas casas e mostram sua cultura aos turistas, também servem pratos como o azul marinho, contam lendas, comemoram o dia de Santa Verônica e criaram uma associação para buscar melhorias à comunidade.

Outro texto revelou a origem da mandioca na culinária brasileira, item básico nas receitas caiçaras (o que foi explicado no artigo científico sobre gastronomia caiçara no Segundo Capítulo); bem como foi citado o Festival do Camarão na Moranga organizado por pescadores de Bertioga; cidade que abriga a Vila de São Lourenço (próxima aos condomínios de luxo), onde pescadores tecem redes, armam o cerco, produzem farinha de mandioca e moradores mais antigos não veem o progresso com bons olhos; de que famílias caiçaras representam 2% da população de cerca de 30 mil habitantes de Ilhabela.

O trecho acima confirma uma das proposituras de Stuart Hall (2003), de que as culturas (no caso a caiçara) tornam-se propícias a influências externas, sendo difícil conservar as identidades culturais intactas dos seus membros ou impedir que as comunidades se enfraqueçam devido ao bombardeamento e a infiltração cultural. No entanto, a cultura veiculada na mídia induz as pessoas a se conformar com a organização vigente da sociedade, mas também oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma sociedade. Esta oposição (resistência) a situação atual foi exercida por pescadores da Vila de São Lourenço que não veem o progresso com bons olhos, mesmo que não consigam “reverter” a situação da invasão imobiliária no bairro onde habitam.

As reportagens sobre preservação do meio ambiente (da água, da Mata Atlântica etc.), do movimento de negros para perpetuar suas crenças, entre outras, também exercem a função de “oposição” a sociedade capitalista, que visa o lucro em detrimento dos bens imateriais.

Outros fatos da região presentes nas páginas da revista neste ano foram: menos de 1% da água do planeta está disponível para consumo; cartão postal de São Vicente, a Ilha Porchat, enriqueceu-se com a construção do memorial dos 500 anos projetado por Oscar Niemeyer; lançamento previsto do empreendimento Oásis Spa & Home Resort (anunciante); D’Casa inaugura mais uma loja em Santos; scooters lança primeira linha de motos elétricas no mercado nacional; EvenBert (agradável empreendimento) oferece exuberância da natureza em lugar do luxo em Bertioga; os benefícios à saúde com a argiloterapia; lixão do Sambaiaatuba (Vicente de Carvalho) dá lugar a um centro de lazer e a geração de renda; Cubatão (polo industrial e petroquímico) esconde muitas belezas naturais; festa dos cinco anos de *Beach&Co* no restaurante Gaiana; exposição concebida pela Sobloco Construtora (anunciante) mostra sistemas de águas e esgoto e programas de conservação em maquetes e ambientes na Riviera de São Lourenço; acupuntura trabalha o estímulo de canais de energia; golfe tem no Brasil cada vez mais aficionados; cidades que mantém características regionais e ambientes naturais preservados saem na frente quando o assunto é turismo cultural; Cubatão recebe a 6ª Conferência Latino-Americana de Preservação Ambiental (anúncio); Indie Rock tem dominado a mente dos jovens de todo o mundo com letras de música que falam sobre relacionamentos e sociedade; terapia das pedras quentes proporciona relaxamento e bem estar; Centenário Brasil-Japão é comemorado com exposições, concursos e festas sobre o início da chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil; Villa Jequitimar traz lazer, compras e emoções na praia de Pernambuco, no Guarujá (anúncio); Cirque du Soleil volta ao Brasil; gastronomia, o jeito gostoso de conhecer o mundo; surfe para lá dos 60 anos revela a tendência do mundo pós-moderno com o aumento da expectativa de vida; Fernando de Noronha, um sofisticado empreendimento na Riviera de São Lourenço; canoa havaiana busca lugar nos Jogos Pan-Americanos; vaidade masculina; fauna silvestre em estado de alerta máximo; ioga atua na busca pela paz e pelo equilíbrio interior; carro Sandero, o Renault produzido no Brasil; Festivais de música agitam SP; 22ª Campeonato Brasileiro da Classe Dingle (vela) e terapia animal.

Verificam-se acima muitas temáticas do mundo pós-moderno como terapias alternativas, preservação, sustentabilidade, estética, esportes da “moda” como golfe, lançamentos do ano como “Sandero”, gastronomia requintada, aumento na expectativa de vida, novos estilos de música (Indie Rock) etc. Tais temáticas evidenciam que “à medida que

a importância do trabalho declina, o lazer e a cultura ocupam cada vez mais o foco da vida cotidiana”. (KELLNER, 2001, p.29).

A cultura da mídia na *Beach&Co* incentivou seus leitores ao consumismo, a buscarem beleza exterior, a viverem mais e melhor com os diversos tratamentos/terapias alternativas, a serem sustentáveis, pois isto significar estar na moda, entre outras questões efêmeras e momentâneas.

12 edições da revista *Beach&Co* em 2008 | Da 67ª a 78ª edição

A **67ª edição**, primeira de 2008, contou com uma reportagem de Claudia Kojin sobre mountain bike. “Uma das melhores trilhas para a prática de mountain bike é a estrada de Castelhanos, que dá acesso à pequena comunidade de pescadores do outro lado de Ilhabela” (*BEACH&CO* n.67, p.28, 2008). Outra trilha citada foi a do Bonete. “De areias brancas, salpicadas pelas sombras dos chapéus do sol, onde vive uma pequena comunidade de pescadores com cerca de 40 famílias, é uma das praias mais bonitas do Brasil. A trilha de acesso tem 13 km [...]”. (*BEACH&CO* n.67, 2008, p.29).

Apenas uma constatação de que Castelhanos e Bonete abrigam comunidades caiçaras. Em fevereiro, a **68ª edição** citou os pescadores de forma rápida em uma reportagem sobre o Canal de Bertioga. “E no mês de junho as águas do canal ganham muito mais cores. É que dia 29, os pescadores realizam a Procissão de São Pedro. Barcos coloridos e enfeitados com bandeirolas, fitas e balões desfilam em homenagem ao santo protetor dos pescadores”. (*BEACH&CO* n.68, 2008, p.30).

A **69ª edição**, de março de 2008, apontou a presença de caiçaras na reportagem de Aline Rezende sobre a praia e ilha de Prumirim, em Ubatuba. “[...] De manhã, por volta das 9h, também é possível comprar peixe fresquinho diretamente de pescadores artesanais”. (*BEACH&CO* n.69, 2008, p.50). Na **70ª edição** de abril, um texto sobre a Praça Por do Sol em Boiçucanga, costa sul de São Sebastião, informou que há venda de artesanato representativo das culturas caiçaras e indígena no local.

Na **71ª edição** de maio de 2008, apesar de a revista estar mais enxuta no número de páginas, 50 no total, a cultura caiçara foi privilegiada em duas reportagens selecionadas para análise no último capítulo da tese. Esta foi uma das poucas edições da revista que contou com uma chamada de capa citando nominalmente a “Cultura Caiçara – Rica em cores, sabores e fé”.

A reportagem de Aline Rezende focou as danças do fandango e xiba, artesanato, procissões de barco, congada, tocadores de viola, corrida de canoas, pesca, festas religiosas,

artesanato e folclore caiçara em Ubatuba. “O mar forjou no povo caiçara algumas das características mais marcantes da sua cultura: a subsistência por meio da pesca, a inspiração para as cantigas e danças de bate-pé, além de uma rica gastronomia à base de peixes”. (BEACH&CO n.71, 2008, p.38).

Visitar a bela cidade de Ubatuba é uma boa oportunidade para um delicioso mergulho na cultura popular caiçara, fruto da mistura de povos que colonizaram o Brasil. As tradições culturais e religiosas refletem a influência dos portugueses, espanhóis, índios e negros, e o resultado é uma cultura alegre, musical, saborosa e muito rica. Seja no artesanato, no bate papo com moradores dos sertões, ou com os pescadores, a cultura caiçara está sempre presente. Mas, são as festas que expõem mais fielmente essa cultura, invariavelmente ligadas à devoção católica. (BEACH&CO n.71, 2008, p.38).

Apesar de a reportagem mostrar a Cultura Caiçara presente apenas em Ubatuba e não das quatro cidades do Litoral Norte, o texto e as fotos são ricos em detalhes e leva o leitor a compreender a diversidade de manifestações artísticas, esportivas e culturais do povo nativo de uma cidade litorânea.

A outra reportagem amplamente analisada na tese foi sobre o cultivo de mexilhão em Caraguá. O tema já abordado outras vezes teve como destaque nesta edição a parte turística dos passeios até as fazendas marinhas, bem como as fotos em primeiro plano de maricultores.

Que tal fazer um passeio de barco, visitar as ilhotas da Cocanha e a Ilha do Tamanduá, situadas na Costa Norte de Caraguatatuba, e conhecer de perto uma fazenda de cultivo de mexilhão, com direito a assistir uma ‘colheita’ de marisco e saboreá-lo ali mesmo na ilha, feito na hora, em companhia dos caiçaras e ouvindo histórias de pescador? (BEACH&CO n.71, 2008, p.20).

O texto informou a criação de uma Associação:

A comunidade da Praia da Cocanha é formada principalmente por pescadores artesanais e suas famílias, que viram na maricultura a saída para o sustento e a continuidade da cultura caiçara. José Roberto Carlota, atual presidente da Associação de Pescadores e Maricultores da Praia da Cocanha, pescador há 40 anos, conta que o cultivo foi iniciado na década de 1980, a partir de 2000, foi criada a associação, hoje com 40 integrantes. (BEACH&CO n.71, 2008, p.23).

Em junho, a **72ª edição** publicou reportagem sobre a 4ª edição do Arraiá Caiçara em São Sebastião, no qual “turismo e cultura formam um dueto que dá sempre certo. [...] A combinação entre comida típica caiçara e caipira, concurso de quadrilhas e shows musicais atraem multidões para esta festa recheada de quentão, pipoca e bolo de milho, claro!” (BEACH&CO n.72, 2008, p.22).

A palavra ‘caiçara’ foi utilizada para agregar valor ao evento junino organizado pela prefeitura local. A Cultura Caiçara foi citada no subtítulo “Tradição”, ao informar que: “Dois redutos pesqueiros de São Sebastião, os bairros de São Francisco e Boiçucanga, celebram, em junho, a Festa de São Pedro Pescador”. (*BEACH&CO* n.72, 2008, p.23).

O texto apontou que no bairro São Francisco, o ponto alto da festa é a missa festiva na Paróquia Nossa Senhora do Amparo, seguida de procissão marítima. Já em Boiçucanga, a festa acontece na Praça da Mentira, a procissão de barcos sai da Barra do Rio até Praia da Baleia, e neste mês a comunidade, religiosos e poder público ainda realizam o Festival do Camarão.

A **73ª edição** também foi especial para a Cultura Caiçara, mesmo com a revista tendo apenas 50 páginas. Duas reportagens foram selecionadas para análise no Quinto Capítulo. A primeira sobre as tainhas, um peixe apreciado “por sua carne succulenta e saborosa, tanto frita como assada ou cozida, a tainha é um denominador comum na cultura gastronômica litorânea, como uma longa e antiga prática pesqueira de consumo”. (*BEACH&CO* n.73, 2008, p.15).

Durante muitos anos, a tainha foi uma das principais fontes de alimentação e renda para os caiçaras. Mas, muitos fatores contribuem para diminuir esta importante manifestação cultural, tais como a pouca disponibilidade de cardumes, em decorrência do avanço em pesca industrial, falta de contingente humano, devido a alterações na organização social das comunidades litorâneas, além de restrições nas leis ambientais. [...] Em Bertioxa, na região do rio Guaraúba, um grupo de pescadores ainda preserva a cultura do cerco da tainha, tradição secular, de origem indígena, passada por gerações na família de Pedro Pinto Junior. (*BEACH&CO* n.73, 2008, p.16).

A reportagem explicou que os pescadores artesanais sofrem com a ação de barcos maiores conhecidos como traineiras e confirmou que “o caiçara, o pescador, preserva o meio ambiente porque, sem ele, você não vive”, ressalta Pedro Pinto. (*BEACH&CO* n.73, 2008, p.17). Um dos poucos textos na revista a mostrar de forma contextualizada a atividade pesqueira no litoral paulista.

A segunda reportagem abordou a “Corrida de Canoas, esporte *caiçara*, sim senhor”, ocorrida na 85ª edição da Festa de São Pedro, que homenageou o protetor dos pescadores em Ubatuba. Consta no texto que a corrida é uma competição tradicional, resgatada há doze anos pelo estudioso da Cultura Caiçara Nei Martins.

São filhas, esposas e irmãs de pescadores [...]. O uso da canoa de voga ou “de um pau” é mais uma manifestação cultural que está sendo deixada de lado por muitos caiçaras, apesar de ser o meio de transporte tradicional e um dos principais instrumentos da pesca artesanal. [...] O hábito de usar canoas é uma característica tão marcante na cultura caiçara, que motivou o desenvolvimento de um projeto chamado “Com quantas memórias se faz uma canoa”.

(*BEACH&CO* n.73, 2008, p.29).

Ainda na edição um texto sobre cerâmica em Caraguá citou que “as peças decorativas, esculturas e utilitários retratam o ambiente caiçara, a natureza e a forma humana”. (*BEACH&CO* n.73, 2008, p.12).

O período em que a revista *Beach&Co* registrou o menor número de páginas, consequentemente menor conteúdo jornalístico, foi de agosto a novembro de 2008, entre as edições **74ª a 77ª** que circularam com 36 páginas cada. O período coincide com a candidatura do proprietário da revista, Ribas Zaidan, ao cargo majoritário de prefeito em Bertioga, sede do grupo Costa Norte de Comunicação. A maioria dos anúncios de prefeituras do litoral paulista e construtoras ficaram sem a visita do proprietário do grupo de comunicação, que naquele momento estava focado na campanha política.

Também nestas edições o caiçara não apareceu, exceto de forma indireta na edição 75, numa reportagem sobre a praia de Juquehy, costa sul de São Sebastião. “Outro atrativo são os pescadores, que persistem em sobreviver da pesca e são responsáveis por cenários de grande beleza plástica, com seus apetrechos, canoas de voga e peixes fresquinhos”. (*BEACH&CO* n.75, 2008, p.22).

A história do local foi tecida com linhas de ouro por caiçaras como Athayde Izidoro, seu filhinho, já falecido. [...] O meio de sobrevivência era a pesca, a caça e a agricultura de subsistência em plantações de banana (exportadas para a Argentina), mandioca, fumo, entre outras [...], revela Zeca Faustino. (*BEACH&CO* n.75, 2008, p.22).

A **78ª edição**, de dezembro de 2008 teve 52 páginas e reportagem sobre o ‘charme’ turístico de Ilhabela. “Apesar da sofisticação e charme, a Vila abriga, também, casas de famílias caiçaras que convivem muito bem com a modernidade”. (*BEACH&CO* n.78, 2008, p.11).

Ainda consta neste texto que “a Santa Teresa é a praia dos pescadores. Lugar ideal para comprar peixes frescos diariamente. Nela ficam o mercado e o píer dos pescadores. Iates e barcos atracam aqui, compondo um cenário belo e colorido pelas canoas de caiçaras”. Outra praia citada foi a do Pinto, cuja “antiga colônia de pescadores deu lugar a um moderno condomínio de casas de veraneio”. (*BEACH&CO* n.78, 2008, p.12-13).

Nas **doze edições de 2008**, quatro reportagens foram selecionadas para análise no Quinto Capítulo; a primeira sobre a diversidade da Cultura Caiçara em Ubatuba, por meio das danças de fandango e xiba, artesanato, procissões de barco, congada, tocadores de viola, corrida de canoas, pesca, festas religiosas, artesanato e folclore caiçara; a segunda do cultivo

de mexilhão (Caraguá); a terceira sobre as tainhas e as dificuldades enfrentadas por pescadores artesanais; e a quarta da corrida de canoas que integrou a 85ª edição da Festa de São Pedro (Ubatuba).

As imagens estampadas nas capas foram de navio transatlântico em Ilhabela; cerâmica e teatro (Festival em Caraguá); índio, japoneses; frutas e sucos naturais; além de esportes como caiaque-surfe, corrida de aventura e canoa havaiana; e de animais como borboletas, taturanas e pássaro tié-sangue.

Os textos citaram ainda que há duas trilhas para a prática de *mountain bike* em Ilhabela, a estrada de Castelhanos que dá acesso à comunidade de pescadores e a trilha do Bonete, comunidade onde vive cerca de 40 famílias caiçaras; que pescadores de Bertioga realizam em junho a procissão de barcos no Dia de São Pedro, o padroeiro dos pescadores, como ocorre nos bairros de São Francisco e Boiçucanga (São Sebastião); caiçaras vendem peixes frescos na praia e na ilha de Prumirim (Ubatuba); que o Arraiá Caiçara em São Sebastião emprestou a palavra “caiçara” para agregar valor ao evento junino; na praia de Juquehy (São Sebastião) e praia de Santa Teresa (Ilhabela) há peixes frescos a venda; e a antiga colônia de pescadores na praia do Pinto (Ilhabela) deu lugar a um condomínio de casas de veraneio.

Os principais fatos da região presentes na revista este ano foram: compensação ambiental; Espaço Cultural Veja SP e Academia Boa Forma ditam o ritmo das férias de verão na Riviera; Museu Pelé é atração turística internacional; a plataforma de emissário submarino em Santos começou a ser urbanizada depois de permanecer sem utilização definida por mais de 30 anos (anúncio); renove sua casa com reformas, decoração e acabamento; ecopaisagismo, a flora nativa em jardim; consumo consciente; verticalização muda paisagem do Centro de Bertioga; Spazio Dolce Vita na Riviera; Brasil é ouro no Enduro Equestre; Quiropraxia é alternativa para quem busca alívio para as dores musculares; chegou o Programa Onda Limpa (investimento do governo do Estado de SP e Sabesp - anunciante) e com ela uma nova onda de qualidade de vida, com esgotos coletados em todo litoral paulista; alimentos orgânicos reflete harmonia entre o homem e a natureza.

Nos textos e anúncios da *Beach&Co* os verbos estão no imperativo (faça, alivie, comece), revelando a condição de finalidade descrita por Charadeau (2006), na qual a publicação “diz ao leitor” que “está aqui” para aconselhá-lo a ter uma vida mais sustentável, harmoniosa, a respeitar a natureza, a querer crescer sempre nos aspectos da vida pessoal, profissional e outros.

A condição de identidade, de “quem fala com quem”, também é mostrada na *Beach&Co*. Os colaboradores, a editora e o proprietário da revista são o primeiro “quem” na pergunta acima, pois definem as pautas de “desenvolvimento” regional que estarão na revista. O segundo “quem” são os leitores das classes altas e média que se interessam pela revista, pois se veem representados nas páginas da publicação, seja de forma direta nas colunas sociais, seja de forma indireta nos temas abordagens das matérias que são de suas preferências.

A condição de propósito (CHARADEAU, 2006, p.69), “Do que se trata?”, dos assuntos/valores abordados na revista, ficam evidentes desde o editorial, passando pelo design gráfico e principalmente nas editorias das matérias publicadas que versam sobre turismo, comportamento, moda, gastronomia, etc.

E a condição de dispositivo fica descrita no ambiente “impresso” que se inscreve o ato de comunicação, nos “lugares físicos” (pontos de distribuição) da revista e nos canais de transmissão (a própria revista impressa, sua versão digital na internet, nos estandes de feiras de petróleo e gás, turismo e outras no qual o Grupo Costa Norte de Comunicação exhibe a *Beach&Co*, nos cenários da TV Costa Norte com as capas da revista, e em outros canais e formas de divulgação).

12 edições da revista *Beach&Co* em 2009 | Da 79ª a 90ª edição

A **79ª edição** circulou com a nova editoria ‘Roteiro de Férias’, apresentando as atrações de verão nas principais cidades do litoral. No texto de São Sebastião, a chamada foi para a “mescla de culinárias contemporânea, mediterrânea, caíçara e internacional”, nas praias da costa sul. No texto de Ilhabela, além da foto de um barquinho de madeira (artesanato caíçara), consta que na Casa da Cultura tem exposição e venda de artesanato local, e que “pratos caíçaras como o Azul Marinho, feito com peixe e banana verde, e mais inúmeras receitas que levam camarões, como caldeiradas e moquecas, apresentam sabores exóticos”. (*BEACH&CO* n.79, 2009, p.43). Ainda nesta edição, anúncios de restaurantes vinham ilustrados com pratos da culinária caíçara.

A **80ª edição** não contou com textos sobre o caíçara. Na **81ª edição** de março consta que o bairro São Francisco é reduto de pescadores, e que em Ubatuba há cultivo de mexilhão em fazendas marinhas nas praias de Camburi, Picinguaba, Almada, Ubatumirim, Ilha do Prumirim, Barra Seca, Itaguá, Cedro, Enseada, Lázaro, Fortaleza, Ilha do Mar Virado, Bonete, Lagoinha (Peres), Pulso, Caçandoca e Raposa.

A reportagem de Aline Rezende sobre o Programa de Manejo Sustentado e Ordenado da Maricultura, desenvolvimento em Ubatuba, foi analisada no Quinto Capítulo da tese, no qual consta que pesquisadores do Instituto de Pesca (IP) criaram o Coletor Artificial de Sementes de Marisco.

[...] foi preciso unir os 70 maricultores das fazendas marinhas já implantadas em Ubatuba desde 2000. Eles foram capacitados para confeccionar os coletores artificiais e implantar o sistema na água. Em poucos meses, já brotava uma nova e vistosa safra desse exótico fruto do mar, chamado mexilhão. Ao todo, foram implantados 103 coletores, em 35 fazendas marinhas, distribuídas por 16 praias do município. [...] o pescador Sebastião Lourenço, 63 anos, mudou de atividade após a implantação do projeto. “Passei mais de trinta anos sobrevivendo da pesca. Hoje, onde tem peixe, não pode pescar, por causa das leis ambientais. Escolhi trabalhar com as fazendas marinhas, que estão nos dando uma ajuda boa. Durante a temporada, conseguimos vender bastante”. (BEACH&CO n. 81, 2009, p.34-36).

Em abril, aniversário de Caraguá, a **82ª edição** da revista trouxe a reportagem “De bem com a vida aos 152 anos”, com fotos de pescador e barcos no Camaroeiro, além de citar o calendário de eventos da cidade que realiza Festa do Camarão, em junho; Festival da Tainha, no Porto Novo, em julho; Festival do Mexilhão, em dezembro, na Praia da Cocanha e o concurso gastronômico ‘Caraguá À Gosto’.

A **83ª edição** teve publicada a reportagem “Maria Caiçara – Uma boneca nascida para brilhar” na editoria Artesanato. A Família Caiçara é uma linha de bonecas de pano criada por 27 artesãs do Grupo Arte Caiçara, no Porto Novo, mantido pela Prefeitura de Caraguatatuba.

A artesã Roseli Aparecida de Almeida, filha de pescadores, explica que a fabricação da farinha de mandioca, também conhecida por farinha da terra, era marcada pela partilha “de a meia” da produção. Todos que trabalhavam no plantio, na colheita e na confecção da farinha, recebiam uma parte do produto. “Essa mesma soma de conhecimentos e trabalho, empregamos na confecção das bonecas de pano. Dividimos ‘de a meia’ os frutos colhidos desta união”, diz referindo-se ao motivo da escolha do nome da linha de produtos [Feito aqui, feito por nós]. (BEACH&CO n.83, 2009, p.36).

Na época, a Maria Caiçara ficou entre as dez melhores bonecas brasileiras e representou o país em projeto da Unicef – Fundo das Nações Unidas para Infância, na Itália. Cada detalhe da vestimenta da boneca remete a Cultura Caiçara, como explicado no trecho:

O chinelo e o chapéu de taboa (planta aquática cujas folhas são utilizadas para artesanato) acompanham o figurino típico dessa caiçara que sempre carrega o ‘jacá’ - cesto onde coloca o peixe e a banana verde, ambos de feltro, e um bilhete com a deliciosa receita do Azul Marinho, prato típico da culinária caiçara, feito com tais ingredientes. O Zé Caiçara [boneco de pano], assim como todo pescador, veste-se de maneira simples, mas elegante, como camisa xadrez e calça azul com barra dobrada. Carrega a rede de pescar feita de

macramê, em cima da camisa e, detalhe, está sempre descalço para colocar o pé na areia, como todo o bom caiçara. [...] “Cada artesã tem um pedacinho seu na Família Caiçara”, revela a artesã Adelina Pimenta. (*BEACH&CO* n.83, 2009, p.37-38).

Esta edição ainda contou com um texto sobre os 75 anos do Clube de Pesca de Santos, criada por pescadores amadores e não por pescadores artesanais caiçaras. A **84ª edição** citou de forma indireta o caiçara que cultivava palmeira juçara como fonte de renda em dois quilombos de Ubatuba. A fruta está presente em pratos típicos como moqueca de peixe, caldo de mandioca, bolinho de peixe e outros. E no cardápio cultural da 1ª Festa da Juçara, no Quilombo da Fazenda, teve “samba de roda, jongo, capoeira, ciranda de roda, forró de rabeca e moda de viola, entre outras iguarias da cultura popular regional”. (*BEACH&CO* n.84, 2009, p.30). Rabeca é um instrumento musical genuinamente caiçara.

A **85ª edição** estampou na capa a chamada secundária “Comunidades isoladas - Aventura na arte de educar”. Trata-se de reportagem⁴⁰ sobre professores que optam por lecionam em comunidades tradicionais caiçaras de Ilhabela, aonde chegam apenas por mar ou trilhas.

Alegria geral! As crianças correm pela praia aos gritos; um garoto pega o remo e coloca a canoa no mar. Leonardo, um garotinho de apenas três anos, esportíssimo, não se intimida com as pequenas ondas e entra na canoa, meio que escondido, e também vai ao encontro dos visitantes, que estão na lancha alugada pela Secretaria de Educação da cidade, especialmente para atender as escolas de núcleos isolados, oito no total, e que atendem 17 comunidades. E o primeiro destino do dia é a Escola Prof. João Antonio Cesar, que fica na Praia Mansa, em Ilhabela. (*BEACH&CO* n.85, 2009, p.23).

O trecho revela a relação estreita das crianças caiçaras com o mar. Outra frase descreve as brincadeiras que vão da corda, correr pela praia, jogos de tabuleiro, a fazer “comidinha com as plantas, empilham caixas de peixe, nadam no ribeirão e no mar e colhem coquinhos para fazer cocada”. (*BEACH&CO* n.85, 2009, p.23).

A vila é simples, tipicamente caiçara: casas escondidas em meio à vegetação, duas ou três bem simplesinhas podem ser vistas no alto do morro. Bem perto da escola, uma igreja, um jardim de flores bem cuidado, e um parquinho infantil com gangorra dão um toque urbano à belíssima paisagem natural. Jéssica Bastos é uma das 13 professoras e professores que deixaram o conforto de suas casas e a companhia da família para lecionarem por 15 a 20 dias seguidos nas pequenas comunidades. [...] Ela adora o que faz: “Os alunos mostram interesse em aprender e isso compensa a saudade da família. Eles são verdadeiros e guardam sentimentos de coletividade, de ajuda ao próximo, o que não vemos nas escolas da cidade. Aprendo muito com eles”.

40 A reportagem não foi selecionada para análise porque foi escrita por Bruna Vieira Guimarães, mesma autora desta tese.

(*BEACH&CO* n.85, 2009, p.23-24).

A professora e engenheira ambiental Joyce Michelucci procura ampliar o conhecimento dos alunos sobre as espécies nativas da Mata Atlântica, já que alguns foram capacitados e atuam como guias de ecoturismo. Outro professor entrevistado foi Adriano Leite que atuava há 22 anos nas escolas das comunidades tradicionais (e falecera recentemente).

Um adolescente caiçara revelou sua expectativa para o futuro:

Na escola da Praia de Castelhanos, Jefferson Gabriel de Oliveira Moraes joga peteca no intervalo entre as aulas. Adolescente de 14 anos, semblante tranquilo, diz que adora pescar. E esse é um dos motivos pelos quais quis desistir da escola. Quando começou a frequentar as aulas, chorava porque preferia ir para o mar com o pai. Passadas algumas semanas, porém, ele assimilou a nova rotina de estudos e descobriu uma nova paixão: os números. Hoje, na quinta série, já pensa no futuro, pois, daqui a dois anos, terá que ir para a cidade se quiser estudar mais. E ele quer! “Pretendo seguir carreira na Marinha, como meu tio”, diz entusiasmado. (*BEACH&CO* n.85, 2009, p.24).

Eram 138 crianças matriculadas nestas escolas tradicionais, sendo a maior a do Bonete, com 54 alunos; seguida da Praia Mansa e Praia de Castelhanos, com 25 alunos cada; Praia da Fome, cinco dos oito alunos são alfabetizados por meio do EJA (Ensino de Jovens e Adultos). As outras escolas tradicionais eram Guanxumas e Serraria, com sete alunos cada; Ilha Vitória (6); Ilha de Búzios (5) e Porto do Meio (8).

As crianças das comunidades vizinhas que não possuem escolas, seguem de barco ou trilha para a unidade mais próxima. Uma vez por mês, os professores recebem orientação pedagógica com enfoque no método “escola ativa”, na qual são utilizadas apostilas que valorizam a cultura local. Provas bimestrais avaliam os alunos. As escolas possuem televisão e DVD que funcionam com geradores de energia solar. (*BEACH&CO* n.85, 2009, p.25).

Nesta edição um anúncio da Prefeitura de São Sebastião citou por meio de frase e imagens os atrativos da cidade, entre eles a Cultura Caiçara “única, e de grande expressão, pode ser conhecida nos museus, igrejas, centro histórico, artesanato, além das festas tradicionais”. (*BEACH&CO* n.85, 2009, p.30-31). Já a reportagem de gastronomia sobre as Festas da Tainha em Bertioga e Praia Grande, não informou que são eventos que contam com a participação de pescadores caiçaras.

A **86ª edição** publicou outro anúncio da Prefeitura de São Sebastião ilustrado com fotos antigas em tons sépia, mostrando pescadores, canoas e uma família típica caiçara, seguida dos dizeres: “Uma história de conquista começa em um lugar... e não existe glória sem luta... essa luta trouxe ao povo uma cultura típica... que se fortalece ao longo dos anos”.

Em setembro, a **87ª edição** trouxe a reportagem “Resgate da cultura caiçara”, de Marcello Veríssimo, selecionada para a análise no Quinto Capítulo da tese e mostrou a presença de congueiros, paneleiras de barro e caiçaras que participaram do “1º Encontro para o Fortalecimento das Culturas Tradicionais do Litoral Norte” que acabara de acontecer em Ilhabela.

Outra reportagem relacionada ao universo do caiçara foi sobre o projeto de “reaproveitamento de peles e escamas no litoral de SP”, que ensinava moradores da Baixada Santista a transformar resíduos de pescado em adubo, ração animal, roupas, brincos, colares, bolsas, calçados, estofados, painéis de carro e placas decorativas. O texto citou que “mais de 15 mil toneladas de peles, escamas, vísceras e espinhas de peixes e crustáceos vão para o lixo todos os anos, só no litoral paulista” e não relacionou o projeto às comunidades caiçaras. (BEACH&CO n.87, 2009, p.18).

Um terceiro texto nesta edição informou que o 11º Festival de Cultura Caiçara de Peruíbe seria realizado de 16 a 18 de outubro, com o tema “Da raiz ao fruto” e reuniria remanescentes da cultura caiçara da Baixada Santista e Vale do Ribeira, por meio de exposições de artesanato, culinária, música, dança, poesia, teatro e oficinas.

A **88ª edição** contou com dois textos mencionando a Cultura Caiçara. O primeiro revelou que Ubatuba passava a integrar a rota dos navios cruzeiros e a administração pública estava formatando “roteiros culturais que incluam visitas a comunidades tradicionais, como quilombos, aldeias indígenas e caiçaras, mostrando ao turista o cotidiano local, as atividades econômicas de pesca e agricultura, bem como as manifestações típicas”. (BEACH&CO n.88, 2009, p.54).

O segundo texto: “Cor, som, beleza, movimento... É o folclore afro-brasileiro”⁴¹, revela peculiaridades do grupo de Moçambique de Caraguá, dança que integra a Cultura Caiçara.

A saudação religiosa, entoada pelo mestre, inicia a apresentação de Moçambique. Os apitos soam. Cantam-se ladainhas em versos em homenagem a santos da Igreja Católica. Os participantes se dispõem em duas fileiras, frente a frente, batem os bastões, e com molejo movimentam todo o corpo. Os passos da coreografia são marcados com o ritmo de guizos ou paías, espécie de chocalho, colocada abaixo dos joelhos. Finalizada a dança, dão vivas, beijam o estandarte e continuam cantando louvores. Na Companhia de Moçambique de Caraguatatuba é assim: tanto os que dançam como os que apreciam, comovem-se com a apresentação. O brilho no olhar de cada moçambiqueiro retrata a satisfação de poder dançar e agradecer aos santos pelos pedidos realizados. (BEACH&CO n.88, 2009, p.58).

41 A reportagem não foi selecionada para análise porque foi escrita por Bruna Vieira Guimarães.

Além do Moçambique, outras danças animavam as festas caiçaras como marabaxo, maculelê, puxada de rede e samba de roda, são resgatadas nas oficinas de danças folclóricas que acontecem na Fundacc (Fundação Educacional e Cultural de Caraguatatuba) e contam com a participação de jovens que garantem a continuidade nas tradições caiçaras.

“Foram os mestres moçambiqueiros do Vale do Paraíba que me ensinaram as músicas de algumas danças folclóricas praticadas no litoral norte. Quando criança, pelos idos de 1980, lembro-me de ter assistido uma apresentação de moçambique na Praça do Travessão, zona sul de Caraguá. Mas, por falta de apoio na época, o grupo se desfez”, relata o professor Paulo Sérgio Santos Filho, conhecido como mestre de capoeira Angolinha. [...] O prestígio da companhia está em alta. Ano passado, pela segunda vez, o grupo foi sorteado no Revelando São Paulo, evento cultural e gastronômico do estado, e trouxe para o litoral, o manto e a coroa do moçambique do estado de São Paulo. [...] Para os curiosos e desejosos de apreciar uma apresentação de moçambique de Caraguá, a dica é comparecer às festas religiosas realizadas no litoral norte, no Revelando São José dos Campos, em julho ou nas festividades do Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro. (*BEACH&CO* n.88, 2009, p.59-60).

O texto informa que a origem do Moçambique praticado em Caraguatatuba se entrelaça a história de vida de Paulo Carvalho que nasceu em 1926, numa fazenda em Ubatuba, e aos oito anos de idade, aprendeu o ofício desta dança. A chegada do Moçambique ao Brasil foi por volta de 1750, usada pelos escravos para camuflar as práticas religiosas africanas. Portanto, o Moçambique de Caraguá, as congadas de Ilhabela e de São Sebastião, e outros grupos de danças folclóricas do litoral, consolidaram-se como práticas ligadas ao catolicismo.

A **89ª edição** apenas constou que na Lagoa Azul em Caraguá, pescadores praticam pesca. E na **90ª edição** que circulou em dezembro com 100 páginas, o caiçara não foi lembrado.

As **doze edições de 2009** da *Beach&Co* mostraram aspectos relevantes da Cultura Caiçara como dança, artesanato, culinária, educação e, principalmente, o cultivo de mexilhão como nova fonte de renda para pescadores de Ubatuba. Nas doze capas estiveram o voo livre e a vela esportiva; golfinhos e cigarras; monumentos como parque e bonde santista, forte São João em Bertioga; imagens aéreas do desenvolvimento de Guarujá, de plataforma de petróleo, e uma capa com membros de colônia portuguesa que moram no litoral, e novas colunas como *Prêt-à-Porter* com dicas de moda.

A revista informou sobre a exposição e venda de artesanato caiçara na Casa da Cultura em Ilhabela; o calendário de eventos de Caraguá inclui as Festas do Camarão, da Tainha e do Mexilhão mobilizando pescadores; esta mesma cidade mantém um grupo de artesãos que

fazem bonecas de pano reproduzindo a “família caiçara”; em Santos há um Clube de Pesca que reúne pescadores amadores e não caiçaras; em Ubatuba, quilombolas caiçaras cultivam palmeira juçara e realizaram a 1ª Festa da Juçara no Quilombo da Fazenda com apresentação de danças como samba de roda, jongo, capoeira, ciranda de roda, forró de rabeca e moda de viola; professores optam por lecionar em comunidades isoladas em Ilhabela e acabam não só ensinando, mas aprendendo com as crianças por meio do convívio que gira em torno do mar e da natureza. Dois anúncios da Prefeitura de São Sebastião mostram a herança caiçara preservada em museus, igrejas, centro histórico, artesanato e festas tradicionais; Ilhabela sediou o 1º Encontro para o Fortalecimento das Culturas Tradicionais do Litoral Norte; peles e escamas de peixes são reaproveitadas no litoral paulista, mas o projeto não está vinculado às comunidades caiçaras; Peruíbe foi sede do 11º Festival de Cultura Caiçara reunindo remanescentes da Baixada Santista e Vale do Ribeira; a Prefeitura de Ubatuba pretendia criar roteiros culturais com visitas às comunidades tradicionais para mostrar ao turista o cotidiano, a pesca, a agricultura e as manifestações típicas; o poder público em Caraguá mantinha oficinas de dança de moçambique, marabaxo, maculelê, puxada de rede e samba de roda, sendo manifestações advindas do catolicismo e praticadas por caiçaras.

Os principais fatos da região presentes nas páginas da revista neste ano foram: sacola retornável; o modismo de usar piercing; chás, medicamentos e cosméticos manipulados ganham espaço; Seminário do Ministério do Turismo debate atrativos do litoral paulista; Guarujá em nova fase de expectativas do setor turístico devido ao parque arqueológico, aeroporto e ligação seca com a cidade de Santos; setor portuário cresce em movimentação de cargas de produtos agrícolas e derivados de petróleo; benefícios do petróleo e gás já são reais, mas região precisa de muito mais que apenas o turismo para crescer, como aumento de emprego, projetos sociais, melhorias nas estradas, capacitação profissional e royalties; Congresso Nacional de Municípios Portuários ocorre em Santos; com pequenas mudanças de hábito é possível contribuir com a melhoria do meio ambiente; ginástica laboral, reserve um tempinho para relaxar e repor energias; novo ciclo de riquezas e desafios; investimentos de US\$ 99 bilhões envolvidos na exploração de pré-sal, na Bacia de Santos, até 2020. Tal volume, a ser confirmado, mudará completamente o perfil físico, social e econômico da região. Mas, grandes obras geram grandes problemas, e as cidades envolvidas já discutem como enfrentá-los; o bairro Valongo (Santos) terá muito a ganhar com a instalação da Unidade de Negócio de Exploração e Produção da Bacia de Santos; cursos já preparam mão de obra; bambu, uma alternativa sustentável na decoração; Oásis Spa & Home Resort ganha prêmio de excelência no mercado de luxo; Spazio Dolce Vita (anunciante) é entregue pela

PGC e se torna referência em luxo (anunciante), conforto e bem estar na glamorosa Riviera de São Lourenço; arquiteto Ruy Ohtake assina projeto de jardim, que mudará a orla da praia de Bertiooga; Cinco estrelas privativo: o conforto e a estrutura são de hotel, mas a intimidade e o prazer são típicos de um recanto exclusivo. Eis o diferencial que faz do belíssimo Resort Reserva da Mata, na Riviera de São Lourenço, um lugar único; Bertiooga recebe o selo verde azul do governo do Estado.

As pautas marcaram definitivamente o interesse do Grupo Costa Norte nas temáticas de petróleo e gás (com edição especial da revista sobre o assunto em 2010) e os lançamentos de empreendimentos na Riviera de São Lourenço, principal local de captação de anúncios da revista.

Portanto, a revista distribuída e lida pelas classes alta e média que frequentam a Riviera criam uma “relação de força” para compradores e investidores conhecerem os lançamentos imobiliários na região. Como propõe Orlandi (2010), o veículo (no caso a *Beach&Co*), o local (distribuída na Riviera e em todo litoral paulista) e o contexto criado (qualidade dos anúncios e textos da revista), fazem com que o público leitor composto por empresários e afins se convencem de que estão fazendo o melhor, ao investir na compra de condomínios de luxo.

13 edições da revista *Beach&Co* em 2010 | Da 91ª a 102ª edição + Especial da Santos Off Shore

Com 100 páginas, circulou em janeiro a **91ª edição** trazendo a reportagem “Bem-vindo ao reino do sossego”⁴², sobre a comunidade da Praia de Serraria em Ilhabela. Tanto fotos como o texto evidenciam características dos caiçaras como tranquilidade, pesca, natureza preservada, casas e moradores simples. A repórter convida o leitor à ‘buscar novos ângulos no olhar’ para enxergar a riqueza da comunidade.

Para enxergar a beleza da vida simples dos moradores das 17 comunidades tradicionais de Ilhabela, é preciso buscar novos ângulos com o olhar. A sutileza do momento presente pode passar despercebida por aqueles que procuram somente uma praia virgem para desfrutar. Esquecem-se de que a maior riqueza desses paraísos não é apenas a exuberante natureza, mas o casamento perfeito entre ela e os moradores locais. “Às cinco da manhã já tô de pé. Às seis da tarde o dia acaba. O mar cansa. Agora o mar tá pras lula. É um jogo. Um dia pega peixe, outro dia o mar tá grosso e não vem nada. Mas aqui é bom pra vivê. Tem vento e chuva. Nos dias bom, deito na varanda e amanheço noutro dia”. Assim, com a malemolência de quem vive à beira-mar, o caiçara Benedito dos Santos, 56 anos, nascido e criado em Serraria, Ilhabela,

42 A reportagem não foi selecionada para análise porque foi escrita pela autora da tese.

revela os segredos da vida simples nas comunidades tradicionais. (BEACH&CO n.91, 2010, p.27).

Nos próximos trechos, pinceladas do artesanato, culinária e vestimenta caiçara.

Nem mesmo a atividade pesqueira, que anda fraca, comparada à fartura de décadas passadas, tira a alegria de viver desse pescador de sorriso franco e expressão forte. Gestos calmos, face dourada pelas longas horas de exposição ao sol, roupas simples, chinelo nos pés. A personificação do típico pescador caiçara. Há muitos personagens como ele entre os 836 caiçaras das comunidades tradicionais, gente que se orgulha de ajudar a preservar 92% da mata nativa do arquipélago e a guardar um restinho de sua cultura. O modo simples de ser dessa gente é visível nas roupas, na culinária, cujos ingredientes principais são o peixe e a banana verde, no sotaque caipira-caiçara e nas letras de músicas folclóricas. O artesanato é feito de folhas de bananeira e taboa, fibras naturais que, tecidas com cuidado, dão origem a abajures, tapetes, cortinas, vasilhas, bandejas e outros utensílios domésticos, considerados verdadeiras obras de arte. O distanciamento em relação ao desenvolvimento urbano garante a preservação da cultura local, centrada na figura do caiçara, o nativo do litoral paulista e pescador por essência. (BEACH&CO n.91, 2010, p.27-28).

Serraria é mostrada como uma comunidade receptiva ao turista.

O acesso à Praia de Serraria, onde vive uma comunidade formada por 67 pessoas, é possível por meio de trilhas em meio à Mata Atlântica ou por mar. [...]. De barco, à esquerda de quem chega à praia, destacam-se três casinhas brancas, com portas e janelas azuis. No centro, o único estabelecimento comercial da localidade, o Kioske Serraria, divide espaço com uma igrejinha. Atrás, a pequena escola e, à direita, um rancho de pescador animado pelo colorido das canoas, boias e outros objetos pendurados nas árvores da espécie chapéu-de-sol, que unem suas sombras às dos coqueiros. Assim que os moradores avistam a embarcação que chega, vão ao encontro dos visitantes em suas canoas artesanais, cunhadas em troncos de árvores centenárias, enormes. Os turistas são tratados como personalidades e recebem ajuda para desembarcar. (BEACH&CO n.91, 2010, p.27).

Peculiaridades de festas e da personalidade do caiçara foram reveladas na entrevista feita com um morador local.

Benedito revela o motivo de seus sorrisos frequentes e o porque da movimentação atípica dos moradores, em incessante vaivém com paus de bambu numa das mãos e folhas de coqueiros na outra: sua segunda filha, Marilene, se casaria dali a três dias. Os familiares de ambos os noivos, todos meio aparentados, estavam atarefados com os afazeres do grande acontecimento do final de semana. O palco da festa estava sendo montado ali mesmo, e a festança, com certeza, viraria a noite. Ao lado do bolo, encomendado na cidade, assim como a cerveja, o peixe frito segundo a tradição e música de viola para animar. Detalhe: a decoração típica praiana, feita com folhas de coqueiros, e uma lona cobrindo o local, caso a chuva desse o ar da graça. Antes da festança na orla da praia, porém, o casamento civil em

Ilhabela, para aonde seguiria um comboio de cerca de 20 canoas. Benedito explicou que festança como esta, só acontece uma vez por ano, em agosto, na festa do Senhor Bom Jesus, na qual comparecem moradores das outras comunidades, reunindo até 300 pessoas. Mas “festinha” sempre acontece em Serraria. Uma rede cheia de peixe já é motivo de comemoração. No dia a dia, Benedito, além de pescar, limpar os peixes e camarões, ajuda a mulher nos cuidados com a casa. O espírito comunitário, de companheirismo, cumplicidade e fraternidade é uma realidade vivida na comunidade. (BEACH&CO n.91, 2010, p.28-29).

E o texto é finalizado com o relato de um jovem caiçara sobre a atual situação da pesca.

Amarildo dos Santos, 19 anos, ajuda Benedito frequentemente. Um jovem sem preguiça que acorda bem cedo para ajudar a lançar as redes no mar, uma atividade coletiva. Ele explica que, quanto mais longe da costeira a rede for lançada, mais chance de pegar peixes grandes como as garoupas. Enquanto deixam as redes armadas em alto mar, os pescadores retornam para a costa para apanhar lulas. Durante o dia, ele e outros pescadores visitam o cerco de rede em mar alto, “aí é uma surpresa, quando tá vento de maré sul é bom”, senão, deixam a noite passar e recolhem a rede no dia seguinte. E assim Amarildo, como os demais homens da comunidade, tira desta atividade a fonte do sustento da família. Eles acumulam o pescado em grandes caixas de isopor com gelo, que aguentam até 5 dias sem derreter. Após juntar uma quantidade boa de peixes e frutos do mar, os pescadores com mais experiência seguem para a Vila e vendem os produtos. Aproveitam para fazer a compra do mês no supermercado e retornam no modesto barquinho teco-teco, que leva cerca de 2 horas entre o centro de Ilhabela e a Praia de Serraria. Numa lancha potente e com boas condições de tempo, a viagem cai para 30 minutos. (BEACH&CO n.91, 2010, p.29-30).

Uma reportagem com bastante descrição e digressões da repórter que visitou a comunidade. Apenas dois dos 67 moradores tiveram a oportunidade de revelar os valores e o modo de vida caiçara.

A **92ª edição** publicou reportagens sobre áreas de preservação no litoral paulista, mas sem citar que algumas delas são habitadas por caiçara. Outro texto sobre o cultivo de algas marinhas na Ilha do Tamanduá (Caraguá) também não informou que este é um dos locais de pesca dos caiçaras.

A **93ª edição** não abordou o caiçara de forma direta, apenas consta que hotéis na costa sul de São Sebastião compram peixes frescos de pescadores da Ilha Montão de Trigo. Outro texto sobre a praia do Jabaquara (Ilhabela) aborda as belezas naturais sem citar que a praia foi um reduto caiçara no passado.

Na editoria de *Gastronomia* da **94ª edição** foram publicadas receitas “À moda caiçara” como bolinho de camarão com banana da terra, bolinho de bacalhau, linguado Principado do Tombo, risoto a Alcides e pavê de abacaxi light. Nas legendas dos pratos estão os nomes dos

chefes de cozinha e os restaurantes onde atuam em Santos, Guarujá e São Paulo. A repórter Fernanda Lopes fez apenas um texto de introdução, explicando que “a culinária praiana, rica em frutos do mar, é enriquecida com ingredientes de origens europeia, indígena e africana [...]”. O intuito foi privilegiar os restaurantes citados tendo como elo os peixes, sem deixar claro ao leitor o que, por exemplo, o pavê de abacaxi light, tem de caíçara. (*BEACH&CO* n.94, 2010, p.36).

Esta edição ainda contou com texto sobre um documentário da catástrofe de 1967 ocorrida em Caraguá, com relatos de caíçaras que sobreviveram, mas sem considerações de como o povo nativo viveu antes e depois do episódio. O enfoque foi mostrar o desenvolvimento da cidade pós tromba d’água, mesmo com o texto sendo ilustrado com a paisagem da praia do Camaroeiro, de um pescador carregando o remo da canoa de pesca.

Uma reportagem sobre artesanato com fibras de bananeira está na **95ª edição** tendo como base um projeto desenvolvido em Cubatão, sem constar que este artesanato também é feito nas comunidades caíçaras. A **96ª edição** publicou dois anúncios relacionados ao caíçara, o primeiro referente à 33ª Festa da Tainha de Bertiooga, que serve “delicioso prato típico”, organizada pelo Lions Clube; e o segundo da prefeitura de São Sebastião com foto de barco de pescador convidando o leitor a conhecer as belezas naturais da cidade que tem eventos como o Arraiá Caíçara e outros; praias para todos os gostos e povo hospitaleiro. Os dois anúncios foram publicados também na **97ª edição** da revista, que teve como chamada de capa “Rios de Bertiooga - Fontes de vida e laser” e mostrou a bacia hidrográfica no município, cuja preservação garante a fartura de pescados.

A **98ª edição** teve na contra capa final um anúncio da 17ª Festa do Camarão na Moranga de Bertiooga, organizada pela Colônia de Pescadores Z-23. Outra reportagem que abordou a rotina de pescadores foi sobre a Ilha Diana, em Santos.

É a água que dita o ritmo desta comunidade formada por 53 famílias. Os pequenos barcos de pesca e as canoas a remo são meio de transporte e de sobrevivência dos moradores, aos quais se atribuem o colorido e a típica movimentação no trapiche de acesso à ilha, pertence a Santos. Visitar a Ilha Diana é como viajar no tempo. Grande parte das casas é de madeira e os moradores buscam na pesca um meio de sobrevivência. A comunidade parece estar à parte da movimentação e do desenvolvimento contínuo que acontece em Santos, apesar de distar apenas oito quilômetros do maior porto da América Latina. (*BEACH&CO* n.98, 2010, p.28).

A reportagem não citou que a Ilha Diana é habitada por caíçara. Ficou explícito que seus moradores adotam o estilo de vida de pescadores artesanais.

A tranquilidade e o sossego são mesmo os principais atributos locais. “Aqui é

um lugar seguro, onde a comunidade se ajuda. Todos fazem tudo”, afirma a mais antiga moradora, Antônia Bittencourt de Souza. Com seus 94 anos de vida, dona Dina –como é conhecida– é um protótipo da típica hospitalidade do povo da ilha. Ao lado da filha mais velha Celina Alves, ela lembra a época áurea do pescado na Ilha. “Meu marido trabalhava em escritório, até que pediu demissão para trabalhar por conta própria-comprando e revendendo pescado por aí. Assim ganhamos muito dinheiro. Mas nós também pegávamos marisco, no tempo em que ainda tirávamos com o dedo. Num único dia, cheguei a encher cinco latas grandes do molusco. Mas hoje a Ilha dos Pescadores, como era conhecida, não consegue mais sobreviver apenas da pesca e isso preocupa a população local. “A pesca está enfraquecendo a cada ano e isso nos aflige. A pescaria não dá mais futuro. Quem insiste nesse meio de vida, vai pescar em Bertioiga ou no Casqueiro, porque aqui não dá mais”, afirma o pescador Astor Marcolino dos Santos. (*BEACH&CO* n.98, 2010, p.29-30).

Respeito à natureza, cultivo de horta de subsistência, receptividade do povo e festas católicas, características comuns ao povo caiçara, foram descritos no texto.

Em seu quintal, dona Dina cultivava uma variedade de espécies de plantas e afirma tratar alguns problemas de saúde com chás de ervas que colhe nas imediações de seu chalé. [...] Os moradores da ilha são os guardiões da natureza da Ilha Diana [...]. A fauna e flora locais constituem-se de espécies típicas de manguezais [...]. A ocupação da Ilha Diana aconteceu na década de 1930, quando a Base Aérea de Santos foi ampliada para a construção da pista de pouso. Com isso, uma parte da população [...] teve que procurar novas áreas para viver, quatro dessas famílias se estabeleceram na ilha. [...] A maior celebração, no entanto, acontece no início de agosto, quando se realiza a festa de Bom Jesus. Além da missa e da procissão marítima, os festejos [...] são comemorados com muita tainha assada na grelha e festival de frutos do mar. (*BEACH&CO* n.98, 2010, p.30-32).

Na **99ª edição** não há conteúdo sobre o caiçara, assim como a **100ª edição** que teve capa dupla comemorativa aos 100 anos da antiga usina hidrelétrica de Itatinga (Bertioiga) e a centésima edição da revista. “Chegamos à marca de 100 edições com o mesmo entusiasmo e a certeza de sucesso de quando lançamos a primeira edição em janeiro de 2002. Agradecemos a todos os leitores, colaboradores e anunciantes por acreditarem nesse projeto”. (*BEACH&CO* n.100, 2010, capa).

Neste mesmo mês de outubro foi publicada uma **edição especial** da revista para o evento Santos Offshore 2010. Os textos das quatro cidades do Litoral Norte mostraram que em São Sebastião, “o paraíso reserva, ainda, as paisagens inesquecíveis formadas pelos rios, cachoeiras e ilhas paradisíacas, como As ilhas, [...] dos Gatos e das Couves, ideais para pescaria, e a do Montão de Trigo, onde vive uma comunidade caiçara, que mantém hábitos ancestrais”. (*BEACH&CO* especial, 2010, p.54). Ainda neste texto, o intertítulo “Capelas caiçaras”, registra que foram construídas entre 1920 e 1960, as capelas caiçaras que

“conservam a singeleza e originalidade de uma época em que os bairros localizados nas praias eram ligados exclusivamente pelo mar, e seus moradores eram pescadores”.

O texto de Ilhabela cita como atrativos “a exposição permanente [que] destaca a história, a cultura caiçara, o meio ambiente, a fauna e flora da região”. (*BEACH&CO* especial, 2010, p.59). E o texto de Caraguá mostra que no centro da cidade existe a Praça do Caiçara.

Após 15 edições sem reportagens selecionadas para análise na tese, a **101ª edição** veio com o texto de Helton Romano sobre a “Beleza e curiosidades da Ilha dos Gatos”, em São Sebastião que deu voz ao único habitante da ilha, o pescador Caio Rodrigues analisado no Quinto Capítulo.

A **102ª edição** novamente citou a Praça do Caiçara (Caraguá) e publicou reportagem sobre praias “zen” indicando a praia de Serraria (Ilhabela). “As comunidades tradicionais preservam a cultura local e recebem bem os visitantes”. (*BEACH&CO* n.102, p.49, 2010).

As **13 edições de 2010** publicaram conteúdos referentes à Cultura Caiçara, com destaque para três reportagens: a primeira sobre o estilo de vida em uma das 17 comunidades tradicionais de Ilhabela, no caso, a da praia de Serraria; a segunda sobre a Ilha dos Gatos, de São Sebastião; e a terceira sobre a Ilha Diana em Santos, que não foi selecionada para análise porque a comunidade não está localizada no Litoral Norte.

Este ano marcou a centésima edição da revista, bem como a tendência no mercado de revistas regionais de lançar edições temáticas como a *Beach&Co* Santos Offshore 2010. Receitas caiçaras criadas por chefes de cozinha foram lembradas neste ano, bem como anúncios das prefeituras de Bertioga e São Sebastião convidaram o leitor para festivais gastronômicos a base de peixes e frutos do mar.

As capas versaram sobre paisagens de praias, orla de Guarujá, rios de Bertioga, embarcações náuticas, restinga (ecossistema), antúrio (flor), palhaço, arraias (animal marinho), folclore (de outros países), vida submersa (seres vivos no fundo do mar), Itatinga (antiga usina hidrelétrica) e cruzeiros (transatlânticos).

Dentre as editorias mais frequentes estiveram Porto, Investimentos, Qualidade de Vida, Pré Sal, Saúde, Turismo, Moda, Gastronomia, Meio Ambiente, Cultura, Turismo Internacional e colunas sociais. A revista passou a não publicar artigos assinados, mas a fazer com mais frequência, entrevistas com secretários municipais, prefeitos e autoridades regionais citados na maioria das vezes, nas reportagens.

Os fatos da região presentes que marcaram o ano da revista foram: restinga de Bertioga, bem único; lixão tóxico com os dias contados; que parte nos cabe no aquecimento global: recicle o lixo, reduza o consumo, evite descartáveis, opte pelo refil, selos de

procedência, transporte coletivo, produtos locais, alimentos orgânicos, consumo de carne e peixe, informe-se, exerça seu poder; AVC (Acidente Vascular Cerebral) perigo silencioso; de olho na Copa do Mundo de 2014, na Olimpíada de 2016 e na exploração de petróleo nas reservas do pré-sal, o Porto de Santos recebe um olhar todo especial; Bertioga possui riquíssima bacia hidrográfica e uma das mais importantes do estado de São Paulo; Porto de São Sebastião é chegada a sua hora; Praias&Associados Planejamento Estratégico Imobiliário, um diferencial na Riviera de São Lourenço (anunciante); com demanda superior a 250 mil profissionais, a atividade de extração de petróleo e gás exige capacitação humana e tecnológica de alto padrão, um mercado aberto a profissionais das mais diversas especialidades; *All Time Family Clube*, o primeiro clube exclusivo da região, em Bertioga (anunciante); o esporte de Santos está em festa com o ginásio para 5.000 pessoas, o Arena Santos, preparado para sediar competições como os Jogos Abertos do Interior (anúncio); Litoral Paulista, o lugar ideal para investir, trabalhar e viver bem; Era pré-sal, cada vez mais próxima da realidade; *Santos Offshore Oil&Expo* aproxima interesses de envolvidos na cadeia produtiva do petróleo e gás; Pão de Açúcar Drive-thru Riviera: da internet para o seu portamalas (anúncio).

Os assuntos noticiados na revista revelam que as identidades culturais no mundo pós-moderno foca o “pertencimento”, exemplo, da cultura dos “drive-thru”, no qual é possível fazer compras sem descer do carro; ou fazer parte do “All Time Family Clube”, um local de lazer exclusivo da região. As questões étnicas, raciais, religiosas e, acima de tudo, nacionais estão sendo “deslocadas” ou fragmentadas. Importa o momento presente de “reciclar lixo, reduzir o consumo, evitar descartáveis, optar pelo refil, conferir os selos de procedência, optar pelo transporte coletivo e por produtos locais, consumir alimentos orgânicos, estar atenta a saúde para prevenir um AVC”.

12 edições da revista *Beach&Co* em 2011 | Da 103ª a 114ª edição

A primeira edição de 2011, a **103ª** da revista, teve uma reportagem selecionada para análise no último capítulo da tese, de autoria de Helton Romano, que abordou o tema: “Pescador artesanal, espécie em extinção”. O texto traz o relato de pescadores e problematiza a escassez de pescado, o que motivou o caçara a migrar para outras atividades profissionais. As fotos revelam a fisionomia dos entrevistados em vários momentos da atividade pesqueira.

Entretanto, a escassez do pescado e a dificuldade em comercializá-lo, entre outros fatores, fizeram com que muitos companheiros de Jururuca abandonassem a pesca. Hoje, nas praias da costa sul de São Sebastião, é

cada vez mais raro encontrar quem exerça a atividade como único meio de subsistência (*BEACH&CO* n.103, 2011, p.54).

A **104ª edição** não contou com matérias sobre o caiçara, apenas um anúncio publicado na edição anterior, da Prefeitura de São Sebastião mostrando um barco de passeio, seguida da frase: São Sebastião é tudo isso. É mais turismo. É mais cultura. É mais vida. A **105ª edição** abordou as “Peculiaridades de São Sebastião”, em reportagem escrita por Helton Romano, dividida em cinco partes: histórica, turística, cultural, portuária e petrolífera.

Na introdução, o texto informa que a cidade tem característica geográfica peculiar devido à extensão territorial e terreno acidentado, com a população se dividindo na Costa Norte e na “belíssima Costa Sul, que faz divisa com Bertioga, é essencialmente turística. Concentra as mais belas praias, expressivo número de casas de veraneio e condomínio de alto padrão, além de parte da população caiçara”. (*BEACH&CO* n.105, 2011, p.21).

O subtítulo “Cultural” resume quais são os bairros com a presença de pescadores artesanais, os núcleos e tipos de artesanato caiçara e a presença de grupos de dança de Folia de Reis e Congada na cidade.

A cultura caiçara revela uma diversidade incrível de manifestações e costumes originais. Mais que uma simples atividade econômica, a pesca artesanal simboliza essa cultura que, durante muitos anos, foi a principal meio de subsistência na cidade. Bairros como Boiçucanga, Barra do Una, Toque-Toque Pequeno e Toque-Toque Grande ainda abrigam núcleos de pescadores. Mas, curiosamente, é no bairro de São Francisco, na Costa Norte, onde funcionam a Colônia de Pesca e uma cooperativa, que a atividade tem mais força. Também inserido na cultura caiçara, o artesanato é reflexo de uma época em que a produção de ferramentas e utensílios procedia da terra. O bairro de São Francisco já foi um dos mais importantes núcleos ceramistas nacionais. Hoje, preserva a tradição por meio da Cooperartess - cooperativa que mantém atualmente a fabricação das panelas de barro em conjunto com novos elementos e formas. O material fica exposto na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. Outra vertente do artesanato local são peças produzidas a partir da taboa (planta aquática típica de brejos), desde chinelos e chapéus até tapetes. A caixeta também é material típico encontrado no artesanato caiçara. É utilizada por ser uma madeira clara e mole, que cede fácil ao formão ou à faquinha, instrumentos de trabalho de caiçaras que se concentram principalmente na Costa Sul: na avenida principal de Camburi; na Praça Pôr do Sol, em Boiçucanga; no comércio de Juquehy e em feiras de Barra do Una. Manifestações culturais como a Folia de Reis e Congada de São Benedito mantêm acesa a tradição folclórica em São Sebastião. (*BEACH&CO* n.105, 2011, p.23).

Esta edição da revista ainda contou com um texto na editoria *Saúde* sobre os nutrientes dos peixes e os benefícios de incluir este alimento nas refeições. A **106ª edição** teve outra reportagem escrita por Helton Romano, das Capelas Caiçaras (São Sebastião), e

consequentemente das festas realizadas em comunidades tradicionais que homenageiam os santos da igreja católica, selecionada para análise na tese.

Edificações religiosas resistem ao tempo e mantêm características originais das pequenas povoações do litoral norte paulista. São as capelas caiçaras da costa sul de São Sebastião, autênticas representantes do patrimônio histórico-cultural da cidade. [...] As capelas são frutos do esforço das comunidades caiçaras num período dominado pelo isolamento e pela economia de subsistência na região. Embora possuam o mesmo perfil, cada uma tem suas peculiaridades, que enriquecem ainda mais a história e o valor cultural destas edificações religiosas. Tanto que existe uma lei municipal (nº 943/94) que as determina como áreas de interesse histórico-cultural. (*BEACH&CO* n.106, 2011, p.39).

Outro texto, do aniversário de 154 anos de Caraguá, ilustrou em duas páginas, uma foto da baía do Camaroeiro com duas canoas típicas, sem fazer qualquer alusão à Cultura Caiçara no texto. Também nesta edição foi publicado anúncio de uma nova ação da revista, o “1º Torneio de Golf da Revista *Beach&Co* no Riviera Golf Club”.

A **107ª edição** mostrou o caiçara em vários aspectos. O texto do aniversário de 20 anos de Bertioga foi ilustrado por fotos de paisagens de barcos de pesca artesanal, rememorando a cultura tradicional da cidade. A reportagem de Helton Romano, “Símbolo da sobrevivência caiçara”, selecionada para análise, focou a construção de canoas de voga, antigo e atual meio de transporte dos caiçaras.

A canoa foi, durante décadas, o meio prioritário de transporte utilizado pelas comunidades caiçaras no litoral norte, devido à precariedade, na época, das ligações terrestres. Mas, ainda hoje, sobrevivem graças ao duro trabalho artesanal de alguns pescadores que tentam preservar a cultura caiçara. (*BEACH&CO* n.107, 2011, p.28).

Um terceiro texto abordou a plataforma de pesca que atrai pescadores amadores e tradicionais em São Vicente. E o quarto texto, na editoria Gastronomia, também de Helton Romano, “Prazeres da culinária caiçara”, mostrou que “pratos genuinamente caiçaras, agora são vedetes da gastronomia sofisticada aqui e lá fora”. (*BEACH&CO* n.107, 2011, p.50).

O texto fez um breve histórico da carreira profissional do chefe de cozinha Eudes Assis.

O chefe Eudes Assis já apresentou diversas iguarias a mais de 20 países a bordo de um megaiate e no ano passado ganhou o prêmio de revelação do Brasil concedido por uma revista especializada em gastronomia. Em geral, Assis utiliza alimentos que se acostumou a comer durante a infância, vivida na pacata praia de Toque-Toque Grande, em São Sebastião. Trabalhava como barman de um restaurante local quando, ainda adolescente, decidiu estudar culinária no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Logo passou a exhibir seu talento nas cozinhas dos melhores restaurantes da cidade e

estagiou no renomado Fasano, em São Paulo. Mas Assis sonhava em ter uma projeção internacional e resolveu estudar na França, onde passou a dar mais valor à culinária caiçara. “Participei de confraternizações e presenciei chefes de diversas nacionalidades brigando para mostrar qual queijo era o melhor, lutando pelos seus ingredientes e culturas”, recorda. Na Espanha, Assis teve a oportunidade de estagiar com Ferran Adriá, considerado o mais importante chefe do mundo. Voltou ao Brasil em 2007 e, desde então, trabalha no restaurante Seu Sebastião, na praia de Maresias. Com apenas 34 anos de idade, Assis já acumula uma vasta experiência, e se tornou um dos nomes mais conceituados no meio gastronômico. Ficou conhecido como Chefe Caiçara por valorizar os ingredientes locais aliados a técnicas modernas. Vez ou outra, ele é convidado a participar de festivais e ministrar palestras para alunos de gastronomia. (BEACH&CO n.107, 2011, p.50-51).

O menu caiçara sugerido por Eudes Assis para a edição da *Beach&Co*, misturou ingredientes usados na culinária caiçara. No final consta a receita de como preparar a “pescada de cambucu em crosta de banana-da-terra, pupunha grelhada, creme de taioba e chips de inhame”.

O prato foi inspirado no peixe azul-marinho, típico da região, que recebeu adaptações. Em lugar de bananas nanicas verdes, Assis optou por bananas-da-terra que, por serem mais consistentes, podem ser grelhadas sem quebrar. A mistura do salgado do peixe como doce da banana é uma combinação perfeita e aguça o paladar. A maciez do palmito pupunha contrasta como crocante dos inhames, semelhantes a batatas chips. Para completar, o creme de taioba dá um toque especial ao prato. De sobremesa, manga grelhada ao caramelo de capim-santo, sorvete de tapioca e renda de gengibre. Uma apresentação bonita e saborosa, com ingredientes regionais encontrados no litoral norte. (BEACH&CO n.107, 2011, p.52).

Este último texto mostrou que caiçara não é só pescador, mas àquele que nasce no litoral do sudeste brasileiro e, que de alguma forma, preserva os costumes dos seus ancestrais, Eudes Assis manteve os ingredientes da culinária caiçara, recriando pratos de sua comunidade natal. No Segundo Capítulo da tese, Eudes foi objeto de análise no artigo científico de Cynthia Luderer (2010).

Na **108ª edição** foi publicado texto da reinauguração da maior plataforma de pesca da América Latina, em Mongaguá, que atrai pescadores amadores e se tornou atrativo turístico, sem citar a pesca tradicional praticado por caiçaras na região. A **109ª edição** não abordou assuntos da cultura tradicional no Litoral Norte. Foram publicadas matérias e anúncio institucional do projeto Costa Norte Escola, no qual o grupo de comunicação que edita a revista *Beach&Co* promove concurso de redação com alunos da rede municipal de Bertioga.

A reportagem “Protótipo da natureza”, na **110ª edição**, focou vários atrativos turísticos de Ilhabela, com foto da Praia Mansa e o seguinte texto de introdução:

Formada por 12 ilhas, Ilhabela sabe preservar o que tem de mais importante: a

paisagem exuberante, os recursos naturais, as tradições culturais e a típica vida de populações caiçaras que ainda sobrevivem da pesca em 17 comunidades tradicionais espalhadas pelo arquipélago. [...] A culinária da cidade é das mais diversificadas, com restaurantes de alto padrão que contemplam, ainda, a gastronomia mediterrânea, a oriental e a típica cozinha caiçara. (*BEACH&CO* n.110, 2011, p.20).

A **111ª edição** publicou anúncio da 16ª Festa do Camarão de Ilhabela e quase nenhum conteúdo da cultura tradicional, assim como as três próximas edições, a **112ª, 113ª e 114ª**. A edição de outubro (112ª) foi temática sobre Petróleo & Gás; a de novembro citou o evento da III Semana de Orquídeas e Bromélias de Bertioga, que contou com exposição do Foto Clube Lentes Caiçara, portanto o ‘caiçara’ empresta seu nome ao grupo de fotógrafos; e a edição de dezembro com 130 páginas, citou novamente a plataforma de pesca de Mongaguá, veio com anúncio da prefeitura de Ilhabela ilustrado por foto de praia paradisíaca, trouxe várias páginas de texto em forma de anúncio publicitário (identificado pela margem contornada das páginas), e reportagem institucional da entrega de prêmios da terceira edição do projeto Costa Norte Escola, além do texto sobre o mais antigo naufrágio de Ilhabela, em Castelhanos, no qual:

A comunidade de cerca de 200 pessoas que habita o local, vive rusticamente sem água encanada nem energia elétrica. A história local é contada por meio de depoimentos dos moradores mais velhos, pois há poucos escritos sobre o local e mais raros ainda os documentos oficiais sobre o início de sua povoação. (*BEACH&CO* n.114, 2011, p.56).

As **12 edições de 2011** mostraram características da cultura tradicional no Litoral Norte, destacando cinco textos: o primeiro do “Pescador artesanal, espécie em extinção”; o segundo da “Memória de um povo” que abordou as capelas caiçaras; o terceiro da canoa como “Símbolo da sobrevivência caiçara”; o quarto com o histórico profissional do chefe de cozinha Eudes Assis, revelando que caiçara não é só pescador, mas exerce outras profissões e preserva os valores da cultura tradicional; e o quinto das “Peculiaridades de São Sebastião”, localizando os bairros com presença de pescadores artesanais, os núcleos e tipos de artesanato caiçara feitos na cidade e a existência de grupos de dança de Folia de Reis e Congada.

Em 2011, a *Beach&Co* contou com uma segunda edição temática sobre Petróleo & Gás, publicou informes publicitários pagos em formato de reportagem e colunas assinadas, trouxe novas editorias como “Ser Sustentável”, nova coluna como *Tips & Advices* sobre acessórios de moda, e anúncios institucionais sobre o projeto Costa Norte Escola (que foi capa) e do 1º Torneio de Golf da Revista *Beach&Co* no Riviera Golf Club.

Flores, paisagens, animais e esportes foram estampados nas capas, entre eles felinos (onça), aves (pássaro tangará e albatrozes), orquídeas, índios, cultura hispânica, Arquipélago

dos Alcatrazes (São Sebastião), corrida de rua (esporte), esportes náuticos (Ilhabela), esportes no ar e Era Pré-Sal.

Os demais itens relacionados ao caçara, presentes nas edições deste ano foram à baía do Camaroeiro (Caraguá), as plataformas de pesca em São Vicente e Mongaguá; Praia Mansa e outras comunidades tradicionais do arquipélago que preserva a paisagem, os recursos naturais, as tradições culturais, a culinária e a típica vida de caçara que sobrevive da pesca; 16º Festa do Camarão de Ilhabela; o mais antigo naufrágio em Castelhana, onde cerca de 200 pessoas vivem rústicamente e cuja história local é contada por meio de depoimentos dos moradores mais velhos.

Os principais fatos da região noticiados na revista neste ano foram: cais santista recebe certificação que atesta a segurança portuária; Alcatrazes pode se tornar o primeiro Parque Nacional Marinho permitindo visita do público; criada a 1ª Unidade de Conservação de Proteção Integral de Restinga do Estado de São Paulo que inclui reservas particulares e um parque municipal (em Bertioxa); Porto de Santos: 119 anos de história e muito futuro; empresa oferece cursos de capacitação portuária a jovens carentes, o que permite integrá-los à sociedade e ao mercado de trabalho da região; 55º Congresso Estadual de Municípios reúne a classe política em São Vicente; ler, escrever, pintar: novo mundo que se descortina para mais de 4.000 alunos de Bertioxa que participam do projeto Costa Norte Escola, cuja filosofia é a comunicação como geradora de conhecimentos; investimentos no maior terminal multiuso do Brasil (Santos) torna capaz a operação de contêineres e graneis líquidos; novo Código Florestal e a Baixada Santista; alinhamento do cais do Porto de Santos possibilitará a atracação de até seis navios de passageiros (hotéis flutuantes), o que atender é parte da demanda por leitos na região durante a Copa de 2014; visão metropolitana é pensar a Baixada Santista como célula única, buscando soluções para explorar a camada pré-sal sem prejuízo ao meio ambiente e à população; Congresso de Direito Ambiental debate conservação e desenvolvimento da Zona Costeira; androginia (moda unissex) marca a moda do século XXI; agora também tem serviços da Sabesp no Poupatempo de Caraguá (anúncio do governo do Estado de SP); instituída a Política Nacional de Resíduos Sólidos, e assim os municípios brasileiros têm que se enquadrar nas normas até o próximo ano; projeto social Tripulantes do Futuro formou mais de 1.000 alunos no segmento de cruzeiros marítimos; nova perimetral reordenará o tráfego viário da margem esquerda do Porto de Santos, melhorando o fluxo de caminhões na área; alimentação saudável começa em casa com hábitos familiares que formam o padrão das crianças; Ilhabela realiza a maior obra de saneamento de sua história, de 4% em dezembro de 2008 para 60% em dezembro de 2012 (anúncio); Caminho de Anchieta, a rota

de passagem e descanso dos jesuítas, na segunda metade do século XVI, agora pode ser feita por peregrinos, num percurso de grande beleza por todo o litoral paulista; inovação tecnológica para alavancar exportações de açúcar: estrutura metálica cobrirá os berços de atracação e garantirá movimentação de produto até sob chuva intensa no momento do embarque.

Os temas, assuntos e valores retratados nas manchetes, ajudam os leitores da revista a formar sua visão de mundo, a opinião pública, a moldar comportamentos, sendo um importante fórum de poder e de luta social. (KELLNER, 2001).

O mesmo autor propõe que a cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente rejeitada como um instrumento banal de ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e das forças sociais. A mesma ideia é compactuada com a autora da tese, no sentido de que não é possível rejeitar a mídia, mas entender como funcionam seus discursos e forças.

06 edições (analisadas) da revista *Beach&Co* em 2012 | Da 115ª a 120ª edição

A **115ª edição** circulou em janeiro com 132 páginas (maior quantidade de páginas da revista até esta edição) e mostrou fotos de barcos artesanais e pescadores num texto sobre os espaços verdes de Praia Grande; outras imagens de praias e ilhas habitadas no texto “Nem tanto ao mar... Nem tanto a terra”, que convida o leitor “seja para conhecer o modo de vida de uma comunidade tradicional, seja para um relaxante banho de sol, para nadar, mergulhar ou, simplesmente, para contemplar a natureza, um passeio às ilhas de São Sebastião é um convite irrecusável”. (*BEACH&CO* n.115, 2012, p.62).

O texto aborda mais detalhes da Ilha Montão de Trigo:

Endereço mais que perfeito para conhecer e interagir com uma comunidade tradicional formada por cerca de 50 pessoas. Ninguém sabe quando a Ilha Montão de Trigo começou a ser habitada. Conta uma dessas lendas marítimas que os moradores seriam descendentes dos sobreviventes de um naufrágio ocorrido há mais de três séculos. Verdade ou mentira, o curioso é que os nativos, chamados de “monteiros”, são todos de cor clara, têm traços e sotaque peculiar. Na ilha não há praia, e o desembarque é feito por uma ponte rudimentar sobre pedras, denominado porto, onde também ficam atracadas as tradicionais canoas de voga e as pequenas lanchas de motor de polpa, utilizadas pelos moradores para a pesca, fonte de renda e sobrevivência da comunidade, e no percurso até o continente. (*BEACH&CO* n.115, 2012, p.62-63).

A **116ª edição** foi comemorativa ao aniversário de **10 anos da revista**, com capa estilizada em detalhes dourado. A edição teve 132 páginas e não mencionou a Cultura Caiçara. O Editorial enfatizou a trajetória e o propósito da publicação:

Em janeiro de 2002, foi lançada a Revista Beach&Co, e no editorial desse primeiro exemplar, a jornalista Rosângela Falato, então editora, expressou o propósito da publicação que acabara de nascer: divulgar, informar e conscientizar sobre o potencial econômico e turístico do litoral paulista, bem como a importância da preservação de suas riquezas naturais. Estamos em nossa edição de número 116 e, nas milhares de páginas publicadas, os repórteres da revista abordaram diversos aspectos do que as cidades da costa paulista têm de melhor, em turismo, história, arte, comportamento, e muito mais, sempre com o enfoque da sustentabilidade. Uma mostra desta trajetória está em nossa retrospectiva, que ocupa sete páginas [...]. Hoje, passados dez anos, estamos em festa. Mantivemos o objetivo primordial deste veículo de comunicação, que conseguiu se firmar no mercado editorial da região e agregar leitores também comprometidos com a causa ambiental e a valorização da costa paulista. É hora de celebrarmos o crescimento da revista. Nossa busca constante tem sido seu aperfeiçoamento temático e visual, cujo resultado se faz chegar às suas mãos, a cada mês, com mais qualidade gráfica e editorial. Também celebramos a confiança e credibilidade conquistadas ao longo dessas décadas, combustíveis essenciais para que o nosso trabalho siga em frente, por muitos anos mais. (*BEACH&CO* n.116, 2012, p.06).

A **117ª edição** veio com 84 páginas e na reportagem Especial de Aniversário de São Sebastião há fotos de canoa, capela e de pescador caiçara com a seguinte legenda: A pesca tradicional, uma das primeiras atividades econômicas da cidade, mantém-se até os dias de hoje.

Datadas em sua maioria do início do século, as capelas caiçaras nas praias também merecem uma visita, como representantes do patrimônio cultural religioso sebastianense. São doze capelas protegidas pela lei 954/94, muitas delas, como as da praia da Barra do Sahy, Maresias, Toque-Toque Grande e Pequeno, ainda guardam muito da singeleza de suas construções originais. (*BEACH&CO* n.117, 2012, p.35).

Na parte do texto que aborda a história da cidade consta que:

A economia sebastianense entrou em declínio com a abolição da escravatura e a abertura da ferrovia Santos-São Paulo, o que aumentou a saída de mercadorias pelo porto de Santos. É quando passam a predominar a pesca artesanal e a agricultura de subsistência, com pequenas roças de mandioca, feijão e milho, características das comunidades caiçaras. (*BEACH&CO* n.117, 2012, p.36).

As **118ª, 119ª e 120ª edições** da revista quase não abordaram assuntos da cultura regional. Na edição de abril (118ª) um anúncio da prefeitura de Ilhabela com foto de praia isolada (sem informar que é o habitat do caiçara); em maio, no texto e nas fotos do Caminho “Passos de Anchieta”, constam que o percurso passa pela praia das Astúrias onde “muitos

barcos de pesca conferem um charme ao local. [...] O último pórtico de Guarujá fica na praia do Perequê, outra comunidade de pescadores”. (*BEACH&CO* n.119, 2012, p.24-25); e em junho, a edição trouxe dois textos privilegiando o governador do estado Geraldo Alckmin, colega de partido político e amigo do proprietário da revista Ribas Zaidan, além de anúncio da prefeitura de Caraguá do “Festival da Tainha” no Entrepasto de Pesca do Porto Novo”, com atrações como recreação infantil, gastronomia caiçara, apresentações culturais e musicais.

As **seis edições de 2012** divulgaram informações já conhecidas do leitor da revista, como a presença de pescadores na cidade de Praia Grande; a existência de passeios em ilhas de São Sebastião como a do Montão de Trigo que abriga uma comunidade tradicional de cerca de 50 pessoas que sobrevivem da pesca; em São Sebastião há doze capelas caiçaras protegidas pela lei em bairros como Barra do Sahy, Maresias, Toque-Toque Grande e Pequeno; a economia sebastianense antes da década de 1940 teve como base a pesca artesanal e a agricultura de subsistência, com pequenas roças de mandioca, feijão e milho; as praias das Astúrias e Perequê (Guarujá) são redutos de pescadores; e Caraguá festejou a tainha no entreposto do Porto Novo.

O fato marcante nos seis exemplares analisados em 2012 foi os **10 anos da revista** com edição especial e festa que reuniu colaboradores, anunciantes e amigos da *Beach&Co*. A data registra a consolidação da revista no mercado editorial da região que “agrega leitores comprometidos com a causa ambiental e a valorização da costa paulista”, como consta no editorial. Nas seis capas estiveram fotos de paisagens urbanas de Bertioga, Guarujá, Santos, do clube de futebol santista com seus ícones Pelé e Neymar, da ave Guará e uma capa estilizada dos 10 anos da publicação.

Os fatos regionais presentes na revista nas seis edições foram: Salão Náutico no Guarujá reúne mais de 60 expositores; Santos está na disputa para receber uma das seleções estrangeiras na Copa de 2014; centenário do Santos Futebol Clube; Carta da Terra e a Rio+20, o documento se baseia no tripé justiça, sustentabilidade e paz e é apoiado por cerca de 5.000 organizadores no mundo, inclusive no Brasil; aguardada há quase 20 anos, a duplicação da rodovia Tamoios finalmente começou e deve ser uma das estradas mais modernas do país; Factual, Guarujá Bay e Praias Negócios Imobiliários agora forma a Imóvel Store, um grupo de primeira linha com atuação em Bertioga, Guarujá e Santos.

A reportagem especial “Memórias do Chão Caiçara”, publicada na edição n.129 (fora do período delimitado nesta tese que vai da 1ª a 120ª edição), foi incluída para análise no próximo capítulo devido ao conteúdo relevante em consonância com o tema estudado na tese.

4.3. Análises quantitativas nos dez anos da revista *Beach&Co*

A *Beach&Co* evoluiu como revista em dez anos de circulação, do primeiro exemplar datado de janeiro de 2002 a 120ª edição, de junho de 2012. A revista surgiu como suplemento especial do Jornal Costa Norte, teve 36 páginas na 1ª edição e 132 páginas nas 114ª, 115ª e 116ª edições. A média foi de 66 páginas por edição. A publicação mostrou nestes dez anos o desenvolvimento e o potencial turístico das cidades do Litoral Norte e Baixada Santista.

A cidade de Bertioga foi a que mais apareceu nas reportagens de capa (24 vezes); seguida de Santos (20 vezes); São Sebastião, Ubatuba e Guarujá aparecem seis vezes cada; Ilhabela e Caraguatatuba, somente quatro vezes. Outras locais também apareceram na capa da revista como: Campos do Jordão, Itanhaém, São Vicente, Tocantins, Xingu, Costa Rica, Peru, Canadá, Peruíbe, Pará e Costa Rica. Cerca de 30% das capas foram com imagens genéricas que não remetem a locais, mas de flores, animais, etc.

A média de anúncios por edição foi de 25 páginas e a média de conteúdos jornalísticos foi de onze matérias por edição. A edição com o menor número de páginas foi a 86ª que teve apenas quatro textos. Já as capas da revista foram estruturadas sempre com uma fotografia de página inteira e chamada principal. Além disto, 78 edições da revista tiveram outras duas chamadas secundárias, em 20 edições não houve chamadas secundárias, em dez edições foram três chamadas, em nove edições foi uma chamada e em três edições foram quatro chamadas secundárias, demonstrando que a capa não teve um padrão de número de chamadas.

A palavra “caiçara” apareceu quatro vezes na capa da revista (edições 71, 73, 85 e 129). Já as palavras correlacionadas ao caiçara como pescador, cultura tradicional e comunidades isoladas, estiveram nas capas da *Beach&Co* cinco vezes (edições 18, 27, 40, 42 e 44). Foram selecionadas para análise 23 reportagens da revista.

O levantamento com base nos Expedientes das 120 edições revelou que 116 jornalistas e não jornalistas escreveram para a revista. Os que mais colaboraram foram Cristiano Pires (66 edições), Bruna Vieira (60 edições), Edson Prata (53 edições), Rafael Almeida (48 edições), Fernando Rossoni (36 edições) e Andre Luiz Ferreira (32 edições). Além destes, outros 23 contribuíram mais de dez edições e 84 escreveram em menos de dez edições.

Entre os jornalistas responsáveis pela *Beach&Co* esteve Rosângela Falato, da 1ª a 12ª edição; Fernando de Santis nas edições 13 e 14; Lucia Bakos da 15ª a 33ª edição; Eleni Nogueira na 34ª edição; Andrea Rifer e Wanda Fernandes, respectivamente nas 35ª e 36ª edições; e da 37ª a 120ª edição, novamente Eleni Nogueira. A partir da 42ª edição a revista passou a ter como revisora Adlete Hamuch.

A maioria dos jornalistas e fotógrafos que atuam em outras mídias no Litoral Norte de

2002 a 2012, contribuíram para a revista *Beach&Co*, tais como Salim Burihan, Claudia Ottini, Malu Baracat, Claudia Kojin, Adriana Coutinho, Helton Romano, Gustavo Nascimento e outros, o que demonstra a relevância da revista para o litoral paulista e para os comunicadores da região.

A seguir, o Quinto Capítulo, com os conteúdos jornalísticos das reportagens.

CAPÍTULO 5. ANÁLISE DE DISCURSO DAS REPORTAGENS

5.1. Introdução ao material de análise

A *Beach&Co* mostrou que as quatro cidades do Litoral Norte Paulista têm museus, associações de comunidades tradicionais, de pescadores e maricultores; passeios no mar, trilhas e em rio realizados por caiçaras; há festas de camarão, tainha e outros peixes da região; restaurantes e festivais servem pratos da culinária tradicional como o azul-marinho, o lambe-lambe e outros; que pescadores, além da pesca, passaram a desempenhar outras atividades como o transporte náutico de turistas na temporada de verão, pedreiros, quiosqueiros, chefes de cozinha, etc.; de que parte dos filhos dos caiçaras está estudando e seguindo carreiras autônomas, pois a pesca está escassa.

A principal abordagem das reportagens da revista *Beach&Co* relacionadas ao caiçara foi o apelo turístico das praias e da Mata Atlântica, cuja editoria de *Turismo* foi a mais frequente, somando sete no total de 23 textos analisados. A segunda abordagem mais frequente foi a de Cultura, com três reportagens sobre as festas religiosas (congada), o artesanato, as lendas e as músicas típicas. Em terceiro vieram os festivais gastronômicos, seguido das matérias na editoria História (apareceu duas vezes), Meio Ambiente (dois textos), Comportamento (duas matérias), e ainda textos únicos nas editorias de Esporte (canoas caiçaras), Turismo Histórico (em São Sebastião), Pesca, Pesca Artesanal (em Bertioga), Capa e uma reportagem sem editoria.

A *Beach&Co*, assim como a maioria das revistas segmentadas regionais do Brasil, pratica o Jornalismo de Proximidades, com predomínio do gênero reportagem, no modo de produção jornalística, não no ponto de vista do público leitor, pois o caiçara pouco tem acesso e não vê seu cotidiano reproduzido nesta revista.

A revista publicou pautas que abordaram vários aspectos da diversidade cultural do povo nativo do litoral, mesmo que no histórico das 120 edições, muitas vezes a palavra caiçara tenha sido usada para adjetivar o pescador ou o morador nascido na região.

Na Análise de Discurso, a autora evidenciou os operadores argumentativos, as abordagens do texto, os “não ditos”, entre outras questões, além de ter registrado dados quantitativos (mesmo que estes não integrem a linha teórica da Análise de Discurso), pois estes deram maior completude às constatações. Desta forma, a autora verificou o número total de páginas de cada edição da revista e as comparou com as páginas ocupadas pela reportagem analisada.

Constatou-se que 5 a 15% das edições selecionadas foram dedicadas à Cultura Caiçara, sendo nove reportagens focadas na cidade de São Sebastião nas seguintes temáticas: escassez da pesca, Ilha Montão de Trigo, Ilha dos Gatos, “ser” terra do povo caiçara (duas vezes), resgate das festas e manifestações culturais, pescador artesanal, capelas caiçaras e a construção da canoa de voga.

A cidade de Ubatuba foi tema de cinco das 23 reportagens analisadas, sendo os assuntos abordados: lenda caiçara na praia Sununga, Vila Picinguaba; festas, culinária e artesanato caiçara; Corrida de canoas e fazendas marinhas. Depois veio Caraguá com quatro reportagens e Ilhabela com três, além de duas matérias sobre a pesca da tainha em Bertioga.

Os aspectos da Cultura Caiçara mostrados em Ilhabela foram: a natureza preservada e as praias habitadas por caiçaras nas comunidades tradicionais, a Congada de São Benedito e a comunidade da praia da Fome. As reportagens de Caraguá focaram a Ilha do Tamanduá, e a produção e festival gastronômico de mariscos/mexilhões.

A análise do Quarto Capítulo com as 120 edições da revista revela um cenário diferente do Quinto Capítulo descrito acima. Nos dez anos de revista, constata-se que a cidade de Ubatuba foi pouco retratada na revista no que se refere à temática caiçara. Já as cidades de São Sebastião, Ilhabela e Caraguatatuba tiveram muitos outros assuntos abordados sobre a Cultura Caiçara, tais como festival de camarão, comunidades tradicionais em Ilhabela como Bonete, Castelhanos, Serraria, artesanato da Ilha de Búzios, confecção de rede de pesca, gastronomia típica servida em restaurantes renomados, reduto de pescadores nas Praias de Maresias, Juquehy, Camburi e outras de São Sebastião, pescadores e maricultores no rio Juqueriquerê, Camaroeiro, Massaguaçu, Cocanha e outras praias de Caraguá, etc.

Os jornalistas que escreveram as reportagens, com exceção das primeiras sete matérias que não foram assinadas, pois assim era o design gráfico e editorial da revista, os demais foram escritos por Helton Romano (quatro textos) que moram e atuam em São Sebastião; Aline Rezende (quatro matérias) que morou e trabalhou em Ubatuba; Salim Burihan (dois textos) e Adriana Coutinho (um texto), ambas jornalistas em atuação na cidade de Caraguá; Marcelo Veríssimo (dois textos) que trabalhou em São Sebastião e Rosângela Falato, que também trabalha na mesma cidade, além dos dois textos da editora Eleni Nogueira que mora em Bertioga.

Para a seleção das 23 reportagens, foram considerados os seguintes critérios: textos que citaram as palavras chaves “caiçara”, “pescadores”, “comunidade tradicional” e correlatas; que se enquadrasse no gênero reportagem (excluindo os demais gêneros jornalísticos informativos como notícia, entrevista, perfil, etc.); que a reportagem abordasse

as quatro cidades do Litoral Norte Paulista; excluindo os textos produzidos pela autora da tese, enquanto colaboradora da revista no período em análise.

A seguir, a Análise de Discurso das 23 reportagens selecionadas.

5.2. Análise da 1ª Reportagem da *Beach&Co* nº8, de Agosto de 2002.

Fotos 2. Páginas da reportagem: Ilhabela, a natureza revelada



A reportagem “Ilhabela, a natureza revelada” da editoria *Capa* ocupou seis das 40 páginas da revista *Beach&Co* n.08, de agosto de 2002, o que representa 15% das páginas da edição que teve um total de 11 textos jornalísticos⁴³ e 22 páginas de publicidade. É a principal reportagem desta edição.

A linha fina insere o leitor no contexto da matéria: “São 36 praias, mais de 300 cachoeiras, 12 ilhas, uma rica fauna e flora em um arquipélago envolto em mistérios e lendas (*BEACH&CO* n.08, p.04, 2002)”. A jornalista descreve as riquezas de Ilhabela por meio de

43 Os textos desta edição não tem crédito do autor. No Expediente consta o nome da jornalista responsável Rosângela Falato.

números que retratam a grandeza do arquipélago. A frase “arquipélago envolto em mistérios e lendas”, antecipa ao leitor, regulando a linha de argumentação ou de formação de opinião sobre o lugar, quando assim evidencia uma das abordagens da reportagem, mostrar a cultura imaterial que existe na Ilha.

A reportagem está dividida em dois principais intertítulos “Mistérios, lendas e histórias de piratas” e “Comunidades isoladas do mundo”, contêm 19 fotos em diferentes tamanhos e sem legendas. A foto de capa da revista, registrada por Marco Antônio Yamin, retrata um pescador remando sua canoa na Praia do Bonete, em Ilhabela, com a chamada “Uma ilha mais do que bela”, esta construção frasal com o uso da conjunção subordinativa comparativa “mais do que” remete o leitor a dois implícitos, primeiro, mais que a beleza natural exuberante, há outra riqueza de tão semelhante expressão, segundo, a foto da imagem clássica do caiçara-pescador revela que há um ser/fazer, não só um lugar a visitar, mas há uma cultura a se conhecer. Já a primeira foto de página inteira na reportagem mostra uma praia em dia de sol com embarcações no mar, sem a figura humana do caiçara, reforçando o enfoque turístico da matéria.

O título “Ilhabela, a natureza revelada” remete a Mata Atlântica presente no Parque Estadual de Ilhabela e o mar, habitat do caiçara, aqui mostrado como raridade, enfatizando o estereótipo comum do ‘intocável’, já que comunidades tradicionais de Ilhabela como a da Ilha de Búzios e outras, preferem se isolar e não receber turistas, a fim de preservar os hábitos caiçaras. É uma visão limitada de alguns moradores, pois em outra comunidade, na do Bonete, por exemplo, vive-se o contrário. Por meio do projeto Turismo de Base Comunitária, os moradores recebem turistas e fazem um programa que mostra detalhes do modo de vida caiçara, apresentam suas casas de alvenaria e pau a pique, visitam a casa de farinha, contam causos caiçaras e os turistas vivenciam um pouco desta cultura.

O contraponto acima não aparece na reportagem, e assim é como se estabelecesse um paradoxo entre os implícitos apontados anteriormente pela chamada Uma Ilha mais do que bela, apagando a materialidade histórica do caiçara em detrimento da estruturação ideológica do lugar paradisíaco, perfeito para os turistas, já que o caiçara é mostrado avesso à modernidade e como uma cultura em extinção. A matéria de capa da revista mostra Ilhabela como destino turístico, e não quem habita ali e ajuda a preservar a natureza na cidade. As fotos evidenciam “o paraíso”, por meio de paisagens de águas transparentes e pessoas bonitas. Fica obscuro e sem destaque o povo nativo e quando aparece na reportagem o cenário é de praia, canoas, rede de pesca e, próximo ‘sacos’ poluindo o ambiente (cenário que deturpa os valores caiçaras, já que o povo nativo é defensor da preservação da natureza). Isto se observa

na quarta página da reportagem, onde aparece um homem caiçara, o artesanato típico e canoas, mas sem focar o personagem, sem legenda e sem explicação.

No segundo parágrafo estão citados por ordem de importância os seguintes encantos do arquipélago: primeiro as “paisagens”, segundo os “recursos naturais” e em terceiro, a típica vida das populações caiçaras que “ainda”, diminuindo o valor da cultura, como algo que precisa de batalha para sobreviver. Reforçando novamente a alusão de que o caiçara é raridade e está em extinção.

Na quinta página da reportagem, quatro fotos antigas mostram uma capela caiçara e plantações como modo de subsistência do povo, mas sem legenda explicativa, o que permite inferir a não importância da identificação histórica de um povo e sua cultura no tempo e espaço que ocupam, alijando o leitor de estabelecer qualquer relação. O texto diminui a importância deste povo quando trata o caiçara como “um dos tantos” povos que habitam a cidade, assim como piratas, escravos etc.

Apenas na sexta e última página da reportagem, há alusão de características da Cultura Caiçara, como o nativo fazendo artesanato, uma moradia com quintal na praia e canoa. A foto principal é da praia deserta, o paraíso habitado pelo caiçara. Portanto, os elementos visuais são convidativos ao leitor, mas este poderá terminar a leitura sem saber a importância desta cultura para a cidade.

Voltando ao início do texto, o terceiro parágrafo enfatiza que “modernidade e tradição” convivem harmonicamente no Arquipélago, que por sinal, atrai público seletivo (turistas com dinheiro) e investidores. Portanto, o discurso corrobora com os públicos de classes alta e média para os quais a revista *Beach&Co* é destinada. Não mostra, não cita e omite as dificuldades de manter a cultura local viva. Ênfase ao aspecto moderno e harmônico da cidade. Convite para investidores fazerem negócios em Ilhabela.

Do quarto ao sétimo parágrafos, que representa mais da metade da página, o texto institucional exalta os feitos da administração pública, prática conhecida como Jornalismo “Chapa Branca”. Esta exaltação justifica o texto como “chamarisco” a empresários, mostrando que a administração pública faz a parte dela. Apresenta exemplos positivos e quando mostra o negativo, são as habitações precárias, mas a solução é defendida pelo prefeito Manoel Marcos de Jesus Ferreira e pelo proprietário de uma imobiliária, Miguel Neves, que são favoráveis à especulação de imóveis.

Não está dito na matéria que investidores como estes são os que compraram as terras praianas dos caiçaras a preços baixíssimos e assim contribuíram para que suas habitações se distanciassem da praia e chegassem ao sertão/interior dos bairros. A reportagem mostra o lado

bom de comprar imóvel, sem medir as consequências da mudança de vida dos antigos habitantes destas praias, os caiçaras.

A quinta página da reportagem apresenta o terceiro entrevistado, o arqueólogo Plácido Cali, de forma indireta (suas falas não foram citadas), que resume informações sobre a origem do povo que habitou Ilhabela, como os portugueses (citado em 1º lugar), piratas (citados em 2º lugar), agricultores escravos (em 3º lugar), e em 4º e último lugar, os caiçaras. O restante do texto remete a base econômica e histórica local, sem citar quem é o verdadeiro nativo do litoral.

O que vale lembrar, os discursos que são produzidos dentro de uma formação discursiva (aqui a reportagem) dialogam o tempo todo com outros discursos, produzindo outras formações discursivas e criando os interdiscursos, os quais disponibilizam dizeres determinados pelo já dito, como explica Orlandi (2002, p.44). “Dizer que a palavra significa em relação às outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória”. Concepção esta que corrobora com Foucault (2000) quando afirma que uma Formação Discursiva não é estruturalmente fechada, uma vez que é “invadida” por elementos de outras formações que se repetem formando novas evidências de um mesmo fato.

Na sexta e última página, uma breve descrição das “*comunidades isoladas do mundo*”. O intertítulo já remete ao exótico, mostrando o caiçara como aquele objeto de museu ‘intocável’, um “bicho do mato”, o que não caracteriza a cultura deste povo. O exótico é ressaltado devido ao difícil acesso a estas comunidades.

O único caiçara ouvido foi Pedro de Moraes, 70 anos, sem ter uma única fala citada, mas tendo seus valores assim descritos: alguém que não gosta de sair dali e vive confeccionando rede (a foto mostra isto). Os elementos visuais e textuais desta página revelam a simplicidade da comunidade e ao mesmo tempo a desconfiança para com os turistas. O final do texto enfatiza que: basta boa vontade e consciência para preservar o que eles têm de bom, a natureza (e não a cultura).

Três características da Cultura Caiçara foram citadas na reportagem: o artesanato, as festas e as embarcações de pesca. Mostra parcialmente o modo de vida caiçara. O texto evidencia que a repórter esteve no local, mas não conseguiu retratar a essência do povo nativo. Uma visão superficial, simplista e reducionista. O texto não tem um desfecho. Inclusive, não há correlação entre os três principais intertítulos da reportagem que foram: 1) feitos da administração pública; 2) lendas, piratas e histórico; 3) comunidades isoladas.

Texto informativo, sem emoção, sem humanização de personagens, apenas com

constatações que privilegiam os turistas classes A, B, C e os investidores. Referente ao aspecto da diagramação, as páginas foram divididas em duas colunas, de acordo com o projeto gráfico da revista, mas algumas páginas não seguiram este padrão, como a terceira que contém três imagens que ocupam a coluna direita e mostra respectivamente uma praia, o prefeito da época Manoel Marcos (não identificado) apontando para um quadro panorâmico de Ilhabela, e o deck da Vila (Centro da cidade). No Olho jornalístico centralizado na página lê-se a afirmação do prefeito: “Nós somos a maior mancha verde de floresta nativa do mundo” (*BEACH&CO* n.08, 2002, p.06).

Embaixo da página seguinte tem uma foto média de canoas caiçaras atracadas na praia. O Olho centralizado mostra os anseios da comunidade local: “Queremos um turismo de qualidade e não de quantidade” (*BEACH&CO* n.08, 2002, p.07). Apenas na quinta página, no Box “Mistérios, lendas e histórias de piratas”, as fotos em preto e branco retratam o modo de vida do caiçara, as antigas fazendas, um caiçara na plantação de cana de açúcar e uma antiga capela típica. O fundo da página é na cor sépia o que remete ao passado. O Box separa a página do restante da reportagem.

O intertítulo “Comunidades isoladas do mundo”, na sexta e última página mostra parcialmente o modo de viver desta população tradicional. A estrutura de diagramação foi modificada com uma foto de praia, na parte superior ocupando meia página, em destaque, somando a quatro fotos menores de um pescador tecendo a rede, da canoa atracada, dos artesanatos e de casas na vila de pescadores. O Olho final descreve: “Em Castelhanos, os pescadores vivem da pesca e mantêm tradições” (*BEACH&CO* n.08, 2002, p.09). Os elementos gráficos utilizados foram título, linha fina, crédito das fotos, fotos sem legenda, Olho e Box.

É possível concluir que uma formação discursiva jamais é homogênea, pois sempre possui diferentes discursos, sendo, por vezes, um mesmo tema tratado sob diversas perspectivas e pontos de vista, estando o mesmo, portanto subordinado aos interesses de afirmação ou negação que o sujeito enunciator possa ter. Nesta reportagem, embora apresente marcas explícitas sobre o caiçara e sua cultura, sua importância é apagada mediante os interesses de classes altas e medidas, dos investidores, da política, mas fica no já dito a possibilidade de inferir a contradição e a a-historicidade quando nas imagens não se referencia o tempo, não se identifica quem ou onde, nem se relacionam os blocos. Também não se apresenta vozes no discurso direto, só no indireto perpassando pelo filtro de quem enuncia, a serviço de seus interesses.

5.3. Análise da 2ª Reportagem da *Beach&Co* nº 9, de Setembro de 2002.

Fotos 3. Páginas da reportagem: Pesca pode ser fonte de renda e subsistência no futuro



A reportagem da editoria de *Meio Ambiente* ocupou apenas três das 40 páginas da edição de setembro de 2002 da revista *Beach&Co*, que contou com mais 11 textos e 17 páginas de publicidade. O título da matéria apresenta como posto que a pesca “pode ser” fonte de renda e subsistência no futuro, portanto seu pressuposto é que no presente não tem sido, pelo menos não como deveria ser.

A matéria aborda várias problemáticas enfrentadas pelo caiçara para sobreviver nos dias atuais. Reportagem esclarecedora, contextualizada com seis fontes. Dá voz ao caiçara, às lideranças, tendo como enfoque um evento de mobilização e conscientização. O leitor é levado a ter uma visão geral das problemáticas do caiçara, nem todas aprofundadas, mas citadas, inclusive com o parágrafo final propondo possíveis soluções, o que garante maior polissemia, ao ter mais vozes explícitas rompe com o sentido único, com a estabilização ideológica para o confronto dos interesses e propicia construção de nova compreensão dos fatos.

A temática principal foi o envolvimento dos nativos para a preservação e manutenção dos Parques Estaduais da Serra do Mar, tema amplamente debatido por Carlos Diegues na obra “Nosso lugar virou parque”, como consta no Primeiro Capítulo da tese. A reportagem mostra que o caiçara encontra pouca fartura de peixes no mar e terra sem tanta fertilidade para plantar legumes na roça, pois os recursos naturais diminuíram nas últimas décadas.

A linha fina resume para o leitor o tema factual da reportagem: “Encontro debate importância das comunidades litorâneas na preservação do planeta”. (*BEACH&CO* n.09, 2002, p.26). No primeiro parágrafo da reportagem consta qual foi a principal abordagem do texto: “essas foram algumas das propostas resultantes do *VII Encontro de Povos do Mar e da Mata Atlântica* realizado entre 11 e 15 de setembro em São Sebastião”. Essas propostas são

apresentadas por dois verbos no infinitivo: investir e adotar, os quais hierarquicamente são semelhantes em força argumentativa, ações que precisam ser executadas em conjunto; as comunidades tradicionais não subsistirão sem investimento, e, por sua vez, o investimento desassociado das comunidades é insólito, não tem razão de ser.

No segundo parágrafo, esta ideia é reforçada, “a necessidade de se preservar as comunidades litorâneas até mesmo como fonte de subsistência foi evidenciada, assim como a relação entre turismo e os povos nativos, considerada fundamental para projetos de sustentabilidade econômica” (BEACH&CO n.09, 2002, p.26). Observa-se o uso do operador argumentativo “até mesmo” para aumentar a força da necessidade em preservar a subsistência da comunidade, e o uso do operador argumentativo “assim” nos levando a uma conclusão associado ao operador de comparação “como”, evidenciando uma comparação, da mesma forma que o turismo é fundamental para sustentabilidade econômica (preservação da natureza), a subsistência dos nativos (viver da natureza) também o é.

O texto contribui para o debate politizado das elites, propondo de forma sutil, que eles compreendam a situação vivenciada pelo nativo. A reportagem mostra que o caiçara tem representantes na sociedade civil e sugere que as empresas invistam em projetos de responsabilidade social, de preservação da natureza e da cultura. Esta mensagem fica sutil no texto.

A reportagem não conta com intertítulos, mas teve um Olho: “O caiçara está sendo eliminado. Fomos trocados pela miséria de um passarinho”. (BEACH&CO n.09, 2002, p.27). A frase é do caiçara José Peixe Amarante, explicando que a legislação ambiental proíbe a caça e limita a pesca, tornando mais importante preservar os animais (passarinho), do que a cultura do povo que habita estas áreas da Mata Atlântica. O conteúdo do Olho marca fortemente a tensão entre o preservar a natureza e preservar a subsistência do homem. Na primeira frase temos a palavra “eliminado” como predicativo do sujeito, “caiçara eliminado”, pode-se dizer uma construção eufêmica, eliminado e não extinto, como depois encontramos na continuidade do texto “a cultura caiçara sendo extinta”, forma de atenuar a verdade. Na segunda frase cresce a força semântica de argumento nas escolhas das palavras “Fomos trocados pela miséria de um passarinho” -trocados-, ser dado ou ser preterido traz em evidência um sentimento não apenas de entristecimento, mas de impotência e não pertencimento, de não se ter valor. Pelo quê foi trocado? É o grau valorativo que te deram-pela miséria (pela bagatela) de um passarinho. Passarinho não tem valor? Claro que tem, mas vale mais que a vida de um homem? Esta é a questão posta.

Foram usadas quatro fotos em diferentes tamanhos e sem legenda em toda a matéria, além de título, linha fina e crédito das fotos. As fotos mostram canoas, praias, barcos e não a problemática da preservação da natureza e do convívio harmônico dos caiçaras que habitam o Parque Estadual – Núcleo São Sebastião. Há um distanciamento estabelecido entre o que se discute no texto e as imagens, já que na primeira há ausência do homem, mas a canoa na praia e um pé de chinelo explicitam a existência faber-cultural do homem naquele espaço; na segunda temos a praia, o mar, barco pesqueiro com pescadores e várias pessoas, que remete aos turistas, na terceira foto só paisagem e, finalmente, na quarta, mais paisagem, ilha e barco pesqueiro. As fotos estabelecem um interdiscurso que nega a problemática, nem a natureza nem o homem sofrem, há harmonia e beleza. As fotos, o discurso imagético, provocam incoerência frente ao discurso verbal, causando estranhamento e diminuindo a força argumentativa da reportagem.

De forma descritiva, a repórter sugere ações que podem melhorar as condições de vida do caiçara.

Investir em políticas públicas que incentive a pesca artesanal e a pequena agricultura respeitando as especialidades de cada região e adotar uma legislação ambiental que considere e valorize as comunidades tradicionais que vivem nas unidades de conservação. (BEACH&CO n.09, 2002, p.26).

A introdução da reportagem cita o *I Ecocine – Festival Nacional de Cinema e Vídeo Ambiental*, articulado pelo projeto cultural “São Sebastião Tem Alma”, e explica que o evento “reuniu trabalhos que retrataram como vivem algumas dessas comunidades isoladas”, (BEACH&CO n.09, 2002, p. 27). Os filmes do Festival focam a vida do caiçara e sua relação com a natureza.

A fonte principal da reportagem foi Tereza Aguiar, coordenadora geral do “São Sebastião Tem Alma”. Ela cita que “a mulher e o mar são os mais antigos produtores de alimento da história da humanidade. A mulher produz leite, o mar produz toda a sorte de pescados”, (BEACH&CO n.09, 2002, p. 27). A analogia estabelecida por Aguiar que infere a importância em reconhecer a mulher e o mar como fontes geradoras de alimentos aponta implicitamente para o núcleo argumentativo da reportagem de que a problemática levantada só obterá solução se for sustentável, tanto para o homem quanto para o planeta.

A jornalista Rosangela Falato, usa do discurso indireto, de conjunção concessiva e figura de linguagem (personificação) para relatar o que Aguiar afirmou, o valor da mobilização ativa e cultural em torno das questões do homem no mundo como a fome em detrimento do não posicionamento macro governamental, “embora o Brasil esteja de costas

para o mar pela inexistência de uma política pesqueira adequada, o projeto cultural e parceiros nacionais e internacionais acreditam que a “pesca poderá ser uma das várias possibilidades para amenizar a grave questão da fome”. (*BEACH&CO* n.09, 2002, p.28). Construção esta que corrobora com a formação ideológica, ou seja, constrói-se um discurso que favorece e fortalece a ideologia apresentada pelo entrevistado, marcando a subjetividade de quem escreve a reportagem.

Ainda a jornalista, autora da reportagem, entrevistou José Peixe Amarante, que estava no evento.

Aos 75 anos, José Peixe Amarante, que vive em uma comunidade tradicional na Jureia, em São Sebastião, demonstra sua tristeza ao considerar que a cultura caiçara está sendo extinta. Ele lembrou que o caiçara conta apenas com a água e o mato para sobreviver e vem sendo proibido de caçar e pescar pela própria legislação vigente. (*BEACH&CO* n.09, 2002, p.28).

Abaixo, a fala do caiçara José Peixe evidencia como ele vê a mídia:

Nenhum pescador é contra o meio ambiente. Moro na Jureia e lá só souberam me dizer que virou estação ecológica e nada mais. Agora, se cortar um palmito vou preso. A mídia gosta de mostrar tucanos, macacos, mas não mostra os caiçaras com seus filhos sem ter o que comer. (*BEACH&CO* n.09, 2002, p.28).

É interessante destacar que não é dado um saber a este caiçara, pois o advérbio de lugar “lá” não traz dentro do contexto identificação de lugar, e no trecho “só souberam me dizer” não há especificação de quem são eles que disseram, mas é um lugar e voz de autoridade pois tem força de lei, força proibitiva. E a mídia? A mídia tem seus interesses, e estes estão distanciados das necessidades dele - “gosta de mostrar tucanos..., mas não mostra caiçaras com seus filhos sem ter o que comer”. Evidência a relação de forças, os lugares que se ocupam, a tensão permanente das diferenças.

A base do texto são entrevistas com moradores e representantes de associações relacionadas ao caiçara e ao meio ambiente, presentes no *Encontro dos Povos do Mar*, como Domingo Santo -representante da Associação de Defesa do Povo Caiçara de Ubatuba, que relatou: “a situação é pior para o caiçara que, além do espaço, está perdendo também a cidadania”. (*BEACH&CO* n.09, 2002, p.28).

Outros entrevistados, estes concluíram a matéria, foram Lindomar Lima -Conselho de Turismo Comunitário da Pracinha do Coreto Verde, na Praia de Fortaleza, em Ubatuba; Paul Dale -integrante da Comissão Mundial de Áreas Protegidas. E os responsáveis por anunciar a temática da reportagem foram os participantes do *Encontro dos Povos do Mar e da Mata Atlântica*. Os recursos de linguagem usados foram definição, exemplificação e personificação.

O caíçara foi mostrado como o eixo da discussão do evento, como um povo que precisa de maior atenção do governo e de mais políticas públicas para preservar sua cultura e a natureza. As quatro fotos usadas na reportagem mostraram aspectos do caíçara, de praias do Litoral Norte, sem constar foto do evento citado e dos filmes exibidos no Ecocine.

A reportagem retratou as dificuldades e os anseios do caíçara na atualidade. As ideias e opiniões dos nativos do litoral foram respeitadas, sem indício de censura no texto.

5.4. Análise da 3ª Reportagem da *Beach&Co* nº15, de Abril de 2003.

Fotos 4. Páginas da reportagem: A criação dos saudáveis e nutrientes mariscos



A reportagem integrou a editoria *Pesca* ocupou apenas três das 52 páginas desta edição, o que representa 6% do conteúdo da revista que teve dez textos jornalísticos e 18 páginas de publicidade. A jornalista responsável foi Lucia Bakos e mais dois colaboradores: Maristella Balles e Deniz Cassarotti. No entanto, as matérias desta edição não foram assinadas. Há crédito nas fotos, a maioria com legendas, além do uso de dois Olhos jornalísticos complementando o conteúdo do texto.

O texto enfatiza os benefícios do alimento marisco⁴⁴, cuja atividade está sendo desenvolvida como alternativa econômica e atrativa da gastronomia de Caraguatatuba. A atividade é feita por 19 famílias nativas do bairro da Cocanha, que conseguem retorno financeiro com a venda dos mariscos para restaurantes e afins.

Reportagem em consonância com o público da revista, classes alta e média, no sentido de incentivar esta opção gastronômica diferenciada, já que os mariscos não integram o

44 Mexilhão é a palavra usada em português para dar o nome a diversas espécies de moluscos bivalves, consumido como fonte de alimento. Mexilhão também é conhecido no Brasil como marisco, marisco-preto, marisco da pedra, ostra-de-pobre e sururu da pedra. In: MANUAL DE CRIAÇÃO DE MEXILHÃO. Programa Brasileiro de Intercâmbio em Maricultura. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABbH8AL/manual-criacao-mexilhao>. Acesso em: nov. 2013.

cardápio básico da maioria dos brasileiros. A foto principal da reportagem, apesar de não ter legenda, consegue vender o destino gastronômico. Texto bem escrito, atrativo, rico em detalhes e que contribui com informações sobre o cultivo dos mariscos. Apresenta o dia a dia dos maricultores, mas não cita as dificuldades enfrentadas, como as condições de climáticas que influenciam no cultivo, a não estabilidade financeira, os problemas na comercialização e logística do produto, o desgaste na saúde do maricultor, pois é uma atividade braçal feita ao ar livre. Essa omissão de fatos dos argumentos contrários à tese principal, aqui “criação de mexilhões nova opção de renda para pescadores” lineariza a argumentação, não dá oportunidade de se refletir os prós e contras, torna-se um texto parafrástico (reafirmação de ideias), estabilizado ideologicamente, sem espaço de se ponderar sobre o tema, portanto diminuindo as possibilidades de significação do texto.

Ainda na linha fina, o leitor é inserido no contexto da matéria e a jornalista mostra à mudança na vida do caiçara local, após introdução do cultivo de mariscos como nova fonte de renda. No meio da reportagem, o cultivo artesanal dos mariscos é bem detalhado, confirmando, por exemplo, os mariscos levam oito meses para serem colhidos.

A fonte oficial da reportagem foi o maricultor José Luis Alves que preside a Associação dos Maricultores do Estado de São Paulo (Amesp). A palavra caiçara não foi citada, apenas pescadores e maricultores, portanto, uma forma de desassociar esta atividade, da Cultura Caiçara. Novamente a omissão, a ausência implicando na possibilidade de um outro significar, pois a negação de um dizer traz outro.

A reportagem foi dividida em quatro intertítulos: Serviço Artesanal, Ponto Ideal, Festival do Mexilhão e Comunidades de Origem Europeia. Os elementos gráficos contribuíram para o conteúdo ficar mais atrativo para os leitores, com título utilizando fonte moderna, destaque em vermelho para a palavra mariscos, uso de seis fotografias retratando um pescador retirando mariscos do mar, boias de demarcação das áreas de cultivo e a praia da Cocanha com três ilhas ao fundo: Cocaina, Ilhote de Fora e Tamanduá.

O Olho na terceira e última página da reportagem explica o motivo pelo qual os ilhotes da Cocanha são ideais para abrigar as fazendas marinhas: “Pela ausência de poluição, a região é considerada ideal para a criação de mariscos saudáveis” (*BEACH&CO* n.15, 2003, p.12). Abaixo o Box com fundo em tons cinza, separa o texto da receita do “Lambe-lambe”, tradicional prato da culinária caiçara, feito com mexilhões, arroz, tomate, cebola, cebolinha e coentro.

Além do título objetivo: “Mariscos – Uma alternativa sustentável e natural”, a reportagem contou com linha fina, , fotos crédito nas fotos, legenda, Olho e Box. Há uma

chamada secundária na capa da revista para esta reportagem, bem como no Sumário há uma foto de um maricultor segurando um cacho de mariscos, e o Editorial reforça o tema com um parágrafo sobre a Praia da Cocanha. “Mas voltemos a Cocanha. Foi lá que achamos uma população que vivia tradicionalmente da pesca e encontrou, com o cultivo de mexilhões, uma nova opção de renda”. (*BEACH&CO* n.15, 2003, p.08).

A abordagem descritiva e analítica acompanhou todo o texto, desde o primeiro parágrafo:

Além de saboroso, de alta digestibilidade, grande valor protéico e nutritivo, pouca caloria e gordura, ainda são ricos em sais minerais, cálcio, fósforo (ufa...) e ferro. E o mais importante, há também quem garanta que são afrodisíacos. Do que estamos falando? É claro que dos perna-perna, ou melhor, mexilhões ou mariscos, como são tradicionalmente conhecidos esses moluscos marinhos da família dos mitilídeos. (*BEACH&CO* n.15, 2003, p.10).

Como se observa nesta introdução, o primeiro parágrafo, inicia-se com o operador “além” que introduz argumentos que se somam a outro, tendo em vista a mesma conclusão, seguido de vários adjetivos que testificam o valor do objeto tratado no texto: mariscos.

A jornalista contextualiza a transformação da vida do caiçara e as mudanças no setor econômico, social, mesmo eles continuando a desenvolver atividades relacionadas ao mar.

Um dos locais onde se cultiva é a Fazenda Marinha, localizada na Cocanha, em Caraguatatuba. Lá, a população que vivia da incerteza da pesca artesanal, há cinco anos encontrou, com a criação de mexilhões, uma nova opção de renda. Hoje, o local já se tornou o maior produtor individual do Estado. O trabalho conta com a participação de 19 famílias de pescadores, que representa 95% dos moradores. (*BEACH&CO* n.15, 2003, p.10).

A força da construção argumentativa do texto se dá não só pela forte adjetivação, mas também pela contraposição do antes e depois, da “incerteza” da pesca artesanal para a “criação de mexilhões”. [Ontem...?] Hoje, maior produtor, 95% dos moradores.

A frase: “São produzidos por mês cerca de três mil quilos e a tendência é de aumento na produção a cada período” (*BEACH&CO* n.15, 2003, p.10), dimensiona o trabalho e as transformações constantes no cotidiano dos pescadores que se adaptam a nova fonte de renda. O intertítulo “Serviço Artesanal” descreve o processo de tratamento e cultivo dos mexilhões, relacionando isto com o trabalho manual de famílias caiçaras.

No intertítulo “Ponto Ideal”, tem a única entrevista do texto com o maricultor que preside a Amesep: “Mas o presidente da entidade, José Luís Alves, explica que cada produtor utiliza somente 40% de sua área”. (*BEACH&CO* n.15, 2003, p.11). Ao longo do texto, outras informações específicas das etapas de cultivo e da comercialização dos mariscos.

No intertítulo “Festival do Mexilhão”, as fontes foram os organizadores do evento, a Associação dos Pescadores e Maricultores da Praia da Cocanha (Apec). O texto descreve os pratos típicos do festival e as atividades de lazer, como o passeio de barco. Já a “Origem Europeia”, é uma pesquisa histórica que mostra como surgiu a criação dos mariscos.

O texto não deixa claro que a jornalista esteve na comunidade. Os recursos de linguagem usados foram analogia, definição e exemplificação. O caiçara foi mostrado de forma elogiativa (aspectos positivos da cultura). As seis fotos da matéria elucidaram aspectos da Cultura Caiçara e retratam o local do cultivo. Desta forma, as fotos auxiliaram na compreensão do texto, exerceram um impacto estético convidativo ao leitor.

5.5. Análise da 4ª Reportagem da *Beach&Co* n.18, de Agosto de 2003.

Fotos 5. Páginas da reportagem: Montão do Trigo



A reportagem da editoria *Comportamento* ocupou três das 52 páginas da edição n.15, de agosto de 2003, da *Beach&Co*. A edição contou com dez textos jornalísticos, além de 19 páginas de publicidade. As matérias desta edição não possuem crédito, somente as fotografias.

Não há linha fina nesta reportagem, foram usados três intertítulos que subdividiram o texto: “Uma das belas porções de terra no oceano”, “Histórias de um pescador” e “Os atrativos do Monte”. A jornalista descreveu as características da ilha e mostra o perfil dos caiçaras que vivem na comunidade isolada.

Foram usadas onze fotos de Pedro Rezende e Ricardo Facco, em diferentes tamanhos, cinco possuem legendas. Na reportagem, a foto principal mostrou de longe uma vista panorâmica do Montão e ocupou a metade superior da página. O título está com uma diagramação diferente, em caixa alta, na cor vermelha e as letras contornam a ilha com uma faixa vermelha embaixo como se fosse feita com pincel (efeito desenho de criança para

chamar a atenção). Todas as fotos possuem bordas grossas na cor cinza e não estão alinhadas. Nas páginas 10 e 11 há mais quatro imagens, duas estão em cima da dobra da revista e mostra um morador na frente de sua casa e um pescador tecendo sua rede, as outras são de canoas na praia e das rochas e vegetação que contornam o local.

A legenda está na parte esquerda inferior da primeira página em um fundo cinza mais escuro e descreve todas as fotos. O texto tem início na segunda página, ocupa toda a coluna da direita e começa com o intertítulo “Uma das belas porções de terra do oceano”.

A terceira página contém seis imagens distribuídas nas duas colunas e mostra o fundo do mar, homem mergulhando, uma igreja, caçara em cima de um coqueiro, homem em uma lancha e pessoas nadando. O texto ocupa metade da coluna da esquerda e $\frac{1}{4}$ da coluna da direita. O “olho” ressalta que a ilha já está no roteiro turístico e que é aconselhado para práticas esportivas: “Beleza do Montão já foi descoberta pelos adeptos de práticas esportivas” (*BEACH&CO* n.18, 2003, p.12). O uso do advérbio “já” mostra de forma implícita que embora a ilha se conserve com fortes características de pouca “civilização”, “neste momento” é procurada pelos adeptos de esportes náuticos.

Os elementos gráficos da diagramação foram título, crédito das fotos, fotos, legenda e Olho. Há uma chamada secundária na capa da edição para a matéria analisada: “Montão do Trigo – Uma ilha onde o tempo quase parou”. O advérbio de proximidade “quase” evidencia mais uma vez a ilha ser um lugar que propicia dois tempos, o passado que conserva a natureza “quase intacta”, mas o presente com a presença do homem viabilizando a aventura e o desfrutar náutico.

O início do texto utiliza dados históricos e geográficos para descrever a Montão de Trigo, por meio de uma abordagem descritiva analítica. Mas, observa-se que a declaração com “sabe-se” é genérica e parte do pressuposto de um conhecimento público, no entanto os dados geo-históricos são fornecidos.

Atualmente, sabe-se que além da beleza tem valor histórico, já que suas formações rochosas datam de mais de 150 milhões de anos. Habitada, hoje, por 10 famílias de pescadores -mais ou menos, 50 pessoas- a ilha Montão de Trigo situa-se a seis milhas náuticas (11 km de distância) da costa de São Sebastião. (*BEACH&CO* n.18, 2003, p.11).

Na página 11 encontramos dois trechos que citam as peculiaridades caçaras. No primeiro a descrição transparece que a jornalista esteve no local e vivenciou a cultura tradicional. “Eles moram em casas de madeira com telhas de amianto e vivem basicamente da pesca artesanal e do cultivo de frutas (manga, coco, carambola, abacate, laranja e jabuticaba)”. (*BEACH&CO* n.18, 2003, p.11).

O segundo está no intertítulo “Histórias de pescador” e é evidente a forma como foi realizada a entrevista, mostra que a jornalista esteve na residência do pescador e pode conhecer cada detalhe de quem vive tradicionalmente a beira mar.

A casa do seu Manoel Pedro de Oliveira, 72 anos, o seu Maneco, um dos moradores mais antigos da ilha, é um exemplo do relógio parado no tempo. Construída no ano de 1958, ela ainda conserva o seu *estilo caiçara*, semelhante ao do simpático proprietário. (BEACH&CO n.18, 2003, p.11).

Ao escrever “relógio parado no tempo” ela deixa claro que se trata de uma cultura antiga, que se manteve preservada. Na mesma página, descreve como foi à entrevista “o pescador aposentado, sentado em um toco de árvore, relembra com alegria os bons tempos passados”. Os valores da sociedade caiçara tradicional são destacados no período seguinte em uma citação indireta do pescador: “quando era comum parentes casarem entre si [...] e terem mais de 15 filhos” e na página 12 ao falar que ele é “responsável pelos afazeres da casa, ele ainda guarda hábitos da sua cultura: confeccionar redes de pesca”. No dizer do pescador, no uso de advérbios temporais “quando era comum” e “ainda guarda”, traz implícito que hoje não é mais assim, mas que tenta preservar.

Esta reportagem descreve com detalhes o cotidiano da vida caiçara tradicional. Acorda cedo, muito cedo, embora não saiba nem a hora. “Levanto assim que o dia clareia”. Como os demais moradores da ilha, sua alimentação acompanha o estilo de vida simples: basicamente peixe, acompanhados por arroz e feijão comprados no continente. (BEACH&CO n.18, 2003, p.12).

O último intertítulo “Os atrativos do Monte” fecha a reportagem com informações voltadas para o turista (foco da revista). Revela que podem ser praticados muitos esportes radicais como surfe, trekking e mergulho e explorar inúmeras tocas e grutas.

O texto mostra superficialmente a questão religiosa do local, onde há uma igreja católica e outra evangélica dividindo a fé dos moradores. Não há uma contextualização que ajude o leitor a compreender a fundo estas divisões de valores dos moradores, bem como outras problemáticas do local como o fato de se casarem com parentes, de precisarem ir à cidade para comprarem alimentos, entre outras questões.

É uma reportagem informativa, descritiva e com constatações de que o repórter esteve a campo, mas entrevistou apenas um morador caiçara, limitando os valores desta cultura à visão de uma pessoa. Não leva a reflexão, simplesmente a descreve o estilo de vida local. No viés do repórter, a vida ali é simples demais e monótona, dizendo que “a impressão é de que o tempo parou algumas décadas”.

As fotos evidenciando a “bela porção do oceano” não está em consonância com o conteúdo do texto que se limita a um único entrevistado. O subtítulo ‘Histórias de um pescador’ cai no clichê das histórias de pescarias do caiçara Manoel Pedro, mas sem contextualizar que hoje a pesca está mais escassa se comparada a décadas atrás.

5.6. Análise da 5ª Reportagem da *Beach&Co* nº20, de Outubro de 2003.

Fotos 6. Páginas da reportagem: Os encantos e mistérios da Sununga



A reportagem da editoria *Turismo* ocupou três das 52 páginas da edição n.20, em outubro de 2003. Na revista foram publicados 14 textos escritos pela jornalista responsável Lucia Bakos e outros colaboradores, além de 17 páginas com anúncios.

A linha fina deixa evidente o principal atrativo local e o foco da reportagem: “Praia abriga a lendária Gruta que Chora”. (*BEACH&CO* n.20, 2003, p.08). O jornalista apresenta a Cultura Caiçara por meio da lenda que é contada por gerações. Se analisarmos o espaço que ocupa a lenda na reportagem, do verbal dois terços, pode-se inferir a importância que se deu a Cultura Caiçara, pois turisticamente a gruta que chora é um ponto a ser visto, todavia é o esporte local, o skimboarding e o surf, o mar bravo, que são os motivos de sua maior procura. Hoje considerada o “Paraíso do Skim”, o que economicamente representa mais, no entanto, a “magia do lugar” é o fenômeno da “Gruta que chora”, que pode ser explicada cientificamente, mas é a lenda que sustenta o imaginário de todos que vão até lá, que constituem a cultura de um povo e os fortalece.

A reportagem também aparece na chamada secundária da capa: “Gruta que chora – Um mistério escondido entre rochas” e no Sumário: “Gruta que chora – Uma das mais belas lendas caiçara”. (*BEACH&CO* n.20, 2003, p.03).

O texto está dividido em dois intertítulos: “Metade dragão, metade serpente” e “Espetáculo natural”. Foram utilizadas quatro fotos de Pedro Rezende, em diferentes

tamanhos e sem legendas. Na reportagem, a foto principal está alinhada à esquerda e ocupa a primeira e a segunda página com a visão da gruta, de dentro para fora, da entrada para o mar. Abaixo, o título está centralizado na primeira página, com fonte moderna, em azul. A palavra “Sununga” está maior que o restante do texto e ao lado há uma foto pequena da praia.

O texto começa na segunda página, destacado em uma única coluna na cor laranja e à esquerda, mais larga que a diagramação padrão da revista. A terceira página contém duas imagens médias que mostram a praia e a gruta e um “box” diferenciado na cor amarela com tarja azul em cima. O Olho explica o porquê do nome da gruta: “Das paredes da gruta vertem gotas d’água quando emitidos sons fortes em seu interior”. (*BEACH&CO* n.20, 2003, p.10).

Os elementos gráficos da diagramação foram título, linha fina, crédito das fotos, fotos, legenda, olho e box. Há uma chamada secundária na capa da edição para a matéria analisada: “Gruta que chora – Um mistério escondido entre rochas” e também uma foto no Sumário.

No primeiro parágrafo está a descrição dos elementos naturais e culturais que são encontrados na praia da Sununga.

De mar agitado, cercado por rochas e imponentes coqueiros, areia grossa repleta de conchas e de um imenso azul-esverdeado. Assim é a praia da Sununga, em Ubatuba, Litoral Norte de São Paulo. Apesar da pequena dimensão, o local oferece muito mistério e fascínio aos visitantes, principalmente do lado esquerdo da praia. (*BEACH&CO* n.20, 2003, p.09).

Na continuação do mesmo parágrafo há a primeira citação relacionada ao objeto da tese. “É lá que está localizada a famosa Gruta que Chora, gerada de uma das mais belas lendas da cultura caiçara”. A lenda inverte esta relação de causa/consequência, pois não é a gruta que gera, é a lenda geradora da gruta. O homem ressignificando o que encontra para significar a si próprio, a importância da reportagem e sua escolha de foco -a lenda- no discurso revela o desejo subjetivo de se manter viva a Cultura Caiçara.

A seguir, a jornalista detalha a formação da gruta e dá explicações científicas para que o leitor compreenda o fenômeno, deixa claro que pesquisou sobre o assunto no livro “Ubatuba – Lendas & Outras Estórias”, de Washington de Oliveira.

Segundo contam alguns caiçaras mais antigos da região, as gotas que caem nas areias finas e brancas que forram o chão da gruta são, na verdade, as lágrimas de uma jovem chamada Marcelina, que lá retornou à procura do seu amado, o Dragão de Sununga. (*BEACH&CO* n.20, 2003, p.09).

Os intertítulos revelam a continuação da lenda contada: “Metade dragão, metade serpente” e “Espetáculo natural”. E a palavra “caiçara” ainda aparece como referência da culinária local e atrativo de turista.

Ao entardecer, depois de conhecer os encantos da Sununga, os visitantes podem ainda saborear pratos típicos caíçara, feitos com mexilhões e ostras, em um dos quiosques dispostos na praia, enquanto admiram o espetáculo visual que fica por conta da natural beleza da região. (*BEACH&CO* n.20, 2003, p.10).

O foco da pauta foi à lenda que ocupou a maior parte da reportagem. Há um entrevistado: “Pode fazer a seca que for que a água da gruta não acaba”, garante o morador Antônio Peres, 93 anos, proprietário do restaurante Canoeiro (merchandising) na praia do Lázaro. A declaração revela um pressuposto, se a seca não acaba com a água da gruta é porque ela não procede de fonte natural, procede então de fonte sobrenatural, quem sabe das lágrimas de uma jovem chamada Marcelina.

A linguagem do texto foi simples e contextualizada. As fotos elucidaram as belezas do ambiente natural, principalmente da gruta. Destaque para o “subjetivo” da foto destaque na primeira página, cujo tom escuro remeteu ao desconhecido (mistérios da gruta). O texto focou a lenda, mas também o turismo, a gastronomia e o esporte praticado na praia da Sununga. A reportagem relata em detalhes uma lenda caíçara, já que esta cultura possui diversas histórias e histórias que evidenciam as crenças e valores do nativo do litoral.

5.7. Análise da 6ª Reportagem da *Beach&Co* nº27, de Junho de 2004.

Fotos 7. Páginas da reportagem: Congada de São Benedito



A reportagem da editoria *Cultura* ocupou três das 52 páginas da revista e contou com 13 textos jornalísticos e 18 páginas de publicidade. Os elementos de diagramação usados foram um título, 13 intertítulos, dois olhos e dez fotos sem legenda, mas com crédito para Adilson Nascimento e Pedro Rezende.

Apesar de a congada ser uma manifestação folclórica presente em vários estados brasileiros, no litoral sudeste a peculiaridade é que a manifestação é ser feita pelo povo nativo. Os pescadores caiçaras são os protagonistas da Congada de São Benedito em Ilhabela. A Congada integrava o calendário de festas católicas no arquipélago em 2004.

Até a década de 1990, a religião predominante do caiçara era o catolicismo, e a devoção por São Benedito e outros santos católicos estava presente na religiosidade deste povo. A reportagem esclarece detalhes da festa de São Benedito, dos ritos musicais, da dança da congada, da programação litúrgica, bem como a tradição de servir a bebida típica caiçara, a “concertada”. Portanto, a reportagem apresenta pelo menos, três aspectos da Cultura Caiçara: a religiosidade do povo, a gastronomia (bebida típica) e a música.

A reportagem faz uma retrospectiva da organização e histórico da festa. O foco principal foi o atrativo turístico: a festa religiosa. No texto, há explicação dos integrantes da congada (entre eles o caiçara), bem como as fotos da festa, igreja, procissão, apresentações musicais e dança, auxiliara o leitor a compreender o que foi descrito no texto. O texto não detalha a devoção do caiçara, mas não deixa de esclarecer que a religiosidade é um item presente na vida do povo nativo.

O primeiro Olho ressaltou a força religiosa da manifestação: “A participação dos Ilhabelenses no evento é sempre de ordem religiosa: por promessa ou devoção. São Benedito é venerado em todo o Litoral Norte Paulista.” No dizer sobre a participação “é sempre de ordem religiosa”, observa-se que o emprego do advérbio sempre pressupõe o seu oposto nunca, confirmando que há participação, pelo menos em Ilhabela. O uso do “todo”, aqui como pronome indefinido, universaliza a força da devoção ao santo no Litoral Norte.

O segundo Olho corrobora com o anterior: “Misticismo e fé são os principais ingredientes dessa rica representação cultural que é a Congada de São Benedito, em Ilhabela”. Ao ressaltar misticismo e fé, implica em declarar que mais do que crença (misticismo), há um compromisso de fidelidade (fé). O que amplia a dimensão da Congada no viver do povo caiçara. Não se restringe a uma festa folclórica, mas no comportamento cultural dos caiçaras e na formação de seus valores. Observe-se o trecho abaixo:

O motivo da participação individual na congada é sempre de ordem religiosa: promessa ou devoção. Mas existem também as tarefas paralelas à congada, como confeccionar espadas de madeira, trabalhar nas barracas de quermesse, ajudar no preparo das comidas, tocar marimba ou atabaque. (BEACH&CO n.27, 2004, p.14).

O uso da conjunção “Mas”, aqui em sentido aditivo, mostra que existe um envolvimento não só daqueles que participam diretamente da Congada, como também de uma

Ideal; Caminhos da aventura; Escravidão; História na arquitetura; Tradição resgatada; Hora de planejar e Investimentos estaduais.

O caiçara mostrado vive em uma terra “paradisiaca”, com vocação turística, e o apelo na introdução do texto é o resgate da cultura ser essencial para manutenção da identidade caiçara (segundo o texto a cultura está fragmentada), inclusive, importante para o ecoturismo como fonte de renda. Como ação desse resgate um grupo de sebastianenses se reúne, com vários projetos, na Fundação Amigos da Cultura, em vias de criação, contando com o apoio do “São Sebastião tem Alma”, e tendo como idealizadores do grupo, o fotógrafo Edvaldo Nascimento e Reinaldo Joaquim de Santana, responsáveis pelo resgate da Congada de São Benedito no bairro de São Francisco e funcionários da prefeitura.

No intertítulo “Paixão do mar”, destacam-se as falas do pescador Jair de Matos Borges, 46 anos, em um rancho montado na praia de Toque-Toque Grande. Ele define o caiçara como um índio que não está preocupado com a evolução, e declara “A gente se contenta com pouco e vive feliz, mantendo nossas tradições. Só queremos o respeito por nossos costumes. Hoje não podemos nem tirar um pedaço de árvore para consertar uma canoa ou fazer um remo. Eles esquecem a nossa cultura”. Mais a frente sobre os barcos atuneiros, o jornalista escreve que o pescador reclama: “É preciso uma lei e fiscalização para acabar com isso. Eles cortam as nossas redes e levam toda a manjuba que atrai os peixes para a praia”.

Duas vezes o pescador usa o pronome pessoal eles, 3ª pessoa do plural, para identificar quem são os que atrapalham, não respeitam seu trabalho, sua cultura: “Eles esquecem a nossa cultura” e “Eles cortam nossas redes”, o primeiro se remete a legislação ambiental e o segundo aos que praticam a pesca industrial, mas o texto não desenvolve mais a fundo estas questões; apenas levanta registrando e não investigando.

E o texto continua a levantar pontos, outro, a maioria dos pescadores está trocando a pesca pelo turismo, alugando os barcos, fazendo fretes para turistas e mergulhadores. Na fala de Ivan Camilo dos Santos, 48 anos, a mudança de atividade não vem do coração. “Somos obrigados a fazer isso, porque a pesca tá ruim. Nos últimos 20 anos a poluição e, agora, a vinda dos barcos de Santa Catarina acabou com os peixes”, para driblar a situação, o pescador partiu para a pesca do camarão no inverno e para a atividade de turismo no verão. “Essa é a única forma de continuar sobrevivendo do mar”, afirmou.

Mais uma vez as informações aparecem, o discurso permite entender o quadro grave em que se encontra o caiçara, mas não se tem dados das razões destes barcos catarinenses invadirem o território da costa paulista, nem o porquê da não fiscalização ambiental. A

inferência possível, diante dos dados, é que a situação não se desenvolveu recentemente, há 20 anos vem-se produzindo fatores que resultam na situação atual, por exemplo, poluição.

Já no intertítulo Cidade de Contrastes temos as informações colhidas com o fotógrafo Edvaldo Nascimento analisando o contexto da situação sebastianense: “A abertura da estrada e a chegada da Petrobras garantiram progresso e benefícios inquestionáveis, mas também trouxeram poluição e atraíram muitas pessoas de outros lugares que trouxeram outros costumes e um modo de vida diferente”. (*BEACH&CO* n.34, 2005, p.49).

Aqui, nesta fala de Edvaldo, a estrada (que é a BR-101) e a vinda da Petrobras são postos como fatores que trouxeram benefícios, mas que também são motivos dos problemas que hoje precisam ser resolvidos. Declaração que pontua e levanta outra questão do aumento populacional devido à oferta de emprego. Na continuidade do texto, o jornalista não marca mais a fonte como enunciante e passa a ser o enunciante a analisar e emitir opinião, referindo-se a diversidade populacional da cidade, como se observa no trecho:

Esse choque cultural pode ser sentido ao percorrer a cidade de ponta a ponta. São três mundos disputando o mesmo espaço: veranistas em suas residências, hotéis e resorts de luxo; os caiçaras espalhados por recantos de todo o município na luta para manter suas características singulares e migrantes de várias regiões do país, atraídos pela mão-de-obra “farta”, que encontraram abrigo nos morros e encostas da Costa Sul. Dessa mistura sairá uma nova população sebastianense. (*BEACH&CO* n.34, 2005, p.49).

Ele, o autor do texto, cria uma classificação descritiva com três categorias de moradores; coloca em destaque a mão-de-obra “farta”, evidenciada entre aspas, suscitando desconfiança da veracidade do significado literal do vocábulo, e conclui com o nascimento de um novo povo, fazendo analogia, recupera o nascimento dos caiçaras. Um fechamento de intertítulo complexo com muitas declarações importantes, mas não contrapostas com outras opiniões, nem mais dados de que poderiam dar condições de melhor formação de opinião do leitor.

E de forma brusca, a abordagem analítica e interpretativa sobre a Cultura Caiçara muda no texto. Passa-se a descrever questões voltadas ao turismo, principalmente no intertítulo “Paraíso Ideal”, apresentando com dados de localização e extensão de São Sebastião, destacando sua exuberância, sendo cada praia descrita nas suas peculiaridades e qual atividade melhor para se fazer em cada uma: “Caprichosamente desenhada entre o azul do Oceano Atlântico e o verde da serra do mar, São Sebastião possui as mais belas praias do litoral paulista. Com 401,9 Km², a cidade esbanja atrações em seus 108 km lineares de praias exuberantes”. (*BEACH&CO* n.34, 2005, p.50).

Em “Caminhos da aventura”, mostra-se uma foto da trilha do Pontal da Cruz, e fala-se das possibilidades de quem seja adepto do ecoturismo: “O ecoturismo tem o cenário ideal em São Sebastião. Entre as opções para os adeptos de mochila nas costas e pé na estrada o município possui muitos caminhos na Mata Atlântica. Uma boa escolha é a trilha do Guaecá, com percurso de 6 km”. (*BEACH&CO* n.34, 2005, p.51).

Na mesma página há o intertítulo “Escravidão”, que remete ao sítio arqueológico no bairro de São Francisco e ao passeio às ruínas de uma antiga fazenda de escravos. Em “História da arquitetura” se sai do plano das belezas naturais e se volta para o patrimônio histórico material e imaterial da cidade: “Em São Sebastião, passado e presente se misturam transformando a cidade em museu a céu aberto. A arquitetura do século 17, com toda a sua influência europeia, está presente na área central da cidade com 29 prédios”. (*BEACH&CO* n.34, 2005, p.51).

Descreve-se a grandeza do patrimônio, pontuando a dificuldade de se manter preservado e da necessidade do apoio de particulares. O intertítulo “Tradição resgatada” trata da arte de fazer utensílios de barro que estava na iminência de desaparecer: “A tradição da cerâmica monoqueima foi passada, com o apoio da Prefeitura e SEBRAE, por aquela que seria a última paneleira do bairro, Adélia Barsotti da Ressurreição, falecida em 2003, aos 86 anos”. (*BEACH&CO* n.34, 2005, p.52).

A aluna Amanda Monteiro demonstra alegria e é consciente da responsabilidade que tem assim como os outros dez participantes do projeto. Ela considera que “é uma cultura que vem de muitas gerações e estava morrendo. Agora estamos resgatando este trabalho e todo mundo que é daqui deveria fazer”. (*BEACH&CO* n.34, 2005, p.52).

Observa-se que o discurso muda os enfoques, das páginas 46 a 49, é o caiçara, sua cultura e as dificuldades que vem enfrentando, das 50 a 51, enfoque no turismo, são as belezas naturais da cidade, na página 52 o enfoque é também turístico só que o objeto é o patrimônio arquitetônico mais o artesanato das panelas de barro. E, finalmente, na página 53 onde se encontra uma foto da vista aérea do canal de São Sebastião, no pé da página, e no topo a foto do prefeito Juan Pons Garcia, levando o leitor a inferir que o prefeito tem o controle da cidade, como se ele próprio vigiasse a cidade em toda a sua extensão.

Ainda há os intertítulos “Hora de planejar” e “Investimentos estaduais”, nos quais o prefeito faz suas colocações sobre o mandato, por ocasião dos 369 anos de aniversário da cidade (que foi a verdadeira pauta desta reportagem “guarda-chuva”, que mostrou um pouco de tudo na cidade). O objetivo era enxugar a máquina pública. Com a redução das despesas, Juan esperava obter recursos para investir nas necessidades básicas da população, como

saneamento básico. “Vamos remontar a prefeitura fazendo com que ela seja uma máquina eficiente. Este primeiro ano é de planejamento e os outros três serão de realização”, afirma.

Pode-se inferir que no primeiro ano o prefeito nada fará em relação aos problemas, pois precisa captar dinheiro, para tanto terá de “remontar” a prefeitura no que implica ter sido entregue “desmontada”, isto é, com dívidas, sem caixa e outros problemas, uma vez ser ineficiente, mas a promessa é “que ela seja uma máquina eficiente”.

A reportagem abordou também o fato de planejarem um vídeo para registrar como é a Cultura Caiçara, com a preocupação de mostrar esta cultura para as próximas gerações, por meio da tradição oral. Apesar de problematizar o modo de vida atual dos caiçaras, a revista foi fiel a sua linha editorial, focando o turismo e o desenvolvimento da cidade. Os entrevistados caiçaras deram certa humanização e autenticidade ao texto, em detrimento do oficialismo da prefeitura no final da matéria.

Portanto, a reportagem, buscou maior abrangência e apresentou a diversidade de fatos, não teve um fio condutor de começo, meio e fim, os objetos foram abordados como se não tivessem ligação entre eles, o que não corresponde à realidade, o que há de intrínseco na beleza natural é o que molda o viver do ser caiçara. O discurso identitário na reportagem apresentou questões que não foram satisfatoriamente fechadas, já o discurso turístico apresentou-se com sucesso mesmo fazendo uso do caiçara e de sua cultura como produto, e o discurso político tendeu ao panfletário. Os recursos de linguagem mais utilizados foram à comparação, exemplificação e definição.

5.9. Análise da 8ª Reportagem da *Beach&Co* n.37, de Junho de 2005.

Fotos 9. Páginas da reportagem: Tainha: A vedete da estação



A reportagem da editoria *Pesca Artesanal* ocupou apenas três das 68 páginas da edição de junho de 2005 da revista *Beach&Co*, que contou com 15 textos jornalísticos, 28 páginas e meia de

publicidade, sendo assinado por Eleni Nogueira (editora da revista) e com fotos de Pedro Rezende. O texto não se origina de uma das quatro cidades do Litoral Norte Paulista, mas de Bertiooga, vizinha de São Sebastião.

A escolha deste texto se deu por alguns motivos: foi uma das poucas matérias da revista que trouxe a foto do “cerco” de pesca, remetendo ao principal significado da palavra “caiçara”; o texto convida os leitores para os festivais da Tainha no Litoral Paulista, que tem cardápios e organização semelhantes, por exemplo, ao festival do Porto Novo, em Caraguatatuba; o texto problematizou a escassez da pesca e mostrou que os filhos dos pescadores estão estudando e buscando outras profissões devido ao ineficiente retorno financeiro. O “cerco” da tainha, de origem japonesa, foi explicada pela pesquisadora Gioconda Mussolini no Segundo Capítulo.

Texto curto, com depoimento de caiçara que falou do declínio da pesca artesanal na região, sendo esta a maior dificuldade do caiçara para manter viva a sua cultura. O título “Tainha: a vedete da estação” escrito em duas cores, azul e preto. Frase construída com supressão do verbo substitui-se por dois pontos e tem-se o efeito de apostrofo -Tainha, o termo a ser explicado, “vedete da estação”- apostrofo de tainha, a atração do momento. A linha fina “Tradição, cultura e turismo gastronômico envolvem o peixe mais cobiçado do inverno”, sintetiza o foco da reportagem que usou linha fina, dois intertítulos: “Declínio da pesca” e “Festas gastronômicas”, mais seis fotos, das quais duas estão legendadas. O pescador Pedro Pinto falou de sua comunidade, nos bairros de São Lourenço e Guaratuba (Bertiooga), onde as festas gastronômicas movimentam a economia e valorizam a cultura.

O texto mostra que os filhos dos pescadores preferem estudar do que pescar, pois buscam melhores perspectivas financeiras, já que a rentabilidade da pesca caiu muito nos últimos anos. Como destaca Pedro Pinto,

“A tainha está acabando. Os tempos áureos foram na década de 50, quando chegávamos a dar três viagens de seis toneladas por semana. Até 92 ainda chegamos pegar 12 toneladas, mas depois começou o declínio e o máximo que pegamos em todo o período são duas toneladas. [...] A gente vai fazer o possível para isso não acabar. Mas hoje as crianças estudam, têm outros caminhos e isso aqui é muito difícil. Vou ver se consigo encaminhar o meu filho mais novo”. (*BEACH&CO* n.36, 2005, p.44).

O depoimento coloca duas questões recorrentes da Cultura Caiçara, as condições da natureza -escassez de peixes- que se alteraram por razões não explicadas no texto, e a sucessão (as novas gerações), apontando os motivos do não desejo de ser pescador, a “dureza” do trabalho e o retorno financeiro baixo.

O texto ressaltou o cerco de pesca, antiga prática pesqueira e tradição passada de geração a geração informando que a sua prática está proibida, mas aos pescadores de Guaratuba, o IBAMA expediu licença ambiental de 40 anos por ser uma tradição. Pedro Pinto justifica: “O caiçara, o pescador, preserva o meio ambiente, porque sem ele, você não vive”. O que transparece na fala é que o “caiçara, o pescador” sabe de sua dependência da natureza e por isto a preserva, diferente de “outros” que não sabem e não preservam os recursos naturais.

O último intertítulo “Festas gastronômicas” divulgou um cronograma das festividades em que o prato principal é a tainha. Pode-se então concluir que o texto e as fotos mostraram a pesca da tainha feita pelos caiçaras e convidou os turistas a virem para o litoral em julho apreciar os festivais gastronômicos. Portanto, o enfoque da matéria foi o atrativo turístico de gastronomia, e de forma secundária ficou explícito que é preciso preservar a cultura local e a natureza para manter a tradição e as festas do povo.

5.10. Análise da 9ª Reportagem da *Beach&Co* n.40, de Outubro de 2005.

Fotos 10. Páginas da reportagem: Ilha do Tamanduá



A reportagem “Ilha do Tamanduá”, na editoria de *Turismo*, está sem crédito autoral e ocupou quatro das 68 páginas da edição n.40, de outubro de 2005, da revista que contou com 17 textos jornalísticos e 26 páginas e meia de anúncios. A linha descreve o local e apresenta as principais características que são “mar calmo, praias selvagens e trilhas pela Mata Atlântica”. (*BEACH&CO* n.40, 2005, p.18). A fotografia de página inteira da praia deserta com uma lancha atracada à beira mar complementa a linha fina e transporta o leitor para a “paz e tranquilidade” que cercam a ilha, assim como as outras dez imagens de natureza preservada na reportagem.

A matéria confirma que a Ilha do Tamanduá recebe na temporada de verão e nos finais de semana cerca de 30 a 50 embarcações por dia, além de a ilha ocupar “um milhão de metros quadrados (equivalente a 54 alqueires ou 101 hectares), configurada em 1,2 quilômetros de

extensão por 800 metros de largura”. Também explica a origem do nome da ilha, em duas versões: a primeira, contada pelo proprietário João Roman Neto, que vista de cima ela tem o formato de um tamanduá deitado; e a segunda pelo pescador Geraldo Oliveira, que ali vive e diz tratar de uma homenagem a um tamanduá que teria atravessado a nado, da praia da Tabatinga a ilha.

O texto dividido em três intertítulos destaca primeiro os atrativos turísticos em “Prazer à beira mar”, com a entrevista da empresária Lucinha Bijus que navega “pelas praias e baías de Ilhabela e Angra dos Reis/RJ e define a Ilha do Tamanduá como um porto seguro de águas transparentes e calmas”, descrevendo os restaurantes rústicos que servem peixes frescos e mexilhões.

O segundo intertítulo “Cobiça estrangeira” mostra a intensidade da especulação imobiliária, com as famílias que possuem a concessão da Ilha e recebem diversas propostas de empresários estrangeiros que querem adquirir o espaço para instalar complexos hoteleiros.

Empresários americanos, alemães, iranianos, espanhóis, argentinos e portugueses interessados em adquirir sua concessão, para instalar no local um complexo hoteleiro. O empresário não divulga as ofertas, mas garante tem sido muito tentadoras. “Venho resistindo porque tenho grande paixão pela ilha”, afirma. (BEACH&CO n.40, 2005, p.20)

Também mostra o cuidado com a preservação que João Roman Neto, de Taubaté, atual concessionário, possui.

A ideia da família é transformar a ilha num dos principais pontos de ecoturismo do litoral paulista. A partir da aprovação do plano de manejo, a família pretende construir píeres, atracadouros, demarcar as trilhas e construir bangalôs para alojar até 600 pessoas. “Queremos explorar o local, preservando totalmente o meio ambiente”, disse. (BEACH&CO n.40, 2005, p.20).

O Olho ressalta que “entre os principais atrativos da Ilha Tamanduá, destaque para os restaurantes especializados em frutos do mar”. No intertítulo “Luta pela posse”, consta a resistência dos caiçaras da família Oliveira que fazem vigília para não terem suas terras invadidas. Retrato dos principais conflitos vividos pelos nativos, a luta por suas terras e o direito de pescar, além da vida simples e dos valores caiçaras.

A partir da entrevista e apresentação de como vivem os Oliveiras, tradicional família de pescadores, pode-se entender o que é *ser caiçara*, e ter um panorama de como vivem outras comunidades isoladas que mantêm os hábitos da cultura local. Ao todo são “sete pessoas que vivem na praia do Sul, para evitar que a área ocupada pela família seja tomada pelo atual concessionário da Ilha do Tamanduá ou ocupada por terceiros”.

Para evitar surpresas, Donizete e os irmãos Bidico, Dirceu, Haroldo, Toninho e Ivo se revezam na ilha. O rancho não possui energia elétrica, rádio ou TV. “Não existe nada melhor que o canto dos pássaros e o sossego”, garante Donizete, que desde os 11 anos de idade mora na praia do Sul. (*BEACH&CO* n.40, 2005, p.20).

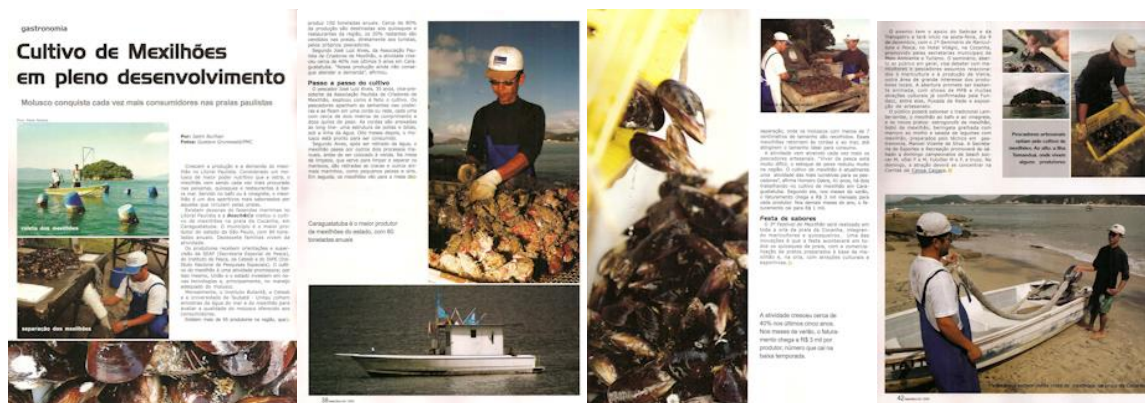
Os caiçaras receberam propostas de R\$ 1,1 milhão pelas terras, mas o negócio não deu certo devido à interferência do confessorário da ilha. Para fortalecer a ideia central do texto um Olho ressalta que “a beleza da ilha atrai a atenção de empresários estrangeiros interessados em construir complexo hoteleiro”. Outras cinco pequenas imagens complementam a história ao mostrar, respectivamente de cima para baixo, pássaros sobrevoando a ilha, canoas caiçara e os Oliveiras: Donizete sentado em sua canoa e Geraldo segurando uma rede de pesca.

O texto apontou possíveis investimentos como a construção de um hotel na ilha, mas nove anos depois, até 2014 quando foi concluída a pesquisa desta tese, nada havia sido concretizado. A Ilha do Tamanduá continuou sendo um dos locais preferidos de atracação de proprietários de lanchas e embarcações náuticas na região, já que a ilha fica em frente à Praia da Tabatinga, onde há marinas e condomínios com casas de luxo.

As fotos da Ilha feitas em um dia nublado não contribuíram para ressaltar o local como turístico, apesar deste ter sido o enfoque da reportagem. Os dois caiçaras entrevistados foram mostrados em duas pequenas fotos no final da última página, revelando de modo sutil, a pouca importância dada a eles no texto e na diagramação.

5.11. Análise da 10ª Reportagem da *Beach&Co* n.42, de Dezembro de 2005.

Fotos 11. Páginas da reportagem: Cultivo de Mexilhões em pleno desenvolvimento



A reportagem da editoria de *Gastronomia*, escrita por Salim Burihan, ocupou quatro das 68 páginas da edição n.42 da revista em dezembro de 2005. A edição contou com 13 textos jornalísticos e 29 páginas de publicidade. A linha fina explica que o “Molusco

conquista cada vez mais consumidores nas praias paulistas” (*BEACH&CO* n.42, 2005, p.36). O jornalista deixou claro, no uso da personificação (figura de linguagem), o molusco “conquistador” como personagem principal do texto e, com o uso da locução adverbial “cada vez mais”, o foco da reportagem ser o aumento da demanda e cultivo da especiaria, em um processo gradativo e contínuo.

A reportagem que está dividida por dois intertítulos. Neles estão um texto instrucional, adequada ao que se propõe de “Passo a Passo” do cultivo: o faça isto e isso em ordem processual, texto que não foge da objetividade. E “Festa de Sabores” apresenta tópicos diversos, aspectos econômicos, o evento, as atividades culturais, e também a outra festa, a “festa de sabores”, os inúmeros pratos feitos com o mexilhão. A diagramação intercala as páginas da reportagem com anúncios de página inteira, o que dificulta a leitura.

Foram usadas 11 fotos clicadas por Pedro Rezende e Gustavo Grunewald, em diferentes tamanhos, das quais quatro legendadas. A chamada secundária na capa “Mexilhões – Sabor novo na economia do litoral norte” valorizou a reportagem e traduziu com inteligência o fato e suas implicações, a do sabor dos mexilhões sendo bem aceito na região, e a atividade de cultivo deste molusco como alternativa econômica para pescadores artesanais.

Na primeira página, três imagens médias transportam o leitor para a realidade que está sendo discutida no texto. É possível observar os pescadores realizando a coleta dos mexilhões, a separação dos moluscos e, em close, vários mexilhões que ocupam todo o rodapé. As legendas em branca diagramadas em cima das fotografias, explicam as etapas do cultivo.

O Olho evidencia que “Caraguatatuba é o maior produtor de mexilhões do estado, com 80 toneladas anuais”. (*BEACH&CO* n.42, 2005, p.38). Ao lado se vê um maricultor limpando os mariscos e abaixo uma embarcação caíçara. A diagramação valorizou as imagens.

O início do texto descreve que o mexilhão é apreciado na região litorânea, e valoriza os elementos principais da reportagem: produção e aumento na demanda de mexilhões, para que o leitor “mergulhe” no assunto nos parágrafos seguintes. O jornalista delimitou o assunto no seguinte trecho: “Existem dezenas de fazendas marinhas espalhadas no Litoral Paulista e a *Beach&Co* visitou o cultivo de mexilhões na praia da Cocanha, em Caraguatatuba”, onde dezessete famílias vivem desta atividade. (*BEACH&CO* n.42, dez.2005, p.36).

O texto cita várias fontes institucionais, informando que elas orientam e supervisionam os produtores em todo processo de cultivo, armazenamento e venda do mexilhão, como da SEAP (Secretaria Estadual da Pesca), Instituto da Pesca, CETESB (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental), ligada à Secretaria do Meio Ambiente do governo paulista, INPE

(Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), Instituto Butantã e Unitau (Universidade de Taubaté).

O cultivo do mexilhão é uma atividade promissora; por isso mesmo, União e o estado investem em novas tecnologias e, principalmente, no manejo adequado do molusco. Mensalmente, o instituto Butantã, a Cetesb e a Universidade de Taubaté (Unitau) colhem amostras de água do mar e do mexilhão para avaliar a qualidade do molusco oferecido aos consumidores. Existem mais de 45 produtores na região, que produz 150 toneladas anuais. Cerca de 80% da produção são destinadas aos quiosques e restaurantes da região, os 20% restantes são vendidos nas praias, diretamente aos turistas, pelos próprios pescadores. (*BEACH&CO* n.42, 2005, p.38).

O primeiro entrevistado no texto foi o pescador José Luiz Alves, vice-presidente da Associação Paulista de Criadores de Mexilhão que explica que o mexilhão leva oito meses para “crescer”, ser coletado, limpo e pronto para o consumo. Ele personifica a nova realidade dos pescadores caiçaras que estão desenvolvendo outras atividades para complementar a renda, como consta na segunda entrevista, com Homero Osera.

“Viver de pesca está muito difícil, o estoque de peixe reduziu muito na região. O cultivo de mexilhão é atualmente uma das atividades mais lucrativas para os pescadores”, afirma Homero Osera, 41 anos, há dois trabalhando no cultivo de mexilhão em Caraguatatuba. Segundo ele, nos meses de verão, o faturamento chega a R\$ 3 mil mensais para cada produtor. Nos demais meses do ano o faturamento cai para R\$ 1 mil. (*BEACH&CO* n.42, 2005, p.40).

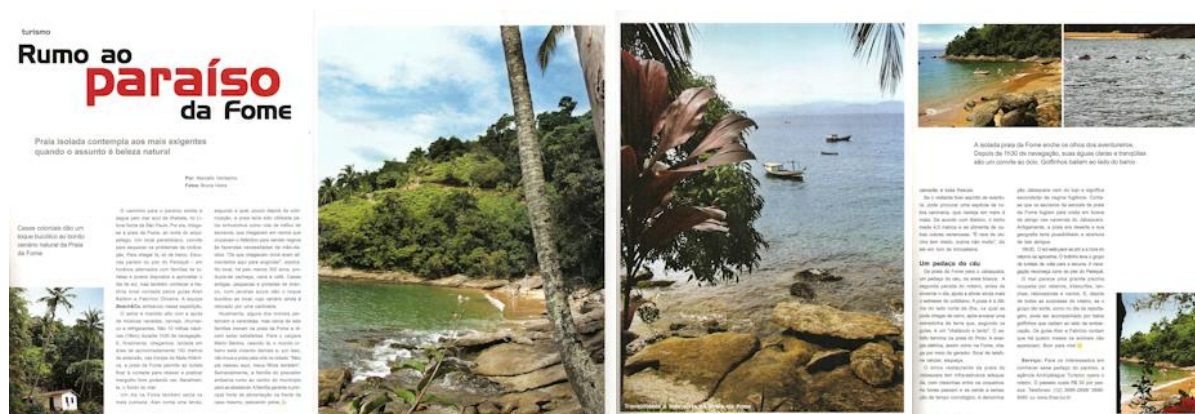
O intertítulo “Festa de Sabores” atenta para o 3º Festival do Mexilhão, na orla da praia da Cocanha, que comercializa o lambe-lambe (mexilhão ao bafo ou ao molho de vinagrete) e outros pratos preparados com o molusco, shows, exposição de artesanato caiçara, mostra da cultura tradicional como corrida de canoa caiçara, seminários de assuntos relacionados à pesca e produção, além de movimentar a economia local. O Olho mostrou que “a atividade cresceu cerca de 40% nos últimos cinco anos” e a legenda de uma das fotos evidencia que os “pescadores artesanais optam pelo cultivo de mexilhões”. No entanto, “optar” implica em escolhas, e a situação contextual do pescador artesanal foi explicitada por Homero no trecho supracitado: “viver de pesca está muito difícil”, e assim, há necessidade de se buscar alternativas e o cultivo do mexilhão tem sido uma, pelo menos nos meses de verão, pois nos outros o rendimento cai para um terço.

O texto da editoria *Gastronomia* focou “mais um atrativo” para o turismo, e como estratégia argumentativa entrelaçou a importância do cultivo de mexilhões à economia da região, ao povo caiçara, fez conexão com outros eventos como a corrida de canoa, mostrando um quadro favorável para se visitar.

Predomina o descritivo analítico, traz a voz do caçara em discurso direto dando credibilidade, e com o uso do gênero textual instrucional levou o leitor a um conhecimento mais aprofundado sobre as fazendas marinhas. A imagem foi caçara é fortalecida como um povo que vai a busca de solução e não de indolência.

5.12. Análise da 11ª Reportagem da *Beach&Co* n.44, de Fevereiro de 2006.

Fotos 12. Páginas da reportagem: Rumo ao paraíso da fome



A reportagem está inserida na editoria de *Turismo*, foi escrita por Marcello Veríssimo, ocupou quatro das 68 páginas da edição n.44 da revista que teve 17 textos jornalísticos e 31 páginas e meia de publicidade.

No título a palavra “paraíso”, destacada em fonte maior e na cor vermelha, reforça o conceito que é expresso ao longo de todo o texto. O efeito de estranhamento construído no título “Rumo ao Paraíso da Fome”, a ausência da palavra “praia” antes de Fome, acaba produzindo ambiguidade; como um paraíso -lugar de delícias e de bem aventuranças pode ser o lugar de fome- sensação provocada pela necessidade de alimentar-se? Ambiguidade se desfez no contexto, mas no segundo parágrafo do texto, isto foi usado para dimensionar a significação da praia: “Um dia na Fome também sacia os maios curiosos”. A praia da Fome não só “permite ao turista ficar à vontade para relaxar e praticar mergulho livre, podendo ver literalmente o fundo do mar”, como também “sacia os curiosos” que conhecem os caçaras locais ouvem a lenda do nome da praia.

A linha fina complementa que a “praia isolada contempla os mais exigentes quando o assunto é beleza natural”. Aqui “os mais exigentes” não são especificados, mas “exigentes em se tratando de beleza natural”, fica como possibilidade os que entendem de paisagem, dessa arte, e podem-se observar duas fotos de página inteira que corroboram com o dito, pois se apresentam como quadros de arte. O Olho evidenciou que há moradores no local que habitam

“casas coloniais dão um toque bucólico ao bonito cenário natural da Praia da Fome”. Abaixo uma pequena foto da casa simples dos caiçaras da comunidade isolada.

Estes elementos jornalísticos traçam um panorama da realidade do local e preparam o leitor para entrar na história, por meio de um lide que trabalha emoções e sensações.

O caminho para o paraíso existe e segue pelo mar azul de Ilhabela, no Litoral Norte de São Paulo. Por ele, chega-se à praia da Fome, ao norte do arquipélago. Um local paradisíaco, convite para esquecer os problemas da civilização. Para chegar lá, só de barco. Escunas partem do píer do Perequê - em horários alternados com famílias de turistas e jovens dispostos a aproveitar o dia de sol, mas também conhecer a história do local contada pelos guias Alan Baldon e Fabrício Oliveira. (*BEACH&CO* n.44, 2006, p.52).

O texto trabalha com o discurso religioso subentendido, do paraíso perdido e do prometido, de se crer ou não na sua existência, pois ele inicia o trecho acima declarando a realidade de sua existência, lugar onde seus problemas são esquecidos. Argumentação que apela aos desejos da “alma”.

A reportagem descreve o local e os atrativos turísticos. “São 10 milhas náuticas (18 km) durante 1h30 de navegação”. “Isolada em área de aproximadamente 150 metros de extensão, nas franjas da Mata Atlântica, a praia da fome permite ao turista ficar à vontade para relaxar e praticar mergulho livre”. Além das lendas que fazem parte da história oral do caiçara tradicional. Aqui o apelo argumentativo é mais racional, dados geográficos e históricos e atividade esportiva que pode ser praticada.

Um dia na Fome também sacia os mais curiosos. Alan conta uma lenda, segundo a qual, pouco depois da colonização, a praia teria sido utilizada pelos sinhozinhos como rota de tráfico de escravos, que chegavam em navios que cruzavam o Atlântico para vender negros às fazendas necessitadas de mão-de-obra. “Os que chegavam ali vivos eram alimentados aqui para engordar”, explica. No local, há pelo menos 300 anos, produzia-se cachaça, cana e café. (*BEACH&CO* n.44, 2006, p.52).

No argumento histórico, o resgate da tradição caiçara -as lendas. Lenda esta bem factível, conhecendo-se a história do país, e não deixa de ser interessante o paradoxo que se levanta semanticamente: a praia da Fome ser o lugar de engorda; engordam-se escravos para saciar a fome dos “sinhozinhos”.

A reportagem registra informações importantes sobre a cultura do local, como a constatação que, no ano da reportagem, cerca de seis famílias moravam na praia da Fome, a rotina para alimentar a família e depoimento dos caiçaras que afirmam estar satisfeitos.

Para o caiçara Mario Santos, nascido lá, o mundo urbano está violento demais e, por isso, não troca a praia pela vida na cidade. “Meu pai nasceu aqui, meus

filhos também”. Semanalmente, a família do pescador embarca rumo ao centro do município para se abastecer. A família garante a principal fonte de alimentação na frente de casa mesmo, pescando peixe, camarão e lulas frescas. (BEACH&CO n.44, 2006, p.52-56).

Há um contraponto aqui, um interdito a ser recuperado, entre o mundo urbano e a praia (interior litorâneo), violência versus tranquilidade, a vida simples, que pouco necessita para viver e estar em um “paraíso” e as necessidades e “fome” a ser saciada nas cidades.

Duas páginas no meio da reportagem com duas fotos grandes uma em cada página, a primeira da paisagem com turistas na praia e a segunda com a vista para o mar e embarcações pesqueiras. A legenda traz as sensações vivenciadas no local como “tranquilidade e bela vista na praia da Fome”.

A reportagem é dividida por uma publicidade de página inteira e o texto continua o Olho que também pode ser utilizado para descrever as imagens. “A isolada praia da Fome enche os olhos dos aventureiros. Depois de 1h30 de navegação, suas águas claras e tranquilas são um convite ao ócio. Golfinhos bailam ao lado do barco”.

No intertítulo “Um pedaço do céu”, o jornalista mostrou mais uma opção de passeio, a praia do Jabaquara, que é a última do lado norte da ilha e pode se chegar de carro. Por mais que pareça, não foge do contexto geral da reportagem, pois o local possui a mesma vida simples.

Esta segunda praia também foi abrigo de escravos e figura no imaginário popular caiçara. “Jabaquara vem do tupi e significa esconderijo de negros fugidos. Conta-se que os escravos da senzala da praia da Fome fugiam pelas costas em busca de abrigos nas cavernas do Jabaquara”. Como consta no segundo capítulo, a comunidade de Jabaquara não é mais considerada como “tradicional”, pois são raros caiçaras que a habitam, sendo hoje um bairro cujos moradores são migrantes vindo de outros estados brasileiros (retrata o fluxo migratório).

A reportagem foi finalizada com mais descrição da volta dos turistas para casa, desta forma o leitor pode vivenciar como se estivesse neste passeio, saindo da praia de bote, ao pôr do sol, vendo um mar extenso, com veleiros e kitesurfistas com a presença de golfinhos que acompanharam a embarcação até o píer do Perequê.

O passado presente no tom dos contrapontos da reportagem revelou certa natureza barroca de um homem entre o céu e a terra, com fome de um e de outro, não sabendo o que realmente lhe sacia. Apresenta-se um discurso turístico que se entrelaça com outros, exemplo, o religioso, da arte e o histórico, para se estabelecer uma linha argumentativa de um lugar que vale a pena ser visto tal é a sua riqueza e possibilidade de saciar sua “fome”, seja ela beleza, aventura, idílica ou outra. Descritivo-analítica com uso de definições, comparação e

exemplificação; embora se remeta a questões do caíçara o foco é turístico e o faz com sucesso.

5.13. Análise da 12ª Reportagem da *Beach&Co* n.64, de Outubro de 2007.

Fotos 13. Páginas da reportagem: Vila Pinguaba, um dos motivos para visitar Ubatuba



A reportagem da editoria *Turismo* ocupou três das 52 páginas da edição de outubro de 2007, que contou com dez textos jornalísticos e 21 páginas de publicidade. Texto e fotos de Aline Rezende, subdivididas em três intertítulos: Dois séculos de história; Fazenda da Caixa e Causos; além de seis fotos que colaboraram com o texto ora identificando o entrevistado, ora exemplificando o trabalho de pescadores e mostrando a beleza natural.

O título enuncia “Vila Pinguaba, um dos motivos para visitar Ubatuba”. A frase que se constrói omitiu o verbo “é” e o substituiu por vírgula, efeito que evidencia “Vila Pinguaba” como apostro, um termo a ser explicado, a ser definido. Traz como pressuposto, caso o leitor não conheça: Vila Pinguaba é um dos motivos para visitar Ubatuba, há outros, mas destacou-se esse.

Na linha fina temos: “Sempre lembrada pelas belas praias, Ubatuba é muito mais que uma cidade privilegiada pela natureza. Ela tem passado, histórias, lendas e o inconfundível povo caíçara”. Evoca-se como posto um conhecimento público sobre a beleza natural da cidade. E como pressuposto que o passado, história, lendas e o povo “inconfundível” (de características próprias) ainda precisam ser descobertos pelo leitor e ir à Vila Pinguaba são uma oportunidade para isso. Tendo como chamada secundária de capa, “Vila Pinguaba - Conheça e se apaixone”, com o uso dos verbos no imperativo implicam quase uma ordem, fechando um circuito argumentativo em progressão.

A reportagem apresenta um forte apelo turístico para se aproveitar Ubatuba fora da temporada, mesmo que seja um final de semana.

Para conhecer Ubatuba, o ideal é vir com calma, e muita disposição para mudar o ritmo estressante do dia a dia mesmo que por apenas um final de semana. De preferência, fora de temporada ou feriados prolongados. O período entre agosto e novembro proporciona dias extremamente claros, céu azul, clima agradável, nem frio, nem muito quente. E mais: pouco trânsito, restaurantes, pousadas e praias com pouca gente. Enfim, todas as condições para um passeio agradável e mais proveitoso, no sentido de conhecer as histórias, os mistérios e beleza dessa cidade. Afinal, são mais de cem praias, dezenas de cachoeiras, trilha e ilhas. Uma natureza extremamente preservada. (*BEACH&CO* n.64, 2007, p.28).

Com o uso de construções como “mesmo que seja”, “o ideal é”, “de preferência”, “e mais”, “enfim”, “afinal” introduz argumentos que valorizam o turismo fora de temporada. A foto sem legenda, que ocupa metade da página, também valoriza colaborando de forma enfática, a bela paisagem com pescadores e rede no mar, praia e poucas pessoas desfrutando o que o lugar oferece.

O texto continua como se alguém estivesse indo em direção à vila e descrevesse as belezas do caminho da estrada Rio - Santos. O Olho deixa claro que o local é apaixonante. “Aqui as surpresas são infindáveis. Beleza e história mesclam-se a cada passo. É preciso sair e desvendar os mistérios, entre estradas de terra, morros, areias e oceano. Quem ousa acaba apaixonado por essa terra e quer voltar sempre, ou então, nem ir mais embora”.

No destaque do Olho observa-se que o texto trabalha com construções linguísticas adjetivas com força absoluta, “surpresas infindáveis”, quem ousar “acaba apaixonado”, no que resulta em um processo de argumentação de intensidade progressiva “quer voltar sempre” ou “nem ir mais embora”. Há um tom literário de descrição adjetivada e uso de figuras de linguagem, introduzindo o leitor em um universo mágico de aventura, personagens e cenários exuberantes e sinestésicos (apela-se aos cinco sentidos).

A partir daí começa a imersão na história e nas peculiaridades dos caiçaras que habitam o local.

Nossa parada é na Praia da Picinguaba, pequena e acolhedora. Seu nome, em tupi-guarani, significa “refúgio de peixes”. Sua areia é grossa e dourada. Ao chegar, deparamos com uma vila de pescadores. Seus barquinhos multicoloridos, agitados pelo vento, alegam o cenário. Na areia, entre ranchos, canoas e pequenas embarcações presenciamos a prática de uma arte milenar: o caiçara tece sua rede e a lança no mar, lindo! (*BEACH&CO* n.64, 2007, p.29).

No texto consta que cerca de 260 casas povoam a vila, mas metade é de veranistas e a praia “é um típico exemplo da fusão entre os antigos costumes de um povo nativo e a influência da modernidade, trazida pelos turistas e pela civilização”.

O intertítulo “Dois séculos de história”, informa que a “Vila Picinguaba é tombada como patrimônio histórico desde 1983, e foi ocupada há cerca de 200 anos, com muitos de seus descendentes residindo no local”. Tanto as fotos como a reportagem mostram que as personagens foram entrevistadas na vila.

O caiçara Benedito Correa da Silva, mais conhecido como ‘Seu Pú’, é um dos mais antigos moradores da Vila. Pai de nove filhos, 20 netos e 18 bisnetos, ele nasceu bem antes da implantação da Rodovia Rio-Santos. O avô dele, João Iria, foi um dos fundadores da vila. Lá, ele teve 22 filhos e morreu aos 115 anos. “Meu avô era escravo de engenho. Ele remava de Santos a Angra dos Reis”, recorda-se orgulhoso. (BEACH&CO n.64, 2007, p.29).

A jornalista evidencia os hábitos da Cultura Caiçara a partir das falas dos moradores da vila. Como as casas construídas de pau a pique, o nascimento pelas mãos das parteiras e a felicidade do povo caiçara por mais que a situação estivesse difícil.

A gente fazia muita festa e tinha muita fartura. Quando acabava o arroz e o feijão, a gente comia o peixe com a banana verde e farinha de mandioca -hoje esse prato é muito apreciado por turistas e chama-se Azul-Marinho. Quando alguém ficava doente, a gente curava aqui mesmo, com benzimento e remédio de erva feito em casa. (BEACH&CO n.64, 2007, p.29-30).

O intertítulo “Fazenda da Caixa” descreve o local que é encontrado a partir de uma estradinha de terra. Esse “patrimônio histórico que remete aos tempos dos escravos e dos grandes engenhos de açúcar, a Fazenda da Caixa guarda muitas histórias”. Atualmente é uma vila de moradores genuinamente caiçara.

Uma das belezas apresentadas na reportagem é um moinho, movido pela força da água em que a jornalista utilizou uma abordagem descritiva analítica para valorizar o objeto.

Nas paredes do fosso, que abrigam a roda de madeira, uma demonstração da contribuição e do trabalho dos escravos. Pedras gigantescas encaixadas perfeitamente, pesadas colunas, uma chaminé bem alta construída de tijolinhos, barro e melado de açúcar, além de uma cadeira de ferro corroída pelo tempo. No século XVIII, essa fazenda produzia álcool, cachaça e açúcar. (BEACH&CO n.64, 2007, p.30).

Em seguida é apresentada a transformação desta cultura para a sobrevivência da comunidade que teve que adaptar o local para a “Casa da Farinha”, em 1950, para produzir

farinha de mandioca. “Virou propriedade do governo do estado e está situada no Núcleo Picinguaba”.

O intertítulo “Causos” finaliza o texto com a entrevista do “Seo” Zé Pedro que conta histórias das aventuras e desventuras do povo caiçara. “Conversar com ele é saber detalhes dos tempos em que a BR-101 não existia e os moradores iam para a cidade num pequeno barco, que buscava os moradores em diversas praias pelo caminho”. Ele também conta sobre a participação dos escravos na construção da fazenda, em como era barato pagar somente um cruzeiro para fazer a travessia de barco e do orgulho de um trabalho de construção que é para a vida toda.

Discurso com predominância descritivo-analítica que recupera histórias da cidade e do viver dos caiçaras. Não se evidenciou de forma direta os problemas enfrentados atualmente pelos caiçaras, mas com linguagem rica, fez-se uso de muitos recursos estilísticos, com a voz do jornalista conduzindo os falares “do tempo dos antigos” dos caiçaras que passaram pelo seu filtro. Enfoque turístico atendendo a linha editorial da revista.

5.14. Análise da 13ª Reportagem da *Beach&Co* n.71, de Maio de 2008.

Fotos 14. Páginas da reportagem: Na trilha do mexilhão



A reportagem da editoria de *Turismo*, escrita por Adriana Coutinho, ocupou quatro das 52 páginas da edição n.71, que teve dez textos jornalísticos e 16 páginas de publicidade. A foto de um caiçara empurrando sua canoa repleta de mexilhões para beira mar no início do texto tem como legenda: “o cultivo do mexilhão possibilita colheita sempre generosa”. Sublinhando que “sempre” é definitivo demais, como extremo (“sempre” versus “nunca”, aqui, deixar de ser generosa) traz a desconfiança da força da veracidade.

A linha fina resume o enfoque da reportagem que une a produção de mariscos ao roteiro turístico da região e convida o leitor a entender o assunto.

Quem passa pelas proximidades das praias do Massaguaçu e Cocanha, em Caraguatatuba, e avista a Ilha do tamanduá, talvez não saiba que está próximo de um dos maiores pontos de produção de mariscos no Brasil, além de excelente alternativa turística. Trata-se da trilha turística do Mexilhão. Conheça e saboreie! (*BEACH&CO* n.71, 2008, p.20).

O lide convida o leitor para conhecer a fazenda marinha e acompanhar uma colheita de mariscos, além de poder saboreá-los na hora. A jornalista apresenta a Cultura Caiçara como ótima opção para os visitantes ao expressar “saboreá-lo ali mesmo na ilha, feito na hora, em companhia dos caiçaras e ouvindo histórias de pescador?”. Vale ressaltar esta relação que se estabelece de que no itinerário turístico, há gastronomia típica, mas que o plus é isto com a possibilidade de conhecer a cultura mais os seus protagonistas.

A proposta continua com a opção de o turista poder levar o produto para casa e receber as receitas para o preparo diretamente dos caiçaras da ilha. Estas afirmações mostram que além das transformações que o caiçara teve de passar para “viver do mar”, ele ainda se adaptou ao turismo para ampliar suas fontes de renda, o que implica em mudança de comportamento, aquisição de novos conhecimentos, novos procedimentos, nova forma de pensar, portanto indícios da evolução de um fazer, que nada remete a povo que não quer evoluir ou ao caiçara como vagabundo e preguiçoso.

A foto de página inteira foca as mãos de um maricultor limpando os mexilhões. Na página seguinte é possível observar, respectivamente, em quatro pequenas fotografias: dois típicos caiçaras -pele morena, cabelos compridos, expressões fortes e sem camisa- que estão saindo do mar carregando uma ráfia de mexilhões, a vista panorâmica da ilha, mãos limpando mariscos e o produto sendo separado pelos pescadores na frente dos turistas na praia. A legenda “Da colheita ao consumo, a atividade de cultivo do mexilhão também é atração turística”, reforça a abordagem da pauta.

Na mesma página a força para trabalhar dos caiçaras fica evidente no trecho: “Quando os turistas ou grupo de jornalistas agendam os passeios, eu os levo para conhecer a fazenda e explico todo o processo. Depois, podemos fazer a limpeza dos mariscos na ilhota da Cocanha e fazer uma mariscada para que experimentem”, em seguida, reforça momentos diferenciados.

E quando “o mar não está para peixe”, Tirso não decepciona. No início desse mês, acompanhamos a tentativa de levar um grupo formado por três pessoas para a visita. Mas, como as ondas não permitiram, o maricultor, acompanhado de um ajudante, foi de canoa buscar os mariscos na Praia da Cocanha. Ondas grandes, torcida para ultrapassarem a arrebentação na pequena embarcação e lá foram eles. Ao final da colheita, de volta a terra firme, mostram com orgulho a corda cheia de mariscos. (*BEACH&CO* n.71, 2008, p.22).

A expressão “o mar não está para peixe” sabe-se que está perigoso entrar no mar, mas o caiçara tem como ofício buscar o alimento na água salgada, ele está acostumado a enfrentá-la, no entanto, as circunstâncias definem as ações, três pessoas para a visita é motivo de enfrentar o mar bravo, orgulho de vaidade, necessidade de buscar o “alimento” ou desejo de não frustrar a curiosidade dos visitantes? O texto não conta, só provoca a imaginação, mas deixa evidente que o caiçara não teve “preguiça” e cumpriu com sua missão.

O intertítulo “Estruturação do passeio”, explica o programa de capacitação implantado pela Unisol (Universidade Solidária) de São Paulo e o Centro Universitário Módulo, de Caraguá, para a estruturação da “Trilha Turística do Mexilhão” proposta pela Secretaria Municipal de Turismo. Tem como “objetivo ampliar o trabalho já existente de alternativa de renda e de melhoria da qualidade de vida de maricultores e trabalhadores de quiosques da praia da Cocanha, onde o mexilhão é criado”.

Na página seguinte, fica claro que os pescadores apoiam a iniciativa e mostram como é estruturada a comunidade caiçara.

A comunidade da Praia da Cocanha é formada principalmente por pescadores artesanais e suas famílias, que viram na maricultura a saída para o sustento e a continuidade da cultura caiçara. José Roberto Carlota, atual presidente da Associação de Maricultores da Praia da Cocanha, pescador há 40 anos, conta que o cultivo foi iniciado na década de 1980 e, a partir de 2000, foi criada a associação, hoje com 40 integrantes. (*BEACH&CO* n.71, 2008, p.23).

O discurso é predominantemente descritivo utilizando-se dos recursos de definição e exemplificação, não há vozes em primeira pessoa, só a da jornalista referindo-se a elas, enfoque turístico usando como pano de fundo a necessidade do caiçara encontrar novas formas de conquistar maior renda e o mexilhão ser um caminho.

5.15. Análise da 14ª Reportagem da *Beach&Co* n°71, de Maio de 2008.

Fotos 15. Páginas da reportagem: Cores e sabores da cultura caiçara



A reportagem da editoria de *Cultura*, escrita por Aline Rezende, ocupou quatro das 52 páginas desta edição da *Beach&Co*. O texto intitulado “Cores e sabores da cultura caiçara”, traz um pequeno levantamento das principais atividades que cercam a cultura tradicional em Ubatuba. A chamada secundária na capa “Cultura caiçara- Rica em cores, sabores e fé”, também valorizou texto. A linha fina especificou a abordagem da pauta.

O mar forjou no povo caiçara algumas das características mais marcantes de sua cultura: a subsistência por meio da pesca, a inspiração para as cantigas e danças de bate-pé, além de uma rica gastronomia à base de peixes. A devoção aos santos católicos temperou essa mistura, dando origem a grandes festas, nas quais pontificam a fartura e a musicalidade típica dos ubatubenses. (BEACH&CO n.71, 2008, p.38).

A jornalista ao resumir é feliz em pontuar que o mar é o elemento determinante na construção do fazer deste povo (além da mata/natureza/terra/agricultura de subsistência que não foi citada), que lhe dá a identidade caiçara, e trazer características que o constitui, ressaltando que esta identidade é mais ampla que estas características, a conjuntura dos contextos político-econômico-sócio-históricos não se resumem nos citados.

Ao apresentar todos estes elementos, a jornalista propõe ao leitor a criação no imaginário da personagem principal da reportagem, o caiçara tradicional e deixa clara a ideia principal do texto que é “um delicioso mergulho na cultura popular caiçara, fruto da mistura dos povos que colonizaram o Brasil”. As fotos mostram um colorido típico da região que esbanja bandeirolas coloridas para enfeitar os barcos nas festas religiosas no mar, no boi florido e cheio de fitas do Fandango, nas roupas com muitos enfeites dos congadeiros e nas canoas multicoloridas em alto mar.

O texto mostrou que “a cultura caiçara está sempre presente. Mas, são as festas que expõem mais fielmente essa cultura, invariavelmente ligada à devoção católica”, e citou como exemplo a Festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores, no mês de junho, que “talvez seja uma das mais belas manifestações do caiçara ubatubense”.

Ao falar da comida típica, citou que as “delícias caiçaras à base de peixe também levam ingredientes tirados da terra e cultivados em Ubatuba, como a mandioca, a banana, o gengibre e especiarias só encontradas na mata, como o coentro bravo e a alfavaca”. Estas informações contribuem para fomentar e valorizar as tradições que se perdem com o passar do tempo.

O intertítulo “Fandango caiçara”, explicou que um fandango é um “bailado popular” e que como antigamente, não havia luz elétrica e nem estradas para facilitar a saída dos caiçaras, as festas e bailes, chamados “funções”, aconteciam praticamente todos os finais de

semana ao som da viola e da sanfona. “Em Ubatuba ainda estão vivas as típicas danças de congada, ciranda, cana-verde, recortada, dança da fita e xiba, que fazem a alegria de muita gente”.

Em “Artesanato e folclore” afirmou que “os elementos que compõem a cultura caiçara estão ao alcance dos interessados. É só adentrar os sertões em busca dos caiçaras mais antigos”, citou também as comunidades e suas festas espalhadas por Ubatuba.

Vale a pena comprar um peixe fresquinho, saído da rede, na Praia da Picinguaba, conferir o artesanato feito no bairro da Casanga, as folias de reis ainda praticadas em épocas de Natal, no bairro do Itaguá, a Festa da Mandioca, no Sertão do Ubatumirim, em meados de julho, ou o Festival do Camarão, na Praia da Almada, no último fim de semana deste mesmo mês. (BEACH&CO n.71, 2008, p.39).

A jornalista ao afirmar que o caiçara “antigo” é acessível e tem muito causo para contar, deixa um questionamento subliminar sobre o “novo caiçara”, quem é e como se comporta. Também deixa implícito que para conhecer de perto a Cultura Caiçara é necessário fazer um *tour* pelos bairros e suas manifestações, onde um complementa o outro por apresentarem a diversidade folclórica, artesanal e gastronômica.

Também fala da “Caiçarada”, festa realizada em agosto, mês do folclore, pela prefeitura, por meio da Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba (Fundart), que reúne violeiros, contadores de “causos” e grupos regionais de diversas partes do Brasil.

Um discurso fiel à editoria *Turismo*, toda descrição, toda definição, todo exemplo estão a serviço de trazer o turista àquilo que esta terra e povo oferecem para o seu deleite. Linguagem acessível; valoriza o caiçara e sua cultura; usa da exemplificação e a fonte é o próprio jornalista e sua pesquisa.

5.16. Análise da 15ª Reportagem da *Beach&Co* nº73, de Julho de 2008.

Fotos 16. Páginas da reportagem: E as tainhas chegaram!





A reportagem ocupou três das 52 páginas da edição de julho de 2008 da revista que contou com mais dez textos jornalísticos e 16 páginas de publicidade. Texto assinada por Eleni Nogueira, com fotos de Valclei Lemos, Pedro Rezende e René Nakaia. O título: “E as tainhas chegaram!”, pressupõe que ela, a tainha, era esperada, e o uso de exclamação: esperada com sentimento, alegria. A editoria é de *Turismo* e o evento é a tradicional Festa da Tainha, em sua 31ª temporada, que ocorre em julho, em várias praias do Litoral Paulista.

O texto se apresenta com título, linha fina, quatro intertítulos: Migração e captura; Declínio e proteção; Fina iguaria e Tradição em festa, um Olho e sete fotos. Na primeira página, destaque para a foto de página inteira que mostra a praia, canoa, mar e o pescador tirando uma única tainha da rede. Cena emblemática descreve exemplarmente a questão posta no texto.

A linha fina aborda o “produto” tainha: “Apreciada por sua carne suculenta e saborosa, tanto frita como assada ou cozida, a tainha é um denominador comum na cultura gastronômica litorânea, com uma longa e antiga prática pesqueira e de consumo”. Na página seguinte há uma foto onde mostra um espia a postos para avistar a movimentação do cardume, e orientar as outras ações, envolvendo um número grande de ajudantes, esta prática e outras como cerco no mar, pesca de tróia e tantas outras são práticas tradicionais de pesca coletiva da tainha, muito bem explicada no texto de Gioconda Mussolini no Segundo Capítulo.

O texto não focou a pesca da tainha em uma única cidade, mas citou várias praias do Litoral Paulista onde a prática acontecia como a praia do Indaiá, em Bertioga; Enseada e Prainha Branca, no Guarujá; Boiçucanga e Maresias, em São Sebastião. Ainda consta na matéria que o cerco da tainha é realizada no litoral do estado de Santa Catarina e na praia de Guaratuba, em Bertioga.

A pesca da tainha está ameaçada pela pesca industrial como constatado no trecho:

Entre os pescadores que resistem e ainda se aventuram no mar em busca do pescado, a maior queixa fica por conta da pesca industrial. “Temos que ir cada vez mais longe atrás dos peixes. Os barcos grandes cercam os cardumes antes que eles consigam chegar à costa”. Diz o pescador Adelson de Oliveira. “A gente, com embarcação pequena, passa a rede e não vem nada”, lamenta olhando desolado para o mar da Prainha Branca [Guarujá], onde a menos de 12 metros da praia, três traineiras cercam um cardume de tainhas, no domingo 22 de junho. (BEACH&CO n. 73, 2008, p.16).

Notem-se os verbos utilizados pela jornalista: resistem; se aventuram, lamenta mais o adjetivo “desolado”, de um lado temos uma proposição em reagir diante da situação. Pescadores artesanais lutam para garantirem o sustento com seu ofício, sua tradição e cultura, por isso resistem e se aventuram, mas a pesca industrial com tecnologia se antecipa e cercam os cardumes antes de chegarem à costa. O pescador artesanal não tem como competir e lamenta desolado, aqui não é mais o lutador, mas o injustiçado, pois não há como se opor ao imponderável. As fotos das páginas seguintes atestam o trabalho artesanal dos pescadores e a dificuldade que sofrem com ação das traineiras.

O intertítulo “Declínio e proteção” informa que as embarcações de pesca industrial estão dotadas de tecnologia como ecossondas, sonares e GPS (Sistema de Posicionamento Global - do inglês *Global Positioning System*), tornando os cardumes de tainha e outras espécies vulneráveis, inclusive os pescadores artesanais.

Outro agravante posto é a quantidade capturada em seu período de desova, resultando em declínio da espécie. O que preocupa e mobiliza o IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis): “publicou no Diário Oficial da União, dia 12 de maio deste ano, a Instrução Normativa nº 171, que estabelece normas, critérios e padrões para o exercício da pesca da tainha nas regiões Sudeste e Sul”. (BEACH&CO n.73, 2008, p.17).

Validando esta ação, o texto traz o parecer favorável do oceanógrafo, diretor do Instituto MarAmar, de Santos, integrante do grupo de estudos do Gerenciamento Costeiro do Estado de São Paulo, Fabrício Gandine: “Os barcos industriais estão aparelhados para a pesca em alto mar. Atuando na costa, eles invadem o terreno do pescador artesanal e prejudicam o ecossistema”. Este grupo pretende a proibição definitiva da pesca no limite de 20m da costa por barcos com dimensão acima de 12m, no Litoral Paulista.

Embora na maior parte do texto tratou do embate entre pescaria artesanal *versus* pescaria industrial não deixou de apresentar muitas festas, celebrando a tainha, que ela integra a cultura e há divulgação das datas e lugares em que estas festas ocorrem. E as tainhas chegaram! (Mesmo que venha dos entrepostos de pesca de outros lugares).

O discurso trata o caiçara de forma elogiativa, mas também como vítima de um processo injusto, apresenta um tom denunciativo (investigativo), entretanto sem se comprometer, pois o foco é turístico -a chamada é para festa da tainha.

5.17. Análise da 16ª Reportagem da *Beach&Co* nº73, de Julho de 2008.

Fotos 17. Páginas da reportagem: Corridas de canoas, esporte caiçara, sem senhor



Na editoria de *Esporte*, a reportagem “Corrida de Canoas, esporte caiçara, sim senhor”, escrita por Aline Rezende, da *Beach&Co* n.73, tratou da 85ª edição da Festa de São Pedro, protetor dos pescadores, que ocorre na última semana de julho, na praia do Cruzeiro, em Ubatuba, com participação de pescadores e suas famílias vindos de diversas regiões.

No título se levanta uma “polêmica”, com a expressão “sim, senhor” usada como artifício de espanto e admiração como a corrida de canoas fosse ou não esporte caiçara. E essa questão é respondida no texto, destacando-se o Olho: A corrida de canoas nasceu em 1957, inspirada no desafio entre dois pescadores durante a pesca da tainha.

A reportagem se estruturou em: título, linha fina, dois Olhos, dois intertítulos: “Arte primitiva” e “O início da tradição”, mais quatro fotos, sendo duas legendadas, de autoria de Adriane Ciluzzo e Paulo Zumbi. A primeira foto mostra o momento de largada em que os canoheiros empurram suas canoas, da praia para o mar, pulam nelas e remam; a segunda e terceira fotos mostram a necessidade de muita habilidade no leme e destreza para não deixar a canoa virar, e a quarta foto duas mulheres remando deflagrando a presença da mulher na competição, como constata no seguinte trecho:

A participação das mulheres na competição também é expressiva. São filhas, esposas, irmãs de pescadores. Joelma de Oliveira participa da corrida há mais de dez anos e já ganhou oito troféus. Diz que gosta de remar por ser filha de pescador. “Vejo meu pai e meus irmãos saírem para o mar e quero ir também.

Acho que a participação de mulheres na corrida é brilhante, porque elas não estão sempre no mar, como os homens. Então, é preciso ter coragem, porque a canoa pode virar. Tem que ter força nos braços para vencer as ondas”. (BEACH&CO n.73, 2008, p.29).

No intertítulo “Arte Primitiva” ressaltou-se a importância da canoa de voga ou “de um só pau” como manifestação cultural e instrumento de trabalho da pesca artesanal, mas que vem sendo substituída.

Uma das grandes rivais da tradicional canoa é a lancha motorizada, popularmente chamada de “chatinha”. Outro fator importante são as leis ambientais, que restringem a extração da madeira para a construção das canoas. (BEACH&CO n.73, 2008, p.29).

Observa-se uma tensão entre o tradicional, a modernidade e as leis ambientais, que não dialogam de maneira a atender às necessidades existentes tanto das comunidades caiçaras quanto da preservação ambiental; fica evidente que nem todos os interesses são explícitos e claros. No entanto, há os que resistem como relata Netinho de Oliveira, campeão na corrida de canoas, e, em 2008, hexacampeão:

É assim que a cultura se mantém. Eu prefiro a canoa, porque é uma ferramenta prática. Na hora de soltar a rede, ela não enrosca em nada, só desliza para dentro da água. Quando chega na praia, é só deslocar o rolinho embaixo e pronto. Não tenho nem palavras para descrever o quanto gosto da canoa. (BEACH&CO n.73, 2008, p.29).

Com este espírito de resistência foi desenvolvido o Projeto “Com quantas memórias se faz uma canoa”, idealizado pelo folclorista falecido, Nei Martins, executado pelo Instituto Costabrasilis, patrocinado pelo Programa Petrobras Cultural e incentivo da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura. No segundo intertítulo “O início da tradição” conta que a corrida foi resgatada há 12 anos também pelo estudioso Nei Martins.

A reportagem deu voz ao caiçara e a sua cultura, ao conflito entre a tradição e as exigências da modernidade, o discurso apontou a cultura de resistência que se estabelece, no entanto, não aprofundou, nem deu vez a outras vozes; a editoria é de *Esporte* e o enfoque, portanto, é o da corrida das canoas, e este como típico esporte caiçara.

5.18. Análise da 17ª Reportagem da *Beach&Co* nº81, de Março de 2009.

Fotos 18. Páginas da reportagem: E nas fazendas marinhas... É hora de colher os frutos!



A reportagem da editoria *Meio Ambiente* ocupou quatro das 52 páginas da edição de março de 2009 da revista que contou com oito textos jornalísticos e 21 páginas de publicidade. A linha fina revelou a abordagem do texto e das fotos de Aline Rezende:

Mal a canoa é puxada para a areia e já os turistas a cercam para escolher os mexilhões. Deliciosa iguaria do mar, eles estão maduros graças às fazendas marinhas de Ubatuba que os produzem de forma ecológica, a partir de uma tecnologia desenvolvida no próprio município. (BEACH&CO n.81, 2009, p.34).

O título prenuncia um tempo bom, de fartura “É hora de colher os frutos!”, enfatizado pelo ponto de exclamação. E na linha fina se confirma, “mal isso e já aquilo”, uso de construção com advérbios de modo e de tempo, para enfatizar que nem chegam a atracar e as pessoas rodeiam querendo o produto. E toda essa euforia é graças à produção nas fazendas marinhas com tecnologia própria (sustentável) para a produção de mariscos.

A reportagem se organiza em título, linha fina, dois Olhos, um intertítulo: Onde encontrar; mais sete fotos, algumas legendadas. Na primeira foto vê-se dois maricultores em canoa na fazenda marinha, na segunda, pescadores na beira da praia da Enseada e turistas interessados no produto.

O Programa de Manejo Sustentado e Ordenado da Maricultura, no município de Ubatuba, desde 2007, tem obtido sucesso em melhorar a capacitação e aumentar a produtividade. Com criatividade uniu-se técnica e sabedoria popular; pesquisadores do Instituto de Pesca (IP) criaram o Coletor Artificial de Sementes de Marisco.

Foi preciso unir os 70 maricultores das fazendas marinhas já implantadas em Ubatuba desde 2000. Eles foram capacitados para confeccionar os coletores artificiais e implantar o sistema na água. Em poucos meses, já brotava uma nova e vistosa safra desse exótico fruto do mar, chamado mexilhão. Ao todo, foram implantados 103 coletores, em 35 fazendas marinhas, distribuídas por 16 praias do município. [...] o pescador Sebastião Lourenço, 63 anos, mudou de atividade após a implantação do projeto. “Passei mais de trinta anos sobrevivendo da pesca. Hoje, onde tem peixe, não pode pescar, por causa das

leis ambientais. Escolhi trabalhar com as fazendas marinhas, que estão nos dando uma ajuda boa. Durante a temporada, conseguimos vender bastante”. (BEACH&CO n.81, 2009, p.34-36).

Os resultados agradam a todos, aos que não conseguem viver só da pesca encontram nova atividade econômica, aos consumidores por obterem produto fresco e de melhor qualidade, como declarou a turista Márcia Ricci Oliveira: “Adoro comprar frutos do mar e peixes fresquinhos. Acho fantástica a iniciativa, que deve ser ampliada, para manter a atividade de maricultura sem degradar o meio ambiente. Uma boa forma de manter o produtor no mar, ao invés de ir para cidade em busca de trabalho”.

E, também afirma Valéria Gelli, secretária de Agricultura, Pesca e Abastecimento de Ubatuba: “Por este resultado (1ª safra de 30 toneladas, com perspectiva de se chegar 100 toneladas/ano), os coletores artificiais de sementes de mariscos se mostram uma excelente alternativa para se produzir mariscos totalmente ecológicos e de ótima qualidade”. (BEACH&CO n. 81, 2009, p.35-36).

Notam-se na reportagem vozes discursivas que representam lugares sociais diferentes, mas que estão em consonância, aqui foi eliminado os pontos de divergência, pois o enfoque está na alternativa sustentável encontrada e seus resultados favoráveis. Da mesma forma corrobora o depoimento do presidente da Associação dos Pescadores da Enseada, Peter Nemeth sobre a hesitação dos maricultores em relação ao novo método:

A atividade de maricultura estava desacreditada por causa das leis ambientais. A união dos produtores nos deu uma injeção de ânimo e nós começamos a desenvolver o projeto. Quem não acreditava muito, passou a ver este trabalho com outros olhos ao perceber que as fazendas marinhas estão produzindo. Agora, o nosso próximo desafio é escoar a produção, seja aqui, na capital ou em eventos temáticos. (BEACH&CO n. 81, 2009, p.36).

Observa-se em sua fala a mudança de comportamento “Quem não acreditava... passou a ver... com outros olhos.”, mudança construída na “união dos produtores”, os desafios continuam “agora... o próximo desafio é escoar a produção”, assim encontrou-se um caminho nas fazendas marinhas, no cultivo de mariscos método que atendesse as exigências ambientais, fomentasse a economia e agradasse ao consumidor, o que pode ser constatado no Olho: “Mariscos cultivados em fazendas ficam bem maiores (exemplifica-se em foto detalhe, marisco tomando quase a totalidade da mão do maricultor) devido à ausência das adversidades comuns aos costões, como a ação das ondas, sol e areia”.

A reportagem trouxe duas fotos que mostram como os coletores artificiais, confeccionados com cordas de nylon, são simples, e, segundo os resultados apresentados, são

eficazes na produção de mariscos, assim como mostra a fartura e qualidade estampadas na foto da última página. No intertítulo “Onde encontrar” lista todas as praias onde o produto se encontra.

Outro aspecto a se destacar foi a importância das parcerias, entre Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Secretaria Especial de Agricultura e Pesca do governo federal, Instituto de Pesca, Ministério da Agricultura e Associação dos Maricultores do Estado de São Paulo (Amesp), sem a qual não se chegaria ao resultado que se chegou.

O caiçara, maricultor, não é retratado, aqui, como vítima de um processo civilizatório, mas como agente de sua história, experimentando formas de sobreviver sem abandonar seu lugar e seu fazer no mar. Novamente, não condiz o estereótipo de indolente, vagabundo e aquele ser avesso à tecnologia.

As vozes de autoridade legitimam o trabalho alternativo, são as vozes oficiais das parcerias que permitem pressupor a importância dada ao caiçara, pois houve um esforço comum para encontrar soluções que beneficiasse o maricultor, o consumidor, o meio ambiente e a cidade.

5.19. Análise da 18ª Reportagem da *Beach&Co* nº87, de Setembro de 2009.

Fotos 19. Páginas da reportagem: Resgate da Cultura Caiçara



A reportagem da editoria de *Cultura*, escrita por Marcello Veríssimo, ocupou duas das 68 páginas da edição n.87, de setembro de 2009, da revista *Beach&Co*. A edição contou com 12 textos jornalísticos e 24 páginas de anúncios.

O título “Resgate da cultura caiçara” está escrito em duas cores: vermelho e laranja - destacando cultura caiçara, cuja fonte foi contornada em preto. Este título põe como posto o

“perigo” que se encontra a Cultura Caiçara, uma vez ser necessário resgatá-la, subentendendo que a reportagem tem um papel de resgate, ao menos o de relatar esse resgate. Na linha fina fica evidente a estratégia de resgate: “Cidades do litoral norte unem-se para fortalecer as tradições regionais por meio de núcleos de valorização e fortalecimento das artes populares”, a reportagem mostra os acontecimentos do *1º Encontro para o Fortalecimento das Culturas Tradicionais do Litoral Norte* que acabara de acontecer em Ilhabela.

No texto encontram-se três fotos de tamanhos diferentes, todas legendadas, uma do próprio Marcello Veríssimo e duas de Celso Moraes. A primeira retratou a encenação da congada, no bairro de São Francisco em São Sebastião; a segunda e a terceira são referentes às panelas de barro, uma mostra a moldagem e a outra a diversidade das panelas prontas para o consumo.

A reportagem não teve intertítulos, pois o objetivo foi apresentar representantes que dão vida às vertentes da cultura tradicional caiçara, como Estela Tavolaro, 48 anos, com fabricação de panelas de barro, que comentou sobre sua arte: “diverte e ocupa a cabeça, proporcionando a chance de criar novidades a cada encontro”. Ou como Josué Fortunato, 71 anos, conhecido como “rei do congo”, que disse: “Adoro cultura, teatro, e desde que comecei, 1985, procurei cada vez mais o aperfeiçoamento. No início relutei. As partituras eram de difícil compreensão, mas aos poucos fui me interessando e consegui”.

Observa-se que são sebastianenses de nascimento, se orgulham da Cultura Caiçara, e falaram em tom de “superação” por terem “criado novidades”. Há um interdito entre a cultura tradicional (ligada a um fazer passado) e a novidade (o que rompe com o estabelecido) que é dialético, um que se põe como antítese do outro, mas se torna a base de uma nova tese. A tradição diante dos desafios da modernidade se renova ao passar às novas gerações “revalorando” as práticas dentro de novos contextos.

No encontro oficializou-se o núcleo regional “Canoa de Voga”, formado pelos núcleos culturais dos quatro municípios, que desenvolvem oficinas para ensinar e passar às novas gerações modalidades artísticas como “queima de panelas de barro, congada, folia de reis, danças originárias das culturas indígenas e africanas e artesanatos com recursos naturais (fibras de bananeiras e outros)”. O encontro, enquanto estratégia de resgate da cultura tradicional caiçara ganhou força ao oficializar uma aliança explícita de um núcleo regional.

A Comissão Paulista de Folclore estabeleceu parceria, responsável pelos recursos para os projetos por meio de intercâmbio entre os grupos, organização de simpósios, congressos e publicações. A diretora de Turismo de São Sebastião, Ana Maria de Araújo declarou sobre a importância de evidenciar além da beleza natural, outros atrativos turísticos: “A cultura

tradicional caiçara e a história ainda presente nos patrimônios arquitetônicos do Centro Histórico são nossos diferenciais turísticos que os turistas, principalmente os estrangeiros, desejam conhecer”.

É interessante destacar na fala da diretora de Turismo “principalmente os estrangeiros querem conhecer” uma visão implícita de que os nativos, os brasileiros não valorizam tanto a cultura nacional, no entanto o enfoque principal foi de resgatar cultura às novas gerações nativas, assim surge outro interdito um questionamento se o projeto contempla o resgate do desejo em se conhecer e aprender, de conscientizar as razões da importância para o viver do nativo “caiçara”, que se entenda que sem cultura sem identidade, sem identidade sem referência de si, portanto do outro, e consequentemente algo ou alguém que pode ser eliminado.

5.20. Análise da 19ª Reportagem da *Beach&Co* nº101, de Novembro de 2010.

Fotos 20. Páginas da reportagem: Belezas e curiosidades da Ilha dos Gatos



A reportagem da editoria de *Turismo*, escrita por Helton Romano, ocupou três das 66 páginas da edição n.101 da revista que teve nove textos jornalísticos e 25 páginas de anúncio.

A linha fina “Muito mais do que um cenário paradisíaco e excelente opção de passeio, esta pequena ilha da costa sul de São Sebastião guarda histórias saborosas”. Aqui o uso do advérbio de intensidade “muito” anterior ao uso da conjunção subordinativa comparativa “mais do que” imprime uma super valorização daquilo ao qual se compara; o cenário paradisíaco e excelente opção de passeio às “histórias saborosas” guardadas da ilha. Está implícito o desafio de achar o que está guardado e não ouvir, mas “degustar” as histórias, na promessa de serem “saborosas”, portanto, também está implícito que essas histórias alimentarão acrescidas de prazer.

A estrutura do texto se compõe de título, linha fina, seis fotos legendadas, mapa e quatro intertítulos: Tranquilidade; Leilão; Como Chegar e Dicas Úteis. Na primeira página encontram-se duas imagens, a primeira de uma visão ao longe da Ilha dos Gatos ao nascer do sol, a outra é um mapa (recurso visual e gráfico pouco usado na revista) localizando ao sul de São Sebastião a ilha dos Gatos, próxima à praia de Camburi.

Como prometido na linha fina, na introdução após pontuar os aspectos naturais comparados a obras de arte, passa-se a contar histórias locais como:

Mas nem todos os atrativos desta ilhota de 85 mil metros quadrados devem-se à natureza. Histórias locais também estão embutidas no pacote. A praia do tombo que dá acesso à ilha resulta da explosão de pedras costeiras, usadas na construção de uma mansão no topo da ilha. A ilha e a mansão pertenciam à família do magnata Nelson Rockefeller, governador de Nova Iorque (1959 a 1973), e vice-presidente dos Estados Unidos (1974 a 1977). (*BEACH&CO* n.101, 2010, p.36).

Confirmando, também, no discurso o título Beleza e “Curiosidades” da Ilha dos Gatos, ao se ouvir esta história sobre a mansão de pedras do magnata Rockefeller que para fazê-la se detonou uma costeira, é um fato pouco conhecido. Saber que hoje são ruínas, e que se pode visitar, há uma trilha de nível médio para se chegar lá, é uma aventura em meio à beleza selvagem da ilha. Agora, levantar as curiosidades que o texto não levanta, nem questiona, pode também ser interessante ao leitor, por exemplo, quem vendeu a ilha e quem permitiu a detonação da costa, será que algum nativo de São Sebastião foi consultado, quem recebeu o dinheiro da venda de uma ilha brasileira, não é curioso? Ao menos são questionamentos a partir do dito, portanto inferências autorizadas.

Na última página da reportagem, encontra-se uma foto das ruínas da mansão, logo acima dela há outra foto de uma casa de pedra, esta pertence ao pescador Caio Rodrigues, casa conservada, construída no nível do mar, mora lá há quase 30 anos, quando foi convidado pelo administrador da ilha para ser caseiro e disse: “Ele queria um caseiro para tomar conta e não deixar que degradassem o meio ambiente”. Lá Caio vive uma vida tranquila e não vê problema em viver isolado.

Descreve-se uma contrapartida da mansão, esta ficava no topo da montanha, a casa de seu Caio está no nível do mar; a mansão está em ruínas, do seu Caio conservada, o que pode ser confirmado na foto citada anteriormente, a mansão muito mal conservada em contraposição à casa de seu Caio que inspira a tranquilidade e preservação do meio ambiente.

Outra história curiosa é a do Leilão, em 2000 registra-se uma tentativa de vender a ilha por lance mínimo de R\$ 6 milhões, colocada à venda pela ONG Sociedade Ecológica

Brasileira, a qual alegava ter posse da área. Tal notícia circulou em jornais nacionais. A venda não ocorreu, pois moradores e membros da colônia de pescadores se mobilizaram e cancelaram na Justiça o leilão: “Nós temíamos que a venda impedisse atividades de pesca e turismo na ilha”, argumenta a aposentada Lavínia de Matos que, na época, ocupava o cargo de chefe da Divisão de Turismo da prefeitura de São Sebastião.

História curiosa, no entanto, superficial, não aprofundou nenhuma das alegações, inclusive a fala de Lavínia se perdeu sem um contexto anterior de lá ter atividade pesqueira regular, e muitas outras dúvidas surgem, se a ilha é particular, como se administra as atividades pesqueiras e turísticas? Informações mais pontuais não se encontram no texto, mas as possibilidades de inferência estão abertas.

Os dois últimos intertítulos da reportagem estão voltados a informações mais pontuais para turistas, como se chegar, passeios, valores, recomendações sobre alimentação, uma vez que não há comércio na ilha e dicas sobre as condições do tempo.

O caiçara não foi foco neste texto, e sim a Ilha dos Gatos como ponto turístico, a atividade pesqueira é citada na fala da aposentada, mas sem aprofundamento, os recursos utilizados são a comparação e exemplificação, a linguagem é simples, entretanto, a falta de informações deixa lacunas suscitando vários questionamentos, embora a reportagem tenha um objetivo de sedução com enfoque turístico e não crítico.

5.21. Análise da 20ª Reportagem da *Beach&Co* n.103, de Janeiro de 2011.

Fotos 21. Páginas da reportagem: Pescador artesanal, espécie em extinção?





A reportagem da editoria de *Comportamento* ocupou cinco das 100 páginas da edição n.103, de janeiro de 2011, da *Beach&Co* que contou com 11 textos jornalísticos escritos, 40 páginas de publicidade e sete de coluna social. A linha fina inseriu o leitor no contexto da matéria: “Figura típica da cultura caiçara, o pescador artesanal vai, aos poucos, deixando de colorir as praias da costa sul de São Sebastião, obrigado, para sobreviver, a migrar para outras atividades. Perdem eles, perdemos todos (*BEACH&CO* n.103, 2011, p.53)”. O jornalista e fotógrafo Helton Romano, de forma clara, opina ao escrever: “Perdem eles, perdemos todos”, no sentido de que reconhecer a importância e valorizar a Cultura Caiçara.

No título o uso da expressão “espécie em extinção” é muito forte, costuma-se ouvir sobre espécies marinhas, da fauna e da flora estarem em extinção, é comum se emocionar e ajudar tais espécies, mas o mundo moderno tem extinto muitas profissões, muitas culturas, línguas estão morrendo, e isso não parece incomodar tanto, só os afetados, há um discurso de progresso e evolução necessário e inevitável. A reportagem invoca este “choro”, este lamento implicado no “Perdem eles, perdemos todos”. No entanto, podemos pressupor no ponto de interrogação a dúvida, e nela há esperança de haver um contraponto.

A reportagem está dividida nos intertítulos: Novos rumos e Efeitos do desenvolvimento. Foram usadas sete fotos em diferentes tamanhos, sendo nas duas primeiras páginas, três fotos proporcionalmente distribuídas, tendo acima delas o título na cor vermelha e contorno branco (criou um efeito de onda, de movimento), com única legenda: “Pescadores preparam suas redes em Barra do Una. Jururuca (acima) com o bagre de 7 quilos”. (*BEACH&CO* n.103, 2011, p.52-53).

Vale ressaltar que a imagem colabora com o texto, na primeira foto há uma cruz no lado direito, que tanto pode conotar a religiosidade em que este povo se apoia para vencer os

obstáculos, como a morte implicada nela, interpretação possível quando lidamos com o título que questiona a extinção (morte) ou não desses pescadores.

Na terceira página, aparecem os dois intertítulos e a foto de um barco colorido no mar, tendo ao centro uma ave pousada, assim identificada: “É cada vez mais raro encontrar quem exerça a atividade de pescador artesanal como único meio de subsistência”. (*BEACH&CO* n.103, 2011, p.54). O uso da locução adverbial “cada vez mais” intensifica o fato em progressão, e o uso do adjetivo “único” neste contexto de atividade de subsistência, evidencia a extinção pronunciada.

A quarta página é composta por uma foto grande que mostra os pescadores retirando os peixes da canoa (percebe-se que a foto foi produzida). Muito bem tirada, colorida, retrata o ambiente de trabalho do pescador artesanal. Na legenda quase imperceptível: “Um dia generoso na Barra do Una” (*BEACH&CO* n.103, 2011, p.55).

Na quinta e última página da reportagem, fotos retratam os dois entrevistados, um pescador em barco de pesca e um marinho no comando de uma lancha. Uma única legenda descreve as fotos: “A escassez do pescado e a dificuldade em comercializá-lo, fizeram com que muitos companheiros de Altamir de Matos, o Jururuca, mudassem de atividade, como Vladimir Oliveira, agora marinho particular” (*BEACH&CO* n.103, 2011, p.56).

Os elementos gráficos da diagramação foram título, linha fina, crédito, fotos e legenda. A abordagem descritiva pode ser identificada no lide da matéria:

Ainda está escuro e frio na praia de Boiçucanga na costa sul de São Sebastião, quando Altamir de Matos, o Jururuca, 38 anos, prepara-se para mais um dia de trabalho duro. Por volta das 6 horas, em pleno domingo -dia de descanso para a maioria das pessoas, mas não para quem vive exclusivamente da pesca artesanal- Jururuca já está em seu pequeno barco. O destino? Puxar sua rede de seis metros, estrategicamente fundeada a seis quilômetros da costa, próximo a uma das ilhotas da região (*BEACH&CO* n.103, 2011, p.53).

Constata-se que o pescador é trabalhador, até mesmo no dia de descanso não deixou o mar, o que mais uma vez, contradiz ao estereótipo de vagabundo e indolente. A reportagem também apresentou trechos interpretativos e analíticos:

Entretanto, a escassez do pescado e a dificuldade em comercializá-lo, entre outros fatores, fizeram com que muitos companheiros de Jururuca abandonassem a pesca. Hoje, nas praias da costa sul de São Sebastião, é cada vez mais raro encontrar quem exerça a atividade como único meio de subsistência (*BEACH&CO* n.103, 2011, p.54).

Com o advérbio de tempo “Entretanto”, um tempo entre dois tempos, marca o tempo em que o que se fazia valia, era o necessário, e o tempo que se precisa fazer “outras” para poder valer.

Seis caiçaras testemunham o cotidiano da pesca artesanal na costa sul da cidade de São Sebastião: o pescador Altamir de Matos, o Jururuca, 38 anos; o marinheiro Vladimir de Oliveira, o Mimico; o pescador Luiz Carlos dos Passos Filho, 38 anos; Erick Teixeira de Oliveira; o pescador aposentado Pedro Fernandes Filho, 72 anos. A matéria ainda cita outras fontes como a Colônia de Pesca de São Sebastião.

A posição discursiva ocupada pelo caiçara em relação às demais fontes da matéria foi principal. Neste sentido, o discurso do caiçara corroborou ao discurso das outras fontes e contribuiu com informações levantadas pelo jornalista. O conceito melhor explanado na matéria foi o da pesca artesanal.

A pesca artesanal é uma das características marcantes da cultura caiçara. Durante décadas, o caiçara tirou do mar o seu sustento. Ao longo dos anos, essa cultura foi transmitida de geração para geração. Mas, o desenvolvimento urbano, impulsionado pela construção da Rodovia Rio-Santos no início da década de 1980, alterou o modo de vida dos caiçaras. Se, antes, eles se dedicavam exclusivamente à pesca, com a urbanização passamos a realizar, paralelamente, atividades vinculadas ao turismo, comércio e setor público. (BEACH&CO n.103, 2011, p.55-56).

Portanto, há explicação dos fatores causais que alteraram a pesca artesanal, e do processo de desenvolvimento da Cultura Caiçara. Os recursos de linguagem usados foram analogia, definição e exemplificação. O caiçara foi mostrado de forma elogiativa e concluiu a matéria o caiçara e a Colônia de Pesca.

As sete fotos elucidaram o ambiente natural e social da Cultura Caiçara. O texto e as fotos mostraram a postura do caiçara bem como sua expressão facial e corporal. A voz do caiçara aparece nos trechos: “ Hoje foi ruim, mas é assim mesmo. Amanhã será melhor”, diz, com a sabedoria de quem está no ramo desde os 12 anos. (BEACH&CO n.103, 2011, p. 53). O trecho revela o fato do caiçara não reclamar da vida, de se contentar com o que a natureza lhe concedeu naquele dia de trabalho. Tais valores de presteza foram elucidados no Segundo Capítulo da tese que confirma que o homem caiçara é tido como um bom marido, quando consegue suprir as necessidades de sua família. E que não se recrimina aguardar o tempo melhorar para poder pescar, nestes dias, o pescador se ocupa com as atividades na terra (tecer rede, cuidar da roça, afazeres de casa, etc).

5.22. Análise da 21ª Reportagem da *Beach&Co* n.106, de Abril de 2011.

Fotos 22. Páginas da reportagem: A memória de um povo (capelas caiçaras)

turismo histórico



Capela Imaculada Conceição e São Pedro

Beach&Co n. 106, Abril 2011

A memória de um povo

Edificações religiosas resistem ao tempo e mantêm características originais das pequenas povoações do litoral norte paulista. São as capelas caiçaras da costa sul de São Sebastião, autênticas representantes do patrimônio histórico-cultural da cidade

Teia e Foto Helton Romano

Condomínios de alto padrão, hotéis de luxo e restaurantes sofisticados dominam o cenário da avenida que corta a praia de Maresias, uma das mais badaladas do litoral paulista, localizada na costa sul do município de São Sebastião. O desenvolvimento na região, alavancado pelo boom turístico, modificou completamente as características do bairro. O antigo casarão de terra tornou-se uma luxuosa residência que liga o bairro do Rio de Janeiro à cidade de Santos, em São Paulo (Rio-Santos - BR-101). A especulação imobiliária foi acelerada, e, com o tempo, as calçadas tornaram-se cada vez mais largas, mas também mais estilizadas da paisagem.

Uma edificação simples, situada na interseção da Capela São Benedito, que recentemente recebeu 300 anos de existência. Construída basicamente de tijolos de barro, mantém sua forma original e sua arquitetura simples.

Mantida simplesmente pelo trabalho dos seus próprios moradores, em outros pontos da cidade, há outras pequenas igrejas por lá e ali, algumas, como as de Boqueirão, Barra do Salto, Toque-Toque Grande e Toque-Toque Pequeno.

Beach&Co n. 106, Abril 2011

turismo histórico

Mas, naquela época, não havia padaria no bairro e a padaria era o encontro da comunidade. Maria Pedreira de Maresias, 76 anos, lembra de um tempo em que a padaria era o encontro da comunidade. Maria Pedreira de Maresias, 76 anos, lembra de um tempo em que a padaria era o encontro da comunidade.

Nova construção

Na década de 1950, a comunidade de Boqueirão resolveu erguer a segunda capela do bairro, que se tornou o nome de Sagrado Coração de Jesus, já que a primeira capela estava dentro de uma particular (depois pública) e, em função disso, da sede era considerada pela Cúria Diocesana.

Logo em seguida, para dar lugar à construção da capela, a comunidade Maria Santuária de Maresias, de 70 anos, lembra que, entre os, após o fim da guerra, os moradores começaram a construir a capela. A comunidade Maria Santuária de Maresias, de 70 anos, lembra que, entre os, após o fim da guerra, os moradores começaram a construir a capela.

Sumiço da santa

Em 1987, o sumiço de duas imagens de Nossa Senhora da Conceição e de São Benedito, da comunidade de Boqueirão, A mãe, segundo relatos, foi trazida de Portugal por volta de 1740. A santa, de 1,2 metro de altura, feita em terracota, possuía uma coroa de ouro e um lençol de ouro. O sacerdote da igreja, então, resolveu a matéria ao retribuir o caso. "A gente não sabe como ela foi, quem deu a expressão", comenta Maria Aparecida Oliveira, de 72 anos, residente, então, uma praça de expressão em frente ao templo na atual padaria.

A capela recebeu duas imagens: uma de Nossa Senhora e outra de São Benedito. A primeira imagem, em 20 de junho, quando uma procissão da barra marca a tradicional Festa de São Pedro, é a da Imaculada Conceição e o sumiço da santa.

Beach&Co n. 106, Abril 2011

Maresias

A mais antiga de todas as capelas de São Sebastião, localizada em Maresias, foi construída entre 1740 e 1750, utilizando-se de tijolos de barro e de madeira. A capela foi construída entre 1740 e 1750, utilizando-se de tijolos de barro e de madeira.

Toque-Toque Pequeno

Desconhecida de Capela Imaculada Conceição e Santa Espirito, esta capela encontra-se no bairro de Toque-Toque Pequeno, em São Sebastião. A capela foi construída entre 1740 e 1750, utilizando-se de tijolos de barro e de madeira.

Toque-Toque Grande

A Capela Nossa Senhora Imaculada Conceição, no grande povoado, mantém a arquitetura original, sendo uma das mais conhecidas de São Sebastião. Foi construída entre 1740 e 1750, utilizando-se de tijolos de barro e de madeira.

Beach&Co n. 106, Abril 2011

turismo histórico

Toque-Toque Pequeno

Desconhecida de Capela Imaculada Conceição e Santa Espirito, esta capela encontra-se no bairro de Toque-Toque Pequeno, em São Sebastião. A capela foi construída entre 1740 e 1750, utilizando-se de tijolos de barro e de madeira.

Toque-Toque Grande

A Capela Nossa Senhora Imaculada Conceição, no grande povoado, mantém a arquitetura original, sendo uma das mais conhecidas de São Sebastião. Foi construída entre 1740 e 1750, utilizando-se de tijolos de barro e de madeira.

Beach&Co n. 106, Abril 2011

Barra do Salto

Esta capela, que tem o nome de Nossa Senhora do Carmo, encontra-se no bairro de Barra do Salto, em São Sebastião. A capela foi construída entre 1740 e 1750, utilizando-se de tijolos de barro e de madeira.

Barra do Salto

Esta capela, que tem o nome de Nossa Senhora do Carmo, encontra-se no bairro de Barra do Salto, em São Sebastião. A capela foi construída entre 1740 e 1750, utilizando-se de tijolos de barro e de madeira.

Beach&Co n. 106, Abril 2011

A reportagem da editoria *Turismo Histórico* ocupou cinco das 62 páginas da edição de abril de 2011 da revista *Beach&Co*, que contou com sete textos jornalísticos e 27 páginas de publicidade. O texto e as fotos foram feitas por Helton Romano e se organiza em título, linha fina, Box, sete fotos legendadas e seis intertítulos: Sem padres; Sumiço da santa; Nova construção; Maresias; Toque-Toque Grande e Toque-Toque Pequeno.

O texto abordou as mudanças ocorridas em São Sebastião a partir da chegada da Petrobras e da construção da BR-101, que interliga o Rio de Janeiro a Santos, assim, como as consequências:

Condomínios de alto padrão, hotéis de luxo e restaurantes sofisticados dominam o cenário da avenida que corta a praia de Maresias, uma das mais badaladas do litoral paulista, localizada na costa sul do município de São Sebastião. O desenvolvimento na região, alavancado pelo boom turístico, modificou completamente as características do bairro. [...] A especulação imobiliária foi inevitável e, com o tempo, os caiçaras tiveram que se mudar para terrenos mais afastados da praia. (*BEACH&CO* n. 106, 2011, p.37).

Neste contexto, onde as mudanças foram inevitáveis, a perda do que outrora existia

não volta, o jornalista resgata *A memória de um povo*, nas paredes históricas das capelas; antes, conceitua:

Edificações religiosas resistem ao tempo e mantêm características originais das pequenas povoações do litoral norte paulista. São as capelas caiçaras da costa sul de São Sebastião, autênticas representantes do patrimônio histórico-cultural da cidade. [...] As capelas são frutos do esforço das comunidades caiçaras num período dominado pelo isolamento e pela economia de subsistência na região. Embora possuam o mesmo perfil, cada uma tem suas peculiaridades, que enriquecem ainda mais a história e o valor cultural destas edificações religiosas. Tanto que existe uma lei municipal (nº 943/94) que as determina como áreas de interesse histórico-cultural. (*BEACH&CO* n.106, 2011, p.39).

As edificações, portanto, foram tomadas como discurso, produzidas com singularidade expressiva, pois são únicas, mas com pluralidade de proposição já que traduzem a identificação de uma dada expressão cultural coletiva, em um tempo e lugar, sobre determinadas intervenções das condições de realidade.

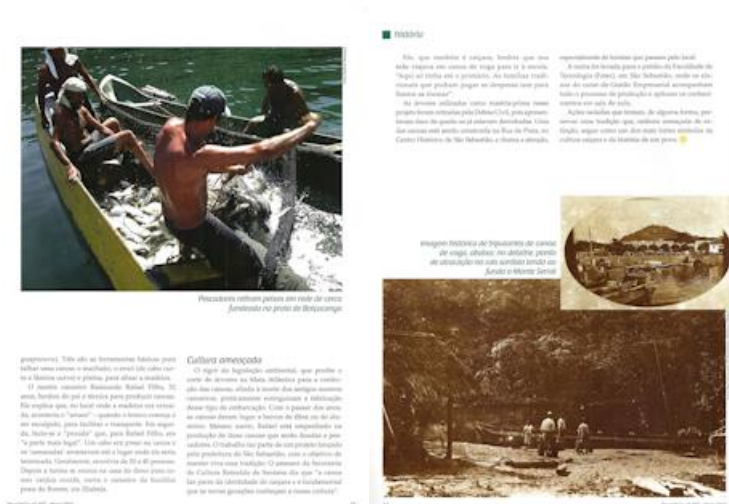
A foto da Capela Imaculada Conceição, em Boiçucanga, terra que foi divisa entre as tribos tupiniquins e tupinambás, ocupou inteira a primeira página, antes de apresentar o título, permitindo inferir que a própria imagem da capela enuncia-se; isto é, vê-la traz significado.

Helton traz algumas curiosidades sobre a construção de capelas, como a de Boiçucanga:

Na década de 1950, a comunidade de Boiçucanga resolveu erguer a segunda capela do bairro, que recebeu o nome de Sagrado Coração de Jesus, já que a primeira capela estava dentro de área particular (hoje pública) e, em função disso, ela não era reconhecida pela Cúria Diocesana. Leilões eram promovidos para ajudar na construção da capela. A aposentada Maria Santana de Matos, de 59 anos, lembra que, certa vez, após esgotarem as prendas, um pescador teve a ideia de sortear um botão de rosa. “Ninguém sabe de onde surgiu aquela rosa, mas foi a prenda que mais deu dinheiro no dia”. (*BEACH&CO* n. 106, 2011, p.39).

Depoimento de Maria Santana trouxe ao discurso a propriedade que faz da capela construto coletivo de significação mais amplo, é mais que um prédio a ser construído, mais que o confessar de um credo, é a disposição de dar um valor irreal a uma rosa para poderem ser reconhecidos pela Cúria, para pertencerem à história daquele lugar.

Outras capelas e histórias são contadas, como a centenária Capela São Benedito, de Maresias, com influências coloniais e referência para construção de outras; Capela do Sahy, que fica no bairro de mesmo nome, em Box mostra sua foto em detalhe e se tece comentário. Toque-Toque Grande, Capela Imaculada Conceição tem como padroeiras Nossa Senhora da Imaculada Conceição e Nossa Senhora Sant’Ana, onde festas tradicionais ocorrem e atrain



A reportagem da editoria *História* ocupou cinco das 66 páginas da edição de maio de 2011 da *Beach&Co* que contou com oito textos jornalísticos e 22 páginas de anúncios. Texto e fotos de Helton Romano apresentam o “Símbolo da sobrevivência caçara”, seguida da linha fina:

A canoa foi, durante décadas, o meio prioritário de transporte utilizado pelas comunidades caiçaras no litoral norte, devido à precariedade, na época, das ligações terrestres. Mas, ainda hoje, sobrevivem graças ao duro trabalho artesanal de alguns pescadores que tentam preservar a cultura caiçara. (BEACH&CO n.107, 2011, p.28).

Temática recorrente nas questões caiçaras, a canoa de voga simboliza não só a tradição cultural, mas, ainda, para muitos o instrumento da pesca artesanal, seu meio de sobrevivência. A reportagem se constitui em título, linha fina, dois intertítulos: Ritual de produção e Cultura ameaçada, mais sete fotos legendadas. É interessante observar a disposição e o espaço que a foto na primeira página ocupou, pois foi diagramada de forma a poder inferir a palavra “canoa” e completar o sentido do título “Símbolo da sobrevivência caiçara”.

Na segunda página, duas fotos que detalham; uma, estudantes observando o mestre e, outra, o mestre canoeiro Raimundo Rafael na construção da canoa voga. A reportagem relatou o percurso histórico, do século XIX aos dias atuais, o uso da canoa voga e sua importância na economia da região e a perda pela modernização dos meios de transporte.

Na terceira foto, o pescador Crisante Manoel Moreira, 98 anos, testemunha “lúcida” desses acontecimentos, trabalhou até os 75 anos e se lembra com saudades de tudo que viveu, confessando ao repórter: “Tenho uma saudade danada desse tempo. Às vezes, deitado na cama e fico lembrando”. O repórter usou o adjetivo “lúcido” e o verbo “confessar” à pessoa e ao dizer do pescador. O uso desse adjetivo dá status de credibilidade a este dizer, pois o pressuposto é de que o dito corresponde à realidade e não ao devaneio fruto da confusão da memória,

mistura de fatos comuns a pessoas de idade avançada. No âmbito discursivo, aparecem os papéis jornalista (que interroga) e fonte (que confessa), revestindo o jornalista de autoridade, como descreve Foucault:

A confissão é um ritual do discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas circunstâncias externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação. (FOUCAULT, 1993, p. 61).

Ou mesmo como Morin descreve:

Toda confissão pode ser considerada como um strip-tease da alma para chamar a atenção da libido psicológica do espectador, quer dizer, pode ser objeto de uma manipulação espetacular; mas, ao mesmo tempo, toda confissão vai muito mais longe, muito mais profundo que todas as relações humanas superficiais e lamentáveis da vida cotidiana. (MORIN, 2000, p. 218-219).

No intertítulo “Ritual de produção” encontra-se a as ferramentas e o processo de produção da canoa de voga, com explicação do mestre canoeiro Raimundo Rafael Filho que aprendeu com seu pai. O que explicita no discurso a importância histórica de um conhecimento técnico e de valores que passa pelas gerações e não pode ser perdida. Na quarta foto o discurso é reforçado pelo espaço que a imagem ocupa na página e mostra pescadores retirando peixes em rede de cerco fundeada na praia de Boiçucanga, pesca com canoa de voga de prática artesanal.

No segundo intertítulo “Cultura ameaçada” tem como enfoque o rigor da legislação ambiental, a proibição de retirar matéria prima para confeccionar as canoas e a morte gradativa dos mestres deste ofício que ameaçam a cultura. No entanto, a cultura de resistência está explícita nos projetos que caixaras junto a parcerias promovem a continuidade da tradição. O que se pode constatar na atitude de Raimundo Rafael e a autoridade Reinaldo Santana:

Mesmo assim, Rafael está empenhado na produção de duas canoas que serão doadas a pescadores. O trabalho faz parte de um projeto lançado pela prefeitura de São Sebastião, com o objetivo de manter viva essa tradição. O assessor da Secretaria de Cultura Reinaldo de Santana diz que “a canoa faz parte da identidade do caixara e é fundamental que as novas gerações

conheçam a nossa cultura”. (*BEACH&CO* n.107, p.37, 2011)

A reportagem terminou com duas fotos em cor sépia, imagens históricas que mostram a canoa de voga, tripulantes e o ponto de atracação no cais santista tendo como fundo o Monte Serrat. Ícones de um tempo histórico com tudo o que possa representar discursivamente, o resgate histórico que constrói identidade.

O discurso tem a canoa como objeto essencial da vida típica do caiçara, imagem construída por meio da exemplificação, usa o próprio caiçara para validar sua imagem. E as fotos valorizam o que está escrito, humanizando ao trazer intensidade das personagens e lugares.

5.24. Análise da 23ª Reportagem da *Beach&Co* n.129, de Março de 2013.

Fotos 24. Páginas da reportagem: Memórias do Chão Caiçara





A reportagem de capa da edição de março de 2013, integrou a editoria *História*, ocupou nove das 82 páginas da revista, que contou com onze textos jornalísticos e 23 páginas de anúncios. “Memórias do Chão Caiçara” remete as lembranças de um lugar da Cultura Caiçara. É certo que encontrará, mas essas lembranças estão entrelaçadas com ações e projetos de uma história dinâmica, o chão caiçara não reside no passado perfeito (acabado), o chão caiçara abriga um povo que deseja deixar às novas gerações a história, a tradição e os valores que lhes permitam viver e cuidar do chão caiçara a fim de terem tão boas memórias como as que serão aqui contadas.

Na linha fina desta reportagem leva-se ao lugar: “São Sebastião, a cidade mais antiga do litoral norte, com 377 anos, guarda uma história valiosa, feita por personagens que, ao longo dos séculos, traçaram, e ainda traçam os contornos de uma cultura caiçara rica em aspectos materiais e imateriais”. (*BEACH&CO* n. 129, 2013, p.10).

O texto escrito por Rosângela Falato, com fotos sua e de Edivaldo Nascimento, se organiza em título, linha fina, três boxes e quinze fotos legendadas. A jornalista autora constrói a trama da memória deste chão caiçara por meio de quatro personagens: o poeta José Bento de Oliveira, mais conhecido como Nhô Bento; o primeiro fotógrafo da cidade, Agnelo Ribeiro dos Santos, chamado de o retratista; Edvaldo Nascimento, caiçara nato, responsável pelo registro histórico cultural do cotidiano, função que desempenha desde 1970; e Álvaro Dória Orselli, importante colaborador de documentos e fotos de seu acervo particular.

Da poesia de Nhô Bento resgata a simplicidade do viver caiçara, sua relação harmônica com a natureza, seu falar peculiar, seu gosto por contar causos, e na segunda página em que há uma foto de página inteira com paisagem do calmo rio Una, barco e homens nas pedras pescando, destaca-se um Box contendo a poesia de Nhô “Alma Praiana”, que

mostra o mar que acalenta desde a infância, da casa rústica, da simplicidade, mas da felicidade dos afetos e da generosidade e fartura que o mar oferece.

O texto começa tecer o histórico constatando as mudanças ocorridas na vila de São Sebastião no decorrer dos séculos, desde a chegada, em 1502, de Américo Vespúcio, descobridor português, aos dias de hoje. A vida simples clamada por Nhô Bento deixou de existir, o que se vê é o abandono desta simplicidade pelo conforto da modernidade, como se observa neste trecho:

Aquela vida simples já não existe mais. As casas de pau-a-pique com telhado de sapê, chão de terra batida, móveis escassos, fogões a lenha, foram substituídas por casas de alvenaria, embora ainda haja residências bem típicas. Elas perderam espaço, ao longo das praias, para mansões, condomínios, redes hoteleiras e restaurantes, que hoje atraem turistas do mundo inteiro. (BEACH&CO n. 129, 2013, p. 12).

O discurso não apresenta marca saudosista, mas o descritivo-analítico que mostra pesquisa histórica e compara um tempo com outro, das diferenças e das possíveis semelhanças, e uma leve crítica sem interpretação: “Elas (casas simples) perderam espaço”, sem entrar no mérito das razões, só das constatações.

Edvaldo, Agnelo e Álvaro se tornaram referência quando se trata de memória fotográfica do município, por meio do empenho desses homens, São Sebastião é considerado chão caiçara, uma de suas preocupações é as crianças conhecerem a história desta cidade, na reportagem encontra-se fotos de antigos utensílios usados em pesca, alguns não existem mais e outros são, ainda, usados em pescaria artesanal. Também, fotos típicas como rancho de pesca ou preparo da rede para o cerco, no meio da reportagem há outro Box que relata e explica o método de pescaria de cerco, herança japonesa. Edvaldo lembra que a pesca era para subsistência:

Os mais simples comiam peixe, caça e o que plantavam no quintal de casa. O que se vendia muito era peixe seco porque não tinha geladeira. A comida era feita em fogão de lenha, porque o gás chegou só em 1962. Era uma vida simples, todo mundo se conhecia e a gente podia dormir com a casa aberta. Era um sossego, havia respeito pelos pais e a gente tinha liberdade. A gente tinha o mar e a mata, e ninguém atrapalhava. (BEACH&CO n. 129, 2013, p. 13).

Aqui o discurso apresentou um tom mais melancólico e saudosista, “a gente podia dormir com a casa aberta. Era um sossego, havia respeito pelos pais e a gente tinha liberdade. A gente tinha o mar e a mata, ninguém atrapalhava”, o uso de verbo no pretérito imperfeito implica em que o que deixou de ser, ter, representar não foi “virada à página”, pois se deseja que continue a ser, ter ou representar. O que se pode inferir sobre este dizer é que mais que

um saudosismo é um clamor por valores essenciais, como direito a tranquilidade, paz, respeito e liberdade.

Na voz, ainda, de Edvaldo o texto traz outro aspecto importante na história deste povo, a religiosidade, marcada com suas capelas em cada povoado, com as manifestações festivas relacionadas aos santos de devoção e outras celebrações que se perpetuam como a tradicional festa da Tainha, que acontece há mais de 30 anos em Boraceia, na divisa com Bertiooga. Fala-se também das festas que se perderam, como a dança dos índios caiapós e a Folia do Divino, e outras que estão sendo resgatadas como a Congada de São Benedito.

Em continuidade, Edvaldo conta das mudanças a partir da década de 1960, com a chegada da Petrobras, dos navios, da estrada, o aumento populacional e todas as implicações advindas. E, a partir deste ponto, as vozes dos quatro sebastianenses dão lugar a de outras autoridades para apresentar os projetos atuais que buscam a preservação da história e continuidade dos bens materiais e imateriais do chão caiçara. Como se observa em:

Com a proposta de revitalizar os bens materiais e imateriais que caracterizam a identidade cultural do município, a diretoria do Patrimônio Histórico, ligada a Secretaria de Cultura e Turismo, tem investido em projetos da restauração de prédios do centro histórico, com acompanhamento da Condephaat. “É preciso salvaguardar a cultura material que ainda existe, porque essas paredes têm muita história para contar”, diz a historiadora e diretora do setor, Rosângela Dias da Ressurreição, nascida em São Sebastião, de família caiçara. Pesquisadora há mais de 20 anos de documentação e manuscritos antigos, ela cataloga, atualmente, o inventário de São Sebastião, cujo documento mais antigo data de 1870, um farto material do período escravocrata na cidade. (BEACH&CO n. 129, 2013, p. 15-17).

Investida da autoridade de instituições e historiadora comprovada, as falas têm uma importância não só de apaixonados pela cidade, mesmo que importantes e idôneos em seu trabalho, mas, agora com um olhar mais macro e de acompanhamento especializado, com envolvimento de investidores convalida a importância dada a estes bens materiais e imateriais do chão caiçara que merece aprovação de vários projetos.

Projetos de revitalização ganharam força a partir de 2009; em 2011 lançou-se um documentário onde “20 caiçaras contam suas lembranças, modo de vida, festas, crenças, rezas; ensinam a fazer remédios com ervas, e até o tradicional azul marinho, prato típico da cultura caiçara, e a religiosidade” impregnada no cotidiano e o trabalho de restauração de imagens sacras. O Museu de Arte Sacra com a exposição permanente de imagens sacras “emparedadas”. Projeto de restauro do convento franciscano Nossa Senhora do Amparo, datado de 1640, construído com pedra e cal com mãos escrava, mais os projetos revista *Saber*

Fazer e o documentário *Esperança Caiçara*, fotos e texto frutos de longa pesquisa onde se encontram manifestações populares, formas de expressão diversificadas, artesanato, edificações como capelas, ranchos de pesca, entre tantas outras coisas significativas para Cultura Caiçara. Importância esta destacada na fala de Rosângela Dias Ressurreição, sobre o rancho “chão caiçara”:

Na minha leitura, o rancho era um lugar de aprendizagem. Era lá que o caiçara aprendia a ser pescador, aprendia sobre as lendas e a vida. Era lá que o caiçara jogava conversa fora e as histórias eram contadas de geração em geração, onde eles ficavam refletindo sobre a natureza. Por isso, para mim, era o chão sagrado. (BEACH&CO n. 129, 2013, p.18).

E, assim, em um discurso com predominância descritivo-analítica, é na diversidade das vozes, poeta, fotógrafo, cidadãos colaboradores, historiador e instituições, que constrói sua argumentação favorável a Cultura Caiçara e de respeito a ela; terminando seu texto com declaração imperativa de Ressurreição, uma ordem a ser seguida: “A gente tem de entender que São Sebastião é hoje, mais do que nunca, um caldeirão cultural, e que todas as manifestações devem ter seus espaços respeitados”. (BEACH&CO n. 129, 2013, p. 18).

Dessa forma, finalizam-se as análises das reportagens e passa-se para a conclusão da tese.

CONCLUSÃO

Com o slogan “A revista do Litoral”, a *Beach&Co* se enquadra no segmento “litoral”, no caso o paulista, e privilegia dois temas principais: Turismo e Desenvolvimento nas regiões do Litoral Norte e a Baixada Santista. A publicação é praticante do jornalismo profissional, competente e criativo, distante do amadorismo, do bairrismo e da mimetização simplista, por parte de seus colaboradores que não só vivem e conhecem o litoral que “reportam” em seus textos, como pela relação próxima deles com suas fontes.

Em nenhuma edição, das 120 analisadas, a revista destratou o caiçara. Desta forma não o mostrou como vagabundo, preguiçoso, sem préstimo, pessoa estúpida, malandro indolente, insensível à dor, negligente, apático, desleixado, descuidado, sem atividade, lento de movimentos, ocioso, e nem que este povo não quer evoluir. Os elementos valorativos revelados na revista são de que o caiçara vive e cria uma cultura autêntica, diferenciada, centrada na relação terra-mar; originária de quem nasce no litoral; atrelada ao pescador, maricultor e outras atividades; um típico caipira do litoral que produz artesanato, culinária, receptivo de turismo de base; que este povo tem um modo de vida peculiar, muitas vezes relacionado ao isolamento terrestre de algumas comunidades tradicionais, também chamadas de “isoladas”.

Confirmou-se a hipótese central da tese de que o discurso da revista regional segmentada *Beach&Co* mostrou as transformações socioculturais ocorridas nas comunidades caiçaras das quatro cidades do Litoral Norte Paulista de 2002 a 2012, de forma complexa, completa e abrangente, praticando um jornalismo especializado em Turismo.

A *Beach&Co* usou a Cultura Caiçara como subproduto do Turismo no Litoral, mantendo-se fiel a linha editorial e ao público leitor da publicação de classes alta e média. Alguns textos nas 120 edições da revista simplificaram a realidade social e cultural da região, desviando a atenção do leitor para o turismo e o desenvolvimento em detrimento da cultura.

Também se confirmou que as pautas sobre Cultura Caiçara na *Beach&Co* possuem relação com o calendário gastronômico, esportivo, cultural e turístico das quatro cidades; e de que os recursos gráficos da revista facilitaram a compreensão dos assuntos, e muitas vezes o caiçara não foi a principal fonte de informação das reportagens. Além do que o caiçara não é o público alvo potencial da revista, portanto ele não se vê representado de forma autêntica na publicação.

Não se confirmou as questões de que as linguagens e as abordagens sobre a Cultura Caiçara nas reportagens da *Beach&Co* foram semelhantes e com poucas variações; e que a

maioria das 23 reportagens mostrou aspectos da Cultura Caiçara, facilitando a atualização -e não a total compreensão- das características desse povo.

O objetivo geral da tese foi atingido, pois as transformações da Cultura Caiçara foram mostradas nos primeiros dez anos da revista *Beach&Co* e os estereótipos do caiçara do Litoral Norte Paulista foram identificados nesta mídia impressa regional. Os objetivos específicos também foram alcançados, pois se resgatou pesquisas de outras áreas do conhecimento relacionadas ao caiçara do Litoral Norte; foi feita a interligação destes estudos com a cobertura jornalística da *Beach&Co*; relacionou-se o pensamento dos autores dos *Estudos Culturais* com as mudanças na vida dos caiçaras paulistas nos Quarto e Quinto capítulos; buscou-se as bases da Análise Descritiva e de Discurso para pontuar os núcleos semânticos nas reportagens; mostrou-se que o gênero reportagem resiste ao tempo como representante do bom jornalismo; detectou-se o espaço que as matérias sobre Cultura Caiçara ocuparam na *Beach&Co* em relação aos demais conteúdos publicados; analisou-se as falas/opiniões dos caiçaras, professores, institutos de pesquisa, repórteres, sociedade, terceiro setor, poder público e outras fontes na *Beach&Co*; verificou-se as abordagens, fontes, aprofundamento, contextualização, estilo autoral e os usos de linguagens usados na revista.

Os núcleos semânticos das 23 reportagens mostraram o drama vivenciado pelo caiçara do Litoral Norte, que passou por um processo violento de desapropriação de terras décadas atrás, o que interferiu na sua relação com o mar e a mata, já que há leis limitando locais e quantidades do pescado, que ficou escasso; estas mesmas leis determinam que os caiçaras sejam expulsos dos Parques Estaduais da Serra do Mar e de outras áreas protegidas, o impedindo de ter roça de subsistência, de retirar o tronco da mata para cunhar a canoa, entre outras questões.

As alternativas encontradas pelos caiçaras para se adaptar a realidade, também apareceram nos textos, como as novas relações de trabalho, a maioria delas atrelada ao turismo, como marinheiro, guia de ecoturismo, chefe de cozinha, maricultor, e consequentemente atividades atreladas à construção civil (desenvolvimento), que fez o caiçara dividir seu tempo, adquirir novos conhecimentos para desempenhar funções como pedreiro, ajudante de obra, caseiro, funcionário público, recepcionistas, chefe de cozinha e afins.

Contatou-se a ausência de “jovens-caiçaras” nas fontes entrevistadas. A maioria foi de idosos que guardam na memória como era a vida décadas atrás e como vivem e preservam a cultura hoje. A revista prestou um bom serviço de jornalismo, informando e contribuindo para os leitores formarem opinião sobre a Cultura Caiçara e outros temas abordados. Também prestou serviço aos anunciantes e demais públicos ao se manter fiel a linha editorial, muitas

vezes utilizando a redação da revista (jornalismo) para fortalecer o comercial (publicidade), publicando conteúdos dos novos empreendimentos imobiliários e dos investimentos do Governo do Estado de São Paulo na região. Só não prestou bom serviço ao próprio caiçara, pois a revista não pode ser considerada como uma mídia que o representa.

A revista consolidou-se como um produto jornalístico rentável ao Grupo Costa Norte de Comunicação, que mantém mais de 90% de colaboradores *free lances*. A publicação ganhou poder e força na região, traduzidas nos anúncios de grandes construtoras, governos municipais, estadual e federal, e pelo fato de retroalimentar os sotaques do Litoral Paulista nas demais regiões do país onde a publicação também é lida.

A *Beach&Co* produz a “matéria prima”, ou seja, o melhor conteúdo jornalístico de seu Grupo de Comunicação. Os demais veículos como o jornal semanal, TV educativa, portal na internet e publicações comemorativas, repercutem as pautas da revista. A publicação privilegia material editorial e gráfico de qualidade e evidencia as benfeitorias do Litoral Norte e da Baixada Santista, regiões com alto índice de crescimento no país.

Confirmou-se a presença de pautas produzidas na revista com base no calendário turístico e de eventos oficiais das prefeituras, aproveitando conteúdos de releases. Este estudo mostrou ainda a presença de textos leves para entreter e ser consumido nas horas de lazer (jornalismo *soft*⁴⁵), e em outros momentos, informações relevantes e aprofundadas (jornalismo especializado) publicadas na revista *Beach&Co*.

Os congressos, seminários e encontros organizados por ONGs e pelo poder público para debater a preservação desta cultura, e a organização dos próprios caiçaras que criaram associações de bairro, que integram Colônias de Pescadores e entidades afins, foram temas presentes na publicação. Destaque também a culinária típica, temática recente na mídia, inclusive com surgimento de revistas hiper segmentadas no setor gastronômico. Os pratos típicos, os ingredientes, e principalmente o cultivo dos mariscos, da tainha, do camarão, da mandioca embasaram as reportagens.

45 A Jornalista, cientista social e mestrande da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero Heci Regina Candiani (2000) explica que: o jornalismo *soft* é uma zona de fronteira sem demarcação entre o jornalismo e a publicidade. Ele abre portas para editoriais que podem ser atrelados a anúncios e informes publicitários sem entrar em choque com os interesses dos anunciantes e, mais do que isso, é uma prática que valida a organização social baseada no consumo já que os temas estilo de vida, serviços, celebridades, moda, beleza, saúde, decoração, carreira têm ocupado cada vez mais espaço nas coberturas de jornais e revistas, muitas vezes assumindo características de temas tão importantes quanto política, economia ou cultura. São setores econômicos que movimentam muitos recursos, e a mídia não está alheia a esse fator. In: “A publicidade sem fronteiras”. Disponível em: www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd20052000.htm. Acesso em: jun.2014.

A questão da pesca, estereótipo clássico do caiçara, esteve presente na revista, ao publicar reportagem questionando se o ofício de pescador está em extinção (querendo que não esteja), e deixando para o leitor, a mensagem de que há esperança e, acima de tudo, ações sendo feitas para manter a prática desta profissão milenar. A questão das lendas, danças, músicas, artesanato e outras manifestações da Cultura Caiçara evidenciaram o valor imaterial desta cultura, na qual não são objetos que a caracterizam, mas sentimento de coletividade, de pertencimento a comunidade, comprometimento com a preservação do meio ambiente, entre outras questões.

O linguajar do caiçara foi pouco estampado nas páginas da revista. Talvez porque um veículo impresso não seja o meio mais propício para evidenciar um vocabulário rico de termos próprios, como por exemplo, a televisão o seria, mas não justifica a não presença deste modo diferenciado de falar cantado e gesticulado do caiçara.

A maioria dos temas estudados por pesquisadores que apareceram no Segundo Capítulo da tese foram explicitados nas reportagens como a origem do caiçara que é um povo mestiço das culturas do branco europeu, do negro africano e dos indígenas.

Assim sendo, as transformações na vida do caiçara, presentes nos primeiros dez anos de revista *Beach&Co* foram: a venda de seus imóveis na praia e o deslocamento para o sertão ou bairros mais distantes da cidade; a escassez da pesca que os fez buscar outras atividades; a produção da canoa de voga em pouca escala e de forma mais demonstrativa, com árvores doadas por instituições ambientais, evidenciando a resistência desta cultura; a agricultura pouco praticada atualmente, com exceção da mandioca e de seu fabrico; restaurantes, quiosques na praia e festivais gastronômicos se tornaram fonte de renda alternativas aos caiçaras, bem como o artesanato passou a ser vendido na cidade, os caiçaras passaram a monitorar oficinas e a ensinar artesanato e a fazer rede de pesca para pessoas nascidas ou não no litoral; festivais do camarão, mexilhão, tainha e outros contam com a participação dos caiçaras que vendem os pescados e fazem as receitas gastronômicas; campeonatos esportivos de canoa de voga passaram a ser notícia na mídia; festas religiosas também estão presentes na vida do caiçara, agora não mais reunindo a comunidade nativa, mas servindo de atrativo turístico no Litoral Norte Paulista; peculiaridades como a rabeca (instrumento musical), a dança do fandango, os causos e lendas caiçaras são contados em projetos de Turismo de Base; o caiçara passou a falar de si, voltou a ter orgulho de sua cultura e a manter sua tradição com incentivo de fundações culturais, que publicam livretos, mantêm oficinas, produzem documentários e peças teatrais que buscam preservar a Cultura Caiçara; os nativos recebem os turistas em suas comunidades e contam causos e lendas, mostram a casa da

farinha, levam-no para a cachoeira, para o passeio de canoa/barco, fazem-no escutar músicas e danças típicas, além de oferecer a pousada que foi construída com ajuda da comunidade.

Com estas mudanças, perdem-se os conhecimentos técnicos e uma complexa gama de conhecimentos da natureza, como confirmou a socióloga Sílvia Paes (apud DIEGUES, 2005b, p.433). Perdem-se na Cultura Caiçara as técnicas de tecer a rede pra fazer o tresmalho, o picaré e a rede de puxar; o modo de construir canoas; a arte de navegação; a interpretação das variações climáticas e do comportamento do mar; o conhecimento das espécies marinhas e da época de sua pesca. Perdem-se também os conhecimentos sobre as atividades agrícolas, os saberes herdados dos indígenas como palavras tupi-guarani, artesanato de cestaria, fiação da fibra do tucum e de outras plantas, uso medicinal da flora, etc.

Dentre os gêneros jornalísticos presentes na *Beach&Co*, a reportagem se destacou pois mostrou ao leitor um Litoral Paulista pouco conhecido (de belezas, atrativos, investimentos, curiosidades). A revista evidenciou um cenário promissor, de maneira otimista e objetiva, ultrapassando o âmbito meramente econômico, e incluindo a cultura, a identidade regional e as riquezas nativas em suas páginas.

A tônica da revista foi sempre relativa à identidade, ao progresso, ao desenvolvimento, à riqueza, à diversidade da região e, sobremaneira ao Turismo. Quando abordou assuntos de âmbito nacional, o fez a partir da visão paulista. A revista se esforçou em retratar a intensa vida do litoral paulista e o dinamismo de seus protagonistas. Predomínio de informação e prestação de serviços, oferecendo dicas de consumo, bem-estar, saúde, moda, comportamento ao público leitor de classes alta e média.

Embora seu conteúdo interno seja predominantemente dedicado à publicidade, de 40 a 50%, seu jornalismo de sotaque regional equilibrou a prestação de serviço de opinião e de informação. Ressalta-se que houve uma mescla constante de formatos e gêneros na linguagem na revista, o que ficou evidente em matérias que trazem receitas de comida, dicas, conselhos, endereços, remetendo ao jornalismo utilitário. Também as seções dedicadas ao consumo de produtos e acessórios, como vestuário e perfumaria, por exemplo, levaram assinatura de especialistas ou nomes reconhecidos na região, de forma a avaliar o serviço que prestam. O gênero opinativo se fez presente no Editorial e nas Cartas dos Leitores.

O consumo de alto luxo foi pautado diversas vezes na revista. As colunas sociais com registros fotográficos em tamanho pequeno foram acompanhadas de legendas e notas explicativas dos eventos para enfatizar e criar uma relação com as autoridades presentes nas fotos.

Verificou-se que o colaborador até buscou escrever o texto de forma diferente, mas ele teve por obrigação da linha editorial da revista, que atrair o público turista para conhecer o lugar. O discurso então foi persuasivo e publicitário, muitas vezes abandonando o jornalismo. Isto ocorre porque o Turismo é fonte de sobrevivência não só do caiçara, mas do empresário e do político que investem na cidade. Também se reflete no discurso da revista o poder público como provedor, aquele que ampara e que pode oferecer melhores condições ao caiçara.

Nesta tese, o caiçara foi entendido como um detentor de cultura não genuína, pois as culturas evoluem e por isto se chama Cultura, porque é dinâmica. A cultura do caiçara também se transformou.

A Análise de Discurso foi o ponto alto desta tese, pois ali foi estampado os valores da *Beach&Co* frente as comunidades caiçaras do Litoral Norte. A autora não procurou investigar o que estava “atrás” dos textos, mas verificou as produções de sentido nos discursos das reportagens, já que a revista é um produto comercializado como qualquer outro da indústria cultural.

A linha editorial da *Beach&Co* foi clara: vender os destinos turísticos do Litoral Paulista e seu desenvolvimento, oferecendo um canal de expressão, de regra, pouco frequente nos veículos de circulação nacional.

O caiçara deu provas de que incluiu as mudanças e as tecnologias em seu modo de vida, como por exemplo, na aquisição de redes, equipamentos e apetrechos de pesca modernos. Profissões milenares como pescador artesanal, agricultor, artesão e outras continuarão existindo, mas não como antes. Será cada vez mais difícil encontrar o caiçara que vive exclusivamente da pesca ou dos recursos naturais; mas é e será possível encontrar o caiçara que pensa, age, argumenta e se relaciona com seu entorno, de forma respeitosa com as pessoas, com o mar e com a terra. Portanto, como já citado nesta tese, enquanto houver povo, haverá cultura popular e tradição, mesmo que constantemente reinventada. (MERLO apud DIEGUES, 2004b, p.349).

Apesar de tudo isto, a *Beach&Co* não cumpriu o papel no Jornalismo Cidadão, já que o caiçara se vê “usado” pela revista para enfatizar e justificar ao turista/veranista leitor, a beleza, os atrativos e o turismo no Litoral Paulista. O caiçara foi tido como protagonista e não personagem principal nas pautas da revista. Foi usado como subproduto da mídia e do Turismo, este último movimenta a economia na região. A revista usou o caiçara com o “interesse” de agradar anunciantes e leitores das classes alta e média, e não se constitui um veículo genuinamente “do” e “para” o caiçara.

O caiçara não encontrou motivos para se orgulhar ou se ver representado nesta

publicação, pois a *Beach&Co* não deu voz e vez as virtudes e aos problemas enfrentados pelos caiçaras, considerando o nativo do litoral “mais um” dos moradores da região, equiparando-os aos demais, sejam eles migrantes de outras regiões do país ou não.

O Jornalismo de Proximidade não sustenta esta tese, já que foi utilizado “em partes” na revista *Beach&Co*, principalmente na produção editorial, já que os jornalistas colaboradores, em sua maioria, vive e conhece a realidade do caiçara, assim o retratando com fidelidade, exercendo a Teoria das Brechas e o Jornalismo soft, tendo que adequar a linguagem persuasiva no texto jornalístico, para vender o destino turístico, o desenvolvimento, a riqueza cultural da região. Do ponto de vista do público leitor, a revista manteve-se fiel as classes alta e média, sem nenhuma preocupação de dar voz e mostrar “toda” a complexa realidade da Cultura Caiçara na atualidade.

A *Beach&Co* se caracterizou como uma publicação de alta qualidade, que no entanto agrada seus anunciantes e leitores, assim como uma publicação institucional de uma grande empresa que busca mostrar as qualidades da região em que está inserida, bem como o desenvolvimento e as belezas dos arredores onde a empresa atua e tem por obrigação intervir positivamente junto a comunidade. A revista segue os critérios de noticiabilidade dos demais veículos de comunicação, procurando o inusitado (do caiçara), o curioso, aquilo que tem alguma interferência no dia a dia dos leitores.

Uma publicação jornalisticamente muito bem produzida, mas predominantemente com textos persuasivos que buscam vender a boa imagem do desenvolvimento (a todo custo) do Litoral Paulista e consolidar a marca da empresa (Grupo Costa Norte de Comunicação), com interesses meramente institucionais e econômicos, unindo esforços e pautas para justificar o seu fim, que é agradar o público leitor. Assim, a *Beach&Co*, não se tornou porta voz das comunidades do Litoral Norte Paulista, pois não provocou identificação com o público caiçara.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. S. Paulo: Perseu Abramo, 2003.

ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. In: **Revista de Antropologia**, vol. 43, n.1, São Paulo, 2000. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012000000100005&script=sci_arttext. Acesso em: fev.2010.

_____. **Caiçaras na Mata Atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental**. Dissertação de Mestrado defendida no Curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM-USP), São Paulo, 1996.

ALBERGUINE, Audre Cristina. **A Ciência nos Telejornais Brasileiros - O papel educativo e a compreensão pública das matérias de CT&I**. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, 2007.

ALMEIDA, Gastão Thomaz de. **Imprensa do interior** - Um estudo preliminar. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1983.

ALMEIDA, Paulino. Usos e Costumes Praianos. In: **Enciclopédia caiçara – História e Memória Caiçara**. Vol.IV. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2005b, p.45-60.

ALNORTE. Disponível em: www.alnorte.org.br. Acesso em: nov.2013.

ANATEL (Agência Nacional de Telecomunicações). Disponível em: www.anatel.gov.br. Acesso em: nov.2013.

O ANCORADOURO. Disponível em: www.tvancoradouro.com.br/site_novo/roacora.html. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

AROUCA, Justo. **Memorial de sua Excelência** – História Política de Caraguatatuba. Fundação Educacional e Cultural de Caraguatatuba, 2003.

BALLALAI, Roberto. Notas e subsídios para a análise do discurso (uma contribuição à leitura do discurso da Administração). **Fórum Educacional**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 13 (1-2), p. 56-89, fev./maio 1989.

BALOGH, Ann, et al. Cultura e intertextualidade – media e transmutações. In: **Mídia, Cultura, Comunicação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

BARELLA, Walter; CLAUZET, Mariana. A pesca artesanal na Praia Grande do Bonete, Ubatuba, Litoral Norte de São Paulo. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana (org.). **Enciclopédia caiçara – O Olhar do Pesquisador**. V.1. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2004a, p.147-162.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. São Paulo. Martins Fontes, 1977.

BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

BEACH&CO (revista). Disponível em: www.beachco.com.br. Acesso em: jun.2011.

BEACH&CO. 1ª edição. Janeiro de 2002.
BEACH&CO. 2ª edição. Fevereiro de 2002.
BEACH&CO. 3ª edição. Março de 2002.
BEACH&CO. 4ª edição. Abril de 2002.
BEACH&CO. 5ª edição. Maio de 2002.
BEACH&CO. 6ª edição. Junho de 2002.
BEACH&CO. 7ª edição. Julho de 2002.
BEACH&CO. 8ª edição. Agosto de 2002.
BEACH&CO. 9ª edição. Setembro de 2002.
BEACH&CO. 10ª edição. Outubro de 2002.
BEACH&CO. 11ª Edição. Novembro de 2002.
BEACH&CO. 12ª edição. Dezembro de 2002.
BEACH&CO. 13ª edição. Janeiro de 2003.
BEACH&CO. 14ª edição. Março de 2003.
BEACH&CO. 15ª edição. Abril de 2003.
BEACH&CO. 16ª edição. Junho de 2003.
BEACH&CO. 17ª edição. Julho de 2003.
BEACH&CO. 18ª edição. Agosto de 2003.
BEACH&CO. 19ª edição. Setembro de 2003.
BEACH&CO. 20ª edição. Outubro de 2003.
BEACH&CO. 21ª edição. Novembro de 2003.
BEACH&CO. 22ª edição. Dezembro de 2003.
BEACH&CO. 23ª edição. Janeiro de 2004.
BEACH&CO. 24ª edição. Fevereiro de 2004.
BEACH&CO. 25ª edição. Março de 2004.
BEACH&CO. 26ª edição. Abril de 2004.
BEACH&CO. 27ª edição. Junho de 2004.
BEACH&CO. 28ª edição. Julho de 2004.
BEACH&CO. 29ª edição. Setembro de 2004.
BEACH&CO. 30ª edição. Outubro de 2004.
BEACH&CO. 31ª edição. Novembro de 2004.
BEACH&CO. 32ª edição. Dezembro de 2004.
BEACH&CO. 33ª edição. Janeiro de 2005.
BEACH&CO. 34ª edição. Março de 2005.
BEACH&CO. 35ª edição. Abril de 2005.
BEACH&CO. 36ª edição. Maio de 2005.
BEACH&CO. 37ª edição. Junho de 2005.
BEACH&CO. 38ª edição. Julho de 2005.
BEACH&CO. 39ª edição. Agosto de 2005.
BEACH&CO. 40ª edição. Setembro de 2005.
BEACH&CO. 41ª edição. Outubro de 2005.
BEACH&CO. 42ª edição. Novembro de 2005.
BEACH&CO. 43ª edição. Dezembro de 2005.
BEACH&CO. 44ª edição. Janeiro de 2006.
BEACH&CO. 45ª edição. Fevereiro de 2006.

BEACH&CO. 46ª edição. Abril de 2006.
BEACH&CO. 47ª edição. Maio de 2006.
BEACH&CO. 48ª edição. Junho de 2006.
BEACH&CO. 49ª edição. Julho de 2006.
BEACH&CO. 50ª edição. Agosto de 2006.
BEACH&CO. 51ª edição. Setembro de 2006.
BEACH&CO. 52ª edição. Outubro de 2006.
BEACH&CO. 53ª edição. Novembro de 2006.
BEACH&CO. 54ª edição. Dezembro de 2006.
BEACH&CO. 55ª edição. Janeiro de 2007.
BEACH&CO. 56ª edição. Fevereiro de 2007.
BEACH&CO. 57ª edição. Março de 2007.
BEACH&CO. 58ª edição. Abril de 2007.
BEACH&CO. 59ª edição. Maio de 2007.
BEACH&CO. 60ª edição. Junho de 2007.
BEACH&CO. 61ª edição. Julho de 2007.
BEACH&CO. 62ª edição. Agosto de 2007.
BEACH&CO. 63ª edição. Setembro de 2007.
BEACH&CO. 64ª edição. Outubro de 2007.
BEACH&CO. 65ª edição. Novembro de 2007.
BEACH&CO. 66ª edição. Dezembro de 2007.
BEACH&CO. 67ª edição. Janeiro de 2008.
BEACH&CO. 68ª edição. Fevereiro de 2008.
BEACH&CO. 69ª edição. Março de 2008.
BEACH&CO. 70ª edição. Abril de 2008.
BEACH&CO. 71ª edição. Maio de 2008.
BEACH&CO. 72ª edição. Junho de 2008.
BEACH&CO. 73ª edição. Julho de 2008.
BEACH&CO. 74ª edição. Agosto de 2008.
BEACH&CO. 75ª edição. Setembro de 2008.
BEACH&CO. 76ª edição. Outubro de 2008.
BEACH&CO. 77ª edição. Novembro de 2008.
BEACH&CO. 78ª edição. Dezembro de 2008.
BEACH&CO. 79ª edição. Janeiro de 2009.
BEACH&CO. 80ª edição. Fevereiro de 2009.
BEACH&CO. 81ª edição. Março de 2009.
BEACH&CO. 82ª edição. Abril de 2009.
BEACH&CO. 83ª edição. Maio de 2009.
BEACH&CO. 84ª edição. Junho de 2009.
BEACH&CO. 85ª edição. Julho de 2009.
BEACH&CO. 86ª edição. Agosto de 2009.
BEACH&CO. 87ª edição. Setembro de 2009.
BEACH&CO. 88ª edição. Outubro de 2009.
BEACH&CO. 89ª edição. Novembro de 2009.
BEACH&CO. 90ª edição. Dezembro de 2009.
BEACH&CO. 91ª edição. Janeiro de 2010.
BEACH&CO. 92ª edição. Fevereiro de 2010.
BEACH&CO. 93ª edição. Março de 2010.
BEACH&CO. 94ª edição. Abril de 2010.
BEACH&CO. 95ª edição. Maio de 2010.
BEACH&CO. 96ª edição. Junho de 2010.

BEACH&CO. 97ª edição. Julho de 2010.
BEACH&CO. 98ª edição. Agosto de 2010.
BEACH&CO. 99ª edição. Setembro de 2010.
BEACH&CO. 100ª edição. Outubro de 2010.
BEACH&CO. Edição Especial Santos Off Shore. Novembro de 2010.
BEACH&CO. 101ª edição. Novembro de 2010.
BEACH&CO. 102ª edição. Dezembro de 2010.
BEACH&CO. 103ª edição. Janeiro de 2011.
BEACH&CO. 104ª edição. Fevereiro de 2011.
BEACH&CO. 105ª edição. Março de 2011.
BEACH&CO. 106ª edição. Abril de 2011.
BEACH&CO. 107ª edição. Maio de 2011.
BEACH&CO. 108ª edição. Junho de 2011.
BEACH&CO. 109ª edição. Julho de 2011.
BEACH&CO. 110ª edição. Agosto de 2011.
BEACH&CO. 111ª edição. Setembro de 2011.
BEACH&CO. 112ª edição. Outubro de 2011.
BEACH&CO. 113ª edição. Novembro de 2011.
BEACH&CO. 114ª edição. Dezembro de 2011.
BEACH&CO. 115ª edição. Janeiro de 2012.
BEACH&CO. 116ª edição. Fevereiro de 2012.
BEACH&CO. 117ª edição. Março de 2012.
BEACH&CO. 118ª edição. Abril de 2012.
BEACH&CO. 119ª edição. Maio de 2012.
BEACH&CO. 120ª edição. Junho de 2012.
BEACH&CO. 129ª edição. Março de 2013.
BEACH&CO. 138ª edição. Dezembro de 2013.

BEGOSSI, Alpina (org.). **Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB/USP: Nepam/Unicamp: Fapesp, 2004.

BORHHEIM, Gerd. **O conceito de tradição**. In: **Tradição-Contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BORTOLUSSO, Márcio; LUPO, Fernanda. **Viagens ecológicas e culturais Ilhabela**. Photo Verde Produções/SP, 2012. Disponível em: www.viagensecológicas.com.br. Acesso em: nov. 2013.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BRANCO, Alice; CASEIRO, Fernando. **Cultura Caiçara - Resgate de um Povo**. Oficina do Livro e Cultura, 2005.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas/SP: Unicamp, 2004.

BRETON, Yvan; CAVANAGH, Julie. Mobilização de pescadores e política municipal em São Sebastião. In: **Enciclopédia caiçara – O Olhar Estrangeiro**. Vol.III. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2005c, p.217-245.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história Social da Mídia:** de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

CAIÇARA – Cultura em Transformação. Documentário produzido por alunos de Comunicação Social do Centro Universitário Módulo. Caraguatatuba, abril de 2011. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=yNlsg3XLXB8. Acesso em: nov.2013.

CAIÇARAS. Disponível em: www.musc.ai.com.br/caicarar/index.html. Acesso em: fev. 2010.

CALVENTE, Maria. Ilhabela: turismo e território. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. **Ilha e sociedades insulares.** São Paulo: NUPAUB, 1997.

CALVENTE, Maria del Carmo M. H. et al. Caiçaras, mestres, professores e turistas: a resistência da territorialidade em um processo de transformação do território. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana (org.). **Enciclopédia caiçara – O Olhar do Pesquisador.** V.1. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2004a, p.263-274.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Editora EDUSP, 1997.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e Cidadãos.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2010.

CANDIANI, Heci Regina. **Jornalismo Soft - A publicidade sem fronteiras.** Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd20052000.htm>. Acesso em: jun.2014.

CAPELAS REVELAM TRADIÇÃO SIMPLES. In: Jornal Estado de S. Paulo, 27/02/10. Disponível em: www.estadao.com.br/noticias/impreso,capelas-revelam-tradicao-simples,517126,0.htm. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino – imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”.** São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1980.

CAPRINO, Mônica Pegurer (Org.). **Comunicação e inovação.** São Paulo: Paulus, 2008.

CARDOSO, Haydée Dourado de Faria. **Relações entre Cultura Popular e Indústria Cultural: a Congada de Ilha Bela.** Dissertação de Ciências da Comunicação na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1982.

CARDOSO, Omar de Almeida. **Ubatuba-SP, aspectos de loteamento na Enseada do Mar Virado – praias da Maranduba, Sapé e Lagoinha.** Trabalhos Programados na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de São Paulo, 1998.

CARNEIRO, Thiago R. A. **Faixas salariais x Classe Social - Qual a sua classe social?** Disponível em: blog.thiagorodrigo.com.br/index.php/faixas-salariais-classe-social-abep-ibge?blog=5. Acesso em: 05.nov.2013.

CENTRO CULTURAL SÃO SEBASTIÃO TEM ALMA. Disponível em: <http://www.grupotao.org.br/sebastiaotemalma.html>. Acesso em: nov. 2013.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**. Santarém, Portugal: Jortejo, 1998.

CHARAUDEUAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Discurso das Mídias**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CHASTAN, Lita-Jacques. **São Paulo Litoral Norte – Caiçaras e franceses**. São Paulo: Ateniense, 1992.

_____. **São Paulo Litoral Norte**. São Paulo: Artes Gráficas Ltda, 1983.

CHIEUS JÚNIOR, Gilberto. Dialogando sobre e a construção de canoas. In: **Enciclopédia caiçara – História e Memória Caiçara**. Vol.IV. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2005b, p.439-442.

CHOMSKY, Noam e HERMAN, Edward S. **A manipulação do público. Política e poder econômico no uso da mídia**. São Paulo: Futura, 2003.

CORRÊA, Iracema F. L.; NOGUEIRA, Maria Cláudia França. Lendas e causos de Ilhabela. In: **Enciclopédia caiçara – Festas, Lendas e Mitos Caiçaras**. Vol. V. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2006, p.145-150.

COUTINHO, Adriana; PRADO, Luzia Rodrigues de Toledo. Telecomunicações. In: CAMPOS, Jurandyr Ferraz de (org.). **Santo Antonio de Caraguatatuba: memória e tradições de um povo**. Fundação Educacional e Cultural de Caraguatatuba, 2000.

CRUZ, Caroline Corrêa da; D'ÁVILA, Eliane; ASSIS, Gabriella Zampoli de (et al). **A dificuldade da mudança: marketing e posicionamento no rio do Rastro Eco Resort**. In: Turismo: Visão e Ação - Revista Científica do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí. V. 14, n.1, 2012. Disponível em www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/3597. Acesso em: nov. 2013

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Saberes patriominais pesqueiros. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana (org.). **Enciclopédia caiçara – O Olhar do Pesquisador**. V.1. São Paulo: HUCITEC:NUPAUB:CEC/USP, 2004a, p.105-116.

DALESSIO, Vito ; PASCALICCHIO, Daniel. **Dias de Caiçara: Paraty Ubatuba São Sebastião – V.1. Dialeto Latin**, 2006.

_____. **A Pesca Artesanal no Litoral Brasileiro: Cenários e Estratégias para sua sobrevivência**. Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil. Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo e Fundação Ford. São Paulo. 1988. 44p.

DICIONÁRIO ONLINE PORTUGUÊS. Disponível em: www.dicio.com.br/disseminacao. Acesso em: fev.2010.

DICIONÁRIO DO AURÉLIO. Disponível em: www.dicionariodoaurelio.com/Cultura.html. Acesso em: nov.2013.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana (org.). **A imagem das águas**. São Paulo: NUPAUB, 2000.

_____. **Enciclopédia caiçara – Falares Caiçaras**. Vol.II. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2005a.

_____. **Enciclopédia caiçara – Festas, Lendas e Mitos Caiçaras**. Vol.V. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2006.

_____. **Enciclopédia caiçara – História e Memória Caiçara**. Vol.IV. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2005b.

_____. **Enciclopédia caiçara – O Olhar do Pesquisador**. Vol.I. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2004a.

_____. **Enciclopédia caiçara – O Olhar Estrangeiro**. Vol.III. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2005c.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira**. São Paulo: NUPAUB/USP, 2004b.

_____. **Ecologia humana e planejamento costeiro**. 2.ed. São Paulo: NUPAUB, 2001.

_____. **O mito moderno da natureza intocada**. 6.ed. ampliada. São Paulo: Hucitec: NUPAUB-USP/CEC, 2008.

_____. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas: o caso das comunidades caiçaras**. São Paulo: NUPAUB-USP, Série Documentos e Relatórios de Pesquisa, n. 5. 1988.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana; NOGARA, Paulo José Navajas. **O nosso lugar virou parque: estudos socioambiental de Mamanguá**. 3.ed. Parati/RJ: NUPAUB/USP, 2005d.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana; VIANA, Virgílio M. (org.). **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da Mata Atlântica**. 2.ed. São Paulo: HUCITEC:NUPAUB:CEC, 2004c.

DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**. São Paulo: Summus, 1986.

DIÓRIO, JR. **Na falta de peixe, pescadores viram maricultores**. In: Jornal Estado de S. Paulo, 26/02/12. Disponível em: www.estadao.com.br/noticias/impreso,na-falta-de-peixe-pescadores-viram-maricultores,840551,0.htm. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

DROGUETT, Juan; FONSECA, Jorge Otávio. **Ubatuba – espaço, memória e cultura**. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

DUARTE. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DUCROT, Oswald. **Princípios de Semântica Linguística** (Dizer e não dizer). São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. **Provar e Dizer**. São Paulo: Global Universitária, 1981.

ESCOBAR, Herton. **Cadê o peixe que estava aqui?** In: Jornal Estado de S. Paulo, 05/02/2012. Disponível em: www.estadao.com.br/noticias/impresso,cade-o-peixe-que-estava-aqui,840556,0.htm. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

ESPAÇO CULTURAL PÉS NO CHÃO. Disponível em: www.pesnochao.org.br/penoch.htm. Acesso em: fev.2012.

ESTADO DE S. PAULO (Estadão - jornal). Disponível em: www.estadao.com.br. Acesso em: dez. 2013.

FALLEIRO, Nandini Shânta. **A sobrevivência da Cultura Caiçara da Ilha Montão de Trigo (SP)**. Trabalho de Conclusão de Ecologia na UNESP (Universidade Estadual Paulista), Rio Claro, 1998.

FALTA TUDO MENOS QUEM TENHA OLIVEIRA NO SOBRENOME. In: Jornal Folha de S. Paulo, 08/01/2012. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/18940-falta-de-tudo-menos-quem-tenha-oliveira-no-sobrenome.shtml. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

FARO, José Salvador. **Dimensão e prática do jornalismo cultural**. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos. Rio Grande do Sul: Unisinos, jan./abr.2009.

_____. **O existencial e o político no jornalismo cultural**. Disponível em: www.jsfaro.net. Acesso em: 25.out.09.

_____. **Jornalismo Cultural: espaço público da produção intelectual** (2004-2006). Projeto de Pesquisa. São Bernardo do Campo-SP: PÓSCOM-UMESP, 2004. Disponível em: www.jsfaro.net. Acesso em: 12.agosto.09.

_____. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. **Revista Comunicação e Sociedade**. Ano 28, n. 46. São Bernardo do Campo: UESP, 2006.

_____. **O performativo no jornalismo cultural: uma organização discursiva diferenciada**. In: Anais do 6º Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, São Bernardo do Campo, UESP, 2008, [Cd-room].

_____. **Reportagem: na fronteira do tempo e da cultura**. In: Revista Verso e Reverso XXVII. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2013.

FECAROTTA, Luiza. **Mosaico caipira**. In: jornal Folha de S. Paulo, 13/10/2011. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/comida/co1310201109.htm. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

FRENETTE, Marco; ROVAI, Renato (editores). **Os caixaras contam**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

FOLHA DE S. PAULO (jornal). Disponível em: www.folha.uol.com.br. Acesso em: dez. 2013.

FOUCAULT, M. Verdad y poder. In: J. VARELA; F. ALVAREZ-URÍA (Ed.). **Michel Foucault, estratégias de poder**. Barcelona: Paidós, 2000.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA. **Dossiê Mata Atlântica 1992**. São Paulo, 1992.

FUNDAÇÃO CULTURAL E EDUCACIONAL DE CARAGUATATUBA. Disponível em: www.fundacc.com.br. Acesso em: fev.2012.

FUNDAÇÃO DE ARTE E CULTURA DE UBATUBA. Disponível em: www.fundart.com.br. Acesso em: fev.2012.

FURLAN, Sueli Angelo. Lugar e cidadania: implicações socioambientais das políticas de conservação ambiental (situação do parque Estadual de Ilhabela na Ilha de São Sebastião). In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana (org.). **Enciclopédia caixara – O Olhar do Pesquisador**. V.1. São Paulo: HUCITEC:NUPAUB:CEC/USP, 2004a, p.225-252.

GARRAFA, Lilian Christofe, BITTENCOURT, Solange Torres, SILVA FILHO, Vicente Ferreira. **A Semântica do Discurso**. São Paulo: EDUC, 1986. (Coleção Pré-print).

GARRIDO, Marino. **Fazenda dos Ingleses** no litoral norte do estado de São Paulo – um bocado de história. Universidade Santa Cecília dos Bandeirantes: Editora Danúbio, 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.

GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.) **Pesquisa quantitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOMES, Maria José (texto); RAMOS, Martin Julio (fotografia). **Ilhabela**. Ilhabela-SP: Ibla Gráfica e Editora; Sachs Comunicações; Paper express, 1994.

GOMES, Ingrid. **Representações do cenário sócio-político na cobertura midiática: “Cúpula do G8” e “Fórum Social Mundial”**. Projeto de Pesquisa na Universidade Federal de Uberlândia/MG, 2013. (mimeo)

_____. **Olhares sobre o outro: estudo das representações do Islã nos jornais Estado de S. Paulo e Folha de S. Paul**. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo, 2012.

GRANADOS, Pedro. **Teoria das Brechas' [Blogs] / Jesús Martín-Barbero**. 20/03/11. Disponível em: blog.pucp.edu.pe/item/127621/teoria-das-brechas-blogs-jesus-martin-barbero. Acesso em: jun.2014.

GUIMARÃES, Bruna Vieira; HIAR, Ricardo Reis. A história da publicidade no Litoral Norte Paulista: A iniciativa das agências CB Cavalcanti, Mídia&Art, Image e Art Express. In: MACHADO, Maria Berenice; QUEIROZ, Adolpho; ARAUJO, Denise Castilhos de. **História, memória e reflexões sobre a propaganda no Brasil**. Novo Hamburgo/RS: Feevale Editora, 2008.

_____. A história dos jornais impressos no Litoral Norte Paulista. In: PAVAN, Maria Ângela; FISHER, Luciana (org.). **Alternativas, Mídias e História da Comunicação Persuasiva e Institucional**. Piracicaba/SP: De Gaspari, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

HANAZAKI, Natalia. **Conhecimento e uso de plantas, pesca e dieta em comunidades caiçaras do município de Ubatuba (SP)**. Dissertação em Ecologia do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, 1997.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos**: palavras-chave da antropologia transnacional. Revista Mana. Rio de Janeiro: Scielo, n.01, v.03, 1997.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: abr. 2013.

JAMESON, Fredric. Sobre os Estudos de Cultura. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo: USP, n.39, p.11-48, 1994.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A Inter-ação pela Linguagem**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1995. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa: Ed. 70, 1989.

LIMA, Raquel Sousa. **O conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thompson**: breve apresentação das ideias de materialismo cultural e experiência, 2005. In: Revista Cantareira - Universidade Federal fluminense. Disponível em: www.historia.uff.br/cantareira/novacantareira/artigos/edicao8/artigo02.pdf. Acesso em: nov.2013.

LIMA, Rossini Tavares de. (et al.). **O folclore do litoral norte de São Paulo**. Rio de Janeiro: MEC-SEAC-FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore; São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura: Univ. de Taubaté, 1981.

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In: Steinberg, C. (org.). **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1970.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. **Caiçaras, migrantes e turistas: a trajetória da apropriação da natureza no Litoral Norte Paulista (São Sebastião – Distrito de Maresias)**. Dissertação em Sociologia da Universidade de Campinas (Unicamp), 1992.

LUDERER, Cynthia Arantes Ferreira. **A Projeção da Cozinha Caiçara na Mídia Impressa**. Anais do XIII Conferência Brasileira dos Estudos da Folkcomunicação “Esteja à gosto: sabores e saberes populares” -A Folkcomunicação Gastronômica, 2010. Disponível em: encipecom.metodista.br. Acesso em: nov.2013.

MACHADO, Márcia Benetti; JACKS, Nilda Aparecida. **O discurso jornalístico**. Anais do X Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós. Brasília: UNB, 2001.

MAGDALENA, Bianca Cruz. **Reza e lenda: a cultura Caiçara de Cananéia vivenciada no bairro rural de Santa Maria**. 1.ed. Londrina/PR: Idealiza Gráfica, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

_____. Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol.4, n.6, março2006. Disponível em: www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_6_entrevista_maingueneau_port.pdf. Acesso em: nov.2013

MALDONADO, Wanda T.P.V. **Da Mata para o Mar: A Construção da Canoa Caiçara em Ilhabeal/SP**. Dissertação em Ciência Ambiental na Universidade de São Paulo, 2001.

_____. A construção material e simbólica da canoa caiçara em Ilhabeal/SP. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana (org.). **Enciclopédia caiçara – O Olhar do Pesquisador**. V.1. São Paulo: HUCITEC:NUPAUB:CEC/USP, 2004a, p.275-298.

MANSANO, Candice Filipak. Do “Tempo dos Antigos” ao “Tempo de Hoje”: o caiçara de Cambury entre a terra e o mar. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana (org.). **Enciclopédia caiçara – O Olhar do Pesquisador**. V.1. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2004, p.193-224.

MANUAL DE CRIAÇÃO DE MEXILHÃO. Programa Brasileiro de Intercâmbio em Maricultura. Disponível em: www.ebah.com.br/content/ABAAABbH8AL/manual-criacao-mexilhao. Acesso em: nov. 2013.

MARCILIO, Maria Luiza. **Caiçara Terra e População** - Estudo de Demografia Histórica. São Paulo: Edusp, 2006.

MARCILIO, Maria Luiza. **Caiçara**. Cedhal, 1986.

MARCHETTI, Luciana. **Cozinha Caiçara**. Disponível em: lucianamarchetti.blogspot.com.br/2009/11/cozinha-caicara.html. Acesso em: fev.2012.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2ª edição revista, 1994.

_____. **Jornalismo brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **Gêneros Jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo: Ed. FTD, 1987.

MELO, Teresa. Espaço, comunicação e cultura: breve relato de observações sobre a comunidade de Cachoeira do Guilherme. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana (org.). **Enciclopédia caiçara – O Olhar do Pesquisador**. V.1. São Paulo: HUCITEC:NUPAUB:CEC/USP, 2004a, p.321-340.

MELO, Isabelle Anchieta de. **Um jornalismo de proximidade**. Publicado em 03/04/2007, na edição 427 do Portal Observatório da Imprensa. Disponível em: observatoriodaimprensa.com.br/news/view/um_jornalismo_de_proximidade. Acesso em: dez.2013.

MENDES, Júlio César; SANTOS, José Ronaldo dos. Memórias de Ubatuba. Entrevistado: Manoel Hilário Filho. In: **Enciclopédia caiçara – História e Memória Caiçara**. Vol.IV. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2005b, p.443-448.

MERLO, Márcia. As vozes do Bonete: uma face de Ilhabela. In: DIEGUES, A. **Ilhas e sociedades insulares**. São Paulo: NUPAUB, 1997.

_____. Faces e vozes de Ilhabela. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana (org.). **Enciclopédia caiçara – O Olhar do Pesquisador**. V.1. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2004a, p.341-358.

MICHAELIS MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: michaelis.uol.com.br. Acesso em: jun. 2013.

MÓDULO CENTRO UNIVERSITÁRIO. Disponível em: www.modulo.br. Acesso em: 20 abr.2010.

MORIN, E. **Sociologia**. Madrid: Tecnos, 2000.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Para uma antropologia da notícia**. In: Revista da *Intercom*. Vol. XXV, n.2, julho/dezembro, 2002.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio (org.). **O jornal - da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. **Os pescadores do litoral sul de São Paulo: um estudo de sociologia diferencial**. São Paulo: Hucitec/NUPAUB/CE, 2003.

MOVIMENTO SÃO SEBASTIÃO TEM ALMA. Disponível em: www.povosdomar.com.br/pcssta09.htm. Acesso em: fev.2012.

MUSSOLINI, Gioconda. **Os Pasquins do Litoral Norte de São Paulo**. Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1971.

_____. **Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara**. Paz e Terra, 1980.

_____. **Evolução, Raça e Cultura**. Companhia Nacional, 1974.

_____. O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião. In: **Enciclopédia caiçara – História e Memória Caiçara**. Vol.IV. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2005b, p.189-198.

NAVARRO, Flávia S.; Outros. **Caiçara: a Fatura de um Povo na Salmoura**. Ed. Brava da Almada, 2007.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2003.

NOBRE, Freitas. **História da imprensa de São Paulo**. São Paulo: Edições Leia, 1950.

NOFFS, Paulo da Silva. **A disputa pela hegemonia do espaço na baía dos Castelhanos**. Tese em Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, 2007.

_____. **Os caiçaras do Toque Toque Pequeno – Um estudo de Mudança Espacial**. Dissertação em Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. Os caiçaras do Toque Toque Pequeno. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana (org.). **Enciclopédia caiçara – O Olhar do Pesquisador**. V.1. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2004a, p.275-298.

NOGUEIRA, Maria Cláudia. Memória de um caiçara de Ilhabela. Entrevistado: Elyseu dos Santos. In: **Enciclopédia caiçara – História e Memória Caiçara**. Vol.IV. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2005b, p.407-414.

OLIVEIRA, Carlos Roberto. **Boiçucanga: de bairro rural a bairro urbano**. Dissertação em Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, João Gualberto de. **Nascimento da Imprensa Paulista**. São Paulo: Academia Paulista de Letras, 1978.

OLIVEIRA, Tenente Samuel Messias de. **Ilha Anchieta: Rebelião, Fatos e Lendas**. Pindamonhangaba: Gráfica e Editora São Benedito, 3.ed., 2001.

OLIVEIRA, Washington de. **Ubatuba – Documentário**. São Paulo: Edição do Escritor, 1977.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9.ed. Campinas/SP: Pontes, 2010 e 4.ed., 2002.

_____. **Texto e discurso: Formulação e circulação dos sentidos**. Campinas/SP: Pontes, 2001.

PAES, Sílvia Regina. **Encontros e desencontros: o turismo e os dois lados da viagem**. Qualificação de tese em Sociologia na UNESP (Universidade Estadual Paulista), Campus Araraquara/SP, 2002.

_____. **Espaço da vida, espaço da morte na trajetória caiçara**. Dissertação em Sociologia na UNESP (Universidade Estadual Paulista), Araraquara/SP, 1998.

_____. Os caiçaras de Caraguatatuba. Entrevistados: Sebastião Marcondes Sodré & Dazil Caetano. In: **Enciclopédia caiçara – História e Memória Caiçara**. Vol.IV. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2005b, p.419-430.

_____. Oralidade Caiçara em Caraguatatuba. In: **Enciclopédia caiçara – Festas, Lendas e Mitos Caiçaras**. Vol.V. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2006, p.127-144.

PALUMBO, FERNANDA. **Prato típico pode ser provado na casa de caiçaras**. In: Jornal Folha de S. Paulo, 04/08/2011. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/fx0408201104.htm. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Comunicação popular escrita**. São Paulo: EDUSP, 2009.

_____, Américo (org.). **Tradições populares hoje – o oral, o escrito e o turismo cultural**. São José dos Campos: Univap, 2004.

PEREIRA, Vivian Tonglet de Castro. **Bairro caiçara de Cambury (Ubatuba-SP): projeto de urbanismo e arquitetura ambiental**. Trabalho final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, na FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), 2001.

PERUZZO, Cicilia M. **Mídia local, uma mídia de proximidade**. In: FLORY, Suely Fadul (org.). Comunicação: Veredas. Revista do programa de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo.Ed: Unimar, Ano II, nº 02, nov. 2003. Disponível em: www.unimar.br/pos/rev_D/comunicacao%20II%20.%20miolo.pdf. Acesso em dez.2013.

PICCOLO, Paulo Ravanelli. **Ensaio metodológico sobre a ocupação humana e as transformações no mosaico ambiental na fazenda de Picinguaba-SP** (Parque Estadual da Serra do Mar), nos períodos de 1962 e 1990. Dissertação ao Instituto de Geociência e Ciências Exatas da UNESP (Universidade Estadual Paulista), Rio Claro, 1992.

‘QUERO FICAR NESTA CASA’, DIZ LÍDER CAIÇARA. In: Jornal Folha de S. Paulo, 02/01/2012. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/17952-quero-ficar-nesta-casa-diz-lider-caicara.shtml. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

RESSURREIÇÃO, Rosangela Dias da. **São Sebastião - Transformações de um Povo Caiçara**. Humanitas, 2002.

REVISTA COSTA VIP. Disponível em: costavipbrasil.com.br/site. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

REVISTA DA CIDADE – CARAGUATATUBA. Disponível em: www.issu.com/revistadacidade/doc. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

UBATUBA EM REVISTA. Disponível em: www.ubatubaemrevista.com.br. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

REVISTA ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO nº 5, 115-133, maio de 2009. Disponível em: www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf. Acesse em: jun.2014.

REVISTA TABATINGA INFORMAR. Disponível em: www.revistainformar.com.br. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro - A formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 1995.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social – métodos e técnicas.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.

RIMOLI, Arianne Porto Costa. Festas em São Sebastião: cultrua caiçara e seu espaço simbólico. In: **Enciclopédia caiçara – Festas, Lendas e Mitos Caiçaras.** Vol.V. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2006, p.151-160.

RODRIGUES, Regina de Brito. **Nas tramas da rede.** 1.ed. Projeto Experimental de Jornalismo, Campinas/SP: PUC-Campinas, 2000.

RODRIGUEZ, José Honório. **A pesquisa histórica no Brasil.** 4.ed rev. e atualizada. São Paulo: Nacional, 1982.

SALOMÃO, Virgínia. Gêneros em revistas regionais. In: MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

_____. **A prática dos gêneros jornalísticos no mercado emergente das revistas regionais.** Artigo publicado nos anais do XIII Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, 2009a. Disponível em: www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Virginia_Pratica.pdf. Acesso em: dez. 2013.

_____. **Identidades Regionais em Revista: Um Estudo Comparado de Revistas das Regiões Brasileiras.** Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009b, 353 f.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional.** Brasileira, 1987.

SANTOS, Jorge Fernando. **Caiçara.** Ed. Conceito, 2008.

SANTOS, Domingos Fábio dos. Porque chora o Juriti? Entrevistados: Dona Astrogilda, Brás de Oliveira, D. Aparecida & Seu Silvário. In: **Enciclopédia caiçara – História e Memória Caiçara.** Vol.IV. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2005b, p.431-438.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista.** São Paulo: Editora Contexto, 2004.

SCHMIDT, Carlos Borges. Alguns aspectos da pesca no litoral paulista. In: **Enciclopédia caiçara – História e Memória Caiçara.** Vol.IV. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB:

CEC/USP, 2005b, p.149-166.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: Proposta de novos critérios de classificação. Covilhã/Espanha: Labcom, 2009, 369 p.

SETTI, Hilza. **Ubatuba nos Cantos das Praias - Estudo do Caiçara Paulista e de Sua... Ática**, 1985.

SIGNIFICADOS. Disponível em: www.significados.com.br/estereotipo. Acesso em: nov. 2013.

SIQUEIRA, Priscila. **Genocídio dos caiçaras**. São Paulo: Masso-ismarel Guarnelli Editores, 1984.

_____. O mar é minha vida... Entrevistado: Orlando Euzébio de Moraes Filho. In: **Enciclopédia caiçara – História e Memória Caiçara**. Vol.IV. São Paulo: HUCITEC:NUPAUB:CEC/USP, 2005b, p.415-418.

SILVA, Armando Corrêa da. **O litoral norte do Estado de São Paulo** – formação de uma região periférica. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, 1975.

SILVA, Luiz Geraldo. Da terra ao mar: por uma etnografia histórica do mundo caiçara. In: DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana (org.). **Enciclopédia caiçara – O Olhar do Pesquisador**. V.1. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2004a, p.49-70.

_____. História caiçara e ciências sociais no Brasil. In: **Enciclopédia caiçara – História e Memória Caiçara**. Vol.IV. São Paulo: HUCITEC:NUPAUB:CEC/USP, 2005b, p.15-28.

SISTEMA COSTA NORTE DE COMUNICAÇÃO. Disponível em: www.costanorte.com.br. Acesso em: nov. 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, José da Cruz; MACHADO, Teresa Cristina (produção, pesquisa e edição). **Jornais brasileiros – relação de periódicos diários**. Brasília-DF: Associação Nacional de Jornais, 1994.

TIUSSU, Bruna. **Recanto de cultura**. In: Jornal Estado de S. Paulo, 28/06/2011. Disponível em: www.estadao.com.br/noticias/suplementos,recanto-de-cultura,738045,0.htm. Acesso em: 30 de outubro de 2012.

TOFFOLI, Daniel; MANSUR, Gustavo. **Museu Caiçara**. Disponível em: www.muscai.com.br/caicaras/index.html. Acesso em: fev.2012.

VOGT, Carlos. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: Hucitec, 1989.

WILLEMS, Emilio; MUSSOLINI, Gioconda. **A Ilha de Búzios** (uma Comunidade Caiçara no Sul do Brasil). Hucitec, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar editor, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ZAIDAN, Reuben Nagib. **DIRETOR-PRESIDENTE DO GRUPO COSTA NORTE DE COMUNICAÇÃO**. Entrevista pessoal à autora em 12 de março de 2012.

ZYSMAN, Neiman (org.). **Meio ambiente, educação e ecoturismo**. Barueri/SP: Manole, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1 – Categorias de Análise Descritiva

Quadro 1 – Elementos jornalísticos e abordagem

Editoria:

Número de páginas da reportagem:

Número de páginas total da revista:

Título da matéria:

Linha fina:

Crédito do repórter:

Intertítulos:

Fotos (quantas e proporção de tamanhos na reportagem):

Legendas:

Crédito das fotos:

Abordagem Descritiva: apenas apontou os aspectos da cultura caiçara ou apresentou o fato gerador da matéria?

Interpretativa/analítica: detalhou os aspectos da Cultura Caiçara, além do estilo de vida da comunidade?

Investigativa: resulta de amplo trabalho de investigação e apuração por parte do repórter?

Quadro 2: Posições discursivas das fontes das reportagens

Fontes (quantas e quais)

Primária (àquelas que presenciaram o fato)

Secundária (podem ser obtidas em periódicos, na internet e por pessoas que não presenciaram o fato)

Oficial (Estado, por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício, e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc.):

Oficiosa (ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele):

Independente (desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso):

Testemunhal (pessoas que viram, vivenciaram ou sentiram o fato):

Especialista (cientistas, pesquisadores, inventores e técnicos):

Origem da matéria (cidade e/ou bairro onde foi produzida):

Origem das fontes (quais e quantas)

Pescadores e caiçaras:

ONGs:

Órgãos municipais ou afins:

Pesquisadores:

Líderes comunitários (SABs etc.):

Assessorias de imprensa:

Entidades de classe (Colônias de Pescadores):

De onde fala o caiçara

De sua comunidade:

Local externo:

Posição discursiva ocupada pelo caiçara na matéria em relação às demais fontes

Posição do especialista foi *Principal* () ou *Secundária* ()

Posição do caiçara foi *Principal* () ou *Secundária* ()

Forças discursivas: caiçara-fonte

o discurso do caiçara corrobora o discurso das outras fontes:

ou discurso do caiçara contrapõe-se ao discurso das outras fontes:

Forças discursivas: caiçara-jornalista

a informação do caiçara corrobora a informação dos jornalistas:

ou a informação do caiçara contrapõe-se à informação dos jornalistas:

Localização das reportagens sobre caiçara na edição analisada na revista

a cultura caiçara esteve pulverizada na revista:

esteve concentrada em uma única reportagem:

esteve distribuída em várias partes da revista:

Quadro 3: Conteúdo das reportagens

Quais conceitos foram explanados:

A reportagem foi contextualizada () e/ou fragmentada ()

Assunto principal - fonte responsável por anunciar a novidade da reportagem foi o

Caiçara (); Jornalista (); Fontes oficiais (); Outras ()

Inserção da cultura caiçara - é o assunto principal () ou o secundário ()

Abordagem sobre o caiçara

Há explicação dos antecedentes (); fatores causais (); consequências (); processo de desenvolvimento da cultura caiçara ()

Foram usados os Recursos de linguagem

Analogia (), quais?

Definição (), quais?

Exemplificação (), quais?

A Linguagem foi

Clara (quando os discursos da reportagem – relacionados às versões dos fatos, ao encadeamento das ideias e aos acontecimentos, além da escolha de termos – estão editados de forma a possibilitar a compreensão do assunto)

Confusa (quando a linguagem apresenta lacunas que dificultam ou impedem a compreensão da reportagem)

Complexa (quando a reportagem emprega termos técnicos, sem explicação dos conceitos, que dificultam a compreensão do assunto)

Simplificada (quando a linguagem não faz uso de termos/conceitos técnicos não usados pelo senso comum, no uso cotidiano)

Apresentação do caiçara

Elogiativa (aspectos positivos):

Depreciativa (aspectos negativos):

Equilibrada:

Conclusões da reportagem

Qual personagem conclui a matéria: o caiçara (); o jornalista (); uma fonte (); outras ();

Quadro 4: Fotos e Elementos Gráficos da diagramação

A relação ambiente-conteúdo:

imagens/fotos mostram os aspectos da cultura caiçara () ou não ()

O ambiente colabora para a apreensão do conteúdo () não colabora () é indiferente ()

A natureza da foto do Caiçara

a cultura caiçara é incorporada ao ambiente natural (); ao ambiente social (); ao ambiente de produção (); ao ambiente de recepção (); se a cultura caiçara é desarticulada do ambiente de produção (); ou se é desarticulada do ambiente de recepção ()

Foto e Conteúdo

a foto auxilia na compreensão da vida do caiçara (); a foto tem impacto estético ()

espetacularizado ();

há demonstração da vida do caiçara com imagens e palavras ()

há demonstração da vida do caiçara com palavras somente ()

não há demonstração da vida do caiçara ()

há demonstração da vida do caiçara com imagens somente ()

Recursos não-verbais do caiçara (entrevistado)

Descrição no texto e nas fotos do posicionamento do caiçara

Postura:

Voz:

Expressão facial:

Expressão corporal:

Recursos não-verbais do repórter (entrevistador)

Postura autoral (relato em primeira pessoa):

Digressões (rememora fatos históricos para contextualizar fatos do presente):

Opiniões (emite juízo de valores no texto):

Elementos ilustrativos empregados (Recursos gráficos)

Olho (); Mapas (); Box (); Gráficos (); Tabelas (); Desenhos (); e outros.

Legibilidade dos elementos ilustrativos

ilustrações auxiliam a compreensão dos conceitos (); não auxiliam (); são indiferentes ()

ANEXO 2 – Explicação das Categorias de Análise Descritiva

Quadro 1 – Elementos jornalísticos e abordagem

Elementos jornalísticos - Partes que compõem as reportagens selecionadas como editoria (turismo, gastronomia, especial, história, comportamento e outras), título da matéria, linha fina (frase abaixo do título), crédito do repórter, texto em si (reportagem), intertítulos, fotos, legendas e crédito das fotos. Na análise descritiva das 120 edições, no Quarto Capítulo, foram utilizadas algumas destas categorias, bem como se verificou o número de páginas total da revista e a média de quantas foram dedicadas à Cultura Caiçara.

Abordagem - O conteúdo tratado na reportagem foi **Descritivo** apontando apenas os aspectos da Cultura Caiçara ou apresentou o fato gerador da matéria, sem contextualizar os fatos; **Interpretativo/analítico** com detalhes, explicações e esclarecimentos dos aspectos da Cultura Caiçara, buscando identificar causas e motivos; **Investigativo** com amplo trabalho de apuração e checagem por parte do repórter, visando esmiuçar os acontecimentos e denunciar situações que prejudicaram a comunidade caiçara.

Quadro 2: Posições discursivas das fontes das reportagens

Adotou-se a classificação de Lage (2002), na qual as **fontes** são Primária, Secundária, Oficial, Oficiosa Independente, Testemunhal e de Especialista. **Fontes primárias** são àquelas que presenciaram o fato; **Fontes secundárias** podem ser obtidas em periódicos, na internet e

por pessoas que não presenciaram o fato; **oficiais** são mantidos pelo Estado, por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício, e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. **Fontes oficiais** são aquelas que, ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele. **Fontes independentes** são desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso. **Testemunhais** são pessoas que viram, vivenciaram ou sentiram o fato. **Especialistas** são cientistas, pesquisadores, criadores e técnicos.

Origem da reportagem - Cidade e bairro onde foi produzida.

Origem das fontes - A procedência das fontes foram os pescadores caiçaras, ONGs, órgãos municipais ou afins, pesquisadores/líderes comunitários. Também se buscou identificar o papel das assessorias de imprensa de prefeituras, SABs (Sociedades Amigos de Bairro), entidades de classe (Colônias de Pescadores) etc.

De onde falou o caiçara - De sua comunidade ou de local externo. Onde o caiçara foi inserido e qual “imagem de fundo” foi mostrada para avaliar a inserção ou não no habitat local.

Posição discursiva ocupada pelo caiçara na reportagem - Identificou-se qual a função ocupada pelas fontes que falaram sobre a Cultura Caiçara em relação às demais fontes da matéria. Identificou-se a posição discursiva da fonte especialista na matéria, se *Principal* ou *Secundária* comparada às outras fontes responsáveis pelo encadeamento dos discursos no texto.

Forças discursivas: caiçara-fonte - Como foram inseridos os pronunciamentos (pontos de vista) das fontes especializadas em relação às demais fontes da matéria. Averiguar se o *discurso do caiçara corroborou o discurso das outras fontes* ou se o *discurso do caiçara contrapôs-se ao discurso das outras fontes*.

Forças discursivas: caiçara-jornalista - Neste caso, comparou-se e analisou-se a relação dos conceitos e pontos de vista anunciados pela fonte especializada e pelo jornalista. Foram avaliadas se *a informação do caiçara contribuiu para a informação dos jornalistas* ou se *a informação do caiçara se contrapôs à informação dos jornalistas*.

Localização das reportagens sobre caiçara na edição analisada da revista - De acordo com a sequência das reportagens na revista, considerou-se que *a Cultura Caiçara esteve concentrada em uma única reportagem ou distribuída em várias partes da revista*.

Quadro 3: Conteúdo das reportagens

O assunto principal - A fonte ou jornalista responsável por anunciar o fato (novidade) da reportagem foi o caiçara; o jornalista, as fontes oficiais ou outras.

Inserção da Cultura Caiçara - A Cultura Caiçara foi o assunto principal ou secundário.

Abordagem sobre o caiçara - A reportagem contou com explicação dos antecedentes, fatores causais, consequências ou o motivo do processo de desenvolvimento da Cultura Caiçara. A reportagem foi contextualizada ou fragmentada.

Recursos de linguagem - Verificou-se o uso para facilitar a compreensão do texto, de recursos como Analogia (comparação), Definição (de conceitos), Exemplificação (elucidação, explanação, ilustração, dar exemplos).

Linguagem - Pode ter sido usada de forma Clara, Confusa, Complexa e Simplificada. **Clara** quando os discursos da reportagem –relacionados às versões dos fatos, ao encadeamento das ideias e aos acontecimentos, além da escolha de termos– estão editados de forma a possibilitar a compreensão do assunto; **Confusa** quando a linguagem apresenta lacunas que dificultam ou impedem a compreensão da reportagem; **Simplificada** quando a linguagem não faz uso de termos/conceitos técnicos não usados pelo senso comum, no cotidiano. **Complexa** quando a reportagem emprega termos técnicos, sem explicação dos conceitos, que dificultam a compreensão do assunto.

Apresentação do caiçara - Foi Elogiativa (ressaltou aspectos positivos do caiçara), foi Depreciativa (mostrou aspectos negativos) ou foi Equilibrada.

Conclusões da reportagem - Qual personagem conclui o texto, o caiçara, o jornalista, uma fonte ou outros.

Quadro 4: Fotos e Elementos Gráficos da diagramação

A relação ambiente-conteúdo - As imagens/fotos foram elucidativas aos aspectos da Cultura Caiçara ou não. O ambiente colaborou para a apreensão do conteúdo, não colaborou, ou foi indiferente.

A natureza da foto do caiçara - A Cultura Caiçara esteve incorporada nas fotos da reportagem: no ambiente natural; no ambiente social; no ambiente de produção da reportagem; ou a Cultura Caiçara foi desarticulada do ambiente natural, do social, da produção.

Foto e Conteúdo - A foto auxiliou na compreensão da vida do caiçara; a foto teve impacto estético, espetacularizado. Houve demonstração da vida do caiçara com imagens e palavras, com palavras somente ou se não foi demonstrada a vida do caiçara no texto, nem demonstrada à vida do caiçara com imagem.

Quais dos recursos abaixo de diagramação foram empregados para ilustrar as reportagens.

Recursos não verbais do caçara (entrevistado) - Descrição no texto e nas fotos do posicionamento e da postura do caçara durante a entrevista como voz, expressão facial e expressão corporal.

Recursos não verbais do repórter (entrevistador) - Descrição no texto e nas fotos do posicionamento do jornalista durante a entrevista como postura autoral (relato em primeira pessoa), digressões (rememorou fatos históricos para contextualizar fatos do presente), opiniões (emitiu juízo de valores no texto).

Legibilidade dos elementos ilustrativos - As ilustrações auxiliam a compreensão dos conceitos, não auxiliam ou foram indiferentes.

ANEXO 3 - Tabela das 120 edições